

ROSEMARY FERNANDES DA COSTA

A MISTAGOGIA E A INICIAÇÃO CRISTÃ DE ADULTOS

*O resgate da experiência mistagógica de Cirilo de Jerusalém
como referencial para o Catecumenato com Adultos hoje*

TESE DE DOUTORADO

DEPARTAMENTO DE TEOLOGIA

Programa de Pós Graduação em Teologia

**Rio de Janeiro
Setembro de 2008**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Rosemary Fernandes da Costa

A MISTAGOGIA E A INICIAÇÃO CRISTÃ DE ADULTOS

*O resgate da experiência mistagógica de Cirilo de Jerusalém
como referencial para o Catecumenato com Adultos hoje*

Tese de Doutorado

Tese apresentada ao Departamento de Teologia da PUC-Rio, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Teologia

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Lina Boff

Co-orientador: Prof. Dr. Félix Alejandro Pastor Piñeiro

VOLUME I

Rio de Janeiro

Setembro de 2008

Rosemary Fernandes da Costa

A MISTAGOGIA E A INICIAÇÃO CRISTÃ DE ADULTOS
*O resgate da experiência mistagógica de Cirilo de Jerusalém
como referencial para o Catecumenato com Adultos hoje*

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Teologia do Departamento de Teologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Prof.a Jenura Clothilde Boff

Orientadora
Departamento de Teologia – PUC-Rio

Prof.a Maria Clara Lucchetti Bingemer

Departamento de Teologia – PUC-Rio

Prof. Abimar Oliveira de Moraes

Departamento de Teologia – PUC-Rio

Prof. Félix Alejandro Pastor Piñeiro

Pontifícia Universidade Gregoriana

Prof. José Ariovaldo da Silva

Instituto Teológico Franciscano

Prof. Paulo Fernando Carneiro de Andrade

Coordenador Setorial de Pós-Graduação e Pesquisa do Centro de Teologia e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro,

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e da orientadora.

Rosemary Fernandes da Costa

Possui Graduação em Filosofia na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (1984), Mestrado em Teologia na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2003). Desenvolveu projeto de Iniciação à Pesquisa pelo CNPQ sobre o tema da Violência e Não-Violência. Participou de diversos congressos na área de Educação e de Teologia e atualmente é professora de Educação Religiosa no Colégio Teresiano e de Filosofia e Ensino Religioso na Rede Estadual. Coordena o Curso de Pedagogia da Fé da Arquidiocese do Rio de Janeiro.

Ficha Catalográfica

Costa, Rosemary Fernandes da

A mistagogia e a iniciação cristã de adultos: o resgate da experiência mistagógica de Cirilo de Jerusalém como referencial para o Catecumenato com adultos hoje / Rosemary Fernandes da Costa ; orientadora: Lina Boff ; co-orientador: Félix Alejandro Pastor Piñeiro. – 2008.

2v. ; 30 cm

Tese (Doutorado em Teologia)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

Inclui bibliografia

1. Teologia – Teses. 2. Mistagogia. 3. Pedagogia do Mistério. 4. Iniciação cristã. 5. Cirilo de Jerusalém. 6. Catecumenato. 7. Pedagogia da fé. 8. Experiência mistagógica. 9. Catecumenato primitivo. 10. Caminho catecumenal. 11. Teologia pastoral. I. Boff, Lina. II. Pastor Piñeiro, Félix Alejandro. III. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Teologia. IV. Título.

CDD:200

Para os companheiros e companheiras
na missão de evangelizar,
por renovarem a cada dia a sua vocação,
na graça do Espírito que tudo cria.

Para minhas filhas,
Míriam e Helena,
presentes de Deus em minha vida.

Agradecimentos

Aos Professores e Coordenadores do Departamento de Teologia da PUC-Rio, que muito me auxiliaram no amadurecimento da vocação de servir ao Povo do Senhor, por seu compromisso cotidiano no encaminhamento dos temas e desafios relacionados à missão de evangelizar no mundo de hoje.

À CAPES, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, pelo incentivo à pesquisa e apoio financeiro com a qual este trabalho foi aprofundado nas bibliotecas de Roma, especialmente na Universidade Gregoriana de Roma e Instituto Patrístico Agostiniano.

À minha orientadora, Prof^a. Lina Boff, pelo grande apoio e confiança depositada, pela dedicação no acompanhamento de todas as etapas desta pesquisa, pelo estímulo e incentivo que me foram oferecidos no decorrer deste trabalho e, principalmente, pela orientação carinhosa como professora e amiga. Às Irmãs Maura e Clarice sempre unidas na oração e coração durante todo este percurso.

À toda a Comunidade da Casa de Oração Batismo do Senhor, espaço de mistagogia viva, no qual experimento o encontro profundo com o Mistério de Deus e aprofundo meu compromisso como discípula do Mestre, especialmente ao Pe. Domingos Ormonde, Ir. Francisco Assis e Sr. José Simões.

À Comunidade Brasileira em Roma, que me acolheu e me deu o suporte afetivo e moral necessário para minha passagem por esta fase fundamental na pesquisa. Agradeço especialmente ao Prof. Félix Alejandro Pastor, dedicado em suas sábias orientações como teólogo e como amigo; ao Pe. Geraldo, Pe. Dionísio, Pe. André Bergman e Pe. Hipólito do Colégio Pio Brasileiro; à grande e inesquecível amiga Neide Zaneti e Pe. Oscar, da Comunidade Santa Maria de La Luce.

Às irmãs da congregação Companhia de Maria, por sua unidade e amizade concretas no Rio de Janeiro e em Roma, me acolhendo e orientando nos primeiros passos no exterior a ter em Maria o modelo de entrega, confiança e perseverança.

Às secretárias e colaboradoras, Denise Bandeira, Jussara Maria Gonçalves de Oliveira e Vera Pasolini, pela atenção e empenho ao longo de todo o processo de formação, elaboração e conclusão desta tese.

À querida professora de italiano e amiga Flávia, por seus ensinamentos imprescindíveis para a convivência e os estudos em Roma.

Agradeço especialmente às professoras Maria Clara Lucchetti Bingemer e Tereza Cavalcanti, e aos professores Andres Torres Queiruga e José Ariovaldo da Silva, que me inspiraram na escolha do tema desta tese e elucidaram a sua importância para a evangelização atual.

Um agradecimento muito especial ao Prof. Manoel Bouzon, por seu convite para ingressar nos estudos de doutoramento e por seu apoio como teólogo, pastor e amigo.

Ao Colégio Teresiano, pelo incentivo e apoio ao longo da pesquisa, em especial à amiga Angela Corrêa, atenta a este trabalho desde os tempos de inspiração me presenteando com o primeiro livro sobre o tema da mistagogia.

Aos professores, funcionários, alunos e ex-alunos do Curso de Pedagogia da Fé da Arquidiocese do Rio de Janeiro, campo de formação na mistagogia. Agradeço às companheiras Marivani Oliveira, Vera Boing e ao companheiro Roberto Corrêa, pelo trabalho de coordenação e supervisão do curso durante este período de estudos. Um agradecimento especial a Dom Dimas Lara Barbosa, ao Pe. Gustavo Auler e ao Frei Dino, pelo apoio incondicional ao Curso e divulgação na Arquidiocese do Rio de Janeiro.

Aos colegas do Departamento de Cultura Religiosa da PUC-Rio, pela presença e conselhos amigos, suporte e orientação em momentos de dificuldades e de cansaço, como de alegria e conquistas, especialmente ao Prof. José Luiz Jansen (Zeca), por seu incentivo e apoio concreto por ocasião da pesquisa em Roma.

Aos amigos grupo de oração Tecendo a Vida, Tereza, Michelle, Douglas, Roberto, Benjamim, Regina e Carla, pelo incentivo em todos os momentos, especialmente nas situações mais difíceis.

Aos amigos de todas as horas, especialmente, Alberto, Denise, Eliana, Lúcia, Hilda, Carlinhos, Cainã, Débora, Magali, Paula, Miguel, Cris, Cristina Biscaia, Márcia, Wilton, Tis, Solange Pinto, Bonelli, Glorinha, Solange, Lúcia, Andréa, Nadja pela solidariedade concreta em momentos-chave deste trajeto e nas tarefas do cotidiano.

Agradecimentos muito especiais aos meus padrinhos, Djanira e Djalma, aos meus pais, José Bento e Dulcinéa, e aos meus irmãos, Ronaldo e Rosa, pela experiência de Deus que me transmitiram e me ensinaram a viver, berço da fé e da minha vocação.

Às minhas filhas, Míriam e Helena, pela paciência durante um período tão longo em que minha dedicação e atenção a elas foi extremamente limitada pelas exigências deste trabalho, pelo apoio carinhoso, pelas orações e presença que renovam a minha vida e a nossa experiência de comunidade familiar.

Graças sejam dadas ao Senhor Deus, Pai, Filho e Espírito Santo, comunidade de amor e graça derramada por toda a minha vida, fonte fecunda e inesgotável na caminhada que possibilitou este trabalho.

Resumo

Costa, Rosemary Fernandes; Boff, Jenura Clotilde. **A Mistagogia e a Iniciação Cristã de Adultos. O resgate da experiência mistagógica de Cirilo de Jerusalém como referencial para o Catecumenato com Adultos hoje.** Rio de Janeiro, 2008. 409p. Tese de Doutorado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

A experiência mistagógica presente nas fontes da tradição eclesiástica, principalmente nos séculos III e IV, é momento forte e determinante no processo de Iniciação Cristã. Dentre os Padres da Igreja que representam a instituição do catecumenato, Cirilo de Jerusalém assinala o eixo mistagógico em suas Catequeses Mistagógicas. Através de suas homilias, Cirilo de Jerusalém orienta o processo de Iniciação Cristã como um caminho catecumenal, no qual a teologia subjacente suscita a abertura à dinâmica da Revelação na experiência pessoal e comunitária, à Palavra revelada nas Escrituras, à Tradição, ao Magistério da Igreja e às interpelações que a sociedade apresenta. Em tempos de novas configurações da subjetividade humana e de mudanças paradigmáticas na sociedade, a Iniciação Cristã de Adultos vem sofrendo um processo de revisão e de avaliação entre as comunidades locais, à luz das orientações do Magistério da Igreja e das interpelações de natureza pastoral. Nessa trajetória, nos aproximamos da experiência de Catecumenato com Adultos em uma comunidade particular, onde estabelecemos um diálogo teológico-pastoral-pedagógico na linha da pesquisa participante. A partir deste processo de elaboração entre a teologia sistemática e a experiência pastoral apresentamos algumas contribuições para que a Mistagogia identificada nas orientações de Cirilo de Jerusalém à Igreja de seu tempo, possa tornar-se fundamento e princípio orientador para a Iniciação Cristã com Adultos nas comunidades atuais. Nosso objetivo é motivar a atitude mistagógica na Iniciação Cristã de Adultos hoje, como um carisma fundamental no âmbito da Igreja, sinal não apenas para o Catecumenato com Adultos, mas para a evangelização atual.

Palavras-chave

Mistagogia; pedagogia do Mistério; iniciação cristã, Cirilo de Jerusalém, catecumenato; pedagogia da fé; experiência mistagógica; catecumenato primitivo; caminho catecumenal; teologia pastoral

Abstract

Costa, Rosemary Fernandes; Boff, Jenura Clotilde. **The Mistagogy and the Christian Initiation of Adults. The rescue of the mistagogic experience of Cyril of Jerusalem as the benchmark for the Catechumenate with Adults today.** Rio de Janeiro, 2008. 409p. Doctoral Thesis – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The mistagogic experience present in the sources of ecclesiastic tradition, especially in the third and fourth centuries, is a strong and decisive moment in the process of Christian Initiation. Among the Church Fathers representing the institution of catechumenate, Cyril of Jerusalem marks the mistagogic axis in his Mistagogic Catechesis. Through his homilies, Cyril of Jerusalem guides the process of Christian Initiation as a catechumenal way, in which the underlying theology raises the opening of the dynamics of the Revelation in personal and community experience, to Word revealed in the Scriptures, to the Tradition, to the Magisterium of the Church and to the requests that the society presents. In times of new configurations of human subjectivity and paradigmatic changes in society, the Christian Initiation of Adults has been experiencing a process of review and evaluation among local communities, under the guidance of the Magisterium of the Church and questions of pastoral nature. On this path, we approach the experience of Catechumenate with Adults in a local community, where we established a theological-pastoral- pedagogical dialogue on the line of participatory research. From this process of drafting between systematic theology and pastoral experience we present some contributions so that the Mistagogy identified in the guidelines of the Cyril of Jerusalem to the Church of his time can become a basis and guiding principle for the Christian Initiation with Adults in communities today. Our aim, therefore, is to motivate the mistagogic attitude in the Christian Initiation of Adults today, as a key charisma within the Church, reason not only for the Catechumenate with Adults, but also for evangelization today.

Keywords

Mistagogy; pedagogy of Mystery; Christian initiation, Cyril of Jerusalem, catechumenate; pedagogy of faith; mistagogic experience; catechumenate primitive; way catechumen; pastoral theology

Sumário

INTRODUÇÃO	14
1. DESAFIOS PARA A INICIAÇÃO CRISTÃ DE ADULTOS	25
1.1. A Iniciação à fé e as interpelações da mudança de paradigma	28
1.1.1. A dinâmica da evangelização cristã em tempos de mudança paradigmática	33
1.1.1.1. O debate sobre a Modernidade	35
1.1.1.2. A reflexividade da Modernidade	41
1.1.2. Um novo processo de reflexão a partir das relações intersubjetivas	51
1.1.3. A relação dialógica como fundamento no Cristianismo	55
1.2. A Iniciação cristã com adultos: diagnóstico e perspectivas	66
1.2.1. Significado da iniciação para a pessoa humana e seu processo de socialização	71
1.2.2. A originalidade da Iniciação cristã	75
1.2.3. A Iniciação Cristã como processo	81
1.2.4. O perfil pastoral do Catecumenato com Adultos	88
1.2.5. A restauração do catecumenato a partir do Concílio Vaticano II	95
1.2.6. As comunidades eclesiais locais diante do desafio do processo de Iniciação Cristã de Adultos	103
2. A MISTAGOGIA EM CIRILO DE JERUSALÉM	113
2.1. A mistagogia como eixo referencial do catecumenato dos séculos III e IV	117
2.1.1. Cirilo de Jerusalém e seu tempo. Aspectos do contexto sócio-histórico e eclesial	124
2.1.2. A obra de Cirilo de Jerusalém e o debate quanto à autenticidade dos textos	132
2.1.3. O processo da Iniciação Cristã nas Catequeses Pré-Batismais	136
2.1. O caminho mistagógico nas Catequeses Mistagógicas	144
2.2.1. Primeira Catequese Mistagógica aos Recém-Iluminados	146
2.2.2. Segunda Catequese Mistagógica sobre o Batismo	153
2.2.3. Terceira Catequese Mistagógica sobre o Crisma	158
2.2.4. Quarta Catequese Mistagógica sobre o Corpo e o Sangue de Cristo	163
2.2.5. Quinta Catequese Mistagógica	168

2.3. O eixo mistagógico em Cirilo. Teologia e Pedagogia em parceria	178
2.3.1. A adequação da linguagem	181
2.3.2. A concepção de Liturgia	182
2.3.3. A ênfase na Participação	185
2.3.4. A Dinâmica da Revelação	187
2.3.5. A teologia narrativa da Sagrada Escritura	189
2.3.6. O seguimento e a conversão existencial	192
2.3.7. O Símbolo da Fé	196
2.3.8. O embasamento na Tradição	197
2.3.9. A perspectiva missionária	199
2.3.10. A dimensão contemplativa	201
3. UMA EXPERIÊNCIA DE INICIAÇÃO CRISTÃ DE ADULTOS NA COMUNIDADE LOCAL	206
3.1. A comunidade da Casa de Oração Batismo do Senhor	209
3.1.1. Histórico e perfil da comunidade	211
3.1.2. Metodologia da pesquisa de campo	219
3.2. O Catecumenato com Adultos na Casa de Oração Batismo do Senhor	226
3.2.1. Gênese e formação do grupo de Catecumenato com Adultos	228
3.2.2. Categorias mistagógicas	238
3.2.2.1. Articulação entre Sagrada Escritura e Liturgia	239
3.2.2.2. O catequista como pedagogo da fé	247
3.2.2.3. A construção da experiência de comunidade	251
3.2.2.4. A compreensão da iniciação cristã como caminho	256
3.2.2.5. Vida cristã e acompanhamento pessoal	261
3.2.2.6. A oração e o seguimento de Jesus	266
3.2.2.7. Pertença eclesial	270
3.2.2.8. O espaço mistagógico	274
3.3. Avaliando a experiência de Catecumenato com Adultos na Casa de Oração Batismo do Senhor	278
3.3.1. Seleção de conteúdos e elementos fundamentais	279
3.3.2. Limites diagnosticados pelos participantes do Processo Catecumenal	285
3.3.3. Limites diagnosticados pela pesquisadora	291
4. O RESGATE DA MISTAGOGIA DE CIRILO DE JERUSALÉM COMO REFERENCIAL PARA A INICIAÇÃO CRISTÃ DE ADULTOS HOJE	301
4.1. Pressupostos teológicos para a Mistagogia hoje	303
4.1.1. A Dinâmica entre Revelação e Fé	305
4.1.2. Jesus, o Mistagogo	308
4.1.3. Ser Mistagogo	313

4.1.4. A Mistagogia da Liturgia	318
4.1.5. A pessoa humana e a experiência do Mistério	322
4.1.6. A comunidade de fé como lugar teológico	326
4.1.7. Fidelidade e continuidade	330
4.1.8. A Mistagogia como experiência místico-sapiencial	333
4.1.9. A constituição prática da Revelação: o seguimento de Jesus	336
4.2. A Iniciação Cristã de Adultos como itinerário mistagógico	339
4.2.1. A linguagem mediadora e a construção de conceitos	340
4.2.2. A experiência de comunidade	342
4.2.3. A teologia narrativa	344
4.2.4. A pertença eclesial	345
4.2.5. A espiritualidade orante	347
4.2.6. A consciência do mal	350
4.2.7. A atitude contemplativa	352
4.3. A Redescoberta da Mistagogia para o cristão no mundo	353
4.3.1. O anúncio querigmático como fonte de ardor e renovação	356
4.3.2. A pedagogia do Mistério e a alteridade divina	359
4.3.3. A compreensão da fé como caminho	361
4.3.4. O papel do testemunho na dinâmica mistagógica	363
4.3.5. A concepção de transmissão da fé	366
4.3.6. Um encontro de liberdades	368
4.3.7. As comunidades de vida	370
CONCLUSÃO	377
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	384
ANEXOS	408

ABREVIATURAS

TEB	Bíblia de Tradução Ecumênica
CM	Catequeses Mistagógicas de Cirilo de Jerusalém

Documentos Conciliares e da Santa Sé

AG	<i>Ad gentes</i> (Atividade Missionária da Igreja, 1965)
CCL	<i>Corpus Christianorum</i>
CIC	<i>Catecismo da Igreja Católica</i> (1993)
CL	<i>Christifideles Laici</i> (Sobre os Leigos, João Paulo II, 1988)
CT	<i>Catechei Tradendae</i> (Catequese Hoje, João Paulo II, 1978)
DCG	Diretório Catequético Geral (Sagrada Congregação, 1971)
DGC	Diretório Geral para a Catequese (Sagrada Congregação, 1997)
DV	<i>Dei Verbum</i> (Revelação Divina, 1965)
EN	<i>Evangelii Nuntiandi</i> (Anúncio Evangélico, Paulo VI, 1975)
FR	<i>Fides et Ratio</i> (Fé e Pensamento moderno, João Paulo II, 1998)
GS	<i>Gaudium et Spes</i> (A Igreja no mundo atual, 1965)
LG	<i>Lumen Gentium</i> (Igreja, 1965)
NA	<i>Nostra Aetate</i> (Relação da Igreja com as Religiões não-cristãs, 1965)
NMI	<i>Novo Millennio Ineunte</i> (João Paulo II, 2001)
PO	<i>Presbyterorum Ordinis</i> (Ministério e vida dos presbíteros, 1965)
RICA	Rito da Iniciação Cristã de Adultos (Ritual Romano, 1973)
RM	<i>Redemptoris Missio</i> (Sobre a Missão, João Paulo II, 1990)
SC	<i>Sacrosanctum Concilium</i> (Sagrada Liturgia, 1965)
TMA	<i>Tertio Millennio Adveniente</i> do Papa João Paulo II
UR	<i>Unitatis Redintegratio</i> (Sobre o Ecumenismo, 1965)

Documentos da Igreja no Brasil e da América Latina

CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
DGAE	Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (1999-2002/2003-2006)
CR	Catequese Renovada (CNBB, 1983)
1ª. SBC	1ª. Semana Brasileira de Catequese (1986)
2ª. SBC	2ª. Semana Brasileira de Catequese (2001)
CELAM	Conselho Episcopal Latino-Americano
Medellín	Conclusões de Medellín (II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, 1968)
Puebla	Documento de Puebla (III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, 1979)
DSD	Documento de Santo Domingo (IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, 1992)
VCG	Aparecida (V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, 2007)

Outras abreviaturas

CA	Catecumenato com Adultos
ICA	Iniciação Cristã de Adultos
REB	Revista Eclesiástica Brasileira
CEBs	Comunidades Eclesiais de Base

*Desde há muito tempo
desejava falar-vos,
filhos legítimos
e muito amados da Igreja,
sobre estes espirituais
e celestes mistérios.
Mas como sei bem
que a vista é mais fiel que o ouvido,
esperei a ocasião presente,
para encontrar-vos,
depois desta grande noite,
mais preparados para compreender
o que se vos fala
e levar-vos pelas mãos
ao prado luminoso e fragrante
deste paraíso*

São Cirilo de Jerusalém
Catequese Mistagógica I, 1

Introdução

Estamos em tempos nos quais emergem revisões conceituais e práticas diante das grandes transformações que a sociedade vem experimentando. A mudança paradigmática que se desenvolveu no final do século XIX e ganhou corpo no século passado ainda se faz sentir na virada do milênio. A pessoa humana se encontra diante de si mesma, de suas relações e do mundo em uma perspectiva crítica. Foi afetada em sua construção subjetiva, em suas escolhas fundamentais e em suas crenças, pelo paradigma da modernidade e seu desenvolvimento, interpretado como crise da modernidade, como pós-modernidade, ou ainda como modernização reflexiva.

Não se manteve à parte desse processo a dimensão da religiosidade, do encontro com o Transcendente, as instituições religiosas, a transmissão da fé no âmbito familiar e educativo. Trabalhamos no campo da Educação Religiosa e na Pastoral, em escolas e comunidades eclesiais, por 30 anos e, ao longo deste período, viemos observando uma tensão crescente entre a razão de ser da instituição religiosa e a missão efetivamente realizada. Muitas vezes, os grupos de trabalho se defrontam com testemunhos paradoxais à sua filosofia e princípios, até mesmo negando a fé cristã. Alunos, adolescentes, jovens e adultos que passam por uma experiência em uma instituição ou comunidade cristã, nem sempre expressam um eixo referencial coerente com a proposta evangélica em suas palavras e atitudes. A fé cristã possui um papel específico e um compromisso com a sociedade. Se há um processo de reconstrução das relações humanas e sociais, configurando um novo jeito de ser pessoa e uma nova sociedade, como o Cristianismo vai dialogar com essa realidade? Se a razão de ser da Igreja é o anúncio querigmático, resgatando do mais profundo do ser humano sua identidade primeira e sua meta na direção do Amor do Pai à Criação, por onde deve passar o processo de encarnação desta Boa Nova aos homens e mulheres de hoje? Como responder à vocação cristã contribuindo para que o Mistério de Deus seja acolhido no coração de cada pessoa?

Estas questões geraram em nossa reflexão teológica uma forte intuição, por que não dizer 'inspiração', de que um caminho fecundo para encontrarmos esta resposta seria perceber como se dá o processo de Iniciação Cristã. Na dinâmica da Revelação, estabelece-se uma relação entre Deus e a pessoa humana,

na qual os agentes de evangelização são mediadores. Perguntamo-nos se não estaria neste foco a possibilidade de um caminho de Iniciação Cristã para as gerações atuais. Nesse trajeto nos encontramos com o conceito de “mistagogia” e, a partir dele, nossa “inspiração” inicial foi ganhando corpo na oração, na reflexão teológica, no trabalho acadêmico, na formação de agentes de pastoral, na assessoria teológica.

Diante de tão grave interpelação, que atinge a centralidade do projeto pastoral, a Igreja se manteve atenta aos sinais dos tempos em suas orientações para o diálogo com o mundo moderno e para a missão evangelizadora. É a pergunta pela razão de ser Igreja e pelo seu lugar no mundo, de ser sacramento de Jesus Cristo no mundo, e apontar para a meta que a todos reúne: o amor de Deus por todos os seus filhos e filhas, por toda a Criação.

O tema dos desafios que a missão pastoral da Igreja vem enfrentando suscitou, nas últimas décadas, muitas análises e interpretações no campo da teologia¹. Em consonância com a exortação do Santo Padre João Paulo II, começou-se também a falar de “nova evangelização”, com “novo ardor, novos métodos e novas expressões”². Esta linguagem penetrou a reflexão pastoral e teológica, assim como as experiências comunitárias a serviço da evangelização, indicando uma sensibilidade e uma consciência pastoral novas.

Dentre as inúmeras pastorais assumidas pela missão da Igreja, um dos processos que vem ganhando espaço de revisão e fundamentação teológica e metodológica é a **Iniciação Cristã de Adultos**. Esta reflexão se encontra,

¹ Para fundamentar esta questão ver, entre outros, BINGEMER, M.C.L. *Alteridade e Vulnerabilidade*. São Paulo: Loyola, 1993; CARVAJAL, L. *Evangelizar em um mundo postcristiano*. Santander: Sal Terrae, 1993; GALILEA, S. *Reflexiones sobre la evangelización*. Quito, Equador, CELAM/IPLA, 1970; GELABERT, M. *Valoración cristiana de la experiencia*. Sigueme, Salamanca, 1990; GIGUÉRE, P. *Una fe adulta*, Santander: Sal Terrae, 1991; GONZÁLEZ-CARVAJAL, L. *Los cristianos del siglo XXI*. Santander: Sal Terrae, 2000 e *Evangelizar en un mundo post cristiano*. Santander: Sal Terrae, 1993; GONZÁLEZ FAUS, J. I. *Desafios da pós-modernidade*. São Paulo: Paulinas, 1995; HAIGHT, R. *Dinâmica da Teologia*. São Paulo: Paulinas, 2004; LIBANIO, J. B. *Eu creio, nós cremos*. São Paulo: Loyola, 2000 e *Teologia da Revelação a partir da modernidade*. São Paulo: Loyola, 1992; LIMA VAZ, H. C. Raízes da modernidade. In: *Escritos de Filosofia VII*. São Paulo: Loyola, 2002; PAGOLA, J. A. *Acción pastoral para una nueva evangelización*. Santander: Sal Terrae, 1991; QUEIRUGA, A. T. *Fin del cristianismo premoderno*. Santander: Sal Terrae, 2000; RUBIO, A.G. *Unidade na Pluralidade*. São Paulo: Paulinas, 1989; VELASCO, J. M. *La transmisión de la fe en la sociedad contemporánea*. Santander: Sal Terrae, 2002.

² Cf. JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Redemptoris Missio*. 1990; CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. *Nova Evangelização, Promoção Humana, Cultura Cristã. Jesus Cristo, ontem, hoje e sempre*. Documento de Santo Domingo, 1992; CNBB. *Diretrizes Gerais para a ação evangelizadora da Igreja no Brasil, 2002-2006*.

atualmente, no centro das atenções de muitas comunidades eclesiais locais, em seus muitos campos de ação evangelizadora, como também nos documentos do Magistério e reflexões teológicas contemporâneas³. Nosso estudo encontra aqui sua pertinência e, ao mesmo tempo, seu primeiro limite.

Esta pesquisa nasce da confluência destes fatores: as mudanças provenientes do processo de modernidade e sua influência na transmissão da fé, o impulso que o Magistério da Igreja vem implementando na direção da valorização da Iniciação Cristã de Adultos e de algumas experiências pastorais e pedagógicas presentes em nossa realidade.

Contudo, estudar a Iniciação Cristã de Adultos significa reunir elementos interdisciplinares, não apenas por sua relação *ad intra*, com os tratados da Teologia (Escritura, Tradição, Liturgia, Sacramentos, Cristologia, Eclesiologia, Moral), como também por sua relação *ad extra*, entre a teologia e outras ciências humanas (Antropologia Filosófica e Cultural, Psicologia, Sociologia, Educação, Fenomenologia Religiosa). Não nos propomos analisar a complexidade e abrangência de todos os elementos presentes em um processo de Iniciação Cristã de Adultos. São temas amplos e todos são relevantes, porém, para os limites deste

³ Documentos do Magistério trazem orientações para a prática catecumenal com adultos, como também direcionadas ao atendimento das realidades eclesiais particulares: Cf. CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Pastoral Gaudium et Spes sobre a Igreja no mundo de hoje*. 1965, Petrópolis: Vozes, 1966; CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. *Nova Evangelização, Promoção Humana, Cultura Cristã. Jesus Cristo, ontem, hoje e sempre*. Documento de Santo Domingo, 1992; CONFERENCIA EPISCOPAL ESPAÑOLA. *La iniciación cristiana*. Madrid: Edice, 1999; CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Educação, Igreja e Sociedade*. Documentos da CNBB 47, São Paulo: Paulinas, 1992; _____. *Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil. 2003-2006*. São Paulo: Paulinas, 2003; _____. *Projeto Nacional de Evangelização, Queremos ver Jesus: Caminho, Verdade e Vida. 2004-2007*, São Paulo: Paulinas, 2004; _____. *Catequese renovada*. Orientações e Conteúdo. São Paulo: Paulinas, 1983; _____. *Pastoral dos sacramentos da iniciação cristã*. São Paulo: Paulinas, 1977; _____. *Segunda Semana Brasileira de Catequese*. Estudos da CNBB 84, São Paulo: Paulus, 2001; _____. *Com adultos, catequese adulta*. Estudos da CNBB 80, São Paulo: Paulus, 2001; _____. *O Itinerário da fé na Iniciação Cristã de Adultos*. Estudos da CNBB 82, São Paulo: Paulus, 2001; _____. Encontro Nacional de Catequese de 1985. Síntese do relatório. *Comunicado Mensal da CNBB*. 34, 1985; _____. *Missão e ministérios dos cristãos leigos e leigas*. Documentos da CNBB 62, São Paulo: Paulinas, 1999; CONSELHO INTERNACIONAL DE CATEQUESE. A catequese de adultos na comunidade cristã. In: *Revista de Catequese*, 14, n. 53-54, 1991; JOÃO PAULO II. *Exortação Apostólica Catechesi Tradendae*. 1979, São Paulo: Paulinas, 1983; _____. *Carta Encíclica Redemptoris Missio*. 1990 São Paulo: Paulinas, 1991; PAULO VI. *Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi*. 1975, Petrópolis: Vozes, 1976; SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Diretório Catequético Geral*. 1971, São Paulo: Paulinas, 1979; _____. *Diretório Geral para a Catequese*. São Paulo: Paulinas, 1997; SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. *Ritual da Iniciação Cristã de Adultos*. São Paulo: Paulus, 2001; _____. La iniciación cristiana de adultos: prenotandos. In: *Phase 13*, Barcelona, 1973; SECRETARIADO NACIONAL DE CATEQUESE. Brasil: encuentro nacional de evangelización de adultos. In: *Catequesis Latino Americana* 3, 1971.

trabalho, não é possível percorrer uma estrada tão complexa sem cair em abordagens parciais e limitadas. Também não nos propomos a buscar métodos mais eficazes ou melhores estruturas para a Iniciação Cristã de Adultos. Permaneceríamos, apenas, no campo da forma no que diz respeito à Iniciação Cristã, o que poderia resultar em uma análise superficial ou marcada pela particularidade e provisoriedade.

Nosso trabalho caminha no sentido de buscarmos uma pedagogia que seja fonte, referencial e horizonte para esta missão pastoral. Haveria uma pedagogia que orientasse a Iniciação Cristã para sua identidade primeira? Seria possível encontrarmos uma pedagogia inspirada na pedagogia divina? Teria a caminhada da Igreja primitiva experimentado uma pedagogia que servisse de referência para nossa realidade?

O exame destas questões nos conduziu à experiência de evangelização dos primeiros séculos da Igreja nascente, de forma específica à Iniciação Cristã do terceiro e quarto séculos.

Contudo, também o tema da Iniciação Cristã é bastante amplo e profundo. Poderíamos trabalhar sobre as diversas dimensões deste processo, ou sua historicidade e evolução. No entanto, estes são caminhos já trilhados por teólogos liturgistas e pastoralistas em busca de um diálogo com o paradigma da modernidade⁴. Fizemos, portanto, uma escolha que orientará nossa pesquisa e

⁴ Trazemos aqui algumas obras capitais sobre o tema da Iniciação Cristã na sociedade contemporânea: ALBERICH, E. *Catequese Evangelizadora*. Manual de Catequética fundamental. São Paulo: Salesiana, 2004; BOROBIO, D. *La iniciación cristiana*. Salamanca: Sigueme, 1996; BOURGEOIS, H. *Teologia Catecumenale*. Brescia: Queriniana, 1993; CAVALLOTO, G. (org.) *Iniziazione Cristiana e Catecumenato*. Bologna: EDB, 1996; DERROITE, H. (org.) *Catechesi e iniziazione cristiana*. Leumann/Torino: Elledici, 2006; FALSINI, R. *L'Iniziazione Cristiana i suoi sacramenti*. Milano: OR, 1987; FLORISTÁN SAMANES, C. e ESTEPA, J.M. *Pastoral de hoy*. Barcelona: Nova Terra, 1966; FLORISTÁN SAMANES, C. *Para comprender el catecumenado*. Roma: Borla, 1993 e *Teología Practica. Teoría y praxis de la acción pastoral*. Salamanca: Sigueme, 1991; GARZÓN, J. J. C. *Catecumenado y Comunidad Cristiana en el Episcopado español* (1964-2006). Salamanca: Universidad Pontificia de Salamanca, 2006; GOFFI, T. e SECONDIN, B. (orgs.) *Problemas e perspectivas de Espiritualidade*. São Paulo: Loyola, 1992; HUEBSCH, B. *La catequesis de toda la comunidad*. Hacia una catequesis por todos, con todos y para todos. Santander. Sal Terrae, 2002; LELO, A. F. *A Iniciação Cristã*. Catecumenato, dinâmica sacramental e testemunho. São Paulo: Paulinas, 2005; MARTÍNEZ, D., GONZÁLEZ P e SABORIDO, J.L. *Proponer la fe hoy. De lo heredado a lo propuesto*. Santander: Sal Terrae, 2005; ROCCHETTA, C. *Como evangelizar hoy a los cristianos*. El Rito de Iniciación Cristiana de Adultos como propuesta tipo para un nueva evangelización. Bilbao: EGA, 1994; TABORDA, F. *Nas fontes da vida cristã*. São Paulo: Loyola, 2001; TAMAYO-ACOSTA, J.J. *Un Proyecto de Iglesia para el futuro em Espana*. Madrid, 1978; TESTA, B. *L'iniziazione cristiana*. Una riflessione teologica. Lugano: Eupress FTL, 2006.

reflexão, tendo por critério o encontro com uma experiência fontal vivida pela Igreja dos primórdios: a catequese mistagógica.

Neste período da história da Igreja, início do processo de formação e de estruturação do catecumenato, a pedagogia que inspira a orientação dos Padres da Igreja é a mistagogia, ou seja, a pedagogia do Mistério⁵.

Nossa hipótese de trabalho nasceu da suposição de que, na **experiência da catequese mistagógica, vivida na Igreja nos séculos III e IV**, encontra-se uma fonte fecunda da Igreja que pode ser paradigmática para a Iniciação Cristã de Adultos. É uma experiência que comporta a dimensão teológica própria da dinâmica da Revelação e da Fé e, por isso mesmo, apresenta elementos fundamentais para que este trabalho pastoral seja relevante nos tempos atuais.

Ainda na esteira desta intuição, acreditamos que a proximidade com as fontes do catecumenato primitivo nos levará às origens do Cristianismo, no sentido de refazermos o caminho da experiência do Deus Revelado. O recurso aos Padres da Igreja dos séculos III e IV se justifica por seu estatuto de testemunhas qualificadas da Igreja, por sua experiência teológica, constituída pelos dois pólos intimamente conexos da Sagrada Escritura e da Igreja. “São eles os transmissores privilegiados daquilo que viveram e testemunharam as comunidades cristãs da primeira hora”⁶.

Mais uma vez, nossa pesquisa nos remete a um quadro amplo, ao nos defrontarmos com os Santos Padres e suas experiências catecumenais. Sendo assim, mais uma escolha foi realizada, a fim de nos aproximarmos de um dos

⁵ A experiência mistagógica está presente em trabalhos dos Santos Padres como também em reflexões teológicas contemporâneas. Cf. SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. *Ritual da Iniciação Cristã de Adultos*. São Paulo: Paulus, 2001; CIRILO DE JERUSALÉM. *Catequeses Mistagógicas*. Petrópolis: Vozes, 1977; HIPÓLITO DE ROMA. *Tradição Apostólica*. Petrópolis: Vozes, 1971; SANTO AGOSTINHO. *A Instrução dos catecúmenos*. Petrópolis: Vozes, 1978; FEDERICI, T. La Santa Mistagogia permanente de la Iglesia. In: *Phase 193, Revista bimestral de Pastoral Litúrgica*, 1993; GIGUÈRE, P. *Una fe adulta*. Santander: Sal Terrae, 1991; MAZZA, E. *La Mistagogia Una Teologia della Liturgia in epoca patristica*. Roma: Edizioni Liturgiche, 1988; MURAD, A. e MAÇANEIRO, M. *A Espiritualidade como caminho e mistério*. São Paulo: Loyola, 1999; PAGOLA, J. A. *Acción pastoral para una nueva evangelización*. Santander: Sal Terrae, 1991; RAHNER, K. *O desafio de ser cristão*. Petrópolis: Vozes, 1978; SANTANA, L.F.R. *Batizados no Espírito. A experiência do Espírito Santo nos Padres da Igreja*. São José dos Campos: COMDEUS, 2000; TABORDA, F. *Nas fontes da vida cristã*. São Paulo: Loyola, 2001; VASQUEZ, U.M. *A orientação espiritual: mistagogia e teografia*. São Paulo: Loyola, 2001; VELASCO, J. M. *La transmisión de la fe en la sociedad contemporánea*. Santander: Sal Terrae, 2002.; TRIACCA, A. M. *Mystagogie doctrinale de la Prière*. In: *Mystagogie : pensée liturgique d'aujourd'hui et liturgie ancienne*. Conférences Saint-Serge, XXXIXe Semaine d'études liturgiques. Paris: Triacca e Pistoia (edit.), 1992.

⁶ SANTANA, L.F.R. *A dimensão pneumática da espiritualidade cristã*. Tese de Doutorado, Departamento de Teologia, PUC/RJ, 1998, p. 12.

Padres da Igreja e, juntamente com ele, percorrermos um caminho catecumenal, buscando compreender a teologia que o embasava e orientava seus passos junto aos iniciantes na fé cristã. Nossa reflexão teológico-pastoral e pesquisa bibliográfica nos conduziu a **Cirilo de Jerusalém e suas Catequeses Mistagógicas**. Reunindo teologia, espiritualidade, sensibilidade pastoral, habilidade pedagógica, fidelidade e criatividade à sua Igreja, Cirilo se revelou para nós como alguém que poderia nos apontar o caminho mistagógico. Mais. Como um Padre da Igreja que, do berço da fé cristã, nos conduz mistagógicamente pelos caminhos da Revelação amorosa e misericordiosa de Deus a seus filhos e filhas.

Evidenciamos, assim, a exortação do Santo Padre Bento XVI, para que a catequese atual resgate a sabedoria de Cirilo de Jerusalém, em sua integração entre a teologia e a ação pastoral.

Deste modo, a catequese de Cirilo, em virtude dos três elementos - doutrinal, moral e mistagógico - converte-se em uma catequese global no Espírito. A dimensão mistagógica se converte em síntese das duas primeiras, orientando-as à celebração sacramental, na qual se realiza a salvação de todo o homem. Trata-se, em definitivo, de uma catequese integral que implica o corpo, a alma e o espírito e continua sendo emblemática para a formação catequética dos cristãos de hoje⁷.

Nosso trabalho desejava ainda estabelecer um diálogo aproximativo com a realidade da Iniciação Cristã de Adultos no mundo atual. Para tanto, avançamos para o campo de pesquisa pastoral, indo até uma **experiência concreta de Catecumenato com Adultos, em uma comunidade eclesial local**, na cidade do Rio de Janeiro, Brasil. A nosso ver não foi por simples acaso que encontramos esta pequena comunidade situada no município de Duque de Caxias, no bairro da Vila São Luis. Vale a pena aqui trazer um dado que nos parece fundamental.

O tema da mistagogia foi trabalhado por ocasião da Dissertação de Mestrado, concluída no ano de 2003⁸. Naquele momento delineamos a dimensão

⁷ BENTO XVI. *Audiência Geral*. 27 de junho de 2007. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana. Disponível em: <www.vaticano.va> Acesso em: 8 de julho de 2007.

⁸ *O resgate da experiência mistagógica dos séculos III e IV como contribuição para a evangelização atual*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Teologia da PUC-Rio, 2003, estando presentes na banca, Profa. Dra. Maria Clara Lucchetti Bingemer (orient.), Profa. Dra. Maria Carmem Castanheira Avelar e Prof. Dr. Djalma Rodrigues de Andrade. Naquele momento, trabalhamos o tema da experiência mistagógica de forma introdutória, em função dos limites próprios de uma dissertação de mestrado. Ainda deixamos um longo caminho a percorrer no que concerne ao aparato crítico presente nas Fontes patrísticas, assim como na leitura e interpretação destas na caminhada teológica da Igreja.

mistagógica, experimentada pelo catecumenato dos séculos III e IV, como fonte a ser resgatada na evangelização atual. No dia da apresentação da Dissertação, um dos professores doutores da banca, Pe. Djalma Rodrigues de Andrade, nos interpelou quanto a avançarmos do mapeamento bibliográfico para uma experiência mistagógica concreta. Além disso, nos aconselhou a conhecermos uma comunidade na Baixada Fluminense que, em sua avaliação, vivia essa experiência, e indicou as referências. Foi assim que, meses depois, tivemos a oportunidade de conhecer a **Casa de Oração Batismo do Senhor**, orientada pelo Pe. Domingos Ormonde. Nesta comunidade encontramos uma mistagogia ativa, experimentada na dimensão litúrgica e no catecumenato com adultos. O contato se tornou um encontro muito integrado entre a dimensão prática da ação mistagógica e a dimensão teológica.

Na mesma ocasião, em função da pesquisa feita e da experiência na formação com o Curso de Iniciação Teológica e Pedagogia da Fé (Centro Loyola de Fé e Cultura e Vicariato Episcopal Norte - Arquidiocese do Rio de Janeiro), interessou-nos pensar a questão prática do tema, sua dimensão pastoral, e real possibilidade para a evangelização nas comunidades.

Assim se fechou para nós o caminho para este trabalho. Nossa colaboração específica consiste em estabelecer **um diálogo entre o Catecumenato dos séculos III e IV, através da teologia e da prática pastoral de Cirilo de Jerusalém na Iniciação Cristã, e a experiência de uma determinada comunidade eclesial, com sua fundamentação, interpelações e experiências dentro do tema**. Desejamos proporcionar um diálogo aproximativo entre os fundamentos teológicos que subsidiavam a experiência de Cirilo e a experiência teológico-pastoral presente na Igreja hoje, através um olhar epistemológico e situado historicamente.

A experiência mistagógica será o elo de ligação entre dois momentos da caminhada eclesial tão distantes historicamente, como também o eixo referencial desta pesquisa. **A orientação mistagógica será a linha mestra neste percurso, abalizando as etapas de elaboração, de análise teológica e as consequências pastorais para a atual Iniciação Cristã de Adultos**.

É um tema relevante, não apenas por **resgatar uma inspiração fontal** – a mistagogia dos Santos Padres -, mas também por sua possibilidade de uma ação evangelizadora fecunda que interpela o processo pastoral-pedagógico. Trazer o

eixo mistagógico para esta temática é resgatar o conceito de Iniciação Cristã, não como um processo com vistas à celebração dos sacramentos, mas como caminho de aproximação entre a pessoa e o mistério de Cristo, que vem ao encontro das pessoas na história⁹.

Enfim, é a partir do resgate da experiência mistagógica que nos propomos a avançar neste trabalho, para uma nova reflexão que possa auxiliar este momento específico do processo de evangelização atual, qual seja, a **Iniciação Cristã de Adultos**. Neste sentido, a palavra “resgate” é significativa para determinar os rumos que seguiremos em nossa metodologia e seleção de conteúdos e articulações entre os dois momentos de evangelização sobre os quais trabalharemos.

Vale ressaltar que a bibliografia existente para a fundamentação teológica e pastoral do projeto de Iniciação Cristã de Adultos ainda não atende às necessidades pastorais dos diversos grupos. Encontramos um caminho catecumenal mais “avançado” neste sentido, na pesquisa teológica que vem sendo desenvolvida na Itália – no que diz respeito à sua fundamentação na patrística, nos caminhos inaugurados pela experiência fontal da Igreja dos primeiros séculos do cristianismo -, e na Espanha - no que concerne aos subsídios pastorais e diálogo com a teologia contemporânea.

Estamos diante de uma confluência de fatores que, a nosso ver, não é apenas casual. Ao contrário, aponta para a importância do diálogo entre a experiência do catecumenato nos primeiros séculos da história da Igreja, e a experiência de muitas comunidades atuais, que se esforçam para o seu restabelecimento, em diálogo fecundo com as orientações do Magistério e com as reflexões teológicas sobre a Iniciação Cristã de Adultos.

METODOLOGIA E ESTRUTURA

⁹ Sobre este tema ver, entre outros, BOROBIO, D. *La iniciación cristiana*. Salamanca: Sigueme, 1996; *Proyecto de iniciación cristiana*, Bilbao, 1982; *A Celebração na Igreja*. Vol. II. Os Sacramentos. São Paulo: Loyola, 1993; CODINA, V. *Sacramentos da Iniciação. Água e espírito de liberdade*. São Paulo: Vozes, 1991; LELO, A.F. *A Iniciação Cristã*. Catecumenato, dinâmica sacramental e testemunho. São Paulo: Paulinas, 2005; TABORDA, F. *Nas fontes da vida cristã*. São Paulo: Loyola, 2001; VASQUEZ, U.M. *A orientação espiritual: mistagogia e teografia*. São Paulo: Loyola, 2001; VELASCO, J. M. *La experiencia cristiana de Dios*. Madrid: Trotta, 1996.

O método de elaboração empregado foi desenvolvido em três momentos que, apesar de terem sua especificidade, foram articulados ao longo do trabalho de hermenêutica teológica. No primeiro momento, buscamos, através da pesquisa bibliográfica, ouvir os testemunhos da Tradição e do Magistério, e em seguida obras que tematizam a Iniciação Cristã e o Catecumenato. No segundo momento, analisamos os conteúdos e procuramos elaborar uma síntese que articulou estes conteúdos e apontou algumas hipóteses para a construção do eixo mistagógico na Iniciação Cristã de Adultos. O terceiro momento foi dedicado à pesquisa no campo, pesquisa participante com a comunidade da Casa de Oração Batismo do Senhor, na qual ouvimos os testemunhos e desenvolvemos uma hermenêutica que reuniu os dados anteriores – Tradição, Magistério, teologia contemporânea - com a teologia pastoral. No quarto momento, preparamos um quadro referencial para a construção da Mistagogia hoje, na Iniciação Cristã de Adultos, indicando pressupostos teológicos, princípios e elementos metodológicos.

Todo este processo foi alinhavado cotidianamente pela oração, que nos orientava os passos, as escolhas, os critérios, a fim de desenvolvermos um trabalho que possa servir à Igreja e ao Reino de Deus.

O **primeiro capítulo** dedicou-se aos olhares de três ciências humanas - **olhar filosófico, sociológico e teológico** -, sobre o paradigma que estamos vivendo, amplamente debatido e refletido na bibliografia contemporânea. Como este não é o eixo central de nosso trabalho, nos limitamos a trazer as colaborações dos pensadores contemporâneos estabelecendo como critério a sua abordagem sobre o tema da **construção da subjetividade**. Este tema foi privilegiado em função de nossa análise se voltar para a Iniciação Cristã de Adultos, para a qual desejamos situar **a pessoa humana e suas relações fundamentais** na sociedade atual. Ainda neste momento foi importante conhecermos as reflexões teológicas contemporâneas no que concerne ao processo de Iniciação Cristã com Adultos, os desafios apresentados e perspectivas para este campo de evangelização específico.

No **segundo capítulo** reside o coração de nossa pesquisa. Nesta etapa foram fundamentais a leitura e interpretação das fontes patrísticas dos séculos III e IV no que concerne à Iniciação Cristã e à dimensão mistagógica presente no processo catecumenal. Para este fim, nos dedicamos às 24 homilias e, dentre elas, às cinco **Catequeses Mistagógicas de Cirilo de Jerusalém**, um dos Padres da Igreja que mais desenvolveu este referencial mistagógico no final do século III e

início do século IV. Em um primeiro momento nos aproximamos das leituras de Cirilo procurando ouvir suas pregações, em seu contexto e linguagem, sem atribuir interpretações para nosso tempo, a fim de que nosso trabalho ‘partisse’ do próprio Cirilo de Jerusalém. Em um segundo momento, desenvolvemos uma releitura, estabelecendo um diálogo com Cirilo, verificando a teologia subjacente aos textos catequéticos e os princípios que orientam esta sua prática pastoral. Para os dois momentos tivemos em mãos as principais edições críticas do autor e avaliações de natureza teológica da vida e obra de Cirilo de Jerusalém.

Além desse procedimento com a revisão bibliográfica, o **terceiro capítulo** privilegiou o processo de **pesquisa participante na Casa de Oração Batismo do Senhor**, mais diretamente com a equipe que participa da **Iniciação Cristã de Adultos** (padre orientador, catequista, orientadores, catecúmenos, diácono, teólogos assessores). Nesta fase observamos o planejamento e formação catecumenal, entrevistamos os participantes e também atuamos através da assessoria teológica e acompanhamento do Catecumenato com Adultos.

Participar, observar, ouvir atentamente a comunidade de Caxias na sua experiência de evangelização tornou-se um diferencial e, também, referencial, para que tivéssemos a experiência local e atual contemplada como parte do aparato crítico desta pesquisa. Para esta metodologia foram imprescindíveis as orientações do Departamento de Educação da PUC-Rio, por sua fundamentação teórica e experiência neste campo¹⁰.

Por fim, no **quarto capítulo**, encaminhamos um **diálogo sistemático entre a Mistagogia de Cirilo de Jerusalém e a Mistagogia no Catecumenato com Adultos, caminho da Iniciação Cristã de Adultos**. Nesta etapa da pesquisa, trouxemos os grandes referenciais da experiência mistagógica como fonte fecunda e renovadora para o caminho da Iniciação Cristã de Adultos, analisando seus

¹⁰ Para esta finalidade foi fundamental a orientação da Prof. Zaia Brandão no que concerne à pesquisa de campo: relatórios, observação participante, entrevistas e anotações de campo, assim também a bibliografia que diz respeito à pesquisa sociológica. Cf. BERGER, P. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Petrópolis: Vozes, 1976; BORDIEU, P. et al., *A Miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes, 2003 e *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989; BRANDÃO, Z. *Pesquisa em educação. Conversas com pós-graduandos*. Puc.Loyola, 2002; CHAMPAGNE, P. et al. *Iniciação à Prática Sociológica*. Petrópolis: Vozes, 1998; ELIAS, N. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994; GANDIM, D. *A prática do planejamento participativo*. Petrópolis: Vozes, 1994; INIGUEZ, L. *Manual de Análise do Discurso em Ciências Sociais*. Petrópolis: Vozes, 2004; MINAYO, M.C.S. (org.) *Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1994; PASSERON, J. *O Raciocínio Sociológico*. Petrópolis: Vozes, 1995; REVEL, J. *Jogos de escalas. A experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

fundamentos teológicos e apontando **perspectivas pastorais** que possam auxiliar o caminho de formação catecumenal com adultos.

Estamos cientes de que este processo de aproximação histórica e de fundamentação teológica possui escalas que determinam a ótica e a abordagem de cada contexto e teologia construída e sistematizada no seu tempo. Com relação à Comunidade do Batismo do Senhor, estaremos dialogando com a comunidade local em um determinado tempo, definido em 2 anos de pesquisa participante. Os referenciais nessa busca são as parcerias entre empiria e teoria, entre teologia e pastoral, entre magistério e ministério: todas caminham juntas no processo de construção de nosso objeto de estudo.

Propomo-nos, modestamente, ajudar às comunidades e agentes de evangelização a refletirem sobre o Catecumenato com Adultos à luz das orientações patrísticas, inspiradas na dimensão mistagógica deste processo. Conhecer melhor este processo e seus princípios orientadores viabilizará o diálogo fecundo e dinâmico com as comunidades locais, na sua realidade, na sua diversidade, nas relações que se enredam e apresentam sempre novos desafios.

Na verdade, nossa meta está na retomada do princípio que sempre orientou a evangelização, se atenta e aberta à dinâmica da Revelação. O testemunho da Igreja dos primeiros séculos é Tradição viva, lugar onde habita o fogo do Espírito de Deus, a memória viva e eficaz da Palavra que vem a nós e gera filhos e filhas à Sua imagem e semelhança. Acreditamos, portanto, que a fé das primeiras comunidades e dos Padres da Igreja torna-se atualidade e força crítica e libertadora para o presente.

Finalmente, nossa intenção primeira e que nos fez caminhar através dessa pesquisa, é **motivar a atitude mistagógica na Iniciação Cristã de Adultos**, ou seja, colocar o cuidado com a evangelização nas mãos de Deus, do acolhimento da graça de Deus que não nos submete, e sim nos conduz a alcançarmos o estatuto de filhos e filhas (Gl 4,1-7), e irmos crescendo até a maturidade da plenitude de Jesus Cristo. (Ef 4,13)

1

DESAFIOS PARA A INICIAÇÃO CRISTÃ DE ADULTOS

*As coisas estão no mundo,
só que eu preciso aprender.*
Paulinho da Viola

Repensar a Iniciação Cristã de Adultos é uma tarefa complexa, que exige a abertura de uma reflexão ampla, que inclua os elementos presentes neste processo, sua fundamentação e caminhos pastorais. A Iniciação Cristã vem sendo retomada na caminhada da Igreja como tarefa central, cumprimento do mandato missionário deixado por Jesus Cristo, como princípio do agir pastoral.

Nessa trajetória, o trabalho teológico e o trabalho pastoral necessitam estar em diálogo fecundo. A pastoral é o agir eclesial e missionário, e a teologia, sua função crítica. Para tanto, é fundamental que se estabeleça uma relação próxima, de escuta atenta e discernimento crítico e criativo. A tarefa da teologia é *diakonia*, é o seguimento de Jesus mediante uma vocação própria que, na dinâmica de abertura ao Espírito, busca compreender e expressar os sinais de Deus para cada tempo e lugar. Ao som da Palavra, da Tradição e do Magistério, a teologia precisa estar atenta às comunidades, à história viva de homens e mulheres em sua busca pela origem e pelo sentido de sua existência. E, assim, com o instrumental científico adequado, colocar-se como mediadora, da Palavra que ecoa no tempo e convoca a uma experiência de fé cada vez mais globalizante e radical.

O saber teológico depende sempre do ato de fé, já que ele é uma resposta específica à dinâmica da Revelação. O ato de fé possui uma dimensão subjetiva, mas não significa que seja isolado, pois é experimentado comunitariamente. Teologia e pastoral andam de mãos dadas no dinamismo da fé cristã, uma auxiliando a outra a ampliar o horizonte de compreensão e a hermenêutica da dinâmica da Revelação em cada tempo e situação. Assim sendo, tanto a reflexão teológica quanto o agir pastoral têm sua origem na livre decisão do Pai, no Seu amor revelado a seus filhos e filhas, na Criação e na Encarnação do Verbo. É o mesmo princípio teocêntrico, tanto para o agir pastoral como para a reflexão teológica.

Neste primeiro capítulo de nosso trabalho, procuraremos apresentar os caminhos desta parceria fundamental no que concerne aos caminhos da Iniciação Cristã de Adultos. A complexidade do tema nos remete a pensarmos nas dimensões desse processo, ou seja, a realidade na qual vem acontecendo os processos de Iniciação Cristã, a pessoa humana buscando dialogar e configurar sua identidade e escolhas fundamentais, o que compreendemos por Iniciação Cristã, quais as orientações do Magistério Eclesial e como este processo vem ocorrendo na sociedade contemporânea. Enfim, estes são os desafios que se colocam para nossa reflexão. Como podemos constatar, são amplos, densos, mas por outro lado, desafios já assumidos pela Igreja, pela teologia contemporânea, pelas comunidades locais.

Nossa tarefa, portanto, será a de reunir as idéias da bibliografia recolhida e trazer uma elaboração que nos situe com relação ao processo de Iniciação Cristã de Adultos no hoje da caminhada da Igreja, em seu diálogo com o mundo moderno.

Para tanto, iniciaremos voltando nosso olhar para a pessoa humana, em seu contexto sócio-histórico, pessoal e socialmente vinculado ao mundo externo com o qual estabelece trocas e constrói novas e incessantes significados e escolhas. Dessa forma, não podemos tratar do tema da Iniciação Cristã de Adultos, sem abordarmos a realidade na qual a pessoa humana se encontra nesse momento particularmente marcado por uma mudança de paradigma que tem afetado profundamente a subjetividade humana e os projetos éticos, culturais e sociais da sociedade contemporânea.

Para esta análise, veremos inicialmente alguns pensadores da filosofia e da sociologia que trabalham sobre o tema da construção da subjetividade neste momento de passagem do paradigma pré-moderno para a Modernidade, sua crise e consequente evolução, chamado por alguns de Pós-modernidade. Prosseguindo traremos a palavra de alguns teólogos que se detiveram diante desta temática.

Nesse ponto de nossa reflexão sobre a pessoa humana no contexto atual, um dado relevante será a dinâmica relacional, por meio da qual a pessoa interage e constrói sua subjetividade. A pessoa humana tem sua razão de ser na relação dialógica e não em uma subjetividade intimista. É através do estabelecimento de trocas consigo mesmo, com os outros, com o mundo e com Deus, que a pessoa constitui seu ser e estar no mundo, sua linguagem, suas escolhas.

Alguns pensadores da antropologia teológica, da filosofia e da sociologia serão coincidentes no tema da abertura para o diálogo, para a alteridade, para a dinâmica da intersubjetividade, como um novo fundamento para a existência da pessoa e sua orientação fundamental.

Após esta primeira etapa de nossa reflexão, veremos propriamente o tema da Iniciação Cristã de Adultos, principiando por um breve diagnóstico de como esse processo vem buscando caminhos de diálogo com seu tempo. A seguir veremos os caminhos de construção da identidade e dos elementos constitutivos da Iniciação Cristã de Adultos, a partir dos especialistas no tema e dos documentos do Magistério que orientam esse processo pastoral-pedagógico. Esta construção conceitual nos levou a abriremos para o debate com teólogos pastoralistas que analisam o processo da Iniciação Cristã de Adultos na Europa, a partir do movimento de revisão implementado pelo Concílio Vaticano II, onde já se encontram experiências paradigmáticas que buscam responder pastoralmente aos desafios desse caminho de evangelização em tempos de Modernidade e Pós-modernidade. Perceberemos que, ao longo desse percurso, o tema da Mistagogia começa a surgir, como resgate da sabedoria dos Padres e como fundamento teológico para a Iniciação Cristã de Adultos.

Por fim, faremos uma breve trajetória pelos fundamentos, reflexões e orientações do Magistério eclesial com relação à dinâmica da Catequese de Adultos, ao Catecumenato e à Iniciação Cristã de Adultos. Estes três temas surgem em nosso século com tratamentos diferentes, nos quais percebemos pontos coincidentes e pontos divergentes, os quais veremos adiante.

Estes caminhos já trilhados, experimentados, avaliados, não podem ser deixados de lado. É a Igreja, Povo de Deus a caminho, respondendo comunitariamente à dinâmica da Revelação de Deus, sempre criativa, pedagógica, amorosa e misericordiosa com seus filhos e filhas. A partir deles já poderemos elucidar aspectos relevantes para o processo de Iniciação Cristã de Adultos no mundo atual.

Enfim, esse capítulo inicial nos situará, através de um olhar teológico sistemático-pastoral, diante da experiência das comunidades eclesiais, nessa trajetória que hoje se torna referência para a Igreja e sua missão evangelizadora: a Iniciação Cristã de Adultos. Um caminho que convoca toda a Igreja, Corpo Místico de Cristo, a enraizar-se em sua identidade crística e a tornar-se dia a dia,

uma Igreja mistagógica, aberta ao mistério de Deus que a conduz e a envia a ser testemunho da Boa Nova de Jesus Cristo à toda a humanidade.

1.1

A Iniciação à fé cristã e as interpelações da mudança de paradigma

Nesta etapa inicial do presente estudo, examinaremos o processo de Iniciação Cristã com Adultos no contexto atual. Ao longo do último quarto século, temos ouvido persistentes afirmações de que as sociedades do mundo ocidental ingressaram em uma nova era da história. Estamos em uma sociedade marcada por uma nova compreensão de pessoa e de mundo, um novo paradigma foi inaugurado e permanece em gestação e evolução: a Modernidade.

A Modernidade traduz uma época histórica, uma construção filosófica e um paradigma cultural. Cientes de que participamos de um novo momento histórico, caracterizado pelo influxo da Modernidade, nos defrontamos com uma tarefa complexa para um trabalho acadêmico deste porte. Portanto, será imprescindível delimitarmos nossa área de análise e elaboração.

Um dos debates que englobam essas reflexões é o que se faz em torno dos conceitos de Modernidade, Modernidade tardia ou Pós-modernidade. São inúmeras as argumentações em torno do real caráter do atual momento histórico: se ultrapassamos os parâmetros da Modernidade e nos encontramos num outro momento histórico (Pós-modernidade) ou se estamos numa fase de aprofundamento dos pressupostos modernos.

Em primeiro lugar, não pretendemos aqui elaborar o tema da mudança de um paradigma pré-moderno para um novo paradigma, conhecido como Modernidade, em sua abrangência interdisciplinar e ampla fundamentação filosófica. O que é central em nosso trabalho não é tanto estabelecermos um debate entre as diversas propostas de interpretação deste fenômeno que afetou as sociedades e suas mais diversas relações¹¹, e sim não olvidarmos que o processo

¹¹ Citamos aqui alguns dos principais teóricos do tema da Modernidade e pós-Modernidade: AZEVEDO, M. A. *Modernidade e cristianismo. O desafio à inculturação*. São Paulo: Loyola, 1981; BAUMAN, Z. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001; GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, 1989; CAPRA, F. *O Ponto de Mutação*. São Paulo: Cultrix, 1982; GONZÁLEZ FAUS, J. I. *Desafios da pós-Modernidade*. São Paulo: Paulinas, 1995; HABERMAS, J. *O discurso filosófico da Modernidade*. Lisboa: Dom Quixote, 1990;

de evangelização se desenvolve dentro das culturas, do dinamismo da sociedade. Não é possível falarmos de qualquer campo do relacionamento humano fora de seu contexto histórico. Também no campo do diálogo Igreja-mundo. Esta é uma premissa, da qual não podemos nos afastar, sob pena de comprometermos o coração da Revelação: Deus, que se revela plenamente em Jesus Cristo e, nesse mesmo processo, se revela aos homens e mulheres de cada tempo¹².

A filosofia contemporânea desenvolve amplamente a análise do contexto da Modernidade e desta mudança paradigmática, implementada nas diversas culturas. Com a finalidade de nos situarmos com relação aos temas mais relevantes neste momento histórico e cultural, vejamos, a partir das análises dos autores contemporâneos¹³, alguns exemplos desta tematização: o fim dos grandes relatos¹⁴; a construção da subjetividade humana¹⁵; o pensamento único¹⁶; as

HOBSBAWM, E. *Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000; JAMESON, F. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Ática, 1996; __ *As sementes do tempo*. São Paulo: Ática, 1996; KUHN, T. *A Estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1997; KUMAR, K. *Da sociedade pós-industrial à sociedade pós-moderna*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997; LIBANIO, J. B. *Desafios da Pós-Modernidade à Teologia Fundamental*. In: TRASFERETTI, J.; GONÇALVES, P. S. L. (orgs.). *Teologia na Pós-Modernidade. Abordagens epistemológica, sistemática e teórico-prática*. São Paulo: Paulinas, 2003; __. *Teologia da Revelação a partir da Modernidade*. São Paulo: Loyola, 1992; LYOTARD, J. *A condição pós-moderna*. Lisboa: Gradiva, 1998; __. *O pós-moderno*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986; OLIVEIRA, M. A. *A crise da racionalidade Moderna: uma crise de esperança*. In: __. *Ética e racionalidade moderna*. São Paulo: Loyola, 1999; __. *Pós-Modernidade: Abordagem filosófica*. In: TRASFERETTI, J; GONÇALVES, P. S. L. op. cit.; QUEIRUGA, A.T. *Fin del cristianismo premoderno. Retos hacia un nuevo horizonte*. Santander: Sal Terrae, 2000; BOAVENTURA SANTOS, S. *Pela mão de Alice. O social e o político na pós-Modernidade*. São Paulo: Cortez, 1997; SANTOS, M. *Por uma outra globalização*. Rio de Janeiro: Record, 2001; VATTIMO, G. *O fim da Modernidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

¹² Não pretendemos aqui reduzir o tratado da Revelação em tão simples afirmação, apenas evocar a razão primeira de todo processo de evangelização. Deus se revela plenamente, a todos os homens e mulheres, em cada tempo e contexto, “até que Deus seja tudo em todos”. (Cf. 1Cor 15,28) Vale a pena ressaltar as características que não podem ser deixadas de lado ao refletirmos sobre a evangelização: a Revelação é universal, é cristocêntrica, é histórica, é dinâmica, é escatológica, é salvífica. Para retomar este tratado sugerimos LATOURELLE, R. *Teologia da Revelação*. São Paulo: Paulinas, 1972; RAHNER, K. *Curso Fundamental da Fé*. São Paulo: Paulinas, 1989; LIBANIO, J. B. *Teologia da Revelação a partir da Modernidade*. São Paulo: Loyola, 1992; QUEIRUGA, A. T. *A Revelação de Deus na realização do homem*. São Paulo: Paulus, 1995; __. *Do terror de Isaac ao Abbá de Jesus*. São Paulo: Paulinas, 2001.

¹³ Citamos aqui alguns temas mais recorrentes nos autores contemporâneos que analisam o paradigma moderno, entre eles M. Azevedo, Z. Bauman, Boaventura Santos, F. Capra, C. Geertz, E. Hobsbawm, J. Habermas, J. Lyotard, K. Kumar, M. Oliveira, M. Santos.

¹⁴ A crítica filosófica chama de fim dos grandes relatos, o fim das metas, ideais, das narrativas, nas quais a pessoa encontrava seu horizonte de sentido, por eles se norteava. Representa o fim da metafísica e da justificação do conhecimento a partir da racionalidade absoluta. Cf. LYOTARD, J. op.cit., pp. 69-76.

¹⁵ O tema da construção da subjetividade está relacionado com o princípio do sujeito humano como medida de todas as coisas, como referência primeira e última para a ordenação e para a compreensão do mundo. A subjetividade não é um dado fixo, imutável, ontológico, que apenas capta a realidade, sem ser afetado por ela, mas é uma construção, que se faz pela experiência, possui uma relação com a realidade na qual tanto recebe dados para a construção de si mesmo,

identidades culturais; as relações sócio-político-econômicas; as ideologias; o meio ambiente¹⁷. Enfim, uma mudança de paradigma traz mudanças profundas em todas as dimensões do humano e de suas relações consigo mesmo, com os outros, com o mundo, com o Transcendente. A Modernidade invade conceitos e exige revisão, reestruturações que atingem todo o projeto humano.

Em nosso caso, investigaremos um campo particular. Nossa elaboração versa sobre a Iniciação Cristã de Adultos, tema que articula três dimensões relacionais: a pessoa humana, sua relação com Deus e com a comunidade eclesial, como um espaço que gera, nutre e envia. Trata-se da experiência fundamental do ser humano em suas relações: consigo mesmo, com os outros, com o mundo e com o Transcendente. No foco da antropologia teológica, estamos falando da própria ontologia do ser humano, de seu enraizamento mais profundo, de sua identidade e caminhos de realização¹⁸.

Assim sendo assim, estabeleceremos um diálogo com a filosofia contemporânea nos atendo a um dos temas desta mudança paradigmática: a construção da subjetividade. Os teóricos da mudança de paradigma nos auxiliarão a compreender a nova subjetividade que vem se configurando, a fim de nos situarmos diante dos homens e mulheres de nossas comunidades particulares, atores do processo de evangelização e da busca de uma identidade cristã que seja sinal no mundo de hoje.

É importante firmarmos que o processo de Iniciação Cristã de Adultos vem se desenvolvendo em muitas realidades em todo o mundo, com diferentes abordagens, diferentes interpretações e respostas locais¹⁹. Em nosso trabalho, não

como interfere positivamente no fato real, num processo de inter-relação constante. Cf. BOAVENTURA SANTOS, S. op. cit., pp. 102-107.136.

¹⁶ Em breves palavras, o conceito de pensamento único refere-se à tradução, em termos ideológicos, da pretensão dos interesses de um conjunto de forças econômicas, particularmente as do capitalismo internacional. As bases materiais históricas dessa mitificação estão na realidade da técnica atual. Ela se apresenta como uma necessidade universal; aponta-nos para formas de relações econômicas implacáveis, que não aceitam discussão e exigem obediência. É uma forma de totalitarismo muito forte porque se baseia em noções que parecem centrais à própria idéia de democracia – liberdade de opinião, de imprensa, tolerância. Cf. SANTOS, M. op. cit., p. 45.

¹⁷ Consideramos que os temas - as identidades culturais, as relações sócio-político-econômicas, as ideologias e o meio ambiente - possuem seu significado já apreendido pela pesquisa acadêmica atual.

¹⁸ Sobre este tema ver o trabalho capital de RUBIO, A. G. *Unidade na Pluralidade*. São Paulo: Paulus, 2002, especialmente capítulos 2, 7, 10 e 11.

¹⁹ Documentos do Magistério trazem orientações para a prática catecumenal com adultos, como também direcionadas ao atendimento das realidades eclesiais particulares: Cf. CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Pastoral Gaudium et Spes sobre a Igreja no mundo de hoje*. 1965, Petrópolis: Vozes, 1966; CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO.

pretendemos fazer uma análise desta amplitude, mas uma contribuição desde dentro da realidade local brasileira.

Nesse processo de revisão e novos encaminhamentos o magistério eclesial tem se manifestado amplamente, com diversos encontros e documentos orientadores. No Brasil, em 1983, com o documento *Catequese Renovada*, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, a CNBB, convoca para a renovação da catequese e enfatiza a prioridade da "catequese *de* adultos" ou, como se prefere hoje, "catequese *com* adultos"²⁰, "iniciação cristã de adultos"²¹.

O mesmo tema foi priorizado no planejamento pastoral e tornou-se nuclear na Segunda Semana Brasileira de Catequese da CNBB, em outubro de 2001, mobilizando a pastoral nacional nesse sentido e avançando em termos de

Nova Evangelização, Promoção Humana, Cultura Cristã. Jesus Cristo, ontem, hoje e sempre. Documento de Santo Domingo, 1992; CONFERENCIA EPISCOPAL ESPAÑOLA. *La iniciación cristiana.* Madrid: Edice, 1999; CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Educação, Igreja e Sociedade.* Documentos da CNBB 47, São Paulo: Paulinas, 1992; _____. *Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil. 2003-2006.* São Paulo: Paulinas, 2003; _____. *Projeto Nacional de Evangelização, Queremos ver Jesus: Caminho, Verdade e Vida. 2004-2007,* São Paulo: Paulinas, 2004; _____. *Catequese renovada.* Orientações e Conteúdo. São Paulo: Paulinas, 1983; _____. *Pastoral dos sacramentos da iniciação cristã.* São Paulo: Paulinas, 1977; _____. *Segunda Semana Brasileira de Catequese.* Estudos da CNBB 84, São Paulo: Paulus, 2001; _____. *Com adultos, catequese adulta.* Estudos da CNBB 80, São Paulo: Paulus, 2001; _____. *O Itinerário da fé na Iniciação Cristã de Adultos.* Estudos da CNBB 82, São Paulo: Paulus, 2001; _____. Encontro Nacional de Catequese de 1985. Síntese do relatório. *Comunicado Mensal da CNBB.* 34, 1985; _____. *Missão e ministérios dos cristãos leigos e leigas.* Documentos da CNBB 62, São Paulo: Paulinas, 1999; CONSELHO INTERNACIONAL DE CATEQUESE. *A catequese de adultos na comunidade cristã.* In: *Revista de Catequese*, 14, n. 53-54, 1991; JOÃO PAULO II. *Exortação Apostólica Catechesi Tradendae.* 1979, São Paulo: Paulinas, 1983; _____. *Carta Encíclica Redemptoris Missio.* 1990 São Paulo: Paulinas, 1991; PAULO VI. *Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi.* 1975, Petrópolis: Vozes, 1976; SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Diretório Catequético Geral.* 1971, São Paulo: Paulinas, 1979; _____. *Diretório Geral para a Catequese.* São Paulo: Paulinas, 1997; SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. *Ritual da Iniciação Cristã de Adultos.* São Paulo: Paulus, 2001; _____. *La Iniciación cristiana de adultos: prenotandos.* In: *Phase 13,* Barcelona, 1973; SECRETARIADO NACIONAL DE CATEQUESE. Brasil: encontro nacional de evangelización de adultos. In: *Catequesis Latino Americana* 3, 1971.

²⁰ A CNBB assume a expressão 'catequese *com* adultos' na Segunda Semana Brasileira de Catequese a fim de traduzir o especial protagonismo dos catequizandos nesse tipo de catequese: "Ao preferirmos a expressão catequese *com* adultos em vez de 'para adultos', ou 'de adultos', estamos optando por um tipo de trabalho que necessita do conhecimento das características e potencialidades desses catequizandos. Todos os assim chamados destinatários da catequese devem poder manifestar-se sujeitos ativos, conscientes e co-responsáveis, e não puros receptores silenciosos e passivos, com muito mais razão se são adultos. Por isso, não são considerados simples destinatários, mas interlocutores da nossa proposta de fé. É uma catequese feita de partilha de saberes, experiências e iniciativas, em que ambos os lados criam laços, buscam, ensinam, aprendem e vivenciam a vida cristã". CNBB. *Segunda Semana Brasileira de Catequese.* op. cit., n. 150.

²¹ O documento de 1983, *Catequese Renovada* proclama a 'catequese de adultos' como um novo caminho catequético, até aqui privilegiado para as crianças, orienta para um modelo catequético próprio para o mundo adulto. As Semanas Brasileiras de Catequese prosseguem aprofundando o tema sobre suas diversas dimensões. Cf. CR, op. cit., n. 119, 120 e 130.

planejamento e ensaios, particularmente no que se refere aos adultos²². Um ponto fundamental para nós é o fato de que a referência-chave para o estudo e revisão deste processo vem sendo o período áureo do catecumenato: os séculos III e IV²³.

Os documentos do Magistério e a caminhada da Igreja no Brasil tornam-se sinais concretos da preocupação com a Iniciação Cristã de Adultos. Estes trazem elementos que diagnosticam as realidades locais, as interpelações que alcançam esse campo missionário, assim como apontam caminhos para novas respostas, novos planejamentos, sempre atentos ao diálogo com as realidades locais.

Observemos alguns desafios presentes nas realidades locais da Iniciação Cristã de Adultos²⁴. Este pequeno elenco nos auxiliará a nos situarmos no início desta análise e a melhor dialogarmos com a reflexão que se segue quanto à mudança paradigmática que vem afetando a configuração da pessoa humana em suas relações fundamentais.

1. O comprometimento do papel da família como espaço pedagógico da experiência de fé;

2. A profunda crise de sentido da vida e de um elenco de valores que sirva de eixo referencial para a configuração de uma pessoa humanizada, aberta para as relações com o mundo, com os outros e com Deus;

3. Os pluralismos religiosos, culturais, étnicos, científicos e a dificuldade em lidar com as diferenças, com a alteridade; e, conseqüentemente, o comprometimento dos valores fundamentais e dos direitos humanos;

4. A presença de uma religiosidade difusa e da indiferença religiosa como sinais da crise da dimensão transcendente da pessoa e do mundo;

²² A Segunda Semana Brasileira de Catequese dedica-se especialmente à mudança de perspectiva, com o tema “*Com adultos, Catequese Adulta, Crescer rumo à Maturidade em Cristo*”, no qual procurou traduzir o protagonismo dos catequizandos, num processo que leva em consideração a condição de adultos responsáveis e de sua capacidade de conduzi-los a uma fé adulta.

²³ Conhecido como período áureo do catecumenato porque é a partir do terceiro século e durante o quarto século que a práxis catequética dos Padres encontra a sua institucionalização e sistematização. As obras de Hipólito de Roma, Cirilo de Jerusalém, Teodoro de Mopsuéstia, João Crisóstomo, Ambrosio de Milão, Gregório de Nissa e Agostinho de Hipona, no que concerne à catequese de adultos, atestam a grandeza da experiência e da produção teológico-pastoral deste período.

²⁴ Para esta análise trabalhamos principalmente com os documentos da CNBB: *Segunda Semana Brasileira de Catequese, Com Adultos, Catequese Adulta; O Itinerário de Fé na Iniciação Cristã de Adultos e Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil. 2003-2006.*

5. A secularização, a crise das instituições e das metanarrativas²⁵ e a consequente valorização do presente, com sua fugacidade e transitoriedade;

6. A ênfase no aspecto doutrinal da fé e a falta de uma atualização teológica e pedagógica nos campos de evangelização e de pastoral e, como consequência, uma visão sacramental distorcida e a ausência de um verdadeiro processo de Iniciação Cristã.

Com certeza, encontraríamos outros pontos de conflito, como também, aspectos que corroboram para um caminho fecundo, analisando o encontro entre a Modernidade e a experiência da ICA²⁶ nas comunidades eclesiais. Entretanto nos limitaremos aos pontos acima, selecionados a partir dos documentos eclesiais nacionais em sua análise de contexto e problematização. Ao refletirmos sobre a atual mudança paradigmática teremos presentes estes aspectos que interpelam a Iniciação Cristã.

1.1.1

A dinâmica da evangelização cristã em tempos de mudança paradigmática

A evangelização cristã é o centro da vida da Igreja desde o início da pregação apostólica. Foi sempre considerada como uma das tarefas primordiais do Cristianismo, pois o próprio Cristo Ressuscitado, antes de voltar para junto do Pai, deu aos discípulos este derradeiro mandato: *“Ide, pois; de todas as nações fazei discípulos, batizando-as em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-as a guardar tudo o que vos ordenei. Quanto a mim, eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos tempos”*²⁷.²⁸ Jesus confiou aos

²⁵ O conceito de ‘metanarrativa’ evoca os discursos orientados para um fim promissor para a história da humanidade, de forma que os discursos do cotidiano tornam-se relativos e singulares, em função deste grande e último discurso. “Na Modernidade, as formas das metanarrativas variaram: a razão do Iluminismo, o espírito absoluto do idealismo alemão, o sujeito da classe trabalhadora no pensamento de Marx, entre outros. Todos possuindo o mesmo pressuposto fundamental: a pretensão da universalidade, o que se concretiza nas diferentes tentativas de articular um discurso sobre o mundo como totalidade num sistema capaz de abranger todas as dimensões do real”. OLIVEIRA, M. A. Pós Modernidade: Abordagem Filosófica. In: TRASFERETTI, J. e GONÇALVES, P.S.L. op. cit., p.22.

²⁶ A partir daqui usaremos a abreviatura ICA para a expressão ‘Iniciação Cristã de Adultos’.

²⁷ Cf. MT 28,19-20

²⁸ Todos os textos bíblicos citados neste trabalho são transcritos da Bíblia de Tradução Ecumênica, TEB, São Paulo: Loyola, 1994.

apóstolos não apenas a missão de anunciar o Evangelho a todos os povos, mas também a autoridade de transmitir o que Ele mesmo havia ensinado por suas palavras e atitudes. Para isso, confirma Sua presença até o final dos tempos, junto aos apóstolos, dando-lhes o Espírito Santo para realizarem a missão de evangelizar²⁹.

O mandato missionário é envio e missão, é chamado e vocação cristã. Nele se fundamenta a Iniciação Cristã, como ação missionária, como resposta à dinâmica do Espírito, que impulsiona a Criação, e nos convida a acolher a Revelação, enviando-nos a anunciar a Boa Nova em todo o mundo.

No entanto, a Iniciação Cristã não pode ser tratada como um conceito particular ou isolado de uma série de fatores que confluem no processo de evangelização, como, por exemplo: qual o princípio teológico que a embasa e orienta? Qual a realidade das pessoas e comunidades que procura atender? Há uma metodologia que colabore para este agir pastoral? Portanto, consideramos a Iniciação Cristã como um processo no qual uma série de fatores confluem e se entrelaçam. Estes fatores necessitam não apenas serem levantados, mas principalmente encontrar seus fundamentos teológicos e pastorais e nos questionarmos até que ponto nosso processo pastoral-pedagógico está embasado e atento à integração entre estes pressupostos. Identificamos a seguir os aspectos que consideramos relevantes na complexidade da ação evangelizadora.

1. A compreensão do processo de Revelação como princípio ativo no agir evangelizador;
2. O conhecimento e aprofundamento constantes no conteúdo da mensagem a ser anunciada;
3. A consonância com a caminhada do Magistério da Igreja;
4. Uma espiritualidade que se traduza em uma vida intensa de oração e que configure no evangelizador uma identidade crística³⁰;
5. O conhecimento da realidade das pessoas e comunidades a quem será anunciado o Evangelho;

²⁹ Cf. *CT*, n. 1.

³⁰ Assumir uma identidade crística é assumir na própria vida o seguimento de Jesus Cristo até as últimas consequências, o que, como batizado, é assumir uma identidade que é sua, de viver em Cristo, para Ele e como Ele. Para este tema ver BINGEMER, M. C. *A identidade crística*. São Paulo: Loyola, 1998, pp. 49-71.

6. A adequação da própria linguagem e dos métodos para a evangelização, o que se traduz em uma pedagogia própria³¹.

Considerando o dinamismo destas linhas de força que se articulam no processo da Iniciação Cristã, trabalharemos no confronto entre a proposta e a realidade, ou seja, entre a identidade da Iniciação Cristã e a realidade dos iniciantes.

Por esta razão, voltaremos nosso olhar para o momento atual, contexto de acentuada mudança paradigmática³², conhecida no campo da pesquisa histórica e filosófica, como Modernidade ou ainda, em sua análise mais contemporânea, como Pós-modernidade. Procuraremos compreender este grande movimento, que atingiu radicalmente a configuração da pessoa humana e, com isso, seu horizonte e suas escolhas ou, para muitos, sua ausência de horizonte e de escolhas fundamentais. Acompanharemos esse processo com um olhar aproximativo e atento às suas repercussões no trabalho teológico-pastoral³³.

1.1.1.1

O debate sobre o paradigma da Modernidade

Tematizar a mudança de paradigma³⁴ nos coloca em um movimento de revisão de conceitos e de referências, na tentativa de reconstruir discursos, como também a forma de interpretar e atuar no mundo.

³¹ Cf. PEDROSA, V. Catequese Trinitária. In: *Dicionário Teológico: O Deus Cristão*. São Paulo: Paulus, 1998, p. 150; *CT*, n. 31, 51, 52, 53, 58; *DCG*, n.70-76 ; *DGC*, n. 136-162, III parte.

³² Só podemos falar em mudança paradigmática, se partimos do pressuposto de que um paradigma anterior vem sendo superado. Neste caso, o paradigma pré-moderno, ou tradicional, que marcou um grande período da trajetória humana, passou paulatinamente por um processo de sucessivas revisões e, enfim, pode-se falar que sofreu um corte epistemológico que demarcou uma mudança de paradigma. Algumas chaves para a compreensão deste paradigma são: uma concepção mais estática da história, recorrente e cíclica; certa passividade da pessoa e do grupo humano; uma integração do todo sócio-cultural; a religião e o mito como fontes de inteligibilidade e legitimação; sentido de ordem, harmonia como manutenção e conservação, inclusive da organização social e hierárquica; rejeição à mudança. Cf. AZEVEDO, M. C. Não-moderno, moderno e pós-moderno. In: *Revista da Educação da AEC*. Ano 22, n. 89, 1993, pp. 22-24; RUBIO, A. G. op. cit, p. 20.

³³ Não pretendemos uma análise sistemática do tema, em muito tratado por diversos especialistas, apenas termos presente para nosso objetivo, uma trajetória que marca definitivamente um novo processo antropológico e social.

³⁴ O significado clássico de paradigma em Platão é a idéia de modelo, no sentido de que, uma vez moldado ao modelo, o pesquisador domina uma espécie de mapa do conhecimento limitado à sua zona de escolha. Enfim, ele tem a assimilação de um roteiro. Em 1962, este termo foi utilizado por Thomas Kuhn para designar as realizações científicas que geram modelos que, por período mais

No discurso teológico se torna imprescindível trabalhar com o conceito de mudança paradigmática por duas razões fundamentais e urgentes. A primeira refere-se ao anúncio querigmático, para o qual necessitamos compreender o mundo, suas coordenadas socioeconômico-culturais, e a relação destas com a formação humana. A segunda razão está diretamente conectada com a primeira: para estabelecer um diálogo com a pessoa em seu contexto histórico e cultural, devemos desenvolver um diálogo criativo e interdisciplinar entre a teologia e as ciências humanas. A teologia abre-se ao diálogo com as demais disciplinas que se dedicam aos estudos sobre o ser humano procurando caminhos de conhecimento e reflexão diante da realidade. Nas palavras de B. Forte:

(...) é aqui que a teologia, para além de uma atitude de fundo, também necessária, de atenção e de amizade para com o que é humano, tem necessidade de servir-se da mediação cultural e socioanalítica, valendo-se dos resultados do conhecimento histórico, da psicologia, da sociologia, da antropologia, da literatura, da hermenêutica, da filosofia e de todas as outras ciências ditas humanas, capazes de fornecer-lhe conhecimento mais amplo e articulado do mundo e de suas linguagens³⁵.

A idéia de Modernidade³⁶ está vinculada à idéia de progresso, de evolução humana, social, econômica, moral, espiritual. Ela se orienta ao rompimento com o passado e o emergir de um novo começo, baseado em princípios radicalmente novos. Traz consigo uma nova concepção de tempo, o ingresso em um tempo futuro, um tempo para progressos sem precedentes na evolução da humanidade³⁷.

ou menos longo e de modo mais ou menos explícito, orientam o desenvolvimento posterior das pesquisas exclusivamente na busca da solução para os problemas por elas suscitados. Num sentido lato, o paradigma kuhniano refere-se àquilo que é partilhado por uma comunidade científica, será uma forma de fazer ciência, uma matriz disciplinar. Em sentido particular, o paradigma é um exemplar; uma busca de soluções para problemas concretos, uma realização científica concreta que fornece os instrumentos conceituais e instrumentais para a solução de problemas. O paradigma é, neste sentido, uma concepção de mundo que, pressupondo um modo de ver e de praticar, engloba um conjunto de teorias, instrumentos, conceitos e métodos de investigação; noutro caso, o conceito é utilizado para significar um conjunto de realizações científicas concretas capazes de fornecer modelos dos quais brotam as tradições coerentes e específicas da pesquisa científica. Sobre esse tema ver KUHN, T. *A Estrutura das Revoluções Científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1997; Cf. FABRI, M. (org.) *Teologia e Novos Paradigmas*. São Paulo, Soter/Loyola, 1996.

³⁵ FORTE, B. *A teologia como companhia, memória e profecia*. São Paulo: Paulinas, 1991, pp. 156-157.

³⁶ Verificando a etimologia da palavra *moderno* procuremos nos aproximar de uma definição. *Modernus* é uma palavra de formação tardia na língua latina, é derivada de *modo* - no sentido de recente, há pouco acontecido -, ou seguindo o modelo de *hodiernus*, derivada de *hodie*, hoje. Inicialmente foi usada em fins do século V, como antônimo de *antiquus*. Mais tarde, termos como *modernitas* - tempos modernos -, e *moderni* - homens de nosso tempo -, tornaram-se também comuns, sobretudo após o século X. Cf. KUMAR, K. *Da sociedade pós-industrial à sociedade pós-moderna*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, p. 79; AZEVEDO, M. C. op. cit., pp. 20-21.

³⁷ Cf. KUMAR, K. op. cit., p. 91.

Neste sentido, não há como prescindir deste novo paradigma ao proceder uma análise de contexto e de suas relações fundamentais. Mesmo o resgate de aspectos da Tradição só adquire sentido a partir do contexto presente, já que, para os tempos modernos, o passado carece de sentido³⁸. É a Modernidade quem orienta os pontos de partida, media revisões e replanejamentos, sempre em função de aspectos que prometam a superação, o avanço, o progresso, a eficácia e produtividade.

A pergunta sobre a gênese de tal mudança paradigmática divide os estudiosos conforme o olhar epistemológico e as fontes de elaboração de cada autor. M. Azevedo, um dos primeiros teólogos a se debruçar sobre este tema, identifica o surgimento da Modernidade com o pensamento cartesiano³⁹, atingindo sua culminância nos séculos XVIII e XIX, a partir do Iluminismo e da Revolução Industrial⁴⁰.

Nesta perspectiva, a chave de leitura é a razão instrumental, a passagem de uma visão teocêntrica do universo para o antropocentrismo, e esse, com foco na racionalidade absoluta. M. Weber é um dos teóricos que analisa essa direção e diagnostica o comprometimento do processo de humanização social⁴¹.

³⁸ Mais adiante, veremos como a Tradição pode ser assumida na sociedade contemporânea, já que ela não é inteiramente estática, pois tem que ser reinventada a cada geração conforme esta assume sua herança cultural. Cf. GIDDENS, A. *As consequências da Modernidade*. São Paulo: Unesp, 1991, p. 44.

³⁹ Cf. LIMA VAZ, H. C. Raízes da Modernidade. In: *Escritos de Filosofia VII*. São Paulo: Loyola, 2002, p. 29; PALÁCIO, C. Novos Paradigmas ou fim de uma era teológica? In: FABRI, M. (org.) *Teologia aberta ao futuro*. São Paulo: Soter/Loyola, 1997, p. 84.

⁴⁰ “A História, os Tempos Modernos, que se contrapõem à Antiguidade e à Idade Média, começam com a chegada dos europeus às Américas (1492). Este tempo era antes delimitado pela queda de Constantinopla (1453). Na filosofia, a Modernidade, em contraste com a filosofia clássica e com a Escolástica, se insinua com o nominalismo do século XIV e se inicia, de fato, com Descartes. Desdobra-se através de Kant, Hegel, Marx, Nietzsche, Heidegger, Habermas, apenas para balizar a demarcação do pensamento ocidental neste particular. Esse paradigma teve sua temática e difusão maior a partir do Iluminismo e da Revolução Industrial, nos séculos XVIII e XIX”. AZEVEDO, M. C. Não-moderno, moderno e pós-moderno. op. cit., p. 21.

⁴¹ M. Weber trabalha o tema da Modernidade em seus ensaios sobre a Sociologia da Religião, onde encontra uma relação íntima entre a Modernidade e aquilo que ele designou como Racionalismo Ocidental. Propõe uma relação necessária entre o racionalismo econômico e a capacidade e disposição dos homens em adotar certos tipos de conduta racional. Weber chega a acreditar que a tendência racionalizante da Modernidade, a força cultural da razão instrumental, acabaria se estabelecendo frente a outras tendências, produzindo uma sociedade inflexível, cientificamente programada, onde os sonhos humanos não teriam lugar. Cf. WEBER, M. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Pioneira, 1989, p. 11.

Os filósofos sociais da Escola de Frankfurt⁴² concordarão com Weber, no sentido de que o poder crescente da razão instrumental estava desumanizando a sociedade. Testemunhavam a defasagem entre a razão instrumental, que se apropriava do conhecimento científico e tecnológico, e a razão prática, para se relacionar com o destino humano e com a liberdade. Esta dificuldade foi sendo claramente percebida nas práticas morais, nas relações sociais e interpessoais, na orientação para a busca de metas, de sentido vital, gerando conflitos e questionamentos tanto no campo pessoal como no campo das relações humanas e sociais. As questões relacionadas com a ética e a solidariedade encontraram obstáculos devido à exacerbação do racionalismo técnico e científico.

Será Habermas⁴³, tendo por base as reflexões da Escola de Frankfurt, quem levará em consideração a possibilidade de uma recuperação cultural da razão como fonte para o resgate da ética e de um olhar crítico perante a razão técnico-instrumental. Habermas propõe, a partir desta idéia, um agir intersubjetivo, uma interação vital entre as pessoas e as sociedades⁴⁴.

⁴² A Escola de Frankfurt é conhecida como um grupo de pensadores que se reuniu em torno de Max Horkheimer e seu Instituto de Pesquisas Sociais em Frankfurt, fundado em 1924. Neste grupo se destacaram Horkheimer, Adorno, Benjamim, aos quais se pode ligar o pensamento de Habermas. Não há aqui uma rejeição radical do pensamento iluminista, já que são herdeiros críticos da tradição marxista que defendia a emancipação de todos os grupos humanos como exigência da própria razão. Sobre esse tema ver ARANTES, P.E. Benjamim, Horkheimer, Adorno e Habermas. Vida e Obra. In: *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

⁴³ Sob a ótica de Habermas, verificamos que a palavra ‘modernização’ foi introduzida na pesquisa apenas nos anos 50, para caracterizar uma retomada da problemática posta por Weber, mas também elaborando os novos discursos que postulam este tema no campo das ciências sociais. Neste momento, o conceito de Modernidade refere-se a um conjunto de processos cumulativos que se reforçam mutuamente: a formação de capital e mobilização de recursos; o desenvolvimento das forças produtivas e o aumento da produtividade do trabalho; o estabelecimento de poderes políticos centralizados e a formação de identidades nacionais; a expansão dos direitos de participação política; de formas urbanas de vida e de formação escolar formal; a secularização de valores e de normas. Cf. PEUKER, H. Crítica Filosófica da Modernidade. In: GEFFRÉ, C. et al. A Modernidade em discussão. *Concilium*/244-1992/6, Petrópolis: Vozes, 1992, pp. 33-34; Cf. HABERMAS, J. *O Discurso Filosófico da Modernidade*. Lisboa: Dom Quixote, 1990, p. 14.

⁴⁴ Hoje ocorre uma revisão quanto à conexão entre a Modernidade e o contexto histórico do racionalismo ocidental. Os processos de modernização deixam uma concepção centrada apenas na racionalização, como uma objetivação histórica das estruturas racionais, e avançam para a compreensão deste como novo paradigma, como padrão de processos de desenvolvimento, dissociado das suas origens européias. Nos deparamos aqui com uma significativa distinção entre Modernização e Modernidade. O primeiro termo - Modernização -, refere-se ao processo de transformação do mundo resultante do crescente acervo de conhecimento dinamicamente traduzido em tecnologia, pesquisa científica e filosófica; e o segundo - Modernidade -, ao resultado do processo, ao seu impacto sobre o todo das sociedades, ao complexo de características que dele decorre com as pessoas, as instituições, nos países e nas culturas. Cf. GIDDENS, A. op. cit., p. 135.179; AZEVEDO, M. C. *Modernidade e Cristianismo*. São Paulo: Loyola, 1981, pp.80-84; HABERMAS, J., op.cit.

Contudo, permanecem questões abertas para nossa reflexão: a crise da racionalidade absoluta, centrada no enfoque técnico-instrumental, seria uma nova etapa do mesmo paradigma ou transição para uma nova mudança paradigmática? A crise das concepções centrais da existência – de pessoa, de mundo, de sociedade –, seria um marco suficiente para delimitar um novo modelo, ou estaríamos ainda em um estágio do mesmo paradigma?

Para subsidiar nesta reflexão, Habermas encontra em Hegel uma nova concepção de Modernidade que se difere da noção de superação do paradigma anterior, e auxilia uma construção conceitual⁴⁵. Ele desenvolve a idéia de Modernidade como conceito epocal, como uma época que vive dirigida para o futuro, com a convicção de que o futuro já começou⁴⁶. Por isso mesmo, porque o mundo moderno está aberto ao futuro, é que se distingue do antigo, o “novo epocal repete-se e perpetua-se a cada momento do presente, o qual a partir de si gera o que é novo”⁴⁷. No entanto, o mesmo Hegel questiona a Modernidade em sua pretensão de eterna novidade e abertura ao futuro, considerando que é impossível um corte radical com o passado, com a tradição. Esta ruptura radical estaria fundada em um equívoco, pois não é possível recomeçar sempre a partir do zero⁴⁸. Não seria possível afirmar que o projeto da Modernidade se esgotou, pois significaria dizer que se cumpriu, plenamente, com suas promessas e também com suas desvantagens, de tal forma que um novo paradigma seria gerado⁴⁹.

Todo este percurso gera variações no campo conceitual, que transitam da Modernidade, passando por sua crise até chegar à Pós-modernidade, encontrando características próprias, que definem etapas e novas referências e perspectivas. Vários pensadores sistematizaram esse processo, dividindo-o em três etapas que denominaram como Modernidade, crise da Modernidade, e Pós-modernidade⁵⁰.

⁴⁵ No século XVIII Hegel lançou um olhar retrospectivo para os três séculos precedentes, identificando os eventos próximos de 1.500 - a descoberta do ‘Novo Mundo’ bem como o Renascimento e a Reforma - como marcos para a transição epocal entre a Idade Média e a Idade Moderna. Cf. HABERMAS, J. op. cit., p. 17.

⁴⁶ Ibid., pp. 16-17.

⁴⁷ Ibid., p. 18.

⁴⁸ Ibid., p. 19.

⁴⁹ A reflexão sobre a Modernidade prossegue e, nos anos 50 e 60, a partir das considerações de Hegel e de Habermas, cria condições para que os diversos especialistas não fiquem reduzidos ao horizonte conceitual do racionalismo ocidental e possam percorrer os processos de modernização no seu curso. Ibid., p. 15.

⁵⁰ Citamos aqui alguns pensadores que trabalharam sobre esta sistematização: Augusto Comte exalta a crescente confiança na razão científica e a superação da religião; Max Weber, ao contrário, lamenta a crescente racionalização da sociedade que produz o ‘desencantamento do

Segundo Boaventura Santos, a relação entre estes três conceitos - Modernidade, crise da Modernidade e Pós-modernidade - é uma relação não de ruptura total como querem alguns, nem de linear continuidade como querem outros. É uma transição em que há momentos de ruptura e momentos de continuidade⁵¹.

Antes de avançarmos analisando as características próprias da crise de Modernidade e da nova elaboração deste paradigma, chamado de Pós-modernidade, sintetizamos aspectos a serem considerados em nossa análise e busca de diálogo com a realidade presente nas comunidades eclesiais.

1. A racionalidade absoluta, a apropriação do conhecimento técnico-científico em detrimento do desenvolvimento da pessoa em sua abrangência e complexidade;

2. A presença hegemônica da sociedade de informação, concentrando, globalizando, fragmentando as culturas, direcionando técnicas e acessos à informação e às possíveis construções conceituais filosóficas e sociais⁵²;

3. A idéia de progresso, de evolução humana, social, econômica, moral, espiritual e o rompimento com o passado, com a tradição;

4. A sociedade industrial, de mercados e trocas econômicas e, ao mesmo tempo, hegemonzando as relações mundiais em torno das parcerias e integrações firmadas, fragmentando o trabalho humano, a comunidade trabalhadora,

munho', o declínio da religião e a obsessão como progresso material; os filósofos sociais da Escola de Frankfurt concordam com Weber quanto ao fato do poder crescente da razão instrumental estar desumanizando a sociedade, mas defendem a exigência da própria razão, de uma razão substantiva como uma fonte de ética; Jean-François Lyotard já afirma que o capitalismo de hoje alcançou uma estabilidade autopetuada transcendendo sua própria historicidade, sem um sujeito histórico. Desta forma, J. Lyotard afirma uma pessoa que descobre que a noção iluminista de razão, de história e de emancipação são ilusões totais e, liberada de responsabilidade histórica, encontra-se livre para a singularidade, para o pluralismo, para criar redes de relações. Cf. BAUM, G. A Modernidade: perspectiva sociológica. In: GEFFRÉ, C. et al. op. cit., pp. 11-16; PEUKER, H., op. cit., pp. 25-36.

⁵¹ Cf. BOAVENTURA SANTOS, S. *Pela mão de Alice. O social e o político na pós-Modernidade*. São Paulo: Cortez, 1997, pp. 102-103.

⁵² O conceito de Sociedade de Informação surgiu com os trabalhos de Alan Touraine e Daniel Bell sobre as influências dos avanços tecnológicos nas relações de poder, identificando a informação como ponto central da sociedade contemporânea. Para eles, o eixo principal desta sociedade será o conhecimento teórico e adverte que os serviços baseados no conhecimento terão de se converter na estrutura central da nova economia e de uma sociedade sustentada na informação, onde as ideologias serão supérfluas. Cf. CASTELLS, M. *A Sociedade em Rede. A era da informação: economia, sociedade e cultura*. São Paulo: Paz e Terra, 1999, pp. 33ss ; KUMAR, K. op.cit, capítulo 2.

descentralizando as cidades e movimentos sociais e trazendo o ressurgimento do individualismo;

5. O individualismo e o comprometimento do processo de humanização social, da ética e da solidariedade humanas, da aceitação do outro em sua particularidade e a geração de conflitos pessoais e sociais.

1.1.1.2

A Reflexividade da Modernidade

O tema da mudança de paradigma não encontra no debate sobre a Modernidade seu termo e definição. Surge no horizonte outra linha de questionamentos que encontra muitos pensadores em seu entorno, alguns inclusive considerando a emergência de um novo paradigma civilizatório, chamado de Pós-modernidade⁵³. Independente do vértice teórico que se adote, a Pós-modernidade tem como um de seus elementos a superação de algumas características que marcaram a Modernidade e o surgimento de novas visões de mundo, de subjetividade, de construção e desconstrução, de abordagens sistêmicas e/ou complexas⁵⁴.

Não nos deteremos nessa construção conceitual, ainda anunciada e debatida na literatura hodierna. Mantendo nosso objetivo de dialogarmos com a realidade das comunidades eclesiais e compreendermos a nova configuração da pessoa e de suas relações, indicaremos algumas abordagens interdisciplinares que podem se tornar mediações epistemológicas para as atuais interpelações do processo de Iniciação Cristã com Adultos.

Para essa finalidade, encontramos importantes subsídios nas abordagens de Jencks, Lyotard, Derrida⁵⁵, Giddens e Beck⁵⁶. Estes autores trabalham com

⁵³ Esta é uma teoria moderna, de avaliação bastante complexa, difícil e com variáveis até mesmo paradoxais por parte de seus analistas, que compartilham de alguma idéia particular de Modernidade. “O “pós” de pós-Modernidade é ambíguo. Pode significar o que vem depois, o movimento para um novo estado de coisas, por mais difícil que seja caracterizar esse estado tão cedo assim. (...) O fim da Modernidade é, segundo essa opinião, a ocasião de refletir sobre a experiência da Modernidade; a pós-Modernidade é esse estado de reflexão. Neste caso, não há uma percepção necessária de um novo começo, mas apenas um senso algo melancólico de fim”. KUMAR, K., op. cit., p. 79.

⁵⁴ Ibid., p. 9.

⁵⁵ Para esta reflexão de cunho mais filosófico, privilegiamos dois autores: K. Kumar e M. A. Oliveira. As teses de C. Jencks e C. Geertz., serão abordadas a partir da leitura do sociólogo K. Kumar, em seu excelente estudo sobre o tema da Pós-Modernidade, em *Da sociedade pós-industrial à sociedade pós-moderna*. op. cit. O segundo trabalho que nos orientará na questão

categorias basilares para o desenvolvimento da Iniciação Cristã de Adultos em nossos dias como - a relação pessoa-tradição, a construção das narrativas de sentido e as comunidades interpretativas. A partir de marcos referenciais filosóficos e sociológicos destes autores, veremos como podem nos embasar para uma antropologia da pessoa e de suas relações interpessoais.

Uma das fortes interpelações presentes na sociedade atual consiste no questionamento dos conceitos e doutrinas provenientes da tradição. Estamos em um momento propício a uma revisão ou resgate da tradição? Ou será que a desvalorização desta é radicalizada nas comunidades humanas, gerando um processo de inovações constantes?

C. Jencks⁵⁷ identifica a era Pós-moderna como um tempo de opção incessante, uma era de questionamento das ortodoxias e, ao mesmo tempo, de revisão e até mesmo resgate da validade das tradições. Com o advento da sociedade da informação e o acesso a inúmeras formas de comunicação e conhecimento, a permanência e a rotina deixaram as elaborações sociais e pessoais.

Este teórico acredita que a Pós-modernidade é profundamente eclética, não rejeita radicalmente as tradições, mas também não as aceita passivamente. Esta abertura provoca um novo processo de reflexão que pode combinar muitas tradições, e até mesmo integrá-las, em uma síntese⁵⁸. Muitas vezes, esta dinâmica entre - combinar, avaliar, rever, recombinar -, pode mesmo perder o rumo, mas é também a dinâmica que promove o pluralismo cultural, que incorpora em si mesma a alteridade na sua intensa liberdade e possibilidade de diálogo. Sendo assim, é um movimento que resgata do passado suas tradições não como repetição mimética e, ao mesmo tempo, abre-se ao diálogo descontínuo, heterogêneo e plural⁵⁹.

filosófico será do teólogo M.A. Oliveira, em Pós Modernidade: Abordagem Filosófica. op. cit., p.22.

⁵⁶ Para a abordagem sociológica, privilegiamos o trabalho organizado por A. GIDDENS, *As consequências da Modernidade*. São Paulo: Unesp, 1991.

⁵⁷ JENCKS, C. *What is Post-Modernism?* Londres: Academy Editions, 1989. Citado por KUMAR, K. op. cit., p. 115.

⁵⁸ *Ibid.*, p. 116.

⁵⁹ Nesta mesma linha, os críticos conservadores (como Barth, Jencks, Hutcheon e Hassan) compreendem o paradigma pós-moderno como uma reflexão que mantém uma relação com o passado, interessada no contexto e na continuidade, e não na ruptura e descontinuidade. Não se tratava nem de rejeitar radicalmente, nem também de reproduzi-lo, mas de recuperar do mesmo o que pode ser enriquecedor para o presente. *Ibid.*, pp. 121-122.

Ainda refletindo sobre a condição do conhecimento, Lyotard dedica-se a esta análise estudando privilegiadamente a cultura e a emergência da sociedade pós-industrial. Sua hipótese de trabalho é de que o status do conhecimento é alterado à medida que as sociedades ingressam no que é conhecido como era Pós-moderna⁶⁰. Em sua origem, a condição da Pós-modernidade está ligada à perda dos grandes relatos legitimadores da Modernidade. Segundo Lyotard, significa a perda do enredo dominante, por meio do qual somos inseridos na história como seres tendo um passado definitivo e um futuro predizível⁶¹. Nesse aspecto, relatos que tentavam dar uma explicação unificada a respeito de uma posição do homem diante da história, da produção, do inconsciente e da sexualidade, foram rejeitados⁶².

Para Lyotard, nosso contexto cultural não pode mais ser analisado com base apenas em um discurso lógico e linear. Não há mais estabilidade de idéias nem absolutos a reger o comportamento social. As mudanças são constantes, cotidianas, e afetam tanto a vida particular como toda a comunidade humana.

No entanto, uma perspectiva bastante positiva surge a partir dessa nova dinâmica de construção de conceitos. Sem o suporte nos discursos universalizantes e hegemônicos, próprios do paradigma pré-moderno, se abre espaço para infinitos jogos de linguagem. É sim uma reviravolta, mas de caráter emancipatório, aberto para a construção de esquemas conceituais que se articulam linguisticamente. Ou seja, a compreensão de realidade e o relacionamento com o cotidiano, suas escolhas e projetos, são mediadas pela linguagem. “É no seio da linguagem que os sujeitos têm acesso ao mundo”⁶³, de tal modo que não se pode prescindir das condições linguísticas de todo conhecimento e de toda ação⁶⁴.

Sem as metanarrativas, sem os discursos lineares e programáticos, emergem novas possibilidades para as construções conceituais. É uma nova

⁶⁰ Cf. LYOTARD, J. *O Pós-Moderno*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986, p. 69.

⁶¹ GIDDENS, A. op. cit., p. 12 citando LYOTARD, J. *A condição pós-moderna*. Lisboa: Gradiva, 1998.

⁶² O tema da ausência dos grandes relatos, das metanarrativas, é fundamental no pensamento de Lyotard. Demarca a pós-Modernidade como ruptura radical com toda pretensão de articulação do sentido do todo, como o pensamento do uno, do imutável, do eterno. A pós-Modernidade se compreende como diferença, pluralidade, mudança, contingência, como jogos infinitos de linguagem e ausência radical do metadiscurso unificador e abrangente de todas as dimensões do real. Cf. OLIVEIRA, M. A. *Pós-Modernidade: Abordagem Filosófica*. In: TRASFERETTI, J. e GONÇALVES, P. S. L. op. cit., pp. 22-27.

⁶³ OLIVEIRA, M. A. op. cit., p. 25.

⁶⁴ *Ibid.*, pp. 25-26.

perspectiva para as relações interpessoais, para as orientações cotidianas, quiçá para projetos abertos à reelaboração incessante. “A grande exigência do momento é esquecer as metanarrativas em prol de uma práxis localizada, isto é, de uma práxis de pluralidade e das possibilidades infinitas”⁶⁵. A Pós-modernidade rejeita a idéia de totalidade e de ‘razão una’, e se move no universo plural das ‘razões’. Uma relação de tal forma imbricada que afeta a tudo e a todos os setores da sociedade⁶⁶. Essa dinâmica articula necessariamente cultura e sociedade⁶⁷, de tal forma que não é mais possível distinguir onde uma começa e influencia a outra, ou mesmo privilegiar uma parte como causa ou determinante.

Com a interdependência entre cultura e sociedade, o reforço da fragmentação, do pluralismo e do individualismo, inicia-se um declínio das instituições e culturas dominantes. Consequentemente, as formas que admitem o plural, que geram experiências compartilhadas e identidades coletivas ganham espaço, relevância e valorização: as culturas locais, regionais, os movimentos sociais, que se baseiam na busca dessas parcerias construídas coletivamente⁶⁸.

Esta característica em muito se aproxima de nosso lugar epistemológico de análise e observação: as comunidades eclesiais locais e sua experiência no processo de Iniciação Cristã de Adultos. Mais ainda, nos auxilia na articulação entre a eclesialidade local e a eclesialidade universal, a experiência do Povo de Deus local e a caminhada eclesial da Igreja como Povo de Deus⁶⁹.

Nesse ponto, sublinhamos o tema da subjetividade e das relações interpessoais nesse novo paradigma. Como podemos compreender a dinâmica que se estabelece entre a pessoa, a sociedade, a realidade local e global? Como essa

⁶⁵ Cf. OLIVEIRA, M. A. Pluralismo e Ética. In: OLIVEIRA, M. A. *Ética e Práxis Histórica*. São Paulo: Ática, 1995, pp. 164-165.

⁶⁶ Cf. KUMAR, K. op. cit., pp. 130-131

⁶⁷ Compreendida a cultura como totalidade complexa que abrange a capacidade e hábitos adquiridos pelos homens em sua condição de membro da sociedade, portanto também em movimento incessante, reconstruções e dinamismo dialógico. Não há cultura que não seja ligada a uma dada sociedade, ela não pode ser ou transmitir-se independente da sociedade que a alimenta. Reciprocamente, não há sociedade sem cultura. Ibid., p. 124; WARNIER, J. P. *A mundialização da cultura*. São Paulo: Edusc, 2003, p. 13.

⁶⁸ Ibid., p. 132. Destacam-se as sociedades multiculturais, multiétnicas. A identidade não é unitária nem essencial, mas fluida e mutável, alimentada por fontes múltiplas e assumindo formas múltiplas.

⁶⁹ A articulação entre a eclesialidade local e a universal tem por base a imagem de Igreja como Povo de Deus, como aparece na *Lumen Gentium*, documento do Concílio Vaticano II. ‘Povo de Deus’ é uma categoria teológica que expressa a comunhão e caminhada da Igreja, a igualdade fundamental dos fiéis. No centro da vida da Igreja está o batismo, que confere unidade e igualdade a todos os membros. Cf. CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Dogmática Lumen Gentium, sobre a Igreja*. Petrópolis: Vozes, 1966, especialmente capítulo II.

rede de relações se estabelece na pequena comunidade local? Como podemos selecionar conteúdos e métodos, horizontes e perspectivas, diante da diversidade? Enfim, como principiar um agir pedagógico que oportunize a abertura à dinâmica da Revelação para todos e para cada pessoa, em particular? Como estabelecer relações entre a grande comunidade humana e a pequena comunidade local?

Se por um lado situamos características diversas entre os teóricos que analisam a mudança paradigmática, no que diz respeito à constituição da subjetividade encontramos também concordâncias: o resgate da tradição em diálogo com o novo, possibilitando novas sínteses; a mediação linguística nas relações interpessoais; o pluralismo cultural; a valorização das identidades coletivas e culturas locais.

No primeiro estágio do paradigma moderno, a subjetividade estava centrada no sujeito, no indivíduo, o conhecimento só poderia ser pensado com certa unidade entre subjetividade e objetividade. A subjetividade era a grande portadora das condições de possibilidade do conhecimento de objetos⁷⁰. No momento de transição, a subjetividade está descentrada, configurada incessantemente pelas práticas linguísticas ao seu redor.

O não ser fundamento de si mesmo significa antes, que a história não nos pertence, nós é que pertencemos a ela, ou seja, a tradição histórica de nosso sistema de compreensão é condição irrecusável de nós mesmos.(...) O campo de relações que constitui uma formação discursiva permite ao sujeito nele inserido conhecer coisas, interagir simbolicamente com elas, ou seja, interpretar o mundo⁷¹.

O filósofo Derrida trabalha o tema da subjetividade tendo por base sua estrutura dialógica. Ele considera que não se pode falar de uma subjetividade, mas em configurações ininterruptas, fruto das estruturas dialógicas e suas aporias, numa pluralidade de vozes que faz da ‘pessoa’ um texto sempre aberto, plural, capaz de muitas vozes, novos acordos, novos significados que podem ser alcançados⁷². O pensamento se insere numa rede estrutural cujo jogo de diferenças permite captar como ele é. Este jogo de linguagens e significados exige que se percorram não apenas as construções linguísticas contemporâneas, mas também as recebidas da tradição, a fim de explicitar suas decisões internas, e seus princípios

⁷⁰ Cf. OLIVEIRA, M. A. Pós-Modernidade. Abordagem filosófica. op. cit., p. 29

⁷¹ Ibid., pp. 34-35.

⁷² Cf. KUMAR, K. op. cit., p. 141.

de construção. Só assim é possível retomar os significados fundantes e abrir espaço para o diálogo criativo, ou mesmo para a superação. Enfim, estão inseridos na lógica das construções conceituais, os significados presentes.

Em outras palavras, Derrida procura mostrar que as estruturas não são fechadas em si mesmas, e sim que é por meio da diferenciação que se encontra a identidade⁷³. É a primazia da categoria da diferença diante da categoria de identidade. O paradigma moderno pensou a presença como plena a si mesma, livre de exteriorização e temporalização, o que conduzia à primazia do logos. Contudo, a desconstrução desta estrutura metafísica de conhecimento conduz ao primado da alteridade. É a diferença que subjaz às práticas das relações interpessoais e emerge como condição de possibilidade da autoconsciência.

A presença já é sempre marcada pelo caráter diferencial, tendo em vista que se experimenta uma extensão, que faz com que, a partir de então, a pessoa nunca mais possa ser uma presença absoluta e pontual: a unidade se funda na diferença, a saber, numa diferença que constitui seu pressuposto ontológico e epistemológico⁷⁴.

Esta hipótese nos conduz a repensar o papel das comunidades interpretativas como espaços privilegiados, nos quais a dinâmica dialógica entre as diversas subjetividades acontece e se renova entre seus participantes, como um vetor privilegiado de significados. Entra em cena mais uma característica fundamental para nosso projeto, já que a ICA se dá em um espaço comunitário.

As comunidades interpretativas constroem suas novas narrativas como narrativas modestas. Não mais com a característica dos grandes esquemas histórico-filosóficos de progresso e perfectibilidade criados pela era moderna. São construções dialógicas criativas, novas formas de conhecimento local, com a contextualidade, a impermanência e as limitações que essa nova articulação sugere⁷⁵.

Segundo Lyotard, a validação das construções interpretativas é interna às comunidades, são elas mesmas que determinam seus critérios de qualificação e reconhecimento, ou seja, são autolegitimadoras⁷⁶. As comunidades interpretativas

⁷³ Cf. OLIVEIRA, M. A., op. cit., pp. 36-37.

⁷⁴ Idem, p. 46.

⁷⁵ KUMAR, K. op. cit., p. 146, referindo-se a GEERTZ, C. *Local Knowledge: Further Essays in Interpretive Anthropology*. Nova York: Basic Books, 1983.

⁷⁶ KUMAR, K. op. cit., p. 146 citando LYOTARD, J. *A condição pós-moderna*. op. cit.

conjugam aspectos que fogem aos universais do pensamento racional e, em sua liberdade dialógica, demonstram sensibilidade às diferenças e disposição para projetos não mensuráveis pela eficácia e produtividade. Sua lógica interna é uma lógica de alteridade e pluralidade, em formas de contratos temporários, abertos à avaliação, revisão e replanejamentos, onde confluem significados propostos e novos significados, numa dinâmica de desconstrução e novas construções interpretativas⁷⁷.

Reiterando essa análise, estamos em um momento em que o olhar retrospectivo nos auxilia a não aceitar uma padronização absoluta ou o estabelecimento de regras hegemônicas para a sociedade⁷⁸.

A renúncia a qualquer tipo de fundamento significa curar a humanidade da doença platônica e metafísica e efetivar a passagem para um pensamento da contingência, o que implica antes de tudo que somos radicalmente dependentes de nossos sistemas de descrição, que nos fornecem horizontes fundamentais do mundo e de seus objetos. Nada há para além dos esquemas de interpretação, pois sempre estamos num universo de interpretação⁷⁹.

Nesse universo dinâmico toda a interpretação passa pelos processos intersubjetivos, de tal modo que a objetividade nada mais é do que o maior acordo intersubjetivo possível. As antigas verdades do paradigma moderno, de caráter dogmático e pensamento hegemônico e universal, deixam de possuir a autoridade epistêmica anterior. “A autoridade epistêmica se desloca aqui de um sujeito que conhece o mundo objetivo para uma comunidade intersubjetiva que se compreende segundo um mundo vivido e partilhado⁸⁰”.

O novo papel das comunidades interpretativas diante das construções conceituais e intersubjetivas faz pensar o universo epistemológico em que se

⁷⁷ A visão política de Lyotard se esforça para chegar a uma idéia de ‘comunidade aberta’ baseada, entre outras coisas, no ‘contrato temporário’. Este, diz Lyotard, ‘corresponde ao curso que a evolução da interação social está seguindo atualmente. O contrato temporário está, na prática, superando instituições permanentes nos domínios emocional, sexual, cultural, familiar e internacional, bem como nos assuntos políticos.’. *Ibid.*, p. 147.

⁷⁸ Para Bauman estamos em um momento privilegiado, pois podemos examinar retrospectivamente a Modernidade. Ele concorda com a abordagem de que o ‘pós’ de pós-Modernidade não está referido a um novo período “após” a Modernidade, mas a um novo olhar sobre suas principais características, absorvendo e revisando-a em função de completá-la, agora a examinando como num espelho retrovisor. Também Calinescu confirma que não se trata de uma nova realidade ou estrutura mental, nem mesmo de uma nova visão de mundo, mas uma perspectiva da qual podemos formular certas perguntas sobre a Modernidade em suas manifestações gerais. Os dois pensadores são analisados em KUMAR, K. *op. cit.*, p. 150.

⁷⁹ OLIVEIRA, M. A. Pós-Modernidade. Abordagem filosófica. *op. cit.*, p. 40.

⁸⁰ *Ibid.*, pp. 40-41.

fundamenta e se orienta o Cristianismo. Porém, não significa uma barreira para o processo de evangelização, e sim mais um ponto crítico e relevante a ser considerado nos processos dialógicos internos à teologia e à eclesiologia. Acreditamos que, para além da revisão epistemológica que estas idéias provocam no saber teológico, o debate interdisciplinar aponta novas perspectivas e novas possibilidades para o pensar e o agir sistemático-pastoral.

Prosseguindo na reflexão quanto ao tema das comunidades interpretativas, veremos que os sociólogos Giddens e Beck consideram que a sociedade atual está marcada por um alto grau de refletividade. Isto é, as sociedades modernas chegaram a um ponto em que são capazes de refletirem sobre si mesmas. Os dois autores apresentam algumas distinções com relação a este marco teórico, porém coincidem no potencial reflexivo deste momento da modernização⁸¹. No papel ativo das pessoas e das relações sociais, estas são capazes de redimensionar as estruturas até aqui determinadas, num jogo dinâmico que supera a dicotomia entre as pessoas e as estruturas.

As sociedades modernas estão refletindo sobre si mesmas, uma reflexão com caráter retrospectivo, que tende a enfatizar a auto-reflexividade pessoal, como também a reflexividade comunitária, presente nos agrupamentos interpretativos. É como se a Modernidade estivesse fazendo um inventário de si mesma a fim de tomar consciência de suas possibilidades. Não ultrapassamos a Modernidade, estamos vivendo exatamente uma fase de sua radicalização⁸².

Essa dinâmica reflexiva tende a liberar a Modernidade de sua pretensão racional e linear, e desencadear seu próprio potencial de reflexão sistêmica e abrangente, numa dinâmica mais harmoniosa e plural. Beck apresenta no texto abaixo seu pensamento de que a sociedade atual experimenta uma etapa de reflexão diante dos movimentos implementados pela Modernidade clássica.

Outra Modernidade vem tomando forma. A modernização no horizonte da experiência de pré-Modernidade está sendo substituída pela modernização reflexiva(...) A modernização nos caminhos da sociedade industrial está sendo

⁸¹ A contribuição de Beck parte da distinção entre 'reflexividade' e 'reflexão'. Neste contexto, a reflexão é individualista, consciente e intencional. A reflexividade é como um 'reflexo', não é individualista nem consciente, nem intencional. Para Beck a ênfase reside na reflexividade pessoal. Já Giddens destaca o papel do entorno social na produção da reflexividade. Cf. BECK, U. GIDDENS, A. e LASH, S. *Modernização Reflexiva. Política, Tradição e Estética na ordem social moderna*. São Paulo: Unesp, 1997, p. 208 e 238; GIDDENS, A. *As Consequências da Modernidade*. op. cit., p. 45

⁸² Cf. GIDDENS, A. op. cit., p. 13.

substituída pela modernização dos seus princípios... E é esse antagonismo, que se abre entre sociedade industrial e Modernidade, que distorce nossas tentativas de proceder a um 'mapeamento social', tão acostumados estamos a conceber Modernidade nas categorias da sociedade industrial. A modernização reflexiva significa não menos, e sim mais Modernidade, uma Modernidade radicalizada contra os caminhos e categorias da sociedade industrial clássica.⁸³

Giddens avalia que há uma característica que percorre todas essas possibilidades: a natureza dinâmica da Modernidade. Ele fala de um dinamismo extremo, com caráter globalizante das instituições modernas e descontinuidades com relação às afirmações lineares e às culturas tradicionais⁸⁴.

Para melhor compreendermos as fontes dessa percepção dinâmica e movimento incessante, pontuamos dois aspectos bastante caros para o processo de Iniciação Cristã, que também sofrem uma revisão radical: a compreensão de tempo e de espaço⁸⁵.

Esse dinamismo da Modernidade deriva da separação do tempo e do espaço e de sua recombinação em formas que permitem a configuração de outras 'zonas' de agrupamento tempo-espaciais. Não há sociedade em que os indivíduos não tenham sentido de futuro, presente e passado. No paradigma pré-moderno, o tempo e o espaço se conectavam através do lugar no qual se situavam. O advento da Modernidade fomenta um novo tipo de relação tempo-espacial, não mais definido pela presença local, e sim pela ausência, vinculando situações localmente distantes e sem interação face a face⁸⁶: instala uma nova modalidade de articulação das relações sociais, ao longo de amplos intervalos de tempo e espaço, por distanciamentos históricos e geográficos, incluindo sistemas globais⁸⁷.

Essa demanda afeta tanto a subjetividade pessoal como as comunidades sociais, em suas construções linguísticas e culturais, pois as relações que estabelecem o entorno da construção da subjetividade estão sob uma outra dinâmica tempo-espaço, não mais de cunho linear, causal. As representações de

⁸³ BECK U. *Risk society: towards a new modernity*. London: Sage, 1992. Citado por KUMAR, K. op. cit., p. 153.

⁸⁴ Cf. GIDDENS, A. op. cit., p. 25.

⁸⁵ Esta nova modalidade de articulação do tempo e do espaço na sociedade contemporânea vem contribuir para refletirmos quanto a alguns elementos relevantes na ICA como, por exemplo, a relação entre a comunidade local e a comunidade global, a acolhida da Tradição e sua continuidade, a experiência litúrgica. Veremos a retomada destas características para uma análise relacionada ao processo de ICA no 4º. Capítulo de nosso trabalho.

⁸⁶ Cf. GIDDENS, op. cit., pp. 25-27.

⁸⁷ Cf. GIDDENS, A. *Modernidade e Identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, pp. 22-26.

tempo e de espaço tornam-se múltiplas, podem atravessar a linearidade histórica e estabelecerem outros e novos vínculos interpretativos e culturais.

Assim sendo, as comunidades interpretativas são, por um lado, protagonistas de um tempo real, reestruturam o cotidiano e os conceitos, e fundam novos significados. E, no mesmo ritmo, são afetadas por novas construções, vivendo um processo de construção e desconstrução contínuas⁸⁸.

Prosseguindo nessa reflexão, o caráter globalizante inerente à Modernidade dirige nossa atenção para o distanciamento tempo-espaço e as complexas relações entre envolvimento locais e interações através de distâncias⁸⁹. Os mecanismos de aproximação e encurtamento de distâncias estabelecem vínculos entre espaços sociais em escala mundial. Podem ligar localidades distantes de tal forma que ocorre uma articulação entre estas⁹⁰.

De acordo com esta análise, as conexões entre presença e ausência se estabelecem em outras coordenadas, nas quais é possível articular o micro e o macro, o local e o global, a tradição e a experiência presente. Vejamos o que Giddens afirma sobre esta dinâmica provocada pela globalização.

A globalização pode assim ser definida como a intensificação das relações sociais em escala mundial, que ligam localidades distantes de tal maneira que os acontecimentos locais são modelados por eventos ocorrendo há muitas milhas de distância e vice-versa⁹¹.

Essa circularidade provocada pela globalização pode dar a impressão de que o mundo deixou de ser mistério, se tornou conhecido e apreendido em suas diversas formas e culturas. No entanto, esta percepção inicial não é verdadeira, nem para o mundo social, nem para os especialistas. Considerando as vivências pessoais e sociais, há uma série de consequências involuntárias e uma intensa

⁸⁸ Id., *As Consequências da Modernidade*. op. cit., p. 42.

⁸⁹ Id., *Modernidade e Identidade*. op. cit., p. 69.

⁹⁰ Vale a pena sublinhar que estas articulações entre localidades distantes fazem parte do processo de globalização, o qual ainda está firmado sob bases ilusórias no que diz respeito a haver uma aproximação real entre os espaços sociais. A globalização que ocorre através dos meios de comunicação provoca uma convergência de momentos, como se o que acontece do outro lado do planeta fosse real. Contudo, há uma distância ideológica entre o fato real e a notícia que alcança o outro extremo. Sobre este tema ver SANTOS, M. *Por uma outra globalização*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

⁹¹ GIDDENS, A. op. cit., p. 69.

circularidade do conhecimento, que afeta o mundo social de tal forma que nunca se configura um meio ambiente estável em termos de entrada de conhecimento⁹².

Para concluirmos esta etapa de nosso trabalho, retomemos alguns aspectos relevantes para nossa elaboração. A partir da última característica aqui apresentada, que consiste no caráter dinâmico do paradigma atual, levamos em conta a complexidade dos fatores elencados, sua articulação incessante e variedade de perspectivas.

1. A natureza dinâmica da Modernidade, com sua característica globalizante e, ao mesmo tempo, de desconstruções e reconstruções intermitentes com relação às afirmações lineares e às culturas tradicionais;

2. O questionamento das doutrinas ortodoxas e a revisão de sua validade, as muitas possibilidades de reconstrução e de novas sínteses;

3. A presença dos pluralismos, as dificuldades com a alteridade e, por outro lado, a incorporação da alteridade, abrindo para a relação dialógica;

4. A interação e o agir intersubjetivo entre pessoas e sociedades, a modernização reflexiva como auto-reflexão, crítica e abertura, início de um novo processo de reflexão dos grupos interpretativos;

5. A importância dada à relação entre cultura e sociedades, e entre as culturas locais. A busca de identidades coletivas e de experiências compartilhadas; as comunidades interpretativas com seus novos saberes e dinamismos próprios;

6. As novas relações de tempo e espaço, configurando novos agrupamentos; as relações entre o micro e o macro, a ilusão do saber globalizado e acessível a todos os grupos sociais.

Não estamos diante de um processo simples de análise, e nem mesmo pretendemos adentrar por esse caminho numa elaboração de tamanha complexidade interdisciplinar. Cientes de que todo olhar tem seu campo epistemológico delineado, reforçamos que o filtro aqui apresentado visa uma aproximação interdisciplinar que nos auxilie no diálogo entre o particular e o comunitário, entre o local e global, no qual se dá a Iniciação Cristã de Adultos.

1.1.2

Um novo processo de reflexão a partir das relações intersubjetivas

⁹² Ibid., pp. 153-154.

Na sua gênese, a Modernidade instaurou um novo princípio para a ordenação e para a compreensão do mundo: a subjetividade, ou seja, o sujeito humano como medida de todas as coisas, como referência primeira e última⁹³. “O primeiro nome moderno da identidade é a subjetividade”⁹⁴, afirma Boaventura Santos. Nesse primeiro momento, a autonomia do sujeito assume o controle do mundo e das coisas, toma o lugar de Deus como princípio ordenador do mundo. É o sujeito quem ordena a vida social e a vida pessoal. Ao mesmo tempo, descobriu-se parcial, incompleto, não definitivo, e se defrontou com seus próprios limites, como a ordenação da natureza, a presença do outro nas relações interpessoais, a imprevisibilidade do avanço tecnológico e científico e a busca de transcendência⁹⁵.

Contudo, como já vimos anteriormente, esse paradigma ainda não se esgotou, e vem gerando novas perspectivas para as relações interpessoais e para o relacionamento da pessoa humana com a realidade. A tão proclamada autonomia se vê desafiada pelo aspecto dialógico e, por isso mesmo, necessita rever sua forma de pensar a construção da subjetividade, os projetos pessoais e coletivos.

Libanio nos adverte sobre a importância de ampliar os horizontes estreitos desta nova subjetividade, desenvolvendo um esforço teórico que consiste em evitar uma compreensão subjetivista ou individualista da subjetividade, em oposição ao social, ao comunitário, ao histórico⁹⁶. Este aspecto, já considerado na etapa anterior, conforme os autores Giddens e Beck, é confirmado por Boaventura Santos.

⁹³ Cf. BINGEMER, M. C. L. op. cit., p. 19.

⁹⁴ BOAVENTURA SANTOS, S. op. cit. p. 136.

⁹⁵ Estamos cientes de que há outras correntes de pensamento que não consideram desta forma a construção da subjetividade e das redes de intersubjetividade. Por exemplo, um tema ainda em debate é o conceito de ‘pensamento débil’ que, tanto R. Rorty como G. Vattimo trabalham como virada paradigmática da metafísica, hoje representado no pragmatismo e na hermenêutica. Eles apontam para uma reação contra o racionalismo moderno que gerou, em muitos ambientes, uma fragilidade ou mesmo incapacidade reflexiva. O papa João Paulo II, na Carta Encíclica *Fides et Ratio*, chega a alertar para o perigo do pensamento débil para a fé, podendo reduzi-la ao mito ou superstição. Por isso mesmo, o Sumo Pontífice exorta para que se eduque para uma fé madura, adulta. (FR 48) Contudo, para fins dessa elaboração, optamos por não nos dedicarmos a este conceito. Cf. JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Fides et Ratio*. Sobre as relações entre Fé e Razão. São Paulo: Paulinas, 1998.

⁹⁶ Cf. LIBANIO, J. B. op. cit., 23 e RUBIO, A.G. *Unidade na Pluralidade*. op. cit., p. 45ss.

Boaventura Santos amplia o tema da subjetividade, apresentando uma passagem, que vai do sujeito único e soberano àquele que estabelece uma rede de relações, onde se combinam várias subjetividades⁹⁷.

A noção de reflexividade torna-se uma categoria normativa, pois concebe o pensamento e a ação em movimento dialógico, constantemente refratados entre si⁹⁸. As práticas sociais são examinadas e reconfiguradas a partir das informações, também em movimento. Entretanto, não são práticas anônimas, mas são constituídas por seus atores, com permanente relação de seus esquemas conceituais e significados.

A partir desta relação dinâmica, as formas de conhecimento de caráter local e a confluência de conhecimentos derivados das informações recebidas e elaboradas no grupo⁹⁹, conduzem a novas recombinações locais¹⁰⁰. Aquela individualização, própria da primeira Modernidade, dá espaço a uma autonomia que se constitui através das relações sociais. Este é o dinamismo da modernização reflexiva, que envolve a interação constante e ações que vão para além das estruturas, configurando um movimento de autonomia e libertação, de desconstrução e novas reconstruções significativas.

A reflexividade gerada nas relações intersubjetivas implica em um relacionamento entre pessoas, entre mundos com significados compartilhados. Para tanto, estão fortemente presentes as trocas simbólicas e identidades partilhadas, que engendram um dinamismo comunitário¹⁰¹.

Retomando o pensamento de Habermas, ele vai ponderar que é na interação comunicativa que os atos da linguagem são potencialmente reivindicações de sua validade discursiva. É uma reflexividade que tem por base o agir dialógico, intersubjetivo, no qual ocorrem os pré-entendimentos e suposições básicas que são do domínio da hermenêutica¹⁰². Contudo, estas significações

⁹⁷ Cf. BOAVENTURA SANTOS, S. op. cit., p. 107.

⁹⁸ Cf. GIDDENS, A. *As consequências da Modernidade*. op. cit., p. 45.

⁹⁹ A produção reflexiva possivelmente só ocorre na presença de níveis ótimos de fluxo de informação e aquisição de conhecimento (ou processamento da informação). E alguns modos de controle institucional das estruturas de informação são favoráveis à produção reflexiva, enquanto outros não o são. Cf. LASH, S. A reflexividade e seus duplos: estrutura, estética, comunidade. In: GIDDENS, A. *Modernização Reflexiva*. op. cit., p. 148.

¹⁰⁰ Cf. GIDDENS, A. vida em uma sociedade pós-tradicional. In: *Modernização Reflexiva*. op. cit., p. 105.

¹⁰¹ Cf. LASH, S. op. cit., p. 149.

¹⁰² Cf. HABERMAS, J. *Teoría de la acción comunicativa I*. Racionalidad de la acción y racionalización social. Madrid: Taurus, 1987, pp. 189-190.

compartilhadas pressupõem a existência de práticas igualmente experimentadas, com propósitos afins¹⁰³. Será através das práticas experimentadas pelos protagonistas deste agir intersubjetivo que as representações assumem seus significados. O pensamento de Lash confirma a análise de Habermas: “Neste contexto, as práticas compartilhadas têm objetivos ou um *telos* que as orienta e que são estabelecidas internamente à prática”¹⁰⁴. São parcerias que envolvem significações, práticas e obrigações compartilhadas.

Essa reflexividade não tem por base as estruturas sociais, mas a compreensão das categorias que se integram, das significações compartilhadas em que se fundamentam e se movem. É uma reflexividade hermenêutica¹⁰⁵. Os sujeitos principais dessa inter-relação são as próprias pessoas, em sua construção pessoal e configuração coletiva, sejam elas cientistas, pessoas comuns, especialistas, em grupos institucionais ou não¹⁰⁶. É um processo que instaura uma democracia dialógica, a partir das experiências comuns e dos significados comunicados e construídos conjuntamente.

Essa inter-relação entre as pessoas e as sociedades, capaz de reconstruir conceitos e construir novos significados comuns, se estende a toda a realidade. Ela interpela o olhar científico que se defronta com uma rede complexa de relações entre o pesquisador e o objeto da pesquisa, entre pessoa e meio ambiente, entre as mais diversas linguagens do pensamento e do relacionamento da pessoa humana consigo mesmo, com os outros e com o mundo.

Segundo a análise desses autores, percebe-se o emergir de uma nova subjetividade, gerada na dinâmica das intersubjetividades, que contrasta com a perspectiva fragmentada e atomizada do ser humano predominante na ciência

¹⁰³ É importante aqui a distinção entre coletividade e comunidade. As coletividades supõem apenas interesses compartilhados. As comunidades supõem significados compartilhados. Os partidos políticos e as classes sociais não são comunidades, são tipicamente agregações dos interesses de grupos. Grupos de indivíduos podem compartilhar conjuntos de propriedades ou características, mas serem ainda completamente atomizados um em relação ao outro. Os nichos de mercado compartilham propriedades mas não são comunidades. Pessoas que lêem o mesmo jornal ou assistem à mesma novela compartilham apenas uma comunidade imaginada. Cf. LASH, S. op. cit., pp. 189-192.

¹⁰⁴ Ibid., p. 188.

¹⁰⁵ Ibid., pp. 199-200.

¹⁰⁶ Para Giddens, a modernização reflexiva é caracterizada pela abertura experimental e pela democracia dialógica, mas continuam a persistir conjuntos inteiros de fenômenos que são muito claramente não-reflexivos. BECK, U. Autodissolução e auto-risco da sociedade industrial: o que isso significa? In: GIDDENS, A. *Modernização Reflexiva*. op.cit., p. 208; LASH, S. Sistemas especialistas ou interpretação situada? Cultura e instituições no capitalismo desorganizado. In: GIDDENS, A. *Modernização reflexiva*. op. cit., p. 240.

moderna. Além disso, inicia-se um processo de superação do individualismo radical com suas consequências, e entra em cena a perspectiva de abertura, a relação dialógica, resultado da imbricada inter-relação abrangente e sistêmica. Estas considerações em muito auxiliam à nossa perspectiva de analisar o processo de ICA na sociedade atual, e nos ajuda a encontrar fundamentos conceituais e caminhos metodológicos para sua trajetória.

1.1.3

A relação dialógica como fundamento no Cristianismo

A subjetividade moderna não se dá como “um dado fixo, imutável, ontológico, que apenas capta a realidade, sem ser afetado por ela”¹⁰⁷. A antropologia moderna conduziu ao fechamento sobre a própria subjetividade, ao esquecimento do outro, chegando mesmo à rejeição do outro. Todavia, o sujeito centrado nos extremos da racionalidade e presunçoso de seu potencial de transformar a realidade, tornou-se presa do próprio individualismo. Ao colocar fora de seu horizonte de pensar e agir toda a alteridade¹⁰⁸, conduziu as relações fundamentais a tal estreitamento que acabou por comprometer sua própria sobrevivência. Além disso, descobriu que não há subjetividade sem alteridade, esta é constituída *na e pela* relação. É o outro que interpela, convida a ser, propõe a originalidade da pessoa. O outro é condição de possibilidade do emergir da subjetividade, e instaurando um dinamismo incessante na construção das subjetividades.

A antropologia teológica, fundada no pensamento judaico-cristão, compreende a pessoa como um feixe de relações, e fundada não em si mesma, mas na alteridade, na redescoberta do princípio dialógico¹⁰⁹.

¹⁰⁷ LIBANIO, J. B. op. cit., p. 82.

¹⁰⁸ A Modernidade experimenta a tensão dialética entre a busca de emancipação do indivíduo e a denúncia dos limites e das pretensões desta razão emancipante. Ela desmascara as quedas e as incompletudes causadas pela sede de totalidade que o homem emancipado por fim produziu. O passo para o reconhecimento dos limites desta autonomia reside no reconhecimento do outro, de que a razão moderna não é tudo, na abertura a uma consciência de sair de si e de acolhida do outro. Cf. FORTE, B. op. cit., pp. 18-23.

¹⁰⁹ A relevância da categoria de alteridade é sinalizada pela variedade de abordagens transdisciplinares em torno do tema. Sua complexidade e abrangência bibliográfica não permite que, nos termos deste trabalho, tenhamos a ousadia de tratá-lo em poucas linhas. Para aprofundar sugerimos as excelentes obras de E. LEVINAS, entre outras: *Ética e infinito*. Lisboa: Ed. 70, 1988;

O aparato crítico filosófico e sociológico que trouxemos até aqui carece de um dado fundamental para nossa análise - o dado da fé -, razão e fundamento da abordagem teológica. Nessa etapa, vejamos o que a teologia tem a nos dizer sobre o tema da construção da subjetividade nesse tempo de tantas mudanças, e como vem dialogando com os desafios que se apresentam à evangelização¹¹⁰.

Os primeiros sinais de atenção à emergência desse diálogo foram anunciados por João XXIII, ao convocar o Concílio Vaticano II, como ‘*aggiornamento*’¹¹¹, ou seja, como uma atualização da Igreja, dialogando com o mundo moderno, onde o Cristianismo deveria fazer-se presente e atuante. A Igreja, consciente de suas dificuldades em realizar o mandato missionário em tempos modernos, se abre à necessidade de mudanças profundas¹¹².

O Concílio Vaticano II foi o evento máximo de diálogo da Igreja com a Modernidade. Significou claramente uma mudança de rumo proveniente de uma nova visão das relações entre Igreja e mundo¹¹³. A eclesiologia do Concílio reflete a Igreja como “sacramento, ou seja, sinal e instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano”¹¹⁴ e, conseqüentemente, voltada para sua missão evangelizadora: “*Que todos sejam um, para que o mundo creia*” (Jo 17,21). Esta é a oração de Jesus Cristo por sua Igreja. Ele pediu para ela que viva a unidade, segundo o modelo da unidade trinitária (cf. GS 24). A unidade pedida por Cristo para os seus discípulos constitui uma participação na unidade existente entre o Pai e o Filho. A oração de Jesus aponta para a comunidade, possui um significado eclesial, orientando para uma Igreja centrada na Trindade revelada, projetada para o mundo, à missão, aos cristãos de outras Igrejas e às outras religiões¹¹⁵. A Igreja compreende a si mesma como serva do projeto de Deus,

El tiempo y el otro. Barcelona: Paidós, 1993; *Humanismo do outro homem*. Petrópolis: Vozes, 1993; *Totalidade e infinito: Ensaio sobre a exterioridade*, Lisboa: Ed. 70, 2000; *Transcendência e Inteligibilidade*. Lisboa: Ed. 70, 1984.

¹¹⁰Para esta reflexão trabalharemos com os principais documentos do Magistério que trataram sobre o tema do diálogo da fé com o paradigma moderno, e obras de teólogos sistemáticos: M. C. L. Bingemer, Cl. Boff, A. Castiñeira, B. Forte, C. Geffré, J.I. González Faus, J. B. Libanio, H.C. Lima Vaz, K. Rahner e A. G. Rubio.

¹¹¹ O verbo *aggiornare*, é italiano, e tem o significado de revisão, renovação, ‘fazer dia’.

¹¹² Cf. JOÃO PAULO II, *CL*, n. 2.

¹¹³ Cf. GONZÁLEZ FAUS, J.I. *Desafio da Pós-Modernidade*. São Paulo: Paulinas, 1995, 53.

¹¹⁴ *LG*, n. 1.

¹¹⁵ O Concílio Vaticano II apresenta uma estrutura bastante sistematizada em seus documentos, nos quais trata das dimensões de diálogo com a sociedade contemporânea em sua especificidade sem perder a unidade de proposta filosófica e teológica que inspira todo o evento conciliar. Os documentos conciliares mais importantes expressam essa atenção às diversas ‘faces’ do diálogo com a Modernidade: a dimensão eclesial como comunhão e participação - *Lumen Gentium* -, a

missionária no mundo, dando prosseguimento à prática de Jesus Cristo. A atenção aos ‘sinais dos tempos’ e às mudanças na história humana são meios imprescindíveis para o estabelecimento do processo dialógico¹¹⁶.

João Paulo II, em sua Carta Apostólica *Tertio Millennio Adveniente* insiste sobre a importância do Concílio Vaticano II e diz que a passagem para o novo milênio “não poderá exprimir-se senão pelo renovado empenho na aplicação, fiel quanto possível, do ensinamento do Vaticano II à vida de cada um e da Igreja inteira”¹¹⁷. O Concílio desperta em toda a Igreja “uma consciência nova da missão salvadora recebida de Cristo”¹¹⁸.

Os ventos renovadores do Concílio Vaticano II ainda sopram convocando a Igreja ao diálogo permanente, à renovação humilde e focada em sua razão de ser, no mandato missionário deixado por Jesus Cristo. Novos documentos, sínodos, assembleias, procuram estar atentos à necessária reflexão e revisão das práticas pastorais, como também, da fundamentação teológica que as embasa e orienta. São muitas as situações que revelam novas possibilidades de ação pastoral e grande criatividade, assim como atenção ao discernimento e avaliação permanente. Sobre o papel da teologia diante desta articulação fecunda vale a pena citar o texto na íntegra da teóloga Lina Boff.

O conjunto das práticas pastorais – a pregação da Palavra, os ensinamentos dos mistérios divinos, o testemunho e missão –, constituem a temática da teologia pastoral. Sob este perfil ‘tudo e todos’ na Igreja são objeto da pastoral; cada fato e cada fenômeno conecta com a vida concreta da Igreja: catequese, liturgia, ensinamento do Magistério eclesiástico, trabalho teológico, ação caritativa¹¹⁹.

Em unidade com o Magistério da Igreja, a teologia procura estar atenta à Revelação dinâmica e fecunda de Deus na Criação. Debruça-se nas grandes

dimensão missionária da Igreja - *Ad Gentes* -, a dimensão do anúncio bíblico e da catequese - *Dei Verbum* -, a dimensão ecumênica e de diálogo inter-religioso - *Unitatis Redintegratio* e *Nostra Aetate* -, a dimensão sócio-transformadora - *Gaudium et Spes*.

¹¹⁶ Muitos renomados teólogos têm se dedicado à análise do Concílio Vaticano II, assim como os acontecimentos no decorrer do Concílio e no pós-Concílio, o que evidencia os traços de aproximação e distanciamento da Modernidade por parte da Igreja. Para aprofundar este aspecto sugerimos LIBANIO, J. B. *Concílio Vaticano II: em busca de uma primeira compreensão*. São Paulo: Loyola, 2005; BEOZZO, J. O. (org.) *A Igreja do Brasil no Concílio Vaticano II: 1959-1965*. São Paulo: Paulinas, 2005; GONÇALVES, P.S.L. e BOMBONATO, V. I (orgs.). *Concílio Vaticano II. Análise e Prospectivas*. São Paulo: Paulinas, 2004.

¹¹⁷ JOÃO PAULO II. *Exortação Apostólica Tertio Millennio Adveniente*. 1994, n. 20. Disponível em: <<http://www.vatican.va>> Acesso em: 22 de junho de 2007.

¹¹⁸ TMA, n. 21.

¹¹⁹ BOFF, Lina. *Espírito e Missão na Teologia. Um enfoque histórico-teológico:1850-1930*. São Paulo: Paulinas, 1998, p. 88.

questões da fé, mas que, por sua própria natureza, permanecem abertas, num movimento radical de diálogo com a humanidade e sua história. A cada novo cenário cultural, a teologia necessita aguçar os ‘ouvidos’ e sintonizar a Revelação presente na Palavra e no Magistério, na Criação em dinamismo e complexidade, em busca da unidade na diversidade, do diálogo que se abre sem perder seus princípios fundantes¹²⁰. O teólogo F. Pastor sistematiza no texto abaixo o dinamismo do ‘fazer teológico’.

A teologia precisa prestar uma atenção particular ao momento do *auditus fidei*, recebendo a doutrina revelada na Palavra divina, segundo a Escritura e a Tradição; ou seja, estar em íntima relação com o *depositum fidei*, nos seus desdobramentos teológicos, cristológicos e antropológicos, aprofundando os aspectos objetivos (*fides quae creditur*) e subjetivos (*fides qua creditur*)¹²¹.

Cl. Boff nos lembra o primado da fé - ‘a fé viva engole toda teologia¹²², -, ou seja, o que está na base da teologia é a história da relação entre Deus e o ser humano. É o agir amoroso e revolucionário de um Deus que se entrega continuamente ao diálogo com seus filhos e filhas, um Deus que não se esgota em categorias e delimitações, e que suscita a resposta histórica, contextualizada e livre de cada ser humano.

A teologia, *fides quaerens intellectum*¹²³, o *logos*¹²⁴ da fé, elabora suas categorias e seu discurso a partir destes dois elementos, a fim de se pronunciar a serviço da Revelação de Deus que se dá na história de homens e mulheres concretos.

Para delinear a fundamentação teológica em diálogo com a sociedade contemporânea veremos alguns temas que se entrecruzam:

¹²⁰ Sobre o exercício teológico ver BOFF, Cl. *Teoria do método teológico*. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 95.

¹²¹ PASTOR, F. A. Teologia e Modernidade: alguns elementos de epistemologia teológica. In: TRASFERETTI, J. e GONÇALVES, P. S. L. op. cit., p. 74.

¹²² BOFF, Cl. op. cit., p. 95.

¹²³ Expressão clássica de Santo Anselmo que significa – a fé que procura a inteligência, desejosa de saber, em busca da luz da Revelação.

¹²⁴ Nos referimos ao conceito sapiencial de *logos*, assumido no prólogo de João, onde o *logos* não é apenas a razão, proveniente da compreensão grega, mas a palavra-sabedoria preexistente e que se faz ‘carne’ (Eclo 24; Fl 2,6; Jo 1,1-18). O ‘fazer teológico’, enquanto ‘*logos* da fé’, deve trabalhar no âmbito da compreensão bíblica deste termo. Outro termo que deve ser somado ao de *logos*, para uma melhor compreensão quanto ao “fazer teológico”: é o termo *dabar*. A etimologia do termo *dabar* nos remete ao significado da palavra “que sai da boca” (Nm 30,13), mas que tem sua fonte no coração. Na teologia, esta compreensão deve estar sempre próxima à concepção de *logos*, a fim de que teologia seja palavra que integre a racionalidade necessária enquanto método e sistematização do conhecimento, como também palavra carregada de sentido, que traz a experiência humana integral ao se articular como expressão de fé e testemunho.

1. A antropologia judaico-cristã, a pessoa humana em suas diversas dimensões inter-relacionadas, compreendida como feixe de relações: consigo mesma, com os outros, com o mundo e com Deus¹²⁵;

2. O tratado da Revelação que nos oferece a dinâmica dialogal de Deus com os homens e mulheres de cada tempo, autocomunicação e alteridade radical que amorosamente revela Seu mistério e pedagogicamente acompanha e orienta o processo livre e responsável dos seres humanos¹²⁶;

3. A antropologia transcendental, o fundamento originário da pessoa humana, ouvinte da Palavra, aberto à dinâmica da Revelação¹²⁷;

4. A perspectiva hermenêutica das relações dialógicas, tanto no diálogo entre Deus e o homem, como nos agrupamentos sócio-comunitários, na relação com o meio ambiente, com o cosmos, com as sociedades e culturas¹²⁸;

5. A originalidade da experiência trinitária, Deus se revela comunhão e sociedade, comunicação e dinamismo amoroso, projeto comum e relação aberta¹²⁹.

Concebida pela antropologia judaico-cristã como um nó de relações, como complexidade, a pessoa humana tem sua identidade configurada dialogicamente e não isolada ou individualmente. Nosso pressuposto teológico é a própria Revelação, processo de diálogo de Deus com o homem. É dinâmica na qual proposta de Deus e resposta humana estão sempre mutuamente implicadas. Essa experiência dialógica na relação entre Deus e o ser humano foi vivida de maneira plena em Jesus Cristo¹³⁰, em sua vida de abertura-disponibilidade ao Pai e no amor-serviço aos irmãos¹³¹. É um diálogo que se caracteriza pela alteridade radical. No dizer de K. Rahner, um diálogo com o fundamento último do ser

¹²⁵ Cf. RUBIO, A. G. op. cit.

¹²⁶ Cf. CONCÍLIO VATICANO II. Documentos do Vaticano II, Constituição Dogmática *Dei Verbum sobre a Revelação Divina*, 1965, n. 2.

¹²⁷ Cf. RAHNER, K. *Curso Fundamental da Fé*. São Paulo: Paulinas, 1989.

¹²⁸ Cf. GEFFRÉ, C. *Como fazer teologia hoje*. Hermenêutica teológica. São Paulo: Paulus, 1989.

¹²⁹ Cf. BINGEMER, M. C. L. e FELLER, V. *Deus Trindade: a vida no coração do mundo*. Espanha: Siquem, 2002.

¹³⁰ Na mística cristã, esse outro, essa alteridade, tem o componente antropológico no centro de sua identidade, uma vez que o Deus experimentado se fez carne e mostrou um rosto humano. Longe de provocar uma experiência intimista e descomprometida com o outro, a mística cristã configura a pessoa na dinâmica relacional onde é a alteridade que se torna o horizonte de seu agir. Cf. BINGEMER, M. C. L. A alteridade e seus caminhos. In: FABRI, M. op. cit., p. 103.

¹³¹ Cf. RUBIO, A. G. op. cit., p. 246ss.

humano, com Aquele que não é objeto ao lado de outros objetos e é “correspondência absoluta à transcendentalidade humana”¹³².

A pessoa responde à proposta revelada por Deus nas situações concretas, históricas, contextualizadas. É uma experiência processual, em que a pessoa escuta a Palavra¹³³, a acolhe e se deixa revolucionar por ela, reorientando sua vida a partir dos novos referenciais que se lhe abrem. Na resposta humana, a Revelação vai adquirindo sentido e atualidade. Libanio descreve a fé como um elemento que envolve o ser humano integralmente, vejamos abaixo seu texto original.

A fé envolve o ser humano na sua totalidade. Somos afeto, razão, consciência, liberdade, sensibilidade e relações tanto pessoais como sociais. Mergulhando em nosso eu profundo, descobrimos camadas escuras do inconsciente que afloram para além do domínio de nosso eu. Somos ação, práxis. Vivemos tempo e eternidade. Marcam-nos categorias do espaço e o escandir do relógio. E quando esse ‘eu complexo’ crê, aparece a realidade pluridimensional do ato de fé¹³⁴.

O que a teologia compreende por Revelação, é a história dessa relação dialógica entre Deus e os homens. É o ‘levantar a ponta do véu’¹³⁵, em que o mistério permanece. Designa, ao mesmo tempo, a ação de Deus na história e a experiência de fé do Povo de Deus que se traduz numa expressão interpretativa dessa ação¹³⁶.

Segundo K. Rahner, a experiência de fé é, antes de tudo, uma experiência transcendental, pois a referência originária do homem para com o mistério

¹³² RAHNER, K. *Teologia e Antropologia*. São Paulo: Paulinas, 1969, p. 23.

¹³³ A expressão ‘ouvinte da Palavra’ de K. Rahner é um marco teórico de sua teologia, é o método transcendental de E.Kant aplicado à teologia. Em K. Rahner a estrutura transcendental da pessoa humana já é participação na realidade transcendente que é Deus e significa uma estrutura apriorística do conhecer e do agir humano. Cf. RAHNER, K. *Curso Fundamental da Fé*. op. cit., pp. 37-59.

¹³⁴ LIBANIO, J. B. Desafios da pós-Modernidade à teologia fundamental. In: TRASFERETTI, J. e GONÇALVES, P. S. L. op. cit., pp. 143-144.

¹³⁵ Segundo H. Kung, somente Deus é Deus, e mesmo numa experiência bem íntima e pessoal de Deus, a pessoa não experimenta a realidade mesma de Deus, em sua imediatez e totalidade. O que podemos experimentar é a presença, a proximidade e a irradiação de Deus. A Bíblia utiliza a palavra hebraica “*kabod*” e o termo grego “*doxa*”, que traduzimos por “glória” de Deus. Experimentamos, portanto a “glória” de Deus em nós: a manifestação, o esplendor, o reflexo, a irradiação de Deus. Em nenhum momento fica subtraída a transcendência de Deus em toda imanência. Mesmo quando intimamente em nosso aquém, ele continua sempre além. Mesmo quem for totalmente possuído por ele, não pode possuí-lo jamais. Cf. KUNG, H. Redescobrir Deus. *Concillium* 22. Petrópolis: Vozes, 1990, p. 98.

¹³⁶ GEFFRÉ, C. *Le christianisme au risque de l'interprétation*. Paris : Du Cerf, 1983, p. 200. Citado por LIBANIO, J. B. *Teologia da Revelação a partir da Modernidade*. op. cit., p. 166.

absoluto é um existencial permanente deste enquanto sujeito espiritual¹³⁷. De acordo com esta chave de leitura, ao refletirmos sobre a experiência humana na fé, não podemos esquecer dessa modalidade originária, de caráter ontológico. Por isso mesmo, a teologia é antropologia transcendental e a Revelação refere-se à essência mesma do ser humano. Na criatura humana estão as condições de possibilidade para que esta possa acolher o dom da autocomunicação do Criador, como ouvinte da Palavra de Deus na história.

Nesse ponto estamos no coração de nossa pesquisa. Esta chave hermenêutica da dinâmica da Revelação é prioritária no processo de Iniciação Cristã de Adultos.

A experiência transcendental é uma experiência de abertura radical, uma experiência que anima a partir de dentro toda atividade categorial exercida pelo sujeito. Esta experiência transcendental presente em toda criatura humana reflete a presença do mistério de Deus e dinamiza a realidade do sujeito em sua busca infinita. Trata-se de um mistério que é “horizonte infinitamente longínquo”, mas também “proximidade acolhedora”¹³⁸. Não é algo que advém ao sujeito, mas alguém que está dado e lhe é familiar, habitando sua dimensão de profundidade. Antes mesmo que o ser humano se disponha a buscar o mistério de Deus, é este mesmo mistério que se manifesta como um dom gratuito. O ser humano está ontologicamente condicionado à relação transcendental, e é nela que encontra sua identidade e realização.

Esta antropologia rahneriana aplicada à experiência da Iniciação Cristã é todo o contrário da doutrinação que caracterizou por tanto tempo a transmissão da fé, na medida em que só se pode falar de Deus a partir da experiência humana e não proceder desde fora, como se Deus vivesse isolado e não houvesse ainda se comunicado com a pessoa. A estrutura transcendental já é participação na realidade transcendente que é Deus.

No que concerne à racionalidade moderna, em muitas ocasiões, ela parece ter sufocado toda possível experiência de encontro, de alteridade. No entanto, na contramão do fechamento radical da pessoa em si mesma, encontramos reflexões no campo das ciências humanas, que se fazem parceiras do Cristianismo e sua missão, por confirmarem a abertura dialógica do ser humano - para o outro e para

¹³⁷ Cf. RAHNER, K. *Curso Fundamental da Fé*. op.cit., p.69ss.

¹³⁸ Cf. RAHNER, K. op. op. cit., p. 163.

a outra, para o meio ambiente e para o cosmos, para o encontro com o Transcendente -, como único caminho para a realização do projeto de humanização¹³⁹.

Libanio aponta para o emergir de uma nova subjetividade, onde “as quatro relações fundamentais do ser humano – consigo mesmo, com os outros, com a natureza e com o Transcendente – vêm se modificando radicalmente”¹⁴⁰. No entanto, adverte que não encontramos esta subjetividade já construída, e sim como tarefa para a evangelização¹⁴¹. Dentro dessa nova leitura de pessoa e das relações, a racionalidade não perde espaço, mas deixa de ser hegemônica e inicia uma experiência de inclusão, de diálogo, de intuição, de comunicação, de criatividade¹⁴².

Em todo este complexo panorama, surge ainda o questionamento quanto à relação com o Transcendente. Este recebeu vários nomes, e as experiências religiosas se multiplicaram¹⁴³. No entanto, há uma perspectiva comum que permeia uma nova compreensão do divino. Esta consiste na concepção do Transcendente como sentido, como realidade última, como mistério para onde se direcionam o humano e o cosmos em busca de harmonia e de paz plena¹⁴⁴.

Segundo H. Lima Vaz, “o ser humano é interioridade espiritual, é inteligência aberta às realidades transcendentis”¹⁴⁵. Essa antropologia é

¹³⁹ Cf. CASTIÑEIRA, À. *A experiência de Deus na pós-Modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1997, pp. 145-147.

¹⁴⁰ LIBANIO, J. B. *Eu creio, nós cremos*. op. cit., pp. 54-55.

¹⁴¹ Cf. LIBANIO, J. B. Itinerário da fé hoje. A propósito da teologia da fé. In: HACKMANN, G. *Sub umbris fideliter*. Festschrift em homenagem a Frei Boaventura Kloppenburg. Porto Alegre EDIPUCRS, 1999, pp. 185-214.

¹⁴² Também as relações sociais iniciam uma dinâmica mais inter-relacional. Por outro lado, emergem os movimentos provenientes da globalização, provocando a uniformização e a hegemonia do pensamento. Diante da relação com o cosmos, a mudança é profunda e radical. A física quântica e a biologia nos trazem a idéia de sinergia e de cooperação com todo o universo. A lei mais fundamental do universo não é a competição, mas a cooperação. Cf. LIBANIO, J. B. *Eu creio, nós cremos*. op. cit., pp. 54-55.

¹⁴³ O aspecto da intersubjetividade também aqui encontra sua relevância no Cristianismo que se abre para a compreensão e o diálogo com as diversas expressões religiosas. Para aprofundar o tema ver CONCÍLIO VATICANO II. Decreto *Ad Gentes* sobre a Atividade Missionária da Igreja. 1965; PONTIFÍCIO CONSELHO PARA O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO e CONGREGAÇÃO PARA A EVANGELIZAÇÃO DOS POVOS. *Diálogo e Anúncio*, 1991; CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. Documento de Santo Domingo. op. cit.; JOÃO PAULO II. *RM*. Op. cit.; MIRANDA, M. F. *O Cristianismo em face das religiões*. São Paulo: Loyola, 1998; CONGAR, Y. *Diálogos de Outono*. São Paulo: Loyola, 1990; TEIXEIRA, F. *Teologia das Religiões*. São Paulo: Paulinas, 1995; COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. *O Cristianismo e as religiões*. São Paulo: Loyola, 1997.

¹⁴⁴ Cf. LIBANIO, J. B. *Eu creio, nós cremos*. op. cit., pp. 54-55.

¹⁴⁵ LIMA VAZ, H. C. *Humanismo hoje. Tradição e missão*. Belo Horizonte: Instituto Jacques Maritain, 2001, p. 13, citado por LIBANIO, J. B. *Desafios da Pós-Modernidade*. op. cit., p. 153.

fundamentalmente relacional. O ser humano percebe-se como subjetividade: em relação com tudo o que lhe transcende, o outro, o mundo exterior. É relação dialética, pois, na medida em que é afetado pelo mundo exterior, também interfere nele, gerando uma circularidade relacional em que ambos ganham significado, interpretação, sentido, dinâmica criativa e constante.

Identificamos dois caminhos de abordagem teológica quanto à construção da subjetividade: um transcendental e outro hermenêutico. A perspectiva transcendental foi elaborada magnanimamente por K. Rahner¹⁴⁶. Em sua antropologia, Rahner apresenta a fundamentação ontológica sobrenatural do ser humano. Todo ser humano é abertura dinâmica à transcendência e ao Mistério, “é o destinatário da autocomunicação divina, que acontece na *historia salutis*”¹⁴⁷. O ser humano é criado e chamado a uma comunhão de intimidade com o Deus da Revelação. É o gesto criador de Deus que estrutura o ser humano em sua ontologia e em sua realização, enquanto vocação última. Assim sendo, é de Deus que lhe vem sua orientação fundamental. Antes mesmo que se dê conta da pergunta fundamental que ecoa em seu íntimo, a Palavra divina o convoca de dentro de si mesmo e por meio dos sinais presentes na vida, a ir ao encontro de um projeto definitivo. Esta orientação fundamental é dinâmica, perpassa toda a vida humana, na qual Deus, em sua liberdade radical, vai sempre ao encontro de seus filhos e filhas, atraindo-os ao amor e às respostas igualmente livres e responsáveis¹⁴⁸.

A perspectiva hermenêutica aborda a contínua e histórica relação entre o sujeito que interpreta e o dado objetivo da Revelação, em sua consistência¹⁴⁹. A direção tomada por essa perspectiva é a troca em função de novas sínteses complexivas e abertas a novas hermenêuticas¹⁵⁰. Nessa dinâmica, o processo dialógico entre Deus e o homem permanece aberto.

Ao trabalhar este tema, Libanio alerta para a importância das pequenas narrativas para os tempos pós-modernos, quando ganham um cunho pedagógico, convidam à interpretação, à acolhida livre¹⁵¹. A narrativa torna-se um exercício

¹⁴⁶ Cf. RAHNER, K. *Curso Fundamental da Fé*. op. cit.

¹⁴⁷ PASTOR, F. A. op. cit., p. 84.

¹⁴⁸ Cf. RAHNER, K. op. cit., pp. 46-54.

¹⁴⁹ Sobre o tema da hermenêutica na teologia ver BOFF, Cl. *Teoria do método teológico*. Petrópolis: Vozes, 1998; FORTE, B. op. cit.; GEFFRÉ, C. *Como fazer teologia hoje*. op. cit.

¹⁵⁰ Cf. LIBANIO, J. B. *Desafios da Pós-Modernidade*. op. cit., p. 160

¹⁵¹ *Ibid.*, pp. 166-167.

para si mesmo e para o outro, pois ela necessita recolher a história na experiência, elucidar a caminhada percorrida e convida o ouvinte à escuta dialógica e hermenêutica¹⁵².

Essa perspectiva nos orienta para o centramento vital do Cristianismo no encontro com o outro, na relação dialógica, para a experiência do crer que se traduz em amor, como nos lembra a epístola joanina – “*Amemo-nos uns aos outros, pois o amor vem de Deus; e todo aquele que ama nasceu de Deus e chega ao conhecimento de Deus. Quem não ama não descobriu a Deus, porque Deus é amor*”. (1Jo 4,7) Só a experiência do amor é capaz de superar a aporia do conhecimento sem amor.

Importa para nós evidenciar que esta interpretação na qual a intersubjetividade emerge como condição para a compreensão da atual antropologia e de suas relações é fundamento teológico, revelada na concepção bíblica de pessoa como coração mesmo do projeto de Deus. A circularidade hermenêutica é, portanto, mais do que uma escolha metodológica, e sim a condição de possibilidade para que a dinâmica da Revelação encontre seu eixo dialógico entre os ‘ouvintes da Palavra’ diante de seu contexto pessoal, social e histórico.

No Cristianismo, essa experiência possui uma originalidade, ela é trinitária¹⁵³: em Cristo, o cristão crente viu, pelo dom do Espírito, a face do Pai. Em Jesus, o Deus que pode ser visto e tocado, é simultaneamente o homem que vê e toca Deus (Jo 6,46).

A experiência trinitária revela a relação de comunhão e de alteridade. Não uma comunhão que anula a identidade, mas que a assume como diferencial e enriquecedora. É relação que instaura uma nova lógica, muito diferente da lógica linear ou racional tão valorizada no advento da Modernidade. “A Santíssima Trindade funda a lógica da gratuidade, do amor, do dom. Uma lógica que está

¹⁵² Ibid. Ainda sobre o tema da narrativa, ver o paradigmático trabalho de BENJAMIM, W. *O Narrador*. Traduzido do original alemão Uber Literatur, Suhrkamp Verlag, Frankfurt am Main, 1969. In: *Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

¹⁵³ Estamos diante de mais um tema de fronteira da teologia fundamental, um tratado sobre o qual é impossível aprofundar neste espaço. Fazemos aqui apenas uma breve alusão como pressuposto teológico que devemos ter presente em nossa análise. Para aprofundar o tema sugerimos especialmente os trabalhos de BINGEMER, M. C. L. e FELLER, V. *Deus Trindade: a vida no coração do mundo*. Espanha: Siquem, 2002; BOFF, L. *A Trindade e a sociedade*. Petrópolis: Vozes, 1987; LIBANIO, J. B. *Eu creio, nós cremos*. São Paulo: Loyola, 2000; MOLTMAN, J. *Trinidad y Reino de Dios*. Salamanca : Sigueme, 1986; RAHNER, K. *Curso Fundamental de Fé*. op. cit.

além da razão e que, precisamente por isso, dá o fundamento para toda a razão humana”¹⁵⁴.

A experiência cristã inaugura uma nova realidade na experiência pessoal: a experiência de ser habitado pelo Mistério, de ser orientado internamente pelo Mistério que é fonte de vida, e que, concomitantemente, não se impõe como definitivo, mas respeita a liberdade e o processo pessoal de acolhimento dessa fonte de amor. É uma experiência mistagógica¹⁵⁵ e não uma doutrina, a experiência de um nascimento novo por obra do Espírito de Deus no seguimento de Cristo.

Esta é uma experiência antagônica a qualquer atitude de isolamento e de fechamento ao outro. É a experiência da alteridade por excelência. Experimentar Deus Trindade é ser comunhão, é criar comunhão e participar da vida na comunidade.

Buscando uma síntese parcial de nossa elaboração tenhamos presente que, ao pensarmos no processo de Iniciação Cristã de Adultos, os desafios que se apresentam no campo pastoral não são questões específicas ou particulares a uma ou outra comunidade, mas interpelações próprias da mudança paradigmática que estamos vivendo e gestando continuamente. Os desafios que a Modernidade apresentou para a subjetividade humana e suas relações postulam a reorientação dos princípios antropológicos, sociológicos, filosóficos e teológicos, numa busca interdisciplinar, uma postura dialógica, humilde e responsável.

O Magistério eclesial, respondendo à dinâmica do Espírito na história, está atento e exorta as comunidades e agentes responsáveis à revisão em busca do diálogo fecundo e à fidelidade missionária. Longe de contarmos com pressupostos defasados, compreendemos que na teologia fundamental, encontramos bases sólidas para os projetos pastorais-pedagógicos. Urge retomarmos esses fundamentos e encontrarmos metodologias que se coloquem a serviço das comunidades vivas, sob o dinamismo do Espírito.

Entre os projetos pastorais-pedagógicos que são desenvolvidos no processo de evangelização cristã, se encontra a Iniciação Cristã de Adultos, ação

¹⁵⁴ BINGEMER, M. C. L. e FELLER, V., op. cit., p. 23.

¹⁵⁵ O termo “mistagogia” significa, etimologicamente, ser conduzido para dentro do Mistério, é a pedagogia do Mistério. Este tema é central nessa tese e será aprofundado mais adiante. Contudo, não poderíamos nos furtar de contemplar a dimensão mistagógica em Deus Trindade, fonte para a mistagogia que virá a se desenvolver na caminhada da Igreja.

pastoral que constrói a própria identidade cristã, pois é fundada na ação primeira e fundamental do próprio Deus, e no acompanhamento pela Igreja.

Veremos adiante um breve quadro situacional sobre o processo de ICA no momento atual, como vem sendo percebido pelos especialistas no campo da pastoral catequética, da iniciação cristã e da liturgia¹⁵⁶. A ICA é mais do que uma tarefa pastoral, é o cumprimento do mandato missionário de Jesus aos seus seguidores e, como tal, nos convida a respondermos com fidelidade e com criatividade, para que possamos ser mediadores no encontro com Jesus Cristo.

1.2

A Iniciação Cristã com Adultos: diagnóstico e perspectivas

Em uma concepção mais tradicional, o processo de Iniciação Cristã designa a introdução catequética e sacramental nos mistérios cristãos, e está diretamente associado à iniciação sacramental dos chamados sacramentos de iniciação - Batismo, Eucaristia e Confirmação¹⁵⁷. A Igreja dos primeiros tempos compreendeu este processo como um caminho, através do qual se percorrem muitas dimensões da Iniciação Cristã: a dimensão litúrgica, o encontro pessoal com Jesus, a dimensão comunitária e, como parte integrante, a dimensão sacramental. Ou seja, considerar uma dimensão isolada da outra seria um grave equívoco, que comprometeria a Iniciação Cristã enquanto processo. Será a partir desta fundamentação teológica que delinearemos os princípios orientadores da Iniciação Cristã¹⁵⁸.

É um tema que reúne várias possibilidades de abordagem, como, por exemplo, a teologia dos sacramentos, a liturgia, a eclesiologia, o caminho catecumenal. Com tantos temas de fronteira, torna-se tarefa extremamente

¹⁵⁶ A Iniciação Cristã de Adultos reúne especialistas de diferentes campos de reflexão teológica e pastoral: a teologia pastoral, a liturgia e a catequética, a teologia sacramental, a eclesiologia. Veremos na próxima secção que, a partir do conceito de ICA que vai sendo construído, os especialistas elaboram suas análises teológicas e revisões pastorais.

¹⁵⁷ Cf. CERVERA, J.C. Iniciação cristã. In: FIORES, S. e GOFFI, T. (orgs.) *Dicionário de Espiritualidade*, São Paulo: Paulinas, 1989, pp. 573-585.

¹⁵⁸ A Iniciação cristã se dá no catecumenato, uma das instituições mais antigas e básicas da Igreja de caráter litúrgico, catequético e moral. Nasceu como etapa de preparação à vida cristã ou processo de iniciação que a Igreja exige aos convertidos adultos, para que se transforme sua fé inicial em profissão de fé explícita. Cf. FLORISTÁN SAMANES. *La Iniciación Cristiana*. In: *Phase 171*, Barcelona: Centro de Pastoral Litúrgica, 1989, p. 219. Mais adiante, aprofundaremos esta articulação entre a Iniciação Cristã e o processo catecumenal.

delicada a seleção de um caminho de aproximação teológica que não recaia na superficialidade ou em uma abordagem por demais abrangente. Neste trabalho, pensaremos a Iniciação Cristã em sua característica processual, e para tanto, nos dedicaremos aos princípios que a embasam e orientam sua prática pastoral-pedagógica.

Não deixaremos de lado os eixos teológicos acima citados: a sacramentária, a liturgia, a eclesiologia e a catequética. Eles estarão presentes em nossa reflexão como norteadores, mas não com o intuito de aprofundar cada uma dessas abordagens teológicas.

Cresce na Igreja a consciência de ser uma Igreja que vive em estado de missão, em um mundo cada vez mais secularizado e autônomo em suas instituições e valores culturais¹⁵⁹. Ser cristão não é um dado automático, herdado, conservado pelas gerações ou apoiado por uma sociedade marcadamente cristã. Os processos de evangelização vêm sofrendo uma crise diante do diálogo com o mundo moderno. Por exemplo: cresce a indiferença religiosa e a descrença, há uma crise de identidade cristã em muitos fiéis, o processo de transmissão de fé às novas gerações não é mais desenvolvido pelas famílias e escolas, há uma crise de credibilidade na dimensão institucional da Igreja, há uma separação dicotômica entre fé e vida¹⁶⁰.

Com tantas questões que se colocam para o processo de evangelização cristã, a busca de uma renovação não está tanto direcionada aos métodos de transmissão, mas à identidade e à qualidade desta. Ou seja, diante da crise que vem interpelando a missão pastoral da Igreja, seu foco se fixa no próprio anúncio querigmático, em sua fundamentação e na qualidade deste processo¹⁶¹.

Por esse motivo, a Iniciação Cristã de Adultos está no centro das atenções da Igreja que se conhece em estado de missão¹⁶². As comunidades locais vêm

¹⁵⁹ Cf. VELA, J. A. *Reiniciación Cristiana, respuesta a un bautismo "sociológico"*. Contribución a un estudio de la Estructura pastoral de la Reiniciación, a partir del Capítulo IV del OICA. Pontificia Universidad Javeriana. Roma, 1984. Tese de Doutorado, p. 111. Publicada em Estella : Verbo Divino, 1986.

¹⁶⁰ ALBERICH, E. e BINZ, A. *Catequese com Adultos: elementos de metodologia*. São Paulo: Salesiana, 2001, pp. 17-18.

¹⁶¹ Cf. BOROBIO, D. Verbete Catecumenado. In: FLORISTÁN SAMANES e TAMAYO, J. (dir.) *Conceptos fundamentales de Pastoral*. Madrid: Cristiandad. 1983, p. 99.

¹⁶² João Paulo II exorta que as comunidades cristãs sejam capazes de iniciar na fé aos seus próprios membros, capacitando-lhes para assumir sua própria parte de responsabilidade na comunidade eclesial e para converter-se em uma força viva, fermento na comunidade humana. Apenas uma comunidade viva na experiência cristã é capaz de ser uma comunidade missionária. Esta é a

buscando novos caminhos para a ICA e experimentam um pouco de tudo: crise, renovação, novas experiências, debates. No mínimo estamos em um momento em que esse processo vem sendo refletido em sua complexidade¹⁶³.

Cada comunidade é chamada a promover uma pastoral orgânica de evangelização que compreenda itinerários diferenciados de tipo catecumenal, como descoberta da fé cristã e como redescoberta para os já batizados¹⁶⁴. Ou seja, o processo de ICA apresenta duas características principais: para aqueles que não conhecem a fé cristã, torna-se um processo de descoberta, de conhecimento, e para os que retornam à Igreja, torna-se uma redescoberta¹⁶⁵, um resgate dos princípios catequéticos e da prática litúrgica que orientem a práxis cristã¹⁶⁶.

Alguns documentos do Concílio Vaticano II referem-se, mesmo que de modo indireto, à Iniciação Cristã como elemento fundamental na formação dos fiéis¹⁶⁷. Estes documentos aludem à Iniciação Cristã como espaço que não apenas precede a recepção dos sacramentos, mas também como formação continuada na qual o fiel conhece mais profundamente a fé cristã, participa livre e

motivação dominante de sua Carta Encíclica *Redemptoris Missio*. Cf. RM e FLORISTÁN SAMANES, C. El ritual de la iniciación cristiana de adultos. In: *Phase*, Barcelona: Centro de Pastoral Litúrgica, 1994, p. 267.

¹⁶³ BOURGEOIS, H. *Teologia Catecumenale*. Brescia: Queriniana, 1993, p. 5.

¹⁶⁴ ROCCHETTA, C. *Cómo evangelizar hoy a los cristianos*. El Rito de Iniciación Cristiana de Adultos como propuesta tipo para una nueva evangelización. Bilbao: EGA, 1994, p. 24

¹⁶⁵ Muitos estudiosos não estabelecem uma diferença entre estes dois estágios, considerando ambos como processos catecumenais, já que seguem a mesma sistemática, independente de sua origem e demanda. Para este estudiosos do tema, a Iniciação Cristã possui uma perspectiva de encontro com Jesus e de um processual seguimento, ao longo da vida. Nesse sentido, tanto aquele que inicia o caminho de encontro com Jesus, como aquele que retoma esse caminho, experimentam um processo de abertura e diálogo com o convite de Deus que ecoa no seu íntimo e o impele a tornar-se um 'homem novo'. Para esta linha de pensamento, ver HUEBSCH, B. *La catequesis de toda la comunidad*. Hacia una catequesis por todos, con todos y para todos. Santander. Sal Terrae, 2002; DERROITE, H. (org.) *Catechesi e iniziazione cristiana*. Leumann/Torino: Elledici, 2006; MARTÍNEZ, D., GONZÁLEZ P e SABORIDO, J.L. *Proponer la fe hoy. De lo heredado a lo propuesto*. Santander: Sal Terrae, 2005; BOURGEOIS, H. *Teologia Catecumenale*. Brescia: Queriniana, 1993.

¹⁶⁶ Há autores que chamam estas duas características como iniciação e reiniciação à fé. A terminologia foca o centro da iniciação na experiência batismal, sendo assim, aqueles que já foram 'iniciados' pelo batismo, são 'reiniciados' como batizados, em um momento posterior. Entre eles estão E. Alberich, C. Floristán Samanes, D. Borobio. Cf. ALBERICH, E. e BINZ, A. *Formas e modelos de catequese com adultos*. São Paulo: Salesiana, 2001; FLORISTÁN SAMANES, C. *Il Catecumenato*. Roma: Borla, 1993; BOROBIO, D. *Catecumenado para la Evangelización*. Madrid: San Pablo, 1997.

¹⁶⁷ Cf. AG 11.14; CONCÍLIO VATICANO II. *Decreto Presbyterorum Ordinis*. Sobre o Ministério e a Vida dos Presbíteros. Petrópolis: Vozes, 1966, n. 5.6; JOÃO PAULO II. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Christifideles Laici*. Sobre a vocação e missão dos Leigos na Igreja e no mundo, 1988, n. 3.9.33.61. Disponível em: <<http://www.vatican.va>> Acesso em: 14 de março de 2007.

conscientemente do Mistério revelado na liturgia sacramental e na vida da comunidade¹⁶⁸.

Em muitas comunidades esse processo está diretamente relacionado com o Catecumenato com Adultos¹⁶⁹. Há experiências concretas dessa forma de catecumenato vivida como itinerário na fé cristã, onde se fazem presentes seus elementos fundamentais: acolhida, acompanhamento pessoal e comunitário, oração pessoal, ritos, celebrações litúrgicas e sacramentais, escuta e hermenêutica da Palavra de Deus, tempo da mistagogia¹⁷⁰, orientação ética, missão e testemunho¹⁷¹.

Contudo, a conjugação dos elementos fundamentais que caracterizam a proposta da ICA nem sempre acontece. É muito comum que alguns elementos não estejam presentes como, por exemplo, a participação da comunidade, ou o chamado tempo de mistagogia¹⁷². Por outro lado, um Catecumenato limitado a aspectos conceituais ou à simples aquisição dos sacramentos não corresponde ao

¹⁶⁸ O documento *Diretório Geral para a Catequese*, ao tratar do tema da Catequese de Adultos, distingue três grupos de interesse: um primeiro, formado por adultos crentes, que vivem a fé e desejam aprofundá-la; um segundo, já batizados, mas que retomam o caminho da iniciação cristã; e um terceiro, de adultos não batizados, para os quais compreende que ocorra o verdadeiro e próprio catecumenato. Ainda menciona um quarto grupo possível, de adultos provenientes de outras confissões cristãs. Cf. *DGC*, n. 172. Mais adiante veremos detalhadamente a abordagem dos documentos do Magistério, no item sobre ‘a restauração do catecumenato no Concílio Vaticano II’.

¹⁶⁹ Em unidade com a CNBB, esclarecemos que esta dimensão catecumenal da catequese não se confunde, porém, com o movimento neocatecumenal, presente em muitas comunidades, com seus acertos e valores, mas também com muitos pontos que precisariam ser repensados. O caminho neocatecumenal, também chamado de itinerário de iniciação cristã das comunidades neocatecumenais, nasceu em 1964 em Madri, nas favelas de Palomeras Altas, por inspiração do pintor Francisco Arguello (Kiko), convertido do ateísmo existencialista à fé cristã. Caminhava no bairro com a Bíblia, um crucifixo e um violão. Mais tarde um membro de Instituto Religioso, que passava por Madrid rumo à Bolívia, Carmen Hernández, associou-se ao projeto. Hoje o movimento neocatecumenal está presente em 90 nações e em todos os continentes. Cf. CNBB. *Segunda Semana Brasileira de Catequese*. op. cit., n. 108. Uma breve avaliação do caminho Neocatecumenal pode ser encontrada em BOURGEOIS, H. op. cit., pp. 275-280.

¹⁷⁰ Na concepção tradicional o termo ‘mistagogia’ é aplicado a um tempo determinado, após a experiência das celebrações dos sacramentos de iniciação, quando o iniciado deve ser orientado para melhor compreender o que já está vivendo e praticando. É chamado de ‘tempo de mistagogia’ por seu caráter de participação no mistério pascal. Cf. VALLEJO, A.L. Reflexión en torno a la perspectiva pastoral de la iniciación cristiana. In : *Phase 171*, Barcelona: Centro de Pastoral Litúrgica, 1989, p. 213; VELA, J. A. op. cit.; CASPANI, P. *La Pertinenza Teologica della nozione di iniziazione cristiana*. Milano: Edición Glossa, 1999; CERVERA, J. C. La Iniciación cristiana y el camino espiritual. In : *Phase 41*, Barcelona: Centro de Pastoral Litúrgica, 246, 2001. p. 461.

¹⁷¹ Os elementos do processo de ICA são apresentados em diversos esquemas pelos estudiosos e por aqueles que apresentam as práticas catecumenais particulares. Para analisá-los mais profundamente indicamos as obras de ALBERICH, E. e BINZ, A. *Formas e modelos de catequese com adultos*. op. cit.; GARZÓN, J. J. C. *Catecumenado y Comunidad Cristiana en el Episcopado español* (1964-2006). Salamanca: Universidad Pontificia de Salamanca, 2006; MARTÍNEZ, D.; GONZÁLEZ, P. e SABORIDO, J. L. op. cit.

¹⁷² Cf. VALLEJO, A.L. op. cit., p. 213.

projeto cristão, e vem comprometendo a experiência cristã tanto pessoal como comunitária¹⁷³.

Em função dessa compreensão mais ampla de ICA, a preocupação pastoral não consiste em uma reformulação de ordem conceitual, mas no restabelecimento do processo catecumenal, no qual “a participação da comunidade e dos elementos celebrativos conduzam à experiência de incorporação a Cristo e adesão ao seu corpo eclesial¹⁷⁴”.

Para responder a estas orientações, as comunidades vêm se perguntando mais pelo ‘como fazer’ do que pelo ‘por quê fazer’, ou seja, o que está no centro dos planejamentos é muitas vezes de ordem metodológica e não a compreensão da fundamentação teológica da ICA. Vejamos abaixo como J. M. Hernandez reflete sobre a importância de resgatar o marco teórico da Iniciação Cristã.

A Iniciação Cristã é tarefa permanente da Igreja que hoje passa por dificuldades e questões, tanto no plano teológico como pastoral. Requer discernimento lúcido acompanhado de medidas oportunas e eficazes. Supõe um julgamento pastoral que supere o marco meramente teórico, pois deve atender a situação existente para elaborar possíveis soluções e estratégias. Porém, um marco teórico é imprescindível para saber aonde vamos ou pelo menos onde deveríamos ir. A inevitável interação entre teoria e práxis torna a questão mais complexa, e mais necessária a colaboração de teólogos e pastores¹⁷⁵.

Hoje, a retomada da dimensão da Iniciação Cristã de Adultos tem fortes motivações em função da crise religiosa presente na sociedade contemporânea, do diálogo Igreja-mundo e da mudança paradigmática. Alberich apresenta estas motivações como: de ordem pastoral, de ordem teológica e de ordem sociocultural.

1. as motivações de *ordem pastoral* buscam responder às demandas das comunidades particulares, igrejas locais, atendendo aos adultos que buscam a Igreja para conhecer o Cristianismo e rever sua própria perspectiva existencial.

¹⁷³ Lembramos que, para muitas comunidades, quando se fala em catecumenato se compreende catequese, e vice-versa. Em outras comunidades, ao contrário, se faz uma distinção clara, estabelecendo critérios e procedimentos diversos. Neste trabalho nossa ênfase será ao itinerário catecumenal, sem desconsiderarmos que a catequese, considerada como ensinamento e educação integral na fé, é um elemento incluído no caminho catecumenal. Cf. ALBERICH, E. e BINZ, A. *Catequese com Adultos*. op. cit., p. 48.

¹⁷⁴ VALLEJO, A. L. op. cit., p. 214.

¹⁷⁵ HERNANDEZ, J. M. Diez tesis sobre la iniciación cristiana. In: *Phase 171*, Barcelona: Centro de Pastoral Litúrgica, 1989, pp. 246-247.

2. quanto às motivações de *ordem teológica*, elas buscam promover a revisão de conceitos através de sólida formação, a revisão da identidade missionária e testemunhal dos cristãos, assim como sua preparação para o diálogo com o mundo plural e sua complexidade.

3. as motivações de *ordem sociocultural* da ICA preocupam-se com os fenômenos de indiferença, secularização, descrença, pertencas múltiplas, novas expressões religiosas, redescobrimdo o eixo fundamental que auxilie a construção de uma identidade religiosa e, ao mesmo tempo, com abertura dialógica para outras experiências¹⁷⁶.

São muitos, portanto, os fatores que fazem com que o resgate do processo da Iniciação Cristã venha enraizar e renovar as comunidades eclesiais. É um processo de configuração da identidade crística. Vem ao encontro da crise própria da mudança paradigmática que afetou também as estruturas da Igreja. Enfim, nos auxilia na retomada das fontes da evangelização e no diálogo com a sociedade contemporânea, em busca da sintonia própria da dinâmica da Revelação, a qual “vibra no mesmo ritmo dos homens e mulheres¹⁷⁷” em seu tempo, cultura e história, em sua capacidade de escuta e resposta à graça de Deus. A fim de refletirmos sobre este processo, hoje prioridade na missão pastoral da Igreja, vejamos melhor seus fundamentos.

1.2.1

Significado da Iniciação para a pessoa humana e seu processo de socialização

Para refletirmos quanto ao significado da Iniciação Cristã é necessário nos perguntarmos pela identidade da Iniciação Cristã. Nessa perspectiva, estamos cientes de que transitamos não somente no âmbito teológico, mas também no campo da sociologia e da antropologia, devido aos intensos cruzamentos conceituais que perpassam este processo. Faremos uma breve trajetória neste

¹⁷⁶ Cf. ALBERICH, E. e BINZ, A. *Formas e modelos de catequese com adultos*. op.cit., p. 30.

¹⁷⁷ ZEVINI, G. Informações sobre experiências de iniciação cristã de adultos nas comunidades neocatecumenais. In: PASQUIER, A. et al. *A crise da Iniciação cristã*. Concilium, Petrópolis: Vozes, v.15/142, 1979, p. 217.

sentido a fim de compreendermos a origem do conceito e a identidade da iniciação no campo da antropologia, e a originalidade da iniciação cristã para a teologia.

Na perspectiva antropológica, o conceito de “iniciação” assinala o processo de aprendizagem ou de introdução progressiva no conhecimento de uma teoria ou doutrina, ou de uma prática. Além disso, é processo de socialização pelo qual o iniciante assimila existencialmente as crenças, normas, valores, comportamentos, atitudes e ritos de um determinado grupo social¹⁷⁸.

O termo ‘iniciação’ deriva do latim *in-eo*, do *initium*, que significa ‘entrar dentro’. Designa os ritos mediante os quais ‘se entra’ em determinada associação, comumente de ordem religiosa e misteriosa e, através desses ritos, a pessoa passa a participar da dinâmica de salvação, na qual se movem os participantes¹⁷⁹.

A palavra ‘iniciação’ não é um termo bíblico, mas de origem pagã. O termo expressa um fenômeno antropológico geral, o processo de adaptação humana em suas relações com o meio ambiente, com as pessoas e culturas, com a transcendência e suas expressões religiosas¹⁸⁰. M. Eliade, uma das maiores autoridades no estudo da antropologia das religiões, define iniciação como “um conjunto de ritos e ensinamentos orais, destinados a realizar uma transformação do estatuto religioso e social do iniciado¹⁸¹”. O iniciado experimenta uma série de ‘provas’ que significam ritos de passagem e equivalem a mutações ontológicas existenciais: a cada etapa é gerada uma nova pessoa. Daí as recorrentes situações de morte simbólica nos ritos celebrados¹⁸².

É ainda M. Eliade quem apresenta a iniciação como fundamento para a humanização: “para fazer-se humano é necessário assumir as dimensões da existência humana¹⁸³”. Ele está se referindo aos ritos de passagem próprios da vida cultural, biológica e espiritual, momentos de rupturas, de crises, de novos nascimentos, num processo ontológico-dialético. Pela vivência profunda da iniciação, a pessoa alcança a própria estrutura do ser através de estágios de

¹⁷⁸ Cf. TABORDA, F. *Nas fontes da vida cristã*. São Paulo: Loyola, 2001, pp. 43-44.

¹⁷⁹ Cf. FALSINI, R. *L’Iniziazione Cristiana i suoi sacramenti*. Milano: OR, 1987, p. 9; CAVALLOTO, G. *Iniziazione Cristiana e Catecumenato*. Bologna: EDB, 1996, pp. 7-8.

¹⁸⁰ Por ser um tema de natureza antropológica, é recorrente nas ciências humanas, seja na linguagem histórica, étnica, sociológica, religiosa, psicológica. Cf. BOROBIÓ, D. *La iniciación cristiana*. Salamanca: Sigueme, 1996, pp. 17-18.

¹⁸¹ ELIADE, M. *Iniciaciones místicas*. Madrid: Taurus, 1975, p. 10

¹⁸² Cf. CODINA, V. *Sacramentos da Iniciação. Água e espírito de liberdade*. São Paulo: Vozes, 1991, p. 48; FALSINI, R. op. cit., p. 10.

¹⁸³ ELIADE, M. op.cit., p. 20

passagem e de reelaboração existencial¹⁸⁴. Ao longo desse processo, a pessoa deixa de ser o que é e passa a ser o que ainda não é, ou seja, abandona a situação existencial anterior e assume novas formas de existência, novas referências pessoais, sociais e religiosas.

Enquanto experiência comunitária, a iniciação confere identidade à comunidade¹⁸⁵, a organiza espacial e socialmente, e dá o sentido de sua existência, de sua gênese, de seu presente e de seu futuro.

Temos aqui, portanto, os fundamentos culturais nos quais se apoiam o projeto de iniciação, também assumidos na Iniciação Cristã: as iniciações, as etapas da vida e o vínculo comunitário¹⁸⁶.

As formas de iniciação são imprescindíveis para a configuração da identidade pessoal e social, para a construção de princípios norteadores ético-socio-religiosos¹⁸⁷. No passado, as formas iniciáticas eram retidas como ‘tesouros’ das civilizações, e transmitidas pelas gerações por meio da tradição oral e dos rituais. Nas sociedades contemporâneas, as formas de iniciação perderam seu sentido primário e metanarrativo e, conseqüentemente, vem sendo gerada uma crise de fundo antropológico e social.

A iniciação, com suas etapas, rituais simbólicos e laços comunitários, está em crise. Na sociedade contemporânea domina a praticidade e a funcionalidade; a dimensão simbólica não é valorizada. A valorização e administração do tempo estão relacionadas à sua capacidade de produtividade, tanto no que diz respeito às dinâmicas de trabalho, quanto às relações afetivas¹⁸⁸. A fragmentação do conhecimento e a especialização exacerbada afetam não apenas a configuração da

¹⁸⁴ Cf. LELO, A.F. *A Iniciação Cristã*. Catecumenato, dinâmica sacramental e testemunho. São Paulo: Paulinas, 2005, pp. 14-15.

¹⁸⁵ Cf. LELO, A. F. op. cit., p. 24.

¹⁸⁶ Cf. DUJARIER, M. Experiências de iniciação cristã na África ocidental. In: PASQUIER, A. et al. *A crise da Iniciação Cristã, Concilium* 142, Petrópolis: Vozes, 1979, p. 67.

¹⁸⁷ Cf. FALSINI, R. op. cit., p. 14.

¹⁸⁸ R. Sennett é um dos teóricos que elabora a nova compreensão de ‘tempo’ com as características de produtividade, eficiência em seu trabalho sobre o capitalismo flexível. SENNETT, R. *A corrosão do caráter*. São Paulo: Record, 1999. M. Maffesoli denomina como ‘presentismo’ a nova compreensão de ‘tempo’ que vai sendo configurada na contemporaneidade. Nesta concepção pequenos relatos ganham centralidade e a subjetividade passar a ser regida pelo imperativo de ‘aproveitar a vida’, buscando usufruir o presente tanto quanto possível e da melhor maneira possível, pois a projeção do futuro já não faz tanto sentido; o trabalho é relativizado por múltiplos centros de interesse, o que torna visível a ‘ética do instante’. Cf. MAFFESOLI, M. *Notas sobre a pós-Modernidade*. O lugar faz o elo. Rio de Janeiro: Atlântida, 2004, pp. 83-89.

identidade pessoal, mas também as identidades grupais. A pertença aos grupos é múltipla e, muitas vezes, parcial e transitória¹⁸⁹.

Hoje, não permanecem mediações estáveis ou modelos de referência claros com a mesma dimensão iniciática do passado¹⁹⁰. “As instituições especializadas nos ritos de passagem dos jovens não existem mais. A família, a escola e a igreja – instituições de substituição outrora eficazes – perderam seu crédito e asseguram cada vez mais dificilmente as etapas de maturação e de inserção social de seus membros¹⁹¹”. Na Pós-modernidade, os processos de iniciação realizam agrupamentos de caráter apenas transitório, muitas vezes com uma formação chamada de tribal¹⁹² ou, ainda, anti-institucionais. As pessoas estão propensas à integração em um todo orgânico, mas sem preocupação com o futuro, sem projetos políticos, sem metas a serem cumpridas, apenas vivendo o presente, compartilhando sentimentos e companhia. A falta de referências éticas e tradicionais é acompanhada pela perda dos grandes relatos, pela ausência do sentido de pertença comunitária e de isolamento da pessoa em si mesma.

Por outro lado, esta não é a única direção dos agrupamentos sociais. Também emerge um novo direcionamento para o ser humano a partir do próprio processo da globalização. Esta proclama o conhecimento integral e, mesmo motivado pela ilusão da totalidade¹⁹³, o ser humano faz uma nova experiência antropológica fundamental: começa a se dar conta da dinâmica relacional na qual está inserido e, pouco a pouco, abre-se para as relações dialógicas.

Diante destes fenômenos sociais atuais cabe perguntar se ainda faz sentido falar de iniciação, ou mesmo resgatar seu processo. A iniciação como processo

¹⁸⁹ Cf. CLAES, J. L'initiation. In: *Lumen Vitae*, 1, 1994, p.12-13.

¹⁹⁰ Cf. BOROBIO, D. *La iniciación cristiana*. p. 18.

¹⁹¹ PASQUIER, A. Sociedade iniciática e sociedade à procura de iniciações. In: _____. *A crise da Iniciação Cristã*. op. cit., p.150.

¹⁹² A noção da formação de ‘tribos’, na pós-Modernidade, é compartilhada por pensadores como Maffesoli, que afirmam que os indivíduos estabelecem identificações com determinados grupos sociais, usando símbolos, imagens, signos e adereços, que vão reconhecê-los como pertencentes a determinadas tribos formadas. Nesse sentido, prevalece o desejo de estar junto, um sentimento de pertença aos micro-grupos “germinados” de caráter provisório. Cf. MAFFESOLI, M. *O tempo das tribos. O declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense, 1998.

¹⁹³ O geógrafo brasileiro Milton Santos elabora o tema da ilusão da totalidade no processo de globalização. Ele encontra as bases materiais históricas para esta crença na ilusão da técnica como necessidade universal e indiscutível, nas relações econômicas igualmente indiscutíveis aos quais todos devem submissão, sob pena de comprometerem a totalidade do sistema, ou mesmo serem excluídos do mesmo. A ilusão de totalidade é uma forma de totalitarismo muito forte porque se baseia em noções que parecem centrais à própria idéia de democracia – liberdade de opinião, de imprensa, tolerância. Cf. SANTOS, M. op. cit., pp. 24-45.

social teria ainda sua identidade, capaz de dar um sentido novo à vida e de inserir o indivíduo, de forma perene, em um novo estado?

Exatamente por essas características diagnosticadas em nosso tempo, nossa resposta é afirmativa. A iniciação tem hoje grande atualidade e uma nova oportunidade cultural, pois é portadora de uma sabedoria oculta que acalma a angústia existencial do ser humano, ao revelar-lhe a sua verdadeira natureza. Quer seja visto num contexto social ou cultural, ou nas relações individuais, a iniciação é um fator de coerência e coesão para as pessoas que nela ingressam, bem como para as sociedades que a praticam¹⁹⁴. “O cristianismo primitivo não estruturou a iniciação cristã do nada, mas assimilou e introduziu muitos elementos da iniciação religiosa comuns a toda a história religiosa da humanidade¹⁹⁵”.

Após refletirmos quanto ao conceito e à identidade da iniciação no campo da antropologia e da sociologia, vejamos como a Iniciação Cristã foi compreendida em sua origem apostólica e patrística, assim como sua originalidade e pertinência para o processo de evangelização atual.

1.2.2

A originalidade da Iniciação Cristã

No Novo Testamento não encontramos a Iniciação Cristã como um processo sistemático. É possível identificar elementos que, mais tarde, serão fonte para a sua compreensão teológica, como por exemplo, a concepção de caminho presente nos Atos dos Apóstolos¹⁹⁶. Só mais adiante encontraremos uma configuração de caráter catecumenal, quando da preocupação com a formação

¹⁹⁴ Cf. BOROBIO, D. *La iniciación cristiana*. p. 25.

¹⁹⁵ CODINA, V. op. cit., p. 49.

¹⁹⁶ No NT não aparece uma processo de Iniciação como preparação para o Batismo, mas já se percebe dados que, de modo germinal e implícito, aludem a certo tipo de preparação. Não é celebrado de modo repentino e espontâneo, como podem levar a pensar alguns textos como (cf. At 2,37-38; 2,41). Ao contrário, vários indícios mostram a necessidade de uma preparação e discernimento, como: a sucessão das sequências: pregação, acolhida, conversão, petição, batismo. (cf. At 2,37-39; 8,27-28); a descrição da iniciação como processo generativo que implica uma decisão irreversível (cf. Hb 5, 12-6,3); a exigência de uma fé verdadeira que renuncia a ídolos e vem a servir ao Deus vivo e verdadeiro (cf. 1Ts 1,9-10); a distinção que, de algum modo se faz, entre a primeira evangelização, a petição do batismo e a catequese, tal como aparece no caso de Cornélio (cf. At 10,1-11,18). Cf. BOROBIO, D. *Catecumenado*. op. cit., p.100.

cristã e a iniciação à fé daqueles que eram provenientes de outras religiões e culturas¹⁹⁷.

A tradição da Igreja convencionou chamar de Iniciação Cristã à inserção progressiva no mistério de Cristo e na comunidade da Igreja, celebrada nos três sacramentos de iniciação - Batismo, Confirmação e Eucaristia¹⁹⁸.

Ao recordarem a iniciação sacramental, os Padres Gregos¹⁹⁹ usam os termos *mustagwǵšw* (*mystagôgêô*) - introduzo ao mistério -, e *mustagwg...*a (*mystagôgia*) – introdução aos mistérios²⁰⁰. Estes termos eram aplicados em diferentes situações e significados:

- como introdução aos mistérios;
- como iniciação ao mistério do Batismo e da Eucaristia;
- como a revelação na Bíblia;
- como instrução ao mistério de Cristo, do Espírito Santo e da Igreja;
- e também como ensinamento espiritual.

¹⁹⁷ A Igreja primitiva não dava sem mais o batismo, mas exigia condições fundamentais: a conversão e a fé, e para suscitá-las e levá-las a maturidade utilizava os seguintes meios: pregação e diálogo, preparação catequética ou instrução, abandono dos ídolos e mudança de vida, aceitação da fraternidade cristã e a comunhão de bens. Será preciso certamente esperar até o séc. II para que todos esses elementos apareçam ordenados e em processo de institucionalização. Porém, se pode reconhecer que já na época apostólica se exigia uma preparação, atitudes e garantias em ordem a conceder o Batismo. No séc. I não existe uma iniciação cristã com uma estrutura sistemática, mas existe o processo de iniciação cristã como verdade vivida. Nos séc. II e III a necessidade do processo de iniciação torna-se mais presente. A Igreja vive uma situação difícil: numericamente, não há muitos adeptos; socialmente, seus membros estão imersos num mundo pagano; politicamente, não têm direito de cidadania e sofrem perseguição. Porém, a dificuldade faz crescer a exigência, a exigência leva à qualidade da missão, e a missão conduz à organização mais autêntica do processo de Iniciação Cristã. *Ibid*, p. 101.

¹⁹⁸ A expressão 'iniciação cristã' foi empregada, no final do século XIX, para designar os sacramentos do batismo, confirmação e eucaristia; especialmente por liturgistas, em grande medida por influência de Odo Casel. (1886-1948-Monge beneditino, principal expoente da reforma e renovação litúrgica, e por isso veio a ser chamada teologia dos mistérios). Aparece oficialmente no Diretório para a pastoral dos sacramentos do episcopado francês em 1951 e é usada várias vezes nos documentos do Vaticano II. O Concílio afirma que o batismo, a confirmação e a eucaristia são sacramentos da iniciação cristã. Cf. *AG* 14; *PO* 2; *SC* 71; FLORISTÁN SAMANES, C. La Iniciación Cristiana. In: *Phase* 171, Barcelona: Centro de Pastoral Litúrgica, 1989, p. 215; NEUNHEUSER, B. Movimento Litúrgico. In: SARTORE, D. e TRIACCA, A. (orgs.) *Dicionário de Liturgia*. São Paulo: Paulinas, 1992.

¹⁹⁹ A partir da metade do século II e início do século III, os Padres passaram a escrever para defender a fé cristã das idéias heréticas. Os Padres de língua grega foram grandes apologistas, entre eles, os principais foram Justino, Taciano, Atenágoras, Teófilo de Antioquia, Orígenes, Clemente de Alexandria, e Tertuliano de Cartago. A partir do século IV destacaram-se Eusébio de Cesaréia, Gregório Nazianzeno, Gregório de Nissa e João Damasceno. Cf. DROBNER, H. R. *Manual de Patrologia*. Petrópolis: Vozes, 2003, pp. 76-79.

²⁰⁰ Um elenco detalhado dos diversos significados de *mustagwǵšw* e vocábulos derivados podemos encontrar em FEDERICI, T. La mistagogia della Chiesa. In: ANCILLI E. (ed.) *Mistagogia e direzione spirituale*. Roma/Milano: Teresianum - OR, Milano 1985, pp. 163-245.

Como podemos perceber, o termo *mistagogia* se apresenta como referência não apenas com relação aos sacramentos de Iniciação, mas nos momentos celebrativos que representavam a conclusão de um longo percurso de crescimento na fé, gradual mudança de vida, progressiva santificação e inserção cada vez maior na vida eclesial²⁰¹.

Em sua concepção de Iniciação Cristã, os Padres orientavam esta trajetória como um caminho de introdução, abertura e diálogo com o Mistério, um caminho vital e de integração do ser humano em suas muitas dimensões. A *mistagogia* é compreendida como o fundamento e o caminho do processo de Iniciação Cristã. Ela é o grande referencial que inspira e ilumina este processo determinando a iniciativa, a centralidade e a meta do processo na dinâmica da Revelação entre Deus e a humanidade²⁰².

A Igreja antiga compreende este ‘tornar-se cristão’ como uma progressiva introdução à vida nova revelada e oferecida em Jesus Cristo. “*Fiunt non nascuntur christianī*” – não se nasce cristão, chega-se a ser²⁰³”. Com esta expressão lapidar, Tertuliano se faz intérprete de uma sabedoria que animou a ação missionária e pastoral da Igreja dos primeiros tempos e continuará por longos séculos.

Segundo esta sabedoria, a Iniciação Cristã está fundada sobre dois pressupostos: o desenvolvimento de uma fé pessoal acompanhada pela mudança de vida e a relação fundamental da ação educativa e santificadora da Igreja que encontra sua expressão culminante na celebração dos sacramentos de iniciação²⁰⁴. Em outras palavras, segundo as fontes patrísticas, a Iniciação Cristã possui duas dimensões, como duas mãos que se articulam: a dimensão catequética e a dimensão sacramental²⁰⁵. Estas dimensões não possuem uma hierarquia e sim uma correlação intensa, dinâmica, incessante.

²⁰¹ João Crisóstomo recorda aos iluminandos: “Também vós sereis iniciados aos mistérios”. Tertuliano, referindo-se aos mistérios cristãos e aos sacramentos, fala de iniciação. Tanto na Igreja oriental, como na ocidental, os catecúmenos são chamados ‘não iniciados’ até a celebração da Vigília Pascal. Cf. CRISÓSTOMO, J. *Cat. I*, 5, PG 49, 239; *Cat. II*, PG 49, 225; *Cat. III*, 3, 6 e 8, SC 366, 174, 188 e 194; TERTULIANO, *Apologet. VII*, 7, CCL 1, 99; AMBROSIO, *De Mysteriis 2*, BAC 17.

²⁰² A *mistagogia*, eixo referencial de nosso trabalho, receberá sua construção conceitual no segundo capítulo deste trabalho.

²⁰³ TERTULLIANO. *Apologeticum*, XVIII, CCL 1, p. 118.

²⁰⁴ Cf. CAVALLOTO, G. *Iniziazione Cristiana e Catecumenato*. p. 33.

²⁰⁵ Cf. FLORISTÁN SAMANES, C. op. cit., p. 217.

É frequente encontrarmos na literatura específica, o conceito de Iniciação Cristã relacionado com a catequese, aplicado à experiência formativa dos iniciantes ou ao itinerário formativo de adultos interessados no aprofundamento da sua fé. Em algumas reflexões, o conceito é relacionado com a ‘nova evangelização’²⁰⁶ ou ainda como sinônimo de formação cristã permanente²⁰⁷.

Contudo, nossa escolha conceitual terá por base a antiga terminologia, que traz uma conotação mais ampla para a Iniciação Cristã, como iniciação aos mistérios, no sentido mais sagrado, religioso²⁰⁸. O liturgista P. M. Gy, observa que, na linguagem moderna, fala-se de iniciação aos mistérios segundo a construção latina: se é iniciado - *mediante, através* - dos mistérios²⁰⁹. Privilegiaremos esse conceito, pois ajuda a compreendermos a raiz e o fundamento teológico da Iniciação Cristã, ou seja, o caráter iniciático como processo de introdução aos mistérios e, para o Cristianismo, de iniciação ao Mistério²¹⁰. Se, filosoficamente, falamos de uma mudança ontológica, teologicamente, esta equivale à participação no mistério pascal²¹¹.

Participar do Mistério é abrir-se à dinâmica da Revelação de Deus aos homens e mulheres de cada tempo. Deus é o Mistério que se revela, ao qual se é

²⁰⁶ O papa João Paulo II cunhou a expressão ‘nova evangelização’ como convocação de toda a Igreja para um novo programa orgânico de evangelização, com “novo ardor, novos métodos e novas expressões”. Cf. JOÃO PAULO II, *Discurso à Assembléia do Celam*. Março de 1983, Porto Príncipe (Haiti), n. III.

²⁰⁷ Neste mesmo capítulo, mais adiante, nos deteremos nesta aproximação entre Iniciação Cristã e Catecumenato.

²⁰⁸ Cf. CERVERA, J.C. *Iniciação cristã*. op.cit.

²⁰⁹ Entre as iniciações místicas e a iniciação cristã podemos encontrar semelhanças e diferenças. Entre as semelhanças podemos afirmar que o batismo, entendido como novo nascimento, ou passagem das trevas à luz, da morte à vida é uma participação sacramental ou uma imitação ritual da morte e ressurreição de Cristo. Tanto nas religiões místicas como no cristianismo, há uma passagem do não iniciado ao iniciado por meio de conhecimentos e gestos simbólicos. Entre as diferenças encontram-se a ausência de gestos violentos na iniciação cristã e a universalidade da iniciação cristã, que se oferece a todos, sem discriminação, em contraste com os ritos iniciáticos exclusivos. Nas provas, a ausência de sofrimentos físicos, pois tudo se alcança por meios simbólicos. O iniciado adquire ali mesmo um saber, em contraste com largos períodos de aprendizagem religiosa e moral que tem o candidato ao cristianismo. Ao final do processo, o iniciado já alcançou um status definitivo, ao passo que o batizado deve esforçar-se por ser cristão durante toda a vida. Cf. FLORISTÁN SAMANES, C. op. cit., p. 216.

²¹⁰ Ao falarmos de Iniciação ao Mistério estamos diante do processo conhecido teologicamente como Revelação, com seus principais fatores: a autocomunicação divina e sua iniciativa, a resposta livre e processual do ser humano, a dinâmica da história da Salvação. Participar neste mistério paulatinamente e, a partir dessa experiência, reorientar a vida pessoal e comunitária, é uma experiência do Mistério, uma experiência mistagógica. Mistério que é o próprio Deus se revelando na história da humanidade e como diz Schillebeeckx, um “rosto humanamente reconhecível, a quem proclamamos Messias e Filho de Deus.” SCHILLEBEECKX, E. *História Humana, Revelação de Deus*. São Paulo: Paulus, 2003, p. 23.

²¹¹ Cf. FALSINI, R. op. cit., p. 10.

conduzido pedagógica e amorosamente. Mistério que se interpreta com categorias que se entrecruzam e produzem significado e sentido, de ordem hermenêutica e simbólica. Mistério que se revela, mas não se esgota, interpelando incessantemente os projetos pessoais e comunitários a serem fecundados pelo amor pascal, criador e libertador.

Os Padres dos primeiros séculos compreendem a iniciação como um caminho dinâmico e em etapas progressivas²¹². Com o emprego de três verbos para delinear o caminho da iniciação - *aproximar, ingressar e assinalar*²¹³ - expressam sua compreensão. *Aproximar* é a primeira aproximação à fé, o desejo de aderir, o primeiro passo de acolhida; *ingressar* na fé é o início do seguimento, a observância da Palavra que é ouvida e interpela a revisão da vida²¹⁴; *assinalar* relaciona-se com o sacramento do Batismo, que assinala a pessoa no mistério pascal, em Jesus Cristo.

Em comunhão com a fonte patrística, a Iniciação Cristã não apenas une os elementos relacionados aos sacramentos e à catequese, mas os integra em um processo complexo e que possui um eixo central, uma coluna que o sustenta, que demarca sua orientação fundamental e opções de cunho metodológico: a mistagogia.

Três dimensões da experiência da Iniciação Cristã denotam seu caráter mistagógico: *é experiência dialógica entre Deus e o ser humano, é experiência litúrgico-sacramental e é experiência eclesial*. Vejamos o desenvolvimento destas dimensões.

1. A Iniciação Cristã é uma *experiência dialógica entre Deus e o ser humano*, mediada por aqueles que já iniciaram esse caminho, pela comunidade viva e pela história, marcada pelos sinais da Revelação incessante de Deus. É uma experiência na qual se adentra e se submerge, não apenas como uma aceitação intelectual, mas integral, impregnando toda a existência com a nova vida que lhe é

²¹² Há estudos no campo do catecumenato e da liturgia que definem a iniciação cristã como acesso à experiência do mistério de Cristo, mediante a passagem de um estado (catecúmeno) a outro (fiel) através dos sacramentos de iniciação. Estes sacramentos são símbolos que condensam e plasam a plenitude cristã, expressão e linguagem da vida de fé. Cf. FLORISTÁN SAMANES, C. *La Iniciación Cristiana*. op. cit., p. 217.

²¹³ Cf. TERTULLIANO, *De idolatria* XXIV, 3, *CCL* 2, p. 1124; *De paenitentia* VI, 16, *CCL* 2, p. 331. Citado por CAVALLOTTO, G. *Il modelo catechistico del catecumenato antico*. Disponível em: <www.catechetica.it> Acesso em: 3 de dezembro de 2005, pp. 164-165.

²¹⁴ A escuta da Palavra constitui um dos eixos capitais do catecumenato. O vocábulo é originado precisamente da atitude de 'escuta' – do verbo *katechēin* – que faz alusão ao 'ressoar' da Palavra de Deus na vida daquele que a acolhe.

anunciada e a ela se configura processualmente: o mistério pascal em Jesus Cristo²¹⁵.

2. É uma *experiência litúrgico-sacramental*²¹⁶, pois envolve o diálogo com a Revelação mediante sinais sacramentais, sobretudo a celebração eucarística, a experiência comunitária e a própria história pessoal e da humanidade²¹⁷. É experiência sacramental que atinge o novo discípulo no mais profundo de seu ser, configurando-o em Jesus Cristo e tornando-o sacramento no mundo, sinal do amor de Deus²¹⁸. Essa experiência tem duplo caráter: é objetiva e é hermenêutica. É objetiva, pois é Deus mesmo se revelando. É hermenêutica, pois implica a compreensão, a formação de esquemas conceituais, a consciência e as respostas processuais pessoais livres e conscientes.

3. É *experiência eclesial*, tem aí seu ponto de partida e seu desenvolvimento. O caminho mistagógico da Iniciação Cristã se apoia necessariamente na Igreja, sacramento, comunidade, comunhão. Toda a dimensão eclesial é marcada pela Iniciação Cristã, pelo seguimento de Jesus Cristo, pelo discipulado e consequente mandato missionário. É função essencial da Igreja e manifestação concreta de sua maternidade²¹⁹. A Constituição dogmática *Lumen Gentium* orienta: “Os catecúmenos que, movidos pelo Espírito Santo, solicitam por vontade explícita incorporar-se à Igreja, se unem a ela por este mesmo desejo, e a mãe Igreja já os abraça amorosa e solicitamente como filhos²²⁰”.

Estas três dimensões são constitutivas da Iniciação Cristã. Sendo assim, reiteramos que esta não pode ser compreendida apenas como um processo

²¹⁵ Cf. CERVERA, J.C. Iniciação Cristã. op. cit., p. 576.

²¹⁶ Segundo Floristán Samanes, a Iniciação Cristã é sacramental no sentido estrito do termo. Desta abordagem se deduzem seus aspectos: ritual, permanente e escatológico. O aspecto ritual está diretamente ligado aos ritos sacramentais, o aspecto permanente remete à vocação cristã, à conversão como caminho cotidiano pessoal e comunitário; o aspecto escatológico nos remete à perspectiva pascal e de plenitude do projeto salvífico. Cf. FLORISTÁN SAMANES, C. op. cit., pp. 217-218.

²¹⁷ Na compreensão dos Padres da Igreja a iniciação não se dá ao mistério, mas desde a celebração do mistério, desde a experiência de participação na comunidade, desde a escuta da Palavra, desde os ritos e símbolos litúrgicos. Enfim, o princípio ativo e fundante do processo de iniciação é o próprio mistério de Deus que se revela. Cf. BOROBIO, D. Función litúrgico-sacramental del ministerio del catequista. In: Evangelización, Catequesis y Liturgia. In: *Phase* 38, Barcelona: Centro de Pastoral Litúrgica, 1980, p. 43; FALSINI, R. op.cit., p.11.

²¹⁸ Cf. CAVALLOTO, G. *Iniziazione Cristiana*. op. cit. p. 8.

²¹⁹ O tema da maternidade eclesial foi brilhantemente desenvolvido por M. Dujarier. Para consulta e aprofundamento ver as obras: La funzione materna della chiesa nella pratica catecumenale dell'antichità. In: CAVALLOTO, G. (org.) *Iniziazione Cristiana e Catecumenato*. Bologna: EDB, 1996; Le catéchuménat et la maternité de l'Eglise. In: *La Maison-Dieu*, n. 72, 1962.

²²⁰ LG 14.

pedagógico-pastoral. Seria reduzi-la ao caráter educacional ou formativo. O que, de fato, é uma percepção errônea que compromete este processo em sua base e, conseqüentemente, em todo o seu desenvolvimento. A Iniciação cristã é mistagogia ativa, é integradora, é abertura ao mistério de Deus que dialoga com a existência em sua totalidade, configurando a pessoa em uma nova experiência de ser.

A Iniciação Cristã é caminho, tempo de abertura, diálogo fecundo que gera no ser humano o ‘novo homem’, a ‘nova mulher’, em um processo de crescimento e amadurecimento como discípulo de Jesus. Seu dinamismo é progressivo, o que atesta a condição itinerante do caminho de fé e de pertença ao povo de Deus. Daí seu caráter de globalidade, de “uma experiência envolvente, transformadora, que incide sobre o ser profundo da pessoa. (...) Integra o conhecimento do mistério de Cristo, a celebração da fé, a experiência de comunidade e o exercício do compromisso cristão no mundo²²¹”.

1.2.3

A Iniciação Cristã como processo

A Iniciação Cristã não é um acontecimento único e definitivo e sim um processo do qual participam todos aqueles que acolhem a dinâmica dialogal entre Deus e seus filhos e filhas. Enquanto processo, a Iniciação Cristã encontra na perspectiva catecumenal o espaço necessário e fecundo para que ela se desenvolva.

Hoje, muitas são as experiências eclesiais que apontam para a compreensão do catecumenato como processo de Iniciação Cristã. Reiteramos a posição de Borobio na qual, quando se fala em iniciação, se fala em catecumenato e vice-versa. “O catecumenato não deve considerar-se como algo independente da iniciação, e sim como um elemento constitutivo e integrante da mesma²²²”.

Essa estreita vinculação reafirma a compreensão da Iniciação Cristã como mistagogia, como processo pedagógico de formação integral na fé cristã, a partir da fundamentação teológica na dinâmica da Revelação e de seu caráter

²²¹ ALBERICH, E. e BINZ, A. *Formas e modelos de catequese com adultos*. op. cit., p. 40.

²²² BOROBIO, D. *Catecumenado*. op.cit.

permanente, de caminho pessoal e comunitário na configuração de cada homem e cada mulher, em Jesus Cristo, e da história, como História da Salvação.

A aproximação entre Iniciação Cristã e Catecumenato expressa uma nova sensibilidade pastoral, na qual estão presentes algumas preocupações, tais como: a renovação do catecumenato, a tônica no itinerário de conversão e crescimento na fé, a urgência do tratamento pastoral-comunitário-missionário como primado da evangelização.

Segundo Floristán Samanes, o Cristianismo possui dois eixos fundamentais: a fé-conversão e a práxis mistérica, que conduzem a uma identificação com Cristo, na comunidade cristã²²³. Fé e prática não caminham isoladas ou em etapas sucessivas, mas caminham juntas, alimentam-se mutuamente, são realidades dinâmicas e abertas ao processo de Revelação, que é vida para cada homem e cada mulher que se abre ao Mistério que lhes é revelado.

A fé não é adquirida automaticamente. Demanda um processo, uma aprendizagem prolongada e identificadora, um itinerário marcado pela Iniciação. É entrada no mistério de Deus, sem deixar de viver a existência humana.

Neste itinerário destacam-se duas dimensões essenciais: o caminho pessoal e a experiência comunitária²²⁴. O Decreto *Ad Gentes* apresenta esta correlação: “Esta iniciação cristã realizada no catecumenato deve ser obra não apenas dos catequistas ou sacerdotes, mas de toda a comunidade dos fiéis, de forma que desde o começo os catecúmenos sintam que pertencem ao Povo de Deus²²⁵”.

Aqui há uma rede de relações e, como tal, marcada pela intersubjetividade e interdependência entre a dimensão pessoal e a dimensão comunitária. As duas dimensões estão ligadas e afetam-se mutuamente. Não são caminhadas distintas ou em etapas sucessivas, como muitas vezes são avaliadas e desenvolvidas pastoralmente. A Iniciação Cristã se dá na comunidade e não fora dela. A comunidade eclesial é uma comunidade de iniciados que caminham juntos, e assim procedem na escuta da Palavra e na sua hermenêutica.

O próprio termo ‘iniciação’ nos indica quatro elementos constitutivos deste processo e que dialogam entre si:

²²³ Cf. FLORISTÁN SAMANES, C. *La Iniciación Cristiana*. op. cit, p. 217.

²²⁴ *Ibid.*, p. 220.

²²⁵ AG, n. 14.

1. *O mistério* - algo que deve ser conhecido, uma realidade de caráter transcendente, à qual se adentra e da qual se torna participante;
2. *A mediação* - o meio de comunicação, um conjunto de símbolos, que é a ponte entre o mistério e os que serão iniciados;
3. *Os iniciados no mistério* - um grupo com agentes de iniciação que orientem o processo;
4. *O iniciante* - alguém que não está iniciado e se abre para essa experiência²²⁶.

No caso da Iniciação Cristã estes elementos são identificados como:

1. *O mistério Pascal e seus conteúdos bíblicos e vivenciais*;
2. *Os ritos e celebrações sacramentais*;
3. *A comunidade eclesial e o mistagogo ou catequista*;
4. *O neófito ou catecúmeno*.

Estes elementos não possuem hierarquia ou ordem de desenvolvimento na Iniciação Cristã, mas estabelecem uma relação dialógica permanente e processual. Examinemos cada um destes elementos em sua especificidade e interdependência.

O princípio, o meio e o fim da Iniciação Cristã coincidem, é a participação no *mistério pascal de Cristo*. Essa é sua principal característica, diríamos, seu eixo e motor único. O mistério pascal de Cristo não é um elemento mítico, nem mesmo uma doutrina ou uma construção científica, religiosa ou ideológica, mas é uma pessoa²²⁷.

O mistério pascal de Cristo é histórico e metahistórico, é relação interpessoal e comunitária, é condicionado pelas categorias históricas e, ao mesmo tempo, fonte inesgotável e incabível na linguagem humana. É mistério que penetra e transfigura a história, transpassa a existência inteira do homem, tornando-se produção incessante de sentido.

No mistério cristão aparece a afirmação irredutível da historicidade do Revelador e da letra da Revelação e esta não pode ser eliminada sem que se

²²⁶ Cf. BOROBIO, D. *A Celebração na Igreja*. Vol. II. Os Sacramentos. São Paulo: Loyola, 1993, p. 24.

²²⁷ Cf. COFFY, R. La celebración, lugar de la educación de la fe. In: *Evangelización, Catequesis y Liturgia*. Phase 38, Barcelona: Centro de Pastoral Litúrgica, 1980, p.7 e BOROBIO, D. op. cit., p. 25.

elimine o específico do fato cristão. A experiência cristã de Deus não apenas se manifesta através de uma realidade e da sua expressão, mas identifica-se com ela, particulariza-se absolutamente nela²²⁸.

Os ritos, mediações na dimensão catequética e sacramental da Iniciação Cristã, não são simplesmente um corpo simbólico que expressa o desejo de aproximar o homem do Mistério e nem mesmo estratégias de cunho pedagógico e antropológico que visem objetivar a experiência. São ritos sacramentais²²⁹.

Sua força está em serem “ações do Senhor da glória” que vão ao encontro dos homens na Igreja, oferecendo a sua salvação. Trata-se, portanto, de realidades simbólicas no sentido mais forte da palavra, como elementos visíveis de uma realidade total em que Cristo, pela Igreja, comunica com sua presença o que os símbolos significam: “o mistério na história”²³⁰.

Com relação à *comunidade dos iniciados*, o espaço vital é a Igreja, sacramento de Jesus Cristo no mundo. A comunidade eclesial deve ser uma presença sacramental ativa, decisiva para a Iniciação Cristã. “É, ao mesmo tempo, koinonia, comunhão apostólica, eucarística, de bens e de afeto²³¹”. Nela o neófito e a comunidade experimentam a força renovadora de Cristo ressuscitado e do Espírito que faz novas todas as coisas²³².

No âmbito comunitário se experimenta o diálogo e a alteridade, fundamentais para a experiência intersubjetiva. Essa experiência se dá em diversos níveis:

- entre duas pessoas, que são o iniciante e seu orientador;
- entre o pequeno grupo de iniciantes que caminham juntos;
- entre o grupo de iniciantes e a comunidade eclesial local;
- entre a comunidade e a Igreja, como experiência eclesial.

Em todos estes níveis observemos a reciprocidade no processo de evangelização, a aprendizagem comunitária, o estímulo à renovação da fé viva e à consciência batismal fecundante da própria vida e da vida da humanidade.

²²⁸ Cf. VAZ, H. C. L. A linguagem da experiência de Deus. In: *Escritos de Filosofia I, Problemas de fronteira*, São Paulo: Loyola, 1986, p. 254.

²²⁹ Cf. BOROBIO, D. op. cit., p. 25.

²³⁰ Ibid.

²³¹ FLORISTÁN SAMANES, C. La Iniciación Cristiana. op. cit., p. 223; FALSINI, R. op.cit., p. 16.

²³² J.C. Cervera explicita que Y. Congar adverte que a Iniciação Cristã deve se realizar em um ambiente fecundo eclesialmente, apropriado para a acolhida e o desenvolvimento desse processo, uma comunidade que viva a experiência do Espírito e assim favoreça a plena consciência do dom recebido. Cf. CERVERA, J.C. op. cit., p. 584.

Trata-se da entrada em uma comunidade sacramental, em profunda e vivificante comunhão com o Deus revelado por Jesus Cristo, na unidade do Espírito Santo²³³, e não de uma comunidade que se auto-abastece com novos fiéis e novas experiências. Também não estamos falando de duas estruturas em camadas diferentes: uma estrutura sociológica e, outra, em um nível superior - o Povo de Deus²³⁴. A comunidade local, que acolhe e acompanha os iniciantes na fé, “não está estrangulada numa estrutura jurídica; ela é desejada por Cristo, e a celebração eucarística vivifica sem cessar esta entidade que é a *ekklesia*”²³⁵.

Essa comunhão eclesial tem caráter mistagógico, no entanto, há pessoas que assumem especialmente esta missão, orientando a Iniciação Cristã. São os *mistagogos* da comunidade²³⁶. A tarefa da Iniciação Cristã consiste em introduzir o catecúmeno²³⁷ no seguimento de Jesus, não apenas pela instrução na doutrina, mas em uma abertura existencial, prática e afetiva. Nas palavras de Taborda, “a tarefa da iniciação é ‘encarilhar’ o catecúmeno pela pessoa mesma de Jesus, para que se imbua de seu Espírito”²³⁸.

O termo “mistagogo” sugere essa tarefa da Igreja, de ontem e de hoje, de conduzir pela mão o catecúmeno, para que descubra sua forma pessoal de seguir ao Senhor. E essa iniciação, esse acompanhamento mistagógico, ocorre não

²³³ Cf. BOROBIO, D. op. cit, p. 25.

²³⁴ “A Igreja é, sempre e em toda parte, todo o Povo de Deus, toda a comunidade de crentes. Todos são chamados por Deus, justificados em Cristo, santificados no Espírito Santo. (...) Uma vez que o chamado de Deus precede toda a ação e mesmo a resposta na fé, e uma vez que este é dirigido a todo o povo, o ser humano nunca se encontra só, mas sempre dentro da comunidade. Por sua vez, as comunidades particulares estão dentro da comunidade una, a Igreja”. Cf. KUNG, H. *A Igreja*. Lisboa: Moraes, 1969, pp. 178-182.

²³⁵ O termo - *ekklesia* - nos defronta com três dimensões estreitamente ligadas entre si: a assembléia cristã na sua atividade cultural, a comunidade local, considerada em todas as suas dimensões e a Igreja universal, da qual a Igreja local, longe de ser apenas uma das partes, é, ao contrário, presença total. Cf. NOCENT, A. Iniciação cristã e comunidade. In: PASQUIER, A. et al. *A crise da Iniciação Cristã. Concilium* 142, 1979/2, Petrópolis: Vozes, p.172.

²³⁶ Privilegiaremos o termo ‘mistagogo’ ao termo ‘catequista’, pois este segundo se inclina ao uso mais didático, o que não atende ao propósito de conceber este elemento em sua complexidade, enquanto orientador do neófito em sua caminhada mística-existencial.

²³⁷ O termo ‘neófito’ está diretamente relacionado àqueles que percorriam o itinerário mistagógico como um percurso de introdução à fé, incluindo o catecumenato e a instrução batismal. Contudo, para os Padres da Igreja, na categoria de neófitos estão não apenas os recém batizados, mas todos os fiéis. Esta abrangência tem por base a compreensão de que a graça da fé e a conversão pessoal ao seguimento de Jesus pertencem a uma dinâmica que percorre toda a vida, o que faz com que durante toda a vida sejamos neófitos. Cf. TABORDA, F. op. cit., pp. 25-26. Ver JOÃO CRISÓSTOMO. *Catechesis baptismalis* V, 20. Sources Chrétiennes n.50, 10. Paris: Du Cerf, 1970: “Imitai-o (a Paulo), vós também, eu vos peço, e podereis ser chamados neófitos não só por dois, três, dez ou vinte dias, mas podereis merecer este nome depois de dez, vinte ou trinta anos e, em verdade, durante toda a nossa vida”.

²³⁸ TABORDA, F. op. cit., p. 14.

apenas no campo dos encontros específicos do catecumenato, mas tem caráter essencialmente comunitário, se dá na Igreja e como Igreja²³⁹.

O sujeito da Iniciação Cristã é *a pessoa humana*. É uma experiência pessoal, relacional e livre. Procede da graça atuante de Deus, de sua misteriosa ação na vida de cada ser humano. O mistagogo procura sintonizar-se nesse diálogo e, a partir desta sintonia, conduzir o processo iniciático. O catecúmeno, ou neófito, deve ser acolhido na sua particularidade e alteridade pelo mistagogo, e através desse diálogo, o mistagogo deve aprofundar uma experiência de fé, de confiança, de entrega, que respeite o processo pessoal. “Acompanhar um catecúmeno significa antes de tudo segui-lo em seu caminho pessoal de busca de Deus, ao mesmo tempo em que supõe responder a um chamado da Igreja para participar de sua missão evangelizadora”²⁴⁰. Não se trata aqui de uma relação entre mestre e discípulo, mas de um encontro entre duas experiências diferentes.

Alberich alerta para a importância desse tratamento pessoal na ICA, afirmando que “o catecumenato não aponta, necessariamente e, antes de tudo, para o batismo, nem para a entrada na Igreja, mas pretende ajudar as pessoas a fazerem uma opção responsável e, se é uma opção de fé, a encontrar o próprio lugar como fiel²⁴¹”.

A fé cristã é resposta pessoal, dada por cada homem e cada mulher, do fundo de seu coração e com toda a sua vida, a uma proposta que lhe é feita em Jesus Cristo e por Ele, com relação a Deus, a cada um deles e ao mundo. É resposta a um convite: “*Segue-me*” (Mc 2,14; 10,21); “*Se queres...*” (Mt 19,21); “*Vinde e vereis*” (Jo 1,39); “*Se alguém quer vir em meu seguimento...*” (Mc 8,34). A Revelação é um convite à liberdade. Sem dúvida, o ato de fé possui um caráter livre e pessoal, pertence à ordem da resposta, evoca consciência e compromisso, experiência e conversão, revisão de vida e novas escolhas. “Para o Cristianismo, crer não consiste em aceitar uma doutrina religiosa, uma determinada forma de representar a Deus e a relação com ele, mas aceitar o convite a compartilhar uma vida, a entrar em uma nova relação”²⁴².

²³⁹ Ibid., p. 116.

²⁴⁰ ALBERICH, E. e BINZ, A. *Formas e modelos de catequese com adultos*. op. cit., p. 38.

²⁴¹ A partir desta compreensão, o Magistério deixa uma concepção automática do Batismo para entrar em uma concepção dinâmica, de uma pastoral de itinerários. O sacramento não é algo a se receber para estar tranquilo e salvo, mas uma etapa na vida de fé que se inicia e continua por toda a vida crescendo e renovando-se. Ibid., p. 35.

²⁴² GIGUÉRE, P. *Una fe adulta*. Santander: Sal Terrae, 1991, p. 122.

Em resposta a essa característica, o Catecumenato deve estar atento ao processo pessoal. Não deve estar vinculado a um tempo determinado de duração ou mesmo a programas ou estágios de passagem²⁴³. Seu planejamento deve estar centrado nos grandes mistérios da fé cristã e, ao mesmo tempo, desenvolver uma metodologia que atenda às dinâmicas pessoais e garanta adequação de linguagens, de meios, circularidade hermenêutica e sensibilidade espiritual.

Desta dimensão *ad intra* da Iniciação Cristã brota a riqueza da dimensão *ad extra*. Ela se torna missão e testemunho, e como expressa Castellano Cervera, “reverte necessariamente em expansão que concorda com a Obra de Cristo e do Espírito – o trabalho e o testemunho, a renovação da sociedade, projeções da Páscoa de Cristo e da ação renovadora do Espírito²⁴⁴”.

Sendo assim, a Iniciação Cristã é processo experimentado não apenas por cada neófito, mas por toda a comunidade a caminho. É uma trajetória pluridimensional. A comunidade evangeliza e é evangelizada, participa da trajetória do seguimento de Jesus e torna-se testemunha da mesma fé. A experiência *ad intra* renova os laços de fraternidade e de comunhão na comunidade e, ao mesmo tempo, realiza nela o mandado missionário, do qual se torna testemunha²⁴⁵ de uma reflexão amadurecida e de edificação do Reino de Deus²⁴⁶. A evangelização “alimenta-se do ‘senso da fé’ que o Espírito Santo derrama no coração de todos os batizados, e da sua linguagem, do seu dizer as maravilhas do Senhor, e aprende, por sua vez, a falar de Deus”²⁴⁷.

Ao concluirmos a reflexão quanto aos elementos constitutivos da Iniciação Cristã, vejamos qual o perfil próprio de um grupo de adultos em processo

²⁴³ Segundo E. Alberich, o catecumenato não pode se caracterizar por uma prática de aprendizagem sistemática, como se fosse uma corrida de obstáculos a serem vencidos, mas como compromisso comunitário com a experiência de encontro com Jesus Cristo e o crescimento pessoal. Cf. *Formas e modelos de catequese com adultos*. op. cit., p. 35.

²⁴⁴ CERVERA, J.C. op. cit., p. 584.

²⁴⁵ Velasco recorda a proposição do Concílio Vaticano II sobre a ação eclesial e o lugar da comunidade enquanto testemunho cristão no mundo: O Concílio Vaticano II nos ajudou a tomar consciência de que o sujeito, quando se fala de Igreja e suas ações e, portanto, da transmissão, é a Igreja inteira, toda ela povo de Deus. A transmissão da vida cristã não se efetua tanto por proposição oficial de enunciados de fé, dogmas, princípios e normas, quanto pela possibilidade real de uma identificação prática com pessoas e grupos em que se têm feito realidade viva – e, assim, oferta de sentido vital para outros – aspectos fundamentais dessa “forma de vida” em que consiste o cristianismo. Cf. VELASCO, J. M. *La transmisión de la fe en la sociedad contemporánea*, Santander: Sal Terrae, 2002, p. 78.

²⁴⁶ Cf. FORTE, B. *A teologia como companhia, memória e profecia*, São Paulo: Paulinas, 1991, p. 60.

²⁴⁷ *Ibid.*

catecumenal, e como o Catecumenato com Adultos se insere na dinâmica pastoral das comunidades eclesiais.

1.2.4

O perfil pastoral do Catecumenato com Adultos

Quando falamos de Iniciação Cristã de Adultos é importante ressaltarmos as peculiaridades que se fazem presentes nessa experiência. Diferente dos estágios da infância, da adolescência, da juventude, o perfil dos adultos que participam na Iniciação Cristã tem características próprias e merece atenção especial na pastoral.

O texto-base da *Segunda Semana Brasileira de Catequese*, “*Com Adultos, Catequese Adulta*”, chama a atenção sobre a realidade do adulto como interlocutor e destinatário privilegiado da educação na fé e afirma a conscientização sobre o valor que esta educação de adultos na fé tem ganhado nas últimas décadas²⁴⁸.

Se a comunidade local é uma comunidade em estado de missão e contínua referência catecumenal, ela mesma é matriz e germen da ICA, vive em estado de Iniciação Cristã, vive em estado de caminhada e seguimento de Jesus. Sendo assim, o conceito de Catecumenato com Adultos deixa de ser algo estanque, passageiro, ou uma tarefa a mais a ser cumprida, e passa a ser concebido como a própria raiz da comunidade e sua razão de ser²⁴⁹.

Nesse modelo, o Catecumenato com Adultos é parte inserida na dinâmica comunitária, criando-a e recriando-a continuamente. A dimensão de integração pessoa-comunidade é latente e fonte de renovação espiritual e ética, antropológica e escatológica, não apenas para os iniciantes, mas para todos os integrantes da mesma²⁵⁰.

A pessoa humana é dinamismo, mudança, construção incessante e, já vimos que essa não é uma experiência apenas subjetiva, mas intersubjetiva, relacional. Não é um caminhar isolado, individual, mas na comunidade e pela comunidade em que vive sua história²⁵¹. Temos aqui duas perspectivas integradas no Catecumenato com Adultos, que convidam a repensar as bases antropológicas

²⁴⁸ Cf. CNBB. *Com Adultos, Catequese Adulta*. op. cit., p. 8.

²⁴⁹ Cf. FLORISTÁN SAMANES, C. *La Iniciación Cristiana*, op. cit., p. 223.

²⁵⁰ Cf. LOPES, J. *La iniciación cristiana, inserción en Jesucristo y en la vida de la Iglesia*. In: *Phase 218*, Barcelona: Centro de Pastoral Litúrgica, 1997, p. 122.

²⁵¹ DUJARIER, M. *Experiências de iniciação cristã na África ocidental*. In: PASQUIER, A. et al. op.cit., p. 66.

e eclesiológicas deste projeto, ou seja, repensar a visão de pessoa e a visão de Igreja, nas quais se fundamenta e se movimenta.

Por tudo isso, os estudiosos alertam para a necessidade de se ir além da concepção catequética de teor didático-litúrgico²⁵² ou mesmo como adaptação dos processos de catequese para crianças e adolescentes. Deve-se avançar para a construção de projetos que atendam ao mundo adulto: mais do que um *Catecumenato com Adultos*, um *Catecumenato Adulto*²⁵³.

Os tempos atuais apresentam muitos desafios para o processo de evangelização, e a própria linguagem que o Cristianismo desenvolveu em seus variados meios catequéticos se tornou defasada e, muitas vezes, inócua para a Pós-modernidade. Esse quadro cultural, no qual a Igreja está imersa e dialoga, pede uma revisão de base, que nos faça rever a identidade da Iniciação Cristã e, a partir dessa identidade, analisar a práxis do *Catecumenato com Adultos*.

Como dissemos acima, não basta transferir a ênfase da catequese infantil para o mundo dos adultos, mas torna-se necessário desenvolver uma sensibilidade pastoral própria, que oriente concretamente esse processo, começando pelo grupo que o coordena. Não estamos trazendo uma proposta inusitada, pois esta é preocupação da Igreja e vem sendo refletida com competência em muitos países, inclusive no Brasil²⁵⁴.

Especialmente após o Concílio Vaticano II, os documentos oficiais do Magistério resgatam a necessidade da Catequese com Adultos e afirmam com

²⁵² A catequese de adultos não se deve limitar a ser simples instrumento de transmissão de uma tradição imutável, mas vem concebida como lugar de elaboração e de reflexão ativa da mesma tradição. Expressando a consciência que o Espírito produz em nossa época, como em todas as épocas. ALBERICH, E. *Catechesi adulta en una Chiesa adulta*. In: *Orientamenti Pedagogici* 38 (1991) 6, p. 1377.

²⁵³ Cf. ALBERICH, E. e BINZ, A. *Catequese com Adultos: elementos de metodologia*. op.cit., p. 13.

²⁵⁴ A Segunda Semana Brasileira de Catequese, promovida pela CNBB, priorizou o tema da Catequese com Adultos, em outubro de 2001, mobilizando as comunidades eclesiais do Brasil nesse sentido e promovendo um avanço significativo, em termos de planejamento e ensaios, sempre mantendo como referência-chave o período áureo do catecumenato, os séculos III e IV, particularmente no que se refere aos adultos. Estiveram presentes representantes de todos os Regionais da CNBB, das dioceses, Escolas de Catequese e Instituições Bíblicas, bem como convidados de outros países, num total de 459 participantes. O grupo contava com 167 leigos, 112 religiosas, 106 padres, 49 leigos, 16 bispos, 6 irmãos religiosos, 2 seminaristas e 1 diácono. Cf. CNBB. *Com Adultos, Catequese Adulta e Segunda Semana Brasileira de Catequese*. op. cit., pp. 9-10.

clareza a primazia da Catequese com Adultos como forma principal e urgente de catequese²⁵⁵.

Lembrem-se ainda que a catequese dos adultos, por dirigir-se a pessoas capazes de uma adesão plenamente responsável, deve ser considerada como a forma principal da catequese para a qual, de certo modo, estão ordenadas todas as outras, naturalmente também necessárias²⁵⁶.

Esta é a forma principal de catequese, porque está dirigida a pessoas que têm as maiores responsabilidades e capacidade de viver a mensagem cristã sobre sua forma plena. A comunidade cristã não poderia fazer uma catequese permanente sem a participação direta e experimentada dos adultos, sejam destinatários ou promotores da atividade catequética²⁵⁷.

Ao entrar no caminho da Iniciação Cristã deve-se levar em conta que as características próprias do mundo adulto não apenas devem ser respeitadas pedagógica e sociologicamente, mas tornam-se centrais. O Diretório Geral para a Catequese recorda critérios que estabelece como centrais para esta missão pastoral:

1. a atenção aos destinatários na sua situação de adultos, como homens e como mulheres, cuidando, portanto, dos seus problemas e experiências, dos recursos espirituais e culturais, em pleno respeito pelas diferenças;
2. a atenção à condição leiga dos adultos, aos quais o Batismo confere a possibilidade de 'procurar o Reino de Deus, exercendo funções temporais e ordenando-as segundo Deus' e ao mesmo tempo os chama à santidade;
3. a atenção ao envolvimento da comunidade, para que seja lugar de acolhimento e de apoio do adulto;
4. a atenção a um projeto orgânico de pastoral dos adultos, no qual a catequese se integre com a formação litúrgica e com o serviço da caridade.²⁵⁸

O pressuposto fundamental da Iniciação Cristã é a acolhida da dinâmica da Revelação e a conseqüente reconfiguração existencial. Aquele que acolhe o projeto de Deus em sua vida é totalmente atingido e se sente implicado, até no

²⁵⁵ Nos documentos do Concílio Vaticano II a terminologia central é a catequética. No entanto, o catecumenato é o modelo inspirador perene de toda ação catequética. A Igreja entende que a Tradição apostólica encontra sua expressão doutrinária e celebrativa na liturgia cristã dos primeiros séculos, originada e construída em torno e em função do Mistério Pascal. Daí que o modelo de Iniciação Cristã, segundo o catecumenato antigo, é significativo, um retorno à inspiração fontal, à sabedoria dos Padres da Igreja.

²⁵⁶ DCG 20.

²⁵⁷ CT 43.

²⁵⁸ DGC 174.

mais profundo de seu ser, no pleno sentido de sua existência²⁵⁹. Para o adulto, essa reconfiguração, ou seja, a configuração processual em Jesus Cristo torna-se uma revisão de suas escolhas, muitas vezes já históricas e enraizadas, o que demanda acompanhamento pessoal e comunitário e uma corajosa reformulação de sua orientação fundamental.

Isso implica em um processo que considere o mapa histórico-existencial de cada pessoa, respeite sua trajetória e auxilie no diálogo com as diversas realidades culturais, sociais, econômicas. Todas estas realidades serão reavaliadas pelo catecúmeno adulto em seu caminho de seguimento de Jesus.

Como o próprio vocábulo anuncia, a Iniciação Cristã é introdutória. O que significa isso para o adulto? Este já vivenciou muitos ritos de passagem e vários momentos de ‘iniciação’. Já construiu conceitos e estabeleceu valores nos quais edifica suas escolhas. Esta é outra característica original no Catecumenato com Adultos. Diferente do universo infantil, ao ingressar no caminho do Mistério, o adulto traz imagens de Deus, experiências religiosas pessoais e comunitárias, que devem ser também acolhidas e avaliadas, em um processo de condução carinhosa, paciente, misericordiosa, para o encontro com o Deus revelado em Jesus Cristo.

Ao discorrermos sobre este processo de abertura dialógica com Deus e de seu acompanhamento, estamos falando do processo mistagógico. O mistério divino que se revela em sua pedagogia amorosa e misericordiosa, e um caminho catecumenal que considere a iniciativa divina e o mapa histórico-existencial do adulto²⁶⁰.

A dimensão de ‘mistério’ pressupõe abertura, gratuidade e entrega confiante ao novo caminho que se lhe abre existencialmente. “A pedagogia divina encontra lugar na natureza humana, chamada a responder ao apelo divino, que tem seus ritmos intelectuais e afetivos, e condicionamentos internos e externos²⁶¹”. Para tanto, muitas vezes será necessário diagnosticar as possibilidades e fatores facilitadores, bloqueios e possíveis barreiras conceituais, enraizadas em cada

²⁵⁹ Cf. CERVERA, J.C. Iniciação cristã. op.cit. p.580.

²⁶⁰ O teólogo U. Vasquez, ao tratar da orientação espiritual, ressalta que a orientação só é possível porque Deus deixa sinais na vida de cada um de nós, como uma escrita divina, que podemos ler. Ele chama esse mapa existencial que Deus escreve em nossas vidas e em nosso coração, de teografia. Cf. VASQUEZ, U.V. *A Orientação espiritual: mistagogia e teografia*. São Paulo: Loyola, 2001, p.10.

²⁶¹ FALSINI, R. op.cit., p. 15.

pessoa acolhida neste processo. Ou seja, será imprescindível criar um dinamismo de abertura dialógica, tanto pessoal como comunitária.

A comunidade eclesial também participa desta dinâmica. É no diálogo interno que a comunidade elabora suas experiências de fé, de escuta da Palavra, de reflexão e revisões pessoais e sociais. É o espaço fecundo da circularidade hermenêutica, elemento caro para a caminhada da Igreja²⁶². O conjunto de idéias e percepções trazidas por cada participante influencia o processo interpretativo.

Na dinâmica da Revelação, a dimensão de compreensão e interpretação é a própria capacidade pessoal de ouvir a Deus. A escuta pessoal, como preconiza Rahner, é uma dimensão ontológico-existencial²⁶³. Recebemos de Deus o convite cotidiano, existencial e histórico, a graça salvífica para a qual a abertura livre responsável do ser humano é parte da dinâmica divina. Da Igreja recebemos a fé vivida, interpretada, transmitida, obra do Espírito que age na história e na vida das comunidades²⁶⁴. O processo catecumenal supõe compartilhar a riqueza desta dinâmica, mas também possibilitar a resposta pessoal e processual²⁶⁵.

Dessa forma, a comunidade é espaço de acolhida e também de elaboração das fontes do Cristianismo – a Palavra de Deus, a Tradição e o Magistério. Esta pedagogia mistagógica, abalizada pela abertura e diálogo com o mistério de Deus, que se revela na vida pessoal e histórica, supera uma concepção centrada na simples assimilação de gestos e conteúdos.

A Comissão Episcopal de Catequese, na Espanha, exorta para que a Catequese com Adultos não se torne apenas um resgate da Tradição, mas que seja atualização, catequese da Igreja viva, de todos os tempos, criativa e atenta aos sinais dos tempos.

A catequese dos adultos, como ato de Tradição, não é pura repetição do passado, não é um tesouro morto que as gerações cristãs recebem e simplesmente

²⁶² Denominamos circularidade hermenêutica o movimento de interpretação que considera tanto as fontes como a releitura da comunidade diante da realidade, num processo de interlocução desta com a Palavra, a Tradição e o Magistério. Paul Ricoeur apresenta a circularidade hermenêutica como condição da própria consciência histórica que estabelece uma mediação entre o futuro enquanto horizonte de expectativas, o passado como tradição e o presente como surgimento. Pessoa e comunidade constroem juntas uma concepção de presente como dinamismo e iniciativa, capazes de dar um rumo novo à história. Cf. FORTE, B. op. cit., p. 172 e RICOEUR, P. *Do texto à acção, ensaios de hermenêutica II*. Porto: Rés Editora, 1986, p. 11.

²⁶³ A pessoa humana, em seu fundamento originário, está voltada para a absoluta comunicação de Salvação, que só lhe vem de Deus. Cf. RAHNER, K. *Curso Fundamental da Fé*. São Paulo: Paulinas, 1989, pp. 47-59.

²⁶⁴ Cf. LIBANIO, J. B. *Eu creio, nós cremos*, São Paulo: Loyola, 2000, p. 249.

²⁶⁵ VELASCO, J. M. op.cit., p. 34.

transmitem. Ao contrário, é oferta e desenvolvimento de uma experiência na qual o adulto recebe em forma ativa e criativa. A antiga melodia da Tradição, sendo recebida de forma viva, vem restituir à Igreja nova harmonia. A pedagogia catecumenal deve ser, por isso, uma pedagogia de criatividade²⁶⁶.

Esta característica se faz presente em muitas experiências catecumenais, sob orientação do Magistério e das igrejas locais. Na comunidade eclesial, as fontes do Cristianismo são acolhidas, redescobertas e transmitidas, suscitando a abertura do processo de evangelização a novas circularidades interpretativas²⁶⁷.

Neste itinerário, as relações dialógicas entre Deus, a pessoa e suas demais relações estão integradas: o exercício da troca de experiências, da construção conceitual, do acompanhamento mútuo dos processos de conversão estabelece o resgate da autonomia da pessoa, da sua capacidade de reelaboração, pela participação.

O conjunto de elementos catequéticos, litúrgicos e morais, indispensáveis para encaminhar o processo de Iniciação Cristã, precisa estar atento às peculiaridades do mundo adulto²⁶⁸, a fim de contribuir para uma opção livre e consciente daqueles que iniciam (ou reiniciam) sua participação na Igreja, para que amadureçam na fé e assumam responsavelmente sua vocação e missão²⁶⁹.

Ao identificar este processo catecumenal com o adjetivo – *adulto* -, E. Alberich está demarcando a especificidade deste caminho catecumenal. Para ele, esta deve ser a chave de leitura para toda reflexão e planejamento que a ele se relacionar. Para este importante catequeta, o catecumenato ‘adulto’ possui traços característicos que devem ser observados nos planejamentos pastorais. Seguem abaixo as características identificadas pelo autor:

1. Dimensão evangelizadora;
2. Dimensão comunitária;
3. Inserir-se no projeto geral de renovação eclesial;
4. Ser parte de um projeto pastoral mais amplo;

²⁶⁶ COMISIÓN EPISCOPAL DE ENSEÑANZA Y CATEQUESIS. *Catequesis de adultos*, n. 109.

²⁶⁷ Cf. FORTE, B. op. cit., p. 172.

²⁶⁸ O documento da CNBB alerta que o Catecumenato com Adultos não esteja condicionado apenas à faixa etária, oferecendo uma catequese em um novo formato, mas que conduza ao amadurecimento na fé. Este sempre foi o objetivo primeiro do Catecumenato, mas no mundo atual, em sua crise ética e religiosa se torna ainda mais urgente uma formação séria, em comunidade, e que se torne testemunho no mundo. Cf. ARNEDO, F.J.H. Palavras de abertura da Segunda Semana brasileira de catequese. In: CNBB. *Segunda semana brasileira de catequese*. op.cit., p. 44.

²⁶⁹ LOPES, J. La iniciación cristiana, inserción en Jesucristo y en la vida de la Iglesia. In: *Phase*, Barcelona: Centro de Pastoral Litúrgica, n. 218, 1997, p. 120.

5. Promover fiéis adultos a serviço de uma Igreja adulta;
6. Ser um espaço de formação teológica;
7. Espaço de diálogo com a pluralidade cultural²⁷⁰.

De acordo com nossa análise, todo esse processo possui um eixo teológico, que consiste na Iniciação Cristã como caminho de abertura ao Mistério de Deus, como experiência pessoal e comunitária. Não se trata aqui de seguir roteiros metodológicos com base na eficácia do projeto, mas de avaliar a concepção de Iniciação Cristã, que subjaz nas práticas pastorais, e assumi-la como missão evangelizadora, pedagógica e transformadora.

O diagnóstico dos problemas com o Catecumenato com Adultos, assim como das principais questões presentes no mundo atual, deve nos reconduzir a uma reflexão profunda, em busca das raízes da proposta da Iniciação Cristã. A partir desse resgate de base é que buscamos os caminhos de diálogo com os desafios atuais. Os acentos na instrução religiosa, na socialização, na detenção de evasões, na sacramentalização, no assistencialismo, são sinais de que o projeto está distante de seu eixo teológico e acaba sendo instrumentalizado para atender a essas finalidades. Sendo assim, a ICA não deve ser vista como um recurso para a recuperação de fiéis em vista da crise religiosa. Se percebida nesse enfoque, ela se torna instrumento ou ‘instância supletiva’²⁷¹. E, como vimos, a Iniciação Cristã é projeto central, que atinge toda a comunidade, envolvendo-a na própria dinâmica da Revelação. E. Alberich nos recorda, mais uma vez, a centralidade da Iniciação Cristã, a fim de se firmar uma identidade crística, comprometida com seu tempo e testemunha no mundo.

Trata-se de um desafio lançado à Igreja: escolher entre recuar para uma posição conservadora e de defesa ou lançar-se à abertura evangelizadora para o mundo real dos homens: continua sendo uma Igreja voltada para uma pastoral de manutenção centrada na sacralização e no serviço eclesial ou converter-se numa Igreja preocupada com uma pastoral missionária, centrada no testemunho e na presença no mundo²⁷².

²⁷⁰ Cf. ALBERICH, E. e BINZ, A. *Catequese com Adultos*. op. cit., p. 40.

²⁷¹ Esse adjetivo é utilizado por E. Alberich na sua avaliação do Catecumenato com Adultos, quando percebido na perspectiva instrumental, numa ação pastoral conservadora. *Ibid.*, p. 42.

²⁷² *Ibid.*, pp. 43-44.

Com essas palavras, E. Alberich alerta para a revisão teológica e complexa do processo, não com respostas parciais ou imediatistas, mas como recuperação de seu eixo norteador, como ação de renascimento, com as mudanças que isso acarreta. Só a partir dessa reorientação, a ICA vai falar ao mundo atual. E em comunidades de vida, construir novos caminhos de evangelização para as pessoas, para a sociedade atual.

1.2.5

A restauração do Catecumenato com Adultos a partir do Concílio Vaticano II

Na história da Igreja, a dimensão catequética já se fez presente em muitos momentos, com revisões conceituais, teológicas, metodológicas e orientações do Magistério²⁷³. Com muita frequência o foco esteve no aspecto informativo, como instrução religiosa, como conhecimento das verdades da fé e orientação moral. Mesmo em nosso século a linha tradicional de exposição da doutrina esteve na linha de frente, numa leitura apologética da fé cristã ou numa perspectiva de conversão que passava pela compreensão racional. A Catequese para os Adultos também se firmou dentro dessa lógica, como extensão da catequese para as crianças, com o principal objetivo de formar ‘o bom cristão’, aquele que conhece a doutrina e a pratica.

Contudo, o final do século já apresenta uma revisão das formas tradicionais e experiências catecumenais próprias para os adultos, mais consistentes, criteriosas, com metodologias voltadas para a existência cotidiana e as metas históricas. Em muitos países, essas experiências catecumenais se desenvolveram e até se tornaram berço para a formação de cristãos maduros e cidadãos militantes por um mundo melhor²⁷⁴. Foram experiências pontuais, que

²⁷³ Sobre a profunda mudança conciliar do Vaticano II com relação à Catequese e Catecumenato com Adultos ver os excelentes trabalhos de ALBERICH, E. e BINZ, A. *Catequese com adultos. Elementos de metodologia*. São Paulo: Editora Salesiana, 2001; CAVALLOTO, G. *Il nuovo rito di Iniziazione Cristiana degli adulti: origine, struttura e scelte pastorali*. In: *Iniziazione Cristiana e Catecumenato*. Bologna: EDB, 1996, pp. 223-272; MARTÍNEZ, D., GONZÁLEZ P e SABORIDO, J.L. *Proponer la fe hoy. De lo heredado a lo propuesto*. Santander: Sal Terrae, 2005; GARZÓN, J. J. C. *Catecumenado y Comunidad Cristiana en el Episcopado español (1964-2006)*. Salamanca: Universidad Pontificia de Salamanca, 2006.

²⁷⁴ Na França e na Itália, a Ação Católica restabeleceu o catecumenato de adultos como instrução religiosa; na Espanha, os Cursinhos de Cristandade também tiveram grande difusão na formação dos adultos; na Alemanha, se desenvolveu a formação teológica de adultos, com aspectos

ainda não significavam uma mudança da mentalidade catequética-doutrinal, proveniente do Concílio de Trento²⁷⁵. Será o Concílio Vaticano II o grande responsável pela virada teológica, por uma nova compreensão antropológica, cristológica e eclesiológica. A reflexão firme e contundente provocou uma nova práxis eclesial que também afetou o conceito de catequese e, conseqüentemente, o de Catecumenato para os Adultos. Representou uma virada decisiva e ponto de partida para novas perspectivas.

Em nossa sociedade, a formação antropológica tornou-se um eixo fundamental para todo o projeto pastoral e pedagógico²⁷⁶. Rever essa formação é rever a configuração de pessoa e de sua capacidade relacional, suas bases de construção pessoal e social, sua inserção histórica e projetos. Para o Cristianismo, é sua razão de ser: auxiliar a pessoa no autoconhecimento, abertura e diálogo, consciência, liberdade e responsabilidade, configuração ética, escolhas possíveis e horizonte de sentido. É, enfim, o processo de ‘encarnação’, de educação de sua originalidade e realização pessoal em Jesus Cristo, dentro de seu contexto afetivo, familiar, social, histórico. “A catequese com adultos está chamada a ser um dos pontos focais da tarefa pastoral em nossos dias²⁷⁷”.

Ante o fenômeno da Modernidade, a Igreja não apenas buscou refletir e encontrar novos caminhos para a ação evangelizadora, mas veio esclarecer com maior nitidez a natureza genuína de sua missão evangelizadora. Rever esta missão é rever sua própria identidade, o que também demandou respostas pastorais cada vez mais urgentes, diante de situações apresentadas pela sociedade contemporânea. Esta ampla revisão retornou às fontes do Cristianismo e conduziu não apenas ao resgate da antropologia unitária e interrelacional, mas também a uma nova consciência eclesial, na perspectiva da unidade na diversidade, do respeito e diálogo com as diferenças, da comunidade como realização concreta da

semelhantes à catequese; nos Estados Unidos conhecemos também algumas práticas de educação religiosa de adultos. Cf. ALBERICH, E. e BINZ, A. *Catequese com Adultos*. op. cit., pp. 29-30.

²⁷⁵ O Concílio de Trento significou um grande estímulo para as pastorais e, em decorrência, a preocupação com a formação religiosa tornou-se central.

²⁷⁶ Conforme estudo desenvolvido pela teóloga Lina Boff em sua tese doutoral, a teologia pastoral inicia sua parceria com a concepção antropológica das ciências em fins do século XIX e início do século XX, ainda com uma atitude de prudência. Esta parceria inicial se manifestou na pregação da Palavra, no ensino da catequese e no apostolado voltado para o mundo. Cf. BOFF, Lina. *Espírito e Missão na Teologia*. op. cit., pp. 76-77.

²⁷⁷ ALBERICH, E. *Catequese com adultos*. op. cit., p. 13.

Igreja, enfim, à eclesiologia de comunhão²⁷⁸. Nas palavras de B. Forte: “A eclesiologia de comunhão é a perspectiva colocada em relevo pelo Vaticano II, que retoma uma compreensão dos Santos Padres, que encontram nesta experiência a melhor maneira de expressar a realidade da Igreja”²⁷⁹.

A eclesiologia de comunhão exorta à construção de projetos comunitários que integrem a pessoa humana e seu dinamismo inter-relacional²⁸⁰. A Igreja, através de sua missão pastoral, é chamada a contribuir na promoção de uma vida cristã mais personalizada, comprometida e consciente de ser testemunho no mundo²⁸¹. Daí a importância de que o catecumenato seja delineado como um catecumenato maduro, significativo, dialógico, enfim, *adulto*, no sentido de ser testemunho enraizado e dinâmico no mundo pós-moderno.

Esse dinamismo pastoral, resgatado pelo Concílio Vaticano II, desenvolve-se através de relações intersubjetivas. É a dimensão dialógica, tão valorizada na sociedade contemporânea. Esta dinâmica cria uma atmosfera propícia à criação, desenvolvimento e reconhecimento das pequenas comunidades eclesiais²⁸². O Papa João Paulo II afirma que a Igreja deve ser a escola da comunhão: “Fazer da Igreja *a casa e a escola da comunhão*: eis o grande desafio que nos espera no

²⁷⁸ No dinamismo do Espírito de Deus, o Concílio Vaticano II aponta para a concepção de Igreja como Povo de Deus, conceito bíblico e patrístico, que nos conduz à imagem de uma Igreja que deseja ser sacramento de um Deus comunhão do Pai pelo Filho no Espírito. A eclesiologia de comunhão é seu ponto de partida e seu horizonte, é fonte do Mistério da própria Igreja e, ao mesmo tempo, Povo de Deus que caminha, atento aos sinais dos tempos. Cf. *LG*, especialmente n. 31 e 33; *CL*, especialmente n. 19 e 20. Sobre este tema ver ainda o documento da CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Carta aos bispos da Igreja Católica sobre alguns aspectos da Igreja entendida como comunhão*. Maio de 1992. Disponível em: www.vaticano.va. Acesso em 22 de julho de 2008.

²⁷⁹ FORTE, B. *A Igreja, ícone da Trindade*. São Paulo: Paulinas, 1991, p. 23.

²⁸⁰ “A comunhão não se identifica com uma reunião de amigos. É algo diferente, o encontro em Cristo de homens e mulheres reconciliados”. TEPEDINO, A. M. *Eclesiologia de comunhão. Uma perspectiva*. In: *Atualidade Teológica*. Rio de Janeiro: PUC, n. 11, 2002, p. 175.

²⁸¹ Sobre este tema, o papa Paulo VII, na *Evangelii Nuntiandi* faz uma excelente exortação: “A Boa Nova há de ser proclamada, antes de mais, pelo testemunho. Suponhamos um cristão ou punhado de cristãos que, no seio da comunidade humana em que vivem, manifestam a sua capacidade de compreensão e de acolhimento, a sua comunhão de vida e de destino com os demais, a sua solidariedade nos esforços de todos para tudo aquilo que é nobre e bom. Assim, eles irradiam, de um modo absolutamente simples e espontâneo, a sua fé em valores que estão para além dos valores correntes, e a sua esperança em qualquer coisa que se não vê e que não se seria capaz sequer de imaginar. Por força deste testemunho sem palavras, estes cristãos fazem aflorar no coração daqueles que os veem viver, perguntas indeclináveis: Por que é que eles são assim? Por que é que eles vivem daquela maneira? O que é, ou quem é, que os inspira? Por que é que eles estão conosco?”. *EN*, n. 21.

²⁸² O Vaticano II, sem fazer distinção entre comunidades grandes e pequenas, viu na experiência comunitária das origens (At 2,42-47) o modelo não apenas da vida religiosa (*PO* 15,1), da dimensão missionária (*AG* 25,1) e da vida sacerdotal (*PO* 17,4 e 21,1), mas de todo o povo santo de Deus (*LG* 13,1; *DV* 10,1), o modelo e a chave da renovação conciliar.

milênio que começa se quisermos ser fiéis ao desígnio de Deus e corresponder às expectativas mais profundas do mundo²⁸³”.

Medellín, seguindo ainda o projeto eclesiológico do Vaticano II, procurou sublinhar a face laical da Igreja no sentido teológico²⁸⁴. Propõe uma catequese eminentemente evangelizadora, que abarque a evangelização dos batizados ou “reevangelização dos adultos²⁸⁵”, e ainda novas formas de catecumenato na catequese de adultos para uma eficaz “evangelização dos batizados²⁸⁶”. Recomenda uma reevangelização²⁸⁷, que se traduza em uma “reconversão e uma educação de nosso povo na fé a níveis cada vez mais profundos e maduros²⁸⁸”, na “dupla dimensão personalizante e comunitária²⁸⁹”. A vocação e missão dos leigos é o coração do processo de ICA que, como Povo de Deus, assumem a missão de anunciar e testemunhar Jesus Cristo no mundo.

G. Cavalloto, analisando o histórico do processo catecumenal nos documentos do Magistério, considera:

Com o Concílio Vaticano II e sucessivamente, em 1972, com a publicação da *Ordo Initiationis Christianae Adulorum (OICA)*²⁹⁰, a Igreja propõe de forma autorizada para aqueles que desejam aderir ao projeto cristão, sobretudo aos adultos, mas também aos jovens, o retorno à Iniciação Cristã segundo o catecumenato antigo: uma escolha dotada de sabedoria de retomar o tesouro da rica e original experiência dos primeiros séculos, justificada a exigência de propor para nosso tempo um rigoroso e eficaz processo de Iniciação Cristã²⁹¹.

²⁸³ JOÃO PAULO II. *Carta Apostólica Novo Millennio Ineunte*. Janeiro de 2001. Disponível em: www.vatican.va. Acesso em 28 de maio de 2007.

²⁸⁴ No que se refere à América Latina, surgiu em Medellín a opção clara por uma ‘evangelização dos batizados’, reforçada em Puebla, através do projeto de ‘catequese permanente’. Cf. ALBERICH, E. e BINZ, A. *Catequese com Adultos*. op. cit., p. 37.

²⁸⁵ CELAM. II Conferência Geral do Episcopado Latino-americano. *Conclusões de Medellín*. São Paulo: Paulinas 1968, n.8,9.

²⁸⁶ Ibid.

²⁸⁷ Será mais adiante, no *Diretório Catequético Geral* que o termo ‘reevangelização’ aparecerá como resposta aos desafios da secularização, mais madura e profunda educação da fé. Cf. *DCG*, especialmente n^{os}. 6, 20, 96, 97 e 130.

²⁸⁸ *Medellín*, n. 6,4.

²⁸⁹ Ibid.

²⁹⁰ Entre a promulgação do *Ordo Baptismi Adulorum*, de 1962 até a promulgação do OICA se passaram dez anos. Foi um período de reflexão quanto aos conteúdos e planejamentos, estudos sobre o catecumenato na Igreja primitiva e ensaios no campo catequético. O OICA é resultado não apenas da nova reflexão, mas também das experiências e conclusões de diversas igrejas no mundo inteiro. Passaremos a citar o Ritual Romano a sua sigla em português: RICA. Cf. SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. *Ritual da Iniciação Cristã de Adultos*. São Paulo: Paulus, 2001.

²⁹¹ CAVALLOTO, G. *Iniziazione Cristiana e Catecumenato*. op. cit., p. 10.

No Concílio Vaticano II, as referências explícitas ao Catecumenato de Adultos indicam a preocupação com esta experiência catecumenal²⁹². Sabemos que a catequese não é a tônica do Concílio, porém o impulso de revisão e renovação vêm da sua teologia, principalmente de sua compreensão de Igreja²⁹³. Esta não é mais percebida como instituição com marcado peso clerical, mas como comunhão, comunidade, fraternidade de irmãos que crêem, celebram a Eucaristia e vivem neste espírito de comunhão concreta e solidária, tornando-se sinais no mundo de hoje²⁹⁴.

Segundo o teólogo alemão, K. Rahner, ali se anuncia uma nova experiência de Igreja: a Igreja como acontecimento em uma comunidade local de altar, de palavra e de amor. Uma novidade conciliar que surge do retorno às fontes do Cristianismo e anuncia um futuro fecundo. Rahner vê na eclesiologia conciliar uma perspectiva realmente promissora para uma Igreja do futuro²⁹⁵.

Na Constituição *Sacrosanctum Concilium* se pede uma volta ao caminho catecumenal por etapas e santificado por ritos, que desembocasse nos sacramentos de iniciação. Era uma inovação sem precedentes para os últimos dez séculos na pastoral de Iniciação Cristã. Uma inovação que pressupunha um retorno à idade de ouro do catecumenato²⁹⁶. Um retorno como resgate amadurecido, que reconhece a inspiração fontal e paradigmática da experiência da Igreja primitiva, sem nenhuma tônica de modismo ou nostalgia por esta antiga instituição. Toda esta reflexão conciliar tem também um forte cunho missionário e, nele, o caminho da Iniciação Cristã é resgatado como co-natural à Igreja e como exigência fundamental no diálogo com a sociedade contemporânea.

No trecho do documento *Ad Gentes*, percebemos a compreensão do catecumenato como processo e como Iniciação Cristã, e um processo onde toda a comunidade eclesial participa e é responsável.

²⁹² Cf. SC 64; CD 14; AG 14.

²⁹³ O dinamismo pós-conciliar e suas novas idéias auxiliaram a criação do Novo Catecismo de Adultos, em 1966, conhecido como Catecismo Holandês, que representa uma mudança significativa na catequese com adultos. (*Il Nuovo Catecismo Holandes*. Turim: Elledici, 1979) A partir deste Catecismo, outros episcopados também elaboraram este material, como a Itália, Alemanha, Bélgica, Espanha, França e Colômbia. Cf. ALBERICH, E. e BINZ, A. *Catequese com Adultos*. op. cit., pp. 184-186.

²⁹⁴ A eclesiologia do Concílio Vaticano II tem sua idéia-chave na koinonia-comunhão: na Palavra, nos Sacramentos, tendo como fonte e ápice a Eucaristia. “União a Cristo e em Cristo; e união entre os cristãos, na Igreja”. Esta realidade é “o conteúdo central do ‘mistério’, ou seja, do plano divino da salvação da humanidade”. Cf. LG 11; CL 19.

²⁹⁵ Cf. GARZÓN, J. J. op. cit., p. 88.

²⁹⁶ Cf. SC 64.

“(...) o catecumenato não é mera exposição de dogmas e preceitos, mas uma formação e uma aprendizagem de toda a vida cristã; prolongada de modo conveniente, por cujo meio os discípulos se unem com Cristo seu mestre. Por conseguinte, sejam os catecúmenos convenientemente iniciados no mistério da salvação, na prática dos costumes evangélicos, e com ritos sagrados, a celebrar em tempo sucessivos, sejam introduzidos na vida da fé, da liturgia e da caridade do Povo de Deus.

(...) Esta iniciação cristã realizada no catecumenato deve ser obra não apenas dos catequistas ou sacerdotes, mas de toda a comunidade dos fiéis, especialmente dos padrinhos, de forma que desde o começo os catecúmenos sintam que pertencem ao Povo de Deus. Visto que a vida da Igreja é apostólica, os catecúmenos devem igualmente aprender a cooperar ativamente; pelo testemunho da sua vida e a profissão da sua fé, na evangelização e na construção da Igreja”²⁹⁷.

Como já dissemos, a mudança pós-conciliar fez repensar também o modelo de catecumenato *de adultos*, ou *para adultos*, na direção de um *catecumenato adulto*, um catecumenato que levasse em conta as necessidades e características próprias da condição de adulto e as interpelações próprias de sua realidade²⁹⁸. Se antes a catequese era motivada pela ignorância religiosa e a necessidade de esclarecimentos doutrinários, hoje a crise da experiência religiosa, a indiferença crescente, a falta de um horizonte de sentido, tornam urgente a formação antropológico-teológica de forma adulta. Esse dinamismo pós-conciliar é uma resposta madura à Modernidade, sua cultura e questões fundamentais, no qual a Igreja entra em diálogo aberto e responsável com o mundo no qual é missionária.

Para Floristán Samanes, um dos pioneiros a chamar a atenção sobre a importância do catecumenato²⁹⁹, a pastoral da Igreja se defrontou com uma Iniciação Cristã deficiente, fruto de uma escassa evangelização e de uma precipitada sacramentalização. Quando o Vaticano II restaura o processo catecumenal, ele revaloriza a importância da comunidade cristã e da iniciação na formação dos cristãos³⁰⁰. É neste sentido que falamos de um catecumenato adulto, como um processo de amadurecimento de pessoas que possam dialogar como cristãos, com a sociedade secularizada e com o pluralismo religioso, como educadores na fé, enquanto testemunhas de vida nova, anunciada em Jesus Cristo.

²⁹⁷ AG, n. 14.

²⁹⁸ Cf. ALBERICH, E. e BINZ, A. *Catequese com Adultos*. op. cit., p. 31.

²⁹⁹ O teólogo pastoralista Casiano Floristán Samanes, em 1963, assumiu a direção do Instituto Superior de Pastoral, em Madrid, em unidade com a Universidade de Salamanca, como objetivo de refletir e colocar em prática a proposta catecumenal do Vaticano II.

³⁰⁰ Cf. FLORISTÁN SAMANES, C. *Il Catecumenato*. op.cit. pp. 170-173.

A prática litúrgico-catequética apenas ritualística não conduz a esse processo de enraizamento e configuração existencial em Jesus Cristo. Muitos cristãos reproduzem uma liturgia ritualizada sem convicções profundas, sem se tornarem testemunhas do mistério pascal do qual participam, ou mesmo abandonam a mesma por não encontrarem seu sentido mais profundo e verdadeiro. Mesmo com o processo pós-Vaticano II, ainda há experiências de um modelo pastoral que parece não se dar conta da mudança sócio-religiosa, e não se defronta com a emergência de uma profunda revisão de metodologias, conteúdos e formas de anúncio. O resultado é uma verdadeira frustração no empenho pastoral³⁰¹.

A retomada da ICA é prioritária como revisão global das práticas pastorais e litúrgicas em sua compreensão central. Longe de se colocar como uma entre as pastorais da Igreja, o catecumenato é tomado como instituição central e global, como instrumento vital na missão evangelizadora.

A publicação do RICA é uma explícita retomada da Iniciação Cristã de Adultos, valorizando o catecumenato. É, sem dúvida, o documento oficial mais importante sobre o Catecumenato com Adultos. Foi promulgado em janeiro de 1972 como fruto de um rico processo de investigação e experiências. O Rito constitui um momento significativo do desenvolvimento da reforma litúrgica do Concílio Vaticano II e uma síntese autorizada das indicações litúrgico-pastorais oferecidas pelas Conferências Episcopais, nos diversos países, com seus programas de evangelização e pastoral sacramental. Ele introduz um itinerário de amadurecimento na fé e na pertença eclesial que evoca - em seus grandes aspectos -, o catecumenato dos primeiros séculos da Igreja.

Apresentando uma estrutura que integra os três sacramentos da iniciação e a iniciação num processo pedagógico e progressivo, o RICA propõe um caminho espiritual para os candidatos, com participação ativa da comunidade em todas as suas etapas. É um documento fundamental, sinal concreto da virada na concepção e práxis da ICA, além de ser capaz de inspirar projetos e experiências catequéticas, abrindo as comunidades à ação de itinerários catecumenais diferenciados, atentos às situações, tanto daqueles que iniciam, como dos que retornam à caminhada cristã.

³⁰¹ Cf. ROCCHETTA, C. *Como evangelizar hoy a los cristianos*. op.cit., p. 22.

C. Rocchetta considera o RICA uma novidade e o apresenta como proposta modelo para uma ‘nova evangelização’: “capaz de romper com o sedentarismo crônico de nossas comunidades e impregná-las de uma nova evangelização, com o redescobrimto de um autêntico espírito catecumenal e de um modelo de Igreja capaz de responder às expectativas do mundo contemporâneo³⁰²”. Também D. Borobio reconhece que este Ritual acolhe, restaura e aplica o Catecumenato com Adultos: “o Ritual não se limita à Iniciação sacramental, mas oferece um caminho progressivo de iniciação catecumenal, recolhendo a essência do catecumenato antigo e procurando aplicá-lo em nossos dias³⁰³”. Vale a pena citar na íntegra a reflexão de D. Borobio com relação à riqueza teológica, litúrgica e pastoral do RICA.

Este Ritual é um dos documentos de maior transcendência do Vaticano II, não apenas porque renova o Catecumenato no processo de Iniciação Cristã de Adultos, mas também porque integra, harmoniza e expressa de modo exemplar os diversos níveis e perspectivas: o nível antropológico, o teológico, o sacramental-ritual e o pastoral; o que se apresenta como o principal referente da Iniciação Cristã e como o modelo de toda catequese integral, que implica a participação e renovação da mesma comunidade cristã³⁰⁴.

Mas não é só isso que nos faz diagnosticar a renovação desse processo, mas toda a dinâmica que foi implementada no sentido de repensar a evangelização no mundo, com documentos do Vaticano II, seguidos de outros, voltados diretamente para as realidades locais³⁰⁵. Nos últimos anos, o tema da ‘nova evangelização’ ocupou a reflexão teológica e pastoral de uma forma ampla³⁰⁶. Este conceito se tornou um elemento dinamizador e unificador das atividades pastorais. Demandou novos discursos, reflexões e planejamentos pastorais em todo o mundo. Em 1988, na *Christifidelis Laici*, o papa João Paulo II afirma que a Igreja deve dar um grande passo adiante em sua evangelização, entrando numa

³⁰² ROCCHETTA, C. op.cit., p. 9.

³⁰³ BOROBIO, D. El Catecumenado y su situación en la Iglesia actual. In: *Teología y Catequesis*, n. 83, San Dámaso: Madrid, 2002, p. 79.

³⁰⁴ Idem, p. 81.

³⁰⁵ O *Directorio Catequético Geral*, de 1971, prioriza a catequese com adultos; a Exortação Apostólica de Paulo VI, *Evangelii Nuntiandi*, de 1975, impulsiona uma nova dinâmica na evangelização; o 4^a. Sínodo dos Bispos, de 1977, fala do Catecumenato de Adultos como modelo e paradigma para toda a catequese; a Exortação Apostólica de João Paulo II, *Catechesi Tradendae*, de 1979, reafirma oficialmente esta opção.

³⁰⁶ O papa João Paulo II cunhou a expressão ‘nova evangelização’ como convocação de toda a Igreja para um novo programa orgânico de evangelização, com “novo ardor, novos métodos e novas expressões”. Cf. JOÃO PAULO II. *Discurso à Assembléia do Celam*. op.cit.

nova etapa histórica de seu dinamismo missionário e formando comunidades eclesiais maduras³⁰⁷. Também nessa proposta há uma ênfase ao trabalho pastoral de iniciação e formação dos adultos.

Numa breve retomada desta etapa sinalizaremos os aspectos fundamentais no perfil pastoral do Catecumenato com Adultos:

1. Em sentido estrito a ICA é um sinal visível do processo da Revelação desenvolvendo-se em todas as suas dimensões, pois demonstra que a conversão é obra de Deus.

2. A natureza da Iniciação Cristã é mistagógica, é esse caminho dinâmico no qual o primado não está em noções e preceitos a serem apreendidos, mas na iniciação à vida e aos mistérios de Deus, de acolhida e participação na Igreja.

3. É uma nova tomada de consciência eclesiológica, que supõe conversão da própria Igreja, das comunidades locais, dos projetos pastorais, da compreensão teológica que fundamenta as práticas e discursos.

4. Supõe o ingresso no mesmo dinamismo mistagógico, no qual se estrutura a Iniciação Cristã, ou seja, supõe que não apenas os iniciantes, mas que toda a comunidade eclesial reveja seu processo de iniciação e caminhe humildemente no seguimento de Jesus.

5. Supõe que a comunidade eclesial acolha o dinamismo da conversão e de crescimento na fé, se coloque em estado de evangelização e abertura ao mistério de Deus.

Enfim, o catecumenato é um amplo projeto teológico, expressão da própria Igreja a caminho. A seguir nos deteremos em uma breve exposição quanto ao processo de Iniciação Cristã de Adultos em sua implantação pastoral, avanços e dificuldades percebidas em algumas experiências eclesiais.

1.2.6

As Comunidades Eclesiais Locais diante do desafio do processo de Iniciação Cristã de Adultos

O movimento de revisão e resgate do catecumenato provocado pelo Vaticano II encontrou acolhida em muitas comunidades, em todo o mundo. No

³⁰⁷ Cf. CL 34.

âmbito desse trabalho não nos deteremos nessa análise, já tão bem elaborada por estudiosos do tema, principalmente na Espanha, onde o movimento catecumenal vem encontrando um solo fecundo e paradigmático para a Igreja.

Contudo, trazemos algumas perspectivas, a fim de nos situarmos com relação às configurações mais atuais do processo catecumenal e de como buscam responder às orientações do Magistério e às interpelações locais. Lembramos que nosso objetivo não está em uma avaliação do processo metodológico das experiências locais, mas na compreensão de Iniciação Cristã que as embasa e orienta.

A interpelação que alcança o processo catecumenal provocou a abertura das Igrejas locais para o pluralismo em todos os campos. A crise religiosa atingiu os movimentos cristãos e exigiu um repensar quanto às motivações da pertença à fé cristã. Essa avaliação conduziu à percepção de uma adesão fortemente sociológica, sem os compromissos provenientes da pertença à comunidade cristã. A hierarquia, por seu lado, mais preocupada com a manutenção da situação, de uma determinada ordem eclesial e pastoral, foi interpelada quanto aos cuidados pastorais, à abertura a novos horizontes sócio-políticos e eclesiais.

São questões que alcançam todas as faixas etárias, mas de maneira central, o mundo adulto. Em função desse processo de avaliação e discernimento, surge uma vasta bibliografia voltada para a perspectiva pastoral da evangelização. Para responder à renovação solicitada pelas orientações do Magistério, o processo catecumenal foi priorizado como caminho pastoral e missionário.

Na França, o discernimento e teológico quanto ao modelo catecumenal amadurece³⁰⁸. Na Espanha florescem muitas experiências inspiradas no modelo catecumenal, recorrendo às exortações e orientações do Vaticano II e ao processo já a caminho na França. Segundo os autores que estudaram as experiências na Espanha, os grupos catecumenais possuíam motivações pastorais diferentes: de dimensão política da fé, de criatividade litúrgica, de acento bíblico, de preocupação catequética, de espiritualidade, de renovação batismal, de pastoral juvenil. Estes grupos geradores constituíram experiências catecumenais com

³⁰⁸ Na França iniciou-se um movimento catecumenal na década de 60 que se tornou inspirador para a reflexão na Espanha. Os bispos franceses declaram que graças ao catecumenato se perguntaram, tanto no plano pessoal, como no plano institucional, como têm sido sinal para os que buscam a Deus. A conversão de um só adulto, que passa da incredulidade da fé, tem caráter profético para a Igreja e para o mundo: é sinal do caminho de salvação de todos os homens e da acolhida dos mesmos iniciada na Igreja de Jesus Cristo. Cf. GARZÓN, J.J. op. cit., pp. 49-50.

orientações próprias, mas dentro de uma unidade de fundo³⁰⁹. As experiências na Espanha se abriam à necessidade de reiniciação dos batizados, de reevangelização e de criação de novas motivações, em que a criatividade e o compromisso fossem respostas para o novo momento histórico.

As reflexões encontraram algumas experiências que não prosperaram e outras ainda em franco desenvolvimento, fecundidade eclesial e presença apostólica³¹⁰. De qualquer forma, na base dos processos de ICA está a preocupação pastoral de pessoas sensíveis e abertas à dinâmica da Revelação em suas vidas, na história, nas orientações do Magistério e nas questões específicas de cada comunidade local. A busca comum é de responder em cada ambiente ao convite de Deus para o mundo de hoje. De uma forma geral, não foram fruto de um replanejamento burocrático ou institucional, mas como compreensão de que a ação catequética eclesial é lugar central de conversão, amadurecimento na fé e caminho ao testemunho missionário e compromisso vital³¹¹.

Sublinhamos a afirmação de Floristán Samanes: “Hoje tratamos de passar de um Cristianismo convencional a um Cristianismo de convicções. Os múltiplos aspectos desse passo fundamental são de grande envergadura”³¹². Conceber o Catecumenato como processo de Iniciação Cristã implica pensá-lo em suas diversas dimensões, etapas, agrupamentos, acompanhamento, conteúdos, liturgia. E, para tanto, o catecumenato necessita ser repensado em função de toda a comunidade. É a comunidade inteira que se situa em regime catecumenal, ao compreender-se como grupo cristão em estado de abertura e diálogo com o Mistério que se revela na história.

Desta concepção decorre também uma mudança de enfoque da ação paroquial e seus consequentes planejamentos pastorais, passando de uma ação de carácter sacramental-cultural para o enfoque evangelizador e missionário, em que a Iniciação Cristã tem papel central. “O espírito comunitário deve ser constitutivo

³⁰⁹ Segundo Floristán Samanes, as análises devem ser feitas sempre de forma a considerar a comunidade e não apenas o movimento catecumenal isoladamente. Para esta análise se dedicaram J. Vela, Floristán Samanes, D. Borobio. Cf. GARZÓN, J.J. op. cit., pp. 52-54.

³¹⁰ O trabalho de J.J. Calles Garzón, em *Catecumenado y Comunidad Cristiana en el Episcopado español* (1964-2006), apresenta uma análise detalhada das experiências catecumenais na Espanha. Cf. GARZÓN, J.J. op. cit., pp. 50-84; 103-120; 137-156; 187-209; 234-251.

³¹¹ Cf. TAMAYO-ACOSTA, J.J. *Un Proyecto de Iglesia para el futuro en España*. Madrid, 1978, p. 138.

³¹² Cf. FLORISTÁN SAMANES, C. Necesidad del Catecumenado. In: *Pastoral Misionera* 9, Madrid: Editorial Popular, 1973, p. 388.

fundamental da paróquia³¹³”. Neste sentido, a Igreja da Espanha entra numa percepção do catecumenato como uma peça-chave de sua eclesiologia de comunhão. A Iniciação Cristã retoma a vocação de todo batizado e a incorpora como dinâmica original e específica da comunidade eclesial. Sob o influxo do Concílio Vaticano II, responde à demanda de uma Iniciação Cristã fundada nos eixos cristológico e eclesiológico: no mistério pascal e no seguimento pessoal e comunitário de Jesus Cristo.

É de particular importância que todos os cristãos tenham consciência da dignidade extraordinária que lhes foi conferida no santo Batismo: pela graça somos chamados a tornarmo-nos filhos amados do Pai, membros incorporados em Jesus Cristo e na Sua Igreja, templos vivos e santos do Espírito.

(...) Esta ‘novidade cristã’ dada aos membros da Igreja, ao constituir para todos a raiz da sua participação no múnus sacerdotal, profético e real de Cristo e da sua vocação à santidade no amor, exprime-se e realiza-se nos fiéis leigos segundo ‘a índole secular’ que lhes é própria e peculiar.

A consciência eclesial comporta, juntamente com o sentido da comum dignidade cristã, o sentido de pertencer ao mistério da Igreja-Comunhão: este é um aspecto fundamental e decisivo para a vida e para a missão da Igreja³¹⁴.

No Brasil, o tema da Iniciação Cristã de Adultos ganha centralidade na Segunda Semana Brasileira de Catequese, e aponta para a emergência de uma experiência marcada pelos seguintes elementos:

1. Uma eclesiologia de comunhão e participação, fraterna, menos burocrática e formal;
2. Uma espiritualidade bíblica bem fundamentada;
3. Uma comunidade solidária e engajada na construção de um mundo de dignidade humana e paz, sem exclusões³¹⁵.

O tema da Catequese já vinha sendo trabalhado intensamente no Brasil, desde 1983, quando foi realizada a Primeira Semana Brasileira de Catequese, e foi publicado o documento *Catequese Renovada, Orientações e Conteúdos*. Nesta Segunda Semana Brasileira, realizada em 2001, o foco na Catequese com Adultos deflagrou uma caminhada significativa para a catequese no Brasil e definiu uma sintonia com a caminhada da Igreja na Europa com relação ao tema da Iniciação Cristã de Adultos.

³¹³ Id., *Para compreender la Parroquia*. Estella: Verbo Divino, 1994, p. 67.

³¹⁴ CL 64.

³¹⁵ CNBB. *Com Adultos, Catequese Adulta*. op. cit., n. 27.

A descoberta da dimensão comunitária da Iniciação Cristã como substancial embasa um novo momento eclesial. Como mistério de comunhão vivido em comunidade, a Igreja entra num processo de amadurecimento desta sua razão de ser resgatada e dinamizada pelo Vaticano II. Na pastoral catecumenal surgem diversas formas de Catequese com Adultos, de inspiração catecumenal, valorizando o entrosamento e a participação de toda a comunidade na Iniciação Cristã. Resgatar uma experiência cristã dos primeiros tempos não é tarefa simples para as comunidades. Além de significar uma mudança no paradigma do catecumenato, é um processo que exige a integração de elementos fundamentais para a ICA, como um tecido comunitário.

A mudança na concepção de *Catequese de Adultos* para a de *Catecumenato com Adultos* é, para toda a Igreja, uma mudança significativa e paradigmática. Provoca reações, revisões, resistências e a necessidade de uma reflexão de base que reveja os conceitos que fundamentam a concepção teológica e pastoral do processo de ICA. Vejamos algumas questões centrais que têm estado presentes nas reflexões sobre o tema.

1. Repensar o catecumenato em função de toda a comunidade. A tomada de consciência do vínculo entre comunidade-catecumenato, reconhecendo que o processo de descoberta e de crescimento na fé pessoal é inseparável do processo de crescimento por parte da comunidade eclesial, e vice-versa;

2. Reconhecer que as transformações que afetaram a sociedade contemporânea também estão presentes nas comunidades eclesiais, enquanto instituições inseridas na história, no seu contexto e paradigmas vigentes;

3. O papel evangelizador e missionário da comunidade como referencial, reorientando a chave em torno do qual a comunidade se compreendia e se organizava até então, que poderia se situar no carácter sacramental-cultural, na formação, na catequética, na ação sócio-política;

4. Para uma ‘nova evangelização’ é necessário um novo tipo de evangelizador, que encarne em sua concepção teológica e prática pastoral, os elementos que fundamentam a ICA³¹⁶;

³¹⁶ Em um de seus discursos para os evangelizadores da Europa, o Papa João Paulo II, alerta para esta questão: “as mudanças sociais são de tamanha grandeza que significam o desafio mais radical que a história já conheceu, no cristianismo e na Igreja. (...) Pedem uma nova síntese criativa entre Evangelho e vida, o que, entre outras coisas, requer evangelizadores particularmente preparados: arautos do Evangelho, mestres em humanidade, que conheçam ao fundo o coração do homem de

5. A necessidade de reavaliação das práticas pastorais da ICA implica em atitudes dialógicas, de abertura às comunidades locais, às interpelações sociais e orientações do Magistério, ou seja, envolve atitudes concretas de compreensão, humildade, respeito, capacidade de reconhecimento de erros e planejamentos criativos e flexíveis;

6. Entrar em um movimento progressivo para uma eclesiologia de comunhão, com o conseqüente reconhecimento da vocação de todos os batizados, da dimensão de *diakonia* e a valorização de cada ministério, elaboração participativa da identidade cristã e de seu caráter missionário.

Impulsionadas pela demanda por uma eclesiologia de comunhão encontramos o surgimento das pequenas comunidades cristãs. Reconhecidas pelo Papa Paulo VI, na *Evangelii Nuntiandi*, se tornaram “destinatárias da evangelização e, ao mesmo tempo, evangelizadoras” no próprio interior da Igreja. Ao mesmo tempo, assinalam os critérios de discernimento eclesial: a Palavra de Deus como alimento, unidade com a Igreja local e universal, comunhão com os pastores, crescendo no compromisso missionário e na abertura ao diálogo com as culturas e expressões religiosas³¹⁷.

A Conferência Episcopal Latino-americana em Puebla, em 1979, prossegue no reconhecimento das comunidades de base como lugar privilegiado de vivência da fraternidade e fonte de ministérios laicais, catequistas e missionários. São experiências relevantes que respondem a questões atuais e implementam uma nova evangelização. São também espaços de valorização do novo processo catecumenal, que alcançam o mundo adulto de forma concreta, com expressões e estruturas próprias em cada comunidade local.

A obra evangelizadora que se realiza na catequese exige a comunhão de todos. Esta comunhão requer a ausência de divisões, o encontrar-se numa fé adulta e num amor evangélico. Uma das metas é precisamente a construção da comunidade (...) para que a Igreja edifique a Igreja. Esta é sempre evangelizada e evangelizadora³¹⁸.

hoje, participem de suas alegrias e esperanças, angústias e tristezas e, ao mesmo tempo, sejam contemplativos enamorados de Deus”. Discurso dirigido aos participantes do VI Simpósio dos bispos da Europa, em 11 de outubro de 1985, em audiência privada. Cf. JOÃO PAULO II. Europa deve recordar siempre sus raíces cristianas. In: *Ecclesia*, no. 2.242, pp. 8-13.

³¹⁷ Cf. *EN*, n. 58.

³¹⁸ Conclusões da Conferência de Puebla. *Evangelização no presente e no futuro da América Latina*. São Paulo: Paulinas, 1979, n^{os}. 799-800.

A valorização da pastoral catecumenal e comunitária está presente nos documentos do Magistério com acento determinante na evangelização integral, englobando a todos – batizados e não batizados -, em diálogo atento e criativo com as diversas realidades. Neste dinamismo fecundo ousamos diagnosticar uma recuperação do caráter mistagógico do processo catecumenal, ainda a passos lentos e cautelosos, mas como sinal de uma nova compreensão de Iniciação Cristã, fundada na sua experiência fontal e em diálogo com o mundo pós-moderno.

Para uma síntese desta etapa recordemos as linhas-força que começam a se destacar, dando certa unidade teológica e pastoral às muitas experiências de ICA no Brasil e na Europa.

1. **O vínculo entre iniciação e catecumenato**, provocando na ICA uma dinâmica pedagógica e inspirada no catecumenato dos primeiros séculos;

2. Uma ICA que se oriente para a **identidade crística**;

3. A compreensão de ICA como **itinerário vital**, ou seja, como processo dinâmico, gradual e contínuo, em que se integram as dimensões da pessoa e suas relações interpessoais, sócio-comunitárias e ambientais;

4. A mudança na concepção de catecumenato como processo cognoscitivo para a **concepção de caminho mistagógico**, de amadurecimento integral e configuração da própria vida em Jesus Cristo;

5. **A presença dos elementos da ICA de forma integrada**: acolhida, oração pessoal e comunitária; escuta e hermenêutica da Palavra de Deus; ritos, celebrações litúrgicas e sacramentais; acompanhamento pessoal e comunitário; leitura e hermenêutica existencial, orientação ética e conversão processual; missão e testemunho;

6. Preocupação com a **formação permanente dos orientadores**, assim como o reconhecimento e preparação de novos orientadores;

7. Construção de uma **eclesiologia de comunhão**, integrando toda a comunidade na dinâmica catecumenal, através da formação permanente, acolhida e acompanhamento dos catecúmenos e, principalmente, tornando-se comunidade viva, espaço próprio e privilegiado da ICA;

8. **Avaliação, revisão e planejamentos sistemáticos**, mediante escuta e hermenêutica da própria comunidade, orientadores, orientações do Magistério e experiências eclesiais.

As experiências eclesiais de ICA vêm se tornando um espaço de renovação para toda a Igreja, construindo um novo rosto de Igreja, como comunhão de comunidades; e uma nova compreensão de catecumenato, como caminho integral e contínuo de seguimento de Jesus. Nessa dinâmica a Igreja vem experimentando uma necessária e fecunda integração entre antropologia-cristologia-eclesiologia como eixos teológicos fundamentais para a ICA.

Conclusão

A Iniciação Cristã de Adultos é um processo, um itinerário de ingresso em uma vida nova, orientada por um dinamismo, pelo qual a pessoa humana toma consciência da presença de Deus em sua existência pessoal e no mundo.

Essa tomada de consciência não se dá através da adesão a um conjunto de verdades doutrinárias, mas mediada pela experiência de encontro com Deus, que ecoa no profundo do próprio ser. É Deus mesmo quem se chega à pessoa humana e a convida a abrir-se para o Mistério que a configura e dá sentido à sua vida. Ocorre um engajamento dinâmico da pessoa, em todas as suas dimensões, na ação salvífica de Deus na história da humanidade. Por isso, não somos os criadores dessa experiência, mas aqueles que a recebem, a acolhem e são convidados à resposta livre e processual.

A Iniciação Cristã é, portanto, um caminho e uma experiência, é realidade existencial e, por isso mesmo, abrange a dimensão subjetiva e a dimensão comunitária.

A Iniciação Cristã se dá em comunidade e pela comunidade. É pessoal e comunitária. É configuração de cada pessoa em Jesus Cristo, inserida em uma comunidade que vive o seguimento de Jesus, também enquanto trajetória e, ao mesmo tempo, se torna testemunha da vida nova que já experimenta mesmo que ainda não plenamente.

Em função desse dinamismo dialético, a Iniciação Cristã de Adultos é fonte de renovação para toda a comunidade eclesial, tanto para a comunidade local, como para a Igreja universal. A comunidade eclesial, os catecúmenos e os ritos e celebrações sacramentais possuem sua fonte geradora no Mistério Pascal. Entre estes elementos se dá uma relação dialógica permanente e processual, que

insere cada pessoa em uma direção da qual brota o seguimento e o processo de conversão, a missão e o testemunho.

Pessoa e comunidade estão inseridas na sociedade, sob o influxo de uma mudança de paradigma que redireciona os valores e as escolhas fundamentais humanas e sociais. O paradigma moderno se volta para o crescimento científico e tecnológico, fundado em uma relação antropocêntrica e em um modelo mecanicista do universo. O tempo no qual a religião era tradicionalizada na família e confirmada pelas demais instituições foi substituído por seu paradoxo. A Modernidade centrada no indivíduo, no pensamento racional, nas relações descompromissadas, transitórias, na busca pela ciência, pela tecnologia, pelo primado do 'ter' sobre o 'ser', não acolhe a experiência religiosa. Ao contrário, em um primeiro momento afasta a religião, considerando-a pensamento ingênuo. Em um segundo momento, a resgata com um perfil diferente, como religiosidade, não mais na fidelidade e continuidade herdada pela tradição, mas construindo configurações mistas, centradas em uma subjetividade intimista e funcional.

Contudo, a realidade não se mostrou uniforme, mas multifacetada; não é linear, e sim, complexa. O pensamento racional não deu conta da construção do conhecimento, e o pensamento intuitivo emerge reclamando a experiência direta, não-linear, sintetizadora. Também a concepção de pessoa humana foi afetada por esta nova percepção. A pessoa humana não é a medida de si mesma, não constitui sua identidade de forma isolada, mas, ao contrário, por meio de suas relações interpessoais e com o meio ambiente. Ora, a relação dialógica é fundamental no Cristianismo. A História da Salvação nos revela um Deus que é comunicação, comunhão trinitária, aproximação, sensibilidade, misericórdia, fidelidade.

Temas como a tradição, a alteridade e a intersubjetividade são retomados por autores contemporâneos que analisam a complexidade deste processo. A crise da racionalidade moderna e antropocêntrica é mola propulsora de novas transformações. Nesse movimento, a tradição é incorporada às práticas presentes de uma forma dialógica e criativa; as pessoas partilham significados e práticas em uma circularidade hermenêutica e fundadora de novos significados.

Todo este panorama interpela o processo da Iniciação Cristã de Adultos, no sentido de conduzi-lo à revisão de seus fundamentos teológicos, ao resgate de sua identidade primeira e à busca de uma configuração que dialogue com as questões apresentadas pela sociedade atual. O Magistério eclesial, atento às

interpelações dessa realidade, vem orientando a caminhada da Igreja para uma ‘nova evangelização’. Também o fórum relacionado à Iniciação Cristã de Adultos está sob a ótica dessa reflexão eclesial. A Igreja exorta as comunidades a terem na Iniciação Cristã sua prioridade, sua referência e vocação primeira. Ou seja, a resgatarem sua identidade crística, de abertura à graça de Deus e de resposta no seguimento de Jesus, avançando para o anúncio querigmático a todo homem e mulher.

Em suas orientações para a Iniciação Cristã de Adultos, o Magistério e os teólogos pastoralistas e liturgistas, encontram nas fontes da Tradição os elementos fundantes e dinamizadores deste processo. Ao compreenderem o caráter dinâmico da Iniciação Cristã, os Padres da Igreja desenvolveram um itinerário que integrava a experiência dialógica entre Deus e o ser humano, a experiência litúrgico-sacramental e a experiência eclesial³¹⁹.

As comunidades locais, em muitos países, vêm avaliando esse processo pastoral-pedagógico e implementando revisões, tanto no que diz respeito à fundamentação teológica, como ao debate interdisciplinar e à metodologia pedagógica que melhor responda à pessoa humana e às comunidades locais. É tempo de repensar a Iniciação Cristã de Adultos, não mais tendo por base a transmissão doutrinária ou as dinâmicas tradicionais de socialização, mas buscando novos e verdadeiros itinerários mistagógicos. Enfim, seu eixo referencial é o Mistério de Deus que rege nossas vidas, portanto, iniciar na fé cristã significa acolher o Espírito e, sob seu sopro renovador encontrar respostas pessoais e comunitárias que fecundem esse processo.

A Iniciação Cristã de Adultos vive um momento de resgate da sabedoria fontal, sob o dinamismo do Espírito de Jesus Cristo vivo, experimentado pelas primeiras comunidades cristãs, pela evangelização apostólica e avançando para novos mundos com o anúncio da Boa Nova.

Prosseguiremos, portanto, no caminho de bebermos nas fontes da Patrística, especialmente na sabedoria de Cirilo de Jerusalém ao dialogar teológica e pastoralmente com as comunidades cristãs e suscitar a experiência do encontro com Jesus Cristo, por meio de suas Catequeses Pré-Batismais e Mistagógicas.

³¹⁹ O movimento de ‘volta às fontes’, entendido como um processo de ‘releitura’, em que o passado responde às perguntas que o presente coloca, tem como ‘lugares teológicos’: a Escritura, a liturgia, os Padres, o Magistério. Cf. BOFF, Lina. *Espírito e Missão na Teologia*. op. cit., p. 102.

2

A MISTAGOGIA EM CIRILO DE JERUSALÉM

*E o fim de todas as nossas explorações
será chegar ao lugar de onde saímos
e conhecê-lo
então
pela primeira vez.
T.S. Eliot*

O tema da mistagogia nos conduz à teologia desenvolvida pelos Santos Padres. Uma teologia que envia à Liturgia, à pedagogia divina, à dinâmica da Revelação, à fé como experiência pessoal e comunitária, à Igreja como sacramento de Jesus Cristo no mundo. Compreendemos que, seja qual for o campo de atuação pastoral, deve haver uma pedagogia própria que perpassa a ação evangelizadora. Uma pedagogia que se dá a partir de um diálogo que Deus vai tecendo amorosamente com cada pessoa e com cada comunidade e que se torna como um “eco” desta autocomunicação divina, uma mediação entre a ação divina e a realidade pessoal, histórica e social³²⁰.

Perguntamo-nos, então, como se desenvolveu o processo de evangelização na caminhada inicial da Igreja. Teriam, os primeiros discípulos, na sua prática de anunciar a Boa Nova, uma pedagogia própria? Ao estruturar o catecumenato primitivo, os Padres da Igreja estavam atentos à dinâmica da Revelação? Poderíamos encontrar na experiência fontal da Igreja dos primeiros séculos a orientação que buscamos para a ação evangelizadora hoje?

Buscando nas fontes mais antigas e primeiras da tradição eclesial, encontramos uma experiência da iniciação à fé cristã que é fonte da sabedoria patrística: a experiência mistagógica de Cirilo de Jerusalém, presente em suas homilias voltadas aos catecúmenos e aos neófitos, em fins do século III e no século IV.

Contudo, a teologia dos Padres bebe nas fontes primitivas, na Igreja dos primeiros tempos e na evangelização apostólica: momento primeiro e fundante do Cristianismo, caracterizado fortemente pela obra do Espírito Santo, que suscita e vivifica a comunidade nascente, age nela e por ela. A Igreja dos primeiros séculos é missionária porque vive a experiência forte e revolucionária do mistério pascal,

³²⁰ Cf. DGC n. 144.

e não pode fazer outra coisa a não ser transmiti-lo como novidade e alegria. “Cada batizado era, para seu ambiente, uma testemunha”³²¹.

Esta teologia torna-se normativa para a prática evangelizadora de todos os tempos e situações. Nela encontramos a dinâmica da Revelação vivida sob o impulso das expectativas, das resistências e dos desafios do ambiente de vida em que a comunidade experimenta os primeiros passos e interpelações ao Cristianismo diante do cotidiano e do mundo. É uma teologia que nasce no seio vivo de uma comunidade a caminho e, no entanto, sob o impulso renovador e transformador de todas as estruturas: a Ressurreição de Jesus Cristo³²².

A Igreja nascente, seguindo a trajetória da evangelização apostólica, dedicava grande cuidado à iniciação à fé cristã e seguimento de Jesus. A atividade que se iniciou com a pregação missionária passou por um processo de organização e de estruturação e veio a se tornar uma instituição eclesial, denominada catecumenato³²³. O Cristianismo primitivo passa a empregar o termo específico *katecheo*,³²⁴ que significa, basicamente, ensinar de “viva voz” sobre a ação salvífica de Deus. Segundo esta concepção, o ensinamento catequético é como um eco, o ressoar da Palavra de Deus mediante a voz do catequista. Na verdade, a catequese era tida como a transmissão viva do depósito de fé da Igreja aos novos membros que a ela se agregavam³²⁵. O catecúmeno seria aquele que está sendo iniciado nessa “escuta”, não de uma palavra qualquer, mas da Palavra de Deus³²⁶.

O catecumenato tem início na metade do século II, como uma preparação adequada a fim de promover desde seu início uma vida cristã responsável e madura e, por outro lado, como fundamentação aos que ingressavam na fé cristã em um momento em que as perseguições exigiam convicção e firmeza no testemunho da fé. No século seguinte, a experiência catecumental estaria presente em todas as comunidades eclesiais, ocupando muitos espaços geográficos da

³²¹ PADOVESE, L. *Introdução à Teologia Patrística*. São Paulo: Loyola, 1999, p. 184.

³²² Cf. FORTE, B. *A teologia como companhia, memória e profecia*. op. cit., p. 85.

³²³ Os primeiros testemunhos sobre a instituição do catecumenato encontram-se no século II. Contudo, se estrutura no século III, com a herança do processo de evangelização recebido pela missão apostólica e também pela missão do próprio Jesus. Cf. LOPES, J. *Catecumenato*. In: FIORES, S. G. T. (org.) *Dicionário de Espiritualidade*. São Paulo: Paulus, 1998, p. 100; PEDROSA, V. op. cit., p. 144; Cf. BOLLIN, A. e GASPARINI, F. *A catequese na vida da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1998, p. 42.

³²⁴ O conceito de *katechéô* apresenta no Novo Testamento os primeiros esboços do significado específico que obterá enquanto instrução cristã na fé. Cf. Rm 2,18; 1Cor 14,19; Gl 6,6.

³²⁵ Cf. SANTANA, L. F. R., *Batizados no Espírito*. A experiência do Espírito Santo nos Padres da Igreja. São José dos Campos: COMDEUS, 2000, p. 14.

³²⁶ Cf. LOPES, J. op. cit., p. 99.

Igreja, no Oriente e no Ocidente. Não se trata, portanto, de um fenômeno localizado, mas de uma prática pastoral amplamente difundida em toda a Igreja³²⁷.

O catecumenato delineava-se como uma instituição ao mesmo tempo litúrgica e catequética. Em seu planejamento constava a instrução na doutrina dos Apóstolos, a formação da pessoa através de ritos, orações, prática da fraternidade e a formação em vista da superação de situações que não condiziam com a fé cristã³²⁸.

A estrutura do catecumenato nasce como continuidade à práxis das comunidades apostólicas e de um esforço pastoral que vai amadurecendo aos poucos. Esta estrutura comporta a preocupação inicial de preparar bem os candidatos aos sacramentos da iniciação cristã³²⁹ – Batismo, Crisma e Eucaristia –, a exortação ao discernimento comunitário quando da entrada de novos candidatos e à consciência do significado de ser cristão, a exigência da conversão e da coerência de vida³³⁰.

Enfim, no Cristianismo primitivo, chegar a ser cristão não foi entendido como o resultado de um acontecimento repentinamente transformador da pessoa, como uma reação automática ao anúncio evangélico e à formação catecumenal, e sim como fruto de um processo lento, gradual, marcado pela experiência dialógica da Revelação na vida pessoal e comunitária, chamado de iniciação cristã.

O catecumenato era compreendido como um processo de Iniciação Cristã. Inicialmente voltado para a exigência de uma preparação adequada àqueles que aderiam ao Cristianismo, o catecumenato visava o processo de conversão, desde a mudança de pensar, sentir e agir em ordem à nova vida de fé, esperança e caridade que se conhecia e abraçava, como também a obediência à Igreja e a participação nos sacramentos.

Segundo o mais antigo testemunho dos Padres da Igreja, uma vez tendo sido proclamado o *kerigma*, a tarefa mais urgente e imediata da comunidade cristã era a de preparar os futuros crentes, através de um conjunto de instruções essenciais

³²⁷ Ibid.

³²⁸ Cf. PEDROSA, V., op. cit., p. 144.

³²⁹ Até alcançar a estrutura catecumenal presente na *Tradição Apostólica* de Hipólito de Roma, o catecumenato vive etapas anteriores cujos traços encontramos nas *Apologias* de Justino, como também na *Didaqué* e no *Pastor de Hermas* e nas obras de Irineu de Lyon. Cf. HIPÓLITO DE ROMA. *Tradição Apostólica*. Trad. da versão latina e notas por NOVAK, M. G. Petrópolis: Vozes, 1971; BIHLMEYER, K. e TUECHLE, H. *História da Igreja*. vol. 1, São Paulo: Paulinas, 1964, pp. 172-194.

³³⁰ Cf. LIMA JÚNIOR, J. *Evangelização, catequese e liturgia*. São Paulo: Paulinas, 1992, pp. 46-47.

que ampliasse e aprofundasse, ao mesmo tempo, os elementos semeados ao longo do anúncio da Pessoa de Jesus³³¹.

A partir do século III o processo educativo-comunitário em preparação ao Batismo se mostra mais exigente e já está estruturado em suas grandes linhas, sobretudo no que diz respeito à preparação para a celebração sacramental³³². No entanto, esta estrutura ganha corpo e culminância no século IV, quando a Igreja vive um momento histórico excepcional, de expansão e de crescimento, atraindo um grande número de adeptos desejosos de receber o sacramento do Batismo. Por outro lado, a Igreja se percebe ante a necessidade de consolidar a formação de seus mais novos fiéis frente às interpelações trazidas pela diversidade cultural e pelas interpretações teológicas que se contrapunham às orientações da Igreja³³³.

Com relação à estrutura do catecumenato do terceiro século, o século seguinte pouco acrescenta. Nota-se a aparição de algumas cerimônias complementares mas, em suas grandes linhas, a instituição já está fixada. No entanto, problemas novos se apresentam: o Batismo de crianças se torna mais frequente; cresce o número de pagãos que querem se converter devido a ser a religião imperial, mas não querem mudar de vida, prolongando a duração do catecumenato para atrasar o Batismo³³⁴.

Nosso foco nesta estrutura catecumenal é a teologia subjacente à prática dos Padres da Igreja, da qual priorizamos Cirilo de Jerusalém. É da teologia subjacente às práticas e orientações para a Iniciação Cristã em Cirilo de Jerusalém que extraímos a essência do seu pensamento sobre este processo e, a partir daí,

³³¹ SANTANA, L.F. op. cit., p. 14.

³³² Cf. PEDROSA, V., op. cit., p. 144.

³³³ Este momento histórico que constitui o império cristão é conhecido como a “virada constantiniana”. Após a conversão do Imperador Constantino, o Edito de Milão possibilita que a religião cristã se torne uma religião oficial de unanimidade. O Cristianismo já havia se estendido por todo o Império Romano, suas províncias orientais, como também fora dos limites do império. Para o Império esta relação resulta em uma nova forma de legitimação da ordem vigente, sacralizando-a e contando com a Igreja para garantir a hegemonia do sistema. “A Igreja, de perseguida, tornou-se ‘triumfante’. Se por um lado se dava a instrumentalização da Igreja, por outro, a Igreja se tornava a força político-ideológica mais importante do império, depois do Estado”. A alteração constantiniana conduz a um aumento daqueles que pedem para entrar no catecumenato, com motivações não piedosas, mas a fim de conquistar a simpatia dos poderosos e os favores decorrentes. Assim, o catecumenato entra em um período muito diferente, e vive um momento de decadência com relação à conversão ao Evangelho e à mudança de vida. Também se multiplica o batismo de crianças, o que, pouco a pouco, limita ainda mais o caminho catecumenal. Cf. COSTA, R. F. As Cruzadas. In: BINGEMER, M.C.L., (org.), *Violência e Religião*. São Paulo: Loyola, 2001, p. 139; GOMES, F. J. S., A Igreja e o Poder: representações e discursos. In: RIBEIRO, M. B. (org.) *A vida na Idade Média*. Brasília, UNB, 1997, p. 33; BOLLIN, A. e GASPARINI, F., op. cit., p. 40-47.

³³⁴ Cf. GOMES, F. J., op. cit., p. 34.

podemos resgatar esta experiência como referencial, fonte fecunda e renovadora para a atual Iniciação Cristã de Adultos.

2.1

A mistagogia como eixo referencial do Catecumenato dos séculos III e IV

No catecumenato antigo, a Iniciação Cristã foi orientada como um caminho de introdução, abertura e diálogo com o Mistério de Deus. O princípio fundante e dinamizador do caminho é o próprio Deus que se revela na história a cada homem e mulher, em seu tempo e lugar.

A espiritualidade, a liturgia e pedagogia são dimensões integradas no caminho de Iniciação Cristã na Igreja dos séculos III e IV. A relação dialógica entre estas três dimensões fundamentais do processo de Iniciação Cristã ocorre porque os Padres da Igreja possuem uma teologia de fundo: a mistagogia.

Segundo E. Mazza, a mistagogia foi conhecida na tradição como a explicação teológica do fato sacramental ou dos ritos que compõem a celebração litúrgica, contudo é muito mais do que um gênero literário³³⁵ ou uma metodologia pastoral-litúrgica. A mistagogia é a teologia dos primeiros tempos³³⁶.

No capítulo anterior trouxemos uma noção inicial da mistagogia, compreendida como fundamento e caminho do processo de Iniciação Cristã, como teologia e pedagogia. É teologia porque, no horizonte sapiencial dos Padres da Igreja, percebemos que a mistagogia é a teologia que fundamenta suas reflexões e sua compreensão de Iniciação. É pedagogia porque, em decorrência desta compreensão, são definidos os passos e procedimentos nesta trajetória.

Neste capítulo retomaremos o horizonte no qual a mistagogia cristã se originou, e como foi desenvolvida na teologia e pedagogia de Cirilo de Jerusalém. Nosso trabalho abraçará quatro momentos: a partir do termo ‘mistagogia’, sua estrutura etimológica e desenvolvimento semântico pelos Padres da Igreja nos séculos III e IV; uma breve trajetória pela vida e obra de Cirilo de Jerusalém a fim

³³⁵ As homilias mistagógicas foram categorizadas como um gênero literário, peculiar naquele momento e que não retornou em outros momentos da história da Igreja. Cf. MAZZA, E. *La Mistagogia. Una Teologia della Liturgia in epoca patristica*. Roma: Centro Liturgico Vincenziano, 1988, pp. 6-7.

³³⁶ MAZZA, E. op. cit., p.5.

de compreendermos o contexto no qual desenvolve suas Catequeses; a releitura das *Catequeses Mistagógicas* procurando ‘ouvir’ as palavras de Cirilo e compreender suas orientações mistagógicas; e, finalmente, estabeleceremos um diálogo com as *Catequeses Mistagógicas* procurando perceber a teologia subjacente a essas pregações e elementos-chave de seu processo mistagógico.

O termo mistagogia tem sua origem em dois vocábulos gregos: *mystes*, que significa mistério, e *agein*, que significa conduzir³³⁷. Mistagogia vai adquirir o sentido de ‘conduzir através do mistério’, ‘iniciar ao conhecimento do mistério’. Este novo termo, construído na conjugação destes dois vocábulos, carrega em si um sentido profundo: o enraizamento no conceito de mistério e a ação mediadora, de aproximação deste mesmo mistério³³⁸.

A palavra ‘mistagogia’ também aparece nos cultos pagãos – conhecidos como cultos mistéricos -, contudo, não podem ser concebidos como análogos à mistagogia³³⁹ dos Padres do III e IV séculos³⁴⁰. Veremos algumas possibilidades que o termo mistagogia evoca no contexto mais relevante para nosso trabalho: a Iniciação Cristã³⁴¹.

Etimologicamente possui o sentido de ser conduzido para o interior dos mistérios, e, na Iniciação Cristã, para o Mistério que é “*Cristo em nós, esperança da glória*” (Cl 2,19)³⁴². Na antiguidade cristã, o termo ‘mistagogia’ designa, sobretudo, a explicação teológica e simbólica dos ritos litúrgicos da iniciação, em particular do Batismo e da Eucaristia³⁴³. Outro sentido para a mistagogia está

³³⁷ Mistério + conduzir = Um substantivo e um verbo que, conjugados, inauguram um novo significado ou mesmo novos significados. Dependendo do contexto, a conjugação destes dois vocábulos nos leva à polissemia do termo.

³³⁸ Cf. SCHREIBER, B. La mistagogia. In: ANCILLI, E. e PAPARAZZI, M. *La Mistica. Fenomenologia e riflessione teológica*. Roma: Città Nuova, 1964, p. 363.

³³⁹ Os termos *mystagōgē* (mystagôgê) e *mustagw...* (mystagôgía) possuem sua origem nos rituais pagãos, indicavam o culto aos mistérios pagãos com uma prévia iniciação. Aparecem sempre relacionados a contextos sagrados e em estreita conexão com *mysterion*, *mystikos* e *mystes*. Ao usarem esta terminologia, os Padres da Igreja reconhecem o quanto são significativos e expressivos para designarem o processo da Iniciação Cristã e, passam a utilizá-los de acordo com os fundamentos teológicos do Cristianismo. Cf. FEDERICI, T. La mistagogia della Chiesa. op. cit., p. 181 e MAZZA, E. *La Mistagogia. Una Teologia della Liturgia in epoca patristica*. Roma: Edizioni Liturgiche, 1988, p. 13.

³⁴⁰ Cf. CASPANI, P. *La pertinenza storica della nozione di iniziazione cristiana*. Milano: Edizioni Glossa, 1999, pp. 122-123.

³⁴¹ Cf. FEDERICI, T. op. cit., p. 181.

³⁴² Cf. TABORDA, F. *Nas fontes da vida cristã*. São Paulo: Loyola, 2001, p. 32.

³⁴³ Cf. LA BROSSE, O. HENRY, A. e ROLLARV, P. (dir.) *Dictionário de Termos da Fé*. Aparecida, Santuário e Porto: Editorial Perpétuo Socorro, original francês de 1989.

relacionado à ação sacramental, que configura o neófito como nova criatura, renascido pela água do Batismo e alimentado com o Pão da Vida³⁴⁴.

São os Padres Capadócius³⁴⁵ os primeiros a aplicarem o termo mistagogia às ações sacramentais do Batismo e Eucaristia. Em Gregório de Nazianzo, o termo mistagogia indica a ação sacramental em três expressões: o Batismo, a Eucaristia e o ministério presbiteral, visto como exercício da mistagogia, que o sacerdote cumpre em nome de Cristo, em virtude de sua ordenação³⁴⁶.

Em Cirilo de Jerusalém, o termo emerge em situações diferentes. Nas *Catequeses Pré-Batismais* e nas *Catequeses Mistagógicas*³⁴⁷ indica tanto a celebração dos sacramentos³⁴⁸ como as instruções que se seguem³⁴⁹. Cirilo utiliza o termo mistagogia também em algumas tipologias, designando uma ação de salvação, proveniente de alguém que acolhe o Mistério de Deus e se torna mediador deste Mistério³⁵⁰.

Ambrósio de Milão³⁵¹ apresenta suas homilias de caráter mistagógico sempre depois dos sacramentos da Iniciação Cristã. Suas explicações pressupõem

³⁴⁴ Nos sacramentos da iniciação – Batismo, a Confirmação e a Eucaristia – se cumpre sacramentalmente o dom total da Salvação, a objetiva comunicação do mistério de Deus. Neles, o fiel é completamente inserido na economia da Salvação, em Cristo e pelo Espírito Santo, como dom único e irrevogável. Cf. CERVERA, J. C. *La Mistica dei sacramenti dell'iniziazione Cristiana*. In: ANCILLI, E.; PAPAROZZI, M. *La Mistica. Fenomenologia e riflessione teológica*. Roma: Città Nuova, 1964, p. 77.

³⁴⁵ Basílio Magno (329-379), Gregório de Nissa (335-394) e Gregório Nazianzo (330-390) são conhecidos por terem desenvolvido diversos temas doutrinários com ênfase na doutrina da Santíssima Trindade, no entanto, aqui nos interessa o testemunho das Igrejas da Capadócia sobre seu programa teológico e catequético. Cf. ROMERO POSE, E. *Catequesis en la época patrística*. In: VVAA. *Nuevo Diccionario de Catequética*. Madrid: San Pablo, 1999, p. 368.

³⁴⁶ Cf. CASPANI, P. op. cit., p. 126.

³⁴⁷ As dezoito *Catequeses Pré-Batismais* e as cinco *Catequeses Mistagógicas* são a obra catequética atribuída à Cirilo de Jerusalém. O primeiro grupo de Catequeses é dirigido aos catecúmenos que participarão do Sacramento do Batismo e o segundo grupo, as Mistagógicas, é dirigido aos recém-batizados. Neste mesmo capítulo veremos de forma mais detalhada a questão das obras de Cirilo e o debate quanto à autenticidade de sua autoria.

³⁴⁸ Nas *Catequeses Pré-Batismais*, o eixo mistagógico de Cirilo pode ser identificado nas explicações homiléticas sobre a Profissão de Fé e sobre o Pai Nosso. Nas *Catequeses Mistagógicas*, como o próprio nome diz, estão centradas no sentido mais profundo das realidades sacramentais das quais os neófitos participaram na noite da Vigília Pascal. Mais adiante, veremos pormenorizadamente o tratamento mistagógico que Cirilo dá a cada um desses momentos da Iniciação Cristã.

³⁴⁹ As homilias mistagógicas se propunham a explicar aos neófitos as ações litúrgicas das quais participaram. Eram pronunciadas após os sacramentos, em um tempo determinado, propício para a compreensão dos mistérios sacramentais.

³⁵⁰ Na Quinta Catequese Mistagógica, Cirilo fala em Davi como mediador do mistério de Deus. “*Não ouviste como o bem-aventurado Davi te introduziu neste mistério*” (CM 5,2). O verbo traduzido por – introduzir –, no texto grego – *mustagwgoàntoz* –, tem o sentido de conduzir ao mistério, uma ação mistagógica. Cf. FIGUEIREDO, F. In: CIRILO DE JERUSALEM. *Catequeses Mistagógicas*. Petrópolis: Vozes, 2004.

³⁵¹ Ambrosio de Milão (339-400), conhecido por sua intensa atividade pastoral, social, política,

a experiência do Mistério de Deus através de descrições, questões e aprofundamento³⁵².

O termo ‘mistério’ aponta para uma realidade desconhecida, íntima, oculta, uma presença por se revelar. No Cristianismo, o Mistério de Deus se revela à humanidade e convida a uma abertura existencial, que conduz tudo e todos à plena realização. É a História da Salvação, plenificada na encarnação, na redenção, na Páscoa de Jesus. É o Mistério pascal, ou Mistério de Cristo, Mistério da fé.

A liturgista I. Buyst apresenta dois momentos constitutivos do Mistério pascal que se faz presente nas celebrações eucarísticas: a liturgia da Palavra e a liturgia sacramental.

Na liturgia, o mistério pascal de Jesus se faz presente, em toda a sua densidade e extensão, atuando no rito litúrgico, na celebração memorial, principalmente na celebração eucarística. É o mistério da fé presente *na e pela* ação ritual que inclui: a narrativa e interpretação dos fatos - liturgia da Palavra -; e as ações simbólicas relacionadas com esses fatos - liturgia sacramental³⁵³.

A fonte deste saber reside na elaboração dos Padres da Igreja da liturgia recebida pelas tradições apostólicas³⁵⁴, em diálogo com as reflexões teológicas de seu tempo. A Palavra de Deus é fonte mistagógica e as ações litúrgicas são sinal e presença do próprio Cristo, mistagogia viva e fecunda para a comunidade eclesial que se reúne em torno deste altar. Desde estas releituras, podemos compreender mais facilmente os dois elementos mais constantes na concepção de ‘mistagogia’ nos Padres da Igreja: a liturgia sacramental e a sua explicação teológica.

elabora sua teologia a partir dos Padres Gregos e de autores judeus e pagãos, como Filon e Plotino. Sua obra é largamente documentada com escritos exegéticos, morais, ascéticos, dogmáticos, além de discursos, cartas e hinos. As obras de caráter catequético, mais próximas de nossa pesquisa são *De sacramentis* e *De Mysteriis*. Cf. ANGRISANI S. M. L. Ambrósio de Milão. In: BERNARDINO A. (org.) *Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs*. Petrópolis/São Paulo: Vozes/Paulus, 2002.

³⁵² Também João Crisóstomo apresenta suas catequeses mistagógicas segundo a prática litúrgica pós-batistal. Cf. FEDERICI, T. op. cit., p. 189.

³⁵³ BUYST, I. e SILVA, J. A. *O Mistério celebrado: memória e compromisso*. São Paulo: Paulinas, 2004, pp. 82-83. (grifo nosso)

³⁵⁴ As tradições apostólicas são escritos que refletem a pregação apostólica, imagem da Igreja nascente. Possuem uma intenção prática, exortam à penitência, à disciplina eclesiástica, explicam de modo simples alguns conteúdos doutrinários. Enfim, são geralmente orientados no sentido de edificação e de instrução e são a fonte mais antiga depois dos escritos neotestamentários. Estão entre eles a *Didaquê*, *Doutrina dos Doze Apóstolos*, de autor desconhecido; a *Epístola de Barnabé*, atribuída ao apóstolo Barnabé, colaborador de Paulo; a *Carta de Clemente de Roma*; os *escritos de Inácio de Antioquia*; a *carta de Policarpo de Esmirna* e os *escritos do bispo Papias*. Cf. BOLLIN, A. e GASPARINI, F. op. cit., p. 28.

Para além destes dois elementos acessíveis na teologia dos Padres, encontramos outros sentidos igualmente relevantes para compreendermos a mistagogia como fundamento teológico de suas reflexões e ações litúrgico-pastorais. Elencamos abaixo diversos sentidos para a mistagogia, a partir dos termos encontrados nas obras patrísticas do século III e IV:

- como iniciação ao Mistério;
- como instrução nos Mistérios divinos;
- como exposição dos significados da Sagrada Escritura;
- como orientação, guia no caminho misterioso de Deus;
- como o próprio Mistério que se revela;
- como a própria Sagrada Escritura;
- como ação sacramental – Batismo e Eucaristia;
- como celebrações dos ritos;
- como o tempo da Páscoa, incluindo o período quaresmal;
- como princípio fundante e dinâmico do sacerdócio;
- como Povo de Deus a caminho;
- como Igreja, sacramento de Cristo no mundo³⁵⁵.

Importa para nós o fato de que a ‘mistagogia’ para os Padres é um eixo diferente do eixo catequético. É a referência central de sua teologia, a partir da experiência espiritual da Igreja enquanto comunidade de fiéis, que tem sua razão de ser na vivência, sempre mais profunda, do Mistério Pascal do Senhor.

É verdade que a mistagogia é uma terminologia, mas, para além da demarcação etimológica, devemos estar atentos à riqueza deste conceito central para a Iniciação Cristã. Vejamos um trecho do especialista T. Federici, no qual ele identifica a grandeza e complexidade da mistagogia para a Iniciação Cristã.

A mistagogia é toda a Comunidade de batizados e confirmados do único Espírito no único Corpo de Cristo. É a Igreja na sua completude de fiéis novos e contemporâneos que, por se auto-compreender dessa forma, se encontra imersa para sempre na realidade da Palavra de Deus. Essa só pode partir da experiência cristã consignada na iniciação, como condição permanente de vida. Não se trata

³⁵⁵ T. Federici apresenta um esquema global detalhado do conteúdo mistagógico nos Padres da Igreja. Outro esquema excelente se encontra em BORNERT, R. *Les commentaires byzantins de la Divine Liturgie du VII^e. au XV^e. siècle*. Paris: Institut français d'études byzantines, 1966, pp. 29-31. Cf. FEDERICI, T. op. cit., pp. 194-195.

de um complexo de atos e palavras, de gestos e sinais, em determinado momento ritual.

É necessária uma atitude permanente de abertura e contemplação do Mistério divino que vem de dentro de cada fiel e de toda a comunidade do povo santo de Deus. Tal caminho é condição de vida, assinalada por uma tensão incessante do Mistério divino, econômico, cósmico, escatológico, que dinamiza uma eclesiologia centrada em uma cristologia pneumatológica, em uma nova antropologia, em um novo modo de ser e de contemplar a realidade existente³⁵⁶.

Na sabedoria dos Padres da Igreja, a mistagogia é a vida da Igreja, em sua dimensão espiritual, litúrgica, pastoral, contemplativa e escatológica. Esta sabedoria é expressa nas obras patrísticas revelando os vários aspectos que envolvem sua compreensão de mistagogia:

- é fonte de abertura à dinâmica da Revelação;
- é caminho, percurso, trajetória de adesão, crescimento, aperfeiçoamento;
- é participação nos ritos e celebrações litúrgicas;
- é a Palavra acolhida e que revoluciona a dinâmica pessoal e comunitária;
- é contemplação orante do Mistério que se revela na história da humanidade;
- é a penetração progressiva até o encontro definitivo com o Mistério de Deus;
- é a Igreja sacramental e caminhante no mesmo processo mistagógico³⁵⁷.

A mistagogia nos Padres dos séculos III e IV é tudo isto, mas é ainda mais. Porque não é um conceito que se esgota nas categorias teológicas. Sublinhamos as duas mãos na dinâmica da Revelação – Deus e a pessoa humana – e, nessa perspectiva, podemos perceber o caráter ativo e criativo deste processo nos contextos pessoais, comunitários, sociais, históricos e escatológicos. A mistagogia é um fundamento e uma experiência na qual se entra e se caminha até o encontro definitivo de toda a Criação em Deus.

O grande liturgista A. Triacca, leva em consideração que a mistagogia dos Padres da Igreja deve ser devidamente fundamentada na dinâmica da Revelação e na Igreja. Não consistia em uma experiência sentimental, piedosa ou vagamente subjetiva. Por outro lado, também não se tratava de um encontro ‘face a face’ com

³⁵⁶ FEDERICI, T. op. cit., p. 199.

³⁵⁷ Ibid., p. 193.

o Mistério divino, mas como uma experiência inaugural, de um plano, no qual se adentra até o encontro definitivo³⁵⁸.

Na teologia contemporânea, é K. Rahner quem resgata a pedagogia do Mistério e nos fala na presença da mistagogia na evangelização, como uma dinâmica na qual o anúncio da fé cristã dialoga com as condições e com as questões que a pessoa humana traz em si. Dinâmica esta que não se limita às exposições doutrinárias, mas dialoga com a busca da verdade experimentada na vida e na comunidade eclesial. Para K. Rahner, se a evangelização se detiver na dimensão doutrinária estará errando gravemente, estará indo contra sua própria essência, pois a mistagogia é “apelo irrompido do mais íntimo âmago da pessoa humana agraciada”³⁵⁹.

Em consonância com a experiência da Igreja primitiva, K. Rahner afirma que a mistagogia deve estar presente em todo o processo de evangelização. É ela que orienta para que esta tarefa não se detenha na doutrinação, no ensino, numa concepção errônea, como se o anúncio viesse de fora para dentro, do pregador para o ouvinte. A perspectiva mistagógica considera que o anúncio feito pelo pregador levanta questões que o iniciante já traz em seu íntimo.

Tal mistagogia encontra seu ponto de partida na convicção cristã de que, antes de toda e qualquer pregação, Deus, pelo oferecimento de sua co-participação no Espírito Santo, já é a pergunta e a resposta (ao mesmo tempo) no homem, mesmo que tal resposta permaneça não pronunciada³⁶⁰.

Assim sendo, a mistagogia revela-nos a verdadeira compreensão da ação evangelizadora, como mediadora da dinâmica salvífica, ciente de seus limites e em permanente diálogo com Deus, pela meditação, pela oração, pela celebração comunitária, pela proclamação e hermenêutica da Palavra. Nesse curso, iniciante e comunidade devem caminhar lado a lado, pois é a comunidade cristã que assume a responsabilidade de ser mediadora da iniciativa gratuita e amorosa de Deus, desde o acolhimento do iniciante como durante sua formação e acompanhamento.

³⁵⁸ Cf. TRIACCA, A. M. *Mystagogie doctrinale de la Prière*. In: *Mystagogie : pensée liturgique d'aujourd'hui et liturgie ancienne*. Conférences Saint-Serge, XXXIXe Semaine d'études liturgiques. Paris: Triacca e Pistoia (edit.), 1992.

³⁵⁹ Cf. RAHNER, K. *O desafio de ser cristão*. Petrópolis: Vozes, 1978, p. 48.

³⁶⁰ *Ibid.*

M. Dujarier retrata nas palavras abaixo uma eclesiologia na qual a Iniciação Cristã é uma fonte da vida nova em Cristo não apenas para os iniciantes, mas para toda a comunidade.

A comunidade local não deve apenas cuidar dos próprios fiéis; animada pelo zelo missionário, é convidada também a abrir a todos os homens a estrada que conduz a Cristo. Em especial deve se incumbir dos catecúmenos e neófitos, que gradualmente são educados à consciência e à prática da vida cristã.(...) Por sua vez, a própria comunidade é educada a dar testemunho do Cristo vivo, a estar em estado permanente de conversão³⁶¹.

A mistagogia vem a ser um carisma no âmbito da Igreja, que comporta a dimensão teológica própria da dinâmica da Revelação e Fé, como também o processo pedagógico da Revelação na História da Salvação. Esta chave de leitura patrística continua a ser fonte para a Iniciação Cristã atual³⁶².

Compreendida como caminho mistagógico, a Iniciação Cristã tem seu princípio ativo na própria iniciativa divina e na abertura livre da pessoa que se converte ao Deus vivo e verdadeiro, pela graça do Espírito, e se torna participante da comunidade de fé, a Igreja. É uma realidade dinâmica, que implica pessoa e comunidade. É caminho que conduz a uma nova configuração de cada pessoa em Jesus Cristo, em comunhão com os ensinamentos recebidos, com a vida da Igreja e como testemunho vivo da fé que professa.

2.1.1

Cirilo de Jerusalém e seu tempo

Aspectos do contexto sócio-histórico e eclesial

O século de ouro da patrística é o período compreendido entre os concílios de Nicéia e Calcedônia (325-451). Período marcado pelas grandes reflexões teológicas provenientes das controvérsias sobre o tema da dogmática, da ontologia de Deus, origem, natureza e relação trinitária. Os grandes Concílios marcam esse momento tão fundamental para a história da Igreja e para a fundamentação dogmática, ou seja, a constituição do Credo cristão: o Símbolo que configura

³⁶¹ DUJARIER, M. La funzione materna della Chiesa nella pratica catecumenale dell' antichità. In: CAVALLOTO, G. (org.) *Iniziazione Cristiana e Catecumenato*. Bologna: EDB, 1996, p. 123.

³⁶² Cf. *DGC*, n. 89.

identidade da Igreja, definindo a ontologia divina e a própria natureza da Revelação³⁶³.

Não é propriamente um momento histórico tranquilo para o Magistério eclesial, que se depara com grandes questões dogmáticas, determinantes para a identidade cristã. Por outro lado, essa dinâmica histórica vai configurando a própria identidade e missão pastoral da Igreja. No influxo dessas mudanças surge também a necessidade da formação cristã e, como consequência, a preocupação dos Padres da Igreja, não apenas com a identidade e a defesa da fé, mas também com o processo catecumenal, com a acolhida e a introdução de novos membros.

Os Padres da Igreja constroem, pouco a pouco, uma iniciação teológica, uma aproximação dos iniciantes do quadro formativo no qual encontramos duas fortes características: catequese e liturgia caminham juntas e, a experiência pessoal e o testemunho comunitário se tornam fonte de comunhão e conversão.

É neste quadro histórico e teológico que Cirilo de Jerusalém se inclui. Ao lado de outros Padres, Cirilo é um presbítero atento ao seu tempo e à sua comunidade. Não encontramos uma biografia de Cirilo que nos apresente, com segurança e detalhes, sua vida e trajetória como pastor da Igreja³⁶⁴. Através de dados coletados por historiadores, filólogos e pesquisadores da Patrística, alguns escritores delinearam traços básicos de sua biografia, porém, indicados com algumas incertezas e até mesmo contradições. Vejamos alguns dados biográficos que nos auxiliem a conhecer um pouco de Cirilo e do contexto em que viveu e pregou suas Catequeses.

Seu nascimento é habitualmente situado em Jerusalém ou em uma cidade vizinha, por volta de 315³⁶⁵, há dois passos do edito de Milão, em 313, no qual Constantino outorgou a paz à Igreja. Recordamos que neste período surge o

³⁶³ O Concílio de Nicéia fixou em seu Credo a identidade de natureza (*homoousía*) do Filho com o Pai: o Filho é *homoúsios* com o Pai, 'da mesma natureza' que o Pai, consubstancial ao Pai. O Concílio de Constantinopla I (381), na linha de continuidade de Nicéia, desenvolve o Credo, especialmente com referência ao Espírito Santo, à Igreja, ao Batismo, à ressurreição dos mortos e à vida eterna. Pela continuidade e relação entre estes dois Concílios, o Credo aprovado em Constantinopla foi chamado de niceno-constantinopolitano e, desde então, é assumido por toda a Igreja. Cf. ELORRIAGA, C. In: CIRILO DE JERUSALÉN. *Catequesis*. Bilbao: Desclée de Brouwer, 1991, pp. 27-28; PADOVESE, L. op. cit, pp. 70-71.

³⁶⁴ Alguns autores são citados como especialistas nos estudos sobre Cirilo, no entanto, sua biografia ainda está por ser escrita. Entre os principais estudiosos estão A. Augustin Toutté (1720), W. K. Reischl e J. Rupp(1848); Johann Mader(1891); William Telfer(1955); Anthony A. Stephenson e Leo P. McCauley(1969); Peter Walker(1990) e Alexis Doval(2001). Cf. DRIJVERS, J. W. *Cyril of Jerusalem. Bishop and City*. Boston: Brill, 2004, introd. pp. XII-XIII.

³⁶⁵ Cf. DRIJVERS, J. W. op. cit., p. 31; QUASTEN, J. *Patrologia*. Madrid: BAC, 1977, p. 403; BONATO, A. *La dottrina trinitária di Cirilo de Gerusalemme*. Roma: IPA, 1983, p. 16.

arianismo³⁶⁶, com a negação da divindade do Verbo e a fratura do Mistério fundamental da fé católica: a Trindade³⁶⁷. A teologia trinitária em franca elaboração e os debates entre as diversas correntes heterodoxas conduzem aos concílios, sínodos, configuração das fórmulas de fé³⁶⁸. Neste mesmo caminho aproxima-se o Concílio de Nicéia, 325, que definiu a divindade do Verbo com o termo – *homoousios*³⁶⁹.

É provável que Cirilo tenha pregado suas Catequeses quando ainda era presbítero, por volta do ano 348³⁷⁰ e, possivelmente, neste mesmo ano, tenha sido nomeado bispo de Jerusalém³⁷¹, como sucessor de Máximo³⁷². Recebeu ordenação episcopal do bispo metropolitano de Cesaréia, Acácio, considerado ariano³⁷³.

Seu episcopado viveu momentos de altos e baixos. Foi um período marcado por relações tensas entre os dois pontos mais importantes da Palestina: Cesaréia e Jerusalém. Há principalmente duas questões neste conflito: com relação à doutrina e outra, de ordem jurisdicional, com relação à própria

³⁶⁶ Para o Arianismo, o Logos não era Deus, como afirma a Igreja, mas a primeira criatura de Deus, dotada de força divina; não era nascido do Pai, mas dele criado e assumido por sua vontade como Filho. Era, portanto, substancialmente diferente do Pai.

³⁶⁷ Pela doutrina da Trindade professamos apenas uma natureza divina – um só Deus -, em que subsistem três pessoas; Deus uno em essência e trino em pessoas. O Logos, segunda pessoa da Trindade é filho real de Deus, por natureza e não por adoção, gerado realmente do Pai e em tudo similar (homoiós) a ele. Cf. BIELSA, J. S. In: CIRILO DE JERUSALÉM. *Catequesis*. Trad., introd. e notas de J. S. Bielsa. Madrid: Ciudad Nueva, 2006, pp. 9-10.

³⁶⁸ Neste contexto outros Padres da Igreja colaboraram com seriedade e profundidade na condução dos debates teológicos, como Basílio Magno, Gregório Nazianzeno, Gregório de Nissa, Cirilo de Alexandria e outros. Cf. FIGUEIREDO, F. op. cit., p. 11; DRIJVERS, op. cit., p. 86; RIVAS, P. H. In: CIRILO DE JERUSALÉM, *Catequesis*. Buenos Aires: Paulinas, p. 12.

³⁶⁹ O termo grego *homoousios* designa a realidade da consubstancialidade - da mesma substância, com a mesma essência. Foi introduzido no Credo em Nicéia (325). O termo indica que o Filho é da mesma substância (*ousía*) do Pai. O Filho é gerado pelo Pai, o que equivale a dizer que não se trata da produção de algo distinto de Deus, como sucede na criação, em que Deus é causa eficiente (gerado, não criado). Por outro lado, não se pode entender esta geração divina de modo material, como se o Filho fosse parte do Pai ou tivesse havido uma divisão da substância divina. Cf. ROVIRA BELLOSO, J. M. Trindade. In: PIKASA, X. e SILANES, N. (dir.) *Dicionário Teológico O Deus Cristão*. São Paulo: Paulus, 1988, p. 881.

³⁷⁰ Há referências de que Cirilo, ainda presbítero, tenha substituído o bispo durante a quaresma, na preparação dos catecúmenos para o Batismo e tornou-se conhecido como grande orador por suas Catequeses pronunciadas desde esta ocasião. Outros estudos concluem que, por ocasião das pregações, ele já era bispo, e atribuem a data das homilias catequéticas ao ano de 350. Cf. HAMMAN, A. *Guida pratica dei Padri della Chiesa*. Milão: Ancora, 1968, p. 207; QUASTEN, J. op. cit., p. 405.

³⁷¹ A data em que Cirilo foi consagrado bispo, é frequentemente mencionada entre os anos 348 e 349, com base na data da morte de Máximo e na data da aparição da cruz luminosa em Jerusalém, maio de 351, quando ele, já como bispo, escreve uma carta ao imperador Costanzo. Cf. YARNOLD, E. J. *Cyrillus von Jerusalem. Theologische Realenzyklopädie 8*. Berlin/New York: Walter de Gruyter (1981/1993) pp. 261-266; CAYRÉ, F. *Patrologia e Storia della Teologia*. Roma: Desclée e Ci, 1936, p. 376; BONATO, A. op. cit., p. 18; PIEDÁGNEL, A. op. cit., p. 12.

³⁷² YARNOLD, E. J. op. cit., p. 262

³⁷³ Cf. PIEDÁGNEL, A. In: CYRILLE DE JÉRUSALÉM. *Catéchèses Mystagogiques*. Paris: Du Cerf, 1966, p. 12; CAYRÉ, F. op. cit., p. 376.

autoridade na igreja-província. Cirilo e Acácio reivindicavam o direito de supremacia da própria sede. Cirilo com base na fundação apostólica e Acácio requerendo dignidade enquanto bispo metropolitano da Palestina. O reconhecimento ao bispo de Jerusalém, efetuado no Concílio de Nicéia aumentou o conflito entre os dois bispos³⁷⁴. Estavam em jogo processos de ordem disciplinar, como nomeações, destituição, interesses pessoais.

No plano doutrinal, os dois bispos também tinham graves controvérsias. Cirilo, acusado por Acácio de sabelianismo³⁷⁵ e de ser um seguidor do *homooousion*, ou seja, da consubstancialidade entre Cristo e o Pai. Acácio, em oposição no plano ortodoxo, acusado por Cirilo de professar uma doutrina filoariana, sem dar relevância à divindade do Filho³⁷⁶.

Também sobre Cirilo foram levantadas suspeitas de arianismo. Sua nomeação por Acácio³⁷⁷, unida à amizade de Cirilo com outros bispos semi-arianos e à ausência do termo niceno ‘*homooúsios*’ em suas Catequeses, serviu para que vários escritores tenham projetado sombras sobre a figura de Cirilo, acusando-o de infidelidade à doutrina da Igreja³⁷⁸. Há indicações de que nos seus primeiros anos como bispo não era totalmente ortodoxo, mas que, paulatinamente, foi se tornando um opositor ao arianismo, o que lhe serviu de pretexto para as perseguições de Acácio³⁷⁹.

³⁷⁴ Constantinopla I e também a Constituição Apostólica chamavam Jerusalém de “mãe de todas as igrejas”. E, de acordo com o 7º. Cânon do Concílio de Nicéia, o bispo de Jerusalém era considerado o mais proeminente do mundo cristão, depois dos bispos de Roma, Alexandria e Antioquia. Cf. MC CAULEY, L. e STEPHENSON, A. (trad.) *The works of Saint Cyril of Jerusalem*, England: America Press, 1969, p. 15; MAESTRI, G. e SAXER, V. op. cit., p. 15.

³⁷⁵ O sabelianismo foi uma modalidade do monarquianismo modalista, e recebeu esse nome devido ao herético que difundiu essa doutrina no Egito e na Líbia: Sabélio. Considerava a divindade uma mônada que se manifestava em três operações diferentes – Pai no AT, Filho na encarnação e Espírito Santo em pentecostes. Cf. PADOVESE, L. op. cit., pp. 66-67; SCHNEIDER, T. (org.) *Manual de Dogmática*. Petrópolis: Vozes, 2000, pp. 439-440.

³⁷⁶ Cf. BONATO, A. op. cit., p. 23.

³⁷⁷ Encontramos dados históricos que indicam que Cirilo não foi o sucessor imediato de Maximo, e sim Heraclius. Através de um acordo com outros bispos arianos, Acácio teria forçado Heraclius a abdicar e nomeado Cirilo, contando com seu apoio junto aos arianos e impedindo que os adversários elessem um outro candidato, desfavorável aos arianos. Cf. DRIJVERS, J.W. op. cit. p. 35; MAESTRI, G. e SAXER, V. In: CIRILLO E GIOVANNI DI GERUSALEMME. *Catechesi Prebattesimali e mistagogiche*. Milano: Pauline, 1994, p. 13; BONATO, A. op. cit., 21.

³⁷⁸ RIVAS, P. H. op. cit., p. 5.

³⁷⁹ Os estudos indicam um processo, em que Cirilo foi modificando sua posição, da seguinte forma: inicialmente era representante da ala moderada da frente eusebiana, próxima à ortodoxia nicena; em Seleucia, 359, era reconhecida a posição dos expoentes do partido homousiano e, depois, em 365, se uniu a ala homousiana que, sem renegar a própria fórmula, tinha aceito a identificação do “símile” por aproximação com “consubstancial”. Cf. BONATO, A. op. cit., p. 32; DRIJVERS, J. W. op. cit., p. 35; MAESTRI, G. e SAXER, V. op. cit., p. 20; CAYRÉ, F. op. cit., p. 377; YARNOLD E. J. *Cyrillus von Jerusalem*. op. cit.

O fato de Cirilo nunca utilizar a fórmula nicena – *ἁμοούσιος τὸν πατρί* – *consubstancial ao Pai* - foi tema de debate acirrado sobre a ortodoxia de Cirilo quanto à questão trinitária³⁸⁰. Contudo, ao longo da leitura de sua obra catequética (*Catequeses Pré-Batismais e Catequeses Mistagógicas*) percebe-se a preocupação pedagógica de Cirilo no emprego de termos teológicos em seus ensinamentos e orientações e, principalmente, fundamentando toda a pregação na Sagrada Escritura³⁸¹. Se ele não utiliza a terminologia oficial não se pode dizer o mesmo do conteúdo doutrinal, que apresenta de acordo com a ortodoxia e a definição niceana³⁸².

A omissão do termo *homooúsios* em suas *Catequeses* pode ter diversas causas: pedagogia catequética, prioridade à fundamentação bíblica, prudência no uso do termo niceano, uma postura eusebiana de não afrontar os grupos arianos e semi-arianos. Vejamos um pouco mais detalhadamente essas possibilidades.

Uma possibilidade se fundamenta em sua metodologia catequética. Suas orientações têm como base a Sagrada Escritura, num método histórico-tipológico, utiliza uma linguagem simples, endereçada a um auditório diverso e de iniciantes na fé³⁸³.

Outra hipótese seria uma atitude de prudência no uso de uma nova categoria teológica, que remete ao conhecimento filosófico e teológico, o que também assinala seu cuidado pedagógico e atitude ponderada. O fervor das discussões teológicas não é o alvo de Cirilo e sim a formação dos iniciantes na fé. Sem tomar partido, assume uma postura de adaptação pastoral³⁸⁴, coerente com o

³⁸⁰ Cf. TELFER, W. *Cyril of Jerusalem and Nemesius of Emesa*. London: SCM Press LTD, p. 61; FIGUEIREDO, F. op. cit., p. 12; MAESTRI, G. e SAXER, V. op. cit., pp. 12-15.

³⁸¹ Cf. MC CAULEY, L. e STEPHENSON, A. op. cit., pp. 9.13.35; ALTANER, B. op. cit., p. 11; PIÉDAGNEL, A. op. cit., p. 7; MAESTRI, G. e SAXER, V. op. cit., p. 11. 53; DRIJVERS, J. W. op. cit., p. 55; CAYRÉ, F. op. cit., p. 348; FIGUEIREDO, F. op. cit., p. 12; BONATO, A. op. cit., p. 23; RIGGI, C. In: CIRILLO DI GERUSALEMME. *Le Catechesi*. Roma: Città Nuova, 2ª. Edição, 1997, pp.1-11.19.

³⁸² Sobre este tema ver especialmente a dissertação de Risi, Francesco Maria. *Di una nuova edizione delle opere di S. Cirillo Gerosolimitano ossia di un errore gravissimo falsamente attribuito a S. Cirillo*. S.C. di Propaganda Fide, 1884. Risi apresenta todo o debate sobre a questão homousiana, analisando os textos de Cirilo e dos padres de seu tempo. Ver também cf. CROSS, F.L. In: CYRIL OF JERUSALEM'S. *Lectures on the Christian Sacraments*. Londres: SPCK, 1951, p. XXX.

³⁸³ Cirilo conhece bem o método tipológico na hermenêutica da Sagrada Escritura. Cf. RIGGI, C. In CIRILLO DI GERUSALEMME. *Le Catechesi*. Roma: Città Nuova, 2ª. Edição, 1997, pp.10-11.19; MAZZA, E. op. cit., p. 173.

³⁸⁴ YARNOLD, E. *The awe inspiring rites of initiation. Baptismal Homilies of the fourth century*. Grã-Bretanha: Saint Paul Publications, 1971, p. 65.

clima de Jerusalém, mais voltado para a mediação bíblica do que para as questões doutrinárias.

Frente à complexidade dos debates teológicos, o uso da terminologia niceana ainda não é radicalizada por seus contemporâneos. Neste sentido, Cirilo compartilhava da posição eusebiana³⁸⁵, uma tendência que crescia no âmbito eclesiástico, evitando os radicalismos de tipo ariano, sabeliano ou marceliano³⁸⁶. Neste eixo justifica-se a ausência da terminologia niceana, pela proximidade do debate e dúvidas que ainda pairavam na compreensão de muitos³⁸⁷. Há estudiosos que aventam ainda a hipótese de Cirilo agir com certa diplomacia, frente ao calor do debate e não se indispor com amigos e bispos que aderiam ao arianismo³⁸⁸.

Priorizando o embasamento bíblico, Cirilo se atém à expressão bíblica *homoios* (Ómoioj): em tudo similar ao Pai. A escolha de Cirilo responde em grande parte aos pressupostos de fundo da teologia oriental, prefere uma fórmula alternativa, o *homoios*. Desenvolve uma teologia substancialmente fiel à ortodoxia, na catequese trinitária³⁸⁹, cristológica, pneumatológica³⁹⁰ e sacramentária³⁹¹.

Cirilo refaz, através da teologia de Eusébio de Cesaréia, a tradição apologética que pensava a geração do Filho pelo Pai, conexas com a unção eterna do Espírito Santo. Reconhece uma hierarquia na Trindade; reconhece também que as três Pessoas pertencem absolutamente à sede do divino e do transcendente. As três Pessoas da Santíssima Trindade foram parceiras na Criação e Redenção,

³⁸⁵ A teologia de Eusébio de Cesaréia segue o esquema de Orígenes, expressa a subsistência das pessoas divinas em âmbito trinitário e sua relação recíproca afirmando que as pessoas são três quanto à hipóstase e uma apenas quanto à harmonia. Permite uma postura intermediária, sem rejeitar totalmente o símbolo niceno. Cf. BONATO, A. op. cit., pp. 9-10; Cf. ALTANER, B. *Patrologia*. Madrid. 1953, p. 242; BIELSA, J. S. op. cit., p. 11; MORESCHINI, C. e NORELLI, E. *História da Literatura Cristã Antiga Grega e Latina*. São Paulo: Loyola, 2000, p. 75.

³⁸⁶ O marcelianismo é também uma modalidade de monarquismo modalista, na qual Marcelo de Ancyra (374) concebe a Deus como mônada indivisível: Pai, Filho e Espírito Santo constituem a mônada da divindade. Cf. WERBICK, J. Doutrina da Trindade. In: SCHNEIDER, T. (org.) *Manual de Dogmática*. Petrópolis: Vozes, 2000, pp. 439-440.

³⁸⁷ Cf. MC CAULEY, L. e STEPHENSON, A. op. cit., p. 13; BONATO, A. op. cit., p.11.

³⁸⁸ Cirilo se relacionava com os chamados homousianos e, por isso, muitos o identificaram como ariano ou simpatizante do arianismo. Cf. CAYRÉ, F. op. cit., p. 377; BIELSA, J. S. op. cit., p. 12.

³⁸⁹ Sobre a teologia trinitária e a cristologia na obra de Cirilo ver o excelente trabalho de BONATO, A. *La doutrina trinitária di Cirilo de Gerusalemme*. SEA, Roma: IPA, 1983.

³⁹⁰ Sobre a pneumatologia em Cirilo de Jerusalém ver os trabalhos de SANTANA, L.F.R. *A dimensão pneumática da espiritualidade cristã*. Tese de Doutorado, Departamento de Teologia, PUC/RJ, 1998 e MIGUEL FERNANDES, J.L. *Pneumatologia de Cirilo de Jerusalém*. Dissertação de Mestrado, Madrid: Pontificium Institutum Orientalium Studiorum, 1974.

³⁹¹ Cf. RIGGI, C. op. cit., pp. 7-9; MAESTRI, G. e SAXER, V. op. cit., pp. 12-15.

juntas regem o mundo e a história, e são exclusivamente a fonte do ser, da vida e da salvação³⁹².

Por outro lado, não apenas Acácio de Cesaréia, mas também arianos e imperadores que favoreciam esta heresia, estiveram em conflito com Cirilo. Até tal ponto chegaram os conflitos que por três vezes abandonou sua sede episcopal para marchar para o desterro, num período total de 13 a 14 anos³⁹³. A primeira vez, em 357, quando o bispo Acácio reuniu um concílio composto por arianos em Jerusalém, e condenou Cirilo ao desterro³⁹⁴. Consta que, nesse primeiro exílio, tenha ido para Antioquia e depois para Tarso, onde foi acolhido pelo bispo Silvanus. Neste período, Cirilo teria exercido seu ministério como pregador, demonstrando a defesa da fé ortodoxa contra o arianismo e o maniqueísmo crescentes, o que aumentou a fúria de Acácio, exigindo que o bispo Silvanus proibisse Cirilo de pregar³⁹⁵.

As questões doutrinárias ainda o afastaram de sua sede por duas vezes: em 360, pelo Concílio de Constantinopla e, em 366, pelo imperador Valens, que também se tornou ariano³⁹⁶. Os conflitos e decorrentes períodos de deposição de seu episcopado foram provocados pelo grupo partidário do arianismo, que o atacou como defensor e confessor da fé nicena sobre a consubstancialidade do Verbo com o Pai³⁹⁷.

Cirilo retorna ao episcopado no final dos anos 370. Em 381, participou do II Concílio Ecumênico, realizado em Constantinopla³⁹⁸, com um grupo

³⁹² Cf. MC CAULEY, L. e STEPHENSON, A. op. cit., pp. 36-37.

³⁹³ Cf. DRIJVERS, J. W. op. cit., p. 48.

³⁹⁴ Constam em alguns depoimentos que, no Concílio de Acácio foram banidos pelo Imperador, em 360: Macedonius, Eustathius, Basil, Silvanus, Eleusius, Anianus, Sophronius, Neonas de Seleucia e Cirilo. Cirilo foi acusado de colocar à venda bens da igreja para socorrer os necessitados em tempo de fome; além disso, foi acusado por questões doutrinárias, por fidelidade a Nicéia e oposição ao arianismo. Essa atitude, que revela sua percepção e atuação pastoral, pode ter sido um dos fatores responsáveis por seu retorno e acolhida em Jerusalém, a cada exílio. Cf. RIVAS, P.H. op. cit., p. 6; MC CAULEY, L. e STEPHENSON, A. op. cit., p. 29 e p. 69; DRIJVERS, J.W. op. cit., p. 38; MAESTRI, G. e SAXER, V., op. cit., p. 20; CARRARO, G. In: CIRILLO, *Le catechesi*. Traduzione e note G. Carraro, Vicenza, 1942, p. 10.

³⁹⁵ Cf. DRIJVERS, J. W. op. cit., p. 39.

³⁹⁶ *Ibid.*, p. 41.

³⁹⁷ Este período de turbulência de heresias e lutas políticas, nas quais Cirilo está envolvido, explica em parte, os dados confusos, e até mesmo, contraditórios que chegam até nós. Cf. BIELSA, J. S. op. cit., p. 9; RIVAS, P.L.H. op. cit., p. 12.

³⁹⁸ Cf. QUASTEN, J. op. cit., pp. 403-405; FOLCH GOMES, C. *Antologia dos Santos Padres*. São Paulo: Paulinas, 1979, p. 225; DANIELOU, J. *Sacramentos y culto según los Santos Padres*. Madrid: Guadarrama, 1964, pp. 20-21; CAYRÉ, F. op. cit., p. 377; MAESTRI, G. e SAXER, V. op. cit., p. 14.

majoritário de 150 bispos, considerados ortodoxos e 36, arianos³⁹⁹. Este concílio selou um compromisso entre as teologias trinitárias do Oriente e do Ocidente. Na linha de continuidade com o Concílio de Nicéia, o Concílio de Constantinopla restabelece o Credo Niceno e condena todas as heresias⁴⁰⁰. Cirilo de Jerusalém tem um papel importante nesta reflexão conciliar, para alguns estudiosos constitui uma força motriz por já professar, em Jerusalém, um Credo bastante semelhante à definição final, em Constantinopla⁴⁰¹. Este Concílio reabilita Cirilo de qualquer dúvida quanto à sua fidelidade eclesial, reconhece a validade da sua ordenação episcopal e a ortodoxia de sua fé⁴⁰².

Com base nos dados históricos, Cirilo deve ter falecido em 18 de março de 387, com a idade de 70 a 72 anos, depois de 37 a 38 anos de episcopado, dos quais um terço ou mais foram passados em exílio. Foi sucedido por João. No quinto século é canonizado pela Igreja oriental. Em 1882, o papa Leão XIII o proclama doutor da Igreja⁴⁰³.

Como vimos até aqui, da complexidade de fatores presentes durante o episcopado de Cirilo, suas Catequeses e atitudes políticas e eclesiais, emerge uma pessoa de forte personalidade, originalidade e profundidade teológicas. Apesar das hipóteses iniciais quanto à sua postura anti-niceana, ao contrário, os textos catequéticos apresentam fidelidade à caminhada eclesial ortodoxa e um espiritualidade mística, tanto nos confrontos com as heresias e questões políticas, como diante de sua missão pastoral⁴⁰⁴.

Centrado na formação dos iniciantes na fé e na adesão a Cristo numa perspectiva sacramental, integral, mistagógica, Cirilo é nomeado por muitos como

³⁹⁹ Neste Concílio, Cirilo estava entre os bispos mais proeminentes como Meletius, de Antioquia, Gregório de Nazianzo, bispo de Constantinopla e Timóteo, de Alexandria. Uma nota interessante para compreender a participação de Cirilo é a própria definição do Credo, pois o credo professado em Jerusalém já era bastante semelhante ao Niceno-constantinopolitano, contendo 100 das 174 palavras que foram definidas pelo Concílio para o Símbolo. Cf. DRIJVERS, op. cit., pp. 45-46.

⁴⁰⁰ Ibid.

⁴⁰¹ Ibid.

⁴⁰² Cf. MAESTRI, G. e SAXER, V. op. cit., p. 14.

⁴⁰³ Cf. DRIJVERS, J. W. op. cit., p. 48; MC CAULEY e STEPHENSON, op. cit., p. 34.

⁴⁰⁴ Os estudiosos indicam como uma das atitudes de Cirilo que gerou controvérsias, a venda de bens da igreja de Jerusalém para atender necessidades dos pobres. Essa atitude revela o cuidado pastoral de Cirilo, compreendendo como parte de sua missão de bispo, a atenção e solidariedade concreta com as necessidades de sua comunidade. Demonstrou, acima de tudo, uma grande liberdade de espírito a respeito de sua responsabilidade pastoral e litúrgica. Cf. MC CAULEY, L. e STEPHENSON, A. op. cit., p. 66; MAESTRI, G. e SAXER, V. op. cit., p. 20.

‘catequista por excelência⁴⁰⁵’, reconhecido pelos padres conciliares contemporâneos como um homem de Deus, comprometido na catequese dos estrangeiros, pagãos, iniciantes, e combatendo em todas as circunstâncias as posições arianas⁴⁰⁶.

2.1.2

A obra de Cirilo de Jerusalém e o debate quanto à autenticidade dos textos

Não podemos pensar em Cirilo sem ter em conta todo este contexto: seu nascimento, no pórtico de Nicéia, as primeiras grandes questões teológicas, os conflitos com os arianos, a constituição do Símbolo e a peculiaridade da cidade em que exerce seu episcopado: Jerusalém.

O caminho para resgatarmos seu pensamento teológico e pastoral é através de parte de sua obra, preservada e analisada por especialistas e estudiosos. É indubitável que é uma obra selada pela legítima autoridade de Cirilo, como bispo e doutor da Igreja, por sua elaboração teológica e habilidade no ministério eclesial. Seu pensamento pode ser recuperado através de suas palavras, em grande parte estenografadas por seus ouvintes e, com outras limitações quanto à disponibilidade dos códices encontrados ao longo dos anos⁴⁰⁷.

Encontramos controvérsias quanto à autoria de Cirilo sobre a totalidade dos textos a ele atribuídos – as *Catequeses Pré-Batismais*, as *Catequeses Mistagógicas*, a *Carta ao imperador Costanzo*⁴⁰⁸ e o *Sermão do Parálítico*⁴⁰⁹. A

⁴⁰⁵ Teodoreto, perito em história da Síria e da Palestina, julga positivamente o trabalho de Cirilo como bispo, sem discutir os particulares de sua eleição episcopal, mas confirmando seu zelo na defesa das verdades de fé e mérito na dignidade episcopal. Também os padres conciliares, contemporâneos de Cirilo, o reabilitaram das acusações que o conduziram ao exílio por 3 vezes. Além disso, no período da Reforma e Contra Reforma, seja por parte dos protestantes, como dos católicos, Cirilo foi considerado grande catequista e seguido pela originalidade de seu trabalho na Iniciação Cristã e perspectiva do sacerdócio comum dos fiéis. Cf. BONATO, A. op. cit., p. 20; RIGGI, C. op. cit., p.18.

⁴⁰⁶ Cf. RIGGI, C. op. cit., p. 9.

⁴⁰⁷ Uma variedade de palavras de Cirilo foi recuperada, por meio de códices e em muitas linguagens (grego, siríaco, armênio, copta) Os principais Manuscritos encontrados e analisados pelos estudiosos são: 1. *Monacensis gr. 394* (séc. X); 2. *Ottobonianus 86* (séc. X ou XI), cópia *Vaticanus Gr 602* (séc. XVI); 3. *Neapolitanus-Vindobonensis 8* (séc. XI); 4. *Vindobonensis 55* (séc. XI ?); 5. *Bodleianus Thos. Roe 25* (séc. XI); 6. *Ottobonianus 446* (séc. XV); 7. *Coislinianus 227* (séc. XI); 8. *Marcianus gr. II* (séc. XII); 9. *Monacensis gr 278* (séc. XVI); 10. *Ottobianus 220* (séc. XVI-XVII). Cf. PIÉDAGNEL, A. op. cit., p. 51; CROSS, F. L. op. cit., p. XXXIV.

⁴⁰⁸ As obras de Cirilo de Jerusalém citadas constam na Patrologia de MIGNE, J. P. *Patrologiae cursus completus*. Paris: Series Graeca, 1857-1866. Usaremos a sigla PG para esta referência.

autenticidade de Cirilo já não é discutida quanto à *Introdução* às Catequeses, as *Catequeses Pré-Batismais* e a *Carta ao imperador Costanzo*. Ainda em debate quanto à autoria está um segundo grupo de textos - o *Sermão do Paralítico* e as *Catequeses Mistagógicas*⁴¹⁰.

A *Introdução* às Catequeses, as dezoito *Catequeses Pré-Batismais* e cinco *Mistagógicas*, somam um total de vinte e quatro conferências catequéticas. O primeiro grupo compreende o discurso introdutório e dezoito catequeses dirigidas aos candidatos para o Batismo por ocasião da Páscoa próxima, num total de dezenove *Catequeses Pré-Batismais*. Elas teriam sido pronunciadas durante a Quaresma. O segundo grupo são as cinco últimas instruções, chamadas *Catequeses Mistagógicas* e dirigidas aos neófitos (recém-batizados) na semana da Páscoa, e teriam sido pronunciadas na capela do Santo Sepulcro⁴¹¹. Estas cinco catequeses explicam a doutrina e a liturgia dos sacramentos da iniciação e são consideradas tesouros preciosos da liturgia do IV século⁴¹². As duas primeiras tratam do Batismo, a terceira da Confirmação, a quarta da Eucaristia e a quinta da liturgia da Celebração Eucarística.

Sendo a mistagogia o tema central de nossa pesquisa, nosso trabalho se dedicará mais de perto às *Catequeses Mistagógicas*⁴¹³. Será a elas que nos dedicaremos a analisar os nuances metodológicos e teológicos, como também a organização e a sistematização desta etapa do catecumenato primitivo⁴¹⁴. No

⁴⁰⁹ A *Carta ao Imperador Costanzo* (PG 33,1165-1176) narra a aparição da cruz luminosa, em Jerusalém, a 7 de maio de 351, da qual foi Cirilo foi testemunha ocular. Considerada como uma confirmação, vinda dos céus, do apoio divino ao imperador e às suas campanhas contra os inimigos. A carta é um louvor a Costanzo e à centralidade de Jerusalém para o cristianismo. O segundo texto, em discussão quanto à autoria, é a *Homilia sobre o Paralítico*, (PG 33, 1131-1154) no qual o autor trabalha sobre o evangelho de Jo 5,1-18, insistindo sobre o poder de Cristo como médico da pessoa, corpo e alma. Cf. MAESTRI, G. e SAXER, V. op. cit., pp. 16-22; DRIJVERS, J. W. op. cit., pp. 51-52.

⁴¹⁰ Cf. DRIJVERS, J. W. op. cit., p. 49. Além desses trabalhos, ainda encontram-se em análise quanto à autoria, alguns fragmentos: sobre o *Cântico dos Cânticos* (parte da *Homilia sobre o Paralítico*); sobre o *milagre de Caná* (Jo 2); sobre *Palavras de Jesus sobre seu retorno ao Pai* (Jo 16,8); o *Discurso sobre o encontro do Senhor com Simeão*; uma *Cronologia*. Cf. MAESTRI, G. e SAXER, V. op. cit., pp. 23-25; RIGGI, C. op. cit., p. 9.

⁴¹¹ Cf. QUASTEN, J. op. cit., p. 404; PIÉDAGNEL, A. op. cit., pp. 14-15; DANIELLOU, J. op. cit. p. 27; FIGUEIREDO, F. op. cit., p. 15.

⁴¹² Cf. DRIJVERS, W. L. op. cit., p. 53.

⁴¹³ Cf. QUASTEN, J. op. cit., pp. 403-405; FOLCH GOMES, C. op. cit., p. 225; DANIELLOU, J. op. cit., pp. 20-21.

⁴¹⁴ Segundo J. Daniélou, as Catequeses Mistagógicas são os documentos mais importantes para a teologia do culto, mas não são os únicos, já que em diversas obras encontramos passagens relacionadas com a mistagogia e os sacramentos. Por exemplo, em *De Trinitate*, de Dídimo, no *Tratado do Espírito Santo*, de Basílio, referindo-se principalmente aos sacramentos e ao ciclo litúrgico. Cf. DANIELLOU, J. op. cit., p. 27.

entanto, teremos presente o diálogo com as primeiras dezenove Catequeses de Cirilo, a fim de melhor compreendermos a teologia subjacente e a metodologia desse grande Padre da Igreja no processo de Iniciação Cristã de Adultos.

Sobre a autoria das *Catequeses Mistagógicas* muitos estudos já foram realizados, por diversos especialistas. A questão surgiu no século XVI, quando se inicia o debate de que as catequeses possam ter sido atribuídas a Cirilo de Jerusalém erroneamente⁴¹⁵. As hipóteses versam sobre algumas diferenças encontradas entre as dezenove primeiras *Catequeses* e as cinco *Mistagógicas*. São analisadas diferenças quanto ao estilo e linguagem⁴¹⁶, desenvolvimento teológico, metodologia, diferenças entre os ritos litúrgicos e quanto ao período de compilação das mesmas⁴¹⁷.

Sabemos que Cirilo pronunciou suas Catequeses, mas não que as tenha publicado. Os textos foram preservados devido a fiéis que faziam pequenas anotações enquanto ele pregava. Estas não foram revisadas pessoalmente por Cirilo⁴¹⁸. O fato concreto é que não foram encontradas anotações pessoais de Cirilo, ou mesmo revisão dos textos anotados por fiéis, e sim manuscritos que contêm variações entre eles, quanto ao estilo, citações bíblicas e desenvolvimento teológico. Esta já é uma grande dificuldade para compreender os manuscritos, em suas extensas variações⁴¹⁹.

A teologia presente nas últimas *Homilias Catequéticas*, principalmente 16 e 17 e nas *Catequeses Mistagógicas* pressupõe uma pneumatologia mais desenvolvida, assim como os conteúdos referentes à Eucaristia, ao Pai Nosso, à unção do Crisma. São argumentos esperados nos anos 390 e não 40 anos antes⁴²⁰.

Uma das fortes hipóteses sobre a autoria das *Catequeses Mistagógicas* é a de que poderiam ter sido proferidas por João de Jerusalém, bispo e seu sucessor na cátedra. Neste caso, elas poderiam ter sido escritas ou compiladas por João,

⁴¹⁵ Cf. DRIJVERS, J. W. op. cit., p. 15.

⁴¹⁶ Cf. QUASTEN, op. cit., p. 405.

⁴¹⁷ W.K Reischl e J. Rupp, A. Piédagnel, Salaville, E. Yarnold e G. Bardey atribuem as Catequeses Mistagógicas a Cirilo; já Th. Schermann, W.J.J. Swanns, M. Richard e W. Telfer atribuem a João de Jerusalém. A posição de Quasten é de que Cirilo as pronunciou e João as revisou. Cf. SAXER, V. op. cit., pp. 20-33; TELFER, W. op. cit., pp. 39-42; PIÉDANEL, A. op. cit., p. 28.

⁴¹⁸ BARBISAN, E. In: CIRILLO DI GERUSALEMME. *Le catechesi*. Versão, introd. e notas de E. BARBISAN, E. São Paulo: Paulinas, 1966, p. 19.

⁴¹⁹ Cf. MC CAULEY, L. e STEPHENSON, A. op. cit., pp. 2-3.

⁴²⁰ Ibid., p. 4; TELFER, W. op. cit., p. 40

mas tendo como fonte primordial as primeiras dezoito Catequeses, seu eixo e fundamentação teológica⁴²¹.

Os manuscritos não possuem evidências a favor de Cirilo. O mais antigo, *Codex Monacensis 394*, menciona João como autor e há outros - *Ottobonianus 86 e 446*, *Monacensis 278* e *Vaticanus 602* -, que mencionam ambos, Cirilo e João⁴²². Nenhum manuscrito nomeia Cirilo como único autor.⁴²³ As análises também não chegam a uma definição pela autoria apenas de João.

Um dos fortes argumentos a favor da paternidade ciriliana é de que os textos que chegaram às mãos dos estudiosos, não seriam da metade do séc. IV e sim do final da vida de Cirilo, entre 383 e 386⁴²⁴. Há estudiosos que sublinham as similaridades entre os dois grupos de textos, tanto no que concerne à teologia, como estilo e espiritualidade. Acreditam que as diferenças que provocam o debate podem ser atribuídas à própria evolução do pensamento de Cirilo. Neste caso, os manuscritos não seriam decisivos para negar a paternidade ciriliana do segundo grupo de textos, as *Catequeses Mistagógicas*. O próprio João de Jerusalém pode ter usado das notas de Cirilo em suas conferências, e por isso, os manuscritos o citarem como autor das mesmas⁴²⁵.

Considerando os aspectos quanto à avançada teologia presente em algumas conferências e as diferenças de estilo e linguagem, convida-se a deixar aberta a datação, abrangendo o período da segunda metade do século IV. Dessa forma, pode-se abraçar tanto a possibilidade de que o próprio Cirilo tenha registrado anotações que expressam um novo momento de sua reflexão litúrgica e teológica, como a possibilidade de que João de Jerusalém seja o autor ou parceiro de Cirilo, nas *Catequeses Mistagógicas*.

O debate que vem percorrendo cinco séculos aponta para um consenso entre os estudiosos mais recentes, de que não se encontra na tradição manuscrita um respaldo suficiente para negar a autoria de Cirilo. Por outro lado, uma prova

⁴²¹ Cf. TELFER, W., op. cit., p. 39; RIVAS, op. cit., p. 9; DRIJVERS, J.W. op. cit., p. 59-62; MAESTRI, G. e SAXER, V. op. cit., p. 33.

⁴²² Cf. FIGUEIREDO, F. op. cit., p. 18; TELFER, W. op. cit., 39; DRIJVERS, J. W. op. cit., p. 59-62; MAESTRI, G. e SAXER, V. op. cit., p. 33.

⁴²³ Yarnold argumenta que a diferença de estilo entre os dois trabalhos possa ser explicada pelo fato de que as primeiras conferências foram anotadas por ouvintes, e as demais, provenientes de notas de Cirilo. Possivelmente ele mesmo teria expandido suas notas e aprofundado suas idéias teológicas. Cf. RIVAS, op. cit., p. 9; DRIJVERS, J. W. op. cit., p. 59.

⁴²⁴ Cf. DRIJVERS, J. W. op. cit., p. 60.

⁴²⁵ Ibid., p. 60-61.

irrefutável, que legitime a autoria de Cirilo, ou de João, ainda não foi localizada e, provavelmente, não o será⁴²⁶.

Até o século XVI, Cirilo foi considerado seu autor, sem contestação, e ainda não foi encontrada uma prova que recolha a unanimidade dos especialistas a ponto de afirmarem que não sejam de sua autoria. Elas alcançaram reconhecimento por sua elevada qualidade teológica, espiritual, estilística e também pela excelente visão que transmitem da prática litúrgica e dos ensinamentos da fé cristã da época⁴²⁷.

Enfim, o que é fundamental para o nosso estudo se mantém preservado, independente do debate quanto à paternidade de Cirilo o valor apologético das cinco *Catequeses Mistagógicas*, mesmo que não de sua autoria, refletem o pensamento da Igreja de Jerusalém ao fim do século IV e, teologicamente, o próprio pensamento do próprio Cirilo⁴²⁸.

2.1.3

O processo da Iniciação Cristã nas Catequeses Pré-Batismais

Antes de dialogarmos propriamente com as *Catequeses Mistagógicas*, vejamos algumas considerações sobre as *Catequeses Pré-Batismais*, a fim de melhor compreendermos e nos situarmos na obra posterior. Elas constituem uma parte central na obra de Cirilo de Jerusalém. Foram pregadas durante a quaresma, na primavera de 348, na basílica do Santo Sepulcro.

Já vimos até aqui o contexto da Igreja de Jerusalém no que concerne à questão política, administrativa e teológica, no período do século IV, em que Cirilo desenvolveu seu ministério episcopal. Vejamos agora, o contexto próprio da instituição catecumenal que começava a se organizar e a encontrar uma sistematização.

A sistematização do catecumenato pode ser atestada, a partir do século III, pela *Tradição Apostólica*, de Hipólito de Roma. Contudo, será no século seguinte que encontraremos os principais documentos sobre o catecumenato, contendo orientações quanto aos conteúdos e métodos, como também para a dimensão

⁴²⁶ Ibid.

⁴²⁷ Cf. DROBNER, H. R. *Manual de Patrologia*. Petrópolis: Vozes, 2003, pp. 309-310.

⁴²⁸ Cf. BARBISAN, E. op. cit., p. 18.

litúrgica e comunitária indissolavelmente presentes naquela visão de catequese. Os principais documentos que refletem tal práxis são: As *Catequese*s, de Cirilo de Jerusalém (±348-351); as *Homilias Catequéticas*, de Teodoro de Mopsuéstia (±388-428); as *Catequese*s batismais, de João Crisóstomo (±388-397); os *Tratados sobre os Sacramentos e os Mistérios*, de Ambrosio de Milão (±380-397); os *Discursos Catequéticos*, de Gregório de Nissa (±388-396) e *A Instrução dos Catecúmenos*, de Agostinho (±413-426)⁴²⁹.

Em suas grandes linhas, podemos observar que a formação propriamente catecumenal se realizava mediante a catequese bíblica, centrada na narração de História da Salvação; a preparação imediata ao Batismo, por meio da catequese doutrinal, que explicava o Símbolo Apostólico e o Pai Nosso, recém entregues, com suas implicações morais; e a etapa que sucedia os sacramentos de iniciação, mediante a catequese mistagógica, que ajudava a interiorizar tais sacramentos e a incorporar-se na comunidade.

Através dos documentos encontrados, temos notícia de que se iniciava um processo catequético elaborado com primor pelos Padres da Igreja. Podemos afirmar que os textos denotam o desenvolvimento de certo gênero literário⁴³⁰ ao qual Cirilo corresponde e também colabora como pastor, místico e teólogo de seu tempo.

A partir das próprias *Catequese*s *Pré-Batismo*is, podemos ter uma orientação do que seria o modelo catecumenal deste período, assim como o modelo religioso e litúrgico que se configuravam com tanto primor⁴³¹. Elas marcam um itinerário no qual a pregação da mensagem cristã está orientada para a compreensão dos fiéis, a adesão e mudança de vida, a partir de uma relação essencial entre catequese, liturgia e Palavra de Deus.

Através da exposição das catequese

s, os fiéis recebiam um verdadeiro sistema doutrinário. Em Jerusalém, por exemplo, a exposição do Credo era

⁴²⁹ Neste desenvolvimento teológico-literário, os textos de Cirilo ocupam lugar privilegiado no século IV e, em ordem cronológica, é o primeiro a ser encontrado. Cf. MAESTRI, G. e SAXER, V. op. cit., p. 45; YARNOLD, E. *The awe inspiring rites of initiation*. op. cit., Introd. p. IX; BOLLIN, A. e GASPARINI, F. op. cit., p. 50; LOPES, J. Catecumenato. op. cit., p. 106; Cf. SANTANA, L. F. R. *Batizados no Espírito, A experiência do Espírito Santo nos Padres da Igreja*. São José dos Campos: COMDEUS, 2000, p. 15.

⁴³⁰ No mesmo gênero literário, catequético, encontramos ainda, no IV e V séculos, textos de Cromazio de Aquilina e Niceta di Remesiana e, no VI século, de Severo de Antioquia e Cesário de Arles. Cf. MAESTRI, G. e SAXER, V. op. cit., pp. 45-46; DRIJVERS, W. L. op. cit., p. 54.

⁴³¹ Cf. HAMMAN, A. op. cit., p. 211.

minuciosamente trabalhada durante todo o período da Quaresma⁴³². Este fator doutrinário era cuidadosamente ligado ao período litúrgico, com ritos de acolhida, proposta de mudança de vida, exorcismos, testemunhos e acompanhamento individual e comunitário dos iniciantes na fé. A Iniciação Cristã que ali se configurava era, para nossa compreensão, marcadamente mistagógica. Mais adiante, veremos passo a passo como essa relação foi construída.

As *Catequeses Pré-Batismais*, como o próprio nome faz referência, eram voltadas para aqueles que buscavam a Iniciação Cristã, e que se inscreviam para os sacramentos. Estas Catequeses também são conhecidas como “aos iluminandos”, porque eram endereçadas aos catecúmenos que se preparavam para receber a graça, ou a “iluminação”, do Batismo⁴³³.

Cirilo anuncia aos “iluminandos” a imensa dignidade e profundo mistério que consiste o caminho em direção ao Batismo.

Considera quão grande é a dignidade que Jesus te doa. Te chamavam catecúmeno, que ressoava em torno de ti; ouvias falar de esperança, mas não a vias, ouvias celebrar os mistérios, mas sem compreendê-los; ouvias as Escrituras, mas sem entender sua profundidade. Estes sons, agora, não ressoarão mais fora de ti, mas internamente. De fato, o Espírito que habita em ti faz agora, da tua mente, uma morada divina⁴³⁴.(PCat. 6)

A admissão ao processo passava por uma apresentação da parte de um responsável, que poderia ser um parente próximo ou alguém da própria comunidade. Esta apresentação era dirigida e acolhida pelo bispo local, num ritual de imposição de mãos e oração.

A esta primeira aproximação e compromisso assinalado diante da comunidade local seguia-se o processo catecumenal, com a participação nas homilias catequéticas, exortações, rituais e mudanças na própria vida, preparando-se para assumir a vida nova pelo Batismo.

Em sua primeira Catequese, chamada *Preliminar* ou *Introdução às Catequeses Pré-Batismais*, Cirilo fala das disposições necessárias para a preparação batismal e orienta os fiéis a experimentarem o jejum, a penitência e a

⁴³² A Profissão de fé era um sinal da identidade das comunidades cristãs, de tal maneira que quem a professava poderia ser considerado cristão, ou seja, professava o reto parecer da ortodoxia. Cf. ELORRIAGA, C. op. cit., p. 29.

⁴³³ Cf. MAESTRI, G. e SAXER, V. op. cit., p. 26.

⁴³⁴ Os trechos das Catequeses Pré-Batismais apresentados neste trabalho são da edição crítica de MAESTRI, G. e SAXER, V. In: CIRILLO E GIOVANNI DI GERUSALEMME. *Catechesi Prebattesimali e mistagogiche*. Milano: Pauline, 1994.

confissão dos pecados, expressando o verdadeiro compromisso e vontade de mudar sua situação existencial⁴³⁵.

A essa fase segue-se a verdadeira preparação catequética, com dezoito homilias, nas quais Cirilo se dedica à fé cristã e suas fontes - A Sagrada Escritura e a Tradição -, transcorrendo temas centrais da fé cristã e detendo-se pormenorizadamente nos artigos do Credo⁴³⁶. Nas duas primeiras, Cirilo fala sobre o compromisso que será assumido, sobre a renúncia ao pecado e a necessidade da Penitência. Na terceira, trata do Batismo e seus efeitos. Na quarta, ele faz uma exposição complexa sobre a doutrina cristã, expondo as principais verdades dogmáticas. Estas serão retomadas, mais detalhadamente, nas homilias seguintes, que versam sobre o Credo. Da quinta à décima-oitava Catequese, Cirilo trabalha sobre os artigos do Credo⁴³⁷, sempre fundamentando cada passo na Sagrada Escritura, explicitando a linha de continuidade entre Antigo Testamento e Novo Testamento.

As *Catequeses Pré-Batismais* são precedidas de uma leitura bíblica. O vínculo Sagrada Escritura-Tradição é estabelecido desde esse primeiro momento. É o próprio Deus que fala e a Igreja é a mediação da Palavra de Deus. Os fiéis recebem da Igreja o que devem crer, a Sagrada Escritura é o fundamento desta fé⁴³⁸.

Sois já discípulos da nova Aliança e partícipes dos mistérios de Cristo, agora, por vocação, mas em pouco tempo também como um dom: 'forjai em vós um coração novo e um espírito novo' para que se alegrem os moradores do céu. (C. 1,1; ref. Ez 18,31)

Cirilo apresenta os ensinamentos da fé cristã com a reverência de quem transmite os santos mistérios, sempre fundados nas Escrituras e, impossíveis de serem compreendidos se prescindimos do texto sagrado⁴³⁹. Cirilo está seguindo um método no seu trabalho como orientador e teólogo, em que é a própria Escritura que fala, que revela os conteúdos, numa teologia fundada na iniciativa

⁴³⁵ Cf. MAESTRI, G. e SAXER, V. op. cit., p. 26; FIGUEIREDO, F. op. cit., pp. 14-15.

⁴³⁶ Cf. FIGUEIREDO, F. op. cit., pp. 12-13.

⁴³⁷ Cf. TELFER, W. op. cit., p. 34.

⁴³⁸ Cf. MAESTRI, G. e SAXER, V. op. cit., p. 54.

⁴³⁹ Para uma análise dos textos bíblicos com os quais Cirilo vai tecendo suas Catequeses ver o excelente trabalho de Jesús Sancho Bielsa, no qual apresenta um Índice Bíblico detalhado indicando todas as citações presentes nas Catequeses Pré-Batismais e Mistagógicas. In: CIRILO DE JERUSALÉN. *Catequesis*. introd., trad. e notas de J. S. BIELSA. Madrid: Ciudad Nueva, 2006.

Cf. RIVAS, P.L.H. op. cit., p. 9; MC CAULEY, L. e STEPHENSON, A. op. cit., p. 5.

de Deus. Aparentemente, é o mesmo método da escola de Alexandria, de Clemente e de Orígenes, em que o processo teológico de seleção dos textos bíblicos é inspirado e iluminado por Deus, revelando verdadeiramente os conteúdos doutrinários⁴⁴⁰.

Ainda na trajetória da escola de Alexandria, observamos em Cirilo uma postura filosófico-metodológica diante do fenômeno gnóstico⁴⁴¹. O pensamento gnóstico está entre os grandes desafios⁴⁴² com os quais a Igreja se defronta neste período⁴⁴³. Cirilo, na mesma dinâmica da escola de Alexandria, não separa fé e o conhecimento, mas os integra com o liame da própria Palavra de Deus. Anuncia que ali estão as bases sólidas do verdadeiro conhecimento, pois este vem das Escrituras⁴⁴⁴.

Nesse período inicial do catecumenato primitivo, como preparação para os Sacramentos de Iniciação, Cirilo coloca as bases da fé, dialoga com os argumentos próprios de seu tempo, provenientes de culturas pagãs, das religiões politeístas, das heresias com as quais se convive. O Credo, explicado artigo por artigo, a partir de sua base bíblica, é confiado pela Igreja, pela Tradição apostólica aos novos fiéis. Por isso mesmo, percebemos nas Catequeses uma força dogmática e o convite à adesão incondicional do discípulo à Profissão de Fé, que ele passa a compreender, acolher no seu coração e orientar sua própria vida⁴⁴⁵.

⁴⁴⁰ Cf. MC CAULEY, L. e STEPHENSON, A. op. cit., p. 5.

⁴⁴¹ A gnose era uma espécie de conhecimento superior, adquirido de modo direto, intuitivo, que buscava respostas para todos os problemas que angustiam a pessoa humana. Desenvolve-se nos primeiros séculos. Tratava-se fundamentalmente de uma doutrina de salvação que incorporava elementos mais antigos e se desenvolveu paralelamente e em oposição ao cristianismo. Seu principal interesse era explicar o mal o mundo, a situação do homem nele e a possibilidade de salvação. Alguns princípios em comum estão presentes nas diversas correntes do pensamento gnóstico: a maldade da matéria e da carne, a infelicidade do homem, prisioneiro do seu próprio corpo, a existência de uma alma inferior e manchada pelo pecado e de uma alma superior, celestial. Em suma, um dualismo firmado no distanciamento radical entre estas duas dimensões. Cf. DROBNER, H. R. op.cit., pp. 111-113

⁴⁴² Entre os séculos II e IV, a Igreja se vê diante de correntes religiosas que se esforçam para exercer uma espécie de sedução sobre os homens de seu tempo: a gnose, sob formas diversas, e as religiões do mistério. Cf. JEDIN, H. *Manual de Historia de la Iglesia*. Barcelona: Herder, 1966, 369-380; FIGUEIREDO, F. op. cit., pp. 10-11.

⁴⁴³ O termo gnosticismo é derivado do termo grego *gnôsis*, que significa conhecimento revelado. O movimento surgiu a partir das filosofias pagãs anteriores ao Cristianismo, que floresciam na Babilônia, Egito, Síria e Grécia (Macedônia). Algumas evidências sugerem que uma forma incipiente de gnosticismo surgiu na era apostólica e foi o tema de várias epístolas do Novo Testamento no combate a essas heresias (I João; epístolas pastorais). A maior polêmica contra os gnósticos apareceu, entretanto, no período patrístico, com os escritos apologeticos de Irineu (130-200), Tertuliano (160-225) e Hipólito (170-236). Cf. ALTANER, B. e STUIBER, A. *Patrologia*. São Paulo: Paulinas, 1972, pp. 156-178.

⁴⁴⁴ Cf. MC CAULEY, L. e STEPHENSON, A. op. cit., pp. 6-9.

⁴⁴⁵ Cf. RIVAS, P. L. H., op. cit, p. 12.

Este sumário da fé não foi composto pelos homens arbitrariamente, mas foram selecionadas de toda a Escritura as afirmações mais importantes, que compõem e oferecem o conteúdo de uma única doutrina de fé (...) Assim, pois irmãos, considerem e conservem as tradições que agora recebeis, gravando-as na profundidade do vosso coração. (C. V,12)

O Credo é explicado por Cirilo não como um ensinamento doutrinal, mas com o duplo fundamento que integra a fé e a vida, seguido de exortações a libertar-se de tudo que pode comprometer a integridade da Profissão de Fé⁴⁴⁶.

A natureza do culto divino consta de dois elementos: os sagrados dogmas e as boas obras, e nem a doutrina sem as boas ações é agradável a Deus, nem Deus aceita as obras prescindindo das crenças religiosas. (C. IV,2).

A fé pedida ao catecúmeno é caracterizada por uma relação com Deus, com os homens à luz de Deus, aderindo às verdades reveladas com a própria vida, de forma existencial, cotidiana. É na relação com Deus que a graça concedida vai operando as mudanças e configurando a própria vida no caminho do seguimento de Jesus⁴⁴⁷.

O Credo é a Profissão de Fé, é ato performativo, e por isso mesmo deve ser professado solenemente diante da comunidade, em sinal de compromisso que transforma a vida e a configura de acordo com as afirmações de fé proferidas. Além disso, é profissão comunitária, é compromisso vivido na unidade, na comunhão e na correção fraternas. Não se crê sozinho, se crê em Igreja, em comunidade eclesial, em participação com todo o Povo de Deus.

O relacionamento com Deus é algo dinâmico, processual, em que o pecado e a salvação são duas faces do mesmo Mistério, numa tensão que vai convidando o fiel, aberto ao Mistério do qual participa, a deixar-se envolver existencialmente numa orientação soteriológica.

Escuta o que diz o salmista: Que grande é tua bondade, Senhor! (Sl 31,2) Teus pecados acumulados não vencem a imensa misericórdia de Deus. Tuas feridas não podem mais do que a experiência do médico supremo. Entrega-te sinceramente a ele com fé; indica-lhe tua enfermidade. (C.II,6)

⁴⁴⁶ Ibid.

⁴⁴⁷ Cf. MAESTRI, G. e SAXER, V. op. cit., p. 53.

Em Cirilo, a proposta cristã está mergulhada no Mistério da Redenção, a Cruz está no centro da história bíblica e, em certo modo, cósmica⁴⁴⁸.

Estendeu suas mãos na cruz para abarcar os confins do mundo. (...) E, não é minha palavra, mas do profeta que disse: 'Autor da salvação no meio da terra'.(Sl 74,12) (C. XIII,28)

A Profissão de Fé torna-se uma exortação à conversão concreta, à mudança de vida, ao testemunho através das obras, da moral, das escolhas cotidianas. Os artigos da fé e os preceitos morais estão em absoluta relação: a fé e a vida; a doutrina e a prática cristã. Os conteúdos são expostos como riqueza e dom de Cristo que, pela força da fé professada, e pela graça batismal, tornam-se vida nova para o fiel. Na quarta Catequese Pré-Batismal, Cirilo dedica-se ao edifício dogmático da Igreja em seu tempo, ao *fides quae*, exortando aos fiéis a colocarem os dogmas da fé na própria alma, a fim de não caírem nos erros e vícios da idolatria e heresias.

Se alguém grava bem em seu interior a doutrina de que Deus é o princípio único e crê nele de coração, impedirá o atropelo e o ímpeto dos vícios da idolatria e dos erros dos hereges. Portanto, coloca pela fé este primeiro dogma na tua alma. (C.IV, 6)

O Sacramento do Batismo é apresentado não como um rito sacramental de salvação, mas como uma etapa fundamental da iniciação do fiel a um processo de consciência do Mistério da salvação e sua progressiva inserção neste Mistério⁴⁴⁹. A palavra encontrada nos textos originais é *kairós*, o que indica que, para Cirilo, o momento do Batismo é tempo oportuno de salvação.

Pela fé sincera da alma prepara os vasos limpos para receber o Espírito Santo. (...) Pois o esposo chama a todos sem distinção, já que se trata de uma graça abundante. Todos são reunidos pelo chamado em alta voz de quem faz o anúncio. (C. III,2)

Também tu, descendo à água, e sepultado em certo modo nela, como Jesus no sepulcro, serás ressuscitado para uma vida nova.(C.III,12)

A dinâmica salvífica Morte-Ressurreição é experimentada pelo Sacramento do Batismo. O Mistério Pascal de Jesus é um novo princípio vital, ao qual todos os fiéis são chamados a participar. Para a vida cristã, essa dinâmica

⁴⁴⁸ Ibid., p. 64.

⁴⁴⁹ Ibid., p. 79.

reorienta seus princípios e escolhas, implementando um novo componente ético que, para o fiel, é muito mais do que uma consequência lógica. É a libertação processual do pecado, pela ação da Graça de Jesus Ressuscitado no homem, que possibilita atitudes coerentes com a dignidade a que é chamado a viver.

Cirilo conclui sua série de *Catequeses Pré-Batismais* com 2 catequeses sobre o tema do Espírito Santo e uma sobre o tema da Igreja. A densa pneumatologia presente nestas Catequeses é um forte testemunho da consciência teológica da Igreja sobre o Espírito Santo⁴⁵⁰.

Para nossa breve reflexão, acentuamos a continuidade que Cirilo estabelece com relação aos temas anteriores, coroando a orientação catecumenal com a presença do Espírito Santo, o Paráclito, o Consolador, o Espírito de Jesus que atua de modo adequado em cada pessoa, que a todos ilumina e inspira a consciência e as atitudes.

O Espírito opera de modo apropriado em cada um e, estando entre nós, vê a situação de cada um. Vê os nossos pensamentos e nossa consciência, o que dizemos e o que pensamos. (C.XVI, 22)

Se chama Paráclito porque consola, fortalece com suas exortações e nos ajuda em nossa debilidade (...)(C.XVI, 20)

O mesmo Espírito, presente na história da humanidade, no Antigo Testamento – desde a Criação, passando por sua presença junto aos Patriarcas e Profetas -, como no Novo Testamento – desde a Encarnação, junto ao próprio Jesus – se faz movimento, força e vigor na comunidade apostólica e na Igreja. Dessa forma, ele retoma o tema que mobiliza todo o processo catecumenal, a Iniciação Cristã, o desejo de participar do seguimento de Jesus na comunidade eclesial, pelo Sacramento do Batismo.

Pois o Espírito Santo não vem proferido com a língua, mas alguém vivo, que nos concede a capacidade de falar com sabedoria, sendo ele mesmo quem fala e ensina. (C. XVI, 13)

Para cada um o Espírito opera de modo adequado e, estando no meio de nós, vê as disposições de cada um. Vê também nossos pensamentos e a nossa consciência, o que dizemos e o que pensamos. Grande é isto que acabo de dizer e, todavia, é ainda pouco. (C.XVI,22)

As *Catequeses Pré-Batismais* trazem o testemunho de um processo de Iniciação Cristã com grande riqueza doutrinal e fecundidade pastoral, centrado

⁴⁵⁰ Cf. SANTANA, L. F. R. *Batizados no Espírito*. op. cit., p. 43.

prioritariamente na Sagrada Escritura. Esta é a base das homilias de Cirilo, inclusive para a transmissão da Profissão de Fé. Sua metodologia reúne a contemplação dos fatos e mensagens da Sagrada Escritura, a reverência ao Mistério no qual serão inseridos pelo Batismo, e o convite à acolhida livre e compromissada da dinâmica desse Mistério de Salvação na vida pessoal.

Vejamos a seguir as *Catequeses Mistagógicas* de Cirilo de Jerusalém, através de uma leitura atenta às suas palavras, à forma como conduz os neófitos nos caminhos do seguimento de Jesus Cristo e na inserção progressiva desse processo na vida pessoal, comunitária e social.

2.2

O caminho mistagógico nas *Catequeses Mistagógicas*

As *Catequeses Mistagógicas* orientavam-se à instrução dos neófitos, como um percurso de introdução à fé, incluindo o catecumenato e a instrução batismal⁴⁵¹. As *Catequeses Mistagógicas* são um valioso testemunho de como a Igreja, no final do século III e início do século IV, vivenciava este período catecumenal, do desenvolvimento alcançado pela consciência dogmática eclesial, e a imprescindível relação entre a catequese e liturgia no processo de Iniciação Cristã. Cirilo de Jerusalém, em unidade com os seus contemporâneos⁴⁵², considerava a mistagogia como um tempo forte e determinante para o conhecimento e para a adesão à fé e privilegiava o trabalho de iniciação à vida cristã.

Nossa metodologia será, num primeiro momento, procurar ‘ouvir’ Cirilo falar, no sentido de entrarmos em sintonia com seu tempo, o contexto em que as *Catequeses* acontecem, tanto no sentido sócio-cultural, como no sentido catecumenal e litúrgico. Estamos cientes de que a distância histórica e ausência de documentos precisos sobre as *Catequeses* são fatores limitadores de nossa ‘audição’. No entanto, acreditamos que esse processo é o único que pode nos conduzir pela mão, de maneira mistagógica, também a nós, pelos caminhos que

⁴⁵¹ Cf. *DGC*, n. 88.

⁴⁵² Cirilo não é o único conhecido pelas *Catequeses Mistagógicas*, no IV séc. Há também conferências sobre os mistérios por Ambrosio, João Crisóstomo e Teodoro de Mopsuestia. Cf. DRIJVERS, J. W. op. cit., p. 92; YARNOLD, E. *The awe inspiring rites of initiation*. op. cit., Intro. p. IX.

Cirilo orienta seus neófitos e, dessa forma, inspirados em Cirilo, cultivarmos um caminho catecumenal-mistagógico para nosso tempo.

Nosso segundo momento será de dialogarmos com Cirilo, através de um processo hermenêutico voltado para a compreensão de seu pensamento teológico e de seu eixo como formador, do ponto de vista pastoral e pedagógico⁴⁵³.

Vejam os passos, como Cirilo⁴⁵⁴ orientava este processo, quais os aspectos que julgava relevantes, como articulava a evangelização com a liturgia, com o processo de adesão e conversão e com a própria comunidade⁴⁵⁵.

A catequese mistagógica pressupunha as etapas anteriores e a dimensão da graça sacramental dos sacramentos de iniciação - Batismo, Confirmação e Eucaristia -, recebidos na vigília pascal. Era uma nova etapa catequética e sacramental, delimitada pela oitava pascal e que poderia estender-se até Pentecostes. Compreendia-se que os neófitos, renovados em seu espírito, assimilavam mais profundamente os mistérios da fé e os sacramentos da Igreja, experimentando quão “suave é o Senhor”⁴⁵⁶. (Mt 11,30)

Nas cinco *Catequeses Mistagógicas*⁴⁵⁷, Cirilo de Jerusalém adota o método da exposição popular, em linguagem simples e clara, viva e fervorosa, bem adaptada às necessidades intelectuais ou morais de seus ouvintes e, por isso mesmo, muito prático e objetivo⁴⁵⁸.

Em nossa metodologia de trabalho privilegiamos as edições críticas de A. Piédagnel, G. Maestri e V. Saxer e C. Riggi⁴⁵⁹, levando também em consideração

⁴⁵³ Cf. ARAÚJO, J. M. Análise teológica das catequeses mistagógicas de São Cirilo de Jerusalém. In: *Fragmentos de Cultura*. Vol. 13, n. 4. Goiânia: UCG, 2003, p. 774.

⁴⁵⁴ Para efeitos de elaboração teológica, citaremos o próprio Cirilo de Jerusalém como teólogo que elabora, orienta e está subjacente às Catequeses Mistagógicas, salvando as observações sobre a autoria já apresentadas na seção anterior.

⁴⁵⁵ Cf. ARAÚJO, J. M. op. cit., p. 778.

⁴⁵⁶ Texto bíblico citado pelos Padres da Igreja ao se referirem ao encontro mistagógico entre Deus e o homem, como experiência inefável e de profunda integração com a própria vida. Cf. MISTRORIGO, A. Mistagogia. In: *Dizionario Liturgico-pastorale*, EMP, 1977, pp. 1104-1106.

⁴⁵⁷ A data na qual as Catequeses Mistagógicas foram pronunciadas também divide os especialistas. Yarnold atribui a datação a 30 a 40 anos depois das Batismas; Telfer, ao contrário, acredita que foram pronunciadas antes de 350; já Rivas supõe a datação no ano de 350 ou pouco antes. Cf. RIVAS, J. J. op. cit., p. 9; TELFER, W. op. cit., p. 39; BONATO, A. op. cit., p. 21.

⁴⁵⁸ Cf. FIGUEIREDO, F. Introdução. In: CIRILO DE JERUSALEM, *Catequeses Mistagógicas*. Trad. F. VIER, introd. e notas F. FIGUEIREDO. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 18.

⁴⁵⁹ PIÉDAGNEL, A. In: CYRILLE DE JÉRUSALEM. *Catéchèses Mystagogiques*. Paris: Du Cerf, 1966; RIGGI, C. In: CIRILLO DI GERUSALEMME. *Le Catechesi*. Roma: Città Nuova, 2ª. Edição, 1997 e MAESTRI, G. e SAXER, V. In: CIRILLO E GIOVANNI DI GERUSALEMME, *Catechesi Prebattesimali e mistagogiche*. Milano: Pauline, 1994. Nesta última edição os autores atribuem a autoria das Catequeses Mistagógicas a João de Jerusalém. Contudo, mesmo tendo,

as observações de outras edições críticas pesquisadas⁴⁶⁰. As citações das próprias *Catequeses Mistagógicas* serão do trabalho do Frei F. Vier⁴⁶¹, em português, contudo, estabelecemos uma análise comparativa com o texto grego disponibilizado por F.L.Cross⁴⁶².

2.2.1

Primeira Catequese Mistagógica aos Recém-Iluminados

Vejamos como Cirilo inicia sua Primeira Catequese Mistagógica de forma simples, acolhedora e centrada no Mistério Pascal, do qual os ouvintes já participam:

Desde há muito tempo desejava falar-vos, filhos legítimos e muito amados da Igreja, sobre estes espirituais e celestes mistérios. Mas como sei bem que a vista é mais fiel que o ouvido, esperei a ocasião presente, para encontrar-vos, depois desta grande noite, mais preparados para compreender o que se vos fala e levar-vos pelas mãos ao prado luminoso e fragrante deste paraíso. Além disso, já estais melhor preparados para apreender os mistérios todo-divinos que se referem ao divino e vivificante batismo. Uma vez, pois, que vos proporemos uma mesa com doutrinas de iniciação perfeita, é necessário ensinar-vos com precisão, para penetrardes o sentido do que se passou convosco nesta noite batismal.(CM I,1)

As palavras iniciais são ternas e sábias, de quem conhece o processo de amadurecimento na Iniciação Cristã e, como um pai ansioso que esperava o

nossa pesquisa, chegado a uma hipótese diferente, não podemos abrir mão da excelência de sua pesquisa e comentários.

⁴⁶⁰ CIRILO DE JERUSALÉN. *Catequesis*. Edición y notas de C. ELORRIAGA. Bilbao: Desclée de Brouwer, 1991; CIRILO DE JERUSALÉN, *Catequesis*. Tradução do grego e introdução por P. H. RIVAS. Buenos Aires: Paulinas: 1985; CIRILO DE JERUSALÉN. *Catequesis*. Introdução, tradução e notas de J. S. BIELSA. Madrid: Ciudad Nueva, 2006; CYRIL OF JERUSALEM AND NEMESIUS OF EMESA. Tradução e notas de W. TELFER. London: SCM Press LTD, 1955; CIRILLO DI GERUSALEMME. *Le catechesi*. Versão, introdução e notas de E. BARBISAN. São Paulo: Paulinas, 1966; CIRILLO. *Le catechesi*. Traduzione e note del. Sac. Dolt G. CARRARO, Tipografia commerciale editrice Vicenza, 1942.

⁴⁶¹ Diante das muitas edições críticas e traduções analisadas, presentes em nossa bibliografia, a escolha pela tradução em português, não apenas é uma escolha com base em nossa redação, mas também devido à proximidade com o texto grego. Depois da tradução de A. Piédagnel, observamos que o trabalho de F. Vier é o mais próximo do texto grego. Nas demais traduções encontradas, encontramos algumas expressões-chave modificadas e omissões que, a nosso ver, podem prejudicar a análise do trabalho de Cirilo de Jerusalém. Cf. CIRILO DE JERUSALEM, *Catequeses Mistagógicas*. Trad. F. VIER, introd. e notas F. FIGUEIREDO. Petrópolis: Vozes, 2004.

⁴⁶² A fonte grega com a qual trabalhamos está disponibilizada em CROSS, F. L. In: CYRIL OF JERUSALEM'S. *Lectures on e Christian Sacraments*. Londres: SPCK, 1951 que tem sua fonte na Patrologia Grega de J. Migne/PG.

momento certo para revelar o maior segredo⁴⁶³. São palavras movidas pelo coração, pelo desejo, pela emoção de quem partilha um tesouro. Não estamos diante de uma acolhida formal, mas familiar, paternal, no sentido de filiação. Ele se coloca como pai espiritual inserido em uma família, que é a Igreja. Cirilo fala de dentro da Igreja, e já inclui os neófitos, recém-batizados, na família eclesial, e no grande Mistério do qual participam.

Ainda nesta acolhida, faz menção à experiência que foi vivida na vigília Pascal, uma experiência única, de participação no Mistério de Cristo. A partir, e só depois dessa experiência sacramental, torna-se possível compreender a complexidade do Mistério vivido pelos ensinamentos, chamados de mistagógicos. Observemos que, neste pequeno parágrafo introdutório, Cirilo fala como mistagogo, como orientador espiritual que vai levar a cada um pela mão, pelo caminho maravilhoso do qual já são participantes, mesmo que não o compreendam plenamente. A expressão grega – εὐπροσάγωγοι – *levar-vos pelas mãos*⁴⁶⁴ - indica alguém que bem conduz. Cirilo predispõe seus ‘ouvintes’ a se conscientizarem de sua participação efetiva no Mistério divino, e convida-os a abrirem os ouvidos, para melhor compreenderem e poderem mergulhar mais profundamente no Mistério que lhes está sendo revelado.

O caminho mistagógico é acenado com a imagem do paraíso pleno de luz, numa referência ao projeto de Deus, onde tudo é bondade e abundância porque Deus está presente. Quando se participa e se compreende a grandeza do Mistério de Deus, é como caminhar no paraíso primeiro, origem de tudo, fecundo de vida nova.

⁴⁶³ Cirilo pode estar referindo-se aos segredos revelados, sob a influência da disciplina do arcano, possivelmente presente naquele contexto. A disciplina do arcano tem sua origem nas religiões pagãs místicas, e crê que os mistérios não podem ser ensinados a pessoas não iniciadas, sob pena de serem profanados ou mal interpretados. Entre os estudiosos do tema a questão é bastante controversa. Para alguns não há nenhuma indicação de que a disciplina do arcano vigorava no século IV; outros afirmam que pode ter influenciado o aspecto ‘mistagógico’ presente nos Padres da Igreja. Podemos perceber em Cirilo a valorização dada às instruções mistagógicas realizadas após a experiência sacramental, no entanto, a ênfase ao temor, própria da disciplina do arcano, não está presente em suas Mistagogias. Na ProCatequese, encontramos Cirilo corrigindo uma postura de curiosidade, e convidando à experiência cristã integral: “*Que nenhum de vós entre dizendo: vamos ver o que os crentes fazem; mas, uma vez que tenha entrado, observe atentamente e procure aprender o que acontece*”. Cf. CIRILLO DI GERUSALEMME. *Catechesi Prebatesimali e Mistagogiche*. Introdução e notas de G. MAESTRI e V. SAXER. Milano: Pauline, 1994, p. 146; YARNOLD, E. *The awe inspiring rites of initiation*. op. cit., pp. 51-52; CURA ELENA, S. op. cit., p. 828; Cf. FIGUEIREDO, F. op. cit., p. 16.

⁴⁶⁴ Em itálico traduziremos para o português as expressões recolhidas da fonte grega, como referência para o leitor.

Conclui esta acolhida falando do caráter pedagógico das Catequeses. O termo grego sugere a educação dedicada, atenta, acurada - *κρίβη παιδείας* - *ensinar-vos com precisão*. São ensinamentos densos e profundos, e serão transmitidos com cuidado, a fim de que realmente possam apreender a grandeza do Mistério.

Cirilo prossegue esta *Primeira Catequese*, fazendo memória da parte inicial do ritual litúrgico do qual os neófitos participaram. A preleção recupera o local, gestos litúrgicos, renúncia a satanás⁴⁶⁵ e sentido bíblico da liturgia realizada.

Nas *Catequeses Pré-Batismais* já encontramos a fundamentação eminentemente bíblica nas pregações de Cirilo. Observamos que, ele dá continuidade ao seu método catequético, não apenas partindo dos relatos bíblicos, mas sempre estabelecendo um vínculo entre o Antigo Testamento e o Novo Testamento⁴⁶⁶. Nessa catequese, em particular, explicita o conceito de ‘figura’ do Novo Testamento, já antecipada no Antigo Testamento.

Entre os Padres da Igreja este método, a catequese tipológica⁴⁶⁷, que constrói a compreensão da liturgia em unidade com a História da Salvação, já estava presente⁴⁶⁸. Nas *Catequeses Mistagógicas*, assim como nas anteriores, percebemos o quanto Cirilo conhece bem esta metodologia e tem intimidade e familiaridade com o ritual litúrgico e com as narrativas bíblicas, num processo de identificação e interpretação muito bem articulados. Contudo, vale a pena observar, que Cirilo não concentra suas Catequeses neste método, usa-o pontualmente, apontando apenas algumas ‘figuras’ bíblicas presentes na liturgia no decorrer das Catequeses⁴⁶⁹.

(...) É preciso que saibais que na história antiga há uma figura deste gesto. Quando o faraó, o mais inumano e cruel tirano, oprimia o povo livre e nobre dos hebreus, Deus enviou Moisés a tirá-los desta penosa escravidão dos egípcios.(...)

⁴⁶⁵ O termo ‘satanás’ aparece nas Catequeses sempre com inicial minúscula, por isso respeitamos a forma citada pelo autor.

⁴⁶⁶ Cf. ARAÚJO, J. M. op. cit., p. 776.

⁴⁶⁷ É chamada catequese tipológica porque revela a novidade de Cristo a partir de ‘figuras’ (tipos/typos) que a anunciavam nos fatos, palavras e símbolos da Antiga Aliança. Segundo a pedagogia divina da salvação, a significação de uma celebração sacramental encontra seu fundamento nos acontecimentos da antiga Aliança e se revela em plenitude na pessoa e obra de Cristo. Cf. ONATIBA, I. El Catecismo de la Iglesia Católica en comparación con la Sacrosanctum Concilium. La Liturgia en el Catecismo de la Iglesia Católica. In: *Phase 73*. Barcelona: Centro de Pastoral Litúrgica, 1997, p. 18.

⁴⁶⁸ Cf. ONATIBA, I. op. cit., p. 17.

⁴⁶⁹ Cf. MAZZA, E. op. cit., pp. 173-181.

Passai agora comigo das coisas antigas às novas, da figura à realidade. Lá Moisés foi enviado por Deus ao Egito; aqui Cristo, do seio do Pai, foi enviado ao mundo. Aquele para tirar o povo oprimido do Egito; Cristo para livrar os que no mundo são acobardados pelo pecado. (CM I,2-3)

Interessante observarmos a narrativa bíblica. Este é um fator presente nas Catequese, apresentar os relatos da História da Salvação, conduzindo o ouvinte para dentro do cenário. Os adjetivos e detalhes auxiliam na composição e até mesmo em uma experiência vivencial do fato bíblico, num processo de identificação entre o ontem e o hoje, entre o povo de Deus e a comunidade atual, entre dois contextos e duas perspectivas que se correspondem na História da Salvação.

Vemos também que, neste pequeno trecho, Cirilo trabalha a dimensão pascal do Batismo. Estão subjacentes os conceitos de Antiga e de Nova Aliança, de Cristo como novo Moisés, de libertação provisória e libertação definitiva pelas águas da salvação, as águas do Batismo.

O pano de fundo do relato não é outro senão o próprio acontecimento batismal, com a entrada no batistério, os gestos que indicam o processo de libertação, a renúncia à opressão e o banho batismal. É a liturgia que ilumina a compreensão da dinâmica pascal prefigurada no Antigo Testamento e experimentada eficazmente no sacramento do Batismo. A passagem do ‘antigo’ ao ‘novo’ demarca a compreensão fundamental de mudança radical de vida, no sentido de um novo eixo orientador, no qual Cristo reorienta toda a vida, tornando-a ‘nova’, re-criada, nascida de novo, pela imersão batismal.

A Catequese avança explicitando a necessidade da renúncia ao mal, ou seja, da renúncia a satanás, com tudo que pode afastar o neófito do processo de libertação. Também aqui ele principia com a compreensão dos gestos e palavras proferidas na liturgia.

Entretanto, ouves, com a mão estendida, e dizes como a um presente: ‘Eu renuncio a ti, satanás’. Quero também falar-vos porque estais voltados para o Ocidente, pois é necessário. O Ocidente é o lugar das trevas visíveis e, como aquele é trevas, tem o seu poder nas trevas. Por essa razão, simbolicamente olhais para o Ocidente e renunciáis a este príncipe tenebroso e sombrio. (...) Em seguida, numa segunda fórmula, és ensinado a dizer: ‘E a todas as tuas obras’. Obras de satanás são todos os pecados, aos quais é necessário renunciar (...) Todo o gênero de pecado está, pois, incluído nas obras do diabo. (...) Renuncias, pois, às obras de satanás, isto é, a todas as ações e pensamentos contrários à promessa. (CM I,4-5)

A renúncia a satanás inicia com o gesto e pronunciamento que indica o livre compromisso, a dimensão da liberdade responsável pela decisão tomada diante da comunidade. Cirilo adverte que os pecados são obras do diabo, antagônicas às obras de salvação, que são provenientes do bem, de Deus. Lembra a promessa, a aliança firmada entre Deus e os homens, da qual o neófito é participante, e o quanto a fidelidade à promessa deve ser coerente com a resposta negativa a todas as ações e pensamentos que forem adversos ao projeto de Deus.

O gesto de rejeitar o Ocidente e orientar-se pelo Oriente é apresentado como gesto simbólico. Além de estar ensinando sobre o significado do símbolo, por onde passa a dimensão litúrgica e a densidade do Mistério experimentado, Cirilo faz referência ao nascimento de Cristo, sol que nasce no Oriente, luz do mundo. O Ocidente simboliza o ocaso, o reino das trevas, ao qual se deve renunciar para sempre⁴⁷⁰.

O último termo do trecho apresentado – lŏgon ginomšnajj - vem sendo traduzida como ‘promessa’ por alguns estudiosos. Segundo A. Piédagnel, o termo indica a atitude coerente de renunciar ao mal, caminho contrário à lógica do compromisso batismal⁴⁷¹.

A Catequese prossegue apontando a ‘pompa’ e o ‘culto’ como ‘obras’ de satanás. Cirilo refere-se aos espetáculos de teatro, corridas de cavalo e vaidades deste gênero como desejo de ‘pompa’. São obras que conduzem ao mal, às emoções desenfreadas, enfim, à perdição nos hábitos e, conseqüentemente, a tomada de um caminho oposto ao caminho de salvação. No mesmo grupo insere a idolatria e oferendas aos deuses pagãos. Refere-se a estes cultos, como ‘culto do diabo’, por serem simulacros inanimados que atraem pessoas, que buscam adivinhações e magias. O neófito deve manter-se afastado dessas ‘obras’, e até mesmo fugir para não sucumbir às tentações e fazer de sua vida um caminho contrário ao cristão. Vejamos mais alguns trechos sobre este tema:

⁴⁷⁰ Cf. FIGUEIREDO, F. In: CIRILO DE JERUSALÉM. op. cit., p. 26; MAESTRI, G. e SAXER, V. op. cit., p. 110.

⁴⁷¹ No texto original, o termo usado é *logon*, mas como Cirilo está se referindo ao Batismo, alguns autores preferem traduzi-lo como promessa, e não como razão, palavra, ou Cristo, como Verbo encarnado. Cf. FIGUEIREDO, F. In: CIRILO DE JERUSALÉM, op. cit., p. 28; PIÉDAGNEL, A. Sch 126, p. 91; MAESTRI, G. e SAXER, V. op. cit., p. 585.

Pompa do diabo é a mania do teatro, das corridas de cavalo, da caça e de toda vaidade desta espécie. Dela pede o santo para ser livrado, dizendo a Deus: 'Não permitas que meus olhos vejam a vaidade'. (...) Assim como o pão e o vinho da Eucaristia, antes da santa epiclese da adorável Trindade, eram simplesmente pão e vinho, mas depois da epiclese o pão se torna corpo de Cristo e o vinho, sangue de Cristo, da mesma maneira estes alimentos que pertencem à pompa de satanás, por sua própria natureza simples, tornam-se, pela invocação dos demônios, impuros. (...)

Culto do diabo é a prece feita nos templos dos ídolos, tudo que se faz em honra dos simulacros inanimados. (...) Não vá atrás destas coisas. Augúrios, adivinhação, agouros, amuletos, inscrições em lâminas, magias e outras artes más são culto do diabo. Foge, portanto, de tudo isto. Se a eles sucumbes, depois de teres renunciado a satanás e aderido a Cristo, experimentarás um tirano mais cruel. Aquele que antes te tratou talvez como familiar e te libertou da dura escravidão, agora está fortemente irritado contra ti. De Cristo serás privado e experimentarás aquele. (...) Cuida, pois, de ti mesmo e não te voltes novamente para trás, depois de teres posto a mão no arado, para a prática amarga desta vida. Foge antes para a montanha, para junto de Jesus Cristo, a pedra talhada não por mãos e que encheu a terra. (CM I, 6-8)

É interessante notar que, Cirilo elenca aqueles hábitos e costumes, dos quais o neófito deve se afastar, numa postura pedagógica, de aconselhamento. Ele não se furta em elucidar os hábitos que afastam a pessoa de sua opção cristã, e desorientada, pode perder os fundamentos cristãos para as escolhas morais e religiosas.

A referência à Eucaristia aparece aqui como esclarecimento de que não se devem confundir os dois altares, uma vez que, apenas no altar divino, da Trindade, se realiza o sacramento da Eucaristia. A pregação adverte para a necessidade da perseverança, olhando sempre para frente e não para trás, como nostalgia ou retorno ao caminho que deve ser deixado definitivamente, sob pena de não gozar mais da plenitude oferecida em Cristo.

Ainda nesta etapa, ele menciona a adesão a Cristo como compromisso consequente à renúncia a satanás. No entanto, não cita o ritual ou a fórmula desta adesão, provavelmente também proferida no rito litúrgico. Será o senhorio de Cristo na própria vida que garantirá a vitória sobre o mal e suas tentações. O símbolo da montanha é também uma referência bíblica – feàge e, j tÕ Ôroj – *foge para a montanha* - um lugar privilegiado para o encontro com Deus, no qual a pessoa pode se distanciar das coisas mundanas e buscar discernimento na oração.

Não podemos deixar de apontar a presença em toda a Catequese de trechos bíblicos que vão indicando o caminho da pregação e a origem bíblica de cada orientação que vai sendo dada. Nesta fase onde o tema da renúncia a satanás é

abordado, encontramos a teologia paulina de Hebreus, Romanos, Gálatas, Tiago, Filipenses e Coríntios, e ainda referência aos Salmos, ao Deuteronômio, Tobias e a Gênesis, lembrando a atitude da esposa de Lot ao 'olhar para trás'⁴⁷².

Para concluir esta *Primeira Catequese Mistagógica*, Cirilo nos fala da Profissão de Fé como chave final, como compromisso firmado e vitorioso frente à renúncia a satanás. Refere-se às *Catequeses Pré-Batismais*, exortando a terem presentes os ensinamentos recebidos anteriormente, por ocasião da preparação para os sacramentos de Iniciação. A Profissão de Fé trinitária e centrada no único Batismo é a síntese apresentada, é o querigma-pascal-trinitário, que nos traz a fé professada desde as primeiras comunidades, na Igreja nascente, como sinal de adesão, compromisso e testemunho cristãos⁴⁷³.

Então, te foi ordenado que dissesses: 'Creio no Pai e no Filho e no Espírito Santo e no único batismo de penitência'. Disto vos falamos extensamente, nas catequeses anteriores, como no-lo permitiu a graça de Deus. (...)
Fortalecido por estas palavras, vigia. Pois nosso adversário o diabo, como foi lido, anda ao redor, buscando a quem devorar.(...) Depois do batismo sagrado da regeneração, Deus enxugou toda lágrima de todas as faces.
Com efeito, já não choras por teres te despido do velho homem, mas estás em festa porque te revestiste com a vestimenta da salvação, Jesus Cristo.
Tudo isso se realizou no edifício exterior. Se aprover a Deus, quando nas Catequeses Mistagógicas seguintes entrarmos no Santo dos Santos, conheceremos, então, os símbolos das coisas que lá se realizam. (CM I, 9-11)

Aparece aqui o tema da vigilância, atitude de prontidão diante do adversário, das tentações, do mal. O cristão deve estar atento às manobras presentes no cotidiano, que o podem conduzir para longe do projeto salvífico. Cirilo fala do *batismo de regeneração* - paliggenes...aj loutroà - a expressão remete não apenas ao renascimento espiritual, mas integral, à totalidade do homem⁴⁷⁴.

A Catequese fala do homem velho que se torna novo homem, em Jesus Cristo, tema forte na teologia paulina. Temos aqui também uma forte referência, não apenas à dinâmica salvífica, mas à liturgia vivenciada, onde o neófito se

⁴⁷² Referências bíblicas presentes na *Primeira Catequese Mistagógica*: 1Pd 5,8-11; Ex 12,7.13.22-23; Ex 14,22-30; 1Pd 1,19; Hb 10,14-15; Rm 2,25-27; Gl 2,18; Tg 2,9-11; Fl 3,19; 1Cor 10,18-22 e Sl 118, 37; Gn 19,15-26; Dt 4,23; Tb 4,13; Lc 9,62; Is 28,15; Gn 3,23; 1Pd 5,8; Is 25,8; Ap 21,4; Is 61,10; Rm 13,14; Gl 3,27. Cf. FIGUEIREDO, F. In: CIRILO DE JERUSALÉM, op. cit., pp. 25-30.

⁴⁷³ Cf. SANTANA, L. F. op. cit., pp. 49-51.

⁴⁷⁴ Cf. FIGUEIREDO, F. In: CIRILO DE JERUSALÉM, op. cit., p. 30.

‘despediu’ simbolicamente das antigas vestes e recebeu uma nova veste, símbolo da nova criação, à imagem de Deus, revestido pelo próprio Jesus Cristo.

Interessante observarmos que, ao final, Cirilo anuncia a continuação do caminho mistagógico, com a entrada no Santo dos Santos e novas Catequeses que auxiliarão na compreensão da liturgia sacramental. É Deus quem está à frente de todo o processo de Revelação, e sua vontade está colocada ao final da pregação de Cirilo, indicando a iniciativa divina.

2.2.2

Segunda Catequese Mistagógica sobre o Batismo

Esta *Segunda Catequese*, era proferida provavelmente na terça-feira, após o domingo de Páscoa. Ela se dedica a fazer memória mistagógica de três etapas do rito: o momento do despojamento das vestes, a unção do corpo, a recepção da nova veste e a imersão na piscina batismal. Estas três etapas do rito batismal representam os efeitos do Batismo: a remissão dos pecados, adoção filial e a participação na Paixão e Morte de Cristo.

Cirilo não descuida do sentido cultural-comunitário da fé cristã: as dimensões celebrativas, vivencial e comunitária estão integradas, e este vínculo fundamental é explicitado logo no início desta Catequese⁴⁷⁵.

É necessário que vos proponha o que se segue à instrução mistagógica de ontem, a fim de que compreendais a significação simbólica do que foi realizado por vós no interior do templo. (CM II, 1)

Cirilo inicia sua Catequese com a carta aos Romanos, anunciando a novidade da Graça presente na vida dos neófitos. Dando continuidade à Catequese anterior, trabalha sobre o tema da veste e da conversão, do ‘homem velho’ ao ‘homem novo’. Sua referência principal é o próprio Cristo, nu sobre a cruz, como sinal visível do novo Adão, primeiro homem, imagem e semelhança de Deus que, antes do pecado, não tinha porquê se envergonhar de sua nudez.

Logo que entrastes, despistes a túnica. E isto era imagem do despojamento do velho homem com suas obras. Despistos, estáveis nus, imitando também nisso a Cristo nu sobre a cruz. (...) Oxalá a alma, uma vez despojada do homem velho

⁴⁷⁵ Cf. ARAÚJO, J. M. op. cit., p. 778.

corrompido, jamais torne a vesti-lo. (...) em verdade éreis imagem do primeiro homem Adão, que no paraíso andava nu e não se envergonhava.(CM II, 2)

Assim também, o neófito despojado de suas vestes, é como o primeiro homem, que tem diante de si a Graça do paraíso, renascido pela vida nova, pelo Batismo. A nudez é também sinal de entrega, de desapego, de renúncia, enfim, de despir-se do homem velho.

Após o ritual das vestes, o neófito fora ungido e Cirilo se prolonga na leitura e interpretação dessa experiência mistagógica. A unção por todo o corpo tem uma simbologia complexa e fundamental. Em primeiro lugar, Cirilo fala sobre a própria substância que é utilizada, o óleo, fruto da oliveira, símbolo do próprio Jesus Cristo. Ser ungido é participar da riqueza de Cristo e uma bênção que afugenta as forças do mal. A unção foi acompanhada de orações e pedidos de intercessão dos santos e invocação de Deus.

Depois de despidos, fostes unguídos com óleo exorcizado desde o alto da cabeça até os pés. Assim, vos tornastes participantes da oliveira cultivada, Jesus Cristo. (...) Com a insuflação dos santos e invocação do nome de Deus, qual chama impetuosa, queimam e expelem os demônios, assim este óleo exorcizado recebe, pela invocação de Deus e pela prece, uma tal força que, queimando, não só apaga os vestígios do pecado, mas ainda põe em fuga as forças invisíveis do maligno.(CM II,3)

Há aqui uma breve alusão à força da oração comunitária e à invocação dos santos, em comunhão proporcionada pela liturgia batismal⁴⁷⁶.

O momento seguinte no rito batismal é a própria imersão do fiel na piscina. O texto principia com a referência mistagógica no verbo – *TMceiragwge<sqe - conduzir pela mão* – e identificando este momento com o momento da morte de Jesus e seu sepultamento. É a Igreja, na pessoa do ministro, quem pergunta sobre a Profissão de Fé, conduzindo cada neófito a assumir livremente este compromisso.

Observemos que a presença dos adjetivos que qualificam os gestos e lugares sagrados - *novos* ensinamentos; *novas* realidades; *verdadeira* oliveira; *santa* piscina; *divino* batismo; profissão *salutar* -, vão configurando uma narrativa de cunho ascético, reverente à dimensão do sagrado. Pela via da liturgia, do mistério, esta dimensão está sempre presente, perpassando toda a Catequese.

⁴⁷⁶ Mais adiante, neste mesmo capítulo, nos deteremos nesse aspecto que reflete uma visão eclesiológica de Cirilo.

Depois disto fostes conduzidos pela mão à santa piscina do divino batismo, como Cristo da cruz ao sepulcro que está à vossa frente. E cada qual foi perguntado se cria no nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. E fizestes a profissão salutar, e fostes imersos três vezes na água e em seguida emergistes, significando também com isto, simbolicamente, o sepultamento de três dias de Cristo. (...) No mesmo momento morrestes e nascestes. Esta água salutar tanto foi vosso sepulcro como vossa mãe.(CM II,4)

O sacramento do Batismo aparece aqui em simples palavras, porém densas do sentido teológico. O tema do sepulcro de Cristo, do morrer e nascer para a vida nova, o símbolo da imersão por três vezes como Mistério pascal falam dos principais conceitos relacionados com o Batismo. Cirilo demonstra grande saber teológico e imensa habilidade pedagógica. É próprio da postura pedagógica o conhecimento profundo e a seleção dos conceitos fundamentais que orientarão o percurso do ensinamento. Em poucas palavras, Cirilo apresenta aos neófitos a densidade do Mistério que experimentaram no Sacramento e que iluminará suas vidas de agora em diante.

A água também recebe um novo significado, mediação para a experiência sacramental do sepultamento e do novo nascimento, é água salutar. Na memória litúrgica Cirilo evoca referências bíblicas preñhes de significado pascal: o êxodo e libertação do povo hebreu, à água que salva do dilúvio, ao batismo de João e ao Batismo de Cristo⁴⁷⁷.

Muito ilustrativa a forma que Cirilo fala da imersão batismal como uma nova visão temporal, o que nos fala do Mistério pascal e do conceito de *kairós*, tempo da graça de Deus⁴⁷⁸.

⁴⁷⁷ Cf. MAESTRI, G. e SAXER, V. op. cit, pp. 89-90.

⁴⁷⁸ No grego clássico, o substantivo *kairós*, aparece pela primeira vez em Hesíodo, originalmente denotando 'medida certa'. Outro conteúdo possível era no sentido de 'localidade', 'lugar apropriado'. No sentido material e temporal, caracterizava uma situação crítica, que exigiria uma decisão. Ao longo do desenvolvimento da filosofia grega, o conceito foi direcionado para o tempo segundo sua realidade cósmica e cíclica. Os Padres da Igreja bebem na fonte da filosofia grega, mas prioritariamente na Sagrada Escritura. A tradução dos LXX, o termo *kairós*, ganha um novo sentido, pois é o tempo de Jesus. O Novo Testamento compreende o tempo não apenas como um conceito formal (*chronos*), mas como ação de Deus, o *kairós*. Esta concepção de tempo o qualifica de forma nova, pois, com o evento histórico Jesus, o tempo da graça é experimentado, raiou um novo tempo, um tempo sem igual, mediante o qual, todo o tempo é qualificado. A encarnação de Jesus marca para hoje, agora, a salvação, o tempo favorável: "Eis o tempo favorável por excelência. Eis agora o dia da salvação" (2Cor 6,2c; Is 49,8). Cf. SILVA, I. P. *Chronos e Kairós na dinâmica do Espírito Santo, a partir da leitura de Atos 1,6-8*. Dissertação de Mestrado em Teologia. Rio de Janeiro: PUC, 2007, pp. 86.95-99.

O que Salomão disse em outras circunstâncias, sem dúvida, pode ser adaptado a vós: 'Há tempo para nascer, e tempo para morrer'. Mas para vós foi o inverso: tempo para morrer, e tempo para nascer. Um só tempo produziu ambos os efeitos e o vosso nascimento ocorre com vossa morte. (CM II,4)

A homilia segue refletindo de que forma o sacramento do Batismo se identifica com a Páscoa de Cristo, principalmente diferenciando os conceitos de imagem e o de verdade. É uma reflexão fundamental para que os neófitos compreendam sua participação na morte de Cristo e na sua Ressurreição, numa dimensão sacramental.

Oh! Fato estranho e paradoxal! Não morremos em verdade, não fomos sepultados em verdade, não fomos crucificados e ressuscitados em verdade. A imitação é uma imagem; a salvação, uma verdade. Cristo foi crucificado, sepultado e verdadeiramente ressuscitou. Todas estas coisas nos foram agraciadas a fim de que, participando, por imitação, de seus sofrimentos, em verdade logremos a salvação. Oh! Amor sem medida! Cristo recebeu em suas mãos imaculadas os pregos e padeceu, e a mim, sem sofrimento e sem pena, concede graciosamente por esta participação e salvação. (CM II, 5)

A pregação coloca o primado de Cristo. A poética exclamação inicial convida o ouvinte a se extasiar diante do Mistério, do inefável que toca a terra, que se revela. Assim como a exclamação colocada no meio do texto – í filantrwp...aj ØperballoÚshj - *Oh! Amor sem medida!* – expressa o amor de Cristo à humanidade, concretizado nos gestos de entrega radical e salvífica. Não é simplesmente um vocativo poético, mas denso da cristologia, na qual Cirilo fundamenta suas instruções. Convida o neófito a uma atitude radical, de contemplação de dentro do Mistério em direção à própria vida, de compreensão, entrega e compromisso vital.

Ao mesmo tempo, a mistagogia de Cirilo não separa a atitude contemplativa da atitude interpretativa, de compreensão do Mistério, de esclarecimento de possíveis dúvidas ou enganos que possam acontecer, quando se está diante da dimensão sacramental. Nesta Catequese observamos que Cirilo conhece por onde passam os possíveis enganos, e se antecipa na revelação dos segredos escondidos e, ao mesmo tempo, revelados, àqueles que experimentam esse Mistério em suas vidas.

Estabelecendo o fundamento bíblico, Cirilo ensina sobre a diferença imprescindível entre o batismo de penitência, de João Batista, e o Batismo em Jesus Cristo. Nos ensinamentos a seguir, Cirilo parece estar atento a erros de

interpretação do Batismo na sua dimensão pascal, de participação, por imitação, na paixão, morte e ressurreição de Jesus Cristo.

Ninguém, pois, creia que o batismo só obtém a remissão dos pecados, como o batismo de João só conferia o perdão dos pecados. Também nos concede a graça da adoção de filhos. Mas nós sabemos, com precisão, que, como é purificação dos pecados e prodigalizador do dom do Espírito Santo, é também figura da Paixão de Cristo.(CM II,6)

Neste esclarecimento, observamos que esta Catequese relata os dons recebidos pelo sacramento do Batismo; a remissão dos pecados, a adoção como filhos, a purificação, os dons do Espírito Santo, a participação como figura, da Paixão do Senhor. Dessa forma, Cirilo retoma os ensinamentos anteriores e faz uma espécie de síntese dos efeitos do Batismo, sempre lembrando que não são efeitos no sentido produtivo do termo, mas no sentido da experiência mistagógica a qual os neófitos estão inseridos.

A seguir, o tema da Ressurreição é anunciado com toda a sua grandeza e também elucidado com a imagem da videira e com a diferenciação dos conceitos de semelhança e de realidade.

Para que aprendêssemos que tudo o que Cristo tomou sobre si foi por nós e pela nossa salvação, tudo sofrendo em verdade e não em aparência e para que nos tornássemos participantes dos seus sofrimentos, exclamava veementemente Paulo: 'Se fomos plantados com Ele pela semelhança de sua morte, também o seremos pela semelhança de sua ressurreição'. (...) Fixa a mente com toda a atenção nas palavras do Apóstolo. Não disse: fomos plantados com Ele pela morte, mas pela semelhança da morte. Deveras, houve em Cristo uma morte real, pois a alma se separou do corpo. Houve verdadeiramente sepultamento, pois seu corpo sagrado foi envolvido em lençol limpo e foi verdadeiro tudo o que nele ocorreu. Para nós há a semelhança da morte e dos sofrimentos. Quando se trata da salvação, porém, não é semelhança e sim realidade. (CM II,7)

Não é a primeira vez que vemos Cirilo trabalhar um conceito a partir do significado dos termos, diferenciando através de exemplo, assim como aproximando, da mesma forma, ou com termos semelhantes. No texto citado vemos sua preocupação com os conceitos de semelhança e de realidade. Estamos diante de outra estratégia de cunho pedagógico. A fim de construir um conceito, Cirilo tem o cuidado de analisar os significados que estão presentes na cultura do grupo e, a partir desta análise somada a exemplos metafóricos ou de narrativas bíblicas, explicitar os significados coerentes com a proposta cristã. Vemos que

não é uma análise abstrata ou vaga, mas concreta, com exemplos concretos e narrativas bíblicas.

No centro do texto acima, Cirilo convoca a uma atitude de atenção diante da Palavra apostólica presente no texto bíblico. A expressão utilizada na tradução *fixa a mente* – TMp...sthson -, se contrapõe a qualquer dispersão ou confusão de significados. Exige uma atenção maior diante de um conceito que, se mal compreendido, compromete a interpretação da experiência sacramental do Batismo e, conseqüentemente, as decorrências desse compromisso assumido. Ao final, numa frase-síntese, ele explicita o dado da Revelação, real, plena, definitiva, sobre a qual não deve restar dúvidas, pois a iniciativa de Deus é absoluta e não parcial e provisória.

Cirilo conclui esta *Segunda Catequese Mistagógica*, convocando os neófitos a perseverarem nesse caminho através da fixação na memória de tudo que lhes está sendo revelado. Entretanto, prosseguindo na homilia, vemos que ele não se refere a uma simples memorização, mas à vivência e à transmissão do que é guardado na memória, *‘conservando a tradição’*.

Todas estas coisas foram ensinadas suficientemente: retende tudo em vossa memória, rogo-vos, para que eu, ainda que indigno, possa dizer-vos: ‘Amo-vos porque sempre vos lembrais de mim e conservais as tradições que vos transmiti’. Ademais, poderoso é Deus que de mortos vos fez vivos, para conceder-vos que andeis em novidade de vida. A Ele a glória e o poder, agora e pelos séculos. Amém. (CM II,8)

O tema da conservação da Tradição e de sua transmissão é muito caro para a Igreja, desde os primeiros tempos, e o vemos aqui reforçado por Cirilo⁴⁷⁹. A conservação e a transmissão de tudo o que foi revelado – ao Povo de Deus, na Palavra de Deus, na caminhada apostólica e eclesial – é também compromisso daqueles que aderem à comunidade de fé. Através do testemunho de vida nova e da Palavra tradicional, o neófito é convidado a participar da missão apostólica. A motivação está centrada no amor de Deus, em Sua vitória sobre a morte, em Sua presença vivificante na graça batismal.

Nesta Catequese pudemos observar a constante da fundamentação bíblica. A teologia paulina continua sendo um forte embasamento, unida às referências ao

⁴⁷⁹ Cf. RIVAS, P.L.H. op. cit., p. 12; Cf. MC CAULEY, L. e STEPHENSON, A. op. cit., p. 34; TELFER, W. op. cit., p. 61; Cf. BIELSA, J.S. op. cit., p. 7

Evangelho de Mateus e, no Antigo Testamento, ao livro do Gênesis e ao Eclesiástico⁴⁸⁰.

2.2.3

Terceira Catequese Mistagógica sobre o Crisma

Esta Catequese se dedicará ao sacramento do Crisma, ao qual os neófitos foram conduzidos logo após o Batismo. O centro do Mistério é o Cristo e a participação, pelo Batismo, no Mistério pascal na própria vida, como filhos adotivos do Pai. Pelo Batismo, “participam inteiramente do mistério total de Cristo, como discípulos da Nova Aliança, tendo o coração e o espírito revestidos da novidade da graça divina”⁴⁸¹.

Batizados em Cristo e dele revestidos, vos tornastes conformes ao Filho de Deus. Em verdade, Deus predestinando-os à adoção de filhos, nos fez conformes ao corpo glorioso de Cristo. Feitos, pois, partícipes de Cristo, não sem razão, sois chamados cristos e é de vós que Deus disse: ‘Não toqueis os meus cristos’. Ora, vós vos tornastes cristos, recebendo o sinal do Espírito Santo, e tudo se cumpriu em vós em imagem, pois sois imagens de Cristo. (CM III,1)

A teologia paulina⁴⁸² que vem sendo desenvolvida até aqui, nas Catequeses anteriores, ganha agora uma afirmação que denota um processo de maturidade dos ouvintes. Cirilo não se delonga no tema da configuração em Cristo, ao contrário, parte deste pressuposto e avança assinalando a plenitude da unção recebida no sacramento. O símbolo remete à unção que potencializa a identidade crística, a bênção do Senhor sobre aqueles que são ‘seus’.

O nome de Cristo é repetido fazendo alusão à sua semântica – Cristo à – ‘ungido’. É a partir deste significado que Cirilo dá mais um passo na compreensão da participação no Mistério de Cristo. Ungidos pelo crisma, são ‘cristin’, na dignidade de imagem do próprio Cristo e sob as bênçãos do Pai, que cuida de ‘seus consagrados’, de ‘seus unguídos’⁴⁸³.

Vemos o termo ‘imagem’ sendo aplicado mais uma vez, e sem delongas, o que demonstra que Cirilo considera que esta já é uma aprendizagem adquirida,

⁴⁸⁰ Referências bíblicas presentes nesta *Segunda Catequese Mistagógica*: Rm 6,3-14; Cl 3,9; Cl 2,15; Ef 4,22; Ct 5,3; Gn 2,25; Rm 11,17-24; Mt 12,40; Ecl 3,2; Mt 27,59; 1Cor 11,2. Cf. FIGUEIREDO, F. In: CIRILO DE JERUSALÉM. op. cit., pp. 32-36.

⁴⁸¹ Cf. ARAÚJO, J. M. op. cit., p. 783.

⁴⁸² Cf. PIÉDAGNEL, A. op. cit, pp. 7-16.

⁴⁸³ Cf. MAESTRI, G. e SAXER, V. op. cit., p. 91.

elaborada nas Catequese Mistagógicas anteriores. Mais adiante, o conceito de ‘figura’ também é resgatado e a presença do Espírito Santo naquele que é ungido, pelo próprio Senhor, pela mediação da Igreja. Cirilo refere-se à unção do Espírito sobre o próprio Cristo, profetizada por Isaías no Antigo Testamento.

(...) Também a vós, ao sairdes das águas sagradas da piscina, se concede a unção, figura daquele com que Cristo foi ungido. Refiro-me ao Espírito Santo, do qual o bem-aventurado Isaías, na profecia a respeito dele, disse, na pessoa do Senhor: ‘O Espírito do Senhor repousa sobre mim, pelo que me ungiu; enviou-me para levar a boa-nova aos pobres’.(CM III,1)

Na referência a Cristo já se prepara o tema da missão, vocação, dom e tarefa daquele que é batizado em Jesus Cristo, participante do Mistério pascal, portanto, chamado ao seguimento. Cirilo prossegue esclarecendo que foi o Pai quem ungiu a Cristo. Em nosso caso, no Batismo, fomos ungidos por um homem, um sacerdote.

A perspectiva cristocêntrica do texto demonstra a cristologia elaborada pelos Padres da Igreja e uma resposta madura às heresias cristológicas contemporâneas. Sem tocar nas questões heréticas, Cirilo deixa evidente a comunhão trinitária e o cristocentrismo do projeto salvífico⁴⁸⁴.

Na verdade, Cristo não foi ungido com óleo ou unguento material por um homem. Mas foi o Pai que, estabelecendo-o com antecedência como Salvador de todo o universo, o ungiu com o Espírito Santo, conforme diz Pedro: ‘Jesus de Nazaré, a quem Deus ungiu como o Espírito Santo’. E o profeta Davi exclamou: ‘Teu trono, ó Deus, é para os séculos dos séculos; centro de retidão, o cetro de tua realeza. Amaste a justiça e por isso te ungiu Deus, teu Deus, com o óleo da alegria, mais que teus companheiros’.

(...) Ele foi ungido com o óleo espiritual da alegria, isto é, com o Espírito Santo, chamado óleo de alegria, por ser causa da alegria espiritual. Vós fostes ungidos com o óleo, feitos partícipes e companheiros de Cristo. (CM III,2)

O dom da alegria espiritual aparece como um sinônimo da unção no Espírito, em sinal do dom que significa esta unção, como participantes e companheiros do próprio Cristo. Adiante, Cirilo esclarece sobre a sacramentalidade do óleo que, por obra do Espírito Santo, não é mais apenas um

⁴⁸⁴ O conteúdo central de Cirilo é cristológico, porque em Cristo se realiza a salvação. Paralelamente ao discurso sobre Deus, Cirilo, com procedimento análogo, analisa o discurso cristológico a partir da idéia de unicidade e singularidade inconfundível de Cristo. Cirilo evidencia claramente a função mediadora e reveladora realizada por Cristo, sublinha a posição de centralidade de Cristo em toda a economia salvífica. Cf. BONATO, A. op. cit., pp. 56-60.

unguento comum, mas capaz de santificar e vivificar aquele que é ungido no Espírito.

(...) é dom de Cristo e obra do Espírito Santo, pela presença de sua divindade. Com ele se unge simbolicamente tua fronte e outros sentidos. Se, por um lado, o corpo é ungido com o unguento sensível, por outro, a alma é santificada pelo santo e vivificador Espírito. (CM III,3)

O rito da unção no sacramento do Crisma é descrito em sua dimensão mistagógica, sempre com o cuidado de unir liturgia e catequese, tudo fundamentando na Sagrada Escritura. A corporalidade se torna sinal sacramental e, cada parte do corpo que recebe a unção, se integra na vida nova e no compromisso crismal.

E primeiro sois ungidos na fronte, para serdes libertados da vergonha que o primeiro homem transgressor levou por toda parte e para que, de face descoberta, contempleis a glória do Senhor. Depois nos ouvidos, para terdes ouvidos conforme disse Isaías: ‘E o Senhor me deu um ouvido para ouvir’ e o Senhor no Evangelho: ‘Quem tem ouvidos para ouvir que ouça’. Em seguida nas narinas, para que, ao receberdes este divino unguento, possais dizer: ‘Somos para Deus, entre os que se salvam, o bom odor de Cristo’. Depois no peito, a fim de que, ‘tendo revestido a couraça da justiça, resistais aos artifícios do diabo’. Como na verdade o Salvador, após seu batismo e a descida do Espírito Santo, saiu a combater o adversário, assim também vós, depois do santo batismo e da mística unção, revestidos da armadura do Espírito Santo, resistis à força inimiga e a venceis dizendo: ‘Tudo posso naquele que me conforta, Cristo’. (CM III,4)

O embasamento bíblico é praticamente o único instrumento que Cirilo utiliza dessa mistagogia, em que habilidosamente alinhava os textos bíblicos com o ritual experimentado e os mistérios espirituais realizados na celebração sacramental⁴⁸⁵.

O nome de cristão é mencionado por Cirilo como um dom, o mesmo nome de Cristo, o ungido, é recebido pelos novos ‘cristos’ – cristiano... -, ungidos pelo Espírito Santo. A dignidade do nome é conferida em unidade com a unção recebida. No entanto, Cirilo fala do caminho percorrido como fundamental no processo. Os dons sacramentais não são concebidos como resultado mágico ou instantâneo, e sim como um processo, no qual foram vividas etapas que conduzem

⁴⁸⁵ Referências bíblicas presentes nesta *Terceira Catequese Mistagógica*; 1Jo 1,20-28; Gl 3,27; Rm 8,29; Ef 1,5; Fl 3,21; Sl 194,15; Is 61,1; Lc 4,18; At 10,38; Sl 44,7-8; Gn 3,7-10; 2Cor 3,18; Is 50,4; Mt 11,15; 2Cor 2,15; Ef 6,11-14; Is 11,5; Is 59,17; 1Ts 5,8; Mt 4,1-11; Mc 1,12-13; Lc 4,1-13; Ef 6,11; Fl 4,13; Lv 8,1-12; 1Rs 1,38-39,45; Rm 11,16; 1Cor 5,6-7; 1Cor 15,23; 1Jo 2,27; Is 25,6-7; Is 2,2; 2Cor 5,9; Hb 2,10. Cf. FIGUEIREDO, F. In: CIRILO DE JERUSALÉM, op. cit., pp. 37-39.

à abertura ao Mistério pascal em Cristo Jesus. Este pensamento indica a compreensão mistagógica que Cirilo possui, de Iniciação Cristã, como caminho, como processo, como trajetória.

Feitos dignos desta santa unção, sois chamados cristãos. Assim, pela regeneração, mostra ser direito o nome de cristãos. Antes, pois, de serdes declarados dignos do batismo e da graça do Espírito Santo, não éreis dignos deste nome, mas estáveis a caminho de serdes cristãos. (CM III,5)

Cirilo conclui esta Catequese mais uma vez retomando o vínculo entre Antigo e Novo Testamentos, inserindo a unção do crisma na trajetória da História da Salvação e, dessa forma, inserindo cada neófito na caminhada do Povo de Deus, como escolhido, eleito, preferido e testemunha messiânica no mundo. Aqui temos, mais uma vez, a centralidade de Cristo, para onde toda a história da humanidade se volta como primícias, começo e fim do projeto salvífico.

É necessário que saibais que há o símbolo desta unção na Escritura Antiga. E na verdade, quando Moisés comunicou ao irmão a ordem de Deus e o estabeleceu sumo sacerdote, depois de lavar-se com água, o ungiu e foi ele chamado Cristo, em virtude, evidentemente, da unção figurativa.(...) A vós, porém, não em figura, mas em verdade. Isso, já que o começo de vossa salvação remonta àquele que foi ungido pelo Espírito Santo. (CM III,6)

Retorna o recurso ao conceito de figura e verdade nas orientações catequéticas. Podemos verificar em muitos momentos-chave, Cirilo recorrer à catequese tipológica, como esse em que trabalha a unção, enfatiza a diferença entre *figura* e *verdade* – οὐ tupikîj ϕll' ϕlhqîj. Ele procura conduzir a compreensão da presença real de Cristo na Eucaristia, questão crucial naquele contexto, não com a terminologia teológica⁴⁸⁶, e sim com a catequese tipológica, metodologia que já vem trabalhando no decorrer da Iniciação Cristã.

A menção à Igreja visível aparece pela primeira vez nesta etapa das *Catequeses Mistagógicas*, apesar de estar todo o tempo em ambiente eclesial. A experiência sacramental se dá na comunidade eclesial, onde esta é vivida, acompanhada e, nesta Catequese, é interpretada de forma pedagógica. A Igreja aparece sob o símbolo da montanha visível. Para esta ‘montanha’ os povos devem se dirigir, o testemunho cristão deve conduzir. É neste ‘lugar’ de encontro com Deus, que todos os povos participarão das alegrias provenientes da plenitude da

⁴⁸⁶ Cf. MAESTRI, G. e SAXER, V. op. cit., p. 92.

salvação. Cirilo estabelece uma relação entre cada fiel e a História da Salvação, como guardião da promessa, como testemunho vivo inserido nesta história, nesta tradição e promessa, na qual Cristo já é o vencedor.

Foi isto que desde tempos antigos o santo Isaías profetizou, dizendo: 'E preparará o Senhor para todos os povos nesta montanha'. Por montanha ele designa a Igreja, como outras vezes quando diz: 'E nos últimos dias será visível a montanha do Senhor'; 'Beberão vinho, beberão a alegria, serão ungidos de unguento'. E para que mais te assegures, ouve o que diz sobre este unguento em sentido místico: 'Transmite tudo isso às nações, pois o desígnio do Senhor se estende sobre todos os povos'.

Assim, pois, ungidos com este crisma, guardai-o sem mancha e irrepreensível em vós, progredindo em boas obras e tornando-vos agradáveis ao autor de nossa salvação, Cristo Jesus, a quem a glória pelos séculos dos séculos. Amém. (CM III,7)

É oportuno chamar a atenção para as ações verbais utilizadas por Cirilo, quando se dirige aos neófitos e às suas experiências mistagógicas. Vejamos apenas nesta *Terceira Catequese*, a fim de observarmos o caminho mistagógico que vai estabelecendo: *batizados, revestidos, vos tornastes, conformes, chamados, recebendo, fostes, tidos por dignos, ungidos, feitos partícipes, santificada, libertados, receberdes, revestidos, resistais, feitos dignos, estáveis a caminho, saibais, guardai, permanecer, ouvistes, ouve, transmite, ungidos, progredindo, tornando-vos*. As ações verbais indicam o processo, o convite e a resposta livre, a dinâmica da revelação e abertura ao Mistério, o caminho mistagógico enfim. A pedagogia de fundo aponta para este eixo teológico e pastoral que se traduz na linguagem catequética. Mais. Revela uma atitude mediadora na Revelação que se anuncia e, como expressão mesma do amor de Deus que se revela e chama à participação e salvação, com carinho, cuidado, respeito e perseverança de Deus amor-presença-misericórdia.

2.2.4

Quarta Catequese Mistagógica sobre o Corpo e Sangue de Cristo

Esta Catequese dedica-se ao sacramento da Eucaristia, recebido pelos neófitos na Iniciação Cristã. É o terceiro dos sacramentos da Iniciação Cristã que, nesta caminhada da Igreja de Jerusalém, são recebidos conjuntamente, na noite da vigília Pascal.

A primeira epístola de Paulo aos Coríntios é o fundamento teológico e mediação mistagógica para esta Catequese, quando o apóstolo narra a noite da última Ceia com o Senhor e a herança que nos foi dada pelo próprio Cristo, ou seja, Ele mesmo, na Eucaristia.

Este ensinamento do bem-aventurado Paulo foi estabelecido como suficiente para vos assegurar acerca dos divinos mistérios, dos quais, tendo sido julgados dignos, vos tornastes concorpóreos e consanguíneos com Cristo. O próprio Paulo proclama precisamente: 'Na noite em que foi entregue, Nosso Senhor Jesus Cristo, tomando o pão e depois de ter dado graças, partiu-o e o deu a seus discípulos, dizendo: Tomai, comei, isto é o meu corpo. E tomando o cálice e tendo dado graças, disse: Tomai, bebei, isto é o meu sangue'. Se ele em pessoa declarou e disse do pão: 'Isto é o meu corpo', quem se atreveria a duvidar doravante? E quando ele afirma categoricamente e diz: 'Isto é o meu sangue', quem duvidaria dizendo não ser seu sangue? (CM IV,1)

Cirilo principia este ensinamento garantindo o testemunho apostólico atestado por Paulo sobre a herança deixada por Cristo: a Eucaristia. Logo após o texto bíblico que legitima a experiência sacramental, ele começa a trabalhar sobre as dúvidas que podem surgir de uma leitura fundamentalista do texto ou de uma leitura que não atribua veracidade às palavras de Jesus. O Mistério da Eucaristia pede ao neófito uma acolhida mistagógica, no sentido de abrir-se ao Mistério, acreditar em Jesus, confiar-se a Ele, compreender a profundidade de suas palavras e o próprio Mistério do qual participou.

Os dois adjetivos utilizados – *sÚsswmoi ka^ sÚnaimoi* - *concorpóreo e consanguíneo* – são palavras fortes, para falar mais uma vez da configuração de cada cristão em Cristo e da participação, através do sacramento, do Mistério revelado. Podemos dizer que, estes dois adjetivos, conduzem também a uma atitude contemplativa sobre o rito, com o qual o próprio Jesus se faz presente sempre, através da consagração do pão e do vinho em seu corpo e sangue na mesa compartilhada entre os irmãos na fé⁴⁸⁷.

Portanto, com toda certeza recebemo-los como corpo e sangue de Cristo. Em forma de pão te é dado o corpo, e em forma de vinho o sangue, para que te tornes, tomando o corpo e o sangue de Cristo, concorpóreo e consanguíneo com Cristo. Assim nos tornamos portadores de Cristo, sendo nossos membros

⁴⁸⁷ Este documento traz uma ilustração do dogma da Eucaristia. Recordamos que este período no qual as Catequeses são pronunciadas é particularmente importante no que diz respeito ao desenvolvimento e organização da Celebração Eucarística. Cirilo enfatiza a participação do neófito no mistério de Cristo por meio da experiência sacramental da Eucaristia. Cf. PIÉDAGNEL, A. op. cit., p. 7; MAESTRI, G. e SAXER, V. op. cit., p. 92-95.

penetrados por seu corpo e sangue. Desse modo, como diz o bem-aventurado Pedro, 'tornamo-nos partícipes da natureza divina'.(CM IV, 3)

Na Eucaristia, Jesus participa concretamente do nosso ser, torna-se um conosco e, assim, cada um, torna-se corpo de Cristo, partícipe de sua própria natureza, como diz Pedro. O texto traz a expressão – *com toda certeza* - no entanto, a fonte grega apresenta a expressão – *plhrofor...aj* – indicando uma experiência de plenitude. No Novo Testamento, o verbo correspondente significa o cumprimento das promessas do Antigo Testamento, muitas vezes utilizado no texto paulino⁴⁸⁸. Aqueles que participam da Eucaristia, são portadores de uma experiência plena, de comunhão com Cristo, que modifica o ser inteiro por esse sacramento de salvação.

A Catequese faz uma breve referência a uma possível confusão sobre alimentar-se do próprio corpo do Senhor, que, naquele contexto, ainda pairava entre alguns povos, como uma compreensão errônea sobre a Eucaristia vista por não-cristãos.

Falando, outrora, aos judeus Cristo dizia: 'Se não comerdes minha carne e não beberdes meu sangue, não tereis a vida em vós'. Como não entendessem espiritualmente o que era dito, escandalizados, se retiraram, imaginando que o Salvador os incitava a comer carne humana. (CM IV,4)

Depois desse breve esclarecimento prossegue referindo-se à antiga aliança. Nesta recorrente ligação entre o Antigo e o Novo Testamento no trabalho catequético, Cirilo não apenas estabelece o vínculo, mas reafirma o cristocentrismo do projeto, a Nova Aliança que supera a antiga de forma definitiva.

Ainda sobre a presença de Cristo na Eucaristia, a homilia orienta sobre a matéria – pão e vinho –, e o seu significado sacramental – corpo e sangue do Senhor. O Mistério sacramental, onde a via simbólica se torna presença real do Cristo é um convite à experiência mistagógica antes de tudo, a uma compreensão profunda da comunicação entre Deus e os homens, por meio dos sacramentos e da nossa participação no Mistério por iniciativa do próprio Deus, que se entrega e se revela.

⁴⁸⁸ Cf. Cl 2,2; 1 Ts 1,5; Hb 6,11; Hb 10,22.

Também no Antigo Testamento havia pães de proposição. Mas esses pães, por pertencerem à antiga aliança, tiveram fim. Na nova aliança o pão celeste e o cálice da salvação santificam a alma e o corpo. Pois, como o pão se adequa ao corpo, assim o Verbo se harmoniza com a alma.

Não consideres, portanto, o pão e o vinho como simples elementos. São, conforme a afirmação do Mestre, corpo e sangue. Se os sentidos isto te sugerem, a fé te confirma. Não julgues o que se propõe segundo o gosto, mas pela fé tem firme certeza de que foste julgado digno do corpo e sangue e Cristo.(CM IV,5-6)

Uma terceira parte da Catequese sobre a Eucaristia retorna à figura do demônio como personificação do mal⁴⁸⁹. Aqui Cirilo exorta à vida sacramental como fortalecimento contra o demônio, contra as obras do mal, uma oposição construída por Deus. A unção do crisma foi apresentada como sinal do próprio Deus na vida de cada neófito e, agora, o alimento eucarístico, como o sinal definitivo, ou seja, é Jesus mesmo quem vive em cada cristão pelo Mistério eucarístico.

(...) Antes de tua vinda os demônios preparavam para os homens uma mesa contaminada e manchada, cheia de poder diabólico, mas depois de tua vinda, ó Senhor, tu preparaste diante de mim uma mesa.(...) A primeira mesa tinha comunhão com os demônios, essa, ao contrário, comunhão com Deus. 'Ungiste de óleo minha cabeça'. Com o óleo te ungiu a cabeça, sobre a fronte, pelo sinal que tens de Deus, a fim de que te tornes assinalado, santo de Deus. 'E teu cálice inebria-me como o melhor'. Vês aqui mencionado o cálice que Jesus tomou em suas mãos e sobre o qual rendeu graças dizendo: 'Este é o meu sangue, que é derramado por todos, em remissão dos pecados'.(CM IV,7)

A mesa eucarística é preparada pelo Senhor para o seu povo, é uma mesa mística e espiritual, que a exemplo da Antiga Aliança, contém pão celestial e bebida salutar, os quais nos unirão ao próprio Deus. A homilia relembra a unidade de todo o Povo de Deus, desde a Antiga Aliança, que agora é renovada na Páscoa de Cristo. A mesa é comunitária, é mesa pascal, é mesa do Povo de Deus, ao qual nos inserimos, em primeiro lugar pelo sacramento do Batismo e pela unção do Crisma e, agora, plenamente, pela Eucaristia.

⁴⁸⁹ O tema da personificação do mal surge nas Catequese de Cirilo também como tema bíblico, como tomada de consciência de sua existência e de superação deste, pela força da graça de Deus e inserção progressiva no Mistério pascal. No Símbolo da Fé, a Tradição proclama a vitória de Cristo sobre o mal, a redenção e salvação do mundo na Cruz. Isto, porém, não quer dizer que se deva abolir a figura bíblica de Satã, ou do diabo, ou a personificação paulina do Pecado. Estas figuras têm a função de ajudar-nos a penetrar no abismo desconcertante e terrível do Mal, cuja profundidade só é mensurável com a profundidade do Mistério do Amor de Deus ao qual ele pretende se opor. Cf. GOPEGUI, J. A. R. As figuras bíblicas do diabo e dos demônios em face da cultura moderna. In: *Perspectiva Teológica*, Ano XXIV, Belo Horizonte:CES, 1997, pp. 327-352.

A referência à mesa preparada pelos demônios lembra a idolatria, os cultos pagãos, as ofertas aos ídolos, para as quais Cirilo faz mais um reforço e esclarecimento quanto à vida nova, à renúncia aos hábitos pagãos e a não retomarem a tentação que afasta de Deus, que é antagônica à experiência desde agora já vivida.

A conclusão desta homilia mistagógica é um lindo hino contemplativo, em que Cirilo entremeia mais alguns textos bíblicos, num verdadeiro canto, no qual é o próprio Senhor que convida à mudança de vida, à nova ‘veste’, às maravilhas que são experimentadas por aqueles que se tornam partícipes dessa festa pascal.

Por isso também Salomão, aludindo a essa graça, disse: ‘Vem, come teu pão com alegria’, o pão espiritual. ‘Vem’, designa o apelo salutar e que faz bem-aventurado. ‘E bebe, de bom coração, o teu vinho’, o vinho espiritual. ‘Derrama o óleo sobre a tua cabeça. Traja sempre vestes brancas, já que Deus sempre favorece as tuas obras’. Pois agora Deus se agradou de tuas obras. Antes de te aproximares da graça eram tuas obras ‘ vaidade das vaidades’.
Todavia agora, tendo despido as velhas vestes e revestido espiritualmente a veste branca, é necessário estar sempre vestido de branco. Não dizemos isso absolutamente porque é preciso estar trajado de branco, mas porque deves, em realidade, revestir a veste branca, brilhante e espiritual, a fim de dizeres com o bem-aventurado Isaías: ‘Com grande alegria me rejubilei no senhor, porque me fez revestir a vestimenta da salvação e me cobriu com a túnica da alegria’.(CM IV,8)

O texto é profundamente mistagógico - o convite de Deus, nas palavras de Salomão, as referências simbólico-sacramentais, o ritual da festa, a presença de Deus, a mudança de veste, a veste brilhante, o sinal das bem-aventuranças e a alegria da plenitude da salvação -, tudo reunido num convite à entrega, à confiança e à alegria de uma nova vida que se inicia.

No parágrafo conclusivo, faz uma espécie de fixação dos ensinamentos desta Catequese, através de uma revisão da questão do pão e do vinho - que se tornam corpo e sangue de Cristo -, do fortalecimento das decisões mais profundas e mudança de vida. Numa oração final, Cirilo reúne uma bênção, um pedido ao Senhor, e uma louvação pelos novos cristãos.⁴⁹⁰

⁴⁹⁰ Referências bíblicas presentes nesta *Quarta Catequese Mistagógica*: 1Cor 11,23-25; Jo 2,1-11; Mt 9,15; Mc 2,19; Lc 5,34; 2Pd 1,4; Jo 6,53; Jo 6,61-66; Lv 24,5-9; 1Cr 9,32; 1Cr 23,29; 1Mc 1,22; 2Mc 10,31 Sl 115,4; Sl 22,5; MI 1,7.12; Mt 26,28; Ecl 9,7-8; Is 61,10; Sl 103,15; 2Cor 3,18. Cf. FIGUEIREDO, F. In CIRILO DE JERUSALÉM. op. cit., pp. 42-45.

Tendo aprendido e estando seguro de que o que parece pão não é pão, ainda que pareça pelo gosto, mas o corpo de Cristo, e o que parece vinho não é vinho, mesmo que o gosto o queira, mas o sangue de Cristo – e porque sobre isto dizia vibrando Davi: ‘O pão fortalece o coração do homem, para que no óleo se regozije o semblante’ - fortalece o teu coração, tomando este pão como espiritual e regozije-se o semblante de tua alma. Oxalá, tendo a face descoberta, em consciência pura, contempleis a glória do Senhor, para ir de glória em glória, em Cristo Jesus Senhor Nosso, a quem a glória pelos séculos dos séculos. Amém. (CM IV,9)

Mais uma vez nos deparamos com um verbo bastante significativo - *estando seguro* - que o autor traduziu por - *estando seguro* - mas seu sentido vai além de uma conotação de fixação dos conhecimentos, das instruções. O verbo aponta para plenitude que está sendo vivida pelo neófito, pelo sacramento da Eucaristia. Cirilo encerra esta Catequese fazendo uma síntese com conceitos-chave como este, de participação plena, de Eucaristia que se concretiza na vida pessoal, no coração humano, na consciência e conduz à comunhão definitiva e eterna.

2.2.5

Quinta Catequese Mistagógica

Cirilo parece anunciar uma etapa conclusiva das *Catequeses Mistagógicas*, pois inicia esta Catequese referindo-se às anteriores e como culminância do processo formativo. Dedicar-se aqui à própria Celebração Eucarística, com muitos detalhes quanto aos principais ritos, orações, gestos sacerdotais, culminando na oração eucarística e na comunhão. É predominantemente litúrgica, no entanto, observemos como a liturgia é relembada mistagógicamente, também aqui, integrada à vida pessoal e comunitária, sem falarmos na fundamentação bíblica sempre presente. A segunda frase da Catequese explicita a dimensão eclesial da experiência que está sendo vivida pelos neófitos - *τί pneumatikί ὄμν τÁj çfele...aj o,„kodomί - para coroar o edifício espiritual de vossa instrução* - orienta a instrução para a edificação de toda a comunidade que se realiza na Celebração Eucarística.

Pela dignidade de Deus, ouvistes de maneira suficiente, nas reuniões precedentes, sobre o batismo, a crisma e a participação do corpo e sangue de Cristo. Mas agora é necessário ir adiante, para coroar o edifício espiritual de vossa instrução. (CM V,1)

Cirilo inicia esclarecendo particularidades nos ritos litúrgicos, orientando quanto a possíveis equívocos provenientes de uma ignorância da liturgia. Chama a atenção para o significado do ritual dos sacerdotes lavarem as mãos, como símbolo de pureza, irrepreensibilidade das ações e dignidade das obras realizadas⁴⁹¹. O gesto é símbolo da atitude penitencial, de reconhecimento das faltas, arrependimento e compromisso com o Mistério pascal.

Vistes o diácono oferecer água ao pontífice e aos presbíteros que rodeiam o altar de Deus para lavarem-se. (...) Lavar as mãos é símbolo de que nos devemos purificar de todos os pecados e de todas as faltas. Já que as mãos são símbolos das obras, lavamo-las, indicando evidentemente pureza e a irrepreensibilidade das obras. Não ouviste como o bem-aventurado Davi te introduziu neste mistério ao dizer: 'Lavarei as mãos entre os inocentes e andarei ao redor do teu altar, Senhor?' Então, lavar as mãos é estar limpo de pecado. (CM V,2

O verbo usado por Cirilo para expressar a introdução no Mistério é *mustagwgoàntoj - te introduziu* – no sentido de conduzir pelo Mistério, é uma ação mistagógica. Aquele que introduz é o mistagogo, o mediador entre o Mistério e a inserção do neófito nesta experiência pelo rito sacramental.

Prossegue citando o ósculo da paz, gesto de acolhida fraterna, de perdão, de esquecimento de mágoas, de reconciliação entre todos para estarem diante do altar de forma integral, sem divisões pessoais ou divisões comunitárias.

Depois o diácono proclama: 'Acolhei-vos mutuamente e dai-vos o ósculo da paz'. Não suponhas que este ósculo seja como os que os amigos íntimos se dão na praça pública. (...) Este ósculo une as almas entre si e é para elas penhor de esquecimento de todos os ressentimentos. É sinal de que as almas se unem e afastam toda lembrança de toda injúria. Por isso Cristo disse: 'Quando fores apresentar uma oferta perante o altar, e ali te lembrares de que teu irmão tem algo contra ti, deixa ali a tua oferta diante do altar, vai primeiro reconciliar-te com teu irmão, depois volta para apresentar a tua oferta'. Então, o ósculo é reconciliação, e é por esta razão que é santo. (...)(CM V,2-3)

Após este gesto de reconciliação comunitária, o sacerdote convida todos a elevarem seus corações para junto de Deus, abandonando preocupações e voltando-se totalmente para a celebração eucarística⁴⁹². A Catequese é construída com afirmações, citações bíblicas, direcionando o olhar para as atitudes pessoais,

⁴⁹¹ Neste período o significado simbólico do gesto de 'lavar as mãos' já é presente entre os Padres da Igreja, e também aparece em Teodoro de Mopsuestia, como rito de purificação e correção nas atitudes. Cf. MAESTRI, G. e SAXER, V. op. cit., p. 94.

⁴⁹² Ibid., p. 95.

para a vida, frente às palavras que ouve e que profere, ao seu significado e consequente compromisso, que vai assumindo ao longo da celebração.

A anáfora é concluída com uma ação de graças pela gratuidade do amor de Deus por cada um de nós e por nossa adoção como seus filhos em Jesus Cristo. O adjetivo que denota a bondade de Deus – *Deus benevolente* – é apresentado na fonte grega pela expressão - $\text{fil}\epsilon\text{nqrwpon qe}\text{\textcircled{O}}\text{n}$ - na qual encontramos um rosto de Deus dedicado aos homens, aos seus filhos, Deus que ama.

Depois disso o sacerdote proclama: ‘Corações ao alto!’ Verdadeiramente, nesta hora mui tremenda, é preciso ter o coração no alto, junto de Deus, e não embaixo, na terra, nas coisas terrenas. Com autoridade, pois, o sacerdote ordena que nesta hora se abandonem todas as preocupações da vida e os cuidados domésticos e que se tenha o coração no céu, junto ao Deus benevolente.

Vós então respondeis: ‘Já o temos no Senhor!’ assentindo à ordem por causa do que confessais. Ninguém esteja presente dizendo apenas com a boca: ‘Nós os temos no Senhor’, tenho a mente voltada para as preocupações da vida. Sempre devemos estar lembrados de Deus. Se isso é impossível pela fraqueza humana, naquela hora isto é o que mais deve ser procurado.

Depois diz o sacerdote: ‘Demos graças ao Senhor’. Deveras, devemos agradecer-lhe, porque sendo indignos chamou-nos a tamanha graça que nos reconciliou, sendo seus inimigos, e nos fez dignos da adoção do Espírito. (CM V,4-5)

Após este princípio de ação de graças, segue a prece de louvor por toda a criação que é dom de Deus, sinal do seu imenso amor que transborda para todos os seus filhos. Cirilo propõe uma atitude contemplativa de amor e louvor ao Santo dos Santos, por toda a Criação visível e invisível, associando-os aos anjos, que cantam as maravilhas de Deus.

Depois disso mencionamos o céu, a terra e o mar, o sol e a lua, os astros, toda criatura racional e irracional, visível e invisível, os anjos e arcanjos (...). ‘Santo, santo, santo, é o Senhor dos exércitos.’ Por isso recitamos essa doxologia que nos foi transmitida pelos serafins, para que neste canto nos associemos aos exércitos celestes. (CM V,6)

A Celebração Eucarística prossegue com a oferta e consagração do pão e do vinho ao Senhor, para que se tornem alimento espiritual, pelo dom do Espírito Santo. Cirilo chama este momento de sacrifício espiritual, memória do sacrifício de Cristo e, na presença do corpo e sangue de Jesus sobre o altar, a comunidade faz suas orações pela paz, pelos aflitos e doentes, pelos que faleceram, pela Igreja e seus ministros, pelos pecadores.

A oração tem um caráter claramente comunitário e eclesial, conduzindo os fiéis à dimensão universal do Mistério experimentado nesta Celebração e caracterizando a importância da oração comunitária, diante da mesa eucarística, do próprio Jesus que se entrega a cada celebração, para resgatar toda a humanidade para a plenitude do projeto de Deus.

Passo a passo, a Catequese revê os pedidos num processo que vai abarcando a realidade atual, o passado e o futuro, a História da Salvação, os que nos precederam, o serviço do magistério eclesial, e também a remissão dos pecadores.

Em seguida, realizado o sacrifício espiritual, o culto incruento, em presença desta vítima de propiciação, invocamos a Deus pela paz comum das igrejas, pelo bem-estar do mundo, pelos imperadores, pelos exércitos e aliados, pelos doentes, pelos aflitos e, em geral, todos nós rezamos por todos aqueles que têm necessidade de socorro e oferecemos essa vítima.

Depois fazemos menção dos que adormeceram, primeiro dos patriarcas, profetas, apóstolos, mártires, para que Deus, por suas preces e intercessão, aceite nossa súplica. Depois ainda rezamos pelos santos padres, bispos adormecidos e, enfim, por todos os que nos precederam, persuadidos de que será de máximo proveito para as almas, pelas quais a súplica é elevada ante a santa e tremenda vítima. (CM V,8-9)

A oração tem uma dimensão de solidariedade fraterna, a comunhão dos santos, na intercessão junto ao Pai pela caminhada pessoal e comunitária, para a salvação de todos. Céu e terra se unem, vivos e falecidos, numa única prece diante do Mistério eucarístico.

A partir daí, Cirilo desenvolve uma reflexão especial sobre a oração do Pai Nosso, aprofundando cada pequeno verso numa oração que envolve citações bíblicas e aplicações existenciais. Poderia ser nova *Catequese Mistagógica* pois é densa e desenvolvida com muitos detalhes.

Na primeira orientação, Cirilo apresenta uma visão global da oração, explicitando seus principais aspectos em poucas palavras. O Pai Nosso é a oração que o próprio Deus ensinou ao Filho; esse Deus é Pai de imensa bondade e misericórdia, pois perdoa os pecados e nos convida a participar da graça, nos tratando como filhos.

Depois disso, tu dizes aquela oração que o Salvador transmitiu aos discípulos, atribuindo a Deus, com pura consciência, o nome de Pai e dizes: 'Pai nosso, que estás nos céus'. Ó incomensurável benignidade de Deus! Aos que o tinham abandonado e jaziam em extremos males é concedido o perdão dos males e a

participação da graça, a ponto de ser invocado como Pai. Pai nosso que estás nos céus. Os céus poderiam bem ser os que portam a imagem do mundo celestial, nos quais Deus habita e vive. (CM V,11)

Ao final do texto, vemos que Cirilo propõe um novo significado para ‘os céus’. Não reforça uma imagem abstrata, mas de convivência e de transparência, um céu que se experimenta onde Deus habita e vive, através do testemunho e da vivência do Seu projeto.

Observemos como Cirilo revê os conceitos religiosos presentes nas culturas e vai reconstruindo pedagogicamente, a partir das reflexões sobre o Pai Nosso, passo a passo, cada conceito fundamental na formação cristã.

Prossegue no Pai Nosso, refletindo sobre o significado do ‘nome Santo’ de Deus e do compromisso de cada um de nós com essa ‘santidade’. O tema é trabalhado no contexto conhecido pelo judaísmo, em que a ‘santificação’ era parte da oração judaica, a petição está voltada para o horizonte escatológico, para o fim dos tempos. Cirilo está em unidade com os profetas do Antigo Testamento, proclamando a dinâmica entre a santidade de Deus e o testemunho de santidade dos homens⁴⁹³.

Na mesa eucarística, as ofertas são santificadas, assim como os fiéis que tomarão parte neste Mistério, no entanto, só um é o Santo. Cirilo provoca uma dinâmica em torno do conceito de santidade, por participação, como processo, como caminho de encontro com o Santo, elevando a dignidade de cada pessoa e, ao mesmo tempo, reconhecendo a indignidade de cada um diante do Santo dos santos⁴⁹⁴. A santidade e o agir moral humanos são possíveis na participação da santidade e da vida de Cristo⁴⁹⁵.

Nesta catequese o conceito de ‘santidade’ está relacionado com o testemunho e as obras que corroboram para a revelação de Deus para o mundo. Dessa forma, encontramos aqui uma preparação para o tema a seguir, o reino de Deus. É tratado como uma oração de petição, assim como a entrega do projeto de vida pessoal e de toda a humanidade, nas mãos de Deus.

‘Santificado seja teu nome’. Santo é por natureza o nome de Deus, quer o digamos ou não. Mas uma vez que naqueles que pecam por vezes é profanado, segundo o que diz: ‘Por vós meu nome é continuamente blasfemado entre as

⁴⁹³ Cf. FIGUEIREDO, F. op. cit., p. 51.

⁴⁹⁴ Cf. MAESTRI, G. e SAXER, V. op. cit., p. 96.

⁴⁹⁵ Cf. ARAÚJO, J. M. op. cit., p. 789.

nações’, oramos que em vós o nome de Deus seja santificado. Não que por não ser santo chegue a sê-lo, mas porque em nós ele se torna santo quando nos santificamos e praticamos obras dignas de santificação.

‘Venha o teu reino’. É próprio de uma alma pura dizer com confiança: ‘Venha o teu reino’. Quem ouviu Paulo dizer: ‘Que o pecado não reine em vosso corpo mortal’, e se purificar em obra, pensamento e palavra, dirá a Deus: ‘Venha o teu reino’.

‘Seja feita a tua vontade, assim no céu como na terra’.(...) Rezando, pois, com vigor, dize isto: Como nos anjos se faz a tua vontade, Senhor, assim na terra se faça em mim. (CM V,12-14)

Também aqui Cirilo não abandona seu método alicerçado na Sagrada Escritura. Sua reflexão é pautada na Palavra, como quem reafirma a cada passo o primado absoluto de Deus e sua Revelação presente na Palavra. Com esta metodologia, Cirilo não parte de si mesmo, não ensina a si mesmo, através de considerações pessoais, mas anuncia o Senhor e seu projeto, até mesmo na escolha das mediações pedagógicas para seus ensinamentos.

Observemos também como a Catequese sobre o Pai Nosso é um verdadeiro diálogo entre o céu e a terra, assim como a encarnação de Jesus é a própria moradia de Deus entre nós, as palavras do Pai Nosso, cada vez que proferidas, se tornam dinâmica mistagógica nesta aproximação entre Deus e seus filhos e filhas.

O tema do ‘pão cotidiano’ é compreendido como símbolo do alimento espiritual, aquele que manterá erguida a dignidade de filho de Deus, a cada dia.

Nosso pão substancial dá-nos hoje’. O pão comum não é substancial. Mas este pão é substancial, pois se ordena à substância da alma. Este pão não vai ao ventre nem é lançado em lugar escuso, mas se distribui sobre todo o organismo, em proveito da alma e do corpo. O ‘hoje’ equivale a dizer de ‘cada dia’, com também dizia Paulo: ‘Enquanto perdura o hoje’. (CM V,15)

Na sequência, Cirilo comenta os versos do perdão dos pecados, da tentação e da presença do mal no mundo. Ele exorta os fiéis a uma postura consciente, de arrependimento e humildade diante de Deus e dos irmãos, reconhecendo as próprias situações de pecado.

Cirilo trata o termo ‘dívidas’ como sinônimo de ‘ofensas’ e não como dívidas de cunho material. Há uma desproporção entre nossas ofensas a Deus e as ofensas do irmão contra nós e, portanto, a exigência do perdão como um gesto simples de nossa parte, perto do amor de Deus que perdoa nossas faltas

gravíssimas. O perdão ao irmão é uma atitude consequente diante da misericórdia divina.

E perdoa-nos as nossas dívidas assim como nós perdoamos aos nossos devedores'. Temos muitos pecados. Caímos, pois, em palavra e em pensamento e fazemos muitas coisas dignas de condenação. 'E se dissermos que não temos pecado, mentimos', como diz João. Fazemos com Deus um pacto pedindo-lhe que nos perdoe nossos pecados como também nós perdoamos ao próximo suas dívidas. Tendo presente, portanto, o que recebemos em troca do que damos, não sejamos negligentes, nem deixemos de perdoar uns aos outros. As ofensas que se nos fazem são pequenas, simples, fáceis de reconciliar. As que nós fazemos a Deus são enormes e temos necessidade só de sua benignidade. Cuida, então, que por faltas pequenas e simples contra ti não te excludas do perdão, por parte de Deus, dos pecados gravíssimos. (CM V,16)

O pecado é apontado como queda, e, às vezes, também como intenção. A atitude de vigilância e de tomada de consciência faz parte de um processo de amadurecimento e reconhecimento das próprias limitações e da necessidade do amor de Deus para agir com a dignidade de filho de Deus.

A tentação é abordada como algo que faz parte do processo vital e das escolhas fundamentadas no projeto de Deus. No entanto, o diferencial não é que não existam, mas que não se sucumba às tentações, deixando-se levar por elas, sem uma atitude de confronto e luta pela superação. A petição do Pai Nosso se dá no sentido do fortalecimento, a fim de se salvar nos momentos de tentação. É a graça de Deus que potencializa esta superação.

Onde o texto traduzido apresenta a fórmula '*não nos induzas*', o texto grego traz o termo – e, senšgkhj – que, em nossa percepção, indica um pedido de fortalecimento, de uma ação de impedimento, como uma ação mistagógica do próprio Deus, que conduz e fortalece seus filhos para o combatimento, para a superação das tentações.

O verso final do Pai Nosso refere-se ao livramento do mal. Este é atribuído a um ente, um ser que personifica o mal e que é adversário de Deus e de seu projeto.

E não nos induzas em tentação', Senhor. (...) Mas entrar em tentação jamais é o mesmo que ser submerso por ela. A tentação, pois, se assemelha a uma torrente difícil de atravessar. Os que, então, não são submersos nas tentações, atravessam, como bons nadadores, sem serem arrastados pela corrente. Os que não são assim, uma vez que entram, são submersos. Assim, por exemplo, Judas, entrando na tentação da avareza, não passou a nado, mas, submergindo, afogou-se corporal e espiritualmente. Pedro entrou na tentação de negação, mas, tendo entrado, não submergiu; antes, nadando com vigor, se salvou da tentação. (...)

‘Mas livra-nos do Mal’. Se a expressão ‘não nos induzas em tentação’ significasse não sermos de modo algum tentados, não se diria: ‘Mas livra-nos do Mal’. O Mal é o demônio, nosso adversário, do qual pedimos ser libertos.(CM V,17-18)

Ainda sobre este tema, observemos os dois modelos apresentados por Cirilo, Judas e Pedro. Judas é uma chave de compreensão para aquele que submerge à tentação, o que, para ele, é fatal, porque conduz ao afastamento de Deus, ao desespero e à morte. Pedro passa pela tentação, a experimenta e até parece sucumbir a ela. No entanto, vive um processo de combate interior, espiritual, de discernimento e renovação da orientação fundamental de sua vida. Cirilo não nega a presença do mal, das tentações, e mesmo a própria experiência de errar, no sentido de sucumbir. O processo de amadurecimento exige tomada de consciência e direcionamento no sentido de combater as causas daquela tentação e caminhar na direção que fundamenta a salvação. Portanto, não significa que aquele que assume o caminho cristão não passe por tentações, não erre mais, porém ao abrir-se à graça e misericórdia de Deus, é fortalecido para superar as limitações e prosseguir no seguimento de Jesus.

Na tradução com a qual estamos trabalhando, o ‘mal’ aparece com letra maiúscula, em outras a palavra utilizada é ‘o maligno’. Nas duas formas, vemos mais uma vez a personalização do mal, recorrente nas Catequeses e formalmente afirmada ao final deste trecho. O Mal é a causa do desvio, o que induz ao erro, ao pecado, ao afastamento, às tentações plurais que se encontram no caminho do cristão. Ao Mal, com letra maiúscula, só o Bem pode combater, numa referência a Deus, supremo e único Bem.

O verso final é também apresentado como um selo de conclusão – ‘*amém*’ – e o texto bíblico que Cirilo traz aqui é o ‘sim’ de Maria, o ‘fiat’ que aceita, na liberdade e na responsabilidade, participar do projeto de Deus. O sentido do ‘amém’ colocado ao final do Pai Nosso indica a aliança, um projeto que se assume no cotidiano, um consentimento livre de que a Graça de Deus oriente todo o seu agir. Cirilo desperta nos catecúmenos a consciência cada vez mais profunda de que sua existência e seu agir moral estão enraizados no ser e no agir de Cristo⁴⁹⁶.

⁴⁹⁶ Cf. ARAÚJO, J. M. op. cit., p. 788.

Depois, terminada a prece, dizes: 'amém', selando com este amém – que significa 'faça-se' – o que contém na oração ensinada por Deus. (CM V,18)

Esta Catequese sobre a Celebração Eucarística caminha agora para a etapa final, para o momento da comunhão, da participação de cada um no Mistério eucarístico. Retoma o tema da santidade, ao qual somos chamados e já participantes pelo dom de Deus. O tema da Eucaristia, já trabalhado na Catequese específica sobre o Pão e o Vinho, é lembrado brevemente, num zelo mistagógico.

Após chamar a atenção sobre o momento de culminância de toda a mistagogia que vêm experimentando, Cirilo dedica-se ao momento da comunhão, integrando as dimensões corporais, espirituais, intelectuais. O texto é belíssimo, vale a pena deliciar-se com sua descrição mistagógica.

Ao te aproximares da comunhão, não vás com as palmas das mãos estendidas, nem com os dedos separados; mas faze com a mão esquerda um trono para a direita como quem deve receber um Rei no côncavo da mão espalmada recebe o corpo de Cristo, dizendo: 'Amém'. Com segurança, então, santificando teus olhos pelo contato do corpo sagrado, toma-o e cuida de nada se perder. Pois se algo perderes é como se tivesses perdido um dos próprios membros. Dize-me: se alguém te oferecesse lâminas de ouro, não as guardarias com toda segurança, cuidando que nada delas se perdesse e fosses prejudicado? Não cuidarás, pois, com muito mais segurança de um objeto mais precioso que ouro e pedras preciosas, para dele não perderes uma migalha sequer?

Depois de teres comungado o corpo de Cristo, aproxima-te também do cálice do seu sangue. Não estendas as mãos, mas inclina-te, e, num gesto de adoração e respeito, dize 'amém'. Santifica-te tomando também o sangue de Cristo. E enquanto teus lábios ainda estão úmidos, roça-os de leve com tuas mãos e santifica teus olhos, tua frente e teus outros sentidos. Depois, ao esperares as orações finais, rende graças a Deus que te julgou digno de tamanhos mistérios. (CM V,21-22)

Observemos o cuidado com os detalhes, com que Cirilo relembra a experiência da comunhão do Corpo e Sangue de Jesus Cristo. A comunhão em duas espécies, o pão e o vinho, separadamente, cada um com seu ritual de acolhida do Mistério e de entrega pessoal ao dom de Deus. As mãos, o olhar, todo o ser deve convergir para o Mistério que se revela e do qual é convidado a participar integralmente. A reverência ao sagrado é feita na integralidade da pessoa. Com o exemplo da preciosidade das lâminas de ouro vemos que, mais uma vez, Cirilo se aproxima da realidade de seus ouvintes, perfazendo um ensinamento que possam compreender concretamente e render-se ao grande Mistério que está diante de seus olhos e a cada um se confia e se entrega. A

santificação dos olhos, da frente e outros sentidos é um convite à dimensão integral do processo santificador.

Ao final da comunhão, Cirilo convida ao encontro pessoal com Jesus e à ação de graças na intimidade de quem participa da santidade do Senhor e, por isso, é resgatado e elevado à dignidade pelo próprio Senhor.

Conservai inviolavelmente essas tradições e vós mesmos guardai-vos sem ofensa. Não vos separeis da comunhão nem pela mancha do pecado vos priveis desses santos e espirituais mistérios.

‘O Deus da paz santifique-vos completamente. Conserve-se inteiro o vosso espírito, e a vossa alma e o vosso corpo sem mancha, para a vinda de Nosso Senhor Jesus Cristo’, a quem a glória pelos séculos dos séculos. Amém. (CM V,23)

Cirilo reforça o ensinamento quanto à tradição da qual agora são herdeiros, guardiães e transmissores. É uma referência ao Povo de Deus, à Aliança firmada entre Deus e os homens e renovada em Jesus Cristo, às comunidades apostólicas e ao Magistério que orienta a caminhada eclesial. Todos os mistérios do qual participaram e os ensinamentos que receberam possuem uma história da qual agora fazem parte, uma tradição ao qual devem honrar e preservar com suas vidas e escolhas existenciais. Nem mesmo os erros e limitações que conduzirem ao pecado devem ser motivo para se afastarem do dom de Deus.

O verso conclusivo é uma oração de ação de graças, uma exortação, uma bênção sacerdotal pela santificação plena de cada um e de toda a comunidade ali reunida em nome do Senhor.

Com esta primeira leitura das *Catequeses Mistagógicas* de Cirilo de Jerusalém, nos deparamos com a sabedoria de um dos grandes Padres da Igreja. Cirilo foi um homem atento ao seu tempo, com uma espiritualidade que se expressa na delicadeza e adequação de suas palavras, e na pedagogia com a qual fundamenta seus ensinamentos, sempre na Sagrada Escritura. Ele orienta a Iniciação Cristã de Adultos como um caminho pelo qual catequista, neófitos, comunidade, Igreja, Povo de Deus, todos caminham juntos.

Neste processo catecumenal observamos alguns pontos-chave:

1. Atenta fidelidade à dogmática e à Tradição ao longo dos ensinamentos;
2. Adequação de linguagem de acordo com o grupo e as questões sociais e teológicas com as quais convivem;

3. Embasamento na Sagrada Escritura;
4. Integração entre catequese-liturgia-Palavra de Deus-vida prática;
5. Atitude paterna, pastoral, amorosa e misericordiosa;
6. Centralidade no Mistério Pascal;
7. Foco na experiência litúrgica;
8. Exortação constante à vigilância diante do mal e das tentações;
9. Motivação à atitude contemplativa e orante diante do Mistério do qual os neófitos já participam;
10. Construção pedagógica dos conceitos centrais da fé cristã;
11. Conscientização da pertença eclesial;
12. Conscientização quanto à continuidade do caminho de seguimento e necessidade da perseverança.

Estes elementos reunidos delineiam o rosto de um místico e um catequista da Igreja, que reflete em sua ação pastoral, uma dinâmica da qual não apenas anuncia, mas que experimenta em sua própria espiritualidade. É esse referencial que faz com que cada homilia de Cirilo seja um verdadeiro caminho mistagógico. Sua mistagogia brota de sua própria experiência de encontro com o Senhor, que o envia a este serviço pastoral-pedagógico, e dela também sua profunda sintonia com seu tempo e sua Igreja.

2.3

O eixo mistagógico em Cirilo. Teologia e Pedagogia em parceria

Até esta etapa, nossa investigação procurou apreender a obra de Cirilo, através da análise de edições críticas e, principalmente, por meio das palavras que chegaram até nós nas *Catequeses*, especialmente, as *Catequeses Mistagógicas*. Deixamos que as palavras de Cirilo ecoassem em nossa compreensão e espiritualidade, num verdadeiro processo catequético, no sentido de ‘ouvir a voz que ressoa’⁴⁹⁷ e convida a colocar em prática os ensinamentos recebidos. Fizemos,

⁴⁹⁷ Etimologicamente, a palavra catequese procede do verbo *katecheo*, de origem grega: *katá* (a partir de) + *echos* (voz, fala, eco) -, que significa ressoar, fazer ecoar junto aos ouvidos. O ensinamento catequético é como um eco, o ressoar da Palavra de Deus mediante a voz do catequista. J. A. Silva apresenta a etimologia e aplicações do termo desde sua origem grega até nossos tempos, chamando a atenção para a idéia de ‘eco’, de ‘ressoar’, com a conservação do ‘ch’ no português arcaico (catechese), e ainda hoje, no francês (catéchèse) e no italiano (catechesi). “Podemos então dizer que a palavra catequese remete ao ecoar de algo que, na tradição cristã, é a

também nós, a experiência do catecúmeno ouvindo o mestre e acolhendo no coração e na vida o convite que vem do próprio Senhor: “*O Deus de toda graça, que vos chamou à sua glória eterna em Cristo, Ele vos restabelecerá depois que tiverdes sofrido por um pouco de tempo; Ele vos firmará, vos fortalecerá e vos há de tornar inabaláveis*”⁴⁹⁸.

Nessa etapa de nosso trabalho, buscaremos compreender a teologia que se encontra subjacente às homilias catequéticas, o pensamento do autor e a metodologia que, como fios integrados de um mesmo tecido, visam responder aos desafios pastorais de seu tempo.

A fim de nos situarmos no contexto em que o autor desenvolve as Catequeses Mistagógicas, relembramos brevemente alguns fatores importantes para nossa análise.

1. O processo de discernimento e amadurecimento da dogmática cristã e a presença das controvérsias, evidenciando-se a teologia trinitária e as heresias de cunho ariano, marceliano e sabeliano;

2. A Iniciação Cristã está dando seus primeiros passos na organização e sistematização de um processo catequético, fundado na Sagrada Escritura, na fé transmitida pelos apóstolos e na legitimidade do magistério eclesial. Desenvolve-se uma formação com base na Palavra de Deus, na liturgia como mistagogia, no compromisso explicitado na mudança de vida, e no testemunho pessoal e comunitário;

3. A diversidade cultural dos iniciantes na fé cristã, com a presença de um grupo simples, proveniente da própria Jerusalém, mas também de grupos pagãos e grupos provenientes do judaísmo⁴⁹⁹;

4. A compreensão de liturgia e dos sacramentos que observamos nas homilias do autor é presente em outros Padres da Igreja, contemporâneos de Cirilo, mas possui traços característicos de sua originalidade. A liturgia ocupa

Palavra que ecoou pelo mundo a partir do mistério de Cristo, e continua re-ecoando aos nossos ouvidos nas celebrações litúrgicas, quando a Palavra é proclamada e explicada, e quando fazemos memória do mistério pascal pelos Sacramentos, pelo Ofício divino e tantos outros tipos de celebrações litúrgicas”. SILVA, J. A. Relação entre Catequese e Liturgia. Uma visão histórico-teológica geral. In: SIVINSKI, M. e SILVA, J. A. (orgs) *Liturgia no coração da vida*. São Paulo: Paulus, 2006, pp. 133-134; Cf. SAEZ, J. L. Catecumenato. In: *Dicionário de Espiritualidade*. FIORES, S. G. T. (org.) São Paulo: Paulus, 1998, p. 99.

⁴⁹⁸ 1Pd 5,10. Início da Primeira Catequese Mistagógica, convite à oração diante da Palavra de Deus. Cf. CIRILO DE JERUSALÉM. Petrópolis: Vozes, op. cit., p. 25.

⁴⁹⁹ Cf. DRIJVERS, J. W. op. cit., Introd. XV. pp. 6-8.

lugar central na experiência cristã, é compreendida como lugar teológico, onde a pessoa se identifica com Cristo em sua centralidade salvífica e a relação entre liturgia e vida sacramental é integrada;

5. O ‘locus’ teológico que significa a cidade de Jerusalém, especial para o desenvolvimento do trabalho pastoral de Cirilo. Uma das primeiras comunidades cristãs, respeitada pelo Magistério como ‘mãe’ das comunidades eclesiais. A grande presença de peregrinos na chamada ‘cidade santa’ e forte conexão entre a topografia e a liturgia⁵⁰⁰.

Colocados esses pressupostos, vejamos como o autor das *Catequeses Mistagógicas* atua como teólogo e como catequista, estabelecendo um diálogo entre o anúncio evangélico e a problemática de seu tempo. Cirilo não prescinde de nenhum dos dois desafios. Persevera no anúncio querigmático, em um processo de evangelização fiel à sua compreensão teológica e ao Magistério. Leva em consideração as características dos grupos de iniciantes, seu contexto social, cultural e religioso e, de forma original, constrói um caminho mistagógico.

Estabeleceremos um diálogo com Cirilo de Jerusalém, a partir de características que irrompem como categorias da teologia subjacente em suas *Catequeses*. No decorrer da nossa leitura, procuramos nos aproximar do jeito de ser e agir deste pastor da Igreja, estabelecendo um vínculo, uma familiaridade com eles⁵⁰¹. A partir daí fizemos uma releitura dos textos, procurando interpelá-los, através de um diálogo que procurou recolher os fundamentos teológicos e o eixo mistagógico presente nas *Catequeses Mistagógicas*. Em um terceiro momento, organizamos sistematicamente as categorias recolhidas dessa fonte da Tradição, com uma hermenêutica atenta ao próprio Cirilo de Jerusalém e à relevância de sua Mistagogia para todos os tempos⁵⁰².

Estas categorias serão apresentadas como referenciais para nossa interpretação e como critérios abalizadores para experiências contemporâneas.

⁵⁰⁰ Ibid., pp. 79-83.

⁵⁰¹ Procuramos seguir as orientações quanto aos estudos patrísticos a partir dos especialistas. Cf. PADOVESE, L. op. cit., pp. 39-40. Esta leitura das obras patrísticas é orientada por A. Grillmeier e compartilhada por H. Von Balthasar e B. Studer. Cf. GRILLMEIER, A. *Cristo en la tradición cristiana*. Salamanca: Sígueme, 1997; VILANOVA, E. *Historia de la Teologia Cristiana*. V.I. Barcelona: Herder, 1987, p. 136.

⁵⁰² Nesta etapa seguimos as orientações presentes no trabalho de A. AMATO. *Studio dei Padri e teologia dogmática*. In: TRIACCA, A. M. e COVOLO E. *Lo studio dei padri della chiesa oggi*. Roma: Ateneo Salesiano, 1991, p. 89.

Elencamos a seguir as categorias teológicas identificadas nas Catequeses de Cirilo:

1. *A adequação da linguagem*
2. *A concepção de Liturgia*
3. *A ênfase na participação*
4. *A compreensão de Revelação*
5. *A estrutura narrativa da Sagrada Escritura*
6. *O Símbolo da Fé*
7. *O seguimento e a conversão existencial*
8. *O embasamento na Tradição*
9. *A perspectiva missionária*
10. *A dimensão contemplativa*

Reconhecemos que a reflexão teológica e a prática pastoral do tempo de Cirilo de Jerusalém não podem ser simplesmente transpostas para as comunidades atuais. Tenhamos, portanto, diante de nosso trabalho teológico, três premissas que orientaram este diálogo aproximativo:

1. Em primeiro lugar, o fato de que estamos diante de uma experiência da Tradição da Igreja, que é fonte de sabedoria e orientação firme com relação aos princípios fundamentais da fé cristã;

2. Em segundo lugar, nossa aproximação teológica será feita de forma narrativa, a partir de um encontro vivo com os textos de Cirilo de Jerusalém, em seu contexto histórico e vivência concreta;

3. Em terceiro lugar, a partir deste diálogo teológico, estaremos atentos a recolher os fundamentos que permanecem na mistagogia, a fim de que possam ser retomados como princípios orientadores para a Iniciação Cristã com Adultos em nosso tempo.

Discorreremos, a seguir, sobre cada categoria da mistagogia identificada, observando, porém, que cada uma é parte de uma única trama que tece o eixo mistagógico que estrutura o processo implementado por Cirilo de Jerusalém.

2.3.1

A Adequação da Linguagem

Um primeiro traço marcante em nosso autor é a simplicidade e habilidade na linguagem. Cirilo é conhecido por sua capacidade como orador, simples sem ser superficial, desenvolve uma catequese rica em exemplos, em aconselhamentos práticos, existenciais⁵⁰³.

Sua linguagem se adequa a cada grupo cultural, sintonizando-se com as experiências de vida, com as questões próprias do meio ambiente cultural e social, com as dúvidas que pairam no período de formação na fé⁵⁰⁴.

Cirilo apresenta, em sua linguagem, grande habilidade pastoral, entremeando os textos bíblicos com a compreensão da liturgia vivenciada, aplicando os ensinamentos na vida cotidiana. E isso tudo sem perder a fundamentação teológica afinada com a ortodoxia da Igreja.

Vejamos alguns exemplos do que expomos:

Esperei a ocasião presente, para encontrar-vos, depois desta grande noite, mais preparados para compreender o que se vos fala e levar-vos pelas mãos ao prado luminoso e fragrante deste paraíso. (CM I,1)

E assim como nosso Salvador passou três dias e três noites no coração da terra, do mesmo modo vós, com a primeira emersão, imitaste o primeiro dia de Cristo na terra, e com a imersão, a noite. Como aquele que está na noite nada enxerga e ao contrário o que está no dia tudo enxerga na luz, assim vós na imersão, como na noite, nada enxergastes; mas na emersão, de novo vos encontrastes no dia. E neste momento morrestes e nascestes. (CM II,4)

Mas não será por acaso que Cirilo faz uso dessa metodologia na linguagem catequética. As palavras de Cirilo, mesmo que não registradas por escrito pelo autor, são maduras, selecionadas para seus ouvintes, demonstrando conhecimento da comunidade que tem diante de si e dos desafios culturais e teológicos que vêm experimentando. A sensibilidade pastoral presente em suas homilias reflete um pastor atento, presente, acompanhando não apenas a comunidade de fiéis, mas também a sociedade em suas mudanças e interpelações à vida cristã⁵⁰⁵.

Essa é uma das características que nos deteremos mais adiante, de alguém que tem um eixo pastoral-pedagógico e, ao mesmo tempo, profunda espiritualidade e compreensão da liturgia como experiência de diálogo entre Deus e seus filhos e filhas.

⁵⁰³ Cf. RIGGI, C. op. cit., p. 8; BIELSA, J.S. op.cit., pp. 16-17; PIEDÁGNEL, A. op. cit., p. 71.

⁵⁰⁴ Cf. CROSS, F. L. op. cit., introd. pp. XXXIII-XXXIV e p.11; RIGGI, C. op. cit, p. 8; HAMMAN, A. op. cit., p. 212.

⁵⁰⁵ Cf. BIELSA, J.S. op. cit., pp. 16-17.

2.3.2

A concepção de Liturgia

A segunda característica que se nos apresenta é a concepção de liturgia que alicerça as *Catequeses Mistagógicas*.

Estamos em um período no qual a liturgia é nuclear na formação e vivência do Cristianismo⁵⁰⁶ e Cirilo comunga do mesmo processo que seus contemporâneos na reflexão teológica e orientação pastoral⁵⁰⁷. A dimensão pascal é central e, conseqüentemente, vigora o cristocentrismo do processo de salvação, tanto no plano antropológico quanto cosmológico⁵⁰⁸.

O primado da experiência litúrgico-sacramental é claro. É esta experiência que potencializa a formação dos neófitos. Nela se reúnem as condições da própria dinâmica da Revelação: a iniciativa de Deus, a ação sacramental, a configuração em Cristo Jesus, a revisão e mudança de vida, o testemunho e o compromisso comunitário-eclesial.

Os ritos litúrgicos têm valor sacramental. Não são apenas representativos, no sentido simbólico, mas são performativos, configurando cada fiel que experimenta a liturgia, em Cristo Jesus. As catequeses também nos falam do valor representativo e catequético dos ritos litúrgicos, mas a centralidade destes é o valor sacramental, de inserção de cada pessoa e da existência humana, no Mistério pascal⁵⁰⁹.

E. Mazza⁵¹⁰ explicita o enraizamento crístico nessa compreensão da liturgia e de seus ritos: “As ações de Cristo são portadoras de salvação, de sacramentalidade, como a imersão batismal, a nudez, que significa despir-se do

⁵⁰⁶ Jerusalém tem um grande e inovador papel no desenvolvimento da liturgia na Igreja nascente, e Cirilo foi bastante responsável pela evolução dos ritos e expansão da liturgia que acontecia no IV séc. Jerusalém era uma exportadora de práticas litúrgicas para o resto do mundo cristão. Cf. DRIJVERS, J.W. op. cit., p. 71; CROSS, F. L. op. cit., Introd. p. XXXIV.

⁵⁰⁷ Cf. YARNOLD, E. *The awe inspiring rites of initiation*. op. cit. Neste trabalho Yarnold analisa a configuração dos ritos de Iniciação Cristã através das obras catequéticas de Ambrosio de Milão, João Crisóstomo, Cirilo de Jerusalém e Teodoro de Mopsuestia.

⁵⁰⁸ Cf. RIGGI, C. op. cit., p. 8.

⁵⁰⁹ Cf. MAZZA, E. op. cit., p. 176.

⁵¹⁰ E. Mazza analisou a mistagogia como ‘Teologia da Liturgia na época patrística’, não apenas em Cirilo de Jerusalém, mas também em seus contemporâneos: Ambrosio de Milão, Teodosio de Mopsuestia e João Crisóstomo. Cf. MAZZA, E. *La Mistagogia. Una Teologia della Liturgia in epoca patristica*. Roma: Edizioni Liturgiche. 1988

homem velho. Não se trata de significados, mas de ações, de eventos que são portadores de salvação”⁵¹¹.

Cirilo trabalha com o conceito de *mimesis*, no sentido de imitação que configura a criatura naquele que é seu ‘modelo’. Na dimensão pascal celebrada nos rituais litúrgicos, não apenas se faz memória, mas verdadeiramente se experimenta a *mimesis* do Cristo. Em Cirilo, imitação é identidade e, liturgicamente, identificação crística. É um conceito sacramental, que não indica o ritual na sua perspectiva visível, mas a dimensão interna e invisível da celebração⁵¹². Nas Catequeses a ‘imitação’ experimentada através dos ritos litúrgicos, tem eficácia e valor sacramental.

No mesmo momento morrestes e nascestes. Esta água salutar tanto foi vosso sepulcro como vossa mãe.(CM II,4)

Ora, vós vos tornastes cristos, recebendo o sinal do Espírito Santo, e tudo se cumpriu em vós em imagem, pois sois imagens de Cristo. (CM III,1)

Cirilo está em harmonia com o pensamento de seus contemporâneos e da patrística: a liturgia é sacramental, mas distinta do momento histórico de salvação⁵¹³. Em Cirilo, o que distingue o momento sacramental do momento histórico salvífico, é caracterizado com duas palavras diferentes: ‘imagem’ e ‘verdade’ – ‘οὐ tupikîj εἰς εἰκόνος’⁵¹⁴. (CM III,6)

Passai agora comigo das coisas antigas às novas, da figura à realidade. (CM I,3)
Não morremos em verdade, não fomos sepultados em verdade, não fomos crucificados e ressuscitados em verdade. A imitação é uma imagem; a salvação, uma verdade. (CM III,5)

(...) Mas essas coisas lhe aconteceram em figura. A vós, porém, não em figura, mas em verdade. Isso, já que o começo de vossa salvação remonta àquele que foi ungido pelo Espírito Santo.(CM III,6)

Esta dinâmica entre a História da Salvação e o processo salvífico experimentado na liturgia sacramental é um eixo mistagógico. A Revelação é acontecimento e processo, é plena e econômica, é realização plena e caminho de seguimento de Jesus Cristo.

⁵¹¹ MAZZA, E. op. cit., pp. 176-177.

⁵¹² Ibid., pp. 174-177.

⁵¹³ Mais adiante retomaremos a relação entre *typos* e *antitypos* nas *Catequeses Mistagógicas*, aprofundando a relação com a liturgia.

⁵¹⁴ Cf. MAZZA, E. op. cit., pp. 177-178.

Ainda no que se refere à dimensão litúrgica da mistagogia de Cirilo, observamos o quanto a corporalidade está integrada aos ritos, gestos, ganhando significado simbólico. A corporalidade, forte elemento da liturgia, torna-se sinal sacramental, princípio que dá sentido e integra a pessoa humana na sua totalidade ao Mistério pascal. Nesse sentido, a liturgia respeita a dimensão profundamente simbólica da pessoa humana em sua corporalidade, e oportuniza uma espiritualidade igualmente densa de significados, uma experiência que escapa à própria linguagem cognitiva.

A integração do corpo, dos gestos, é feita também com cuidado pedagógico, respeitando a passagem que é experimentada no ritual, conduzindo à sensibilidade pessoal e coletiva, mais do que a racionalidade, a fim de ultrapassar uma compreensão intelectual. Estamos também aqui diante de uma forte dimensão da mistagogia, vivida como experiência inenarrável, mas que é percebida interiormente e ganha uma memória única, a memória simbólica experimentada pela própria pessoa, em sua corporalidade.

Apenas alguns trechos para ilustrar essa dimensão, pois toda a liturgia sacramental é marcada por gestos, o que tornaria muito extensa essa descrição.

Entrastes primeiro no adro do batistério. Depois vos voltastes para o Ocidente e atentos escutastes. Recebestes então a ordem de estender a mão, e renunciastes a satanás como se estivesse ali presente. É preciso que saibais que na história antiga há uma figura deste gesto. (CM I,2)

Logo que entrastes, despistes a túnica. E isto era imagem do despojamento do velho homem com suas obras. Despídos, estáveis nus, imitando também nisso a Cristo nu sobre a cruz. (CM II,2)

Depois de despídos, fostes ungidos com óleo exorcizado desde o alto da cabeça até os pés. Assim, vos tornastes participantes da oliveira cultivada, Jesus Cristo. (CM II,3)

Cirilo respeita uma antropologia, na qual o corpo, o entendimento, as emoções, não são elementos separados, mas integrados numa única experiência humana. Podemos dizer, em unidade com os liturgistas, que aqui há uma experiência viva da sacramentalidade do corpo⁵¹⁵, na medida em que, os gestos não são meras repetições ou mímicas, mas são vividos simbolicamente, inseridos no Mistério litúrgico, e integrando a pessoa ao Mistério de Deus que a todos envolve.

⁵¹⁵ Cf. LAFONT, G. A experiência espiritual e o corpo. In: GOFFI, T. e SECONDIN, B. (orgs.) *Problemas e perspectivas de Espiritualidade*. São Paulo: Loyola, 1992, p. 16.

As *Catequese Mistagógicas* procuram ajudar o neófito a compreender o significado dos gestos corporais que experimentou sacramentalmente, contudo, essa experiência fala por si, a cada neófito. Portanto, ao tratar da dimensão simbólica da liturgia, o que Cirilo intenta é construir uma linguagem que não visa definir a experiência, mas orientar para a grandeza do Mistério que é vivido.

Esta dimensão não tem caráter individualista, portanto, lembramos mais uma vez, o cuidado pedagógico de Cirilo no traçado da História da Salvação e da Tradição eclesial, associando cada gesto à representação e significado bíblico, ao Mistério de participação no corpo místico de Cristo, e na Igreja, corpo comunitário, sociedade visível e testemunha do Mistério na humanidade.

2.3.3

A ênfase na Participação

Para definir a relação entre o rito sacramental e o evento salvífico da Páscoa de Cristo, Cirilo faz uso recorrente do termo *'koinonia'*, no sentido de participação. É mais do que um simples termo pronunciado nas Catequese, pois marca uma chave de leitura para compreensão da experiência vivida na liturgia sacramental⁵¹⁶.

O óleo exorcizado era símbolo, pois, da participação da riqueza de Cristo. (CM II,3)

Talvez dissesse estas coisas por causa de alguns, dispostos a ver o batismo como prodigalizador da remissão dos pecados e da adoção, mas não como participação, por imitação, dos verdadeiros sofrimentos de Cristo. (CM II,6)

Vós fostes ungidos com o óleo, feitos partícipes e companheiros de Cristo. (CM III,2)

Desse modo, 'tornamo-nos partícipes da natureza divina'. (CM IV,3)

O conceito de participação no Mistério pascal é um eixo mistagógico. A celebração torna sacramentalmente presente o Mistério salvífico a que faz referência: a Páscoa de Jesus Cristo. Na liturgia, o neófito experimenta verdadeiramente a plenitude da vida cristã 'por meio' e 'na' celebração eucarística.

Para a patrística a liturgia é o culto da Igreja, integrado no marco dos mistérios da Salvação. As ações litúrgicas são compreendidas como celebração do

⁵¹⁶ Cf. MAZZA, E. op. cit., pp. 179.

Mistério de Cristo; ritos que, em seu acontecer simbólico, manifestam, fazem presente e comunicam a morte e ressurreição do Senhor⁵¹⁷. Os Padres da Igreja compreendem a liturgia neste eixo e Cirilo, sintonizado com esta teologia da liturgia, orienta este processo mistagógico: ao ser introduzido no Mistério pascal, pela dinâmica litúrgico-sacramental, cada pessoa é verdadeiramente participante do mesmo Mistério⁵¹⁸.

A participação de cada pessoa, de cada cristão, no Mistério pascal constitui não apenas um gesto singular, mas pela própria sacramentalidade dos atos litúrgicos, participa da dinâmica da Revelação, a qual tudo conduz para o Reino definitivo, levando à plenitude a Igreja que caminha e, por seu envio e testemunho, toda a humanidade.

Ainda integrado com este conceito tão recorrente nas *Catequeses Mistagógicas*, o tema da participação nos conduz a uma visão eclesiológica. As instruções são realizadas em âmbito comunitário, assim como os sacramentos e toda a sua pregação integra o processo pessoal ao comunitário e, este, à dinâmica da História da Salvação, em unidade com todo o povo de Deus. Também as orações refletem essa visão eclesiológica, abrangendo a unidade de todos os fiéis e a comunhão dos santos⁵¹⁹.

Cirilo está sintonizado com o vínculo entre liturgia e comunidade, entre comunidade local e comunidade universal. Não compreende a liturgia como um momento isolado no campo pessoal ou no campo da igreja local. As ações litúrgicas são experimentadas e interpretadas como celebrações eclesiais, como sacramento de todo o Povo de Deus eleito e peregrino na história rumo ao horizonte escatológico.

O sentido de pertença eclesial indica vários elementos: o sacerdócio comum, a identidade cristã, o aspecto testemunhal e missionário, o aspecto hermenêutico, o caráter dialógico da dinâmica da Revelação.

⁵¹⁷ Cf. GUTIÉRREZ-MARTÍN, J. L. *Belleza y misterio. La liturgia, vida de la Iglesia*. Navarra: Eumsa, 2006, p. 74.

⁵¹⁸ Cf. ARAÚJO, J. M. op. cit., p. 786.

⁵¹⁹ Em seu artigo citado anteriormente, J. M. Araújo identifica a dimensão comunitária como fundamento nas Catequeses Mistagógicas de Cirilo de Jerusalém: “A liturgia das catequeses está fundada no sólido ambiente fraterno e comunitário-cultural celebrativo dos mistérios da vida cristã, a partir do e no qual os neófitos restaurar-se-ão e revigorarão suas contínuas forças para viverem autenticamente a fé cristã como partícipes da natureza divina por Cristo, no Espírito Santo.” ARAÚJO, J. M. op. cit., p. 779 e 786.

2.3.4

A Dinâmica da Revelação

Nas bases desse conceito de participação no Mistério pascal reside a teologia da Revelação, a dinâmica de autocomunicação de Deus e de abertura da pessoa humana para seu projeto salvífico. Nos conteúdos e na metodologia das *Catequeses Mistagógicas*, verificamos que possuem seu fundamento teológico na dinâmica da Revelação entre Deus e seus filhos e filhas. A iniciativa do Deus que vem, que convida, que se revela, que se entrega, que é misericordioso, é encontrada passo a passo nas Catequeses.

Na teologia subjacente às Catequeses encontra-se um processo dialógico que convida à entrega e à resposta ao convite de Deus, já presente na vida do fiel, atuante na vida do povo de Deus. Cirilo sempre parte da iniciativa de Deus, é ele o autor do convite e do processo de conversão. Suas Catequeses não impõem, mas propõem; não submetem, mas anunciam o caminho; não pressupõem conversão imediata, mas respeitam as condições para a resposta pessoal; não se atêm ao discurso doutrinário, mas acompanham e orientam as escolhas pessoais em direção à vida nova que lhe é anunciada.

Vejamos alguns exemplos:

Lá Moisés foi enviado por Deus ao Egito; aqui Cristo, do seio do Pai, foi enviado ao mundo. (CM I,3)

Ademais, poderoso é Deus que de mortos nos fez vivos, para conceder-vos que andeis em novidade de vida. A Ele a glória e o poder, agora e pelos séculos. Amém. (CM II,8)

Em verdade, Deus predestinando-nos à adoção de filhos, nos fez partícipes e Cristo (...). (CM III,1)

Na verdade, Cristo não foi ungido com óleo ou unguento material por um homem, mas foi o Pai que, estabelecendo-o com antecedência como Salvador de todo o universo, o ungiu com o Espírito Santo. (CM III,2)

Cada neófito é convidado a responder liturgicamente, na liberdade pessoal, ao convite de Deus. A Revelação pressupõe abertura da pessoa humana, mas também tomada de consciência e processo de decisão na liberdade e responsabilidade. A atitude de escuta da Palavra e da formação é atitude de 'escuta' do Mistério de Deus experimentado na liturgia sacramental. Cirilo reflete sobre a fé como uma dinâmica, de entrega, de confiança e de compromisso vital com Aquele em quem se crê e com seu projeto. É neste sentido que

compreendemos a ‘escuta’ das *Catequeses Mistagógicas*, do ‘audire’, da fé que chega pelo ouvido. Não como uma simples audição, mas o ouvir que aceita e segue, que obedece ao chamado, que implica em mudança de vida, em conversão⁵²⁰.

É uma ação evangelizadora que se reconhece como mediadora da relação entre Deus e a pessoa humana, que respeita o lugar imprescindível da experiência humana como condição de compreensão da Revelação⁵²¹.

Batizados em Cristo e dele revestidos, vos tornastes conformes ao Filho de Deus. Em verdade, Deus destinando-os à adoção de filhos, nos fez conformes ao corpo glorioso de Cristo. Feitos, pois, partícipes de Cristo, não sem razão, sois chamados cristos e é de vós que Deus disse: ‘Não toqueis os meus cristos’. Ora, vós vos tornastes cristos, recebendo o sinal do Espírito Santo, e tudo se cumpriu em vós em imagem, pois sois imagens de Cristo. (CM III,1)

Cirilo de Jerusalém assegura ao iniciante que no seu combatimento espiritual: “*A espada do Espírito está à sua disposição!*”⁵²² Para sublinhar a ação libertadora e santificadora de Deus na práxis catecumenal antiga é relevante a oração da comunidade, do catequista e do catecúmeno – e, para a ‘escuta’ da Palavra, muitas celebrações e ritos confirmam essa dinâmica.

Cirilo convida seus neófitos a se deixarem atingir pela Revelação. Através das narrativas bíblicas, das relações que vai tecendo entre figura e verdade, entre Povo de Deus e Igreja hoje, entre Cristo e cada pessoa, conduz a uma familiaridade progressiva com o jeito de Deus olhar, com a ótica de Deus, com o processo da Revelação, enfim. Na liturgia sacramental, vivenciada por cada um dos neófitos, a Palavra de Deus é apresentada como vida, como revelação de um grande Mistério, o próprio Mistério de Deus⁵²³.

A experiência vivida por cada neófito através dos sacramentos de Iniciação não se reduz a um conjunto de rituais litúrgicos, mas são etapas centrais de Iniciação ao Mistério de Deus, de consciência do mistério salvífico e de sua progressiva inserção neste Mistério⁵²⁴.

⁵²⁰ Sobre o processo de Revelação e a condição de ‘ouvinte’ da pessoa humana, ver obra capital de K. RAHNER, *Curso Fundamental da Fé*. São Paulo: Paulinas, 1989, especialmente o capítulo 1.

⁵²¹ Cf. GELABERT, M. *Valoración cristiana de la experiencia*. Salamanca: Sigueme, 1990, p. 18.

⁵²² CIRILO DE JERUSALÉM. Procatechesi 10. In: CIRILLO E GIOVANNI DI GERUSALEMME. *Catechesi Prebattesimali e Mistagogiche*. op. cit. P. 152.

⁵²³ Cf. COFFY, R. La celebración, lugar de la educación de la fe. Evangelización, Catequesis y Liturgia. In: *Phase 38*, Barcelona: Centro de Pastoral Litúrgica, 1980, p. 13.

⁵²⁴ Cf. MAESTRI, G. e SAXER, V. op. cit., p. 79.

Observemos alguns trechos que nos conduzem a esta mistagogia.

Oh! Fato estranho e paradoxal! Não morremos em verdade, não fomos sepultados em verdade, não fomos crucificados e ressuscitados em verdade. A imitação é uma imagem; a salvação, uma verdade. Cristo foi crucificado, sepultado e verdadeiramente ressuscitou. Todas estas coisas nos foram agraciadas a fim de que, participando, por imitação, de seus sofrimentos, em verdade logremos a salvação. Oh! Amor sem medida! Cristo recebeu em suas mãos imaculadas os pregos e padeceu, e a mim, sem sofrimento e sem pena, concede graciosamente por esta participação e salvação. (CM II, 5)

Ele, quando banhado no Rio Jordão e comunicando às águas a força da divindade, delas saiu e se produziu sobre ele a vinda substancial do Espírito Santo, pousando igual sobre igual. Também a vós, ao sairdes das águas sagradas da piscina, se concede a unção, figura daquele com que Cristo foi unguído. (CM III,1)

Enfim, Cirilo se preocupa em fundamentar a adesão do neófito com base em uma relação com Deus, consigo mesmo, com a Igreja, com a sociedade, uma relação integral de orientação soteriológica. A cada passo ele revisa o processo e exorta o caminho a ser percorrido, integrando-se sempre mais ao Mistério salvífico.

2.3.5

A teologia narrativa da Sagrada Escritura

Cirilo possui um eixo norteador - a Sagrada Escritura⁵²⁵. É seu fundamento para as catequeses, seu princípio de gnose, de conhecimento verdadeiro⁵²⁶. Nas Homilias, apresenta a Palavra revelada com o recurso da narrativa do evento salvífico que, ao mesmo tempo, torna-se paradigmático para o ouvinte e a comunidade eclesial.

⁵²⁵ A teologia de Cirilo nasce de sua intimidade com a Sagrada Escritura. Sua leitura bíblica é uma leitura espiritual, à luz da experiência cristã e como fonte da experiência cristã da vida. Cirilo apóia sua exposição na versão septuaginta. Cf. RIGGI, C. op. cit., p. 10; FIGUEIREDO, F. Introdução. In: CIRILO DE JERUSALEM, *Catequeses Mistagógicas*. Trad. F. VIER, introd. e notas F. FIGUEIREDO. op.cit., p. 18; MAESTRI, G. e SAXER, V. op. cit., p. 53; RIVAS, P.L.H. op. cit., p. 10; ELORRIAGA, C. op. cit., p. 35.

⁵²⁶ Em Cirilo, a Sagrada Escritura é a verdadeira gnose. A gnose bíblica, quando apreendida, é uma filosofia superior que satisfaz plenamente as aspirações da mente, do coração e do espírito humano, uma verdade que brilha em sua própria luz. Dessa forma, observamos que Cirilo está dialogando com um tema filosófico próprio de seu tempo: o gnosticismo. Não debate teologicamente nem mesmo filosoficamente o movimento gnóstico, mas, pedagogicamente, apresenta uma resposta cristã à profunda questão humana sobre a origem da vida, o destino e a natureza humana. Cf. MC CAULEY, L. e STEPHENSON, A. op. cit., p. 9-10; ver tb. notas 107 e 108 deste capítulo.

Seus ouvintes, provenientes de diferentes culturas e mesmo de religiões, tanto do judaísmo, como do paganismo, recebiam as instruções a partir do fio narrativo da História da Salvação. Bielsa comenta em sua edição crítica sobre as Catequeses de Cirilo de Jerusalém:

Mais de 2 mil referências à Escritura fazem com que cada catequese seja como um rio que canta o rumor da palavra de Deus. Assim, habituado por formação na Lei ao monoteísmo rigoroso, o ouvinte judio tinha menos dificuldade para aceitar e compreender a unidade de essência – que já acreditava e para ele era dogma indiscutível – que o mistério trinitário, substância da revelação cristã e ensinamento obrigatório a quem se preparava para o batismo⁵²⁷.

A escolha pela teologia narrativa é mais uma categoria mistagógica, que corresponde à pedagogia divina, e integra a história pessoal na História da Salvação. A narrativa bíblica se torna, para o neófito, uma metanarrativa, que vai não apenas esclarecendo a experiência mistagógica vivenciada nos sacramentos, mas lhe indicando um caminho mistagógico na própria vida⁵²⁸.

A Sagrada Escritura é trabalhada de forma narrativa e em chave tipológica⁵²⁹, presente não apenas em Cirilo, mas também em Ambrosio de Milão, Teodosio de Mopsuestia, João Crisóstomo e Agostinho de Hipona⁵³⁰. É uma teologia que desenvolve a iniciação ao Mistério mediante o recurso às figuras bíblicas do Antigo e do Novo Testamento, como um procedimento pedagógico fundado na unidade de toda a História da Salvação e analogia existente entre os acontecimentos de uma etapa com os das outras etapas, de sorte que se iluminam e ilustram mutuamente⁵³¹.

Cirilo não é o primeiro a fazer uso desta metodologia⁵³². No entanto, nele ressaltamos o aspecto de inter-relação entre a tipologia e a dimensão sacramental, entre o *typos* e o *antitypos* – $\tau\upsilon\pi\acute{\iota}\eta/\psi\epsilon\tau\acute{\iota}\eta$: um é usado para indicar o evento

⁵²⁷ BIELSA, J.S. op. cit., p. 11.

⁵²⁸ Cf. ARAÚJO, J. M. op. cit., p. 780.

⁵²⁹ Cf. ONATIBA, I. op. cit., p. 17.

⁵³⁰ Ambrosio, *De Mysteriis*; Teodoro de Mopsuestia, *Omellie Catechetice*; João Crisóstomo, *Catechesis baptismalis*; Agostinho de Hipona, *De catechizandis rudibus*. Cf. ALTANER, B. e SUIBER, A. op. cit.; SANTANA, L. F. R. *A dimensão pneumática da espiritualidade cristã*. op. cit, p. 160-161.

⁵³¹ Cf. ONATIBA, I. op. cit., p. 17.

⁵³² Também em Ambrosio encontramos a catequese tipológica, contudo, para ele os eventos do Antigo Testamento não estão apenas relacionados com os do Novo Testamento, mas é dele que recebem o sentido, a interpretação e a razão. Possuem uma pertença ontológica, revelada na centralidade do mistério pascal. Cf. MAZZA, E. op. cit., p. 181.

salvífico e outro para indicar o sacramento do evento⁵³³. Nas *Catequeses*, Cirilo estabelece uma relação tipológica entre o Antigo Testamento e o Novo Testamento e aplica esta relação à explicação dos ritos litúrgicos.

Entrastes primeiro no adro do batistério. Depois vos voltastes para o Ocidente e atentos escutastes. Recebestes então a ordem de estender a mão, e renunciastes a satanás como se estivesse ali presente. É preciso que saibais que na história antiga há uma figura deste gesto. Quando o faraó, o mais inumano e cruel tirano, oprimia o povo livre e nobre dos hebreus, Deus enviou Moisés a tirá-los desta penosa escravidão dos egípcios.(...)

Passai agora comigo das coisas antigas às novas, da figura à realidade. Lá Moisés foi enviado por Deus ao Egito; aqui Cristo, do seio do Pai, foi enviado ao mundo. Aquele para tirar o povo oprimido do Egito; Cristo para livrar os que no mundo são acobardados pelo pecado.(CM I,2-3)

Para Cirilo, há uma distinção entre o Antigo e o Novo Testamento: os eventos da salvação do Antigo Testamento não pertencem ao Novo Testamento, mas sim o seu *typos*. Eles possuem uma correspondência, podem ser comparados um a um, compreendendo a pedagogia divina que se revela através dos acontecimentos salvíficos⁵³⁴. Através da relação *typos* e *antitypos*, Cirilo procura revelar a novidade de Cristo, já anunciada nos fatos, palavras e símbolos da Antiga Aliança⁵³⁵. Ele explica as figuras comparando-as com a realização sacramental experimentada pelos fiéis. É uma ação pedagógica que revela a própria pedagogia de Deus, em seu projeto salvífico revelado plenamente em Jesus Cristo e seu Mistério pascal⁵³⁶.

Contudo, a catequese tipológica não é o constitutivo essencial de seu método mistagógico, ele a usa em momentos precisos, a fim de atingir os objetivos de sua proposta catequética⁵³⁷.

Os ritos litúrgicos possuem um caráter simbólico sacramental. A catequese patrística compreende o símbolo em uma dupla dimensão, e Cirilo compartilha

⁵³³ Ibid., pp. 180-186.

⁵³⁴ Mazza analisa o vocabulário técnico utilizado com grande precisão por Cirilo e afirma que é um vocabulário já presente em Platão, ou seja, a compreensão de sacramentalidade presente em Cirilo não se refere a um nexo entre 'aquele que vê' e 'aquele que crê', mas à relação entre o uno e o múltiplo, entre o sensível e o inteligível. A propósito do valor ontológico dos sacramentos, os Padres da Igreja se serviram de conceitos já elaborados por Platão e pelo platonismo. Neste sentido compreende o sacramento como análogo, mas não idêntico ao evento histórico-salvífico. Ibid., pp. 188-190.

⁵³⁵ Cf. MAESTRI, G. e SAXER, V. op. cit., p. 67.

⁵³⁶ Sobre o tema da catequese tipológica na teologia patrística, ver também o Catecismo da Igreja Católica, sobre a liturgia, n^{os} 1093, 1150, 1151, 1152. Cf. CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Petrópolis/São Paulo : Vozes/Loyola/Paulinas/Ave Maria, 1993.

⁵³⁷ Cf. MAZZA, E. op. cit., p. 181

dessa mesma concepção. Os símbolos litúrgicos são mediações através das quais o Mistério de Deus se revela, são realidades espirituais que vêm representadas de modo figurado e, ao mesmo tempo, realizam o que simbolizam. “O *symbolum* é o rosto visível do *mysterium* de Deus, uma expressão sua”⁵³⁸. Os símbolos são mediadores do Mistério de Deus, caminhos de iniciação ao Mistério.

Em Cirilo, as orientações catequéticas caminham em unidade com os ritos litúrgicos e sacramentais. Não caminham à margem do rito. Sua pedagogia tem duplo caráter: antes dos ritos, é uma Iniciação ao rito e, após o rito, é uma Iniciação desde o rito litúrgico. Nas *Catequeses Mistagógicas* estamos diante deste segundo momento, para os Padres um momento privilegiado, pois após a experiência pessoal e comunitária na liturgia, se compreende muito melhor o que se viu, viveu e ouviu, pois os ritos falam por sua própria força e luz.

2.3.6

O seguimento e a conversão existencial

Um aspecto fundamental a ser abordado é a exigência da conversão. A Iniciação Cristã primitiva tem esse aspecto como condição para a acolhida na comunidade e no processo de formação cristã. Cirilo tematiza a conversão em vários momentos das *Catequeses Mistagógicas*. Fala de mudança radical, de passagem do homem velho ao homem novo, nascido em Cristo, fala da presença do mal como caminho antagônico àquele do qual o neófito participa pelos sacramentos. Também os rituais litúrgicos possuem forte acento no exorcismo, no fortalecimento contra o mal, contra satanás, suas obras e cultos⁵³⁹.

Os exorcismos têm particular importância, enquanto momento de fortalecimento da pessoa e de abertura para a ‘escuta’ da Palavra de Deus na própria vida. Assim, a responsabilidade e o compromisso do iniciante são fundamentais, mas sempre como resposta e cooperação à iniciativa de Deus. Os ritos de exorcismos são compreendidos como ações litúrgicas e, enquanto tais, celebram a ação de Deus e o processo de conversão e crescimento na fé dos catecúmenos. O liturgista J. Ariovaldo Silva nos ajuda a compreender o sentido dos exorcismos para a Patrística.

⁵³⁸ Cf. VILANOVA, E. op.cit., p.117.

⁵³⁹ Cf. YARNOLD, E. *The awe inspiring rites of initiation*. op. cit., p. 20.

Confia-se no poder libertador de Deus, pedindo-lhe a intervenção para que, na caminhada preparatória para o sacramento da regeneração, expulse do catecúmeno todos os males, vícios, apego aos ídolos, defeitos de caráter, personificados pela figura de Satanás como raiz desses males. E que o espaço dela seja ocupado pelo Espírito de Cristo, o Espírito Santo. No fundo, é a proclamação da soberania de Deus sobre todo Mal existente, acolhida pouco a pouco pelo catecúmeno, à medida que vai conhecendo Jesus Cristo⁵⁴⁰.

A força e o amor libertador de Deus potencializam a superação de todo o mal e fortalecem o neófito neste combate.

O conceito de pecado possui dimensão pessoal, mas com um forte acento no aspecto exterior, daquilo que influencia, desvia e corrompe o caminho cristão. Cirilo chama a atenção para essa dupla dimensão: a tentação presente na realidade e a responsabilidade proveniente do compromisso pessoal. O mal vem de fora, de uma força maligna, capaz de se misturar na existência, na cultura, e desviar do caminho de Cristo. É força presente, para a qual se deve buscar fortalecimento, alimento espiritual, perseverança no caminho⁵⁴¹.

O tema da presença do mal no mundo é bastante complexo para tratarmos nos limites deste trabalho, no entanto, apenas para fins de diálogo com esta compreensão presente em Cirilo, procuramos delinear a teologia que embasa sua catequese. A ideia do mal personificado na figura de satanás, como raiz de todos os males, revela uma consciência de que o mal é externo ao homem, está no mundo, e atua de fora para dentro, descentralizando a pessoa humana, tirando-a de seu caminho. Para combatê-lo é preciso a atitude de vigilância e a vivência sacramental-comunitária, que agem como fortalecimento e potencializam a superação das tentações e a perseverança no caminho cristão.

A personificação do mal está presente na Sagrada Escritura e na Tradição da Igreja. A influência de uma força externa, personificada, auxilia a que não se detenha em uma concepção superficial e individualista do pecado. O senso de

⁵⁴⁰ SILVA, J. A. A Iniciação Cristã em sua evolução histórica. Alguns apontamentos para estudo. In: COMISSÃO REGIONAL DA DIMENSÃO LITÚRGICA DO NORDESTE 3. *Liturgia e Inculturação*. Paulo Afonso (BA): Fonte Viva, 2006, p. 87.

⁵⁴¹ O tema da ambiguidade humana, presente na teologia e filosofia de nossos tempos, não vem tratado por Cirilo, mas na teologia paulina já nos deparamos com seus fundamentos. “*Não faço o bem que eu quero, mas pratico o mal que não quero*”. (Rm 7,19). Esta é uma questão, que nos confronta com a angústia existencial do mal enraizado na sociedade, na cultura, no coração humano, mas que não poderemos tratar nos limites deste trabalho. Para aprofundar o tema sugerimos GESCHÉ, A. *O Mal*. Col. Deus para Pensar. São Paulo: Paulinas, 2003; QUEIRUGA, A. T. Repensar o mal na nova situação secular. In: *Perspectiva Teológica*. Ano XXXIII. 91, Belo Horizonte: CES, 1991, pp. 309-330.

responsabilidade não tem cunho estritamente individual, pois o mal aparece na sua existência histórica, na qual o homem se insere⁵⁴².

Mesmo que não enfatizemos no catecumenato atual a concepção da personificação do mal⁵⁴³, aqui há uma função simbólica significativa⁵⁴⁴.

Observemos que o rito do exorcismo está integrado com a unção, o que comunica a prioridade à Revelação, à ação amorosa de Deus. A acolhida da nova vida em Deus implica a renúncia a tudo que não é coerente com ela, que não é de Cristo⁵⁴⁵. É um compromisso na liberdade pessoal e na orientação existencial na unidade de irmãos e irmãs na mesma fé, na mesma luta e caminho. Podemos, assim, compreender os ritos de exorcismos e renúncia a satanás, como um ato positivo, afirmativo da vida nova, definidor de uma nova etapa, assumida pelo Batismo na comunidade eclesial. Deus é celebrado como presença atuante operando na fé e por meio da fé pessoal e comunitária⁵⁴⁶.

Cirilo exemplifica as atitudes diversas que se pode ter diante da tentação com as narrativas de Judas e de Pedro, na *Quinta Catequese Mistagógica*. Sua ênfase se volta para a ação positiva, afirmativa da graça de Deus atuante, que não abandona a pessoa humana às forças do mal, mas, ao contrário, a fortalece no combate⁵⁴⁷.

“Pecado e salvação são duas faces do mesmo mistério, no relacionamento entre o homem com Deus”⁵⁴⁸. Deixar para trás a vida anterior, modificar hábitos, costumes culturais, renunciar a tudo que afasta do projeto de Deus é apresentado sistematicamente para aquele que está aderindo à fé cristã. Para nascer de novo, pelo Batismo, é necessário renunciar à vida do homem velho⁵⁴⁹.

⁵⁴² Cf. LAURENTIN, A. e DUJARIER, M. *Il Catecumenato. Fonti Neotestamentarie e Patristiche la Riforma del Vaticano II*. Roma : Dehoniana, 1995, pp. 358-359.

⁵⁴³ LAURENTIN, A. e DUJARIER, M. Comentam que os termos relacionados com a personificação do mal, como ‘demônio’, ‘satanás’, já estão muito contaminados por magias e superstições. Também a expressão ‘espírito do mal’, não é a mais adequada, pois apela para uma oposição entre bem e mal. A imagem de uma ‘figura maligna’ ou de um ‘anjo’ se acercando da pessoa não dialoga com a subjetividade atual. Daí é fundamental uma mudança de linguagem que recupere a reflexão sobre o mal e um aprofundamento dos conceitos que estão subjacentes às ‘imagens’ de representação utilizadas na evangelização. *Ibid.*, pp. 411-412.

⁵⁴⁴ *Ibid.*, p. 359.

⁵⁴⁵ *Ibid.*, p. 377.

⁵⁴⁶ LAURENTIN, A. e DUJARIER, M. *op. cit.*, p. 296.

⁵⁴⁷ Não ousamos nomear as intermináveis referências sobre o tema, mas interessante ver o comentário sobre o mesmo exemplo de Cirilo, em QUEIRUGA, A.T. *Recuperar a Criação. Por uma religião humanizadora*. São Paulo: Paulus, 1999, p. 260.

⁵⁴⁸ MAESTRI, G. e SAXER, V. *op. cit.*, p. 79.

⁵⁴⁹ Cf. DRIJVERS, J. W. *op. cit.*, p. 90

A decisão de aderir ao caminho cristão envolve todo o projeto existencial da pessoa. No entanto, na liberdade da resposta humana, Cirilo afirma que é Deus quem nos salva, é Ele quem nos dá a salvação. A resposta humana é processual e deve se converter em testemunho por palavras e obras, por atitudes éticas e co-responsabilidade com a Tradição recebida e com a comunidade da qual participa, a Igreja de Jesus Cristo⁵⁵⁰.

Entretanto, ouves, com a mão estendida, e dizes como a um presente: ‘Eu renuncio a ti, satanás’.(...) Renuncio a ti, satanás, artífice e cúmplice de todo mal. (CM I,4)

Renuncias, portanto, às obras de satanás, isto é, a todas as ações e pensamentos contrários à promessa. (CM I,5)

Cuida, pois, de ti mesmo e não te voltes novamente para trás, depois de teres posto a mão no arado, para a prática amarga desta vida. (CM I,8)

O óleo exorcizado era símbolo, pois, da participação da riqueza de Cristo.(...) Este óleo exorcizado recebe, pela invocação de Deus e pela prece, uma tal força que, queimando, não só apaga os vestígios dos pecados, mas ainda põe em fuga as forças invisíveis do maligno.(CM II,3)

A ação litúrgica realiza a integração entre o rito e a vida do cristão. Não consiste em um dualismo que apenas propõe, mas é ação performativa, que orienta para a vida nova, a oferenda da própria existência à vontade de Deus. Possui, portanto, uma implicação direta na vida prática, cotidiana, transformando-a no “verdadeiro culto que agrada a Deus”⁵⁵¹.

2.3.7.

O Símbolo da Fé - O Credo

O Símbolo da fé, o Credo, já foi trabalhado nas *Catequeses Pré-Batismais*, por ocasião da preparação para os sacramentos, aqui ele recebe um cunho de testemunho pessoal diante da comunidade eclesial e de fortalecimento perante o mal e as tentações de satanás. Nesta etapa estamos diante de um momento muito importante para a o processo catecumenal, a fase chamada de *redditio Symboli*, ou seja, a profissão pública do símbolo da fé pelos neófitos⁵⁵².

⁵⁵⁰ Cf. MC CAULEY, L. e STEPHENSON, A. op. cit. p. 10.

⁵⁵¹ Cf. Sl 49,14-23; 50,18-19; Os 6,6; 8,11-12; Am 6,21-25; Dn 3,37-41

⁵⁵² Há relatos de que cada candidato, depois das instruções e antes do Batismo, deveria ir ao bispo e recitar o credo (*redditio symboli*). Não podemos ter certeza da recitação do Credo em todos os lugares, neste período no qual Cirilo prega suas Catequeses. Cirilo enfatiza que os candidatos devem tê-lo de memória e recitar entre eles. Cf. DRIJVERS, J.W. p. 92; ELORRIAGA, C., op. cit., p. 30.

Na Iniciação Cristã, o processo de entregar o Símbolo da fé era conhecido como *traditio Symboli*, e sua profissão diante da comunidade, como *redditio Symboli*. A primeira etapa significa a recepção da Tradição apostólica; é a comunidade cristã confiando ao catecúmeno sua identidade e convidando a assumi-la em unidade com a Igreja⁵⁵³. A segunda etapa significa o compromisso assumido; o neófito, já batizado, retorna a Profissão de Fé à comunidade professando-a oral e publicamente⁵⁵⁴.

Desde as primeiras comunidades cristãs, a própria nomeação do Credo como ‘símbolo apostólico’⁵⁵⁵ já traz em si o significado sacramental que identifica seu lugar e importância⁵⁵⁶. No termo ‘símbolo’ se reúne a experiência antropológica de que a realidade é multidimensional, de que as coisas visíveis à primeira vista apontam coisas profundas invisíveis e, para a fé cristã, a relação intrínseca entre a fé pessoal e a fé comunitária enquanto resposta a uma iniciativa de Deus⁵⁵⁷.

Seguindo a trajetória da Igreja primitiva, os Padres do século III e IV vinculam o Símbolo da fé diretamente ao sacramento do Batismo. Também em Cirilo encontramos esta relação entre a estrutura trinitária do Batismo e o Credo⁵⁵⁸. Ela nos aponta para a definição de uma identidade própria, confirmada na adesão à fé cristã explicitada no rito sacramental, assumida em comunidade e

⁵⁵³ O Credo é proclamação da fé da Igreja, como membro da comunidade eclesial compromete-se na unidade e coloca-se em comunhão com a comunidade. É uma proclamação eclesial. Cf. COFFY, R. op. cit., p. 14; Cf. MAESTRI, G. e SAXER, V. op. cit., pp. 53-54.

⁵⁵⁴ Cf. SILVA, J.A. *A Iniciação Cristã em sua evolução histórica. Alguns apontamentos para estudo*. op. cit.

⁵⁵⁵ Apesar de sua origem grega - *symbolon* -, o termo aparece pela primeira vez aplicado aos credos do Ocidente latino. A expressão ‘símbolo dos apóstolos’ - *symbolum apostolorum* - surge em uma carta enviada pelo sínodo de Milão de 390 ao papa Sirício, para designar o Sumário da fé próprio da tradição romana, legitimado pela autoridade dos apóstolos, testemunhas da vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo. Tudo indica que o processo de elaboração e configuração do núcleo do Símbolo foi complexo e diversificado. Nos textos encontrados, textos confessantes, fica plasmada a fé apostólica, cuja peculiaridade mais específica está relacionada com o acontecimento Cristo. Cf. CURA ELENA, S. Símbolos da Fé. In: PIKAZA, X. e SILANES, N. (dir.) *Dicionário Teológico: O Deus Cristão*. São Paulo: Paulus, 1988, pp. 827-836.

⁵⁵⁶ Segundo E. Vilanova, o Símbolo dos Apóstolos é propriamente um símbolo litúrgico, enquanto o Niceno-constantinopolitano é teológico no sentido técnico da palavra. A fórmula antiga se mostra pacífica; a outra é abertamente polêmica: é ortodoxia que se define a si mesma. Cf. VILANOVA, E. op. cit., p. 119.

⁵⁵⁷ Para a fé cristã, no conceito de símbolo se relacionam objetivamente ‘sinal’ e ‘causa’. “A graça de Deus se coloca eficazmente presente ao criar sua expressão, sua concretude histórica dentro do espaço e do tempo, ou seja, seu símbolo”. Cf. NOCKE, F. Doutrina geral dos sacramentos. In: SCHNEIDER, T. (org.). *Manual de Dogmática*. vol 2. Petrópolis: Vozes, 2000, pp. 190-192.

⁵⁵⁸ A exigência de fidelidade aos ensinamentos apostólicos se traduz na Igreja primitiva na formulação dos credos ou símbolos batismais, que aparecem tanto em forma de questões seguidas de respostas como em formas de Símbolo recitado pelo neófito. Cf. VILANOVA, E. op. cit., p.116.

testemunhada na vida. Cirilo sublinha essa dimensão nas suas Catequeses ao se referir à unção batismal e à imersão.

Depois disto fostes conduzidos pela mão à santa piscina do divino Batismo, como Cristo da cruz ao sepulcro que está à vossa frente. E cada qual foi perguntado se cria no nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. E fizeste a profissão salutar, e fostes imersos três vezes na água e em seguida emergistes, significando também com isto, simbolicamente, o sepultamento de três dias de Cristo. (CM II,4)

No Batismo, momento decisivo na vida cristã, a Profissão de Fé evidencia a identidade crente e a confirma publicamente, na unidade com a Igreja. É a fé cristã assumida pessoalmente, concretizada nas atitudes de uma nova vida e compartilhada na comunhão eclesial com todo o Povo de Deus. O ato de fé possui, assim, uma dupla dimensão: a dimensão de identidade e compromisso pessoal e a dimensão de renovação e fortalecimento da comunidade de fé.

2.3.8

O embasamento na Tradição

Outra importante categoria presente na mistagogia de Cirilo consiste no estabelecimento do vínculo estreito com a Tradição, no caso, com a Tradição apostólica e a doutrina do Magistério, ainda em elaboração teológica, mas já afirmada nos Concílio de Nicéia e Constantinopla⁵⁵⁹.

Cirilo pode ser acusado de não ter participado dos debates teológicos do seu tempo, ou mesmo de ser indiferente a estes⁵⁶⁰. Contudo, não se pode negar sua preocupação pastoral-catequética, o diálogo com seu tempo e as culturas, e a fidelidade à Tradição que já conhecia e trilhava⁵⁶¹.

As *Catequeses Mistagógicas* se desenvolvem também nesta trilha e fidelidade, e convocando os neófitos a caminharem na unidade com a Tradição da qual fazem parte⁵⁶².

⁵⁵⁹ Cf. MC CAULEY, L. e STEPHENSON, A. op. cit., p. 34.

⁵⁶⁰ Cf. CAYRÉ, F. op. cit., p. 377.

⁵⁶¹ Cf. TELFER, W. op. cit., p. 61; Cf. BIELSA, J.S. op. cit., p. 7.

⁵⁶² Cf. RIVAS, P.L.H. op. cit., p. 12.

(...) Rogo-vos, para que eu, ainda que indigno, possa dizer-vos: 'Amo-vos porque sempre vos lembrais de mim e conservais as tradições que vos transmiti. (CM II,8)
Conservai inviolavelmente essas tradições e vós mesmos guardai-vos sem ofensa. (CM V,23)

Cirilo não nomeia Concílios em suas homilias e nem mesmo usa categorias teológicas. Enfim, não entra no campo da especulação racional sobre o Mistério de Deus. Mantendo sua prioridade catequética, a linguagem flui de acordo com o grupo de neófitos, orientando-os segundo a experiência pascal que acabaram de vivenciar sacramentalmente, e que os convida ao seguimento e mudança de vida.

Também não apresenta uma teologia dogmática como uma imposição doutrinal, mas como um caminho já percorrido anteriormente e, do qual, se tornam caminhantes a partir de agora. Convida à escuta, ao discernimento, ao diálogo com a realidade em que vivem, enraíza cada passo no testemunho bíblico. Cirilo trabalha a tradição viva da fé cristã e a dinâmica da Revelação presente na história. Convida à acolhida e integração progressiva no Mistério de Deus. É o encontro com o evento pascal, em Jesus Cristo, a memória que firma os passos apostólicos, o caminho da Igreja e, de cada neófito. A Tradição é transmitida como verdade vivida, como prática, como agir cristão inserido no mundo.

Portanto, não podemos elencar todas as narrativas bíblicas que, apenas lidas com atenção, nos conduzem com firmeza pelo caminho catequético de Cirilo⁵⁶³. No entanto, observemos que Cirilo não descuida desse aspecto, não fala a partir de si mesmo, mas sempre a partir do caminho já percorrido e legitimado pela Igreja⁵⁶⁴. Dessa forma, transmite a fé cristã em suas bases, o que decorre em uma apreensão firme, sólida, unida à espiritualidade e dialogante.

Como já vimos anteriormente, um dos pilares de suas Catequeses está no Símbolo da fé, o Credo. Este é transmitido de forma tão pedagógica, que convida cada neófito a avaliar o que está por declarar, a construir os conceitos-chave presentes na Profissão de Fé, a fim de pronunciá-la com plena compreensão racional, espiritual, moral, integrando-se à fé que recebe da Igreja. Não se torna um pronunciamento mimético, apenas repetidor dos conteúdos, mas uma profissão desde dentro da experiência e do compromisso do neófito. Mais. A

⁵⁶³ Ibid., p. 5.

⁵⁶⁴ Cf. HAMMAN, A. op. cit., p. 209.

Profissão de Fé vem desde dentro da experiência transmitida, vivenciada e assumida comunitariamente. Os conteúdos essenciais da fé tornam-se referenciais para a trajetória cristã, não dada como pronta ou definitiva, mas como horizonte escatológico.

Dessa forma, podemos dizer que a ‘herança’ que Cirilo transmite, comporta também uma interpelação, tanto pessoal quanto comunitária, de apropriar-se pessoalmente do que é transmitido. O processo acaba por conduzir a uma relação fecunda entre pessoa e tradição, comportando consciência, interpretação e valorização da tradição⁵⁶⁵.

2.3.9

A perspectiva missionária

Outra dimensão da mistagogia de Cirilo de Jerusalém é a exortação à missão como consequência do seguimento de Jesus. Apesar de ser um tema diretamente vinculado a aspectos já considerados anteriormente - como a participação, o símbolo da fé, a configuração em Jesus Cristo, a conversão existencial -, a missão é o compromisso proveniente da experiência sacramental de todo cristão. Ela é a resposta concreta do discípulo de Cristo, que assume o mandato missionário, ou seja, dá testemunho de sua fé e transmite a Boa Nova que lhe foi anunciada.

E para que mais te assegures, ouve o que diz sobre esse unguento em sentido místico: ‘Transmite tudo isso às nações, pois o desígnio do Senhor se estende sobre todos os povos. (CM III,7)

O aspecto do testemunho é decorrente da configuração em Jesus Cristo e da conversão da própria vida, porém, mais do que ser testemunha, Cirilo convida os neófitos a serem transmissores do Mistério que experimentam e do qual participam.

A dimensão missionária é coerente com a eclesiologia presente em Cirilo. Compreende a Igreja em diálogo com o mundo em que vive. Neste enfoque percebe a comunidade local não como uma comunidade isolada, mas como comunidade sacramental e co-responsável na missão de evangelizar a todos,

⁵⁶⁵ Cf. VELASCO, J. M. *La transmisión de la fe en la sociedad contemporánea*. Santander: Sal Terrae, 2002, p. 29.

inclusive e, principalmente, àqueles que não conhecem o caminho do seguimento de Jesus..

Cirilo transmite o conceito de Povo de Deus como destinatário e também sujeito da missão, um povo comunhão-comunidade. A missão da Igreja está confiada a todos e a cada um. Estamos também aqui diante da pedagogia do caminho, da mistagogia de suas Catequeses. O caminho do seguimento de Jesus é pessoal e comunitário, profético, missionário, num processo de pertença madura e consciente ao Povo de Deus. Cirilo convida cada neófito a assumir o chamado missionário de Jesus⁵⁶⁶.

A dimensão missionária é decorrente do caminho mistagógico. Poderíamos dizer ainda, é a ação mistagógica, daqueles que, até aqui, eram apenas neófitos. A experiência sacramental é de encontro profundo, existencial, que vai buscar uma realização concreta, resposta de fé à graça atuante. A transformação ontológico-sobrenatural operada pelos sacramentos pascais torna-se testemunhal e missionária, que não apenas acolhe o convite de Jesus a segui-Lo, mas faz com que a pessoa se torne discípula e apóstola no mundo. Conduz os fiéis à maturidade da vida cristã, cooperando na expansão e no crescimento do Corpo de Cristo até conseguir a sua plenitude⁵⁶⁷.

2.3.10

A dimensão contemplativa

A mistagogia integra as dimensões contemplativa, litúrgica, pessoal e comunitária⁵⁶⁸. Vejamos como Cirilo trabalha a dimensão contemplativa em suas Catequeses.

Cirilo cultiva a atitude contemplativa ao longo de suas homilias, pois não faz defesas de tipo apologético, mas seu objetivo é outro, é conduzir o neófito pelo caminho do Mistério pascal⁵⁶⁹. Com essa referência, Cirilo provoca uma atitude contemplativa diante da História da Salvação que vai delineando, diante da

⁵⁶⁶ Ibid., p. 185.

⁵⁶⁷ Cf. Ef 4, 13.

⁵⁶⁸ Cf. ROCCHETTA, C. *Como evangelizar hoy a los cristianos. El Rito de Iniciación Cristiana de Adultos como propuesta tipo para un nueva evangelización*. Bilbao: EGA, 1994, p. 82.

⁵⁶⁹ Os Padres da Igreja desenvolvem uma catequese direcionada a grupos de origem cultura e religiosa de diversas, mas não costumam fazer apologia, mas buscam uma atitude de contemplação da doutrina, articulando a dimensão orante, de beleza e encantamento, com o aspecto ético e prático.

experiência litúrgico-sacramental, diante da própria doutrina que embasa seus ensinamentos. Tudo apresentando com um enfoque orante, reverente, contemplativo das belezas que ali se revelam passo a passo, da grandeza do amor de Deus que se entrega no Mistério.

A cada passo, Cirilo convida a um olhar penetrante, de mergulhar no profundo do Mistério. Os ensinamentos sobre os objetos, os gestos, as palavras, os ritos, são realidades espirituais e, como tais, referem-se à ação de Deus no mundo, em Cristo, na comunidade reunida em seu nome. Com objetividade, mas sem assumir um caráter expositivo, Cirilo alinhava a liturgia numa atitude contemplativa. Os conteúdos e seus significados nascem do próprio Mistério experimentado na liturgia.

Nesse aspecto, a mistagogia de Cirilo convida o neófito a uma compreensão de caráter meditativo, que se abre a um diálogo entre a pessoa e Deus, como princípio que se revela. Ousamos dizer que nesse encontro entre Deus e a pessoa humana, Cirilo convida a uma relação extática, em que a própria liberdade humana e sua autoconsciência transcendem no diálogo com o Divino que se revela⁵⁷⁰.

Em síntese, reunindo todas essas características, encontramos mais do que uma metodologia, mas uma teologia do Mistério, que se transforma no grande eixo referencial de Cirilo e o conduz a selecionar conteúdos, palavras, relações, textos bíblicos, aconselhamentos.

De certa forma, os Padres são posteriores a eles mesmos, pois a teologia mistagógica é outra forma de ver os sacramentos. Abre espaço para a teologia do mistério que se apresenta de um modo melhor para descrever o realismo sacramental como presença do evento salvífico no rito litúrgico⁵⁷¹.

Não sabemos se o autor tinha consciência deste enraizamento nas suas orientações catequéticas. Ou seja, não podemos afirmar que Cirilo tem uma teologia mistagógica sistematizada. No entanto, verificamos que possui este eixo referencial em seu trabalho teológico-pastoral. Em vistas de desenvolver as orientações catequéticas, promover a Iniciação Cristã de forma integral e fiel à

⁵⁷⁰ Sobre esse tema ver Tillich, citado por HAIGHT, R. *Dinâmica da Teologia*. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 173.

⁵⁷¹ MAZZA, E. op. cit., p. 8.

Sagrada Escritura e à caminhada eclesial, Cirilo reúne dimensões que se configuram em uma mistagogia viva.

Cirilo faz catequese sobre o Mistério, tem como base a Revelação de Deus, Mistério que se entrega, mas que não é apreendido totalmente; Mistério que convida a um caminho de espiritualidade e vida; Mistério que configura cada filho e filha em Jesus Cristo. Em unidade com os Padres da Igreja de seu tempo, concebe a liturgia como fonte da experiência mistagógica, como lugar privilegiado de encontro, diálogo e configuração crística. Os sacramentos ganham seu sentido na liturgia. Não há significado sacramental fora da liturgia, fora da comunidade de fé que experimenta o Mistério pascal na liturgia.

(...) Mas como bem sei que a vista é mais fiel do que o ouvido, esperei a ocasião presente, para encontrar-vos, depois desta grande noite, mais preparados para compreender o que se vos fala e levar-vos pelas mãos ao prado luminoso e fragrante deste paraíso. (CM I,1)

A Iniciação ao Mistério não tem, dessa forma, seu lugar privilegiado nas catequese, nos ensinamentos, mas na própria celebração litúrgica. Os ensinamentos tornam-se um ouvir, acolher, interpretar, reviver para compreender. É um movimento secundário, a fim de melhor mergulhar no Mistério que se vivencia. A experiência do Mistério, ou seja, a experiência mistagógica, é mais eficaz do que todos os argumentos e ensinamentos doutrinários⁵⁷².

Conclusão

A mistagogia é concebida neste capítulo como o princípio que funda e dinamiza a Iniciação Cristã de Adultos, desde o catecumenato antigo. Nos Padres da Igreja, a mistagogia se apresenta como fundamento, como caminho de iniciação cristã, como via de integração da pessoa ao Mistério de Deus. O próprio termo nos indica essa dupla vertente, pois é composto por dois elementos – o mistério e a pedagogia. Se trata, portanto, de uma Iniciação ao Mistério de Deus, no que diz respeito à fé cristã.

⁵⁷² Encontramos essa mesma concepção mistagógica em Ambrosio e João Crisóstomo. Ambrosio fala da força dos ritos por seu próprio simbolismo e sua linguagem luminosa, e João Crisóstomo, argumenta que apenas os iniciados podem penetrar o mistério de Deus. Cf. BOROBIÓ, D. Función litúrgico-sacramental del ministerio del catequista. Evangelización, Catequesis y Liturgia. In: *Phase 38*, op. cit., p. 43.

Compreendendo o Mistério de Deus como já presente em toda pessoa humana, pela graça que nos insere nele mesmo, os Padres da Igreja desenvolvem um processo de Iniciação Cristã que viabilize a experiência de abertura e percepção consciente da presença do mistério em si mesmo e na história.

No centro da experiência mistagógica está Jesus Cristo. Ele é o caminho, porque ninguém vai ao Pai se não por meio dele, dado que ele é vindo do Pai e ao Pai retorna⁵⁷³, “dando-se como exemplo de porque o seguimos, dando-se o mesmo Espírito pelo qual caminhamos na sua estrada, escutamos sua voz, nos aproximamos com um coração capaz de conhecer os dons que nos tem dado”⁵⁷⁴. A patrística tem na liturgia o lugar privilegiado e central da experiência de participação no Mistério pascal. A liturgia é teologia em ato, presença dinâmica e operativa do Verbo de Deus oferecido em diálogo de comunhão aos homens. A liturgia é teologia primeira, fundamento de toda teologia segunda ou reflexão sistemática dos mistérios da fé. Por isso mesmo, a teologia dos Padres nos chega, na maior parte, expressada em um contexto litúrgico.

Cirilo de Jerusalém, em unidade com seus contemporâneos, desenvolve um caminho de Iniciação Cristã de Adultos que tem por eixo teológico e pastoral-pedagógico, a mistagogia. Ao longo de suas 24 *Catequeses*, 19 *Pré-Batismais* e 5 *Mistagógicas*, Cirilo integra elementos que pressupõem uma teologia subjacente, um solo fecundo que nutre suas pregações e orientações catequéticas e o conduz à seleção das mediações que viabilizam uma experiência mistagógica para seus catecúmenos e neófitos.

Percorrendo suas cinco *Catequeses Mistagógicas* pudemos fazer, juntamente com os neófitos que ouviam as pregações de Cirilo em Jerusalém, um caminho de escuta atenta e de abertura processual de nosso coração e entendimento para o Mistério que se revela a cada um de nós.

O primado da Iniciação é a própria iniciativa divina, da qual se coloca como mediador, em unidade com a Igreja, sacramento de Jesus no mundo. Cirilo abre a porta a todos, pedindo apenas a disponibilidade da escuta interior que provoca a conversão existencial. A peculiaridade de sua linguagem não é um instrumento de comunicação, mas uma mediação mistagógica, de transmissão da verdade revelada na Palavra de Deus, na História da Salvação. Sem perder de

⁵⁷³ Jo 14,6ss.

⁵⁷⁴ SCHREIBER, B. op. cit., p. 363.

vista as ações litúrgicas, fonte da experiência de participação no Mistério, Cirilo conduz os neófitos por caminhos já trilhados, a fim de aprofundarem e tomarem consciência da beleza e grandeza do caminho do seguimento de Jesus.

São categorias mistagógicas que se tornam fonte de sabedoria para todos os tempos: a centralidade da Liturgia, o ponto de referência na Sagrada Escritura, a comunhão com o Povo de Deus a caminho, a contemplação da presença de Deus no mundo, a consideração atenta das questões contemporâneas, o fortalecimento dos catecúmenos e neófitos para as lutas de seu cotidiano.

Em Cirilo, a mistagogia é um caminho no qual ele se insere e também se vê interpelado a aprofundar. Por isso mesmo é capaz não apenas de orientar, mas oferece o testemunho pessoal da graça fecunda de Deus, garantindo uma profunda harmonia entre seus ensinamentos e o caminho mistagógico que orienta aos neófitos.

Nas Catequeses Mistagógicas, Cirilo revela sua compreensão de mistagogia como momento interior ao mistério, do qual ele procura explicitar e convidar cada neófito a acolher o dom de Deus que recebeu. A cada passo, Cirilo vai convidando o neófito a experimentar a profunda comunicação de Deus na vida de cada pessoa, estabelecendo entre o neófito e Deus uma relação de proximidade e intimidade que se tornará, processualmente, seu referencial.

A mistagogia é uma dinâmica, que convida e impele a vida de cada pessoa que aceita o convite de Deus para essa experiência fundamental, a assumir sua vocação primeira, sua vocação cristã. Por isso mesmo, não consiste senão em viver plenamente o Mistério Pascal na própria existência cotidiana; morrer e ressuscitar diariamente com Cristo para oferecer assim ao Pai o sacrifício agradável aos seus olhos. É nesse dinamismo que a mistagogia, enquanto princípio e caminho, se torna sabedoria fontal da Igreja e em cada um dos fiéis.

3

UMA EXPERIÊNCIA DE INICIAÇÃO CRISTÃ DE ADULTOS NA COMUNIDADE LOCAL

*O Senhor é o Espírito,
e onde está o Espírito do Senhor, ali está a liberdade.
E todos nós que, com o rosto descoberto,
refletimos como espelhos a glória do Senhor,
nós nos transformamos nesta mesma imagem,
cada vez mais resplandecente,
conforme a ação do Senhor, que é Espírito.*
Paulo
2Cor 3,17-18

Vimos anteriormente, o quanto o tema da evangelização tem sido abordado nos mais diversos fóruns de reflexão e de formação na Igreja. O Concílio Vaticano II imprimiu um movimento de renovação eclesial e permanecem latentes suas interpelações em favor da integração entre fé-vida-sociedade. A urgência de uma “nova evangelização” tem sido vivida como inquietação, mas também como processo dialógico e de amadurecimento em muitas comunidades eclesiais. É nesse campo de reflexão e debates que se insere o tema da Iniciação Cristã de Adultos, o qual, numa revisão teológica do processo, trata da identidade cristã no mundo contemporâneo.

O tema da Iniciação Cristã não é um tema restrito ao campo da pastoral, da liturgia, ou da catequética. Deve ser pensado como eixo em torno do qual se articulam aspectos fundamentais: a relação entre Deus e a pessoa, entre pessoa e comunidade, entre fé e vida, entre história pessoal e história da humanidade⁵⁷⁵.

A Iniciação Cristã se dá em comunidade. O amadurecimento pessoal e o amadurecimento comunitário caminham em construção dialógica e não como dimensões isoladas⁵⁷⁶.

Pensar a comunidade eclesial como uma situação estável, hierarquicamente superior e separada do processo de Iniciação Cristã significaria desconhecer a própria natureza da economia sacramental da salvação⁵⁷⁷.

⁵⁷⁵ Cf. ARAÚJO, J. M. op. cit., p. 78.

⁵⁷⁶ Cf. ALBERICH, E. Catechesi adulta en una Chiesa adulta. In: *Orientamenti Pedagogici*. Rivista internazionale di scienze dell'educazione. Gardolo: Erickson, 1991, n. 38, p. 1373.

⁵⁷⁷ A economia sacramental diz respeito ao tempo da Igreja que, pelo dom do Espírito Santo, Cristo manifesta, torna presente e comunica sua obra de salvação pela liturgia. Cf. *Catecismo da Igreja Católica*. São Paulo: Paulus; Paulinas; Loyola; Ave Maria e Petrópolis: Vozes, 1993, n. 1076; Cf. ROCCHETTA, C. *Como evangelizar hoy a los cristianos*. El Rito de Iniciación

Vejam algumas questões que nos auxiliam nesta reflexão: Qual o modelo de comunidade que se deseja promover e estimular? Quais os aspectos eclesiológicos que devem orientar a ICA? Podemos pensar em um horizonte eclesial não apenas no sentido da atuação pastoral, mas enquanto comunidades que promovam a renovação e transformação da Igreja e de sua missão evangelizadora? É possível construir caminhos comunitários eclesiais que dialoguem com suas realidades e, ao mesmo tempo, mantenham os critérios e exigências da comunhão eclesial? O caminho da Iniciação Cristã orientado pela mistagogia de Cirilo de Jerusalém seria um caminho fecundo e possível para os tempos atuais? Como promover esse resgate fontal e dialogar com as questões presentes na evangelização atual?

Na direção de um discernimento teológico quanto a estas questões relevantes para a ICA, estabeleceremos neste capítulo uma aproximação com a prática pastoral. As etapas anteriores - a originalidade da Iniciação Cristã e desafios deste processo no mundo contemporâneo, as orientações do Magistério e a experiência mistagógica em Cirilo de Jerusalém -, são os pontos balizadores que orientarão nosso olhar epistemológico. Sem deixar de lado as fontes provenientes do Magistério e as reflexões teológicas atuais, nossa matriz teológica para o estabelecimento deste diálogo será a mistagogia em Cirilo de Jerusalém.

Nesse caminho de investigação e atenção aos sinais dos tempos⁵⁷⁸ localizamos uma experiência de ICA, em uma comunidade eclesial local, na qual identificamos um caminho mistagógico⁵⁷⁹. A partir de um diálogo teórico-pastoral com a experiência local, verificaremos a possibilidade concreta de um resgate desta experiência catecumenal das origens da Igreja, como referencial para a ICA nas comunidades atuais.

A mudança eclesiológica do Concílio Vaticano II é decisiva no que diz respeito à concepção central da comunidade como Povo de Deus, profético, ministerial e missionário. Supera-se a ideia de Povo de Deus como simples *destinatário* da missão e avança-se para a dimensão de Povo de Deus como

Cristiana de Adultos como propuesta tipo para una nueva evangelización. Bilbao: EGA, 1994, p. 78.

⁵⁷⁸ Cf. EN 75.

⁵⁷⁹ Apesar de ser uma afirmação ousada, nos percebemos conduzidos pelo Espírito para conhecer e observar a experiência desta comunidade em particular. Nela encontramos uma Igreja aberta ao Espírito, vivendo uma dinâmica mistagógica que nos fez descobrir e valorizar a possibilidade de experimentarmos uma mistagogia viva em plena sociedade contemporânea.

sujeito da missão: um povo comunhão-comunidade, no qual cada batizado tem um carisma próprio e ao qual deve responder como vocação profunda. Na eclesiologia de comunhão, o protagonismo é de cada fiel e da comunidade como um todo, conduzindo à maturidade cristã que a todos envolve, interpela e envia. Esta concepção constitui uma perspectiva eclesial na qual *diakonia* e missão caminham juntas e, cada batizado em Cristo é vocacionado e co-responsável. Todos mergulhados no mistério pascal e orientados para um mesmo fim⁵⁸⁰.

A comunidade eclesial é comunidade sacramental, imbuída da própria dinâmica da Salvação, deixando-se permear e interpelar pela voz que ausculta e convida à conversão existencial. É sacramento vivo. É Igreja, sacramento de Jesus Cristo no mundo, como exorta o Concílio Vaticano II e resgata o Documento de Santo Domingo.

Movido pela fé, conduzido pelo Espírito do Senhor que plenifica o universo, o Povo de Deus procura discernir nos acontecimentos, nas exigências e aspirações de nossos tempos, quais sejam os sinais verdadeiros da presença e dos planos de Deus. A fé tudo ilumina com nova luz e manifesta o plano divino sobre a vocação integral do homem⁵⁸¹.

As Igrejas particulares têm como missão prolongar para as diversas comunidades “a presença e a ação evangelizadora de Cristo” já que estão “formadas à imagem da Igreja universal nas quais e, a partir das quais, existe uma só e única Igreja Católica⁵⁸²”.

A comunidade eclesial local é *locus theologicus*, espaço vivo e fecundo da dinâmica salvífica, sacramento para o mundo. Na medida em que a comunidade é ouvinte da Palavra e espaço hermenêutico e prático que responde à Palavra, ela encarna a fé com contornos bem nítidos, tornando-se comunidade viva. A comunhão eclesial não é uma teoria teológica, mas vivência concreta no seio de comunidades vivas.

É com este embasamento que a Iniciação Cristã passa a ser sinalizada como um *estado de ser Igreja*⁵⁸³ e não como um estágio de passagem na formação cristã. Com relação à ICA. E. Alberich apresenta o desafio de que a ICA seja

⁵⁸⁰ Cf. ROCCHETTA, C. op. cit., p. 28.

⁵⁸¹ GS 11.

⁵⁸² DSD 55.

⁵⁸³ A Igreja é a matriz da Iniciação Cristã e, ao mesmo tempo, é o campo de sementeira. A Iniciação Cristã não é apenas uma etapa na formação cristã, mas é o estado constante de seguimento de Jesus no qual todo o Povo de Deus caminha. Cf. FLORISTÁN SAMANES, C. *La Iniciación Cristiana*, op. cit., p. 223.

assumida como tarefa fundamental da Igreja, “permitindo a todos uma autêntica e estimulante experiência de Igreja, que possa ajudar a interiorizar e amadurecer o sentido de pertença e de comunhão, e que tenha como sujeito a base eclesial”⁵⁸⁴.

Neste capítulo, constituiremos uma aproximação entre duas experiências de ICA distantes historicamente – a experiência mistagógica em Cirilo e o caminho catecumenal na *Casa de Oração Batismo do Senhor*⁵⁸⁵. Duas experiências eclesiais com características diversas, contudo, a primeira experiência é fonte de sabedoria e inspiração para a Igreja de todos os tempos. É a partir desta experiência que elencamos os elementos da mistagogia que se tornaram nossa referência, na observação e análise para o caminho catecumenal com adultos nessa comunidade particular.

Enfim, neste encontro entre a Igreja dos primeiros tempos e a Igreja contemporânea, temos presentes dois pressupostos básicos. Em primeiro lugar, o princípio de que a Iniciação Cristã é dinamismo fecundo que dá sentido à Igreja e, em segundo lugar, o lugar teológico da igreja particular na caminhada eclesial de todo o Povo de Deus.

3.1

A comunidade da Casa de Oração Batismo do Senhor

Segundo K. Rahner, o Concílio Vaticano II anunciou uma nova experiência de Igreja: a Igreja como acontecimento em uma comunidade local de altar, de palavra e de amor⁵⁸⁶. Os textos conciliares não apenas firmaram as bases para uma eclesiologia de comunhão, mas favoreceram o crescimento de experiências locais e abriram as portas para novas experiências. Esta porção do Povo de Deus, congregada pelo Espírito Santo mediante o Evangelho e a Eucaristia, constitui a Igreja particular.

⁵⁸⁴ ALBERICH, E. op. cit., p. 1374.

⁵⁸⁵ Na seção a seguir apresentaremos a Comunidade da *Casa de Oração Batismo do Senhor*, localizada no bairro de Vila São Luis, município de Duque de Caxias, cidade do Rio de Janeiro, Brasil.

⁵⁸⁶ K. Rahner, poucos meses antes da conclusão do Concílio Vaticano II, resume sua opinião sobre este grande acontecimento eclesial em um artigo publicado na revista *Geist und Leben*, com o título *Das neue Bild der Kirche – A nova imagem da Igreja*. Citado por GARZÓN, J. J. op. cit., p. 88.

A Comunidade da *Casa de Oração Batismo do Senhor* se insere nesta dinâmica, assim como diversas experiências que surgiram e amadureceram seus projetos.

A ação do Espírito em todos os membros da Igreja faz dela uma comunhão no Espírito Santo (2Cor 13,13), já que todos confessam Cristo como Senhor na força do mesmo Espírito (1Cor 12,3), todos são ungidos pelo Santo (1Jo 2,20) que lhes proporciona autêntico ‘sentido da fé’ (LG 12), todos são agraciados com carismas diversos em vista da ‘edificação comum’ (1Cor 14,26). Daí serem todos os membros da Igreja chamados a testemunharem Jesus Cristo, a participarem ativamente de sua ação missionária, a realizarem a vocação universal à santidade (LG 40), a constituírem um ‘sacerdócio comum’ (LG 10)⁵⁸⁷.

Segundo os critérios de eclesialidade firmados pelo documento da CNBB, *Igreja particular, movimentos eclesiais e novas comunidades*, e o reconhecimento do episcopado local, a Comunidade da *Casa de Oração Batismo do Senhor* é uma comunidade eclesial local, situada em uma Igreja particular, em unidade com a Igreja universal⁵⁸⁸. Sob o dinamismo do Espírito, a comunidade experimenta o discernimento nas orações, reflexões, diante da Palavra e da Eucaristia. É uma comunidade que reconhece em seus membros o sacerdócio comum que procede do Batismo, como sacramento que chama todos os fiéis a participarem ativamente na comunhão e na missão da Igreja.

Pois o Espírito respeita a diversidade das pessoas e, ao gerar comunhão (unidade), gera igualmente a catolicidade (universalidade que abarca a diversidade) e não a uniformidade. Toda a comunidade é sujeito da construção eclesial ao proclamar o Evangelho de Jesus Cristo movida por seu Espírito, ao transmitir para outras gerações o que ela é, o que ela crê (DV 8)⁵⁸⁹.

Nosso olhar teológico identificou uma comunidade que busca responder às orientações mais profundas do mandato missionário, presentes do Ritual RICA e nas reflexões provenientes da implantação do Catecumenato com Adultos numa linha mistagógica: o anúncio querigmático e a formação do discipulado de Jesus Cristo.

⁵⁸⁷ COMISSÃO EPISCOPAL PASTORAL PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Igreja Particular, Movimentos Eclesiais e Novas Comunidades*. Subsídios doutrinários da CNBB, São Paulo: Paulinas, 2005, n. 44.

⁵⁸⁸ O documento apresenta cinco critérios de eclesialidade: o primado dado à vocação de cada cristão à santidade; a responsabilidade em professar a fé católica; o testemunho de uma comunhão sólida e convicta com o Magistério; a conformidade e participação na finalidade apostólica da Igreja e o empenho de presença na sociedade humana. COMISSÃO EPISCOPAL PASTORAL PARA A DOCTRINA DA FÉ, op. cit., n.13.

⁵⁸⁹ COMISSÃO EPISCOPAL PASTORAL PARA A DOCTRINA DA FÉ, op. cit., n.37.

Para nós, a maior referência desta comunidade é sua atenção à dinâmica que move o processo de Revelação e Fé, conduzida internamente pelo dom do Espírito, e pelos caminhos do Mistério.

No entanto, não pretendemos aqui apresentar esta experiência comunitária como perfeita, isenta de dificuldades, mas como uma comunidade eclesial em processo de escuta e de discernimento, em processo de formação pastoral-teológica, onde a integração entre catecumenato, leitura orante, liturgia e seguimento de Jesus, tornam-se fonte mistagógica e hermenêutica que fecunda a própria comunidade.

Uma experiência que pode se tornar paradigmática por sua orientação mistagógica, que revela enraizamento teológico e pastoral-pedagógico. Enfim, uma comunidade eclesial que trabalha a experiência religiosa cristã de forma dinâmica e vivencial.

3.1.1

Histórico e perfil da comunidade⁵⁹⁰

A Comunidade da *Casa de Oração Batismo do Senhor* nasceu a partir de um pequeno grupo que se dedicava à formação de lideranças das comunidades da Diocese de Duque de Caxias e São João de Meriti e, nesse trabalho experimentava momentos de oração e reflexão da Palavra e celebrações eucarísticas. Esse grupo se sentiu chamado a viver uma experiência comunitária, como resposta à sua vocação batismal e de serviço à Igreja e ao Reino. O grupo teve sua primeira experiência de articulação na preparação do 7º. Encontro Intereclesial das Comunidades Eclesiais de Base⁵⁹¹, em Duque de Caxias, no Rio de Janeiro, em 1989⁵⁹². Neste evento, alguns membros deste grupo foram responsáveis pelo bom

⁵⁹⁰ Este item foi construído a partir dos documentos e atas disponibilizados pela atual Associação de Fiéis Batismo do Senhor e de entrevistas concedidas pelo orientador espiritual e pelo coordenador adjunto.

⁵⁹¹ As Comunidades Eclesiais de Base foram reconhecidas pelos bispos em Medellín como uma nova experiência de Igreja, como “o primeiro e fundamental núcleo eclesial”, “comunidade de fé, esperança e caridade, e responsável pela fé e culto de seus membros”, “fator primordial de promoção humana e desenvolvimento” e, “foco de evangelização”. Cf. *Medellín*, 1; GALILEA, S. *Evangelização na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1976, pp. 104-112; Anotações pessoais do curso ministrado por Clodovis Boff. CEBs. PUC-Rio, 1986.

⁵⁹² O 7º. Encontro Intereclesial das Cebes, em 1989, teve como tema: Cebes, Povo de Deus na América Latina a caminho da libertação. Nele estiveram presentes 2.550 pessoas, entre representantes de 19 países latino-americanos e 12 Igrejas Evangélicas. Refletiu o importante momento que a sociedade brasileira vivia: eleições diretas para presidente da república, depois de

desempenho das equipes de coordenação do encontro e pelas equipes de serviço, incluindo as equipes de Oração e Liturgia. Em sua formação teológica, este grupo estava em diálogo com a Teologia da Libertação⁵⁹³ e em sua formação espiritual, buscava na Espiritualidade da Libertação⁵⁹⁴, um caminho de oração e mística. Eram pessoas que acompanhavam a formação das CEBs como assessores e como participantes, auxiliavam na formação de lideranças e no movimento popular na Baixada Fluminense.

A primeira característica deste pequeno grupo é sua própria configuração. Ele era formado por homens e mulheres, casados e solteiros, leigos e religiosos. Enfim, um grupo que constituía sua identidade não como um grupo somente de leigos ou de religiosos, de homens ou de mulheres, mas na sua orientação fundamental⁵⁹⁵, qual seja, uma experiência comunitária com duas referências principais: a liturgia e o monaquismo⁵⁹⁶. Uma segunda característica é de que

20 anos de silêncio. Cf. Secretariado do 10º Intereclesial. Disponível em: < <http://ospiti.peacelink.it/zumbi/memoria/10cebs/histor.html> > Acesso em: 6 de maio de 2008.

⁵⁹³ A Teologia da Libertação foi tema de intenso debate entre os anos 60 e 80, e muitos estudiosos a ele se dedicaram no sentido de analisar, compreender seu histórico e relevância, com também os pontos de confronto no campo teológico e eclesial. No vento soprado pelo Concílio Vaticano II, no seu trato consciente com as questões do mundo contemporâneo, passando pela Conferência de Medellín e, em seguida, de Puebla, emerge a necessidade de responder aos desafios da evangelização no continente latino-americano. Gustavo Gutiérrez, Juan Luis Segundo, Segundo Galilea, Lucio Genra e outros teólogos protestantes e católicos trabalham no discernimento e elaboração de uma teologia onde a fé cristã e a realidade latino-americana dialoguem postulando ações pastorais que ajudem a caminhada dos oprimidos. Cf. BOFF, L. e BOFF, Cl. *Da libertação. O teológico das libertações sócio-históricas*. Petrópolis: Vozes, 1979; ANDRADE, P.F.C. *Fé e eficácia. O uso da sociologia na Teologia da Libertação*. São Paulo: Loyola, 1991; FUSSEL, K. *Teologia da Libertação*. In: EICHER, P. *Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia*. São Paulo: Paulinas, 1993, pp. 865-870.

⁵⁹⁴ A Espiritualidade da Libertação é uma espiritualidade fundamentada na experiência do seguimento de Jesus, na sua ação solidária em favor de todos. Deseja estar inserida no processo de libertação no qual os povos da América Latina estão engajados, vivendo a partir do dom da fé, esperança e caridade que tornam o ser humano disponível ao Senhor e sua ação libertadora no mundo. Quer ser uma espiritualidade que no encontro com Jesus, se identifica com os mais pobres. Cf. GUTIÉRREZ, G. *Beber no próprio poço*. Itinerário espiritual de um povo. Petrópolis: Vozes, p. 17. Este grupo refletia especialmente os trabalhos de Segundo Galilea. Cf. GALILEA, S. *Espiritualidade da libertação*. Petrópolis: Vozes, 1975 e *Evangelização na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1976.

⁵⁹⁵ Andres Torres Queiruga desenvolve uma reflexão teológica sobre o tema da vida religiosa, repensando a sua intenção profunda de uma vivência integradora dos pólos pastoral e contemplativo e a identidade da missão. Neste rumo caminham grupos conhecidos como 'comunidades mistas', nas quais religiosos e leigos experimentam juntos a oração, os estudos e o apostolado. Cf. QUEIRUGA, A.T. *Por el Dios del mundo en el mundo de Dios*. Sobre la esencia de la Vida Religiosa. Santander: Sal Terrae, 2000.

⁵⁹⁶ Este grupo procurava compreender e experimentar o monaquismo ocidental de origem beneditina, numa dimensão comunitária, buscando a harmonia entre a oração e o trabalho cotidianos, o que requer uma conversão constante. O Papa Paulo VI, em seu Decreto sobre o Ecumenismo, *Unitatis Redintegratio* exorta os cristãos a conhecerem esta experiência de sabedoria: "Também no Oriente se encontram as riquezas daquelas tradições espirituais, que o monaquismo sobretudo expressou. Pois desde os gloriosos tempos dos santos Padres floresceu no

alguns membros deste grupo eram assessores na Diocese de Caxias e apoiados pelo bispo Dom Mauro Morelli⁵⁹⁷ no serviço de formação teológica e na evangelização das comunidades locais. A terceira característica fundamental para demarcarmos sua originalidade é a centralidade de uma inspiração monástica⁵⁹⁸, em torno da qual gostariam de configurar a comunidade, como um pequeno mosteiro inserido na realidade urbana⁵⁹⁹.

Participa desta gênese um padre que assume de modo particular o projeto do monaquismo comunitário: o Pe. Domingos Ormonde. Em 1991, após retornar de seus estudos na área de Liturgia, em São Paulo, mantém a assessoria na formação litúrgica da Diocese, e na implantação de grupos de oração com o Ofício Divino das Comunidades⁶⁰⁰. É uma pessoa imprescindível na avaliação

Oriente aquela elevada espiritualidade monástica, que de lá se difundiu para o Ocidente e da qual a vida religiosa dos latinos se originou como de sua fonte, e em seguida, sem cessar, recebeu novo vigor. Recomenda-se, por isso, vivamente que os católicos se abeirem com mais frequência destas riquezas espirituais dos Padres do Oriente que elevam o homem todo à contemplação das coisas divinas”. Cf. PAULO VI. Decreto *Unitatis Redintegratio* sobre o Ecumenismo, 1964, n. 15. Disponível em: <www.vaticano.va> Acesso em: 12 de maio de 2008.

⁵⁹⁷ Dom Mauro Morelli foi ordenado sacerdote em 1965. Em 1974, foi nomeado bispo auxiliar da Arquidiocese de São Paulo onde permaneceu até 1981. Em maio deste mesmo ano, foi nomeado pelo papa bispo da diocese de Duque de Caxias e São João de Meriti, no Rio de Janeiro, onde permaneceu até março de 2005, quando sua renúncia foi aceita pelo Papa João Paulo II.

⁵⁹⁸ A espiritualidade monástica é experiência mística e sapiencial dos Padres da Igreja do Oriente e que se estendeu para a Igreja Ocidental. Está centrada em dois termos: a Palavra e a Eucaristia. A resposta pessoal e o fato eclesial e comunitário caminham juntos, mesmo para os monges eremitas. A partir desta dinâmica, a espiritualidade monástica observa procedimentos e atitudes que corroboram para este caminho, como oração contemplativa, a paternidade espiritual, a importância do silêncio, a dialogia entre orar e trabalhar. Este é um tema de imensa riqueza e profundidade, o qual não ousaremos apresentar em uma simples nota. Sobre o tema da espiritualidade monástica conferir COLOMBÁS, G. *O Monacato primitivo*, Madrid: BAC, 1974; VOGUE, A. *Les règles des saints pères*. Paris : Du Cerf, 1982; TILLARD, J.M.R. *Religiosos, vivência e evangelho*. São Paulo: Loyola, 1978; CODINA, V. e ZEVALLOS, N. *Vida religiosa: história e teologia*. Petrópolis: Vozes, 1987; PANIKKAR, R. *Elogio de la sencillez*. El arquetipo universal del monje. Estella: Verbo Divino, 1993.

⁵⁹⁹ O grupo tem conhecimento da experiência das Fraternidades monásticas de Jerusalém. Nascidas em Paris, como uma experiência de monaquismo no coração da cidade, em 1974. Em 1975 contava com os doze primeiros irmãos; em 1989 comportava irmãos cenobitas, irmãs, eremitas urbanos masculinos e femininos, familiares e fraternidades laicas (essas últimas estão atualmente com mais ou menos seiscentos membros). A experiência avançou para outras cidades da França, para a Itália, Alemanha, Bélgica, Estados Unidos, Japão, Argentina e Portugal. Os irmãos e irmãs partilham seu tempo entre a oração (pessoal e liturgia), o trabalho (externo à Fraternidade), o acolhimento e o silêncio. A essência da experiência reside no monaquismo urbano, no coração do mundo tal como ele é, inseridos na cidade sem nela se diluírem e aí vigiar sem dela se distanciarem. “Estar no mundo sem ser do mundo”. (Jo 17,15) Neste espírito, o grupo de iniciantes de Duque de Caxias, procura buscar uma experiência com esta identidade e inserida na vida urbana e simples do povo. Neste rumo, os dois pólos da experiência religiosa se confluíram: o pólo pastoral e o pólo contemplativo. Cf. QUEIRUGA, A.T. op. cit., pp. 19-41. Sobre as Fraternidades monásticas de Jerusalém ver *Jerusalém. Livro da Vida*. Comunidades orantes no coração da cidade. Braga: Editorial A O., 1989 e no site: <http://jerusalem.cef.fr>

⁶⁰⁰ O Ofício Divino das Comunidades (ODC) nasceu como uma tentativa de fazer chegar ao povo as riquezas estruturais da Liturgia das Horas. Sua aceitação por parte das Comunidades

dessa gênese, um elemento nuclear na fundação do projeto, no amadurecimento da espiritualidade monástica e na prática orante desenvolvida em conjunto com este pequeno grupo⁶⁰¹.

Em 1997, surgem as primeiras reflexões em torno de um projeto de vida monástica alternativa, de caráter diocesano e urbano, incluindo sacerdotes, religiosos, leigos⁶⁰². A ideia inicial era uma reapropriação do monaquismo comunitário, prorizando a experiência da liturgia das horas, da liturgia eucarística, da convivência e revisão de vida⁶⁰³. O projeto vislumbrava a moradia em comum de alguns membros e a abertura à vivência comunitária para outros membros que morassem no mesmo bairro. Todos compartilhariam da espiritualidade monástica por meio de orações comunitárias semanais, momentos de leitura da Palavra e trabalho manual.

Acolhido pelo bispo diocesano, Dom Mauro Morelli, e pelo Conselho Presbiteral⁶⁰⁴, o projeto amadurece em um contexto no qual a oração e a escuta ao

particulares, no Brasil, exigiu que a primeira edição sofresse muitas reformas, incluindo novos ofícios para os Tempos Litúrgicos, um desdobramento do Ofício dos Santos com festa dos Apóstolos, memória dos Mártires e Santas Testemunhas e ampliação do hinário. Cf. ISNARD, C.J.C. Apresentação da 7ª. edição do ODC, São Paulo: Paulus, 1994.

⁶⁰¹ Ao descrever o histórico do projeto, tanto o padre-monge como o coordenador adjunto, não mencionam este detalhe como fundamental na fundação da *Casa de Oração*. Contudo, com o olhar 'estrangeiro' daquele que chega e observa a gestão, identificamos esse padre como fundador, a partir do qual se enraíza e estrutura o projeto do Mosteiro inserido na vida urbana. Como muitos fundadores, o Pe. Domingos Ormonde descreve esse histórico como um caminho de discernimento comunitário e eclesial, e não reduzido à sua inspiração e orientação. Neste trabalho respeitamos sua prática discursiva, mesmo porque não é nosso objetivo analisar essa experiência monástica (o Mosteiro) e sim o grupo de Catecumenato com Adultos que ali se encontra e desenvolve sua trajetória.

⁶⁰² Pedido para o monaquismo alternativo em consonância com o serviço à Paróquia (catedral) como primeira opção, ou, como segunda opção, a dedicação ao projeto da Vila S. Luis. O projeto do monaquismo alternativo pretende ser diocesano e urbano. Inclui padres e leigos, leigos celibatários e não celibatários. No caso de casais, o projeto prevê a inclusão dos filhos do casal na convivência fraterna. O projeto inicial já contava com a participação de mulheres leigas e contemplava a possibilidade de mulheres virem a participar da vida diária do mosteiro. Carta do Pe. Domingos Ormonde ao Bispo Dom Mauro Morelli, datada de 16/04/1997.

⁶⁰³ O pequeno grupo dedicou-se aos estudos do monaquismo antigo, comunitário, na linha de São Bento, e nas reflexões contemporâneas de Raimon Panikkar sobre o monaquismo. R. Panikkar defende um arquétipo de monge, à essência da vida monacal para a qual todo homem e toda mulher são chamados e encontram sua realização. Quer dizer que o arquétipo é um produto de forças e fatores, conscientes e inconscientes, individuais e coletivos, que entram na configuração de um perfil humano particular. Abre caminhos para que a experiência monástica seja interiorizada na pessoa em sua aspiração mais profunda, mediante a renúncia e o desapego de tudo o que não seja necessário e uma orientação fundamental no único e singular objetivo: a busca do Absoluto, rompendo todos os obstáculos que se colocarem no caminho em seu peregrinar até Deus. Cf. PANIKKAR, R. op. cit. pp. 15-44

⁶⁰⁴ O Conselho Presbiteral é formado por um grupo de sacerdotes que, representando todo o presbitério da diocese, auxilia o Bispo no governo da mesma, visando promover o bem pastoral, em caráter de co-responsabilidade nas funções de ensinar, santificar e apascentar o Povo de Deus. Cf. CÓDIGO de Direito Canônico. CIC cân. 495, §1. São Paulo: Loyola, 1983; PAULO VI. Carta

Espírito do Senhor era uma constante. Naquele momento, buscavam uma igreja de referência para as orações comunitárias e o serviço eclesial e pastoral de acolhimento e aconselhamento. O pequeno grupo⁶⁰⁵ discernia a importância de manter um eixo em torno da espiritualidade monástica em diálogo com as necessidades da vida urbana como, por exemplo, a solidariedade junto ao povo de rua. Os participantes também desejavam dar continuidade à sua experiência eclesial e colocá-la a serviço da comunidade local, como, por exemplo, a iniciação cristã, os ministérios de aconselhamento e da bênção e a formação litúrgica.

Em 1999 o projeto dá mais um passo no seu amadurecimento. Um espaço físico no bairro de Vila São Luis, em Duque de Caxias é o primeiro local onde os membros religiosos e alguns não-religiosos começam sua experiência concreta, com moradia e vida de oração, contemplação e solidariedade com os sofredores de rua. Neste espaço iniciam uma experiência monástica concreta, seguindo a Regra de São Bento como orientação primeira. Define-se como uma comunidade na qual se cultivaria o seguimento de Jesus através de uma espiritualidade de inspiração monacal e da solidariedade com os pobres e culturas oprimidas. Seguindo esta proposta, a pequena comunidade se torna um espaço diocesano de celebração, oração, meditação, discernimento e vida comunitária. Os membros poderiam ser residentes ou não, mas todos deveriam adotar a mesma espiritualidade e o estilo de vida próprio de sua condição, (leigos e religiosos) comprometidos com a vida e a missão do projeto de mosteiro⁶⁰⁶.

Nesta etapa a comunidade é composta por membros da Igreja diocesana, e está aberta à acolhida de pessoas de outras dioceses que se identifiquem com sua proposta. As orações da manhã e da tarde são abertas à participação dos vizinhos e visitantes. O projeto sugere ofícios específicos para grupos de animadores de comunidades e de pastorais e celebrações próprias para os jovens. Além disso, a comunidade poderá oferecer momentos semanais de oração, encontros de

Apostólica Motu Próprio, *Ecclesiae Sanctae* 15, §1º. AAS 58 (1966), pp. 757-787. Disponível em: <www.vaticano.va> Acesso em: 05 de abril de 2008.

⁶⁰⁵ Este grupo inicial era formado por 8 fundadores: um sacerdote, um diácono, um seminarista, um casal de leigos, e três leigos solteiros. Outras pessoas acompanhavam a formulação do projeto com simpatia e desejo de integrá-lo.

⁶⁰⁶ Documento – Vida e Missão no Mosteiro Diocesano, datado de maio de 1999.

espiritualidade, hospedagem, acompanhamento para pequenos grupos e retiros de formação para aprofundamento na espiritualidade cultivada no mosteiro⁶⁰⁷.

No que concerne aos simpatizantes à vida consagrada por votos públicos, o projeto propõe um caminho especial de conversão e formação inicial, seguido de discernimento da comunidade, apresentação ao bispo diocesano, acolhida e um novo período de formação até a consagração à diocese. Todo o processo seria orientado e vivenciado pela comunidade monástica.

No ano de 2002, a comunidade já havia iniciado sua caminhada e experimentado novas reflexões diante da experiência local. Neste sentido, diante da realidade local e da nova comunidade que começou a se formar em torno da proposta, teve início um processo de revisão do projeto inicial. É neste período que o Jornal da Igreja diocesana menciona o surgimento de uma pequena comunidade monástica no coração da diocese, em comunhão e serviço com a Igreja em Duque de Caxias⁶⁰⁸.

A Comunidade se estabelecia em um prédio muito simples, no qual organizava sua vida de oração e missão e amadurecia sua vocação de inspiração monástica. Em uma capela singela e acolhedora, com altar feito com peças de cimento e pedra encontrados no próprio terreno e com alguns bancos de trem cedidos por outra comunidade da Diocese, realizavam-se os ofícios litúrgicos e celebrações eucarísticas. A estética da pequena capela era marcada pela simplicidade e centralidade no Mistério Pascal. Neste mesmo período foram iniciadas algumas obras em função da preparação do espaço físico para acolhimento de pequenos grupos para encontros e cursos de formação.

Alguns membros das comunidades vizinhas passaram a participar das orações da manhã e da tarde e do clima de oração próprio da comunidade, criando um ambiente de escuta a Deus ao longo de todo o dia. Iniciava-se também a produção de material artesanal voltado para os ritos litúrgicos, como vestes, estolas, casulas; e também para uso pessoal, como camisetas, bolsas e bijuterias.

⁶⁰⁷ Carta a Dom Mauro Morelli pedindo reconhecimento da pequena comunidade monástica, datada de 28/09/2001.

⁶⁰⁸ “Está sendo formado um mosteirinho na Vila São Luis, em Duque de Caxias. Um grupo de irmãos está morando junto, procurando seguir Jesus e se dedicar ao louvor cotidiano de Deus. É o começo de uma pequena comunidade monástica como outras que vêm surgindo no Brasil afora. Nascida no coração da diocese com membros de São João e Caxias, pretende ficar unida e a serviço da vida da Igreja”. “Festa no Mosteiro da Vila São Luís”. Notícia do Jornal “O Pilar”, fevereiro de 2002.

Vejamos como o Jornal da Diocese de Duque de Caxias e São João de Meriti - O Pilar -, noticia a dinâmica cotidiana da Casa de Oração, integrando espiritualidade, estudo e trabalho comunitário.

No mosteiro as orações da manhã e da tarde costumam ter a participação de irmãos da vizinhança. Antes desses ofícios cantados, há um bom tempo de silêncio para oração pessoal. No começo da tarde é feita uma oração breve, em comunhão com os trabalhadores, desempregados, aflitos e doentes. As manhãs são reservadas ao estudo e uma parte para a conservação da casa. As tardes são de trabalho de produção e reforma. O desejo da comunidade é, aos poucos, criar um ambiente de escuta de Deus, durante o dia todo⁶⁰⁹.

Esta produção artesanal contava com a orientação artística e criativa do padre-monge e era realizada em conjunto com algumas mulheres da comunidade e outras, profissionais, residentes no bairro⁶¹⁰.

É importante explicitar que, neste momento, podemos perceber quatro grupos que se aproximam e passam a configurar a comunidade. A origem de cada um desses grupos demarca sua identidade. O grupo inicial, já citado anteriormente, era formado por religiosos e leigos que buscavam a experiência do monaquismo comunitário. Outro grupo estava em processo catecumenal de adultos desenvolvido na Paróquia local, Imaculada Conceição, na Vila São Luís. Um terceiro grupo era formado por pessoas que trabalham junto ao povo de rua, no serviço de acolhimento e promoção humana, oriundo da formação catecumenal na mesma Paróquia. E um quarto grupo, de pessoas das comunidades vizinhas.

Na páscoa do ano de 2003, inicia-se um processo catecumenal com adultos da comunidade e com participantes da paróquia do bairro. A orientação dos documentos da Igreja - especialmente do ritual: RICA -, e o diálogo com a realidade do grupo de adultos é o eixo para o planejamento dos encontros de formação. Este pequeno grupo de adultos faz seu caminho de Iniciação integral⁶¹¹

⁶⁰⁹ Ibid.

⁶¹⁰ Ainda a mesma notícia comenta a produção artesanal na comunidade: “A comunidade está produzindo uma série de objetos para a liturgia e uso pessoal: ícones, cruzeiros de procissão, círios pascais, sacrários, vestes litúrgicas, estolas tecidas a mão, castiçais de ferro, agenda bíblico-litúrgica, cartões, oratórios, banquinhos de oração, mosaicos, camisetas, bolsas, além de licor de café e conserva de legumes. No horário de visitas esses produtos podem ser adquiridos na lojinha do mosteiro”. Jornal “O Pilar”, datado de fevereiro de 2002.

⁶¹¹ Chamaremos de ‘caminho de iniciação integral’ o processo experimentado por esse grupo, pois dos quatorze integrantes, apenas um deles não era batizado, portanto os demais já participavam da Iniciação Cristã.

no seio desta comunidade e realiza os sacramentos de Iniciação na Páscoa de 2004 e 2005, conforme o estágio dos participantes⁶¹².

Todo o processo da comunidade foi acompanhado pelo bispo diocesano e pelo Conselho Presbiteral, principalmente a partilha de situações de decisão, de re-planejamento em função da adaptação do projeto à realidade de seus participantes ou às demandas pastorais. No ano de 2004, Dom Mauro Morelli declara positiva a experiência e exorta a comunidade a ser dom do Espírito para a Igreja: “Faço votos que esta associação, pelo testemunho de todos os membros, possa crescer, sendo dom do Espírito para a Igreja, como personalidade jurídica”⁶¹³.

Neste mesmo ano, a comunidade discerne quanto ao projeto do monaquismo alternativo e percebe que o nível de dedicação que este projeto exige não pode se tornar um mandato para os participantes, e sim um convite para aqueles que se sentirem chamados a viverem esta espiritualidade. Assim sendo, chega a uma síntese de que o projeto comum deve priorizar a oração, a fraternidade e a solidariedade com os mais pobres, sob influxo da espiritualidade monástica. Contudo, para a experiência especificamente monacal, cada membro deve sentir-se convidado e aderir livremente a esse processo, na medida em que se sentir chamado.

Em janeiro de 2005, o espaço no qual a comunidade se agrega passa a ser conhecido como *Casa de Oração*. A capela é dedicada a Deus pelo bispo diocesano, sob o título do mistério do *Batismo do Senhor*, em Celebração Eucarística com a presença da comunidade e amigos. Nesta mesma Celebração foi reconhecida a comunidade de cristãos que ali se reúne para o louvor diário a Deus e para a celebração do dia do Senhor. No dia seguinte à dedicação da Capela, o presbítero e o irmão residentes fizeram os votos públicos da vida monástica⁶¹⁴.

A *Casa de Oração*, já adaptada para o acolhimento de grupos para encontros e retiros, assim como para retiros individuais, manteve a simplicidade evangélica e a perseverança na oração. O nome da comunidade - *Batismo do Senhor* - reflete seu carisma e a história da Diocese que, em unidade com seu

⁶¹² Este pequeno grupo de catecumenato com adultos, iniciado em 2003, foi nosso campo de observação e análise durante 2 anos de processo catecumenal.

⁶¹³ Decreto, assinado por Dom Mauro Morelli e pelo chanceler da Diocese de Duque de Caxias, Pe. Paulo Reis, com validade de 3 anos. Datado de 3/09/2004.

⁶¹⁴ Notícia no Jornal “O Pilar”, com a manchete – “Diocese reconhece Casa de Oração”, datada de fevereiro de 2005.

primeiro bispo, Dom Mauro Morelli, fez do batismo e da crisma a principal fonte de compromisso de suas filhas e filhos com a vida da Igreja e a causa dos mais pobres. A passagem de Jesus pelas águas do Jordão, solidário com o povo que busca perdão, cura, pão e alegria, continua sendo inspiração para a vivência cristã que se realiza dentro e ao redor dessa casa: “*Banhados em Cristo, somos uma nova criatura. As coisas antigas já se passaram, somos nascidos de novo!*”. (Gl 3,27)

3.1.2

Metodologia da pesquisa de campo

Até esta etapa nosso trabalho teve como embasamento a análise teológica do processo de ICA em duas vertentes: com relação à reflexão contemporânea, os documentos do Magistério e as reflexões de teólogos pastoralistas e catequetas; e com relação à fundamentação patrística, a obra de Cirilo de Jerusalém, especialmente, suas *Catequeses Mistagógicas*.

Na fase a seguir, nosso campo privilegiado de observação e análise será a experiência da Iniciação Cristã de Adultos da comunidade eclesial local. Esta dimensão prática do trabalho teológico exigiu clareza diante do objeto de pesquisa, assim como das categorias teológicas presentes na observação.

A relação entre teoria e prática na teologia em muito pode colaborar para o discernimento e busca de novos caminhos para o processo de evangelização. Esta não é uma novidade metodológica, mas é o coração mesmo do trabalho da teologia⁶¹⁵. É a relação entre os fundamentos e orientações teológicas e os processos vitais, comunitários, eclesiais em sua busca de respostas e linguagens em cada momento existencial e histórico.

Os pesquisadores sociais percebem a importância da construção do saber como um processo ativo e metódico⁶¹⁶. Nesse sentido, afirmam que o trabalho

⁶¹⁵ A relação ortodoxia-ortopraxis foi estudada em 1969 por Schillebeeckx ao dar-se conta da insuficiência da hermenêutica teológica baseada no conhecimento do passado e nas limitações que possui a análise linguística aplicada à teologia. A mensagem cristã se dirige à práxis. A teologia, de um lado, cria modelos operativos, é teoria crítica desde a fé sobre o homem, a sociedade e a Igreja. Por outro lado, toma metodicamente a práxis da comunidade cristã, ou a experiência vivida nesta práxis, como ponto de partida para sua própria reflexão. Cf. FLORISTÁN SAMANES, C. *Teología Práctica. Teoría y praxis de la acción pastoral*. Salamanca: Sígueme, 1991, p. 200.

⁶¹⁶ Segundo Louis Pinto o processo de pesquisa social consiste, ao mesmo tempo, em acumular e classificar informações e elaborar uma análise e reflexão com base bibliográfica e contextualizada,

científico caminha em duas direções: por um lado, se defronta com as teorias, com o método e princípios, e identifica questões e resultados e, em outra direção, o pesquisador interpela, ratifica e cria caminhos, abandona pré-compreensões e reconstrói novas compreensões, até mesmo orientando-se para inovações e direções privilegiadas. Nesse percurso entram os critérios de historicidade e de cooperação, da tradição e da comunidade, da dogmática e da complexidade, em uma dinâmica na qual o conhecimento é sempre aproximativo e construído⁶¹⁷.

Dentre os métodos apontados pelos pesquisadores sociais⁶¹⁸, aquele que melhor respondeu ao nosso projeto foi o de ‘pesquisa participante’ com a Comunidade da *Casa de Oração Batismo do Senhor*, especificamente com a equipe que participou da ICA nos anos de 2004 e 2005. A metodologia da pesquisa participante fundamenta-se, “na prática do diálogo, na problematização do real, na interrogação, na aprendizagem da análise crítica, sistemática e aprofundada, na recusa de conceitos deterministas e na determinação de transformar a realidade em função das pessoas”⁶¹⁹.

Neste período, estivemos presentes na comunidade local, não apenas como observadores do processo de planejamento e formação catecumenal, mas também atuamos através da assessoria teológica e acompanhamento do Catecumenato com Adultos.

A pesquisa participante é um processo dialético. Ela conta com os diversos elementos presentes no campo de observação e análise que formam uma rede de informações e práticas discursivas⁶²⁰. Vejamos detalhadamente estes elementos:

apontando também os limites inerentes ao próprio processo de observação e análise. Cf. PINTO, L. Experiência vivida e experiência científica de objetividade. In: CHAMPAGNE, P. e outros. *Iniciação à Prática Sociológica*. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 13; CHAMPAGNE, P. A ruptura com as pré-construções espontâneas ou eruditas. In: CHAMPAGNE, P. e outros, op. cit., p. 171.

⁶¹⁷ MINAYO, M.C.S. (org.) *Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1994, pp.12-13

⁶¹⁸ Os pesquisadores sociais apontam para dois critérios básicos: os relacionados aos fins e os relacionados aos meios. Em relação aos fins, uma pesquisa pode ser: exploratória, descritiva, explicativa, metodológica, aplicada e intervencionista. E quanto aos meios, ela pode ser: pesquisa de campo, de laboratório, documental, bibliográfica, experimental, participante, pesquisa-ação e estudos de casos. Cf. GIL, A.C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 1996.

⁶¹⁹ FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1999.

⁶²⁰ A partir de Michel Foucault (Arqueologia do Saber: 1969), não se falará mais tanto de discursos e mais de práticas discursivas. Por práticas discursivas Foucault compreende regras anônimas, constituídas no processo histórico, ou seja, determinadas no tempo e delimitadas no espaço, que, em uma época concreta e em grupos ou comunidades específicas e concretas, vão definindo as condições que possibilitam qualquer enunciação. Portanto, todo discurso é uma prática social, uma construção social, não individual, e que só pode ser considerado em seu contexto histórico-social.

1. O pesquisador não é um participante do grupo de observação, em nosso caso, não faz o caminho do Catecumenato. Portanto, traz em sua bagagem estruturas objetivas, coletadas nas fontes bibliográficas e sistematizações conceituais. Além dessas estruturas objetivas, o pesquisador também traz estruturas subjetivas, representações pessoais, pré-compreensões e limites. São estruturas que demarcam seu olhar epistemológico e o levam a selecionar os pontos de observação e interpretação⁶²¹.

2. Ainda sobre o pesquisador, após 3 meses de acompanhamento do grupo de participantes do Catecumenato, estabeleceu-se um diálogo com relação ao próprio processo de ICA que vivenciavam. Diálogo no qual, pesquisador e grupo, juntos diagnosticaram o caminho feito, selecionaram aspectos e conteúdos a serem buscados, como também perceberam falhas e dificuldades neste processo.

3. Desde o momento de contato, o grupo de participantes do Catecumenato conheceu os objetivos da pesquisa, acolheu e abriu-se ao processo, desejoso de contribuir com sua própria experiência para a caminhada eclesial.

4. O grupo de participantes do Catecumenato foi convidado a explicitar suas representações, sua compreensão de diversos aspectos que vivenciavam no processo catecumenal, a fim de não interferirmos com nossa pré-compreensão quanto aos conteúdos e trajetórias que realizavam.

Tenhamos presente que, tanto o pesquisador como o grupo observado, não se definem como faces isoladas do projeto, mas em relação constante, sofrendo interferência mútua e conservando as peculiaridades de seus papéis no grupo. Assim sendo, nossa metodologia possibilitou um olhar cumulativo sobre o objeto de pesquisa. Os métodos - dedutivo e indutivo - não foram trabalhados como polaridades, mas em seu dinamismo⁶²². Ou seja, tanto o embasamento nos princípios teológicos extraídos da mistagogia de São Cirilo e aqueles trazidos pela revisão bibliográfica, como a própria realidade da comunidade, sua trajetória, sua

Cf. IÑIGUEZ, L. A linguagem nas ciências sociais: fundamentos, conceitos e modelos. In: _____. *Manual de Análise do Discurso em Ciências Sociais*. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 92.

⁶²¹ A pesquisa social corrobora com a epistemologia científica considerando a não-neutralidade do pesquisador, contra “o mito de uma comunicação transparente e desprovida de pressupostos”. Lembra que toda relação social envolve condições sociais de possibilidades e efetua-se segundo modalidades que exigem ser consideradas como socialmente determinadas. Cf. PINTO, L. op. cit., p. 40; CHAMPAGNE, P. op. cit., p. 207; MINAYO, M.C.S. op. cit., p. 19.

⁶²² O método dedutivo é aquele que parte dos princípios abstratos e idéias e verifica sua aplicabilidade na realidade. O método indutivo parte dos fatos concretos, da empiria, da experiência como fonte de conhecimento, é a ciência fundamentada na observação. Cf. FLORISTÁN SAMANES, C. *Teología Practica*, op. cit., p. 200.

forma de encaminhar a Iniciação Cristã e responder aos desafios de seu contexto, se tornaram pressupostos para a análise e elaboração dos dados observados. Trabalhamos com a aproximação destas duas experiências em um movimento dialético⁶²³: investigando a estrutura da prática catecumenal nesta comunidade e verificando sua aproximação com a mistagogia de Cirilo de Jerusalém.

Essa aproximação é a que melhor responde ao nosso eixo referencial da pesquisa, qual seja, a dinâmica da Revelação entre Deus e seus filhos e filhas. Não é, portanto, uma escolha entre outras, mas uma escolha que comanda toda a atividade de coleta de dados e seleção do material e, por conseguinte, a construção do próprio objeto de pesquisa, assim como estabelecimento da correspondência entre as estruturas presentes no material bibliográfico e na comunidade particular⁶²⁴.

As comunidades eclesiais existem em um determinado espaço cuja formação social e configuração congrega unidade na diversidade. São compreendidas como comunidades locais, no âmbito da Igreja particular⁶²⁵, no tempo presente e como Povo de Deus a caminho, tradicionalizadas, participantes da trajetória passada e futura da humanidade. São identidade e dinamismo, tradição e provisoriedade, enraizamento e abertura.

Não se trata, portanto, de um trabalho de investigação a priori, no qual o pesquisador-teólogo percebe e identifica a eclesialidade e caminhos vividos e anunciados nesta comunidade eclesial. É um trabalho de hermenêutica comunitária, no qual as próprias pessoas, membros ativos nesta dinâmica, dão significado e intencionalidade às suas ações e construções⁶²⁶.

⁶²³ Essa metodologia se propõe a abarcar o sistema de relações que constrói o modo de conhecimento exterior aos sujeitos da pesquisa, mas também as representações sociais que traduzem o mundo dos significados. Busca encontrar, na parte, a compreensão e a relação com o todo; e a interioridade e a exterioridade constitutivas dos fenômenos. Partilham desta metodologia muitos pesquisadores sociais, entre eles, Minayo, Geertz e Clifford, Giddens. Cf. MINAYO, M.C.S. op. cit., pp. 24-25.

⁶²⁴ Cf. PINTO, L. op. cit., p. 15.

⁶²⁵ O Vaticano II definiu Igreja particular como “a porção do povo de Deus confiada a um Bispo (...) que aderindo a seu pastor e por ele congregada no Espírito Santo, mediante o Evangelho e a Eucaristia. Nela reside e opera a Una, Santa, Católica e Apostólica Igreja de Cristo.” É definida em termos de diocese, onde está assegurada a unidade com a Igreja universal. As igrejas particulares não são distintas da Igreja universal, mas esta última somente existe nelas e por elas. A Igreja particular é Igreja em comunhão com as demais Igrejas. Cf. *LG 23, AG 38, CD 11*.

⁶²⁶ As estruturas objetivas e subjetivas do pesquisador não se impõem no trabalho de campo, mas são apresentados como categorias epistemológicas e abertos ao diálogo que o próprio processo estabelece. Nesse sentido, a comunidade interpretativa constrói um novo discurso, pela interação social e verbal, a partir da complexidade de elementos que a constitui e renova incessantemente. Cf. ROSENTHAL, P. A. Construir o ‘macro’ pelo ‘micro’: Fredrik Barth e a ‘microstoria’. In:

Em nosso projeto, o pesquisador-teólogo se inseriu no grupo com um papel específico, foi afetado em seu olhar epistemológico e em sua elaboração⁶²⁷. E assim também o grupo de participantes do Catecumenato entrou na dinâmica da pesquisa, compreendeu seu próprio processo de iniciação, tornando-se elemento ativo no processo. Enfim, não trabalhamos sozinhos, contamos com este grupo em uma etapa da construção desse processo. Mais adiante, distanciados do campo de pesquisa, pudemos confrontar os dados anteriores com a realidade pastoral observada e experimentada, quando procuramos analisar, do ponto de vista teológico, o processo de ICA que ali se desenvolveu. Reunindo os dados coletados e observações realizadas, uma nova fase amplia a observação de campo, que consiste na recolocação dos dados em um universo mais amplo, retomando as reflexões teológicas anteriores, assim como as orientações pastorais próprias da realidade da Igreja no Brasil.

Os dados recolhidos no trabalho de campo, em especial os depoimentos do grupo de participantes do Catecumenato, foram obtidos através de entrevistas - individuais e grupais -, e anotações de campo⁶²⁸. As entrevistas foram elaboradas a partir de um roteiro específico e pré-determinado, a fim de não nos afastarmos dos objetivos da pesquisa. Contudo, o roteiro não foi seguido mecanicamente, mas dependeu das histórias de vida e de temas novos que emergiram da conversa. Isto permitiu que temas novos fossem incorporados e que também fossem desenvolvidas outras questões, que não estavam presentes originalmente.

O roteiro pré-determinado⁶²⁹ procurou coletar dados que auxiliassem na percepção das motivações de cada pessoa:

1. como experimentou o processo do Catecumenato na vida pessoal e comunitária;

REVEL, J. (org.) *Jogos de Escalas. A experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: FGV, 1998, pp.156-158

⁶²⁷ A atividade reflexiva necessita de uma disciplina e organização precisa de dados. É atividade científica de observação que não pode se tornar uma objetivação que prescindia dos dados socialmente construídos e nem mesmo tomá-los como simples confirmações das hipóteses formuladas. Exige-se uma descentralização intelectual, como condição de acesso aos pontos de vista 'estranhos' ao olhar inicial do pesquisador e uma atividade organizada dos mesmos para a fase de reelaboração de hipóteses e reconstrução dos conceitos iniciais. Cf. PINTO, L. op. cit., p. 43; LENOIR, R. Objeto sociológico e problema social. In: CHAMPAGNE, P. e outros, op. cit., p. 59. CHAMPAGNE, P. op. cit., p. 222. Ibid.

⁶²⁸ Apesar de privilegiarmos as práticas discursivas das entrevistas realizadas, não foram descartadas as conversas informais e a observação direta, atenta e participativa no grupo do Catecumenato com Adultos. As impressões colhidas durante as atividades foram anotadas em um caderno de campo a fim de se tornarem objeto de nossa análise.

⁶²⁹ Ver Anexo 1.

2. qual o significado da experiência sacramental;
3. como a liturgia foi percebida dentro do processo;
4. qual o significado da figura do catequista e do introdutor;
5. como percebe de uma maneira mais ampla o Catecumenato com Adultos;
6. quais as dificuldades que diagnostica.

Do grupo de quatorze pessoas, foram consideradas as entrevistas de nove participantes do Catecumenato⁶³⁰ e um catequista⁶³¹. Todos os nomes dos entrevistados foram alterados com a intenção de se guardar o anonimato dos mesmos. Cada pessoa escolheu o seu pseudônimo: Paulo, Rosa, Valéria, Maria, Nanci, Rute, Miriam, Afonso, Ana Maria e, o catequista, Augusto.

As entrevistas são elementos fundamentais em nossa pesquisa de campo. São elas que apresentam o universo conceitual dos participantes do grupo, sua pré-compreensão e teias de significados presentes na dinâmica da Iniciação que experimentam. Registram as representações construídas antes, durante e depois do processo catecumenal. Colaboram para que a observação não se reduza à associação entre as pré-noções do pesquisador e sua percepção imediata.

As entrevistas grupais também seguiram um roteiro pré-estabelecido⁶³², este foi construído juntamente com o catequista, e teve como objetivo recolher, em ambiente comunitário, as impressões e conclusões do grupo de participantes, com relação ao caminho catecumenal trilhado. Por isso mesmo foram realizadas nas etapas finais do Catecumenato deste grupo.

Os dois contextos nos quais as entrevistas ocorrem – o individual e o grupal – também são marcados por diferentes formas de interação. Na entrevista individual, a relação que se estabelece é entre pesquisador-entrevistado, na qual as possibilidades de interação estão reduzidas a estes dois participantes do processo, assim como as práticas discursivas que se desenvolveram. No campo das

⁶³⁰ Neste grupo de entrevistados, apenas um membro ainda não havia participado do sacramento do Batismo. Os demais estão no processo catecumenal em função da reiniciação, pois já haviam recebido este sacramento da Iniciação. Ao longo do capítulo, usaremos a expressão ‘participante do Catecumenato’ sempre que nos referirmos a um dos nove participantes, independente de seu estágio no processo de Iniciação Cristã.

⁶³¹ Ao todo foram entrevistados dez integrantes deste Catecumenato e, para os fins deste trabalho, consideramos a categoria de cooperação em pesquisa social como critério seletivo diante do material acumulado. Este critério procura reunir os seguintes dados: a quota de informação, a qualidade e confiabilidade da contribuição informativa, a relevância quanto ao tema central da pesquisa e a forma como o conteúdo é expresso, no caso, capacidade de ordenação, expressão, clareza. Cf. INIGUEZ, L. A linguagem nas ciências sociais: fundamentos, conceitos e modelos. In: _____. op. cit., pp. 70-71.

⁶³² Ver Anexo 2.

entrevistas grupais, há um outro processo de interação, do qual participam entre dez a quatorze pessoas, estabelecendo um outro exercício discursivo, de maior circularidade interpretativa. Os elementos trazidos neste segundo momento são partilhados, compartilhados, sofrem alterações e complementos durante as falas pessoais. Nos dois momentos estamos diante de práticas discursivas intersubjetivas, no entanto, cabe ressaltar suas variações contextuais, a fim de melhor precisar nossa análise.

Tendo presente esta rede de elementos, que reúne estruturas objetivas e estruturas subjetivas, iniciamos a análise dos discursos⁶³³, dentro de seu contexto e das representações e significados presentes no grupo de participantes deste Catecumenato.

Para nossa análise dos discursos e das práticas do grupo de Catecumenato com Adultos trazemos os pressupostos que fundamentaram a construção do objeto de pesquisa e serviram como critérios para a pesquisa participante:

1. o processo de interiorização das estruturas objetivas - a meta a ser atingida pelo grupo de adultos, o espaço físico-simbólico onde os encontros se realizaram;
2. as disposições que foram geradas e reconstruídas dinamicamente no campo social – a mudança de espaço, a reconfiguração dos objetivos, a nova metodologia para os encontros;
3. as categorias de percepção do pesquisador-teólogo, do orientador-catequista e dos participantes do grupo;
4. a escala produzida entre a fundamentação teórica e a experiência da comunidade interpretativa⁶³⁴.

⁶³³ A análise dos discursos é uma seleção metodológica e também uma perspectiva em nosso projeto, pois acredita, juntamente com muitos pesquisadores sociais, que esta é uma das áreas que melhor representa a inclusão da linguagem na compreensão desses processos. Cf. IÑIGUEZ, L. A análise do discurso nas ciências sociais: variedades, tradições e práticas. In: IÑIGUEZ, L. op.cit., p. 105.

⁶³⁴ Escolher uma escala consiste em selecionar um conteúdo que seja pertinente com o nível de organização a ser estudado, é a relação entre a matriz teórica e determinado modelo histórico, considerando as chaves comuns, os referenciais constantes e também o dinamismo que relaciona os dois pontos de observação e análise. Cf. LEPETIT, B. Sobre a escala na história. In: REVEL, J. op. cit., p.90.

Ainda para fins de metodologia de nosso trabalho, apresentaremos as análises dos discursos do catequista do grupo e dos participantes do Catecumenato. São duas formas de inserção no processo catecumenal bastante diferenciadas: aquela do catequista - alguém que coordena, planeja, orienta, tem formação e visão para além do processo presente – e as práticas discursivas dos participantes - iniciantes no caminho, observadores atentos, mas também e principalmente, o foco do processo catecumenal. Durante a análise incluiremos nossas observações e anotações de campo já procurando demarcar os indicadores das categorias mistagógicas presentes ou ausentes nesta experiência catecumenal.

3.2

O Catecumenato com Adultos na Casa de Oração Batismo do Senhor

Iniciaremos nosso processo de apresentação e análise do grupo de Catecumenato com Adultos da *Casa de Oração Batismo do Senhor* lembrando três aspectos que fundamentaram o processo de pesquisa e, portanto, a construção desse objeto.

Em primeiro lugar, o encontro de uma experiência comunitária que se aproximava em muitos aspectos das estruturas objetivas trazidas pelo pesquisador-teólogo. No caso, um processo de ICA, no qual o eixo referencial mistagógico era percebido em muitas dimensões. Em segundo lugar, a verificação dos dados coletados na pesquisa bibliográfica em confronto e diálogo com a realidade de uma comunidade local, viva, fecunda, aberta à dinâmica da Revelação e situada em contexto próprio, sócio-histórico-econômico. Em terceiro lugar, a experiência concreta com esta comunidade, de participação e observação, a pesquisa participante em si e o processo catecumenal acontecendo, em sua dinâmica real, cotidiana⁶³⁵.

Tenhamos diante de nós os elementos da mistagogia de Cirilo de Jerusalém enquanto elementos-fontais. A partir deles buscaremos estabelecer um diálogo teórico-pastoral com a experiência local, verificando a possibilidade

⁶³⁵ Segundo Floristán Samanes, este é um método que deve ser explicitado. Em sua dialética ele viabiliza a articulação destes três aspectos. Ao experimentar a realidade, ela mesma transfigura e concretiza os dados teóricos. Os fatos e as atividades concretizam a experiência de Deus que se dá na realidade, desembocam na vivência concreta do compromisso apostólico e, só a partir daí, conduzem ao movimento teórico que consiste no diálogo, muitas vezes reformulador, das teorias provenientes da leitura teológica. Cf. FLORISTÁN SAMANES, C. op. cit., p. 201.

concreta de um resgate da experiência catecumenal das origens da Igreja como referencial para a ICA nas comunidades atuais⁶³⁶.

Em nosso diálogo teológico com as *Catequeses Mistagógicas* de Cirilo de Jerusalém elencamos os seguintes elementos presentes no processo de Iniciação Cristã de Adultos:

1. A Iniciação Cristã desenvolve-se com base na Palavra de Deus, na liturgia como experiência mistagógica, no compromisso explicitado na mudança de vida e no testemunho pessoal e comunitário;

2. A liturgia ocupa lugar central na experiência cristã, e a sua relação com a vida sacramental é de integração;

3. A Iniciação Cristã é compreendida como processo, itinerário iniciado pela ação salvífica de Deus na história, na vida pessoal e comunitária;

4. Há uma integração entre o processo pessoal e o processo comunitário;

5. O mistagogo é aquele que conduz pela mão pelos caminhos da Revelação, é pedagógico nos encaminhamentos e pai espiritual, inserido na família eclesial;

6. Na Iniciação Cristã se articulam a atitude contemplativa e a dimensão interpretativa da experiência de Deus;

7. Em termos de eclesiologia são constantes desse processo: o vínculo entre a Tradição e o Magistério, o sentido de pertença eclesial, de sacerdócio comum e de Povo de Deus eleito e a caminho.

O teólogo pastoralista Floristán Samanes sinaliza a complexidade e alcance do Catecumenato com Adultos como ação pastoral de toda a Igreja: “o Catecumenato com Adultos não é simplesmente uma classe com aulas de religião especialmente preparadas e dadas aos adultos, mas toda uma ação pastoral, uma

⁶³⁶ Para estabelecer o diálogo entre o catecumenato atual e as fontes da Tradição poderíamos trazer como base para a análise o documento do Magistério, o RICA, elaborado com base nas fontes patrísticas dos séculos III e IV, formação e sistematização do catecumenato. Contudo, nos ateremos às fontes de Cirilo de Jerusalém, e será a partir delas que buscaremos o diálogo com a Iniciação Cristã de Adultos hoje. Para conhecer mais profundamente as relações entre o RICA e a ICA atual consultar RIBAS, L.F.O. *O Itinerário da Iniciação Cristã da fé de adultos em contextos urbanos: da pastoral de conversão à catequese de iniciação*. Dissertação de Mestrado em Teologia, Rio de Janeiro: PUC, 2005.

verdadeira ação de catecumenato, uma obra de toda a Igreja, muito mais completa”⁶³⁷.

É neste sentido que iniciaremos a análise das práticas discursivas do catequista e do grupo de Catecumenato com Adultos que se formou na *Casa de Oração Batismo do Senhor*, como comunidade viva, como uma nova experiência eclesial, que contempla as orientações do RICA. Mas antes, se mostra atenta ao primado da Graça de Deus na vida pessoal e na própria comunidade que se configura, o que, a nosso ver, visibiliza seu caminho mistagógico.

3.2.1

Gênese e formação do grupo de Catecumenato com Adultos

A Diocese de Caxias experimenta o Catecumenato com Adultos segundo as orientações do RICA desde o ano de 1986. Vejamos brevemente o histórico deste processo de implantação do Ritual na Diocese.

Em 1973, o Ritual foi traduzido para o português. Nove anos depois foi criada a Diocese de Duque de Caxias e São João de Meriti, quando o bispo Dom Mauro Morelli coloca nas mãos dos presbíteros exemplares do RICA e incentiva sua implantação. Nos anos seguintes, o Catecumenato começou a ser organizado na Paróquia de Xerém, área rural da Diocese, sob a orientação do Pe. Domingos Ormonde e do Pe. Armando Cellere. Em 1986, o Sínodo Diocesano aprovou o Documento “Batismo na Vida e na Missão da Igreja”, com as diretrizes para a adoção integral do RICA em toda a Diocese⁶³⁸.

Em 1998, se iniciou a implantação do Ritual na Paróquia Imaculada Conceição, na Vila São Luis, quando ofereceu aos seus agentes de pastoral uma formação específica e iniciou este processo. Segundo J. Amado, a equipe pastoral inicia essa experiência como uma resposta eclesial ao aumento do número de jovens e adultos em busca dos sacramentos da Iniciação Cristã e, ainda, de uma outra demanda, de aprofundamento na fé cristã.

⁶³⁷ FLORISTÁN SAMANES, C.F. e ESTEPA, J.M. *Pastoral de hoy*. Barcelona: Nova Terra, 1966, p. 262.

⁶³⁸ Cf. 1º. SÍNODO DIOCESANO. *Batismo na Vida e na Missão da Igreja*. Diretrizes Pastorais para o Batismo de Adultos. Diocese de Duque de Caxias e São João de Meriti. Natal de 1986, São Paulo: Loyola, 1986.

O processo catecumenal proposto pelo RICA respondia às questões pastorais diagnosticadas nas comunidades locais, como a necessidade do acompanhamento pessoal, a metodologia dos encontros, o eixo catequético-litúrgico. Enfim, iniciava-se uma nova experiência na tentativa de oferecer uma Iniciação Cristã verdadeira e fecunda. A fim de nos situarmos melhor, vejamos o histórico apresentado por J. Amado⁶³⁹.

O Catecumenato Paroquial da Iniciação Cristã de Adultos teve uma história recente, com início no ano de 1998, quando a equipe pastoral (dois padres e um leigo) iniciou a implantação das etapas do catecumenato, conforme indicado no RICA. O trabalho continuou durante o ano de 1999, encerrando-se na Vigília Pascal de 2001. Em 2002, iniciou-se uma segunda experiência⁶⁴⁰.

Nessa perspectiva, é importante assinalarmos que a experiência de ICA que encontramos é fruto da intenção de implantação em toda a Diocese de Caxias. Não constitui uma experiência inovadora ou isolada, mas em consonância com o Magistério eclesial e recomendado pela Conferência Episcopal Latino Americana⁶⁴¹.

O liturgista D. Ormonde⁶⁴² sublinha que no RICA subjaz a compreensão de que em todo o processo catecumenal se realiza a mistagogia, pois em cada tempo se realiza, processualmente, a introdução no Mistério de Cristo e da Igreja vivido no ano litúrgico, nos ritos do próprio Catecumenato, nas celebrações da Palavra, na liturgia, de modo geral, e na oração pessoal⁶⁴³. Na interpretação de D. Ormonde, a mistagogia é compreendida pelo RICA como eixo teológico. É dela que nascem sua estrutura e suas práticas rituais e litúrgicas.

⁶³⁹ Não detalharemos aqui a realidade da Diocese de Duque de Caxias neste período. Para tanto ver o fundamental artigo de Joel Portella Amado, no qual o autor descreve a realidade socioeconômica da Diocese de Caxias, apresenta e analisa o processo catecumenal, em seus eixos teológico e pastoral, apontando valores e limites da experiência. Cf. AMADO, J.P. *Iniciação cristã de adultos em ambiente urbano: relato de uma experiência*. In: *Magis*, Centro Loyola de Fé e Cultura: Rio de Janeiro, 2001.

⁶⁴⁰ AMADO, J. P. op.cit., p. 174.

⁶⁴¹ A 2ª. Conferência do Episcopado Latino Americano de Medellín (1968) contempla a preocupação com a diversidade na formação religiosa na América Latina (evangelização dos batizados, re-evangelização dos adultos, nova forma de catecumenato na vida adulta; recomenda uma educação da fé profunda e madura, em dimensão pessoal e comunitária. (*Medellín* 6,8) A 3ª. Conferência, em Puebla (1979) afirma que a catequese deve conduzir a um processo de conversão e de crescimento permanente e progressivo da fé. (*Puebla* 998).

⁶⁴² O liturgista citado é o padre-monge que orienta a *Casa de Oração Batismo do Senhor*.

⁶⁴³ Cf. ORMONDE, D. O tempo da mistagogia. In: *Revista de Liturgia*, 182, março-abril de 2004, p.24.

Nossa análise dos discursos seguirá um roteiro de elaboração, com base nos elementos da mistagogia de Cirilo de Jerusalém e nos principais eixos do RICA. Contudo, o grupo entrevistado, enquanto comunidade viva e lugar teológico, também trouxe temas novos, que não estavam contemplados inicialmente nessa pesquisa, e serão incorporados em nossa reflexão teológico-pastoral.

Na etapa seguinte, daremos início ao processo de diálogo crítico com a comunidade local, ouvindo suas práticas discursivas e elaborando a reflexão teológica na qual reside a meta deste trabalho: o resgate da mistagogia fontal, em Cirilo de Jerusalém, como proposta para a Iniciação Cristã de Adultos atual.

Recordemos que estamos diante de práticas discursivas, que adquirem seus significados dentro do contexto em que são construídas. As palavras são densas de representações e significados, e, no caso dos entrevistados, observamos que também carregam análises e sínteses, ou seja, não são apenas descritivas, mas reflexões de pessoas conscientes do processo do qual participam⁶⁴⁴.

O grupo de adultos que acompanhamos não é originário da *Casa de Oração*. Resultou de um processo de organização do Catecumenato com Adultos na paróquia local, onde o Pré-Catecumenato reunia quase quarenta participantes. Três catequistas trabalhavam juntos, tendo noções básicas do RICA. Nesta etapa sentiram a necessidade de dividir os participantes em três grupos. Um destes grupos foi convidado a se congregar na *Casa de Oração Batismo do Senhor*, pois a Casa contava com um espaço disponível para os encontros, e os outros dois se mantiveram na Paróquia Imaculada Conceição, na Vila São Luis.

Neste primeiro dado nos encontramos com o processo de ICA em sua primeira etapa. O tempo de Pré-Catecumenato é uma orientação do Magistério da Igreja, de acordo com o RICA. Segundo este Ritual, o Pré-Catecumenato é o tempo da evangelização em que, com firmeza e confiança, se anuncia Jesus Cristo. Esse tempo deve ser de ajuda para que os simpatizantes reconheçam a

⁶⁴⁴ As entrevistas foram transcritas por uma especialista, segundo os critérios de convenção de transcrição estabelecidos com base em Atkinson e Heritage e Tannen, mantendo a maior fidelidade possível nas entonações, pausas, silêncios, receios, risos, enfim, na tentativa de compor um texto vivo. Cf. ATKINSON, J. M. e HERITAGE, J. *Structures of social action*. Studies in conversation analysis. Cambridge: Cambridge University Press, 1984 e TANNEN, D. *Talking Voices. Repetition, dialogue and imagery in conversational discourse*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

presença de Jesus Cristo na própria vida e, no encontro com Ele, iniciem um diálogo próximo, íntimo e de confiança⁶⁴⁵.

Este grupo é orientado pelo catequista Sr. Augusto, agente de pastoral ativo na Diocese, na qual desempenha vários ministérios: como Introdutor e como Catequista, como ministro da Palavra, da Bênção, dos Enfermos. Além disso, vem atualizando sua formação teológica dentro da Diocese na busca de atender à realidade da comunidade, com base bibliográfica e nas orientações eclesiais.

Vejamos como Sr. Augusto apresenta o processo inicial de formação do grupo de participantes do Catecumenato que se tornou nosso foco de análise.

Aí a turma tinha uns 40 mais ou menos pra dividir pra três... Aí o que eu fiz...? Tinha a Miriam e o Alex no mesmo grupo. No primeiro ano, o Alex trabalhava comigo. No segundo ano, veio a Miriam... Era um encontro... não deixava de ser um encontro, só que a gente dizia assim “nós estamos arrumando as malas, que nós vamos fazer uma viagem muito grande... então, nós estamos nesse tempo, é o tempo que a gente tá arrumando, fazendo a preparação. É o pré-catecumenato. E a gente trocava experiência pra fazer a leitura do Evangelho (...) Depois o grupo foi dividido em três. O Alex ficou com um bocado, a Miriam com outro bocado... e eu trouxe quatorze para a Casa de Oração. (Sr. Augusto)

Ele constata uma limitação com relação ao quantitativo de participantes no processo: um grupo muito grande dificulta o verdadeiro encontro catecumenal. No entanto, como o processo está em sua fase inicial – o Pré-Catecumenato -, sua sensibilidade pastoral e discernimento o conduz à decisão de dividi-lo em grupos menores.

Em seu relato, observamos que se refere ao Pré-Catecumenato com familiaridade própria de quem já tem alguma formação e experiência no mesmo. O que queremos indicar com esta observação é que a proposta do RICA está incorporada na dinâmica catecumenal como parte do seu planejamento cotidiano. Sr. Augusto demonstra conhecer os principais eixos da proposta e discernimento pedagógico na escolha da linguagem, do método, das melhores estratégias no seu trabalho como catequista.

Ainda dentro deste item, sobre a formação deste grupo específico de Catecumenato, vejamos quais as motivações que se apresentaram para que esse grupo de adultos tenha iniciado o caminho catecumenal.

⁶⁴⁵ Cf. RICA, 9-13.

Para muitos adultos, talvez para a maioria, a motivação está direcionada aos sacramentos da Iniciação Cristã. Para outros, há uma motivação, ainda não tão presente, que consiste na necessidade de uma atualização na formação catequética, defasada no tempo ou pelo distanciamento da Igreja⁶⁴⁶.

No grupo observado, formado por quatorze pessoas, apenas um adulto não havia recebido o sacramento do Batismo, os demais já haviam participado de uma formação de cunho sacramental, na infância ou adolescência. Contudo, o catequista não diferencia o grupo por estágios de formação cristã ou, como alguns estudiosos, como iniciação e reiniciação⁶⁴⁷. Considera que para todos deve ser estabelecido o mesmo processo, de Iniciação Cristã integral.

Eles vêm chegando de formas diferentes... eu respeito cada um, com seu jeito... é o Espírito que envia, quem sou eu pra discutir... (risos). Mas se aceitam o convite é porque o Espírito pede, é porque precisam da iniciação, do caminho... (Sr. Augusto)

O catequista já apresenta nessa fala uma característica da mistagogia. Ele se coloca como mediador em um processo no qual é o Espírito que convida cada pessoa. É o Espírito quem impulsiona e orienta o caminho.

Alguns participantes apresentam uma motivação inicial de ordem pastoral, trazendo elementos de uma busca de sentido existencial e de melhor compreender a fé cristã. Afonso, por exemplo, busca um conteúdo que preencha o seu vazio e algo o leva a crer que o Batismo mudaria este sentimento. No entanto, ele atribui a mudança que experimentou ao próprio caminho catecumenal.

Talvez, fosse uma neurose minha, mas eu achava que por eu não ser batizado, que eu tava com aquele vazio... Eu acho que o que preencheu o vazio não foi nem o fato de eu ter me batizado... Foi simplesmente o catecumenato que me fez parar, aprender, entregar, sabe? conhecer... aí eu vim.. e foi brotando a semente da fé em meu coração. (Afonso)

⁶⁴⁶ Sobre as motivações mais comuns para a inserção nos grupos de Catecumenato com Adultos ver ALBERICH, E. e BINZ, A. *Catequese com Adultos. Elementos de Metodologia*. op. cit., especialmente capítulo 3; CNBB, *Segunda Semana Brasileira de Catequese*, op. cit., especialmente bloco IV.

⁶⁴⁷ A distinção feita pelo catecumenato primitivo entre catecúmenos, neófitos e fiéis é válida onde se dá um catecumenato estrito. No caso desta comunidade local, na qual quase todos foram batizados em sua infância e percorrem o itinerário da fé cristã, o vínculo entre comunidade e catecumenato é um dado, assim como a distinção terminológica dos membros da comunidade. Cf. FLORISTÁN SAMANES, C. *Teología practica*. op. cit., p. 632.

A Iniciação Cristã é caminho que concorre para profundas mudanças na vida pessoal, resulta na configuração de uma nova pessoa que, ao abrir-se para o mistério, responde existencialmente ao convite de Deus.

Também Nanci fala de uma motivação de fundo existencial, relacionada com a busca de sentido em sua vida. Estava insatisfeita com suas relações familiares, fechada para as pessoas, isolada, perdida, e sabia que não queria viver dessa forma. O testemunho de duas amigas e o convite para participar de atividades na Igreja iniciam um processo de mudança para ela.

A minha vida estava muito vazia... Eu sentai que tava faltando algo, né? Eu, já numa certa idade, a convivência, aqui dentro de casa, também, não era muito boa. Aquelas discussões, eu tava quase entrando numa depressão.... Eu falei: 'Meu Deus! Eu tenho que fazer algo, tenho que procurar algo pra melhorar a minha relação, aqui dentro de casa'. Eu tava me fechando muito comigo mesma, né? Eu tava com aquele medo... das pessoas, de me relacionar, tava me fechando, assim, no meu mundo... Eu não queria... Foi quando apareceu as meninas, né? A Valéria e a Maria... e começou, assim, a me clarear aos poucos pra assistir à missa, participar do grupo de oração, ir ao curso bíblico... Foi quando eu comecei. (Nanci)

O fato de ser um grupo de adultos a fez considerar a possibilidade de participar.

Uma amiga me falou, Nanci, participa que você vai ver que vai ser muito bom pra sua vida. Não tenha vergonha, não. Ai eu falei assim: 'Ah, mas eu, velha, já adulta, não!' E aí, quando as meninas falaram que eram todos adultos participando... 'Você vai um dia pra você ver!' Aí eu fui no dia em que elas estavam fazendo um rito, acho que o escrutínio... é assim que se fala? Aí em falei: 'gente, eu vou fazer! Eu vou fazer a minha eucaristia! (Nanci)

Na fala de Nanci podemos identificar a importância do testemunho das amigas e o fato concreto de poder fazer parte de um grupo de adultos nesta Iniciação. Aqui percebemos mais alguns indicadores do processo mistagógico: o testemunho daqueles que já estão no caminho, a configuração grupal, respeitando o contexto, a faixa etária, a realidade dos participantes do Catecumenato.

Outros depoimentos reúnem duas categorias, de ordem pastoral e teológica, explicitadas na busca de compreensão da celebração eucarística, dos textos bíblicos e da liturgia. É o caso de Valéria e de Ana Maria.

Para Valéria, o Catecumenato é uma forma de compreender sua fé, de alguma forma perdida na infância. Ela percebe um desinteresse, tanto nas pessoas como em si mesma, durante a participação na missa, e considera que esta é uma

forma de retomar o caminho que tinha iniciado na infância, com sua mãe e na preparação para a primeira eucaristia. Também Ana Maria assinala não apenas seu desejo de participar melhor da celebração eucarística, como esta conquista, a partir da liturgia vivenciada na Casa de Oração.

Minha mãe tinha muita fé... ela ensinou a gente a rezar. A gente rezava o Pai Nosso, Ave-Maria... Depois, já grande, eu ia à missa... mas eu achava muito chato, deixava pela metade, ia embora... Não entendia nada, o que o padre falava, o que fazia com a hóstia... Eu não entendia... Aí eu procurei o catecumenato... através da minha amiga que começou a ir... foi assim, tipo um jeito de voltar pro lugar que eu tava quando era criança... fazer a primeira comunhão e recomeçar, entende? (Valéria)

Eu vim pra me preparar, porque eu sabia que tava faltando alguma coisa... Primeiro... apesar da gente ir à missa, participava da missa, entendeu? Mas você não conseguia ver os detalhes pequenininhos que com o catecumenato você passa a ver, né? Você passa a ter uma participação na missa, vamos dizer, melhor, né? Você participa e aquilo parece que abria a tua mente, né? (Ana Maria)

As duas catecúmenas traduzem insatisfação diante do ritual litúrgico do qual participavam. Esta é também uma das causas do afastamento de muitos fiéis que não experimentam uma liturgia como lugar de encontro, como experiência do mistério do amor de Deus. A mistagogia tem na liturgia um lugar teológico fundante. Palavra de Deus e liturgia caminham juntas na mistagogia dos Padres. Dessa forma, podemos averiguar que a fonte de abertura ao mistério de Deus deve ser ocasião de preparação e renovação, a fim de que fiéis e comunidade cresçam, sempre mais, em comunhão trinitária.

É interessante observarmos que a motivação inicial, tem aspectos comuns, mas ao entrar no processo catecumenal, cada pessoa tem experiências diferentes, e percebe que o caminho vai muito além de um simples aprendizado sobre a fé e sobre a Bíblia. Nos discursos abaixo veremos que tanto Paulo como Maria, imaginavam encontrar no Catecumenato uma formação teórica em função da preparação para os sacramentos de Iniciação, mas se surpreendem com algo diferente do que esperavam.

Eu fui por iniciativa própria. Eu vi o pessoal é... comungando, né? Aí eu a achei aquilo assim, interessante e queria conhecer, assim um pouco. Eu já era batizado, então... fui assistindo a missa, prestando atenção, e me interessei (...) Eu não tinha conhecimento do que era o catecumenato, ficava só na expectativa, né? Ah, conforme o tempo, a gente foi... assimilando o negócio, passamos a ler a bíblia ... de início eu achava que ia ser um curso... ah.. mas não é não. (Paulo)

Foi assim ...vontade de saber um pouco mais... eu tava sentindo que os meus conceitos tavam ficando muito ralinhos... porque quando eu fiz catequese da primeira vez, foi aquela coisa muito teórica... a gente não via muita prática, aquele ensinamento num contexto, entendeu? (Maria)

A motivação constante é o desejo de conhecer a Igreja, mas o acento conclusivo está na dimensão do caminho catecumenal como outra forma de conhecimento, mais integral e concreto. Esta é um elemento da mistagogia, ou seja, a compreensão da Iniciação Cristã como itinerário de abertura ao mistério de Deus e de reorganização pessoal em função das respostas de fé. Estruturado em torno dessa concepção, o caminho catecumenal não se torna uma aprendizagem formal, de caráter apenas teórico, mas estabelece uma relação direta com a vida, com a práxis da fé.

Poderíamos nos perguntar qual a motivação mais constante nesse grupo, no que concerne às duas principais características dos processos de ICA, a busca pelos sacramentos de Iniciação e o retorno à formação já iniciada em algum momento anterior.

Uma das catecúmenas, Ana Maria, tem claro que existem estes dois níveis de formação. Ela chama de Iniciação Cristã para aqueles que buscam os sacramentos. E chama de Catecumenato, a busca pela atualização na fé que já se professa. Ana acredita que a Iniciação Cristã deveria começar em casa, na família, desde a infância.

O catecumenato seria pra se aprofundar na sua fé. Eu acho interessante, não a iniciação... a iniciação ficaria pra quem buscasse o sacramento. Isso tem que começar lá da raiz, em casa mesmo, com pai e mãe ensinando. (Ana Maria)

Sua observação é muito interessante para nós, porque Ana identifica que a transmissão inicial da fé como o início do caminho cristão. Ela acredita que a primeira comunidade, a família, deveria ser o berço da experiência de fé. E mais. Essa experiência deveria ser iniciada na infância⁶⁴⁸. É tempo propício para experimentarem o seguimento de Jesus como verdadeiros discípulos, anunciando

⁶⁴⁸ A abertura para a experiência de encontro com Deus desde a primeira infância é fundamental como construção da pessoa em abertura dialógica e num eixo evangélico. Esta experiência constrói atitudes concretas: de atenção e cuidado com as pessoas e com a natureza, preocupação com atitudes de desumanização e o desejo de transformar essas situações através da solidariedade concreta.

a fé em Jesus e a necessária transformação das atitudes em vista do amor, da alegria, da justiça, da paz, do bem comum.

Todavia, a transmissão da fé cristã em ambiente familiar e na infância não tem sido uma constante na sociedade pós-moderna, na qual a experiência religiosa também é delegada a um plano individual e a liberdade de escolha religiosa aparece como uma defesa dos direitos humanos e não como algo a ser cultivado pela família e comunidade mais próxima. Esta é também uma das causas de muitos buscarem a experiência religiosa apenas na vida adulta.

O depoimento a seguir integra as duas características: a busca pelos sacramentos e a atualização na fé cristã. Ela considera que, inicialmente, pode-se criar uma resistência devido ao tempo de duração do processo catecumenal; muitos podem mesmo desanimar e desistir do caminho. No entanto, ela sublinha que é fazendo o caminho, ou seja, durante o processo catecumenal, que esta concepção se modifica e o Catecumenato deixa de ser direcionado ao objetivo sacramental, e passa a ser um caminho cristão, no qual toda a vida vai sendo reconfigurada. Só aqueles que experimentam o processo é que realmente valorizam este caminho.

A pessoa só descobre que aquilo ali é um algo a mais do que o próprio sacramento, quando ela faz. É pra ela fazer, precisa de estímulo...Ela vai em busca de uma coisa encontra outra... Aí, que ela valoriza... Eu acho dois anos um tempo bom... eu acho um ano pouco, mas dois anos é um período bom pra pessoa ir se conhecendo dentro da igreja, conhecendo seu papel, conhecendo a importância que ela tem e que o grupo, também tem, entendeu? (Maria)

As palavras de Maria apontam mais uma vez para o elemento mistagógico do caminho. A mistagogia é abertura processual ao convite que ecoa no coração humano e na realidade, é mudança existencial e conversão de atitudes.

Maria tem um diferencial com relação aos demais entrevistados. Ela é a única que participa do Catecumenato tendo conhecido a proposta do RICA. Antes de entrar no Catecumenato ela recebe o RICA das mãos de seu pai, diácono da diocese de Caxias, e considera ser o caminho que gostaria de trilhar concretamente. Seu interesse em saber mais sobre a fé cristã encontra no próprio RICA uma resposta aos seus anseios.

Antes de eu entrar, eu recebi aquele ritual, o RICA... Aí, eu achei interessante a proposta...achei que podia dar certo...Era isso mesmo que eu queria... então

calhou de começar este grupo ... E eu achei que tinha que ter a minha hora também, entendeu? Eu tinha que participar. (Maria)

Esta catecúmena demonstra maturidade na escolha deste caminho, contudo não temos como avaliar até que ponto compreendeu a teologia do RICA. O que percebemos nitidamente é que ela se identifica com a proposta da Iniciação Cristã e confirma sua decisão de participar do Catecumenato.

Floristán Samanes avalia que é comum que os participantes do Catecumenato estejam no processo de reiniciação, como cristãos praticantes que “buscam uma Igreja comunitária, de vocação evangélica, pouco burocrática, com uma liturgia viva, capaz de reformular hoje a fé plenamente aberta ao compromisso”⁶⁴⁹.

No século IV, Cirilo de Jerusalém se dirige a grupos de pessoas simples, pagãos ou a grupos provenientes do judaísmo⁶⁵⁰. Neste período, as motivações voltam-se para a questão pastoral e teológica: a adesão e compreensão da nova fé ao qual estavam sendo iniciados. Cirilo tem o cuidado de articular, no mesmo itinerário, os elementos que responderiam à demanda do seu público diverso sem perder de vista os eixos fundamentais da fé cristã. Sua pregação integra primorosamente a Palavra de Deus, a liturgia e a dimensão existencial.

Este diálogo catecumenal promovido por Cirilo é o próprio processo mistagógico. Cirilo leva em conta as motivações de seus ouvintes, a fim de conduzi-los pelos caminhos da Revelação de Deus, respeitando seu contexto pessoal, vivencial.

Retomemos brevemente os elementos mistagógicos presentes em Cirilo de Jerusalém que já emergem nestas primeiras práticas discursivas do grupo de Catecumenato com Adultos da *Casa de Oração Batismo do Senhor*.

1. O catequista se percebe como instrumento de um processo, no qual a iniciativa e a dinâmica é impulsionada pelo Espírito de Deus;
2. O mistério de Deus ecoa no coração humano e convida a uma resposta que envolve toda a existência;
3. O caminho da Iniciação Cristã integral resulta na configuração de uma nova pessoa, aberta à ação salvífica de Deus em sua vida pessoal;

⁶⁴⁹ Cf. FLORISTÁN SAMANES, *Teologia Práctica*. op. cit., p. 473.

⁶⁵⁰ Cf. BIELSA, J.S. In: CIRILO DE JERUSALEN. *Catequesis*. op. cit., pp. 16-17; RIGGI, C. In: CIRILLO DI GERUSALEMME. *Le Catechesi*. op.cit., p. 17.

4. O testemunho dos membros da comunidade é também caminho mistagógico;

5. A liturgia é lugar privilegiado da experiência do mistério do amor de Deus;

6. A Iniciação Cristã não é uma aprendizagem teórica e sim um processo de integração profunda entre a fé e a vida.

Em diálogo com esta experiência particular, acrescentamos outras referências para nossa reflexão teológica, a partir das observações dos participantes do Catecumenato, como também em parceria com os desafios apresentados pelos estudiosos da ICA.

1. O tema da Iniciação Cristã em ambiente familiar e na infância como um diferencial, configurando a experiência religiosa como eixo norteador da pessoa humana;

2. A realidade da vida adulta e a possibilidade de encontrar resistências frente à perspectiva do caminho da Iniciação, que exige perseverança e conversão de atitudes na direção do seguimento de Jesus;

3. As orientações do Magistério através do RICA, estruturado em torno do eixo da mistagogia dos Padres da Igreja.

Depois de firmadas as motivações apresentadas pelo grupo de entrevistados e por seu catequista, vamos prosseguir na análise dos discursos, mantendo como filtro as categorias mistagógicas extraídas da teologia de Cirilo de Jerusalém. O caráter teológico das categorias aqui apresentadas é a chave hermenêutica para a seleção das práticas discursivas, para aplicação das categorias mistagógicas como critério de observação, confronto e reflexão do processo de Iniciação Cristã de Adultos na *Casa de Oração Batismo do Senhor*.

3.2.2

Categorias mistagógicas

No segundo capítulo deste trabalho desenvolvemos uma leitura das *Catequeses Mistagógicas* de Cirilo de Jerusalém e, a partir desta leitura, procuramos identificar quais as categorias que emergiam de suas Catequeses, as quais chamamos de categorias mistagógicas. Para nós, são as grandes referências que demarcam o embasamento teológico e a metodologia pastoral-pedagógica de

Cirilo de Jerusalém ao orientar o processo de Iniciação Cristã de Adultos no seu tempo.

Sem desejar uma transposição daquela realidade antropológica e eclesiológica para o nosso tempo, queremos trazer as categorias mistagógicas de Cirilo de Jerusalém como referências para analisarmos as práticas discursivas e os encontros do grupo de Catecumenato da *Casa de Oração Batismo do Senhor*. Estas serão nossa fonte de sabedoria que nos auxiliará a nos mantermos no eixo mistagógico desse grande Padre da Igreja, como caminho a ser trilhado e como critérios abalizadores para a experiência contemporânea.

Colocamo-nos na dinâmica mistagógica, percorrendo o caminho da Iniciação Cristã de mãos dadas com a comunidade local, ao sopro do Espírito e abertos ao discernimento teológico e pastoral.

Para orientar nossa análise, percorreremos as Categorias Mistagógicas abaixo relacionadas:

1. *Articulação entre Sagrada Escritura e Liturgia*
2. *O catequista como pedagogo da fé*
3. *A construção da experiência de comunidade*
4. *A compreensão da Iniciação Cristã como caminho*
5. *Vida cristã e acompanhamento pessoal*
6. *A oração e o seguimento de Jesus*
7. *Pertença eclesial*
8. *O espaço mistagógico*

3.2.2.1

Articulação entre Sagrada Escritura e Liturgia

Na mistagogia de Cirilo de Jerusalém, a Palavra de Deus não é uma escolha metodológica, mas a chave da dinâmica da Revelação, o princípio e o fim do anúncio revelado e sempre presente na Criação e Redenção. Cirilo proclama a Palavra criadora, sentido e mistério de Deus revelado. A História da Salvação é o fio narrativo, pelo qual o próprio Deus vai conduzindo seus filhos e filhas na história e para além da história.

O catequista da *Comunidade do Batismo do Senhor* se integra nesta mesma sabedoria recebida da Tradição patrística. A Sagrada Escritura é sabedoria

de Deus revelada a todos nós. É com esta percepção que ele acolhe a orientação do padre da Casa de Oração para que o roteiro do caminho catecumenal seja o próprio ano litúrgico⁶⁵¹. A liturgia convida, através desta experiência cíclica, cada fiel e cada comunidade a penetrarem no mistério da vida de Jesus, aprofundando, a cada etapa, um aspecto do mistério pascal⁶⁵².

Sr. Augusto nos fala do primado da Palavra de Deus na caminhada do Catecumenato com Adultos.

Eu acho assim... que a Bíblia é Deus falando, então, é ele quem deve falar nos encontros. Não sou eu. Então, o que eu sou? Eu vou ajudando cada um a entender que aquela Palavra não é qualquer palavra, é Deus mesmo falando pra ele, na vida dele, que conhece ele mais do que ninguém e está ali, sempre esteve aliás.... Sem Bíblia não dá, acho que não se vai a lugar nenhum, ou então se vai mal...(risos) Mas também tem que ser devagar... cada dia um passo, sabe? (Sr. Augusto)

O RICA orienta que é necessário que no Catecumenato se vivencie o mistério da salvação do qual desejam participar plenamente. Esta vivência é facilitada pelo caminho do ano litúrgico e valorização das Celebrações da Palavra⁶⁵³. A Palavra refletida em comunidade, sob a orientação do catequista, recebe intensidade nos seus significados, enraíza na vida e, por isso mesmo, sua comunicação se torna mais eficaz. Os participantes deste Catecumenato valorizam muito esse procedimento, como momentos de conhecer a Palavra, manusear e criar intimidade com a Bíblia. Vejamos como percebem a atuação mistagógica do catequista com relação ao contato com a Bíblia.

Eu acho que o Seu Augusto fez o melhor caminho, começando pela bíblia... na verdade, pela intimidade com a bíblia. Na verdade... que é uma coisa tão simples, que depois que o catecumenato já estava fluindo, pegando fogo na minha vida... o mais importante pra mim não foi só ler a Bíblia, conhecer a ordem, os livros, as cartas, aquela historia toda bonita... foi mesmo, sabe o que? Foi ver que durante a semana eu lembrava, vinha na minha cabeça, ficava dentro de mim, como a voz de Deus mesmo... me dizendo coisas... nossa, incrível! (Afonso)

⁶⁵¹ O Ano Litúrgico é um tempo marcado pelo mistério pascal. É o diálogo entre Deus e o tempo, ou melhor, é o momento de Deus no tempo, referendado pela categoria de *kairós* – entendida como tempo favorável, "tempo de graça e de salvação". Através das celebrações, o ano litúrgico nos coloca em um dinamismo que une passado, presente e futuro, em uma dimensão escatológica.

⁶⁵² Conforme as orientações do RICA, o catecumenato deve ser distribuído em etapas, relacionado com o ano litúrgico e apoiado nas celebrações da Palavra. Cf. RICA, n.19.

⁶⁵³ ORMONDE, D. Vale a pena os catequistas conhecerem o catecumenato. op. cit., p. 247.

Afonso faz uma retrospectiva do caminho que a Palavra de Deus fez em sua vida e identifica que a Palavra provocou uma grande mudança existencial: ‘a voz de Deus’ ecoava em seu coração e lhe orientava o pensar e o agir. É o mistério de Deus fecundando a vida humana, a partir da Palavra que rompe o silêncio e se faz ouvir⁶⁵⁴.

A integração entre a Sagrada Escritura e a Liturgia é realizada através das práticas do caminho catecumenal como, por exemplo, a leitura, a partilha e interpretação comunitária dos textos bíblicos e a participação nas celebrações eucarísticas. O catequista adota uma dinâmica com características presentes na mistagogia de Cirilo como: a narrativa bíblica, a relação entre a liturgia e a Sagrada Escritura, a pedagogia divina na História da Salvação. Todos estes elementos apresentados sob o fio condutor do processo da Revelação de Deus na história de seus filhos e filhas.

Este processo catecumenal segue as orientações do RICA e, portanto, é marcado por uma série de ritos e celebrações litúrgicas, que convidam ao mistério de Deus e aprofundar a comunhão de cada pessoa em Jesus Cristo, com o Pai e o Espírito. Nessa dinâmica, tanto a comunidade reunida, como cada pessoa, entram em uma participação profunda, fecunda e processual no mistério de Jesus.

Nos depoimentos abaixo, percebemos esta integração fecunda, entre a Palavra e a Liturgia, corrobora na integração da pessoa, em todas as suas dimensões, sem que haja uma dicotomia entre fé e vida.

Se a gente não faz um bom catecumenato, não vai participar, se entregar a uma missa, aí você não se encontra de corpo e alma, né? Ali você se entrega realmente... Você se entrega à missa, as pessoas vão ali pra gente escutar o que o Senhor nos diz, o que fala e toca mesmo no nosso coração, né? Entra mesmo nos nossos ouvidos e vai até o fundo da nossa alma... Hoje em dia, eu fico esperando cada minuto, o evangelho, a comunhão, tudo é importante agora, pra mim tudo é importante. (Nanci)

Nas palavras do catequista, os ritos presentes no RICA demarcam que é a Palavra de Deus que tudo fundamenta na ICA.

No ritual tem momentos importantes do catecumenato... a entrada, os escrutínios... mas tudo tem a Palavra no chão, entende? Não é assim, de qualquer forma, com qualquer palavra, é a palavra certa, que a Igreja escolheu na sua sabedoria... e você vê mesmo, com seus próprios olhos, que aquilo vai

⁶⁵⁴ Cf. LATOURELLE, R. *Teologia da Revelação*. São Paulo: Paulinas, 1972, pp. 176-188.

fazendo uma mudança na pessoa... quase sem ela perceber... mas eu tenho olho clínico, eu vou vendo e na medida que acho que chegou a hora, vou dizendo pra ela, puxando dela... o que está sentindo?... o que está acontecendo na vida... assim, fazendo ela ver que é Deus ali com ela. (Sr. Augusto)

Sua habilidade pedagógica é evidenciada no depoimento acima. Conhecedor do processo que orienta, Sr. Augusto reconhece na Palavra de Deus o primado do caminho mistagógico e procura estar sintonizado com seu grupo de tal maneira que possa auxiliar na integração entre a fé e a vida.

Ao final de cada tempo litúrgico, este grupo vivenciou um retiro, no qual recapitulou a Palavra proclamada naquele período. Uma das catecúmenas relata sua experiência destes retiros.

Aqueles retiros eu achava interessante... também porque você achava assim: poxa eu vou esquecer, né?... durante o ano você esquece todas aquelas leituras que teve, mas quando você começava a fazer a retrospectiva, você conseguia lembrar de tudo, aquilo ficou dentro da gente, entendeu? (Ana Maria)

Ao fazer a retrospectiva do tempo litúrgico vivenciado, retomando seus principais eixos, o grupo está experimentando a mistagogia que brota da Palavra de Deus e convoca a própria vida. Fazer esta revisão em comunidade é ainda experiência eclesial, de uma comunidade constituída pela Palavra⁶⁵⁵.

Na fala dos participantes, a Palavra proclamada no contexto da liturgia tem força sacramental. Se refletida e interpretada no espaço catecumenal recebe densidade, os participantes compreendem melhor seu contexto e sua vinculação com a vida atual. A Liturgia da Palavra é um diferencial tanto para sua formação como para a participação na missa.

Eu vejo que a partir do momento que você estuda a Palavra, então te deixa mais participativa na missa. Quando eu ia na missa antes de fazer o catecumenato, eu ia, mas sabe o que é você ficar assim?... você participava... você chega lá, aí você lê, aí você não consegue concentrar. Ainda mais que a paróquia é uma igreja grande, então determinadas coisas te tiram a concentração, então você escutava a Palavra e você não conseguia entrar e ficar, entendeu? (Ana Maria)

Para Ana Maria, a Palavra de Deus proclamada na missa convida ao envio e à missão. Torna-se testemunhal, porque é Palavra acolhida e assumida na vida. A Celebração Eucarística é elemento que nutre e impulsiona sua semana, conduzindo a novas atitudes, a agir como pessoa nova em seu cotidiano familiar e

⁶⁵⁵ Cf. BOFF, Cl. *Teoria do método teológico*. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 111.

profissional. Mais do que uma doutrina que é ensinada, ao acolher e viver a Palavra, a comunidade torna-se missionária pelo próprio testemunho.

Agora eu participo de um jeito interiormente. Eu saio daqui praticamente com a minha semana traçada. O catecumenato te dá uma visão diferente de como são as celebrações. Então você já entra nela com um espírito novo, diferente... aquilo entra em você. Então isso melhorou a minha vida, em todo lugar, até no escritório. Você não sai fazendo o que te dá... você fica mais paciente, ajuda a levar a Palavra para eles, umas coisinhas pequenas... Às vezes até na sua forma de agir também. Você dá testemunho daquilo. (Ana Maria)

Esta relação entre a Palavra e a Celebração Eucarística é percebida pelo grupo como um diferencial com relação a outras experiências, nas quais a leitura bíblica não está integrada com a liturgia.

Para concluir esta análise observemos qual o lugar mistagógico da Palavra de Deus ouvida, acolhida e interpretada. Para o catequista Sr. Augusto, as narrativas bíblicas devem ser compreendidas a fim de que os participantes possam saborear a liturgia.

Olha só a diferença é que a gente fazia esses encontros aos domingos, cinco horas da tarde, tá? E a gente trabalhava a liturgia da santa missa. Era fantástico, porque eles passavam a ver um horizonte novo, né? De outro jeito, se você não esmiuçou aquilo, não tornou aquele momento para ele saboroso... não tem como engolir, saborear. Mas quando você descasca aquilo tudo, é como se você descascasse uma laranja. (Sr. Augusto)

Para ele, a Celebração Eucarística ganha um novo sentido quando a pessoa compreende os textos bíblicos e a liturgia da qual está participando. Mas, o que vem antes e o que vem depois? Qual seria o processo mistagógico? Experimentar o mistério pascal e só depois buscar compreender e interpretá-lo através da Palavra? Ouvir a Palavra e compreendê-la para melhor saborear o mistério do qual participa?

Cirilo tem dois procedimentos, antes e depois da experiência sacramental. Nas *Catequeses Pré-Batismais*, Cirilo prepara os neófitos para o Mistério que irão experimentar através do caminho da Sagrada Escritura. Ela é a mestra, é fonte que revela os conteúdos doutrinários a serem trabalhados. O eixo que dá consistência e orienta a linguagem, os exemplos e o diálogo com a realidade, na direção da inserção progressiva no mistério de Cristo e na Igreja, é a mistagogia. Após os sacramentos da Iniciação, nas *Catequeses Mistagógicas*, Cirilo desenvolve a catequese a partir da experiência litúrgico-sacramental. Trata-se da mistagogia na

liturgia sacramental, momento de imersão da pessoa inteira no Mistério pascal do qual participa.

Na primeira etapa, constatamos que a primazia pertence à Sagrada Escritura, ela é a base sólida para a experiência sacramental. Na segunda etapa, o elemento catequético encontra-se posterior à experiência, e não como uma função preparatória. Aqui subjaz a compreensão da liturgia como experiência fundadora da catequese.

Com relação a esta articulação entre catequese e liturgia, Villepelet defende que “não somos nós que entramos no Mistério da fé cristã, é o Mistério que vem até nós!”⁶⁵⁶. Se concordarmos com esse pensamento, a mistagogia propõe a acolhida do primado da Revelação plena em Jesus Cristo e, por ele, deixar-nos conduzir ao Pai⁶⁵⁷. “Se considerarmos que a liturgia é a ação privilegiada da Igreja pela qual é atualizada, permanentemente, a Páscoa de Cristo, ela se torna um momento estruturador de toda catequese, é uma mediação essencial da mesma”⁶⁵⁸.

Segundo a tradição patrística, quanto mais viva e vivida é a liturgia, tanto mais necessita de catequese. Tem força mistagógica, pois nos conduz para a experiência de aliança e comunhão *no* e *com* o mistério. Ela é acompanhamento, discernimento, compreensão, disposição da pessoa diante do caminho da fé cristã⁶⁵⁹.

Em consonância com a tradição patrística, o RICA também parte do primado da liturgia como participação no Mistério da salvação. Para tanto, prioriza as Celebrações da Palavra como momentos privilegiados de compreensão do seguimento de Jesus Cristo, de experiência de oração pessoal e comunitária, através dos símbolos e atos litúrgicos⁶⁶⁰.

⁶⁵⁶ VILLEPELET, D. La liturgie comme médiation de la catéchèse. In: *La Maison-Dieu. Catéchèse et liturgie en dialogue*. Paris, 2003, 234, p 67.

⁶⁵⁷ Sobre a articulação entre catequese e liturgia ver o excelente artigo de A.ZANI, *Liturgia e catequese nos Padres: notas metodológicas*, Belém, 2002. Ele propõe uma integração, na qual uma se refere à outra dinamicamente, “a liturgia postula a catequese e a catequese exige a liturgia. A liturgia é catequese porque envolve o ser humano em todas as suas dimensões e, enquanto pedagogia divina, é exercício de fé e comunicação do dom da vida de Deus”.

⁶⁵⁸ VILLEPELET, D. op.cit.

⁶⁵⁹ A catequese patrística era marcada pela explicação dos ‘mistérios’ da liturgia-sacramental, preocupando-se, sobretudo com a compreensão das realidades litúrgicas na Sagrada Escritura.

⁶⁶⁰ Cf. RICA, n.106.

Entretanto, o catequista desta comunidade propõe uma flexibilização das orientações do RICA quanto à participação dos integrantes na Celebração Eucarística.

A relação de missa com o catecumenato é MUITO importante, MUITO! No RICA, não sei se você se lembra, enquanto eles estiverem no catecumenato, eles só podem ficar na missa até a liturgia da Palavra. Isso, pra mim, é embaraçoso. Me ajuda porque eu não tenho resposta. Acaba incomodando as outras pessoas...

É porque, a liturgia da Palavra era só para os catecúmenos que não foram batizados. Nesse caso, o Afonso teria que ir embora... Eu acho que é excludente essa forma porque ele vai sair no meio da celebração e vai se sentir menor.

A orientação do RICA é pra criar um processo. Você vai até aqui... .daqui há pouco você vai até aqui... Mas a gente precisava também de uma flexibilidade por conta do RICA, do ritual, para que nós pudéssemos trabalhar o catecúmeno como parte de uma comunidade em que tá inserido... não só com a vivência dele na fé, mas com o histórico de vida, o testemunho de vida dele, diante da sociedade. (Sr. Augusto)

O catequista julga constrangedor despedir os participantes do Catecumenato após a liturgia da Palavra e prefere optar pelo convite e permanência dos participantes durante toda a Celebração Eucarística⁶⁶¹. O que pudemos observar no processo catecumenal deste pequeno grupo é que sua participação na Celebração Eucarística se tornou ocasião privilegiada de encontro com Jesus.

No encontro de hoje muitos expressaram o quanto a missa tem feito diferença em sua vida, em sua semana. Na verdade, não chegam a verbalizar uma compreensão efetiva das partes da missa, da liturgia, mas expressam em forma de oração, de admiração, de sentimento de presença de Deus em si mesmo, em movimento interior de mudança. (Anotações de campo, 18/10/2004)

A liturgia vivenciada na *Casa de Oração* faz com que o grupo seja iniciado também na participação no Mistério pascal. Algumas vezes, os

⁶⁶¹ Vale ressaltar que o RICA é um documento de orientações que respeita a dinâmica da comunidade local. Neste aspecto, a orientação para a retirada dos integrantes do Catecumenato após a Celebração da Palavra, é facultada para que seja gradativa, caso seja aceita e não traga dificuldades à comunidade. Cf. RICA, n. 19 e n. 106. H. Bourgeois avalia que este é um procedimento importante, apesar de receber muitas contestações em várias experiências locais. Em primeiro lugar, porque de fato há iniciados e iniciantes, e, é uma atitude de respeito a estes últimos não participarem de expressões da fé para as quais ainda não estão prontos. Em segundo lugar, pelo caráter eclesiológico da Celebração Eucarística, como se para participar da Igreja não fosse necessário um caminho de Iniciação, uma comunidade chamada à vocação, à conversão e ao testemunho; como se fosse possível participar da Celebração de forma integrada e plena. É possível que os participantes do Catecumenato se sintam integrados à Igreja, mas não ocorre o contrário. Cf. BOURGEOIS, H. *Teologia Catecumenale*. op. cit., pp. 171-173.

participantes do grupo fazem referência a uma experiência forte, de mistério, de mudança de vida, de sentir a presença de Deus, de sentirem intimidade com Deus.

Ali você entende melhor a eucaristia, o pão e o vinho, por causa do jeito que a gente reza a missa, tão juntinhos, e por causa do seu Augusto explicar... eu acho que são as duas coisas juntas... (Valéria)

Podemos dizer que aqui temos o cerne da mistagogia, a experiência do Mistério, a experiência de abertura para a dinâmica da Revelação, para o encontro com Deus. A vida passa a ser reconfigurada passo a passo, em um diálogo profundo e fecundo entre Deus e a pessoa. Na fala de Afonso encontramos este dado, manifestado no conceito de ‘entrega’⁶⁶².

Eu acho que o catecumenato vai te levando aos poucos, e você, um pouco sem sentir... vai se entregando inteiro... é, há uma entrega que acontece no catecumenato, é momento muito forte de entrega. Você se entrega... deixa o Espírito Santo agir um pouco em sua vida pra ele tomar as rédeas de tudo. (Afonso)

A dinâmica dos encontros catecumenais, tendo por base o ano litúrgico, não tornou a participação nas celebrações um momento de adesão intelectual. Ao contrário, após cada celebração, os participantes manifestavam especial compreensão do Mistério de Cristo, valorizando a celebração como lugar de educação da fé por ser ela mesma, a fé em ato, a Palavra viva, o encontro entre Deus e seu povo.

Retomando o percurso desenvolvido nesta categoria mistagógica, vejamos quais os principais pontos a serem destacados na análise das práticas discursivas deste grupo de Catecumenato.

Em primeiro lugar, a articulação entre a Sagrada Escritura e a Liturgia é um dos critérios que orienta o processo catecumenal. Todo o processo se desenvolve tendo por base estas duas fontes apresentadas e refletidas sempre em conjunto: a Revelação que se faz Palavra e a Liturgia como inserção no Mistério revelado a todos nós. As orientações do RICA têm esta mesma base teológica.

⁶⁶² Na reflexão da liturgista I. Buyst, este conceito de ‘entrega’ tem o mesmo significado que a ‘participação consciente’, é a consciência do fiel de sua inserção no Mistério Pascal e decisão livre de confiar sua vida e suas escolhas ao projeto de Deus. Cf. BUYST, I. e SILVA, J. A. *O Mistério celebrado: memória e compromisso*. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 107.

Em segundo lugar, o catequista desta comunidade se insere na sabedoria recebida da Tradição da Igreja numa atitude de unidade e diálogo fecundo, sensível e atento às interpelações apresentadas na realidade deste grupo.

Em terceiro lugar, demarcamos o processo de amadurecimento do grupo durante o processo catecumenal. Por intermédio de nossa observação, convivência e dos testemunhos recolhidos verificamos que, a cada etapa do caminho catecumenal, os participantes do Catecumenato tornavam-se mais sintonizados com a ‘voz de Deus’ que ecoava e provocava sua dinâmica existencial. As palavras-chave que salientamos de seus discursos são – entrega, intimidade, interior, visão diferente, novo horizonte, mudança, envio, testemunho. São palavras que denotam o caminho mistagógico, a inserção progressiva no Mistério revelado e a abertura processual do mais profundo de cada pessoa.

Em quarto e último lugar, destacamos a experiência de Igreja que se realiza, desde o primeiro momento, pela profunda integração entre a Palavra e a Liturgia. O grupo se auto-compreende como Povo de Deus a caminho, em unidade com o povo da Bíblia, com a sua Igreja, em diálogo fecundo com um Deus que é, que fala, convoca, orienta, acompanha e estimula o caminho. O grupo reunido em torno destes dois eixos vai se tornando comunidade sacramental, onde a Palavra é fertilizada e produz os frutos da presença cristã no mundo.

3.2.2.2

O catequista como pedagogo da fé

Cirilo de Jerusalém é um apóstolo. É assim que compreende sua missão, como resposta ao mandato, como mediação do grande chamado que Deus faz a cada pessoa. Ele fala como alguém que orienta espiritualmente os participantes do Catecumenato para que se abram ao convite que já reside em seu coração e em suas vidas. E, assim, se deixem atrair pelo amor de Deus, que a eles se revela e convida a mudar suas vidas.

Sois já discípulos da nova Aliança e partícipes dos mistérios de Cristo, agora, por vocação, mas em pouco tempo também como um dom: ‘forjai em vós um coração novo e um espírito novo’ para que se alegrem os moradores do céu⁶⁶³.

⁶⁶³ CIRILO DE JERUSALÉM, *Catequese* 1, 1. In: CIRILLO DI GERUSALEMME. *Le Catechesi*. Introd., trad. e notas de RIGGI, C. Roma: Città Nuova, 2^o. Edição, 1997.

Pai da Igreja, Cirilo é inspiração para os catequistas que, ao focarem em sua vocação, encontram neste grande doutor da Igreja, um caminho de santidade e também uma doutrina marcada pela originalidade quanto aos caminhos da Iniciação Cristã.

O catequista, Sr. Augusto, não conhece este grande Pai da Igreja. Portanto, não podemos dizer que é diretamente nele que enraíza suas referências teológico-pastorais. Seu grau de consciência é o de quem deseja responder ao chamado de Deus em sua vida com responsabilidade, como compromisso com o serviço eclesial. No entanto, a partir do momento em que se abre para esta vocação e se coloca em unidade com a caminhada da Igreja, se faz aprendiz e testemunha da Tradição.

Sr. Augusto acredita que este chamado deve ser respondido com humildade e responsabilidade, pois Deus confiará a ele ainda muito mais. Ele se coloca à disposição do projeto, não apenas no momento presente, mas se prepara para os ministérios futuros. Em sua observação, quanto ao seu professor, expressa que há sabedoria não apenas nos ensinamentos formais, mas principalmente no testemunho do mestre. Sr. Augusto entende que o mestre deve dar testemunho daquilo que ensina e, enquanto catequista, procura estar atento e pronto para este compromisso.

É, fui fazer a formação teológica porque tá me ajudando muito, entende? Abriu um clarão, principalmente agora como catequista (...) Nesses dois últimos períodos é Sacramentos. O professor é muito bom, quer dizer... porque o mestre, independente da mensagem, ele tem que viver essa mensagem para que o aluno absorva... Não ficar só na cabeça (...) Então é eu acho que esse curso me ajudou bastante e eu tenho certeza que é por isso aí o Senhor tem um projeto pra mim e eu acho que se eu ainda tô fazendo o curso é porque ainda vou ter muita luta (risos). E ainda tem muito pela frente. (Sr. Augusto)

Ele tem consciência de que o catequista é um mediador na relação entre Deus e o participante do Catecumenato. Reconhece que o mestre é o Espírito Santo, e se coloca como educador e como testemunha da fé que celebra, professa e orienta.

A partir dos depoimentos dos participantes do grupo, encontramos outros traços marcantes do catequista. Vejamos como Nanci o descreve.

Você vê as pessoas que estão ali seguindo, é sinal de que ele é um bom catequista, porque se ele fosse um mal catequista... o pessoal fazia por fazer, igual muita gente... Ele é uma pessoa muito legal mesmo. Tem muita fé, muita paciência pra ensinar, explica tudo direitinho, com calma... ele fala da Bíblia com o coração, com amor. Ele é bem preparado. Foi uma pessoa que passou por muita coisa, né? Que nem São Paulo, ele era como se fosse uma outra pessoa, que até atrapalhava o bem, o projeto de Deus, né? Ele não esconde isso, conta pra gente como se converteu e tudo mudou na sua vida. Só Deus mesmo pra fazer maravilha na vida das pessoas... Ele transforma a vida das pessoas... Eu acho que ele foi muito importante na minha vida eu agradeço muito a Deus. (Nanci)

Este depoimento expressa três características significativas neste catequista: o próprio processo de conversão, a coerência evangélica e a sua qualificação.

O catequista é testemunha de Jesus Cristo e da Igreja, necessita viver a coerência evangélica que ensina ao seu grupo. Como orientador do caminho do seguimento de Jesus deve, também ele, percorrer este caminho. Sr. Augusto é um testemunho vivo e eloquente para esta comunidade, por sua mudança radical e entrega da própria vida ao seguimento de Jesus. Busca a formação teológica e se coloca como aprendiz na dinâmica da Revelação, como ouvinte da Palavra e como alguém que serve à Igreja. Suas ações pedagógicas são ações provenientes da oração, da participação na liturgia da Igreja, do planejamento atento, da escuta da Palavra e do Magistério em diálogo com a realidade de seu grupo.

Observemos como ele se refere a uma passagem em sua trajetória de serviço à Igreja - de introdutor a catequista -, a convite do padre da Casa de Oração. Naquele momento, não se percebia preparado para tanto, mas aceita o convite do pastor como atitude de confiança, como desafio que assume com responsabilidade.

Era um momento novo da igreja, né? Essa proposta e... acho que ele encontrou em mim alguma confiança pra poder me convidar. Um desafio a gente procura levar e chamar pra nós ..., me parece que ele tem essa confiança em mim, embora ele sabendo que eu não tinha experiência nenhuma...como catequista. Foi muito difícil os primeiros momentos pra... primeiro, eu me adaptar e depois fazer o repasse. O programa ainda era um pouco confuso. Na diocese não tinha orientações detalhadas para um catecumenato. Estava começando aqui na paróquia. Isso é o começo de tudo. (Sr. Augusto)

É digna de nota a forma como o catequista abraça o convite do padre, como uma convocação ao serviço eclesial, mesmo que numa fase de gestação da nova proposta para o Catecumenato com Adultos.

O catequista tem a função essencial de ser testemunho de Cristo e da Igreja. Será muito difícil ele orientar um processo de conversão se ele mesmo não viver este caminho, como discípulo de Jesus. Como testemunha de Cristo, o catequista também deve ser alguém que suscita testemunhos da experiência de fé entre os participantes do Catecumenato.

Decorrente desta dinâmica do testemunho comunitário, outra característica significativa no mistagogo é o relacionamento pastoral e afetivo, como pai e pastor. Nesta experiência catecumenal, este testemunho não apenas é transmitido, mas se faz presente também no acompanhamento mútuo entre os participantes do Catecumenato. Transcrevemos as palavras do catequista que indicam esta compreensão.

Esse jeito de se preocupar, eles começam também a viver entre si... E a gente percebe que o amor tem uma essência a mais do que nós somos capazes de imaginar... Independente de tudo ele é contagiante. Se você está, na verdade, vivendo um plano de amor com Deus, os teus também vão estar vivendo esse plano de amor com Deus, embora dentro de algumas limitações, mas vai seguindo, sabe? Aquilo parece que é uma chama que aquece a todos. Não aquece só aquela pessoa... ela irradia. (Sr. Augusto)

O catequista percebe este aprofundamento nas relações internas do grupo como uma experiência do amor de Deus. As limitações pessoais não são empecilhos para a chama que irradia o calor do amor, pois este vem de Deus mesmo, ele é o princípio ativo e orientador da experiência.

Outra característica presente neste catequista é a sua capacidade de congregação e de motivação dos participantes do Catecumenato. O grupo o considera responsável pela motivação de muitos, assim como pelo acompanhamento, fazendo, muitas vezes, o papel de introdutor juntamente com o de catequista.

Tem pessoas que chegaram aqui sem nem abrirem a boca e outras que eram atoladas pra tudo. O Augusto fez com que eles se descobrissem, eles foram falando aos poucos, se abrindo, só vendo... Tinha pessoas lá que não falavam nada, eram quietos, e que no final já estavam fazendo orações, já faziam aquilo de dentro pra fora. (Ana Maria)

O catequista dinamiza o processo de construção das relações de confiança e de abertura dentro do grupo. Ele se propõe a criar o vínculo comunitário-

familiar. E, neste caso, o próprio catequista dá testemunho desse empenho, visitando as famílias dos integrantes do grupo, procurando conhecer e auxiliar nas questões presentes, e, principalmente, sendo uma presença mistagógica, que orienta e conduz a fé não apenas do integrante do Catecumenato, mas também do grupo familiar.

Sr. Augusto está em consonância com a compreensão presente no Catecumenato primitivo, no qual o mistagogo é um orientador espiritual. É aquele que caminha com o participante, no sentido de criar uma disposição para oferecer ao outro o espaço necessário para que faça sua escolha na liberdade⁶⁶⁴. Com relação à orientação mistagógica presente em seu agir catequético, destacamos os seguintes aspectos: a consciência de que nesta dinâmica a iniciativa é de Deus e o catequista é mediador; a disponibilidade da própria vida na resposta ao chamado a servir a Igreja; a unidade com a Tradição e com o Magistério; a perseverança na busca da coerência evangélica; o dom de motivar, congregar e cuidar do grupo como pai e pastor.

Nas palavras de São Paulo, cabe a quem acompanha ser “*diácono do Espírito*”⁶⁶⁵. Imbuído dessa perspectiva mística, a postura do catequista pressupõe respeito à liberdade de Deus e da pessoa a quem acompanha, alguém que orienta e auxilia o participante do Catecumenato a reconhecer os sinais da presença de Deus na sua experiência vital.

3.2.2.3

A construção da experiência de comunidade

Seguindo a inspiração fontal que a experiência mistagógica nos deixa, reiteramos que a relação comunitária é indispensável. Ela possibilita não apenas o estabelecimento de vínculos afetivos e de amadurecimento no diálogo, mas também a interpretação das situações à luz da Palavra, as vivências celebrativas e sacramentais, o alimento e o dinamismo da fé⁶⁶⁶.

A fé cristã é essencialmente eclesial. Os laços de comunhão que constituem a comunidade fazem parte do caminho mistagógico, pois nascem da

⁶⁶⁴ Cf. BUNGE, G. *La paternità spirituale*, Magnano: Edizione Qiquaion, 1991. Disponível em: <<http://www.mclink.it/personal>> Acesso em: 18 de outubro de 2002.

⁶⁶⁵ Cf. 2Cor 3,8.

⁶⁶⁶ Cf. LIBANIO, J. B. *Eu creio, nós cremos*. São Paulo: Loyola, 2000, pp. 307-308.

sacramentalidade da Igreja, da experiência de comunhão apostólica e eucarística⁶⁶⁷. Voltando nosso olhar para a comunidade local observada, vejamos como este processo foi pensado, construído, e estratégias foram priorizadas no seu processo mistagógico comunitário.

A primeira consideração apresentada pelo catequista, Sr. Augusto, diz respeito à organização espacial dos encontros com o grupo de participantes do Catecumenato. Ele recebe orientação do padre para que os participantes do Catecumenato sejam dispostos em círculo, e parece ter claro que a estrutura física colabora para a experiência do encontro e relacionamento comunitário. A organização estética do grupo catecumenal é seu ponto de partida para explicitar a necessidade do encontro profundo, humano, olhos nos olhos, que favorece a vivência, a experiência, e não uma absorção intelectual de conhecimentos. Vejamos a transcrição de suas próprias palavras com relação a este aspecto:

Na catequese comum, normal, você se reúne no sentido piramidal, na hierarquia. Há um professor e há alunos voltados para o professor. Ele vai falar na tua cabeça, ele não vai falar no teu coração, ele vai falar pra você aprender, decorar.

E o catecumenato ele se reúne em círculos trazendo o sentido de igualdade entre ambos. Na pirâmide eu vou ditar e você vai decorar e aprender. E eu me reunindo em círculo com eles, eu vou vivenciar a experiência. Tem a vivência, você olha nos olhos de cada um, você lida com eles o sentimento de cada um, você percebe quando alguém vem com problema.

O padre me orientou assim, ele falou que todo catecumenato é feito assim. Esse jeito da aula de catequese, como se fosse um professor ensinando, eu acho que isso não é catecumenato. (Sr. Augusto)

Esta referência espacial é determinante de uma dinâmica dialógica no caminho catecumenal. Para Sr. Augusto, ela favorece o encontro interpessoal, a abertura para o conhecimento do contexto da vida pessoal de cada participante do Catecumenato e a troca de experiências. Ele passa a considerar imprescindível, elemento central da Iniciação Cristã com Adultos.

Eu primeiro via os problemas deles... O que houve? Quer falar comigo em particular, não? Pode ser aberto? Às vezes a pessoa precisava desabafar. Aí desabafava, pronto, chorava e tal, daqui há pouco... pronto, tá pronto.

A Palavra vinha iluminar, ajudar não só aquela pessoa, entende? Vinha como uma inspiração para todos eles ... e pra mim, porque a gente sempre aprende cada vez que se coloca diante da sabedoria de Deus.

Eu acho que no catecumenato tem uma visão do verdadeiro sentido de amor pelos catecúmenos... então, se você lidar uma vez por semana olhando nos olhos

⁶⁶⁷ Cf. FLORISTÁN SAMANES, C. La Iniciación Cristiana. op.cit., p. 223.

de cada um, ao passar três meses você começa a perceber, mais ou menos, quando eles entram aborrecidos, contrariados, tristes, alegres, alegre demais, entendeu?.

O catequista precisa de ter uma sensibilidade maior. Por quê? Porque eles buscam na pessoa do catequista... Como um pai, né? Um pai, um pastor. É uma coisa assim, que até pra explicar eu tenho dificuldade. (Sr. Augusto)

A dinâmica grupal favorece a abertura dos participantes do Catecumenato para uma experiência de confiança, de troca de dificuldades, de transparência. Os níveis de integração pessoa-pessoa, pessoa-comunidade, Palavra-vida, fé-vida estão numa dialética na qual não se identificam prioridades, pois a dinâmica da Revelação é o eixo teológico-pastoral presente.

As palavras utilizadas pelo catequista – amor, sensibilidade, pai, pastor – são palavras densas de significados, que nos remetem a um processo que está longe de ser informativo ou direcionado apenas ao cumprimento de uma meta de aquisição de conteúdos doutrinários.

Os participantes do Catecumenato, mesmo sem ter conhecimento dos eixos referenciais do seu processo de formação, percebiam-nos na metodologia do catequista e eram capazes de identificar e valorizar o caminho que vinham percorrendo. Os relatos transcritos abaixo evidenciam os aspectos presentes na metodologia: cuidado com cada participante, criação de um ambiente de intimidade e confiança, familiar, a presença da Palavra como primado, a relação da Palavra com a vida, a presença de Deus Pai na vida pessoal, o conceito de pecado como fruto do isolamento da dimensão comunitária.

Sr. Augusto fazia assim: reunia em círculos, se preocupava com cada um de nós... O mais importante era que a gente se conhecesse e criasse intimidade uns com os outros. E ali ele ensinou a gente a ler a bíblia, mas não era uma bíblia de especificação... Era uma bíblia de vida, porque a gente discutia o tempo todo com a vida... Nós sabíamos que ele tinha uma intenção... E ele fez de nós uma família. (Anotações de campo- 11.10.2004)

Somos todos filhos de Deus... Ele que nos compreende e sabe o amanhã de cada um, porque... E depois, por que esconder de Deus um problema que ele já conhece? Não tem motivo! Fica difícil você falar assim, que é pra deixar o problema lá fora, quando uma pessoa chega pra frequentar o catecumenato. Ela senta, mas tá tão atribulada, tão cheia de problemas que pode nem ter cabeça. Então, seu Augusto estava sempre ligado, ele não deixava isso assim.. ele ia lá, no particular, ou no grupo mesmo... ele encontrava um jeito da pessoa estar em casa.

Se você tem essa liberdade de trazer os problemas pra comunidade, a comunidade te ajuda a refletir. Você não fica solitário com aquele problema... o que, às vezes, sei lá... a solidão pode gerar um pecado, né?(Afonso)

O relacionamento de confiança constrói laços de solidariedade fraterna, os quais identificam como laços familiares, pois, para este grupo, a intimidade e a confiança mútua são referências de sua concepção de família. O nível de integração dos participantes é percebido de várias formas, e valorizado, por muitos, como ponto central do Catecumenato. O termo 'família' está presente em muitos relatos.

Aqui é tão bom, termina a missa e a gente continua, não quer nem ir embora, acaba virando uma grande família. O catecumenato faz isso, ele já começa a reunir as pessoas fora da missa, você começa a ter um círculo de amizade grande, aquelas mesmas pessoas vão pra celebração. (Ana Maria)

Era mais que um encontro, já éramos uma família. Se alguém faltasse a gente sentia falta... Se passasse mais de uma semana, se procurava saber por que aquela pessoa não foi, se visitava, ia na casa dele. O jeito que o seu Augusto dirigia levava a gente a ficar unido, né? Em segundo, o interesse de cada um, né?(Paulo)

Este aspecto familiar aparece relacionado com outro, quanto aos conteúdos próprios do processo de Iniciação Cristã. Ao serem interpelados quanto a um planejamento temático para a formação, eles manifestam que muitos assuntos foram tratados, foram fluindo ao longo do processo. Sempre que alguém queria se abrir, trazia seu problema, e era acolhido e tudo conversado com clareza e fraternidade.

O catecumenato é formado por pessoas, e as pessoas que estavam no grupo eram adultas. Então, diante de nossas possibilidades... tudo era questionado, tudo era conversado. Não tínhamos uma barreira. Quando tínhamos um problema social, que todos estavam chocados, era em cima daquele problema social que gerava uma conversa. Quando alguém, por um motivo ou por outro, que vou colocar aqui um fato concreto, de uma menina nova, engravidou, que tava dentro do catecumenato... Todos nós ficamos grávidos com ela, geramos a criança com ela... e todo mundo tem no menino hoje muito carinho. Era isso que eu queria dizer, eu acho que não se deve definir o que tem que ter, o que não pode ter. A beleza do catecumenato tá em deixar fluir um pouco. (Afonso)

No relato acima vale a pena sublinhar dois pontos. Em primeiro lugar, o fato de que cada pessoa é considerada na sua originalidade, com sua história e experiências pessoais. A seguir, observamos que o nível de integração com a vida estava presente não apenas como alusão, mas como desafio e busca de respostas comunitárias, à luz do Evangelho. A orientação ética caminhava em consonância

com a espiritualidade, com a prática do amor fraterno, com a experiência comunitária, com as orações e reflexões a partir da leitura bíblica.

Na sociedade moderna, as relações interpessoais estão cada vez mais escassas. As pessoas se sentem sozinhas, anônimas, sem identidade própria; possuem uma grande necessidade de afeto, companhia, amor e, vão buscar nos grupos, uma experiência comunitária de acolhida e solidariedade. A construção desta experiência já favorece à demanda mais existencial, mas, no caso do Catecumenato, a construção dos vínculos afetivos tem sua fonte de unidade e comunhão na experiência de encontro com o Cristo pascal, na Palavra e na Celebração Eucarística.

Decorre que as relações interpessoais se aprofundam no grupo, mas também convidam a um exercício missionário, de partilha e co-responsabilidade social. A práxis evangélica, a conversão de atitudes, a busca de coerência nos ambientes de trabalho, de família, de ação política, emergem como consequência do próprio seguimento de Jesus. É uma consequência coerente com o seguimento de Jesus e imprescindível no mundo adulto no qual, muitas vezes, as dimensões da vida cotidiana, social e política estão desintegradas da experiência de fé⁶⁶⁸.

O planejamento dos dois retiros deste grupo integrou momentos de revisão dos tempos litúrgicos, aprofundamento e oração e, também, momentos de convivência e de lazer, nos quais os membros aprofundaram as relações de amizade.

Nós fizemos vários encontros diferentes, assim, retiro, fomos pro sítio, fomos em dois lugares muito bons... com tarde de oração, mas também nós nos divertimos, sabe? Piscina, jogamos bola, fizemos muitas coisas boas, também o que aconteceu? Isso dá uma união pro grupo pra não ficar só naquilo, ali fechado, né? (Valéria)

A experiência de comunidade não é visibilizada como um elemento marcante na mistagogia de Cirilo. O que podemos identificar é a dimensão de pertença eclesial, lembrar que as ações litúrgicas se dão em comunidade, e até mesmo em um vínculo de fraternidade proveniente desta integração com o Povo de Deus de ontem, hoje e sempre. Mas não temos dados para afirmar que, naquela etapa, o Catecumenato promovia uma experiência de comunidade.

⁶⁶⁸ Cf. FLORISTÁN SAMANES, C. *Teología practica*. op. cit., p. 475.

Na mistagogia de Cirilo, a Iniciação Cristã é um processo comunitário. Seu cuidado pedagógico, a integração entre a catequese, a liturgia e a vida, o sentido de identidade e pertença eclesial, assim como todo o processo de acolhida, entrada e participação dos novos fiéis, é sempre desenvolvido na comunidade eclesial. Ele não explicita uma experiência de construção dos vínculos comunitários, mas em sua eclesiologia transmite a identidade do cristão como participante do povo de Deus, destinatário e sujeito da missão a ele revelada. Da mesma forma, quando Cirilo trata do seguimento de Jesus, refere-se a um caminho pessoal e comunitário.

A comunidade eclesial é o lugar primário de experiência comunitária. É nela que se constroem os primeiros vínculos de identidade, de acolhida, de referência, de fraternidade. Vai além. Através da escuta, partilha, testemunhos, compromissos, é o espaço de exercício dos diversos ministérios e carismas⁶⁶⁹.

Ainda é esta experiência comunitária que oportuniza a circularidade interpretativa fundamental para o amadurecimento, testemunho e missão, no campo pessoal e comunitário. Diante da Palavra, das experiências litúrgicas e da vida prática, a comunidade interpreta a realidade humana atual segundo a dinâmica da fé cristã.

O eixo mistagógico favorece que cada um e todos estejam diante do amor de Deus que se revela a cada passo e que juntos experimentem, compreendam e amadureçam sua fé em comunidade viva, sendo, uns para os outros, mistagogos que auxiliam no passo a passo do seguimento de Jesus.

3.2.2.4

A compreensão da Iniciação Cristã como caminho

A categoria do caminho é central na mistagogia. Remete à dinâmica da Revelação e ao processo existencial de resposta ao convite de Deus, um processo de conversão de ideias, atitudes, de configuração em Jesus Cristo. A mistagogia constitui não apenas o iniciante na perspectiva do ‘caminho’, mas também o catequista e a comunidade eclesial, pois todos são iniciados por Deus.

⁶⁶⁹ BOROPIO, D. Verbete Catecumenato. In: FLORISTÁN SAMANES e TAMAYO, J. (dir.) *Conceptos fundamentales de Pastoral*. Madrid: Cristiandad. 1983, p.115.

Na vida adulta muitas escolhas já foram feitas a partir da história pessoal, da cultura e contexto sócio-histórico. Este é mais um motivo para não esquecermos esta categoria fundante na Iniciação Cristã de Adultos, pois é um grupo que já se colocou diante da vida em um determinado rumo e, diante da abertura e encontro com Jesus, começa a rever suas escolhas. O caminho catecumenal torna-se uma grande revisão de vida, necessita de uma reestruturação respeitosa, atenta e misericordiosa, de inspiração mistagógica.

A perspectiva do caminho é sublinhada em vários trechos dos discursos dos participantes do grupo observado: a mudança, as expectativas, as dificuldades sendo superadas, as descobertas, a necessidade de perseverar, de continuidade. Por isso mesmo, torna-se bastante limitador apontar um ou outro discurso que expresse mais claramente esta categoria central para a mistagogia. No entanto, vamos procurar trazer algumas falas que demarcam esta perspectiva, a fim de observarmos no texto dos participantes do Catecumenato, como constroem este conceito e como verdadeiramente se colocam nesta dinâmica.

No relato a seguir, Afonso traduz seu desejo de ser batizado e, ao mesmo tempo, a resistência em percorrer um processo de catequese na vida adulta.

Quando eu fui procurar o catecumenato eu falei pra minha esposa que eu queria ser batizado. Ela falou que eu tinha que fazer um curso, e eu achei que era uma catequese, sabe? Eu ia fazer um catecismo lá, vai durar um tempo... Ela falou: dois anos. Falei: 'Caramba! Dois anos?! Vou pra igreja todo dia pra me batizar?' Mas quando fui descobri o catecumenato... Eu acho que no catecumenato eles ensinaram o sacramento, ensinaram parte da liturgia, a bíblia, e tem mais. Ele também é formado por pessoas. Então, há uma união muito grande no catecumenato - havia uma entrega, uma doação entre as pessoas, muito forte.(Afonso)

O participante fala de suas resistências iniciais, mas também expressa pontos-chave do Catecumenato, que o fizeram descobrir o que realmente significava: o caminho da iniciação, a importância da Bíblia, da Liturgia e o vínculo comunitário. Ele se surpreendeu com o processo do qual participou, visto que sua referência era de uma formação de cunho catequético-doutrinal.

O catecumenato, ele é uma caminhada - seu Augusto ensinou muito bem - uma caminhada... As pessoas caminhando junto, vão vivenciando os problemas do dia-a-dia. Vão levando a prática que a gente vê na missa, pra você pegar e avaliar, pra você entender, conhecer. Vai levando isso pra dentro do curso, né?...o manuseio da bíblia... Como precisa parar, pensar, analisar, saber em que

tempo foram escritas algumas palavras. Essas coisas foram influenciando muito pra você ter uma formação maior. (Afonso)

Queremos ressaltar na prática discursiva de Afonso a utilização dos verbos no gerúndio – *caminhando, vivenciando, levando, influenciando*. Acreditamos que, nesse caso, a frequência desta forma verbal não é um estilo de linguagem⁶⁷⁰, mas denota exatamente a ideia de caminho, de movimento, de percurso no qual se encontram etapas a serem experimentadas e superadas. Uma formação vivenciada e valorizada enquanto caminho, respeitando os momentos pessoais e grupais, a pedagogia amorosa e misericordiosa de Deus com seus filhos e filhas.

Mais uma vez registramos que este grupo está sob a orientação do RICA, e este promove um processo no qual os encontros, os ritos litúrgicos, as etapas na Iniciação, sugerem uma trajetória, em que pessoa e comunidade se integram na experiência. Este mesmo participante do Catecumenato apreende a riqueza de detalhes das etapas da ICA, a elaboração teológico-pastoral que o fundamenta e os passos fundamentais do processo catecumenal. Enfim, ele se dá conta de que não é acidental a presença dos elementos que, unidos, decorrem no caminho catecumenal, mas que está diante de uma proposta madura da Igreja.

O catecumenato é cheio de pequenos detalhes... são palavras, são pedaços da Bíblia que parecem casuais, mas você vai vendo que são escolhidos a dedo. São as cerimônias de entrada, de bênção... tanta coisa... é uma caminhada. O seu Augusto fez de uma forma que a gente ia caminhando, crescendo, quase sem perceber que tinha todo um planejamento e um cuidado por trás de cada detalhe.(Afonso)

Apesar de já havermos apontado o preparo e atualização do catequista, não podemos deixar de confirmar a intuição do participante: o processo da ICA deste grupo está sob forte influxo das mais recentes orientações do Magistério, expressas no RICA. Além disso, o padre que acompanha este processo é atento, principalmente na elaboração do planejamento das etapas do ano litúrgico e dos ritos e celebrações suscitadas pelo caminho catecumenal.

O processo deste grupo permite mais uma observação significativa: eles foram capazes de identificar os elementos presentes em sua formação, diagnosticar avanços e dificuldades e, ainda, propor novos elementos para o

⁶⁷⁰ Podemos chegar a essa conclusão porque durante a entrevista de Afonso o gerúndio não foi tão frequente quanto neste momento, no qual expressa sua interpretação do processo catecumenal.

caminho catecumenal. Uma das sugestões foi a criação de um espaço para a revisão de vida, de momentos próprios para uma tomada de consciência que os ajude a perceber seu amadurecimento e os caminhos de superação e conversão.

Ana Maria manifesta claramente este desejo de tomada de consciência pessoal.

Acho que devia ter mais momentos assim, pra você entrar em você, ver se tava sendo bom, se o catecumenato estava te dando força. Porque nem sempre a gente tá indo do jeito que deveria.. e vai levando, meio no automático. Tem o estudo normal, mas de vez em quando isso ajudaria mais. Você se integra, busca Deus lá no fundo. Acho que de vez em quando alguém tem que frear e dizer, 'perai, vamos ver por onde estamos indo?'. Não estou dizendo que isso não acontecia quando líamos a Palavra. Claro que sim... mas estou falando de um momento só pra isso, entende?" (Ana Maria)

Está presente neste discurso um dos elementos relevantes na trajetória da Iniciação Cristã, ou seja, a dimensão penitencial do processo de conversão. Nas *Catequeses Mistagógicas*, Cirilo ressalta a necessidade de uma atitude constante de vigilância e tomada de consciência como parte do caminho cristão. Os momentos de dificuldade, de tentação, são elaborados nas Catequeses como parte da vida e da orientação fundamental no seguimento de Jesus. A dimensão penitencial é também abertura à graça e à misericórdia de Deus diante de si mesmo e da comunidade. A conversão é atitude responsável, consciente, processo de amadurecimento e mudança progressiva.

Muitos participantes do Catecumenato expressaram que, quando encontraram este caminho, desejavam uma mudança em suas vidas. Vejamos como uma das catecúmenas expressa esta mudança existencial.

Eu mudei, tudo mudou, mudou até minha relação com o meu marido. Durante o catecumenato eu fui me libertando daqueles medos, né? daquelas coisas, daquele vazio que eu sentia aqui dentro, fui ficando mais calma, meu casamento ficou melhor. É que deitava igual um bicho, acordava igual, né? Não orava, não pedia nada... A gente não tinha essa coisa de fazer oração, né? Hoje em dia, eu e meu esposo rezamos, peço pelos meus amigos, pela minha igreja, por todos... isso foi a religião, a eucaristia, ah! Eu agradeço muito a Deus. (Nanci)

Nanci expressa uma mudança não apenas pessoal, mas que se refletiu na vida familiar, até mesmo na relação com Deus. O caminho catecumenal torna-se reconfigurador da vida pessoal, das escolhas e atitudes cotidianas. Neste processo, cada participante, ao se deixar interpelar pela voz de Deus em seu coração, além de transformar a própria vida, torna-se testemunha viva do seguimento de Jesus.

Afonso percebe com clareza a mudança existencial provocada pelo processo catecumenal. Ao iniciar, ele busca o sacramento do Batismo, mas o que encontra vai além de suas expectativas, pois, encontra a si mesmo, encontra o lugar da religião da sua vida.

Eu fui em busca de uma coisa, que talvez não é mínima, mas é uma coisa menor do que eu encontrei. Eu fui atrás de um sacramento, e ao mesmo tempo, encontrei a minha - vamos dizer assim - a minha posição diante da religião, a minha posição diante da minha fé, eu me encontrei, me descobri.

Eu só gostaria que essa prática da Igreja antiga não morresse... É porque ela já ficou adormecida anos, e quem não conhece precisa vir a conhecer, explorar mais o catecumenato, pra elas entenderem que é uma caminhada... E, assim, fincar essa bandeira na igreja.(Afonso)

Em seu depoimento, Afonso se apresenta consciente de que participa de um processo inspirado na sabedoria da Igreja dos primeiros tempos. Um ponto que brota de seu discurso é o desejo de multiplicar a experiência que deu novo sentido à sua vida: um sentimento de descoberta da grandeza do mistério de Deus, da sua importância para a existência humana e a vontade de partilhar com outras pessoas. É a alegria que brota do encontro profundo com Deus. É o mandato missionário que chega ao seu coração e deseja que a novidade do Evangelho se espalhe.

A categoria de caminho é central na mistagogia de Cirilo. A Iniciação Cristã é processo, itinerário, trajetória, caminho. Os cristãos são aqueles que seguem o ‘caminho’ de Cristo. Em Cirilo, tudo é processo, a experiência litúrgico-sacramental não é repentina, mas é vivência profunda de cada etapa que conduz ao Mistério pascal.

Percebemos que esta categoria tornou-se um diferencial para aquele grupo. A mudança de perspectiva - de curso para encontros, de doutrina para seguimento, de prazo a ser cumprido para caminho a ser percorrido - , define uma identidade inusitada para este grupo de participantes do Catecumenato, que se tornou determinante para a sua adesão e reconhecimento. Alguns se referiram a esta perspectiva como a possibilidade de aprender de acordo com cada pessoa, respeitando sua liberdade e contexto. Outros perceberam como um caminho que se inicia e se trilha por toda a vida, sempre em busca do encontro definitivo com Jesus Cristo.

Para finalizar este tema, extraímos das práticas discursivas cinco características que definem a perspectiva do ‘caminho’ neste processo catecumenal.

1. O primeiro ponto a ser destacado, na verdade, o ponto central e norteador desta categoria, é a teologia que a embasa, ou seja, a iniciativa salvífica de Deus e a resposta da fé pessoal e comunitária.

2. Como consequência deste fundamento, a compreensão de que todos são iniciados por Deus, e todos estão no caminho do seguimento de Jesus. Para tanto, o grupo aponta as mediações que efetivam esta relação entre Deus-pessoa-comunidade: a Bíblia, os ritos litúrgicos, a Celebração Eucarística, os encontros comunitários.

3. Uma decorrência do seguimento de Jesus é a atitude missionária, de anunciar a Boa Nova ao mundo.

4. Ainda podemos ressaltar que esta perspectiva altera a postura de participação dos elementos presentes no processo. Se todos estão ‘no caminho’, as atitudes de diálogo, partilha, abertura, pedagogia amorosa, perdão e misericórdia, são as que propiciam esta dimensão.

5. Outro aspecto forte nos relatos é a auto-consciência de que ocorre uma mudança existencial diante do convite de Deus. Por isso mesmo, a dimensão penitencial deve se fazer presente, na escuta comunitária, na pedagogia do catequista e, principalmente, nos ritos que efetivam o perdão de Deus e a perseverança no caminho.

Enfim, diante da centralidade desta categoria para a mistagogia, vejamos mais um elemento relevante da experiência mistagógica vivida neste pequeno grupo de Catecumenato com Adultos.

3.2.2.5

Vida cristã e acompanhamento pessoal

Em virtude da perspectiva de caminho, de conversão como processo de nova configuração da vida adulta, em sua cosmovisão, escolhas e atitudes é que trazemos mais um elemento mistagógico presente nesta experiência catecumenal: o acompanhamento pessoal e comunitário dos participantes em sua vida cristã.

Para dar início à análise desta categoria, vejamos como o catequista desenvolve uma aproximação com a vida de cada participante do Catecumenato, não apenas nos encontros catecumenais, mas indo até seus espaços familiares, ao encontro das dificuldades e das escolhas que estruturam a vida adulta.

Este não é um aspecto explicitado na prática de Cirilo de Jerusalém, no entanto, já demarcamos que a adequação da linguagem, os ensinamentos relacionados com a vida cotidiana e os esclarecimentos de cunho doutrinário, demonstram sua profunda sintonia com a realidade do grupo. A sensibilidade pastoral e capacidade de diálogo de Cirilo com diferentes culturas refletem proximidade e atenção ao contexto de seus participantes, assim como uma atitude profética e pastoral diante dos desafios que a sociedade daquele tempo apresentava à vida cristã.

No Catecumenato que estamos analisando, o catequista, Sr. Augusto, procurou alternar os encontros no espaço da *Casa de Oração* com visitas às famílias com a intenção de criar intimidade e evangelizar os ambientes familiares. Esta aproximação promoveu a abertura da vida pessoal, a construção de vínculos de confiança e afeto, além de avançar do limite da formação no Catecumenato. A proposta foi levar a experiência de oração comunitária a cada família de participante do Catecumenato, principalmente àquelas que passam por momentos conflitantes ou difíceis.

As visitas foram promovidas como ação testemunhal e missionária do grupo de Catecumenato, um gesto de solidariedade e fraternidade concretos. Transcrevemos abaixo o relato do catequista.

De vez em quando as reuniões eram na casa de um deles. Primeiro, a gente fazia os encontros nas casas como abertura do catecumenato. E depois a gente fazia visitas periódicas nas casas. É, porque quando você vai de encontro (...) A família, está no habitat dele, é uma reserva, o único lugar em que ele se sente seguro. Então, se ele não quer ouvir a Palavra de Deus, se ele não apresenta muito interesse pela busca da palavra de Deus, quando você se insere dentro da intimidade dele, você entra na intimidade, enfraquece por um lado e fortalece de novo, só que na oração, na intimidade com a Palavra.

Porque dentro da casa deles eles são fortes, são donos da verdade, são isso, são aquilo. Então, quando você entra com a oração dentro da casa deles, que não é o hábito, que não é o costume, quebra essa resistência. E você consegue abrir um caminho pra semear... e outra coisa: você consegue também acender na mente de cada um deles a responsabilidade que eles vão ter dali pra frente com a vida daquele que escolheu fazer este caminho no meio deles também. (Sr. Augusto)

O catequista tem uma metodologia consciente da realidade do mundo adulto, do contexto em que vivem, as questões familiares, as pré-concepções estabelecidas. Ele avalia a necessidade de uma mudança de olhar, de uma experiência que desestabilize e possibilite uma conversão de fato, de dentro da vida pessoal, passando pelos vínculos mais próximos, os familiares. Recorre às visitas familiares como estratégia pedagógica de uma integração entre o participante e sua realidade familiar, para que não haja um hiato e para que a família participe do processo juntamente com seu parente. Realizar um encontro catecumenal neste ambiente é uma atitude pedagógica.

Antes de fazer o catecumenato eu já tinha essa experiência de oração nas casas. Até porque era o meu primeiro serviço missionário na Igreja. Eu visitava doentes, vizinhos, procurava levar auto-estima e um incentivo, né? pra procurar o caminho... Então, pra mim foi fácil, fazer essa descoberta porque eu já tinha esse gancho, e eu já tinha resultados.

O RICA se preocupa com a integração com a liturgia e essa parte a Casa de Oração faz muito bem, não precisa dos meus humildes serviços. Então, me preocupo com algo que sei, tenho certa experiência.com as pessoas, com a vida prática, familiar. (Sr. Augusto)

O tempo do Catecumenato é especial para vivenciar os valores evangélicos no cotidiano. A condução do processo deve motivar esta experiência proporcionando momentos de partilha da vida e troca de experiências. D. Ormonde reitera a orientação do RICA, de que a formação do Catecumenato é um itinerário espiritual de passagem ‘do velho homem para o novo, que tem sua perfeição em Cristo’, ‘uma progressiva mudança de mentalidade e costumes, com suas conseqüências sociais’⁶⁷¹. No entanto, ele alerta para que não se reduza a um propósito de boas ‘intenções’, mas que realmente se implemente a prática cotidiana da caridade e um processo de conversão que vá configurando o participante do Catecumenato em Jesus. Para tanto, o acompanhamento pessoal e da comunidade se torna fundamental⁶⁷². O participante deve ser acolhido e acompanhado pela comunidade eclesial e, sempre que possível, necessita de acompanhamento próximo, íntimo, constante, de sua trajetória pessoal na fé cristã.

⁶⁷¹ Cf. RICA, n. 19.

⁶⁷² Cf. ORMONDE, D. Vale a pena os catequistas conhecerem o catecumenato. p. 248.

Estamos diante do papel do introdutor, um dos aspectos importantes para o RICA⁶⁷³. Neste pequeno grupo, esta se tornou uma questão difícil. Alguns participantes do Catecumenato tiveram introdutores: como uma presença amiga, como uma espécie de padrinho, como alguém que acompanha mais de perto o caminho da fé, ensinando a rezar na vida. Vejamos como o grupo percebeu esta questão.

Os introdutores são muito importantes, né? mas como é que você faz isso? Deve ter alguma preparação? Mas isso não é nem um convite. Eu não sei nem explicar. Vou explicar porque... Porque quando veio essa última candidata eu falei com o padre: quem o senhor acha que eu devo escolher para ser introdutor dela? Ele me respondeu que não seria ele a indicar, que deveríamos fazer uma reunião e pensar juntos. No princípio, eu trouxe alguns introdutores. O grupo que recebeu os sacramentos, o primeiro grupo, aqueles que eu achei que podiam ajudar, eu falei. O padre acha que esse não é um processo legal porque eles ainda não têm um amadurecimento de fé a ponto de ajudar o candidato. (Sr. Augusto)

Em algumas situações o papel foi exercido por algum membro familiar ou amigo, ou seja, a introdução foi compreendida como um aconselhamento da parte de uma pessoa já próxima, que estimula, orienta, se faz presente no início do processo de Pré-Catecumenato, e até mesmo durante o Catecumenato em si. Nos depoimentos abaixo podemos perceber que, para alguns, esta presença foi fundamental na sua formação.

Ele que já participava e passava aquilo pra mim, aquele seguimento todo que a gente tinha. Ele é que me trouxe. Por isso que eu sempre, eu sempre falo que o meu introdutor mesmo foi meu marido, em toda a vida religiosa. (Ana Maria)

É importante, principalmente, uma pessoa que tá ali se preocupando com você, no dia-a-dia. Se você faltou, por que você não foi? Se você tá com problema... É importante. Hoje em dia eu gostaria de ser introdutora de outra pessoa, que tivesse perdida, pra passar adiante essa coisa boa, né? Que a gente recebeu, então... deve passar adiante. (Valéria)

Ah, ela me ensinou muito, ela sempre tava comigo, me dizendo: 'a gente precisa orar'. Ela me dizia que os obstáculos vinham, as barreiras. Ela é muito meiga, vinha com jeito, me dava conselho, rezava comigo... junto com ela eu me sentia mais forte, com Jesus dentro e no meio, como dizem. (Nanci)

⁶⁷³ Ministério recuperado pelo RICA em que hoje empregamos o termo 'introdutor'. Difere da figura do 'padrinho' segundo as orientações do ritual, no entanto, D. Ormonde propõe uma adaptação com a finalidade de adequar o documento à realidade das comunidades, dando a esse ministério as funções que o ritual atribui aos padrinhos. Cf. ORMONDE, D. Pontos de partida para um catecumenato em etapas. In: *Revista de Liturgia*, 164, março-abril de 2001, p. 28.

Os depoimentos apontam a presença do introdutor como alguém que dá o primeiro testemunho, que se preocupa com o processo e orienta em situações difíceis, que ensina a orar, experimentar a fraternidade cristã na dimensão pessoal. São características muito importantes neste processo e auxiliam de perto a Iniciação Cristã na vida adulta, criando espaços de intimidade e de oração diferentes daqueles experimentados no grupo de Catecumenato.

Já Afonso, considera que não ocorreu uma formação adequada para os introdutores. Ele percebe que alguns colegas tiveram introdutores e outros não. Alguns se sentiram meio órfãos, mas todos caminharam com ou sem essa presença. Em sua compreensão, o introdutor é alguém que deve acompanhar o Catecumenato e também auxiliar nos esclarecimentos, nas dúvidas do participante.

Na verdade, eu não tive introdutor. Mas como a minha vontade começou já saciada, minha sede de conhecimento... então, a questão do introdutor... a gente relevou, mas outras pessoas tiveram, né? E foi importante. Mas eu acho que o introdutor tem que ser mais participativo do que o que eu vi. É uma opinião minha. Eu acho que pode esclarecer mais... A pessoa tem que ser esclarecida das coisas... entendeu? (Afonso)

No Catecumenato primitivo, o participante era acompanhado por toda a comunidade, mas especialmente por um ‘padrinho’ na fé, com quem estabelecia uma relação mais íntima e familiar, aprofundando o conhecimento pessoal e refletindo sua caminhada na nova fé⁶⁷⁴. O papel do ‘padrinho’ nasce da vocação missionária de todo cristão, envolvendo sua responsabilidade com os irmãos na fé, sua resposta ao mandato missionário. São os primeiros missionários: anunciando, despertando e acompanhando a fé de muitos iniciantes⁶⁷⁵. O Catecumenato antigo nascia desse processo, ele antecedia e perpassava o próprio caminho catecumenal, e não o contrário. “O neófito era assistido durante toda sua preparação por um fiel veterano, com quem compartilhava sua experiência da vida cristã e que garantia sua trajetória ante os responsáveis da Igreja”⁶⁷⁶.

⁶⁷⁴ Vemos esta menção especialmente na *Tradição Apostólica* de Hipólito de Roma, quando os fiéis devem acompanhar os neófitos no exame, na preparação e acompanhamento durante o catecumenato. Cf. HIPÓLITO DE ROMA. *Tradição Apostólica*, Petrópolis: Vozes, 1971, p. 20 e BUNGE, G. op.cit.

⁶⁷⁵ Cf. FLORISTÁN SAMANES, C. *Teología practica*. op. cit., p. 464.

⁶⁷⁶ Cf. CABIÉ, R. La iniciación cristiana. In: MARTIMON, A.G. *La Iglesia en oración. Introducción a la liturgia*. Barcelona: Herder, 1987, p. 584.

Alguns participantes deste grupo mencionaram uma pessoa, a quem atribuíram a introdução na vida cristã: a amiga, a mãe, a avó, a esposa, o esposo. Lembramos que o papel do padrinho é legítimo na experiência da Igreja, o encontro entre duas pessoas: uma que orienta e, a outra, que é iniciante. É exatamente o papel do introdutor, de primeiro anunciador e acompanhante, aquele que auxilia na abertura ao chamado de Deus.

Os participantes deste Catecumenato manifestam o quanto essas pessoas foram especiais e determinantes em sua formação. Sublinhamos que, nas observações quanto aos introdutores, apresentam as mesmas características presentes no Catecumenato antigo – anúncio, acompanhamento próximo e fraterno, solidariedade, integração na comunidade maior.

Na mistagogia de Cirilo, esta função específica não é percebida. Podemos apenas deduzir a necessidade do acompanhamento pessoal e comunitário, a partir de seu cuidado mistagógico com cada pessoa que deseja trilhar o caminho cristão. No Catecumenato antigo, este acompanhamento era garantido por um veterano, designado pela própria comunidade.

Este grupo de Catecumenato da *Casa de Oração* tem uma peculiaridade que vale a pena destacar com relação à figura do introdutor. O catequista deles, Sr. Augusto, foi, na verdade, o introdutor no caminho catecumenal. Sua aproximação com cada pessoa é anterior ao momento de formação do Catecumenato, pois, enquanto ministro da bênção, ele já conhecia e acompanhava muitos deles. Sendo assim, apesar de muitos se mostrarem ressentidos da ausência da figura do introdutor no processo catecumenal, seu catequista incorporava, de tal maneira, as características próprias desta função, que foram acompanhados de perto, no encontro com Jesus e nas questões pessoais relevantes para a nova vida de fé.

3.2.2.6

A oração e o seguimento de Jesus

O caminho mistagógico tem como fundamento o encontro profundo com Jesus Cristo, através da Palavra e da Liturgia⁶⁷⁷. É um caminho feito de

⁶⁷⁷ A V Conferência Geral do Episcopado Latino Americano e do Caribe, realizada em Aparecida, em maio de 2007, exorta para esta missão da Igreja: “confirmar, renovar e revitalizar a novidade do Evangelho arraigada em nossa história, a partir de um encontro pessoal e comunitário com

descobertas e também de escolhas fundamentais e cotidianas, no qual se efetiva o seguimento de Jesus. Não é uma precipitada conversão sacramental, e sim um processo de reformulação do próprio existir, do sentido e orientação da vida. Para tanto, a valorização do seguimento de Jesus deve estar sempre diante da comunidade, como experiência prática, de testemunho, missão e conversão, de presença cristã no mundo⁶⁷⁸.

A forma como o catequista trabalha a oração é também uma experiência diferencial neste processo catecumenal. Ele conduz a oração como conhecimento e seguimento de Jesus. Ele acredita na experiência de oração como fundamental, mas, no caso da vida adulta, ele percebe que precisa de algo a mais, que é o encontro com o sofredor, com o rosto de Jesus nos sofredores e conduz à experiência da missão apostólica.

Eu vejo a oração a Jesus como mais do que um jeito de falar com Ele... vamos ver se você me entende... Eu consigo ver Jesus, embora muitas vezes, ou na maioria das vezes fora da igreja tá? Eu tenho um encontro com Jesus semanalmente na celebração, mas eu encontro com Jesus vivo lá fora, e eu tento levar isso pra eles, no catecumenato... assim, vivenciando com eles. Por exemplo, quando eu fui à casa das meninas⁶⁷⁹ com eles eu dizia assim: converse com elas... Antes eu preparo, digo: algumas coisas vocês não devem perguntar pra não levantar uma ferida, uma mágoa. Então, faz perguntas do dia- -dia, mas coisas que você sabe que vai trabalhar a auto-estima delas. Puxa teus olhos são tão lindos! Como é que você se chama? Buscando essas características, porque a gente tá indo pra um campo onde a primeira enfermidade é o isolamento. As pessoas estão isoladas, desse campo que os nossos olhos são capazes de alcançar no cotidiano, nesse caminhar aqui fora em liberdade né? É: essas é que vão acalmar, aplacar a ira daqueles corações, para que eles possam trabalhar uma re-inserção, para que eles possam trabalhar uma forma de reintegrá-las na sociedade.(Sr. Augusto)

Sr. Augusto conduz esta experiência de encontro com os sofredores como um testemunho de solidariedade fraterna, de superação da situação de sofrimento para uma nova vida, de resgate da auto-estima e reintegração social. Para ele, o participante, em seu caminho Catecumenal, já pode dar testemunho, apoiar outra vida, assumir o seguimento de Jesus. Mais. Ele acredita que esta é uma forma concreta de encontro com Jesus, de oração na vida, de conversão.

Jesus Cristo, que desperte discípulos e missionários". CELAM, *Documento de Aparecida*. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, Brasília: CNBB; São Paulo: Paulus/Paulinas, 2007, n. 11, p. 13.

⁶⁷⁸ Cf. FLORISTÁN SAMANES, C. *Teología practica*, op. cit., p. 471.

⁶⁷⁹ A casa das meninas, a qual o catequista se refere é um abrigo para meninas que sofreram violência doméstica ou moradoras de rua. A Casa de Ação Social para Moças abriga meninas de 12 a 18 anos incompletos. A Casa pertence à Secretaria de Ação Social de Duque de Caxias.

Assim a gente vai orientando eles a ver Jesus nessas meninas, ver Jesus no outro. Eu trabalhava muito com o outro deles: vocês precisam descobrir quem é o próximo de vocês. Às vezes vocês estão lá na casa e saem de casa, vêm pra igreja e o próximo de vocês estava lá passando mal, precisando de um bom dia, boa tarde, boa noite, seja o que for. Então, a gente não pode sair de casa deixando um leque de problemas. (Sr. Augusto)

O encontro com o outro que sofre é uma experiência que marca a trajetória do participante, pois faz com que ele repense suas atitudes com os mais próximos, inclusive com os familiares. Sr. Augusto fala da coerência evangélica, da práxis do amor cristão e alerta para o perigo de uma fé ritualística, defasada com a vida cotidiana.

Os participantes do Catecumenato identificam esta experiência como um momento forte, no qual se perceberam dando testemunho, levando a Palavra de Deus àqueles que precisavam. Citamos abaixo a fala de uma das catecúmenas com relação a essa experiência.

*As visitas... eu acredito que ajuda realmente a pessoa a levar a Palavra. Isso incentiva até a gente, que faz o Catecumenato, a aquilo que você aprendeu tentar passar um pouquinho para o próximo, e tentar fazer com que ele veja como aquilo é gostoso, tentar passar pra ele que é bom, “vem, vem pra cá também!” Você precisa participar também... Como Jesus fazia, como Jesus sofreu, e você junto... com o sofrimento dos outros, você também sofre, porque você também cai...
No catecumenato, tá certo que a gente fique ali estudando, mas ainda mais nós adultos... Então você tem que fazer na prática, realmente. (Ana Maria)*

Observemos como, neste comentário, aparece claramente a consciência do processo catecumenal. Não é um comentário de quem é passivo, receptor do trabalho pastoral, mas de quem percebe por onde devem caminhar e quais as escolhas feitas pelo catequista. O participante do Catecumenato adulto é capaz de emitir opiniões que diagnostiquem e avaliem o processo não apenas em termos pessoais, mas comunitários. É uma característica própria do Catecumenato com Adultos, são ativos, participantes do próprio processo, e se tornam colaboradores.

A seguir vejamos mais alguns relatos que confirmam a relevância deste encontro com o sofrimento de outros irmãos. Estes depoimentos manifestam que os encontros tornaram-se momentos de conversão, de aprender a amar o próximo concretamente.

Naquelas horas eu aprendi muitas coisas, principalmente a pensar mais no próximo, né? Não fico assim dando de ombro mais, eu procuro ajudar, né? E eu também rezo, coloco na minha oração tantas pessoas, e também peço aos amigos pra rezarem por mim. (Nanci)

E acho que as visitas levam o evangelho pra prática, pro concreto... O que tem as outras pessoas, o sofrimento das outras pessoas. Eu acho que cada um devia conhecer, assim um pouquinho, pra poder ficar, assim, na cabeça, né? Ou então, mesmo o que a Bíblia fale as coisas que Deus escreve, como amar o próximo e tal, se você prestar atenção, as coisas que tão escritas ali, você também pode ensinar alguma coisa bonita, e você acaba aprendendo, também. (Rosa)

O marido de Rosa concorda com ela e acrescenta que as visitas levam a teoria para a dimensão da prática, o que aprendem no Catecumenato deve também ser transmitido, como missão, como serviço àqueles que necessitam da Palavra.

É não é ficar só naquela parte teórica, tem que ensinar na parte prática também... ir lá e sentir o que aquela pessoa é, conversar com ela, sentir com ela a fraqueza dela, né? Onde que ela tá sofrendo e tentar levar a Palavra pra ela também, que nem lá no catecumenato o Seu Augusto ajuda a gente a ver. (Paulo)

Este último depoimento já traz a dimensão missionária da vida cristã. É uma consequência do seguimento de Jesus: assumir o mandato missionário e levar a Palavra a outros homens e mulheres. O mais comum é que esta atitude seja uma continuidade do seguimento, após os Sacramentos da Iniciação, entretanto, a maturidade cristã deste grupo potencializa que, mesmo durante o caminho catecumenal, sejam capazes de dar testemunho e assumir a missão.

Esta característica do grupo é fruto de sua tomada de consciência do processo pastoral-pedagógico e do estímulo para serem membros ativos na formação, de uma comunidade viva. O estudioso do tema, Floristán Samanes, relembra que a essência de uma comunidade cristã não reside nas pessoas ou mesmo em suas experiências, mas no modo como respondem ao chamado do Deus de Jesus para edificar seu Reino aqui e agora, nas situações mais próximas e concretas. Ele chama de êxodo da própria comunidade, 'sair de si' e, enquanto Igreja, viver em estado de missão⁶⁸⁰.

Ainda, no que se refere ao tema do seguimento de Jesus, este grupo vivenciou muitas experiências de oração: a oração inicial e final nos encontros, os momentos de bênção, os ritos litúrgicos próprios do Catecumenato, as visitas aos sofredores, a partilha da Palavra, a oração nas visitas familiares.

⁶⁸⁰ Cf. FLORISTÁN SAMANES, C. *Teología practica*, op. cit., p. 633.

No caso de Maria, ela percebe uma mudança significativa no seu jeito de se relacionar com Jesus.

Eu acho que o meu jeito de falar com Jesus mudou pra melhor, né? A gente ficou mais íntimo... É porque antes, assim, era aquela ideia muito do que não está ao meu alcance, sabe? Era uma coisa distante, Ele tava comigo, mas não tava... E com o catecumenato eu passei a ver um Jesus mais humano, que tava comigo mesmo e dava pra sentir ele ali, entendeu? E nas minhas orações, isso começou a ficar mais presente, mais real... passou, a ser um amigo... Não só o posto da santidade.... (Maria)

A mudança que Maria relata diz respeito à imagem de Jesus que ela trazia até este momento: um Jesus distante, com o qual não se relacionava naturalmente. Esta relação com Jesus não apenas se modificou, mas amadureceu para uma relação de pessoa-pessoa, de proximidade e confiança.

A experiência de oração é vivida por um dos casais do grupo como prática cotidiana, que se estende em sua semana, na vida familiar. Juntos procuram perseverar na leitura da Bíblia e na oração.

A gente faz assim, procura ler, separados, cada um faz sua oração individual e depois, aí a gente às vezes fala sobre o que lemos na Bíblia. Tem mais, a gente não sabia como ler a bíblia, que não é só abrir a bíblia, tem que saber ler a bíblia, né?(Paulo)

Destacamos no discurso acima que há um método nesta prática de oração: a leitura orante é individual, e só depois a partilha em comum. Esta prática é consequência da compreensão de que o encontro com Deus tem uma dimensão pessoal, e os dois respeitam e conduzem esta prática para sua vida familiar.

Os encontros do Catecumenato se passam em um clima de oração, de escuta atenta e diálogo com Deus, através da Palavra, dos fatos da vida, das partilhas, dos ritos litúrgicos. Enquanto processo de Iniciação Cristã, o Catecumenato deve ser espaço fecundo e ativo de uma pedagogia que privilegie sempre a abertura ao mistério de Deus que se revela. Os ritos são prenes desta dinâmica: as bênçãos, os escrutínios e exorcismos. Em Cirilo, o caminho mistagógico é um caminho orante, de atenção e escuta pessoal e comunitária. Nas suas homilias, ao construir uma trajetória de cunho contemplativo, Cirilo convida a uma atitude orante diante do mistério de Deus.

3.2.2.7

Pertença eclesial

O tema da participação na Igreja está presente na mistagogia de Cirilo e tem sua centralidade na celebração do Mistério pascal. As ações litúrgicas são ações de toda a Igreja, sacramento do Povo de Deus. O sentido de identidade cristã e de pertença eclesial estão extremamente vinculados, assim como suas decorrências, que são as atitudes de conversão, de testemunho e de missão no mundo.

A preocupação pela dimensão eclesial está muito viva no processo catecumenal que acompanhamos. O catequista da comunidade local se mostra atento a uma inserção verdadeira na Igreja, como comunidade eclesial mais ampla. Para tanto, três pontos foram priorizados: o estreitamento dos vínculos fraternos e solidários, a participação nos ritos litúrgicos e o contato com a grande comunidade eclesial.

Este grupo catecumenal se encontra e vivencia a liturgia na *Casa de Oração Batismo do Senhor*. Este é um aspecto a ser ressaltado, pois ali o grupo experimenta uma liturgia que integra a vida, a fé e o Mistério pascal⁶⁸¹; uma liturgia que conduz cada pessoa a uma nova participação na Igreja, que nasce da participação no Mistério de Cristo na Liturgia. Nas palavras de Floristán Samanes, “a liturgia é a oração viva da assembléia, na qual se responde à realidade deste mundo para transformá-lo em reino de Deus”⁶⁸².

É nesse espírito que muitos participantes do Catecumenato são iniciados nos ministérios e assumem como serviço à Igreja ali reunida. As ações litúrgicas são serviços que os membros da assembléia prestam uns aos outros e, por seu intermédio, é Cristo, o servo de Deus, quem age. É um serviço horizontal na assembléia, mas que expressa a dupla relação vertical, através dos ministros, Deus

⁶⁸¹ É frequente experimentarmos momentos de uma ruptura entre o que vivemos, cremos e celebramos; entre o que pensamos e o que fazemos; entre nossas convicções e nossas ações. A celebração eucarística, vivida na sua plenitude, é uma experiência integradora entre Deus e seus filhos, entre a Revelação e a resposta de fé na vida pessoal e comunitária. Cf. ESCOBAR, F. A Celebração do Mistério de Cristo. In: CELAM, *Manual de Liturgia*, vol. II, A Celebração do Mistério Pascal. São Paulo: Paulus, 2005, p. 13.

⁶⁸² FLORISTÁN SAMANES, C. *Teología practica*, op. cit., p. 624.

está a serviço de seu povo e, por outro lado, o povo está a serviço de Deus e de seu Reino⁶⁸³.

Transcrevemos a fala de um dos participantes, que expressa esta experiência de horizontalidade na assembléia e de ministérios vistos na dimensão do serviço, sem que haja comprometimento da centralidade do Mistério celebrado, que é Jesus.

Tem gente que acha que mais importante é o padre na igreja... o padre é importante... o padre é importantíssimo, mas o centro é Jesus. A assembléia é igual, ninguém mais, nem menos. E os ministérios não são pra aparecer, mas... é pra servir, né? Não é pra você se destacar, que você é mais..., mas é pra você servir àquela comunidade.(Afonso)

Pontuamos outro aspecto significativo quanto a esta dimensão de pertença à grande comunidade eclesial, a Igreja: o processo catecumenal é percebido como um processo de iniciação à vida da Igreja. Maria, uma das catecúmenas, compreende o Catecumenato como uma prática necessária a todos os cristãos.

Eu vejo o catecumenato como uma porta pra você, assim... se infiltrar melhor na igreja, sabe? participar, ser mais ativo... Não só pra quem quer o sacramento, seria pra qualquer pessoa. Acho mesmo que todo mundo tinha que fazer o catecumenato. (Maria)

Ela não se refere apenas àqueles que buscam a iniciação sacramental ou uma reiniciação na vida cristã. Sua experiência a conduz para o conceito mais amplo de Iniciação Cristã⁶⁸⁴ e para sua importância como espaço de formação permanente⁶⁸⁵.

⁶⁸³ Cf. GELINEAU, J. Ministérios e Serviços. In: GELINEAU, J. (org.) *Em vossas assembléias. Teologia da Missa*. São Paulo: Paulinas, 1975, p. 69.

⁶⁸⁴ Como já vimos no capítulo 1, o conceito de Iniciação Cristã como formação continuada na qual o fiel conhece mais profundamente a fé cristã, participa livre e conscientemente do Mistério revelado na liturgia sacramental e da comunidade. Nesta concepção, o catecumenato é tomado como instituição central e global, como instrumento vital na missão evangelizadora.

⁶⁸⁵ H. Bourgeois considera que há duas novas demandas presentes na formação dos grupos de ICA hoje. A primeira se refere ao retorno de cristãos já batizados que desejam dar continuidade à formação recebida no passado e participarem dos demais Sacramentos da Iniciação (confirmação e eucaristia); e a segunda voltada para adultos que retornam à comunidade eclesial para renovação, aprofundamento e vida comunitária, mas que já participaram de todos os Sacramentos de Iniciação. A questão é se esses dois grupos também estariam percorrendo um Caminho Catecumenal; e H. Bourgeois afirma que este continua sendo o caminho pertinente para o processo de ICA, mesmo com características particulares. Cada comunidade deve avaliar e planejar o Catecumenato com Adultos de forma a responder às novas demandas. Deste mesmo pensamento partilha o liturgista da *Casa de Oração*, D. Ormonde, “o catecumenato nas comunidades tende a ser único, ao mesmo tempo batismal e pós-batismal, reunindo não-batizados e batizados. Para alguns será um catecumenato de iniciação, para outros de prosseguimento da iniciação e para

Outro participante evidencia um outro fator deste enraizamento eclesial. Ele acredita que a unidade com a caminhada da Igreja está fundamentada nas fontes apostólicas e patrísticas, na Iniciação Cristã desde os primeiros tempos.

Você sabe que o ritual existe, que essa prática é milenar. Algumas coisas a gente ainda precisa aprender, continua estudando. Seu Augusto ensinou pra gente que esse jeito, do catecumenato, que essa é uma prática da igreja, lá do início da igreja? Então, eu vejo assim, tem muita sabedoria aí, e é por isso mesmo que dá certo! (Afonso)

Em sua prática catecumenal, este catequista procura sempre estabelecer a ligação entre o pequeno grupo, a comunidade particular e a grande comunidade do Povo de Deus. É um vínculo firmado a cada encontro, o que faz com o que o grupo não se perceba isolado de um processo muito mais amplo.

Para implementar este vínculo com a Igreja, o catequista proporciona a integração do grupo com momentos da vida da diocese de Caxias e da Igreja do Brasil.

Isso é a própria vivência com o compromisso diocesano. É a missa do crisma, o retiro dos trabalhadores, é o grito dos excluídos, a romaria do Pilar... Tentando evangelizar num sentido de Igreja, uma igreja maior. Estamos inseridos... Até pra poderem ter consciência da extensão da Igreja que eles estão caminhando nela... que não é nenhum fundo de quintal, né? Não é uma igrejinha qualquer. E quando eles chegam lá, que veem aquele movimento, aquele movimento monstruoso que arrepiá, aquilo dá um..., sabe? Eles sentem tomados pela emoção de ver tanta gente, de ver a fé sendo posta em prática, se sentirem de verdade o mesmo Povo de Deus... Lembrando sempre que a espinha dorsal deles é a liturgia diária. Uma coisa tá junto com a outra. (Sr. Augusto)

Sua fala explicita a preocupação com a consciência de que os iniciantes participam de um projeto muito maior do que os encontros catecumenais e as celebrações locais. As estratégias das quais lança mão para desenvolver essa sensibilidade e consciência comunitária indicam um processo amadurecido, de discernimento eclesial e pedagógico.

Observemos, nos relatos dos participantes do Catecumenato, como compreendem sua participação nos eventos da diocese. A partir destas atividades, se percebem como Igreja e não como um pequeno grupo em formação. Apreendem a extensão da caminhada da Igreja e sua pertença ao Povo de Deus.

outros de reiniciação cristã. BOURGEOIS, H. op. cit., pp. 67-70; ORMONDE, D. Vale a pena os catequistas conhecerem o catecumenato. op. cit., pp. 252-253.

Eu acho interessante quando vamos lá na matriz, porque nas missas, principalmente nessas celebrações de uma escala maior, te dá uma visão não só desse mundo aqui pequeno, e tem também um outro. Te faz assim... sentir uma Igreja grande, e não uma comunidade familiar só, entende?(Ana Maria)

Seu Augusto se preocupa que o catecumenato não fosse só um grupinho, falava dos encontros da catedral pras pessoas sentirem: ‘ eu tô inserido numa igreja, com letra maiúscula, não é só um grupinho...’ Eu sou parte de uma igreja inteira, um mundo, né? As pessoas se sentem dentro do povo de Deus, não é um hiato... Isso é uma preocupação muito dele, né? Ele é muito, é muito cuidadoso, com cada coisa desse caminho. (Paulo)

Com mais este nível de integração, o catequista auxilia o grupo a perceber sua participação, não apenas na Igreja particular, diocesana, mas também na Igreja do Brasil. É uma resposta madura ao individualismo ainda presente em muitos processos pastorais. Apesar de cientes de que este não é um fenômeno próprio da comunidade eclesial, e sim da sociedade moderna, ele vem sendo reforçado pelo próprio esquecimento de que a Igreja é assembléia, congregação, povo reunido⁶⁸⁶.

É muito marcante, nas práticas discursivas do grupo, o sentimento de pertença, algumas expressões demarcam este significado: “*tem muita sabedoria*”, “*te dá uma visão*”, “*eu sou parte de uma igreja inteira*”, “*eu estou inserido numa Igreja*”. Percebemos que não é um discurso incidental, e sim uma experiência eclesiológica que vai crescendo e da qual se percebem integrantes e co-responsáveis. É uma tomada de consciência da própria identidade cristã como uma identidade comunitária. Mais. Compreendem que as histórias pessoais são também salvíficas, participantes do Plano amoroso de Deus, da História da Salvação de toda a humanidade.

A consciência eclesial é construída pela experiência de participação, de experimentarem concretamente os laços com uma grande tradição, à qual se deve valorização e o respeito de sua caminhada na história da humanidade. Esta é mais uma razão pela qual a prática da liturgia diária é fundamental, pois através das leituras bíblicas o grupo estabelece o vínculo entre o Povo de Deus e o povo de

⁶⁸⁶ O Novo Testamento não faz distinção terminológica da Igreja como comunidade local ou como totalidade universal. O vocábulo *ekklesia* – assembléia, congregação, reunião -, indica que os membros da comunidade cristã são irmãos na fé, pessoas livres e iguais que se querem de verdade, com obras e não com meras palavras. Mas, sobretudo, o termo indica que essa reunião ocorre a partir de um chamado exterior a ela mesma, ela é uma assembléia convocada. (At 11, 22; 13,1; 1Cor 14,19.35; Rm 16,5; Ef 5,32) Cf. FLORISTÁN SAMANES, C. *Teología practica*, op. cit., p. 624; SPERA, J. C. e RUSSO, R. A Assembléia Celebrante. In: CELAM, *Manual de Liturgia*, vol. II, A Celebração do Mistério Pascal. São Paulo: Paulus, 2005, p. 111.

hoje, a história do povo da Bíblia e a sua própria história. A participação nos grandes eventos da Igreja não se torna apenas ocasião de encontro, de emoção extática, mas configura mais um passo na experiência cristã dos participantes do Catecumenato.

Na mistagogia de Cirilo de Jerusalém identificamos ensinamentos que se fazem presentes na experiência deste grupo de Catecumenato com Adultos: a experiência de fé vivida em unidade, em comunhão e correção fraterna; a percepção de que se crê em Igreja; o sentimento de estar inserido na grande família eclesial; a consciência da dimensão universal do mistério Pascal; a História da Salvação como passado, presente e futuro.

3.2.2.8

O espaço mistagógico

Não podemos deixar de registrar que este grupo está inserido em uma *Casa de Oração*, o que é um fator determinante em toda esta experiência. Apesar de ter dado seus primeiros passos no Pré-Catecumenato, na igreja do bairro, ele vivencia o processo catecumenal e os sacramentos da iniciação nesta comunidade, na qual muitos detalhes concorrem para que seja uma experiência realmente mistagógica. Na *Casa de Oração Batismo do Senhor* o grupo de Catecumenato tem a oportunidade de se confrontar com uma prática paradigmática em termos de oração, experiência e formação litúrgica: o espaço físico da capela, o espaço externo de contato direto com a natureza, o ambiente de oração, as práticas orantes da comunidade, a espiritualidade monástica, a presença dos religiosos, a comunidade eclesial que se reúne em torno dessa experiência⁶⁸⁷.

O sentido do espaço mistagógico consiste em não estar reduzido à materialidade dos ritos e sim aos sentidos simbólicos, ou seja, o espaço externo convoca à experiência interior, a serviço da espiritualidade. O templo onde habita a plenitude da divindade é Jesus Cristo. Ele é o verdadeiro lugar de encontro com Deus. Sendo assim, o espaço será mistagógico na medida em que se voltar a esta

⁶⁸⁷ Nesta abordagem nos limitaremos ao espaço físico da capela da *Casa de Oração*, não nos alongaremos na descrição dos demais espaços da Casa, que também concorrem para o ambiente de silêncio e oração, próprio dos mosteiros.

centralidade radical, na pessoa de Jesus Cristo, no Mistério pascal. Nele se baseia toda a mistagogia do espaço litúrgico⁶⁸⁸.

O espaço físico da capela da Casa de Oração é um espaço mistagógico. Sua organização é direcionada para conduzir a assembléia para dentro do mistério: a distribuição dos bancos, do ambão, do altar, dos objetos litúrgicos, corroboram para conduzir à celebração ativa, consciente e plena do Mistério. Os participantes, Afonso e Valéria, descrevem o quanto este espaço físico se tornou para eles uma referência e os ajudou a se perceberem participantes do mistério de Deus.

O que acontece... até a distribuição dos bancos na igreja em volta do ambão, o altar... já faz você refletir, sabe? Porque aí deixa centrado o altar, o ambão, né? Faz o conjunto, e você percebe que você tá ali participando, sabe? Enquanto a distribuição nas grandes igrejas, paróquias é diferente, você é quase que assistente, lembra um posicionamento de um cinema. Ali não, eu sou incluído, sou parceiro, somos a assembléia. E isso forma vínculo, vinculação. E catecumenato é liturgia, porque até a arrumação da capela faz a gente se sentir dentro.

E ainda tem aquela coisa de silêncio, é uma casa de oração, hoje todo mundo sabe, né? Mas as pessoas ficavam... assim - talvez pelo excesso de felicidade - descobrindo que ali a gente se sentia tão perto de Jesus que tudo o mais se tornava pequeno. (Afonso)

Estar ali, no mosteiro, é muito bom, o silêncio é muito bom... Quando você está em oração não vê aquela conversa... Todo mundo concentrado. Não tem aquela conversa como na paróquia existe. Ali as pessoas já sabem que é uma casa de oração. (Valéria)

O grupo se surpreende diante da estrutura física e da liturgia da Casa de Oração, pois não é algo que já haviam experimentado antes; é muito diferente da estrutura das paróquias locais, onde, a seu ver, a estrutura física não favorece a participação.

Um dos elementos da espiritualidade vivida no cotidiano da *Casa de Oração*, do qual os integrantes do Catecumenato participavam, é a oração do Ofício Divino⁶⁸⁹. Não é um elemento próprio da formação catecumenal, e sim da

⁶⁸⁸ O papa Bento XVI, em sua Exortação Apostólica *Sacramentum Caritatis*, solicita especial atenção a esta dimensão litúrgica: “A este respeito, tenha-se presente que a finalidade da arquitetura sacra é oferecer à Igreja que celebra os mistérios de fé, especialmente a Eucaristia, o espaço mais idôneo para uma condigna realização da sua ação litúrgica; de fato, a natureza do templo cristão define-se precisamente pela ação litúrgica, a qual implica a reunião dos fiéis, que são as pedras vivas do templo”. BENTO XVI, Exortação Apostólica Pós-Sinodal. *Sacramentum Caritatis*. Sobre a Eucaristia, Fonte e Ápice da Vida e da Missão da Igreja, n. 41, Roma: Libreria Editrice Vaticana, 2007. Disponível em: <www.vaticano.va> Acesso em: 22 de março de 2008.

⁶⁸⁹ Na Casa de Oração, a comunidade reza diariamente o Ofício Divino das Comunidades. Ver nota 588 neste capítulo.

dinâmica desta comunidade. Sendo assim, nem sempre os integrantes do Catecumenato participavam desta prática orante, já que não estava contemplada no momento dos encontros. Apenas alguns, aceitando o convite da comunidade da *Casa de Oração*, aproveitavam o ensejo para viverem esta experiência.

Em sua avaliação do processo vivido, sugerem a oração do Ofício como uma prática que deveria fazer parte da ICA.

Eu acho que podíamos rezar o Ofício às vezes, acho que ajudaria...porque no ofício tem a meditação da Palavra, tem os Salmos, tudo que leva a interiorizar mais ainda a palavra de Deus, e não só a palavra de Deus, a vivência entre nós. (Ana Maria)

O ofício é uma prática que eu não conhecia. A paz, a serenidade, a entrega.... Aí eu descobri, realmente uma igreja orante. (Afonso)

No discurso de Afonso, percebemos que ele considera a prática do Ofício como parte de sua identidade cristã e de sua compreensão de Igreja. Ele possibilita que a comunidade, dentro de seu contexto, se situe na grande tradição litúrgica da Liturgia das Horas. Os elementos do Ofício são caminho mistagógico do qual este grupo de Catecumenato participa e recebe o influxo: o caráter comunitário das orações, a santificação do tempo, a relação com o mistério salvífico, a unidade entre o Antigo e o Novo Testamento, a santificação do ser humano, a unidade com a Igreja celeste, as orações realizadas em nome de Jesus Cristo.

Na mistagogia de Cirilo, estes mesmos elementos estão presentes nas Catequeses, apesar de não podermos aliar esta prática orante às suas Catequeses, pois não temos notícia de que o próprio Cirilo vivencia a Liturgia das Horas. Contudo, esta é uma possibilidade, já que após a paz constantiniana, a liturgia se organiza nas igrejas locais, em torno do bispo e de seu clero, com as orações comunitárias da manhã e da noite⁶⁹⁰.

A *Casa de Oração* é orientada por um padre-monge, porém, ele não aparece como uma referência frequente na fala dos participantes. Em seus discursos eles manifestam que percebem que há um planejamento do Catecumenato, e que seu catequista recebe orientações do padre, no entanto, sua

⁶⁹⁰ A Peregrinação de Eteria a Jerusalém nos informa desta prática, referindo-se ao ofício litúrgico com salmos, orações dos fiéis, cantos e hinos. Ela provavelmente estava em Jerusalém no ano de 384, quando Cirilo ainda era bispo, entretanto nunca menciona seu nome. Cf. PEREGRINAÇÃO de Eteria. *Liturgia e catequese em Jerusalém no século IV*. Petrópolis: Vozes, 1971, p. 24; DRIJVERS, J.W. *Cyril of Jerusalem. Bishop and City*. Boston: Brill, 2004, p. 67; LODI, E. *Liturgia della Chiesa*. Bologna: EDB, 1981, pp. 1307-1308.

presença nos encontros foi pontual, em momentos-chave dos retiros, algum esclarecimento com relação à leitura orante ou aos ritos do Catecumenato.

Para Paulo, a forma como o padre se relaciona com a comunidade também demarca uma forma de relação que auxilia no caminho do Catecumenato.

Pra mim tem um ponto fortíssimo, que é a aproximação do padre com a comunidade né? A gente fica muito próximo dele... então, a gente sente aquela devoção dele, o dar dele... Uma pessoa super atenciosa... Com cada um que vai procurar ele... ele sempre tá à disposição... E isso ajuda a gente a frequentar, ainda mais vezes. (Paulo)

Uma outra catecúmena acredita que o padre da comunidade colabora na organização do Catecumenato e, ao mesmo tempo, procura manter certa distância que, a seu ver, visa que as pessoas tenham respeito por ele.

Eu acho que o padre ajudou a gente, porque a gente sabe que o seu Augusto conversava tudinho com ele, né? Bom, mas ele não vinha sempre, ele fica lá, sem muita intimidade, sabe? Ele tem um jeito todo dele, na missa, e tudo isso faz parte, né? Às vezes, ele veio e deu algumas palestras... duas, três vezes...ele ajudou muito, apesar que ele é sério, mas depois que eu passei a conhecer ele, eu achei completamente diferente, eu entendi que ele não vem assim com muita intimidade, é o jeito dele, talvez pras pessoas não misturarem com desrespeito...(risos) não sei. (Valéria)

A reflexão de Afonso assume outra direção, ele valoriza os momentos nos quais o padre esteve acompanhando o grupo como referências, momentos marcantes, daquele que é o padre da comunidade. Ele fala isso com satisfação e considera que esta presença se deu em momentos precisos, de orientação e, por isso mesmo, tornou-a especial e sem cair na rotina.

Eu penso assim... se o padre está o tempo todo conosco ele causa um impacto de início... Afinal de contas, você tá lidando com um grupo que está buscando a vida religiosa, e chega um sacerdote... você fica satisfeito. Mas eu acho que foi bom assim, sabe? Só em algumas reuniões, deu mais liberdade. O grupo vai, caminha e, ao mesmo tempo, a presença dele, quando acontece - vamos dizer assim - deixa todos satisfeitos, mas se fosse só com ele, viraria rotina...Assim, como foi, era um presente quando ele v inha...e nós ficamos muito orgulhosos por isso, pela atenção.(Afonso)

Enfim, o fato deste grupo se reunir na *Casa de Oração Batismo do Senhor* é delimitador da mistagogia experimentada neste processo catecumenal. Os participantes deste Catecumenato se encontram em um espaço mistagógico, tanto no que se refere à estrutura física, como com relação à oração e à liturgia que ali

se vivenciam. A prática teológico-pastoral de Cirilo é demarcada por um lugar teológico: a cidade de Jerusalém, com suas primeiras comunidades cristãs. Para este pequeno grupo, a *Casa de Oração* é lugar teológico, é terreno fecundo para a experiência do Mistério de Deus, voltado para esta dinâmica de acolhida e resposta cotidiana à Graça de Deus na história.

3.3

Avaliando a experiência do Catecumenato com Adultos na Casa de Oração Batismo do Senhor

Para avaliar esta experiência catecumenal com adultos traremos as observações de alguns participantes do grupo, mas principalmente a visão do catequista e a visão do padre da Casa de Oração, o Pe. Domingos Ormonde. No caso do padre, sua avaliação tem um outro peso, devido à sua formação teológica, a especialização em Liturgia, e como fundador e orientador espiritual da Casa de Oração Batismo do Senhor. Além disto, o Pe. Domingos acompanhou e orientou esta experiência de Catecumenato com Adultos, sendo, portanto, conhecedor de todas as etapas do processo.

A entrevista com o Pe. Domingos Ormonde transcorreu como uma conversa informal, na qual tivemos em mãos um roteiro semi-estruturado, o que possibilitou aos dois sujeitos em diálogo - a pesquisadora e o padre -, a reflexão sobre etapas e questões específicas do processo catecumenal, acrescentadas ao roteiro inicial. Esta entrevista se deu apenas ao final do processo catecumenal, o que favoreceu uma avaliação mais ampla da experiência, assim como a construção de perspectivas para esta e outras experiências na Iniciação Cristã de Adultos.

Unindo nossa observação e análise do processo às contribuições dos participantes, encontramos algumas etapas que se destacaram nas avaliações: a seleção de conteúdos, os elementos fundamentais no Catecumenato com Adultos, os limites que foram encontrados por parte da avaliação do grupo, do padre, do catequista e por parte da pesquisadora.

Vejamos passo a passo a visão do processo de ICA experimentado ao longo de dois anos de caminho catecumenal sob a interpretação dos participantes.

3.3.1

Seleção de conteúdos e elementos fundamentais

Muitos catequistas questionam qual a melhor forma de conciliar o caminho catecumenal proposto pelo RICA com os conteúdos que devem ser trabalhados ao longo deste processo. Enfim, é possível uma experiência que contemple as dimensões pessoais e comunitárias do Catecumenato com Adultos e uma formação básica no núcleo da fé cristã? Quais seriam os conteúdos imprescindíveis a serem trabalhados no Catecumenato com Adultos? É possível conciliar experiência subjetiva e comunitária, espiritualidade e formação cristã? Haveria um método que auxilie nesta trajetória?

Para o catequista desta comunidade, não é possível falar em planejamento do Catecumenato sem trazer a referência do orientador pastoral do processo, o padre da *Casa de Oração*. O Pe. Domingos Ormonde é conhecedor do RICA e estudioso do processo da Iniciação Cristã. Neste processo catecumenal, ele auxiliava no discernimento, no planejamento, na escolha dos temas dos encontros, nos rituais litúrgicos.

O catequista descreve abaixo o início do processo de planejamento e a preocupação do padre da Casa com a nova experiência catecumenal com Adultos.

Quando eu vim pra cá com o grupo dos quatorze correu tudo bem. Embora o padre tenha achado que a gente precisava de um roteiro melhor. (...) Porque ele vinha sempre buscando, vendo a minha dificuldade de fornecer algum subsídio. Mas ele, à medida que vai pesquisando o ritual, também vai percebendo as dificuldades com mais clareza... Aí vai buscando novas maneiras... (Sr. Augusto)

O próprio padre, contudo, percebe limites em sua atuação neste planejamento. Apesar de seu conhecimento prévio quanto às orientações do RICA para o Catecumenato, ele respeita a identidade do catequista, suas intuições e metodologia. Para Pe. Domingos, esse catequista possui o elemento mais importante neste caminho, ele é um mistagogo, e é esta característica essencial que ele decide priorizar em suas orientações para a ICA nesta comunidade.

O Augusto já era o catequista do grupo na formação primeira, na Vila São Luis. Lá era uma catequese de adultos, que incluía alguns rituais litúrgicos do RICA, como os escrutínios e as bênçãos. Quando vieram para nossa comunidade, a meu convite, eu procurei não interferir no jeito que ele trabalhava com o grupo. Não orientei, por exemplo, conteúdos doutrinários... Achei melhor lidar com o que ele trazia, com o que ele possuía. Ele tinha uma boa formação teológica, simples, com uma base católica tradicional, da formação na infância, e de alguma

atualização que já havíamos feito na Diocese. Ele é mais que um catequista, e o mais importante ele possuía, é atento ao Espírito. Assim, o melhor seria transmitido, entende? ... deixá-lo caminhar, com sua sensibilidade pastoral e procurei orientá-lo em alguns momentos. O Augusto o é um mistagogo, sem formação teórica, mas tem o mais importante... ele segue a orientação do Espírito, e esta escuta leva ao sensus fidei. (Pe. Domingos)

Sr. Augusto usava da própria sensibilidade pastoral para encontrar os melhores caminhos para seu trabalho. Para ele, era o início de tudo, não havia material pronto ou experiências a serem trocadas. Ele planejava juntamente com o padre e, ao mesmo tempo, por seus próprios recursos, estudava, pesquisava, selecionava metodologia e conteúdos.

Olha só, lá no início, a gente tinha só dificuldade para abrir essa picada na mata, abrir esse caminho. Então a gente começou usando os nossos próprios recursos, tá? Então, uma vez, quando não tinha uma clareza, eu peguei os meus pelo lado mais fácil pra mim, mais prático pra mim, que eu gostava muito de ler a Bíblia, gostava muito de ter esse contato com a Bíblia. E eu tinha já uma visão razoável do tempo litúrgico.

Confesso que, na verdade, é provável que eu tenha sido muito fraco na parte da doutrina porque não é a minha praia... Então, na doutrina eu sou bem fraquinho mesmo, quer dizer, não que eu seja forte no tempo litúrgico, mas é que eu era bastante interessado, interessado e curioso com relação ao caminho que a igreja faz através dos tempos litúrgicos. Isso é a diferença que causou: acompanhando como é que a igreja caminha. E eu perguntava: vocês perceberam alguma relação entre uma leitura e outra? Acha que houve alguma mudança de itinerário? E eu percebi que vindo de lá pra cá, no caminho do ano litúrgico, a gente tinha uma amarração... (Sr. Augusto)

O caminho escolhido foi fazer a trajetória do ano litúrgico, articulando os textos bíblicos de cada semana, o caminho eclesial, a liturgia e a vida. Ele faz um caminho mistagógico e, a cada elemento que ele une ao processo, este caminho se torna mais próximo daquele da Igreja dos primeiros séculos.

Ele compreendia que o ano litúrgico não se resumia às leituras bíblicas, e esta escolha ficou ainda mais assentada depois da frequência aqui e do curso de Liturgia que ele fez. Eu optei por não sugerir um livro-texto e também não orientei conteúdos doutrinários. (Pe. Domingos)

Nas duas falas está presente que o conteúdo selecionado para a formação catecumenato não seguiu exatamente um programa doutrinário. O catequista priorizou a caminhada bíblica do ano litúrgico, o vínculo entre o Antigo e o Novo Testamento, o seguimento de Jesus. No entanto, os participantes mencionam conteúdos doutrinários ao longo da caminhada, como é o caso de Nanci.

Uma coisa que me marcou foram os mandamentos, né? Tudinho... Tudo explicadinho. Seu Augusto é uma pessoa muito abençoada, muito importante, mesmo... Eu entendi pela primeira vez tudinho, que não era só uma lista pra decorar e fazer, que era um conselho de Deus... e tava tudo lá na Bíblia, pro nosso bem, pra gente ficar bem no caminho, e não pra ter medo, de ser castigado... Olha, eu falo mesmo: Eu tive um catequista! Aquele, sim! Catequista pra ensinar mesmo. (Nanci)

Em uma das reuniões, propusemos uma avaliação quanto aos temas trabalhados no Catecumenato até aquele momento. Fizemos uma relação dos temas que consideraram que já haviam experimentado e aprendido, e aqueles que ainda julgavam necessários para complementar o caminho. Vale ressaltar que, neste momento, não houve qualquer interferência dos assessores e do catequista para delimitarem os temas ou os elementos relevantes que serão apresentados logo a seguir.

Com relação ao calendário litúrgico, estávamos no final do Tempo Comum; duas semanas antes do início do Advento, ainda tendo, portanto, o período até a Páscoa seguinte para a continuidade do caminho catecumenal⁶⁹¹.

<i>Temas elencados como fundamentais e já trabalhados:</i>	<i>Temas elencados como fundamentais a trabalhar:</i>
1. <i>Conhecer a Bíblia – a Palavra</i>	1. <i>Celebração Eucarística</i>
2. <i>Ano Litúrgico</i>	2. <i>Liturgia</i>
3. <i>Igreja diocesana – participação</i>	3. <i>Oração – novas formas</i>
4. <i>Convivência familiar</i>	4. <i>Prática da Leitura orante</i>
5. <i>Gesto concreto – os sofredores</i>	5. <i>O Pai Nosso</i>
6. <i>Testemunho pessoal</i>	6. <i>Credo</i>
7. <i>Oração diária</i>	7. <i>Os Sacramentos</i>
8. <i>Igreja – história e missão</i>	8. <i>Visão das outras religiões</i>
9. <i>Mandamentos da Igreja</i>	9. <i>Maria</i>
10. <i>Mandamentos da Lei de Deus</i>	
11. <i>Santíssima Trindade</i>	
12. <i>As parábolas</i>	
13. <i>Consciência crítica</i>	

Observamos que o grupo foi capaz de identificar muitos temas que estão presentes nos manuais como importantes para a formação cristã, como por exemplo, a Bíblia, a Igreja, os Mandamentos, a Trindade. E, além disso, apontou como trabalhados, outros temas que muitas vezes não são priorizados pelos manuais de catequese. Contudo, os temas elencados indicam o caminho

⁶⁹¹ Ver Anexo 2.

mistagógico trilhado pelo grupo, como: o ano litúrgico, a sensibilidade aos sofredores, o testemunho pessoal, a oração.

Também é interessante notar que, quanto aos temas que o grupo sentiu necessidade de serem trabalhados e aprofundados, foram evidenciadas questões nucleares na formação cristã, como, para exemplificar, o Credo e os Sacramentos. E ainda outros temas que brotaram devido à originalidade da experiência vivida na Casa de Oração, como, a prática da Leitura Orante, novas formas de oração, a Liturgia.

Após este momento, o grupo foi convidado a um olhar mais amplo para o processo de Catecumenato com Adultos e, a partir da experiência vivida, identificar quais seriam os pontos fundamentais para uma ICA. Após muitas considerações entre os participantes, chegaram aos quatro pontos abaixo:

1. *Uma Catequese viva – unindo a fé e a vida na comunidade*
2. *Relação de proximidade e convivência – pessoal e familiar*
3. *A noção de caminho – um processo, no qual se fazem novas escolhas e também renúncias.*
4. *A formação da Comunidade – respeitando as individualidades e estabelecendo os vínculos, como uma família.*

É muito interessante que o fato de não possuírem um livro-texto ou um roteiro de conteúdos pré-estabelecido não tenha significado prejuízo ao amadurecimento e à formação cristã dos participantes do Catecumenato. Por outro lado, isso não significa que o Catecumenato não tivesse um planejamento, com temas centrais, um caminho a ser percorrido e metas a serem atingidas. A capacidade que o grupo expressou de identificar os elementos fundamentais quanto aos conteúdos e ao estabelecimento das prioridades no caminho de ICA demonstra a seriedade do processo e o seguimento das orientações do Magistério.

Como observadora recente do processo, considerei essa reunião excelente, já que apesar do grupo não ter uma formação teológica e nem o catequista coordenador, conseguiram ressaltar os aspectos fundamentais na formação cristã, sem relutar, enfatizando inclusive a centralidade da leitura bíblica, oração, vida comunitária, testemunho, conversão, compreensão da fé católica e ecumenismo. (Anotações de campo-13.11.2004)

Guardando o distanciamento histórico e paradigmático entre o século IV e nosso tempo, ou seja, quando os Padres iniciam o caminho da Iniciação Cristã, e o momento atual, pleno de orientações da Tradição e do Magistério, os quatro elementos apontados pelo grupo como importantes para um caminho catecumenal com Adultos estão presentes nas categorias mistagógicas extraídas das Catequeses de Cirilo de Jerusalém. Também em Cirilo aparece a importância da integração entre a fé e a vida, a percepção do seguimento de Jesus como um caminho de conversão existencial, a pertença e participação na comunidade eclesial.

Após o momento de revisão na pequena comunidade, o Pe. Domingos Ormonde foi convidado a elencar os elementos fundamentais para o Catecumenato com Adultos percebidos nesta experiência catecumenal. Ele salientou dez elementos como constantes desta experiência:

1. *A experiência de comunidade eclesial – marcada pelo companheirismo, amizade, em sintonia com a comunidade eclesial maior, com a vida da Igreja paroquial e diocesana.*
2. *Um catecumenato orante e litúrgico – em chave de leitura vivencial, seguindo o método alegórico (como nos Padres da Igreja)*
3. *A paternidade espiritual – o catequista como mistagogo, orientador, pai, intercessor, modelo de discipulado.*
4. *A dimensão cristocêntrica e pneumatológica – centralidade da pessoa e do seguimento de Jesus e a presença atuante do Espírito na vida, não como um tema complementar ou como um dogma.*
5. *A dimensão da conversão – o catequista é testemunha desta dimensão, todos são chamados à conversão contínua. Esta passa pela aceitação da pessoa como ela é.*
6. *Uma catequese não de ensinamentos e sim de abertura à dinâmica da Graça – encontros nos quais se revê a vida cotidiana e se experimenta a ação da graça de Deus. O catequista é mediador, intérprete e mistagogo.*
7. *A proximidade cultural entre o catequista e os participantes do Catecumenato – mesma cosmovisão, universo cultural, visão simbólica da vida.*
8. *A experiência de solidariedade – sensibilidade entre os participantes do Catecumenato, familiares, sofredores, amor aos pobres, à América Latina.*
9. *A espiritualidade monástica – assimilaram o modo de rezar monástico.*
10. *A centralidade na Palavra de Deus – reúne os elementos fundamentais para o caminho mistagógico, tanto individual como comunitária, tanto na fase de iniciação como de ensinamentos catequéticos.*

Como já consideramos anteriormente, temos aqui dois momentos de avaliação do processo. O primeiro, com o grupo de participantes do Catecumenato, os introdutores, os assessores e o catequista presentes. O segundo, entre dois teólogos - a pesquisadora e o padre da *Casa de Oração* -, no qual o padre elenca elementos percebidos nesta experiência catecumenal que nos conduzem a aspectos já levantados anteriormente em nossas fontes de consulta e elaboração. Seja com relação às *Catequeses Mistagógicas* de Cirilo de Jerusalém, às orientações do Magistério eclesial, como também às reflexões dos teólogos e pastoralistas dedicados ao tema da ICA, encontramos nos dois depoimentos, constantes da experiência catecumenal.

Esses elementos levantados na pesquisa de campo estabelecem vínculos aproximativos entre as fontes e o surgimento de novos métodos, em diálogo com as comunidades e com o mundo contemporâneo. É sabedoria fontal, discernimento e escuta aos novos tempos, sinais de uma Igreja que caminha sob o impulso do Espírito, mistagogo de todos os tempos.

3.3.2

Limites diagnosticados pelos participantes do processo catecumenal

Depois de apresentarmos o diagnóstico dos elementos presentes nesta experiência catecumenal, vejamos os limites apontados pelo grupo de participantes e pelo padre da comunidade. Nos relatos anteriores já foram apontados alguns limites, como, por exemplo, a construção da identidade dos introdutores e seu acompanhamento efetivo aos participantes do Catecumenato.

Outros limites foram indicados durante as entrevistas e reflexões com o grupo de participantes do Catecumenato, com o catequista e com o padre-monge, Pe. Domingos Ormonde, entre os quais selecionamos quatro mais relevantes para nossa análise:

1. O conceito de Iniciação Cristã com Adultos que está presente nas comunidades, como formação sacramental ou formação permanente;
2. A delimitação de um tempo fixo de formação ou a abertura para o processo pessoal;

3. A realidade do mundo adulto com suas escolhas profissionais e afetivas;
4. Ausência de subsídios voltados para o Catecumenato em Adultos e a presença de lacunas doutrinárias na formação do catequista.

Apresentamos, a seguir, as práticas discursivas dos entrevistados com relação a estes elementos diagnosticados em sua caminhada de Catecumenato.

Com relação ao conceito de ICA, segundo os depoimentos dos participantes do Catecumenato e do catequista, o caminho catecumenal vem sendo assumido, na maioria das comunidades, como um caminho direcionado aos Sacramentos de Iniciação. A compreensão de uma formação permanente dos adultos ainda depende de uma reformulação de conceitos-chave como: os sacramentos, a pertença eclesial, a identidade cristã pessoal e comunitária. Segundo Sr. Augusto, seria importante dar continuidade ao caminho, dentro uma nova proposta de formação.

Eu acho que há um caminho, e esse caminho tem um longo percurso... é necessário que haja encontros periódicos, sempre acendendo aquela chama lá do início. É o caminho da busca, da busca desse grande encontro com Jesus ... Você conhece Jesus, você tem intimidade com Jesus, mas você vai ao encontro d'Ele... Embora já tenha passado pelo sacramento, toda vez que você participa da eucaristia, você está fazendo um encontro pessoal com ele. E que esse caminho, ele tem uma profundidade sempre. (Sr. Augusto)

Para o catequista, o Catecumenato com Adultos tem uma abrangência maior do que a catequese sacramental. Ele considera a inserção eclesial, a compreensão da liturgia e a integração com a vida prática como fatores a serem reunidos no processo, que exigem formação, tempo, continuidade, comunidade viva.

Hoje eu vejo que o catecumenato tem uma abrangência muito maior, não só pela necessidade de se ter uma Igreja mais compreendida dentro da sua liturgia, mas... e há sempre uma resistência. Porque é muito fácil você ser um catequista de catequese comum...é você ter um programa todo definido na mão e chegar lá e passar. Agora, é mais complicado ter um programa e ter que vivenciar isso com eles. (Sr. Augusto)

Em decorrência dessa compreensão, uma outra dificuldade é percebida pelo catequista e também presente na fala de alguns participantes: o fato de que o processo catecumenal exige tempo de dedicação. Para muitos, o período de dois

anos de caminhada é um período muito longo, uma escolha radical que afetará a vida da pessoa, da família.

Outra dificuldade é com relação ao tempo, né? No início a gente percebe que algumas pessoas acham que o catecumenato é uma coisa assim que pode ser resumido em tempo mais curto. Tem igreja que é assim: duas semanas, dois meses, três meses. É, mas na verdade, não há uma formação. Há uma quebra de picada aqui e tal... Botou ele na trilha, mas ele vai com as próprias forças, vai ter que desbravar o medo, não o grupo fazendo um caminho. Uma picada na mata com uma foice é uma coisa, mas se você tem do teu lado cada um com uma foice, esse caminho vai ser mais bem feitinho, né?

E eles acham muito tempo. Eu acho que, às vezes, pra uns é pouco tempo e, às vezes, pra outros é o suficiente. Mas suficiente mesmo não é. (Sr. Augusto)

Sr. Augusto compreende que o tempo não pode ser muito curto, que se deve fazer o caminho em comunidade. E vai além. Ele acredita que é um caminho permanente e, portanto, não tem uma data limite, é uma caminhada em direção ao encontro com Jesus.

O profundo vínculo de amizade e solidariedade característico construído nesse pequeno grupo o faz desejar a continuidade do processo catecumenal. Manifestam o desejo de permanecer juntos, firmar a comunidade, e trilhar novos caminhos, de acordo com uma etapa seguinte à formação sacramental.

Aqui, muita gente acha que terminou, mas eu acho que não terminou. O pós sacramento, eu acho que as pessoas vão sentir falta. Eu penso assim... no início as pessoas ficam meio reticentes, mas depois que começar, que criar uma tradição, um ritmo, eles passariam a vir... mesmo que não fosse todo domingo, senão tumultua um pouco a vida, seria pedir demais... Eu acho que um estudo, um aprofundamento, o pessoal vai gostar porque muita gente às vezes sente falta. (Ana Maria)

Eu acho que deveria continuar esse caminho, tipo uma perseverança. Eu acho legal, a gente sente falta desses encontros, porque a gente vem aqui por família mesmo, sabe? A gente tá sempre toda semana assim, juntos... vai na casa do outro, vai...Então a gente acaba incorporando, né? (Maria)

Para a maioria dos participantes, o processo catecumenal deveria ganhar uma continuidade pós-sacramento, para aqueles que foram em busca dos sacramentos, e um novo ritmo de reflexão e oração que incluísse os demais.

Eu penso que a pessoa pode até procurar o catecumenato para o sacramento, mas no fundo não é só pra isso. O alvo de dentro, da pessoa, assim... não é só estudar, não é só a bíblia, é ela mesma, ela com Deus, entende? E isso não acaba né? O padre falou assim, não sei se você reparou: 'Todo mundo devia fazer o

*catecumenato, mesmo quem já tem os sacramentos pra poder se atualizar'. Eu acho importante novas descobertas.
O catecumenato é como o básico, um início... agora seria pra aumentar mais a nossa fé, a gente fortalecer mais a fé, não é? (Nanci)*

O próprio processo implementado pelo RICA e as atividades acrescentadas pelo catequista concorrem para que o grupo perceba que o caminho não poderia ser interrompido, ao contrário, deveria prever uma continuidade. Para muitos, é uma ruptura incoerente com o próprio processo vivido.

Mas são tantas coisas que se pode fazer dentro do catecumenato... O catecumenato termina e as pessoas se sentem órfãs... quando começa fala-se em dois anos... MUITO TEMPO! Todo mundo fala que é muito tempo... Quando tava chegando perto de acabar... : Ai meu Deus do céu!... vamos sentir falta disso aqui, agora... e todo mundo já tava arrependido de um dia ter falado que dois anos era muito.(Afonso)

Rosa sugere que haja uma retomada, com uma perspectiva de renovação ou aprofundamento periódico, de tempos em tempos, não apenas para aqueles que receberam os sacramentos de iniciação, mas para todos da comunidade.

Eu acho que todo mundo aqui, até mesmo pra gente que fez dois anos, devia ter, tipo um check-up...Uma renovação, um reencontro, um tempo pra fazer de novo, de vez em quando...de ano em ano, de dois em dois anos... não sei direito...Todo mundo gostaria de se encontrar, pelo menos uma vez por mês pra rezar, ler a bíblia, mas também pra aprofundar uns temas da igrejae manter a chama acesa.(Rosa)

Também Pe. Domingos acrescenta uma reflexão na qual considera o processo de Iniciação Cristã como um caminho que poderia conduzir a uma outra etapa, que ele denomina como 'missionária'.

Neste grupo tivemos uma experiência muito peculiar. Eles saíram para ir ao encontro dos sofredores, e viveram ali uma experiência que me pareceu muito marcante em sua formação. Depois de todo o processo, penso que um dos caminhos que deveríamos pensar no sentido da continuidade do seguimento de Jesus, seria não apenas o cultivo dos momentos diante da Palavra e a Liturgia, claro, mas um direcionamento para a missão, poderíamos estar formando missionários. (Pe. Domingos Ormonde)

O terceiro limite apontado pelo catequista é o fato de estar trabalhando com um grupo de adultos, com identidades configuradas e com escolhas já

realizadas em suas vidas, no campo profissional e no campo afetivo⁶⁹². São dificuldades próprias da realidade do mundo adulto. Ele manifesta ter consciência das mesmas e estar em busca de como trabalhá-las.

Uma das dificuldades que encontrei eu chamo de amor paralelo, né? É, maridos, namorados, mas também outros interesses que já estavam lá na vida da pessoa... Normalmente o início de uma relação causa uma certa estranheza, porque o caminho é caminho que é feito pelo catecúmeno parece que incomoda. Não só pelo tempo, mas a pessoa muda e nem sempre, às vezes, nós estamos preparados para a transformação do outro que vive conosco... Por exemplo: “Poxa, a gente tinha esse hábito ou aquele hábito a agora não temos mais disponibilidade para isso, não temos mais tempo para isso ou, ou você não sente mais vontade”. Essa última menina falou assim: “Eu não fui sabe por quê? Olha, eu gosto de dançar, gosto de tomar uma cervejinha”. Eu digo: “Continue dançando, continue tomando a cervejinha, mas venha fazer o catecumenato” (risos), Porque se ela tiver que deixar tudo isso, vai ser ao longo do caminho vai ser uma escolha pessoal dela. (Sr. Augusto)

A vida adulta já é permeada de muitas escolhas e muitas situações e valores arraigados, solidificados. No processo catecumenal é importante, para o catequista, que estas escolhas sejam verbalizadas, que não se tornem obstáculos para a presença do candidato, mas que sejam elaboradas ao longo do caminho, a partir do discernimento pessoal. A mudança de hábitos, de visão de vida, de escolhas cotidianas, vai afetar as relações interpessoais e podem não ser acolhidas pelos parceiros familiares, afetivos, sociais. Os participantes observaram que há pessoas que encontram obstáculos e acabam se afastando na trajetória.

A metodologia do catequista prevê essa possibilidade e, esse é um dos motivos para as visitas familiares, e para o contato mais amigo e próximo durante o período de formação. Também o introdutor teria a função de acompanhar e, sempre que possível, reconduzir o neófito ao caminho catecumenal.

Eu vi uma dificuldade da pessoa permanecer no caminho. Porque, às vezes a pessoa entra muito motivada, mas vê outra coisa: ‘ah, não é isso que eu quero e a pessoa, às vezes vai, talvez cansando. Eu vi duas desistências, pararam no meio do caminho. Eu acho que só quem tem a perder são eles. Mas eu entendo que tem as dificuldades, às vezes uma não podia vir por causa do marido, outra porque era domingo, cinco horas...

⁶⁹² H. Bourgeois apresenta algumas características próprias do mundo adulto no Catecumenato com Adultos, como: não se adequar a uma metodologia nos mesmos moldes já vivenciados na infância; a necessidade de considerar o processo decisório na vida adulta; as ‘seduções’ do mundo moderno; os hábitos já constituídos a serem repensados; a administração do tempo com as tarefas próprias desse estágio da vida; o receio de não concluir o caminho. Cf. BOURGEOIS, H. op. cit., pp. 153-154.

Mas eu acho assim, que toda dificuldade, se você quiser, pode ser superada. Dona Teresa tinha dificuldade com os filhos, parece que ficavam sozinhos... Ela vinha assim mesmo, entendeu? Trabalhava a semana toda. Sábado e domingo ela tava com a gente. Começou rateando um pouquinho, perseverou no caminho e foi... Acho que a dificuldade maior é essa... As pessoas compreenderem que há um esforço. (Maria)

Sr. Augusto cultivou um espaço de familiaridade entre os participantes do Catecumenato. Não os deixa sozinhos com os problemas que surgem durante o caminho, mas faz parceria, visitas, busca a melhor forma de apoiar o caminho iniciado e conduzi-lo à perseverança.

Desde o início da caminhada, no pré-catecumenato, o catequista já alerta para a importância de decidir e se comprometer com o caminho. Fala que Deus é que escolheu cada um e que, esse amor tão grande de Deus, só pede o esforço de responder, na medida do possível, a esse convite de honra. (Anotações de campo, 12/06/2004)

Em função desse compromisso assumido, as renúncias estavam previstas, e surgiam na vida de cada um dos participantes do Catecumenato naturalmente e, também dessa forma eram absorvidas e trabalhadas na pequena comunidade. Para alguns, a renúncia era também um sinal de testemunho.

Minhas amigas falavam: ‘Poxa, Nanci fez uma renúncia’ Sempre lembram que eu renunciei ao churrasco com samba... mas eu nem senti aquela pena, eu pensei, ainda vai ter muitas festas. Você sabe que naquele dia minhas amigas acabaram de crer que eu tava num caminho firme? Acho que meu jeito disse alguma coisas pra elas. (Nanci)

Pe. Domingos diagnostica um quarto elemento como um limite no caminho desse pequeno grupo de Catecumenato: a dificuldade de encontrar subsídios voltados para esta formação e as limitações no conteúdo doutrinal do próprio catequista.

Uma das dificuldades que experimentamos durante todo o processo foi a ausência de subsídios que trabalhem o Catecumenato com Adultos na ótica que estamos desenvolvendo, ou seja, neste eixo, que não é de catequese, mas de formação integral, onde o centro é a experiência de encontro com Jesus Cristo, e a integração entre a vida pessoal, familiar, social, e a comunidade. O que acontecia é que procurávamos recolher textos avulsos, ou mesmo escrever nesta direção, algum artigo, e depois sentávamos juntos, para tirar dúvidas e planejar. (Pe. Domingos Ormonde)

Ainda em continuidade com esta dificuldade, o padre percebe que o catequista possuía lacunas em sua formação doutrinal e dificuldade para expor alguns Mistérios da fé. Contudo, como já vimos anteriormente, o padre percebe que este possui outros valores que fazem com que seja um catequista responsável e consequente nos encaminhamentos e reflexões. Para compor esta carência, foram convidados alguns teólogos para a assessoria do grupo em momentos-chave da formação, como, por exemplo: o tema do ano litúrgico, o tema dos sacramentos, a prática da leitura orante da Bíblia, a preparação e participação nos retiros.

O Augusto é um homem de Deus, muito dedicado a este serviço, o toma para si, como missão e sentido da sua vida. Isso é muito importante, é mais do que uma atividade pastoral que ele acrescenta à sua vida. Contudo, mesmo de longe, pudemos perceber que alguns temas para ele eram muito difíceis de trabalhar, e ele muitas vezes pediu nossa ajuda. O que também foi um valor, porque durante o caminho, o grupo pode dialogar com outras pessoas, com outra formação, e isso, com certeza, foi um acréscimo nesse caminho. (Pe. Domingos Ormonde)

Os limites acima diagnosticados demonstram uma comunidade atenta, em processo de amadurecimento eclesial constante, e que procura responder, através de sua dinâmica pastoral, às linhas pastorais propostas pelos bispos latino americanos reunidos em Santo Domingo: “acentuar uma catequese querigmática e missionária”⁶⁹³. Esta catequese, afirmam os bispos, “deve ter um itinerário continuado que abarque desde a infância até a idade adulta”⁶⁹⁴. Mais adiante, os bispos interpelam as paróquias a converterem-se em “comunhão orgânica e missionária, para que seja uma rede de comunidades”⁶⁹⁵. Pedem expressamente “renovar as paróquias a partir de estruturas que permitam setorizar a pastoral, mediante pequenas comunidades eclesiais nas quais apareça a responsabilidade dos fiéis leigos”⁶⁹⁶, e que se “ratifique a validade das Comunidades Eclesiais de Base fomentando nelas o espírito missionário e solidário, e buscando sua integração com a paróquia, com a diocese e com a Igreja universal, em conformidade com os ensinamentos da *Evangelii Nuntiandi*”⁶⁹⁷.

⁶⁹³ DSD 49.

⁶⁹⁴ DSD 49.

⁶⁹⁵ DSD 58.

⁶⁹⁶ DSD 60

⁶⁹⁷ DSD 63; EN n. 58.

A seguir, consideraremos outros limites percebidos durante o período de pesquisa no Catecumenato com Adultos na comunidade da *Casa de Oração Batismo do Senhor*. Estes limites foram diagnosticados por nós, com o aparato crítico teológico e uma visão que inclui a bibliografia consultada e as orientações do Magistério no que concerne à Iniciação Cristã de Adultos.

3.2.3

Limites diagnosticados pela pesquisadora

Durante este processo de pesquisa participante atuamos não apenas como observadores, mas também na assessoria teológica e no acompanhamento do grupo de Catecumenato com Adultos. Portanto, diagnosticamos avanços e dificuldades ao longo da trajetória do grupo, como também, após a conclusão do período de pesquisa, elaboramos reflexões teológicas a partir da experiência vivida e observada. Serão apresentadas como dificuldades percebidas: a formação de orientadores num perfil mistagógico, uma revisão metodológica que supere a tensão conteúdo-método e a diversidade dos estágios de maturidade no grupo de participantes.

A primeira dificuldade que percebemos é com relação à formação do orientador do processo catecumenal, ou seja, o catequista de adultos. O papel deste catequista não se restringe a uma transmissão de conteúdos, mas abarca dimensões mais amplas, que exigem um perfil de amadurecimento pessoal, eclesial, pastoral e teológico. Além disso, segundo as orientações do RICA e das categorias mistagógicas que extraímos das *Catequeses* de Cirilo de Jerusalém, este catequista também deveria ser formado como mistagogo.

No caso do catequista deste grupo específico, da *Casa de Oração Batismo do Senhor*, o padre-monge percebe nele uma identidade mistagógica e, inclusive, prioriza esta identidade em seus acompanhamentos e avaliação. Também os participantes do Catecumenato apontaram características do catequista as quais identificamos com o perfil de um mistagogo: mediador do chamado que Deus faz a cada pessoa, testemunha pessoal do evangelho de Jesus Cristo, relacionamento pastoral e afetivo com os participantes do Catecumenato.

Sabedores da confluência de fatores relevantes para que o catequista seja esta presença formadora entre os iniciantes, como também, da originalidade que

consiste em um posicionamento mistagógico no processo catecumenal, percebemos que houve um esforço sistemático da parte do Sr. Augusto para assumir sua responsabilidade e se qualificar. Contudo, como também avaliou o Pe. Domingos Ormonde, há uma ausência de subsídios para essa formação. Os cursos de formação para os agentes de pastoral e para o Catecumenato com Adultos passam por um processo de revisão, de replanejamento e busca de compreensão das novas orientações eclesiais e pastorais⁶⁹⁸.

A compreensão de ICA como um caminho mistagógico, de amadurecimento integral e configuração da própria vida em Jesus Cristo pede uma renovação na formação dos orientadores. Acreditamos que dois elementos são fundamentais para esta formação.

O primeiro elemento seria a participação em uma comunidade que experimente a eclesiologia de comunhão, a liturgia mistagógica, a abertura e diálogo fecundo com os novos tempos, em estado de missão, em unidade com a Tradição e o Magistério.

O segundo elemento seria a formação centrada no eixo mistagógico, considerando as dimensões a serem integradas e articuladas no processo de Catecumenato com Adultos. Especificamente, uma formação teológica voltada para a compreensão da relação dialógica entre Deus-pessoa-comunidade-mundo; para a compreensão da ICA como itinerário vital, processual, que engloba a todos; a formação na oração, na leitura bíblica e na liturgia, como princípios ativos e fecundos na ICA; a capacitação para a integração entre a fé e a vida; orientações pedagógicas para o processo mistagógico.

O segundo limite diagnosticado por nós diz respeito à demanda de superar a concepção catequética ainda presente em muitas experiências de Catecumenato com Adultos, através de uma revisão metodológica.

Observamos que, mesmo com as escolhas desenvolvidas no planejamento deste processo catecumenal, quais sejam - o primado da Palavra de Deus, a trajetória do ano Litúrgico, a participação na Liturgia, a integração entre a fé e

⁶⁹⁸ Sobre este aspecto conferir a avaliação de ANTONIAZZI, A. Formação de cristãos adultos: desafios e respostas. In: CNBB. *O Itinerário da Fé na "Iniciação Cristã de Adultos"*. São Paulo: Paulus, 2001, especialmente páginas 259, 261, 262 e 270. Esta avaliação está presente desde 1994 no estudo de C. ROCCHETTA, *Como evangelizar hoy a los cristianos*, já citado anteriormente. Neste trabalho, no qual estuda e avalia o documento RICA e suas implicações na evangelização hodierna, C. Rocchetta alerta para a necessidade de uma formação de catequistas e animadores que compreendam profundamente o embasamento teológico, a liturgia e o caminho catecumenal deste itinerário de fé cristã.

vida, a identidade cristã e a participação no Povo de Deus – ainda assim surgiu uma preocupação com o conteúdo doutrinal.

Consideramos que esta preocupação manifesta uma concepção de transmissão de fé centrada no conteúdo. Neste caso, esta concepção ainda estaria presente nas práticas pastorais das comunidades locais, herança de uma catequese centrada na adesão a fórmulas e conteúdos, já em muito revisada na caminhada da Igreja⁶⁹⁹. Além desse dado, muitos orientadores pastorais se questionam quanto ao método para o Catecumenato com Adultos. E ainda, se perguntam se, ao privilegiar uma metodologia centrada na mistagogia, estariam comprometendo o conteúdo doutrinal, e vice-versa.

A Iniciação Cristã de Adultos compreendida como caminho mistagógico, como experiência de abertura progressiva ao mistério de Cristo e na vida da Igreja, supera esta tensão, pois concebe a transmissão da fé como uma relação de intercomunicação entre a dimensão objetiva a ser transmitida e a dimensão subjetiva que experimenta e dialoga com o anúncio querigmático. Para tanto, a trajetória metodológica e os conteúdos da fé cristã devem viver em diálogo constante.

Durante o momento de revisão e avaliação do processo catecumenal do grupo observamos justamente que os conteúdos doutrinários não estavam comprometidos pela dinâmica mistagógica, ao contrário, não eram apenas conteúdos aprendidos intelectualmente, mas foram absorvidos por aquele grupo de participantes como conteúdos de fé, como parte de sua identidade cristã.

Ao seguir as orientações do RICA, o padre e o catequista conduzem a formação deste grupo à pedagogia que estrutura a ICA, ou seja, uma pedagogia de síntese total, dentro da qual se deve viver cada momento, não simplesmente um depois do outro, mas numa experiência real de unidade vital e de síntese. A análise de C. Rocchetta sublinha esta observação.

Se trata de fazer catequese superando qualquer redução ou dissociação. A fé crista é vida, é experiência da vida de Cristo em nós, é experiência de ser Igreja e da graça do Espírito Santo derramada em nossos corações. Os conteúdos da doutrina de fé devem situar-se dentro desta experiência vital e devem conduzir a realizá-la em plenitude⁷⁰⁰.

⁶⁹⁹ Cf. CR, especialmente números 21, 25, 29, 94-102.

⁷⁰⁰ ROCCHETTA, C. op. cit., p. 107.

Nos depoimentos recolhidos e nos encontros dos quais participamos percebemos uma tensão constante: em muitos momentos o orientador se manifestava tranquilo diante do processo; e em outros, ele se julgava muito aquém do que a Igreja pedia dele como orientador, principalmente por não se sentir preparado teologicamente para desenvolver alguns temas da fé cristã.

Este desafio, que este catequista tomava para si, vai além de seus limites pessoais, pois exige uma revisão da concepção central de transmissão da fé e, com ela, da antropologia teológica que fundamenta a identidade da ICA.

Por outro lado, percebemos que os protagonistas deste processo que estamos analisando, estiveram atentos às prioridades apontadas pelo RICA, numa atitude de humildade e tolerância, diálogo permanente e revisão de atividades, de acompanhamento de todos nas suas diferentes situações e espiritualidade renovada.

O terceiro limite diz respeito à diversidade dos estágios de maturidade no grupo de participantes do Catecumenato. Mesmo sendo formado por adultos, todos provenientes do mesmo contexto social e cultural, o grupo não possui hegemonia no que concerne à Iniciação e formação na fé cristã, nem tampouco no que diz respeito à maturidade afetiva. Esta configuração heterogênea necessitou de uma atenção especial por parte do catequista, a fim de respeitar os processos individuais e, ao mesmo tempo, conduzir o grupo a certa unidade de comunicação e experiência de encontro com Jesus Cristo.

E. Alberich é um dos autores que apresenta modelos de experiência com o Catecumenato com Adultos a partir desta diversidade. Diante desta questão ele analisa práticas catecumenais que se organizaram em função das características específicas dos participantes e em função da demanda de formação pastoral⁷⁰¹. Contudo, ressaltamos que na realidade das comunidades locais, não é uma tarefa simples configurar grupos considerando tantos fatores individualizantes. Implicaria a existência de um número expressivo de orientadores qualificados e com itinerários metodológicos e conteúdos diversificados. A ICA em diferentes

⁷⁰¹ O autor analisa 11 variações do Catecumenato com Adultos já experimentadas: 1. como iniciação à fé; 2. como reiniciação à fé; 3. para recuperar o aspecto vital da fé; 4. individual ou grupal, com a ajuda de livros e documentos; 5. para pais por ocasião dos sacramentos dos filhos; 6. no marco litúrgico e comunitário; 7. como catequese bíblica; 8. como serviço à ação transformadora; 9. como renovação paroquial; 10. através dos meios de comunicação; 11. como formação teológica. Cf. ALBERICH, E. e BINZ, A. *Formas e modelos de catequese com adultos*. op. cit., pp. 22-23.

grupos exigiria ainda o planejamento de momentos de partilha em função da unidade do projeto pastoral.

Conclusão

Após este levantamento e diálogo com os dados recolhidos na pesquisa de campo no Catecumenato com Adultos na *Casa de Oração Batismo do Senhor*, alguns aspectos que levantamos em nossa revisão teórica foram reforçados. Além disso, surgiram novos elementos, a partir da experiência desta comunidade local.

Ao estabelecermos uma aproximação entre a prática catecumenal nesta comunidade e a mistagogia de Cirilo de Jerusalém, observamos algumas constantes no caminho de Iniciação Cristã de Adultos.

1. A interação entre a Sagrada Escritura e a Liturgia se tornou fonte e orientação segura no caminho de fé dos iniciantes;
2. O caminho da Iniciação Cristã de Adultos integra as dimensões pessoal, comunitária e social – abertura, conversão existencial, pertença eclesial e testemunho;
3. O processo de Iniciação Cristã de Adultos é antropológico e eclesiológico;
4. O catequista é mediador no diálogo entre Deus e a pessoa humana;
5. A mistagogia é um elemento constante, um eixo em torno do qual se estrutura todo o processo de Iniciação Cristã de Adultos.

Além dessas constantes observadas nos dois caminhos de Iniciação Cristã de Adultos tão distantes no tempo cronológico, mas tão próximas no tempo kairológico, também extraímos alguns aspectos originais, que podem nos auxiliar na revisão das práticas contemporâneas.

1. A comunidade eclesial também está em processo de Iniciação permanente;
2. O caminho catecumenal do pequeno grupo é renovador da comunidade eclesial. Ao longo da trajetória dos participantes do Catecumenato, a comunidade é, ao mesmo tempo, geradora e gerada, fecundante e fecundada na experiência de abertura ao Espírito de Deus;

3. O processo de Iniciação Cristã de Adultos inclui a aproximação e possível integração com a realidade familiar do participante do Catecumenato;

4. A dinâmica comunitária é fonte de circularidade hermenêutica, renovação e comunhão eclesial. É construtora de identidade crística e pertença eclesial.

5. As orientações do Ritual da Iniciação Cristã de Adultos, o RICA, possuem eixo mistagógico, ou seja, estão embasadas e desenvolvidas de modo a contemplar as categorias mistagógicas encontradas em Cirilo de Jerusalém;

6. O caminho catecumenal experimentado a partir das orientações do RICA torna-se portador do modelo fundamental de Igreja, à luz das fontes patrísticas, de uma igreja evangelizadora e iniciadora.

Esta dinâmica de aproximação também nos conduziu ao encontro de dificuldades, de desafios para o Processo de ICA. Na análise das práticas discursivas e das observações desta experiência catecumenal local identificamos quatro desafios que devem estar diante de nós nesta análise.

1. O tema da identidade da Iniciação Cristã com Adultos ainda em processo de amadurecimento – iniciação e reiniciação, formação sacramental e formação permanente;

2. A questão do tempo de caminhada da Iniciação Cristã com Adultos: um tempo determinado, um tempo flexível aos estágios de maturidade pessoal, ou um tempo contínuo de formação, avançando conforme os estágios de amadurecimento;

3. Um Catecumenato com Adultos: em diálogo permanente, planejamento conjunto, conhecimento do contexto sócio-econômico-cultural, integração com as escolhas profissionais e afetivas;

4. A formação do catequista como mistagogo: ausência de subsídios, necessidade de uma formação que abarque a complexidade desta missão.

Esses três conjuntos de elementos que identificamos ao analisarmos as práticas discursivas e o processo de ICA do grupo de Catecumenato com Adultos observado são dados abrangentes e complexos. Para uma avaliação consequente, lembramos que toda a nossa análise considera o chão da realidade brasileira e as

orientações do Magistério Eclesial, mas nossa chave teológica remonta à sabedoria fontal da mistagogia de Cirilo de Jerusalém.

A participação da experiência de ICA em uma comunidade local torna-se um referencial crítico importante, a fim de possibilitar a interlocução entre os princípios fundados nos primeiros tempos da Igreja, quanto ao processo catecumenal, e os desafios encontrados neste campo, na evangelização atual. Faz-nos retomar as questões que principiaram esta pesquisa: O processo de Iniciação Cristã de Adultos hoje pede uma revisão do modelo eclesiológico? A mistagogia dos primeiros séculos da Igreja é fonte fecunda para a Iniciação Cristã de Adultos em nossa sociedade? Quais os elementos que permaneceriam e quais os elementos que precisariam de modificações a fim de dialogarem com os novos tempos? As comunidades locais possuem condições de resgatar a sabedoria da Mistagogia? O que seria necessário para tanto? A Igreja nos oferece orientações, embasamento e apoio para efetivar um processo de ICA em eixo mistagógico?

Para concluirmos esta reflexão, trazemos a interpelação do papa João Paulo II na Carta Encíclica *Redemptoris Missio*: como recompor o tecido de nossas comunidades para que sejam realmente capazes de iniciar na fé aos seus próprios membros, capacitando-lhes para assumir sua própria parte de responsabilidade na comunidade eclesial e para converter-se em uma força viva, fermento da comunidade humana? Apenas uma comunidade de autênticos crentes é capaz de ser uma comunidade missionária⁷⁰².

Elas são um sinal da vitalidade da Igreja, instrumento de formação e evangelização, um ponto de partida válido para uma nova sociedade, fundada na civilização do amor.

Tais comunidades descentralizam e simultaneamente articulam a comunidade paroquial, à qual sempre permanecem unidas; radicam-se em ambientes simples das aldeias, tornando-se fermento de vida cristã, de atenção aos “últimos”, de empenho na transformação da sociedade. O indivíduo cristão faz nelas uma experiência comunitária, onde ele próprio se sente um elemento ativo, estimulado a dar a sua colaboração para proveito de todos. Deste modo, elas tornam-se instrumento de evangelização e de primeiro anúncio, bem como fonte de novos ministérios; enquanto, animadas pela caridade de Cristo, oferecem uma indicação sobre o modo de superar divisões, tribalismos, racismos⁷⁰³.

Enfim, o processo de Iniciação Cristã de Adultos é um processo eclesial, comunitário. Reside em um equilíbrio entre a função teológica e a função

⁷⁰² Cf. ROCCHETTA, C. op. cit., p. 23.

⁷⁰³ RM 51.

pastoral-pedagógica. O princípio que enraíza e fecunda esta dinâmica é o eixo mistagógico, enquanto compreensão teológica, enquanto fonte de espiritualidade e de ação pastoral. As categorias mistagógicas que brotam das práticas discursivas são, na verdade, muito mais do que referências metodológicas, e sim revelam que a mistagogia é a fonte de inspiração e dinamismo que realiza o projeto dialógico entre Deus e seus filhos e filhas.

Após este processo de aproximação entre a Mistagogia de Cirilo de Jerusalém e a experiência de uma comunidade local no processo de ICA, veremos a seguir, quais os pressupostos teológicos e quais os elementos teológicos que, a partir de nossa análise, são sugeridos para o resgate da Mistagogia como eixo referencial para a ICA em nossa sociedade.

4

O RESGASTE DA MISTAGOGIA DE CIRILO DE JERUSALÉM COMO REFERENCIAL PARA A INICIAÇÃO CRISTÃ DE ADULTOS HOJE

*Mesmo assim
não custa inventar
uma nova canção
que venha nos trazer
sol de primavera
abre as janelas do meu peito
a lição sabemos de cor
só nos resta aprender...*
Ronaldo Bastos e Beto Guedes

Neste capítulo, buscaremos recolher o processo elaborado até aqui e apresentarmos fundamentos da experiência mistagógica de Cirilo de Jerusalém para o processo de Iniciação Cristã com Adultos.

Reverendo o caminho feito, iniciamos a pesquisa trazendo um breve olhar para a evangelização atual, e estabelecemos um diálogo entre a dinâmica da evangelização e o paradigma da modernidade, assim como seu processo de crise e avanço, conhecido como pós-modernidade. Mantendo os limites de nossa pesquisa, nos detivemos em alguns desafios apresentados no momento atual para o processo de transmissão da fé cristã, priorizando o processo de Iniciação Cristã de Adultos. Em seguida, nos dedicamos à experiência catecumenal da Igreja, especialmente no final do século III e início do século IV, quando, inspirada pelo Espírito Santo, instituiu a formação dos iniciantes com uma estrutura firme e com uma pedagogia própria, designada como mistagogia, a pedagogia do Mistério. Para tal estudo, demos prioridade às *Catequeses Mistagógicas* de Cirilo de Jerusalém. Analisamos nesta obra os princípios teológicos e pedagógicos, a partir dos quais resgatamos a dimensão mistagógica que embasava e orientava aquele processo de Iniciação Cristã. No terceiro capítulo, procuramos delinear o rosto de uma comunidade local - a comunidade da *Casa de Oração Batismo do Senhor* - em sua experiência de Catecumenato com Adultos. Após este processo de investigação na linha da pesquisa participante, elaboramos um diálogo teológico-pastoral-pedagógico entre os princípios do processo de Iniciação Cristã de Adultos e a experiência vivida e refletida nesta Comunidade local.

A partir deste complexo diálogo teórico-pastoral e da parceria com a experiência local, nos propomos a considerar as contribuições concretas para um resgate da experiência catecumenal das origens da Igreja, em seu eixo mistagógico, como referencial para a Iniciação Cristã com Adultos nas comunidades atuais.

À luz das categorias mistagógicas identificadas do processo de Iniciação Cristã em Cirilo de Jerusalém, veremos como esta sabedoria das fontes da Igreja pode se tornar fundamento e princípio orientador para as experiências de Catecumenato com Adultos em nossas comunidades locais, em sua realidade, em sua diversidade, e relações que se enredam e apresentam sempre novos desafios.

Na verdade, nossa meta está na retomada do princípio que sempre orientou a evangelização, se atenta e aberta à dinâmica da Revelação. O testemunho da Igreja dos primeiros séculos é Tradição viva, lugar onde habita o fogo do Espírito de Deus, a memória viva e eficaz da Palavra que vem a nós e gera filhos e filhas à Sua imagem e semelhança.

Nossa tarefa hermenêutica desenrola-se a partir da teologia subjacente às *Catequeses Mistagógicas* de Cirilo de Jerusalém que nos fornece o embasamento para a análise do processo de Iniciação Cristã de Adultos na pastoral contemporânea. É a partir deste fundamento que nos comprometemos na construção de uma compreensão sistemática do significado do eixo mistagógico para a ICA. Em resumo, a mistagogia é o centro deste processo teológico, ela é o ponto de partida, a carta de navegação e a meta, a fim de experimentarmos hoje a sabedoria que reside nesta fonte da Igreja.

Neste capítulo trabalharemos em três estágios de elaboração. Na primeira parte, traremos os fundamentos teológicos para a Mistagogia em nosso tempo, em diálogo com as questões apresentadas no primeiro capítulo. Na segunda parte, retomaremos as categorias mistagógicas identificadas no processo catecumenal de Cirilo de Jerusalém e o diálogo teológico-pastoral com o grupo de Catecumenato com Adultos da *Casa de Oração Batismo do Senhor*, elencando os princípios que devem estruturar a dinâmica mistagógica na Iniciação Cristã com Adultos hoje. Na terceira parte, veremos como os documentos e orientações do Magistério para a ICA trazem princípios para que o processo mistagógico seja realizado não apenas neste caminho catecumenal, mas nos demais processos de evangelização da Igreja.

4.1

Pressupostos teológicos para a mistagogia hoje

Como ‘ouvintes’ das Catequeses Mistagógicas de Cirilo de Jerusalém, deixamos que suas palavras ecoassem em nossa percepção teológica e pastoral, descobrirmos a teologia e a metodologia pastoral que brota de suas orientações, e elencamos algumas categorias centrais, que chamamos de categorias mistagógicas de Cirilo de Jerusalém.

No diálogo com a sociedade atual, nos deparamos com desafios que interpelam o processo de Iniciação Cristã de Adultos e, no encontro com a experiência catecumenal da *Casa de Oração Batismo do Senhor*, percebemos um caminho original, no qual identificamos categorias mistagógicas.

Esse encontro entre a mistagogia de Cirilo e a mistagogia desta experiência catecumenal tem pontos de contato e pontos de distanciamento, próprios do contexto histórico e teológico de cada tempo. Enquanto fidelidade à caminhada da Igreja, na experiência local estão presentes fundamentos teológicos e princípios que estruturam uma mistagogia em nossos tempos. Enquanto comunidade viva, atenta aos sinais dos tempos e dialogando com a realidade, esta experiência catecumenal também é fonte de criatividade fecunda, no Espírito de Deus que a move.

Respeitando o distanciamento histórico dos dois contextos, abrimos um diálogo de natureza teológica entre estas duas realidades. Retomemos brevemente as características principais em cada contexto a fim de melhor compreendermos o cruzamento teológico destas duas realidades.

No contexto de Cirilo de Jerusalém, estamos na metade do século IV, período no qual a dogmática cristã se configura e procura responder às questões consideradas heréticas pelo Magistério. A preocupação dos Padres da Igreja com a Iniciação Cristã, da qual Cirilo participa, dirige-se a firmar a identidade cristã, manter unidade eclesial, ser testemunho e avançar com o mandato missionário⁷⁰⁴. O quadro formativo integra a catequese e a liturgia, a experiência pessoal e o acompanhamento comunitário, a fé e a vida. A mistagogia é consequência de sua

⁷⁰⁴ O contexto teológico, marcado pelas grandes discussões acerca do mistério humano-divino de Jesus e trinitário, é um fator que favorece uma abordagem centrada na pessoa de Jesus Cristo, Verbo Encarnado e Ressuscitado. Cf. ARAÚJO, J. M. op. cit., p. 788.

espiritualidade, de sua compreensão teológica e de um processo catecumenal que integra espiritualidade e anúncio querigmático. Todo este processo se dá na cidade de Jerusalém, marcada pela experiência radical do Mistério pascal e nascedouro das primeiras comunidades cristãs. Cirilo é um mistagogo, um mediador no processo de Revelação, que procura conduzir cada iniciante à abertura e à entrega existencial ao Mistério que já reside em sua vida e em seu coração.

Atravessando a história, a comunidade em processo catecumenal da *Casa de Oração Batismo do Senhor*, está na virada do 2º. milênio, na pequena localidade da Vila São Luis, no bairro de Duque de Caxias, na cidade do Rio de Janeiro, Brasil. A dinâmica social e cultural mistura elementos urbanos e rurais, características modernas e pré-modernas, uma religiosidade tradicional e também sincrética. Esta pequena comunidade local, bebe nas fontes da espiritualidade cristã, procurando viver uma espiritualidade monástica, integrar fé e vida e, acima de tudo, oportunizar em todo o seu espaço, o encontro pessoal e profundo com o Senhor Ressuscitado. O processo catecumenal é orientado a partir do documento RICA e, ao mesmo tempo, dialoga com a realidade dos catecúmenos, buscando responder às suas questões existenciais e conduzi-los, passo a passo, à experiência de abertura ao Mistério de Deus presente em suas vidas. O sacerdote-monge e o catequista partilham da espiritualidade, das orientações do Magistério, e procuram estruturar os encontros do grupo de catecumenato no eixo mistagógico.

A partir desta breve situação dos dois espaços catecumenais, ousamos afirmar que estamos diante de dois lugares teológicos que, mesmo distantes no tempo histórico, possuem proximidades quanto ao seu enraizamento no mandato missionário e no caminho do seguimento de Jesus. A fidelidade à Igreja e a criatividade no diálogo com os iniciantes é também um elemento comum. Contudo, o primeiro lugar teológico, é berço da sabedoria patrística, fonte na qual a Igreja bebe e procura, nos diversos caminhos da história, perseverar em seus fundamentos, como tesouro da caminhada cristã que deve ser preservado e, ao mesmo tempo, encarnado em cada realidade. A comunidade local observada participa desta caminhada, bebe nesta fonte, procura responder ao dinamismo da Palavra segundo as situações concretas com as quais dialoga e dar prosseguimento à espiritualidade recebida pelas fontes da Tradição.

Em suma, poderíamos sintetizar estes dois lugares teológicos e epistemológicos como um diálogo entre a teologia fontal, primeira, e a teologia

hoje, reflexão segunda. Na dinâmica suscitada pelo Espírito, a comunidade eclesial é *kairós*, é tempo do sopro divino que tudo renova e conduz ao seu abraço amoroso. Em tempos de mudança paradigmática, tomamos esta experiência comunitária como um sinal de esperança, um novo *kairós* propiciado por uma nova situação que pede para ser lida como chave dos sinais dos tempos.

Estabelecidos estes princípios, extraímos das duas experiências as categorias teológicas que fundamentaram cada uma e, a partir de um diálogo com cada contexto, diagnosticamos os fundamentos teológicos que constroem o chão para que a dinâmica mistagógica aconteça na Iniciação Cristã de Adultos hoje.

1. *A dinâmica da Revelação e Fé*
2. *Jesus, o mistagogo*
3. *Ser mistagogo*
4. *A mistagogia da Liturgia*
5. *A pessoa humana e a experiência do Mistério*
6. *A comunidade de fé como lugar teológico*
7. *Fidelidade e continuidade*
8. *A mistagogia como experiência místico-sapiencial*
9. *A constituição prática da Revelação – o seguimento de Jesus*

Eles são condição para que o processo mistagógico se realize, e não tenha um uso técnico-pedagógico na ICA ou uma metodologia isolada da fundamentação que embasa este saber teológico e pastoral-pedagógico.

4.1.1

A dinâmica entre Revelação e Fé

A dinâmica da Revelação é o pressuposto teológico sobre o qual se constrói o conceito de mistagogia e, como consequência, o eixo orientador do processo mistagógico. A Revelação é processo dialógico entre Deus e seus filhos e filhas, entre Deus e toda a Criação, entre Deus e a história da humanidade. É processo pedagógico, caminho de abertura e acolhida do Mistério divino na vida humana conduzindo a história humana ao seu horizonte salvífico.

Muitos são os teólogos que se dedicaram a este tratado da Teologia Fundamental. Contudo, o tema da mistagogia não chegou a receber um tratamento

específico na teologia sistemática. Ao lermos K. Rahner com uma chave mistagógica compreendemos que esta é a base de sua antropologia transcendental, mas o próprio teólogo reconhece que a mistagogia é um tema central em sua teologia, mas que não chegou a desenvolvê-lo⁷⁰⁵.

A. T. Queiruga resgata o tema da mistagogia em seu trabalho sobre a Revelação, e encontra na categoria de ‘maiêutica histórica’ um tratamento mais apropriado para sua elaboração⁷⁰⁶. Para o teólogo, esta categoria é mais qualificada para compreendermos a relação de abertura para a liberdade de Deus e a novidade da história, pois remete mais diretamente à “realidade mais íntima e profunda de que já somos iniciados pela livre iniciativa do amor que nos cria e nos salva”⁷⁰⁷.

Outro teólogo contemporâneo, R. Haight, também aborda a categoria da mistagogia como próxima de sua compreensão de comunicação simbólico-religiosa, como uma inserção da resposta humana no mistério de Deus⁷⁰⁸.

Para nós, importa demarcar algumas características internas a esse pressuposto teológico, que denotam o princípio da mistagogia e respondem a algumas das questões apresentadas pela sociedade contemporânea nos processos de ICA. Todas as características que ora trataremos, possuem uma dimensão em comum, são dialógicas, ou seja, remetem a uma relação dinâmica entre os dois pólos: Revelação e Fé, Mistério e experiência, transcendência e imanência.

Revelação e Fé são dois elementos em conexão indissolúvel. Pertencem ao dinamismo no qual a proposta de Deus e resposta humana caminham incessantemente. A Revelação, ou seja, a Palavra de Deus que rompe o silêncio e se faz ouvir, “não acontece em estado puro. Ela vem mediatizada pela realidade humana”⁷⁰⁹. A Fé é a resposta do Homem à proposta revelada. É experiência

⁷⁰⁵ K. Rahner escreve a Klaus Fischer: “Nunca abordei este lado de uma compreensão da mistagogia, mas não significa que não tem importância para a vida cristã. A mistagogia só foi expressa por mim como um tema e uma demanda. Eu não declarei muitos detalhes ou idéias práticas sobre este tema, isso eu devo admitir honestamente”. Cf. BACIK, J.J. *Apologetics and the Eclipse of Mystery. Mystagogy according to Karl Rahner*. London: Notre Dame Press, 1980, p. X e p. 61. Referindo-se a FISCHER, Brief Von P. Karl Rahner, *Der Mensch*, 1974, pp. 407-408.

⁷⁰⁶ A.T. Queiruga elabora esta categoria teológica em um capítulo inteiro de sua obra sobre a Revelação, como categoria mediadora para uma compreensão adequada da dinâmica real do processo revelador. Cf. QUEIRUGA, A.T. *A Revelação de Deus na realização do homem*. op. cit., pp. 99-138.

⁷⁰⁷ Idem, p. 15.

⁷⁰⁸ HAIGHT, R. op. cit., pp. 178-179.

⁷⁰⁹ BOFF, L. Constantes antropológicas e Revelação. In: *REB* 32. Rio de Janeiro: Vozes, 1972, p.26.

humana acolhida e revolucionada na sua totalidade pela Palavra que lhe é revelada. Nas palavras de J. M. Velasco:

O sujeito religioso pensa no mistério a partir de um prévio ato de presença por sua parte. Por isso experimenta seu ato como resposta a uma prévia chamada, e por isso interpreta sua busca de Deus como suscitada por um prévio encontro com ele e no qual Deus mesmo tomou a iniciativa⁷¹⁰.

Fé e Revelação possuem uma relação de reciprocidade. Neste diálogo, Deus toma a iniciativa e estabelece uma auto-comunicação com a Criação, na qual a pessoa humana, é convidada a responder existencialmente, ao apelo que vem do mais profundo do seu ser. A relação com Deus mantém a pessoa humana sempre aberta a esse impulso vital, por isso o encontro com Deus através da fé interpela a pessoa a reorientar os projetos pessoais e comunitários na nova lógica do Espírito de Deus, que conduz à libertação e realização de toda a Criação⁷¹¹.

Deus é Mistério que se revela, se comunica. O reconhecimento do mistério como mistério não pode ser entendido de nenhuma outra forma que não existencial e experiencialmente⁷¹². A experiência de encontro com Deus está sempre condicionada pela atenção, pela sensibilidade, pelo contexto e historicidade do homem. Enfim, a dimensão objetiva da Revelação é recebida e respondida pela pessoa, na fé, em sua dimensão subjetiva. Entretanto, a presença de Deus é uma fonte indizível, inesgotável, incabível para a compreensão e para a linguagem humana. É mistério que é experimentado pela pessoa humana e, ao mesmo tempo, jamais atingido, sempre tangenciado.

Nesta dinâmica, a pessoa humana experimenta a transcendência ante o Mistério que nela se faz presente e, também a imanência, pois essa presença divina se refere à existência concreta do homem e da sociedade⁷¹³. A transcendência divina é experimentada por nós na imanência.

Nos textos patrísticos não há uma elaboração do tema da Revelação de modo direto. No entanto, os elementos fundantes do tema e importantes intuições estão ali anunciados enquanto teologia viva, pastoral e concreta dos Padres da

⁷¹⁰ VELASCO, J. M. *Introducción a la fenomenología de la religión*. Madrid: Cristiandad, 1983, pp 124-125.

⁷¹¹ Cf. GIGUÉRE, P. op. cit., p. 191.

⁷¹² Cf. HAIGHT, R. op. cit., p. 100.

⁷¹³ Cf. QUEIRUGA, A.T. op. cit., p. 100.

Igreja⁷¹⁴. Também em Cirilo de Jerusalém podemos detectar esta fundamentação teológica na dinâmica da Revelação. Ele discursa sobre a relação entre Deus e seus filhos e filhas como uma relação de proximidade. Seu convite para a Iniciação Cristã é explicitamente um convite para a participação no Mistério pascal, que insere todo o ser humano nesta nova realidade que dinamiza toda a sua existência e suas escolhas em direção a uma nova meta: ser um homem novo, em Jesus Cristo. Em Cirilo de Jerusalém, a Revelação é anunciada na medida em que ele percorre narrativamente e alegoricamente a Sagrada Escritura, apontando os sinais da presença de Deus junto a seu povo e o convite para que os iniciantes se tornem participantes dessa mesma trajetória.

Na mistagogia de Cirilo, é Deus quem convida, se revela e orienta o caminho de cada pessoa, pedagógica e amorosamente. Este pressuposto aponta para o princípio mistagógico que rege a ação pastoral de Cirilo. Suas palavras e orientações catequéticas têm a clara função de mediar o encontro entre Deus e o homem, auxiliando a escuta atenta à presença de um Deus que já está aí no coração humano, em sua realidade. Além disso, Cirilo se coloca como mediador ao tratar da vida cristã como um caminho de conversão, como um processo ao qual cada pessoa vai sendo inserida e configurando sua existência em Cristo Jesus.

A mistagogia de Cirilo integra a iniciativa divina e a livre e processual resposta humana, a abertura para o Mistério revelado e a tomada de consciência que envolve compromisso e responsabilidade. A ação de Deus é libertadora, é dinamizadora do processo de conversão existencial. É graça atuante, é presença operativa na existência de cada iniciante.

Seu anúncio catequético é também marcado por orientações concretas, por um passo a passo que potencializa o iniciante a entrar na dinâmica da Revelação: experimentar a liturgia, ouvir a Palavra, abrir-se, orar, ouvir o chamado, responder, deixar-se modificar, rever as escolhas, fazer novas escolhas, ser acolhido pessoal e comunitariamente, ser acompanhado. A iniciação de cada catecúmeno no mistério de Deus é acompanhada de um processo de abertura, tomada de consciência e progressiva inserção neste mistério. As ações litúrgicas, a abertura para a Palavra e a experiência eclesial tornam-se fontes desta mistagogia.

⁷¹⁴ Idem, p. 37.

4.1.2

Jesus, o mistagogo

Para considerar Jesus como o mistagogo, partiremos de três abordagens presentes no processo mistagógico. Primeiramente, a abordagem cristocêntrica da Revelação, ou seja, a presença plena do Revelado entre nós em Jesus Cristo. A segunda abordagem, diz respeito ao significado do termo ‘mistagogia’, enquanto iniciação ao Mistério e acompanhamento daquele que está sendo introduzido nesse caminho. Em terceiro lugar, a experiência mística como elemento fundamental para a relação com o Mistério que se revela, com o Deus que é relação com cada pessoa e com seu povo.

Olhando para Jesus de Nazaré, encontramos a integração destas características. Nele se realiza o projeto de Deus. Ele é o anúncio querigmático de todo o processo de Iniciação na fé cristã. Jesus assume o projeto integralmente. Ele é o Caminho, a Verdade e a Vida. Através de suas atitudes e ensinamentos, é o mestre e educador por excelência⁷¹⁵. Entregue à missão de anunciar a todos a possibilidade do homem novo, vive como filho de Deus, irmão de todos, admirador e co-criador da natureza e de uma sociedade nova, com as

⁷¹⁵ Na Igreja do segundo século encontramos a compreensão de Jesus como pedagogo, com Clemente de Alexandria, o dirigente da escola catequética daquela cidade. Em sua obra *Paedagogus* Clemente dialoga com a cultura grega sobre sua concepção de educação, como Paidéia. Nesse diálogo, apresenta Cristo como ‘o pedagogo’ da humanidade, no sentido filosófico que Platão dava à palavra *paidagogia*, quando definia a relação de Deus com o mundo desse modo: Deus é o pedagogo do mundo inteiro, *ho theos paidadogei ton kosmon*. O conceito de pedagogo foi inicialmente voltado para os escravos que acompanhavam os jovens à escola e, desta, para casa. Esta concepção, vigente na Grécia por muitos séculos, aponta para uma atividade que inclui autoridade e responsabilidade na orientação prática e filosófica que prepara para a sabedoria de viver. A transformação do significado e categoria da palavra *paidagogia* foi a consequência necessária da dignidade filosófica e teológica a que Platão elevava o conceito de paidéia. Para Platão, a paidéia significa não apenas a educação da criança, mas sobretudo a formação e o desenvolvimento da pessoa humana em plenitude. Esta dignidade teológica inspirada no pensamento de Platão possibilitou a Clemente introduzir Cristo como o *Paedagogus* de todos os homens. Encontramos nesta obra, indicadores de que a reflexão teológica que vê em Jesus as características de mestre e educador já se encontrava na ação evangelizadora, o que poderia ter levado Clemente a identificar em Jesus as características do pedagogo grego. No entanto, Clemente não coloca Jesus como um dentre os pedagogos da filosofia grega, mas como ‘o pedagogo’, o educador por excelência, modelo e referência para a escola catequética. Cf. JAEGER, W. *Cristianismo primitivo e paideia grega*. Trad. Teresa Louro Pérez, Lisboa: Edições 70, 1961, p. 84-89; WITTSCHIER, S. *Antropología y teología para una educación cristiana responsable*. Santander: Sal Terrae, 1979, p. 56.

características do Reino de Deus, em que se promove a vida, a fraternidade, a paz e o amor⁷¹⁶.

Se há uma ambiguidade constitutiva no encontro entre a subjetividade humana e a objetividade de um Deus transcendente, em Jesus de Nazaré esta relação dialógica atinge a plenitude na comunhão e participação. Esta afirmação da fé cristã, nos indica que não devemos desanimar diante de nossa ambiguidade, mas que, nosso desejo será realizado, na proximidade pessoal e amorosa de Deus conosco⁷¹⁷. Nas palavras de Lima Vaz, “a experiência cristã de Deus não apenas se manifesta através de uma realidade e da sua expressão, mas identifica-se com ela, particulariza-se absolutamente nela”⁷¹⁸.

Em Jesus, a experiência mistagógica pode ser percebida em todas as suas dimensões. O mistério de Deus se revela à humanidade, se faz um conosco, entra na história e, a partir de dentro, de seu núcleo, a conduz a seu sentido pleno. Nele, toda a humanidade é convidada à abertura existencial que conduz cada um e todos à salvação. É o mistério pascal que tem seu centro vital em Jesus Cristo.

Em Cirilo, esta perspectiva cristocêntrica está presente em sua teologia narrativa, em sua forma de articular o Antigo e o Novo Testamentos, na confluência de suas catequeses para as ações litúrgicas e sacramentais. O Mistério pascal de Jesus é um princípio vital que ecoa no coração dos iniciantes e os convida, a partir de seu sentido mais profundo, à participação.

Esta participação não se dá de uma vez por todas, mas é concebida por Cirilo de Jerusalém como um caminho de seguimento de Jesus. Ou seja, a participação no mistério de Cristo conduz, mistagógicamente, a uma nova orientação da própria vida movida pela Graça atuante de Deus.

A teóloga Lina Boff, expressa a profunda integração entre o Mistério de Cristo e o mistério de todo ser humano, que nos faz compreender a centralidade de Jesus como o grande mistagogo.

O amor de Deus é manifestado plenamente no mistério da vida-paixão-morte-ressurreição de Jesus, e da vida-paixão-morte-ressurreição de cada pessoa humana que acolhe Jesus e sua missão salvadora, como Palavra encarnada do Pai e, assim, recebe a legitimidade da filiação divina. (cf. Jo 1,12) O mistério de Jesus Salvador e o mistério da pessoa humana apresentam-se como dois

⁷¹⁶ Cf. CNBB. *Educação, Igreja e Sociedade*. Doc. 47, n. 84-87, São Paulo: Paulinas, 1992.

⁷¹⁷ Cf. BACIK, J. J. op. cit., p. 36.

⁷¹⁸ Cf. LIMA VAZ, H. C. A linguagem da experiência de Deus. In: *Escritos de Filosofia*. São Paulo: Loyola, 1986, p. 254.

momentos de um único evento, enquanto sinal do verdadeiro e pleno destino da pessoa humana. Sem fatalismos, o mistério de Jesus Salvador, no mistério do ser humano com sua consciência de História salvífica, revela a concretude da libertação do mal e realiza a história temporal naquilo que ela tem de bom e santo, libertação que se torna História da salvação concreta, para a humanidade e toda a criação que espera por esta libertação (cf. Rm 8,18-19)⁷¹⁹.

Nos Evangelhos, as narrativas oferecem características da mistagogia em Jesus em sua forma de anunciar o Reino e de agir frente às diversas situações que se lhe apresentavam. O *Diretório Geral para a Catequese* explicita esta observação:

O acolhimento do outro, em particular do pobre, da criança, do pecador, como pessoa amada e querida por Deus; o anúncio genuíno do Reino de Deus como Boa Nova da verdade e da consolação do Pai; um estilo de amor delicado e forte, que livra do mal e promove a vida; o convite premente a uma conduta amparada pela fé em Deus, pela esperança no Reino e pela caridade para com o próximo; o emprego de todos os recursos da comunicação interpessoal tais como a palavra, o silêncio, a metáfora, a imagem, o exemplo e tantos sinais diversos, como o faziam os profetas bíblicos⁷²⁰.

A mistagogia de Jesus é marcada pela proximidade, pelo encontro pessoal, pela escuta atenta da realidade pessoal e conhecimento profundo do contexto em que a pessoa está inserida⁷²¹. Em Jesus, cada diálogo, cada escolha simbólica, cada palavra, aparece adequada ao contexto e ao grupo humano com o qual se encontra⁷²².

Dessa maneira, encontramos palavras, gestos e sinais diferentes para os diferentes grupos com os quais Jesus se relaciona. Com os discípulos, Jesus propõe o confronto com a realidade e as interpelações de seu tempo, aprofunda a interpretação das parábolas, dá orientações firmes para a missão, se relaciona com intimidade. Ao povo mais simples Jesus conta histórias, fala por meio de parábolas, e utiliza elementos da cultura rural. Com os diversos grupos judaicos⁷²³, Jesus propõe uma releitura de seus conhecimentos e imagens de Deus que irão interpelar sua prática⁷²⁴.

⁷¹⁹ BOFF, Lina. Índole escatológica da Igreja peregrinante. In: *Atualidade Teológica*, n. 13. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2003, p. 25.

⁷²⁰ DGC 140.

⁷²¹ PRESENTI, G.G. Mistagogia. In: BORRIELO, L. et. al. *Dizionario di Mistica*. Vaticano: Editrice Vaticana, 1998, p. 821.

⁷²² Cf. EN nn.7-12.

⁷²³ A situação histórica do tempo de Jesus o coloca diante de diversos grupos presentes na sociedade judaica, sejam, a classe aristocrática, leiga e sacerdotal; o grupo dos escribas e fariseus;

Jesus também tem critérios e medidas. Avalia a conveniência e a situação para sua forma de agir e de se comunicar. Diferencia momentos de formação em que ensina a toda a gente, de momentos nos quais que fala particularmente aos discípulos⁷²⁵. Jesus não só ensina, mas ajuda os discípulos e o povo a terem uma chave de compreensão da própria existência à luz de Deus e de seu Reino. Sonda as dificuldades, percebe os conceitos formados, acompanha o processo de discernimento, faz pensar, deixa perguntas no ar, desequilibra os ouvintes. Mesmo o não-entendimento é oportunidade para nova aprendizagem⁷²⁶.

Na base dessa adequação de linguagem e de mediações no anúncio do Reino, há um eixo comum que perpassa sua mensagem e sua proposta: o seguimento. Longe de se configurar como uma aprendizagem intelectual ou uma doutrina fixa, o seguimento de Jesus é atitude vital para aqueles que aderem à sua pessoa e mensagem. Comporta uma mística e uma prática, a partir do próprio Jesus⁷²⁷, ou seja, uma espiritualidade que motiva e anima o cristão a orientar suas ações e atitudes de acordo com o seguimento de Jesus, tanto na vida pessoal, como na missão de testemunhar e anunciar Jesus ao mundo.

Em relação à dimensão mística da experiência religiosa, Jesus Cristo, o Filho unigênito do Pai, é aquele que melhor a compreendeu e viveu, nos revelou o rosto do Pai e Seu projeto de amor. Assim também, Jesus nos revela a necessidade de aprendermos o tempo necessário para que a experiência mística seja introjetada, internalizada, vivida profundamente, respeitando as características pessoais, seu mundo, sua história, sua cultura, sua linguagem. É penetrar cuidadosamente na sabedoria divina para caminhar passo a passo, como criança nas mãos do Pai, em direção ao Reino.

Esta trajetória dialogal e processual, descobrindo o rosto do Pai e seu projeto de amor, configura uma nova criatura, um novo homem, uma nova

o grupo religioso dos essênios; os grupos ligados ao movimento zelota e aos herodianos; os samaritanos. Frente a cada grupo Jesus se posiciona e se serve de diferentes mediações no anúncio do projeto do Reino e de sua exigência de conversão e mudança de vida. Sobre esse tema ver ECHEGARAY, H. *A prática de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 1982, pp. 49-109; MATEOS, J. e CAMACHO, F. *Jesus e a sociedade de seu tempo*. São Paulo: Paulinas, 1992, pp. 17-42; RUBIO, A. G. *Encontro com Jesus Cristo Vivo*. São Paulo: Paulinas, 1994, pp. 53-65; FABRIS, R. *Jesus de Nazaré, história e interpretação*. São Paulo: Loyola, 1988, pp. 73-78.

⁷²⁴ Cf. WENZEL, J. I. *Pedagogia de Jesus segundo Marcos*. São Paulo: Loyola, 1997, pp. 77-79.

⁷²⁵ Cf. Mc 4, 2.33; 5, 15.34; 4,10-11.34; 6,30-32; Mt 11,25-27.

⁷²⁶ Cf. Mc 7,17-19.

⁷²⁷ Cf. MURAD A. e MAÇANEIRO, M. *A Espiritualidade como caminho e mistério*. São Paulo: Loyola, 1999, p. 15.

mulher. A mistagogia presente na ação missionária de Jesus, advém de uma profunda intimidade com o Pai, de um diálogo atento e fecundo consigo mesmo, com as pessoas e com o mundo. Em consonância com essa experiência mística, Jesus convoca e conduz ao Mistério que ele mesmo vivencia radicalmente. Seleciona mediações para cada ouvinte, com a sensibilidade, o amor e a misericórdia, de quem respeita o processo da experiência de fé que se dá para cada pessoa e cada comunidade. Faz-se presença, orientação, perdão e impulso firme e exigente na direção da Boa Nova que vem anunciar⁷²⁸.

A partir dessas considerações podemos melhor compreender a questão feita sobre Jesus em Mt 13,54 - *de onde lhe vem este saber?* A autoridade, o 'saber' que Jesus revela, é saber mistagógico. É fruto da relação profunda de Jesus com o Pai, consigo mesmo e com seus irmãos e irmãs nos mais diversos grupos e situações que se apresentavam⁷²⁹. Cientes dessa dinâmica, presente na ação pedagógica de Jesus, é possível dizer que a mistagogia tem uma orientação, uma meta: que aquele que está sendo iniciado atinja essa experiência pessoal de Deus, estruturada em Jesus Cristo.

Assumimos aqui as palavras dos Lineamenta⁷³⁰ do Sínodo dos Bispos de 2005: "A mistagogia hodierna deverá confiar na força do Espírito, que se comunica através da sobriedade das palavras e dos gestos sacramentais. A missão do Espírito Santo é dar a inteligência do que Jesus Cristo revelou. Ele é o mistagogo invisível"⁷³¹.

Esta mesma perspectiva era fundamento na prática catecumenal de Cirilo de Jerusalém. A centralidade do anúncio querigmático, perpassa todas as suas Catequeses, convidando à acolhida e participação no mistério de Cristo. Cirilo convida cada catecúmeno a seguir Jesus, como Senhor e Mestre; a despedir-se do homem velho e converter-se ao homem novo; a morrer e renascer em Cristo para uma vida nova, pelas águas do Batismo.

⁷²⁸ Cf. IBÁÑEZ, P. G; ÁLVAREZ, D. M. e CURSACH, J. L. S. Presentación. In: MARTÍNEZ, D. et al. *Proponer la fe hoy. De lo heredado a lo propuesto*. Santander: Sal Terrae, 2005, p. 16.

⁷²⁹ BINGEMER, M.C.L. Saber, sabor e sabedoria. In: BUARQUE, C. et al. *Fé, Política e Cultura*. São Paulo: Paulinas, p. 84.

⁷³⁰ Os *Lineamenta* são documentos importantes para a preparação da assembléia sinodal. Têm como finalidade suscitar uma reflexão a nível de Igreja universal sobre o tema do Sínodo.

⁷³¹ SÍNODO DOS BISPOS. XI Assembléia Geral Ordinária. *A Eucaristia: fonte e ápice da vida e da missão da Igreja*. Lineamenta, 2004. Libreria Editrice Vaticana. Disponível em: <www.vaticano.va> Acesso em: 29 de setembro de 2007.

4.1.3

Ser mistagogo

O processo mistagógico tem na mediação não apenas um de seus elementos, mas um pressuposto para a mistagogia. Poderíamos considerar a presença do mistagogo como um elemento a mais na ICA, no entanto, percebemos que é esta ação mediadora entre o mistério e o iniciante, que orienta o processo mistagógico. A relação entre o mistagogo e o iniciante é fundamental para que a mistagogia se realize.

Jesus é o mistagogo, ele é a referência para refletirmos sobre este fundamento na dinâmica mistagógica. Em Jesus, encontramos três características centrais que nos conduziu a esta afirmação, vejamos como estas características devem estar presentes neste mediador. São elas: a presença do Deus revelado entre nós, em Jesus Cristo; a pedagogia com a qual conduz e acompanha o iniciante; e a experiência mística.

O mistagogo é aquele que tem na mistagogia o eixo referencial de todo o seu agir. O que significa isso? Retomando os fundamentos apresentados anteriormente, o primeiro pressuposto é aquele que enraíza esta centralidade, ou seja, o primado da Revelação na experiência pessoal. A missão do mistagogo é secundária, no sentido de ser mediador e não iniciante neste processo. Ele é alguém que tem consciência profunda deste primado, experiência pessoal e capacidade pedagógica de se colocar neste caminho como missionário, de construir a relação mestre-discípulo onde o princípio e a meta do caminho são o próprio Mistério.

A mistagogia é caminho que pede um acompanhamento pessoal. Esta relação precisa ser construída como relação de confiança, de paciência e discernimento pedagógico a fim de orientar os passos do iniciante. Ela não é uma tarefa a ser cumprida, não é uma apresentação teórica ou objetiva da doutrina cristã, mas sim uma experiência pessoal e comunitária⁷³². Neste sentido, a relação mestre-discípulo ocorre não apenas na dinâmica pessoa-pessoa, mas também nas dimensões comunidade-pessoa, comunidade universal-comunidade local, história da salvação-história pessoal.

⁷³² Cf. LAFONT, G. A experiência espiritual e o corpo. op. cit., p. 24.

Também a comunidade torna-se mediadora no caminho mistagógico, na medida em que experimenta as três características anteriormente apontadas: o primado da Revelação, uma mistagogia viva e capacidade de responder pedagogicamente a esta missão, de ser, também ela, uma comunidade de iniciados que orientam a Iniciação.

Os Padres da Igreja recuperam, na ação evangelizadora, a dinâmica pedagógica da Revelação e do próprio Jesus⁷³³. Este é um critério fundamental, do qual Cirilo não abriu mão em seu processo catecumenal. O binômio mestre-discípulo não quer instituir uma relação de paternidade ou superioridade, mas um caminhar pela sabedoria já vivenciada e experimentada dos ‘mestres’. Caminhar a dois, que respeita os itinerários pessoais, mas que também orienta a dosagem dos esforços, a arte de rezar e compreender os caminhos da fé, as questões disciplinares que auxiliam o caminho. Enfim, o papel de mistagogo, seja pessoal ou comunitário, partilha um saber já recebido, vivido e interiorizado. É transmissão de uma sabedoria do caminhar, mas que não nega o caminho em si e nem mesmo impõe o próprio como definitivo e único. “Só assim o seu ensinamento levará o iniciante à experiência que supera qualquer ensinamento”⁷³⁴.

No Catecumenato primitivo, o iniciante era acompanhado por toda a comunidade, mas especialmente por um ‘padrinho’ da fé, com quem estabelecia uma relação mais íntima e familiar, aprofundando o conhecimento pessoal e refletindo sua caminhada na nova fé⁷³⁵. Na ação do mistagogo, se realiza uma dialética muito peculiar, entre a orientação do mediador, mas enquanto um reenvio à própria realidade e interioridade⁷³⁶. É uma dinâmica que exige uma profunda sensibilidade e paternidade espiritual, a fim de auxiliar a escuta que já ecoa no próprio ser. Essa relação vai conduzindo o iniciante ao amadurecimento progressivo que não provém de uma admiração ou seguimento do mistagogo, mas da abertura pessoal ao Mistério de Deus e à vivência pessoal⁷³⁷.

Na ICA, a mistagogia vai auxiliar na ‘leitura’ do mapa histórico pessoal, percebendo os sinais da presença de Deus já presentes. É uma espécie de parto, de maiêutica, na qual o ensinamento transmitido é identificado pelo iniciante

⁷³³ Cf. FEDERICI, T. op. cit., pp. 19-20.

⁷³⁴ Cf. LAFONT, G. op. cit., p. 24.

⁷³⁵ Cf. BUNGE, G. op. cit.

⁷³⁶ Cf. QUEIRUGA, A.T. op. cit., p. 108.

⁷³⁷ Cf. LAFONT, G. op. cit., p. 23.

mergulhado na dinâmica salvífica. Ele é como um decodificador do que já foi vivido e experimentado, mas não identificado. É alguém capaz de fazer a exegese da vida pessoal e dos sinais do passado e do presente, no pequeno grupo e também na história da salvação. Um orientador espiritual, nas palavras de U. Vasquez, é alguém que auxilia a fazer a teografia, ou seja, a escrita de Deus na vida pessoal⁷³⁸.

Pensar que a Iniciação Cristã supõe um acompanhamento, significa que não se faz auto-iniciação, ou seja, não se é iniciado sem um iniciador, como não há educação sem um educador. É um elemento essencial⁷³⁹. Na concepção de A. T. Queiruga, esta relação é fundamental, pois sem ela não seria possível a compreensão do próprio processo de participação ontológica no mistério de Deus.

A relação mestre-discípulo não remete para fora do sujeito ou de sua situação, e sim para dentro, num processo de reconhecimento e a-propriação (...) Ajudada pela palavra do mediador, ‘nasce’ a consciência da nova realidade que estava ali lutando por fazer sentir sua presença; o homem descobre a Deus que o está fazendo ser e determinando de uma maneira nova e inesperada⁷⁴⁰.

Em Cirilo de Jerusalém, a ação mistagógica tem o sentido de acompanhamento espiritual e não de dependência. Ele procurava criar uma disposição para oferecer ao outro o espaço necessário para que fizesse sua escolha na liberdade. Imbuído dessa perspectiva mística, a postura do mistagogo pressupõe respeito à liberdade de Deus e da pessoa a quem acompanha, alguém que orienta e auxilia o iniciante a encontrar os sinais da presença de Deus na sua experiência vital.

Nas palavras de São Paulo, caberia àquele que acompanha ser “*diácono do Espírito*” (2Cor 3,8), teógrafo e mistagogo, pois aquele que conduz e orienta a pessoa para o Mistério é o próprio Deus⁷⁴¹. É a dimensão mística, imprescindível ao mistagogo, pois ele não pode orientar o que não experimentou e experimenta. Ele também é um iniciante no caminho em direção ao Pai.

⁷³⁸ Com o termo teografia, Ulpiano Vasquez indica as marcas de Deus no coração e na vida humana, como um texto que Deus escreve em nossas vidas. Aquele que acompanha a fé, deve ser alguém que auxilia a pessoa a reconhecer a teografia e a mistagogia que revelam a presença e a orientação de Deus na própria vida. Cf. VASQUEZ, U. M. *A orientação espiritual: mistagogia e teografia*. São Paulo: Loyola, 2001, p. 11.

⁷³⁹ Cf. BOURGEOIS, H. *Teologia Catecumenale*. op. cit., p. 152.

⁷⁴⁰ QUEIRUGA, A.T. op. cit., p. 113.

⁷⁴¹ Cf. VASQUEZ, U. M. idem.

Na mistagogia ciriliana, é importante percebermos que ele não abre mão de fundamentar suas orientações na Sagrada Escritura. Ela não entra como uma estratégia pedagógica, mas como fundamento, é a Palavra de Deus que ilumina a trajetória. O processo de conhecimento da Palavra de Deus e da doutrina apostólica, bem como a vivência sacramental e comunitária, auxiliavam pedagogicamente o iniciado que, pouco a pouco, também poderia fazer seu próprio discernimento quanto à fé cristã.

Este acompanhamento acolhe o iniciante na sua particularidade e alteridade, entra em diálogo com ele, para então, aprofundar uma experiência de fé, de confiança, de entrega, respeitando o processo pessoal. Torna-se elemento decisivo na avaliação da maturidade de cada iniciante. Por isso mesmo, o catecumenato é sempre um caminho, não está fixado em um tempo cronológico, mas necessita respeitar o tempo pessoal que cada pessoa necessita para abrir-se ao Mistério divino e trilhar caminhos de coerência e aprofundamento deste na própria vida.

No tempo de Cirilo de Jerusalém, o papel do mistagogo é também um papel de pastor do rebanho e de configuração de um rebanho amadurecido na fé cristã. Enquanto nova experiência de fé, o Cristianismo trazia mudanças na concepção de Deus e da religião, que estavam em processo de elaboração. Não podemos esquecer que o contexto no qual Cirilo prega é marcado por heresias e conflitos com o Cristianismo, o que levava alguns fiéis até mesmo ao abandono da religião. Nesse sentido, o acompanhamento mistagógico, indicava também responsabilidade e prudência no acolhimento e preparação de novos fiéis a fim de estarem amadurecidos no processo de conversão e de participação nesta comunidade de fé.

Esta ação de pastoreio também é pertinente na sociedade contemporânea. Não queremos, com isso, dizer que deve ser uma atitude apologista da fé cristã, ou de impedimento da evasão, mas no sentido de uma Iniciação Cristã fundada no próprio Mistério de Deus, na liberdade e na maturidade.

Esta estrutura de acompanhamento na formação da fé cristã respeita o ritmo pessoal e, estando atenta ao processo de compreensão, adesão e conversão, repropõe os conteúdos fundamentais com novos métodos, em vista de uma real

assimilação da parte do iniciante⁷⁴². Nesse processo oportuniza-se a passagem da fé recebida para a fé decidida. Assim procedendo, é a experiência de interiorização e de amadurecimento que define a aceitação comprometida da fé⁷⁴³.

A comunidade local, que assume essa experiência como postura fundante e fundamental, torna-se comunidade de iniciação. Neste sentido, outros elementos da mistagogia devem estar presentes, como a comunicação de ensinamentos, o acompanhamento da vida pessoal, o respeito às trajetórias pessoais, os testemunhos e práticas orantes. É a tradição mistagógica tornada viva e cotidiana na comunidade local.

Em síntese, embora a experiência mistagógica seja uma experiência pessoal, ela se realiza num ambiente no qual se vive e se transmite a Tradição cristã, a abertura ao dinamismo do Espírito e a dimensão testemunhal e missionária⁷⁴⁴. A voz do mestre, do mistagogo, é também a voz da comunidade de fé, que convida e acompanhar na direção do caminho de conhecimento e de transformação pessoal e existencial.

4.1.4

A Mistagogia da Liturgia

Se há um lugar de excelência da experiência mistagógica, ele reside na liturgia. Na Tradição e no Magistério, a liturgia teve sempre o primado no que diz respeito à mistagogia. É na liturgia que o Mistério pascal se faz presente. Na interpretação do liturgista S. Marsili:

A Liturgia não é apenas uma ‘instituição’ que nos veio de Cristo, mas é a continuação ritual do mistério de Cristo. Em outras palavras, na liturgia, o próprio evento da salvação torna-se presente e ativo para os homens de todos os tempos e lugares e, conseqüentemente, toda ação litúrgica representa um suceder-se de momentos na história da salvação⁷⁴⁵.

Dentre as muitas acepções do termo mistagogia, já considerados no capítulo segundo deste trabalho, tornou-se recorrente a compreensão de

⁷⁴² Cf. BUNGE, G. op. cit.

⁷⁴³ Cf. LIBANIO, J. B. *Eu creio, nós cremos*. op. cit., p. 58.

⁷⁴⁴ Cf. LAFONT, G. op. cit., p. 23.

⁷⁴⁵ MARSILI, S. A Liturgia. Momento histórico da Salvação. In: NEUNHEUSER, B. et al. *A Liturgia. Momento histórico da Salvação*. (Anámnese I) São Paulo: Paulinas, 1986, p. 94.

mistagogia como tempo propício e como metodologia pedagógica da Iniciação ao Mistério. As Homilias Mistagógicas eram justamente reservadas a este tempo pascal para que os neófitos compreendessem o Mistério no qual já estavam inseridos, pois já haviam participado das ações litúrgico-sacramentais. O Caminho catecumenal se refere mais à metodologia, às mediações que auxiliariam no processo de inserção do catecúmeno na dinâmica do Mistério.

A Liturgia não é um conjunto de lugares ou símbolos funcionais, mas é ação sacramental da presença salvadora de Jesus Cristo na Criação. Todos os elementos e pessoas reunidos são sinais, mediadores na comunicação simbólico-religiosa da liturgia⁷⁴⁶. A Liturgia se dá na assembléia reunida, na Igreja. É ela também que dá à Igreja seu caráter de Mistério de Deus, “não apenas no sentido gnosiológico de uma verdade revelada, mas na sua acepção existencial, como realidade que em si mesma é objeto da nossa profissão ‘*credo Ecclesiam*’⁷⁴⁷”.

Em Cirilo de Jerusalém, o evento litúrgico é o centro de sua reflexão teológica e orientações catecumenais. Ele fala a partir das ações litúrgico-sacramentais, de dentro delas, elaborando uma teologia litúrgica e conduzindo os iniciantes à compreensão e participação consciente da realidade da qual se tornam partícipes pelos sacramentos da Iniciação Cristã. A Liturgia é a fonte e o lugar teológico para Cirilo de Jerusalém. É nesta experiência que o ser humano se identifica com Cristo em sua centralidade salvífica e inicia um processo de reconfiguração de toda a sua vida neste novo caminho.

A Liturgia é princípio mistagógico não apenas por seu princípio ativo – o Mistério pascal de Cristo – mas porque, a partir deste princípio, ela mobiliza todas as demais dimensões para uma mistagogia viva: a escuta da Palavra, a integração da pessoa inteira no mistério da Salvação, a integração das relações fundamentais da pessoa (consigo, com os outros, com o mundo, com Deus), a revisão e mudança de vida, a partilha, o testemunho comunitário e o envio à missão.

As ações litúrgicas são princípios mistagógicos, pois mobilizam a pessoa e a assembléia tanto como mediações para o encontro com o Mistério, como por tornarem presente à consciência e à realidade o Mistério pascal. Essa integração

⁷⁴⁶ A Liturgia não é um fato apenas clerical, mas pertence a todo o povo, enquanto a todos os homens foi comunicado o sacerdócio de Cristo, todos constituem um mesmo sacrifício com ele, e toda a ação litúrgica da Igreja é comum ao sacerdote e aos presentes. Cf. NEUNHEUSER, B. et al. op. cit., p. 86.

⁷⁴⁷ BOFF, Lina. *Espírito e Missão na Teologia*, op. cit., p. 110.

dinâmica entre caminho e meta, entre desejo e realização, entre o humano e o divino, se dá por meio de uma participação existencialmente engajada. No processo de ICA, cada pessoa é convidada a fazer este caminho, a decidir livremente por esta acolhida do Mistério na sua vida por intermédio da comunidade sacramento: a Igreja. Assim sendo, as ações litúrgicas comunicam e já implicam conversão existencial e de atitudes. Por isso mesmo, configuram cada participante em Jesus Cristo, realizam a fraternidade e enviam à solidariedade com a Criação. É uma comunicação efetivamente transformadora da pessoa, da sociedade e do cosmos. Sua recepção é responsiva, pois suscita uma resposta coerente, no seguimento de Jesus⁷⁴⁸. É dinâmica, histórica, atualizadora, libertadora, integradora. É realização progressiva do projeto divino da salvação. “É dinamismo no qual cada pessoa se encontra com o Pai, por Jesus Cristo, no Espírito, o qual realiza o seu desígnio salvífico sobre o homem e sobre a mulher”⁷⁴⁹. É caminho mistagógico no qual o mediador é o próprio Cristo Jesus.

Através das ações litúrgicas, as pessoas são inseridas na trajetória da Tradição, os sinais tornam-se mediadores desta participação, convidam, convocam, performatizam à medida que são acolhidos na assembléia reunida. Os sinais tornam-se presença divina à pessoa, não uma presença virtual, mas uma presença mistagógica. Não se reduzem a rubricas, a uma atitude interpretativa, a uma mimetização gestual. A Liturgia deve convocar a assembléia reunida a deixar-se conduzir à centralidade do Mistério que ali se realiza. O significado tradicionalizado na Liturgia se une à experiência viva dos fiéis reunidos em torno do altar.

Daí a importância de estabelecer a centralidade mistagógica entre os elementos litúrgicos, conduzindo à abertura sensível ao Mistério, de forma pessoal, comunitária, universal e cósmica. Os elementos presentes devem conduzir à inserção progressiva no Mistério de Deus que a todos envolve.

Em nossa sociedade, as realidades de tempo e de espaço vêm sofrendo uma revisão conceitual. No primeiro momento da modernidade, a ruptura com o passado tornou-se uma condição para o progresso moral, intelectual, econômico, social. No futuro estaria a realização da sociedade e, para tanto, o desapego ao passado e à tradição tornou-se necessário.

⁷⁴⁸ Cf. HAIGHT, R. op. cit., pp. 176-177.

⁷⁴⁹ BOFF, Lina. *Espírito e Missão na Teologia*, op. cit., p. 110.

Na Liturgia, esta dinâmica possui outro sentido. O tempo é o tempo da Graça de Deus; passado, presente e futuro são tempo contínuo e não linear na liberdade da Graça e nas respostas da humanidade. Não se estabelece uma lógica de produtividade, de superação, de progresso, pois a Liturgia celebra o agir de Deus hoje e sempre⁷⁵⁰. É um tempo real e também escatológico. Nesse sentido, à medida que a liturgia torna-se experiência mistagógica, ela integra as dimensões de tempo-espaço e insere os fiéis nessa dinâmica. A assembléia reunida é participante do Mistério, protagoniza a liturgia e, a partir dessa experiência, potencializa a revisão de sua existência, re-interpreta o mundo numa nova ótica e, conseqüentemente, constrói novos significados para suas escolhas e seu agir cotidiano⁷⁵¹.

Na Liturgia, os conceitos de passado, presente e futuro ganham um novo sentido. O distanciamento cronológico é superado pela ideia de *kairós*, de tempo da Graça. É o caráter kairológico da salvação, sua acolhida e realização efetiva no hoje da história, acolhida que se torna sacramental, sinal salvífico para toda a história da humanidade⁷⁵². Mistério que se revela numa propensão escatológica dinâmica que, por si mesmo, faz e refaz incessantemente sua leitura hermenêutica. Exige uma ausculta constante, atenta, contínua, sempre em busca de novas estruturações, novas compreensões que se anunciam a cada momento kairológico.

Vale a pena revermos aqui o texto integral do liturgista A. Triacca:

O tempo litúrgico é o tempo para o qual Cristo é 'tudo', ao passo que, concomitantemente, se continua o que no tempo Cristo fez e prossegue fazendo aos seus membros. Todo fiel, ao viver essa realidade e com essa atitude, está fazendo hoje a exegese existencial do Cristo ontem, hoje e sempre. Em um hoje perene, o tempo litúrgico tem a capacidade de ritmar e avaliar a existência do homem resgatada em um 'hoje da graça' em que a palavra de Deus se torna vida⁷⁵³.

Com relação ainda ao conceito de espaço, também este é reformulado na experiência litúrgica. Ali ocorre uma integração que aproxima espaços distantes no tempo cronológico e no espaço histórico-geográfico. A assembléia reunida está em unidade com toda a assembléia dos filhos e filhas de Deus de ontem, de hoje e

⁷⁵⁰ Cf. TRIACCA, A. M. Tempo y liturgia. In: SARTORE, D. e TRIACCA, A. (orgs.) *Nuevo Diccionario de Liturgia*. Madrid: Paulinas, 1987, pp. 1973-1974.

⁷⁵¹ Idem, p. 1982.

⁷⁵² Idem, p. 1974.

⁷⁵³ Idem, p. 1987.

de amanhã⁷⁵⁴. A Liturgia é ação histórica e meta-histórica. O caráter local integra-se ao dinamismo global, no sopro fecundo do Espírito de Deus. A Tradição é acolhida como fonte que nutre e renova a comunidade presente.

Enquanto lugar privilegiado da experiência mistagógica, a ação litúrgica fecunda uma relação entre a Igreja e o mundo⁷⁵⁵. A Igreja é o sacramento de salvação no mundo, comunicação do mistério salvífico ao mundo. A ação litúrgica fecunda a vida nova de Cristo Jesus em cada fiel, e este, torna-se sinal, sacramento deste mistério, no mundo⁷⁵⁶.

Pela ação litúrgica, a mistagogia não apenas é experimentada na assembléia reunida, como atinge toda a humanidade. O mistério celebrado é princípio gerador da missão da Igreja, ou seja, de que a Boa Nova seja anunciada a todos os povos.

Enfim, a ação de Cristo na Liturgia, a inserção dos fiéis no Mistério pascal, e seu agir missionário no mundo, não são realidades distintas, mas em profunda comunhão. A Liturgia não é um momento de aprendizado ou de motivar uma intencionalidade cristã. As ações litúrgicas geram a vida nova, o seguimento de Jesus, a resposta missionária. Por outro lado, a missão reenvia à Liturgia, em um processo de crescimento na direção da plenitude da vida em Cristo⁷⁵⁷.

4.1.5

A pessoa humana e a experiência do Mistério

A mistagogia é a iniciação à experiência do Mistério, à vida cristã enquanto experiência do Mistério. O Mistério é Deus mesmo. É a realidade divina comunicada pelo Pai, ao Filho e ao Espírito Santo, deles para a pessoa humana. Como o Mistério já está em nós pela Graça que nos insere nele mesmo, é possível uma iniciação a um modo de aproximar-se do Mistério. Esta iniciação só é possibilitada pela experiência, enquanto percepção de algum modo consciente, da presença do Mistério. É uma experiência mística, uma “auto-realização radical e

⁷⁵⁴ Cf. CUVA, A. Asamblea. In: SARTORE, D. e TRIACCA, A. M. op. cit., p. 177; BUYST, I; SILVA, J.A. op. cit., p. 100.

⁷⁵⁵ SC 9.

⁷⁵⁶ Cf. LODI, E. op. cit., p. 108.

⁷⁵⁷ Idem, pp. 124-125.

última do homem em espírito e liberdade, de um homem salvo e radicalizado na graça sobrenatural, autocomunicação de Deus”⁷⁵⁸.

Como vimos no capítulo inicial deste trabalho, na sociedade contemporânea, a iniciação vem a ser uma via de reintegração da pessoa humana e suas relações fundamentais, pois ela envia a pessoa humana à sua verdadeira natureza, a conduz ao encontro do sentido do existir, e orienta o agir pessoal e comunitário.

A Iniciação Cristã aponta para a perspectiva de um caminho no qual cada pessoa tem o seu ritmo, sua dinâmica de abertura e acolhida do Mistério através de uma sucessão de experiências. A experiência é fator determinante da mistagogia. Toda a metodologia – linguagem, orientações, práticas, seleção de conteúdos, momentos de oração e de escuta da Palavra – tem como escopo a experiência, seja preparando-a, favorecendo-a ou potencializando-a.

Segundo a antropologia teológica desenvolvida por K. Rahner, toda experiência humana tem uma dimensão tanto categórica como transcendental. A dimensão categórica está mais relacionada com as proposições, com as afirmações objetiváveis. Ele emprega a categoria transcendental para apontar um nível de consciência mais profundo, mais importante, e anterior à articulação, conceituada pelo termo categórica⁷⁵⁹. Rahner quer alertar que a vida não é limitada ao mundo óbvio de proposições claras e ações externas e, de que estas objetivações provêm de um solo mais primordial, que ele denomina de dimensão transcendental.

Para nossa elaboração, importa percebermos o primado da experiência e também sua complexidade. Não entendemos aqui a experiência da pessoa humana como um simples experimento inovador ou mesmo uma percepção sensível, de caráter mais empírico. Partimos da compreensão de experiência a partir do termo alemão - *erfahrung*, que procede da raiz *fahren*, viajar, e contém como um de seus significados o conhecimento que consente o contacto com a realidade, produzido graças a uma trajetória através dela⁷⁶⁰. Com este conceito, queremos designar não toda e qualquer percepção, mas apenas aquela que é assumida pela pessoa, enriquecendo sua consciência, abrangendo a racionalidade que se adquire no

⁷⁵⁸ RAHNER, K. *Ungegenständliche Meditation*. Grunewald, 1979, pp. 354-368. Citado por SUDBRACK, J. *Mística cristã*. In: GOFFI, T. e SECONDIN, B. (orgs.) *Problemas e perspectivas de Espiritualidade*. São Paulo: Loyola, 1992, p. 293.

⁷⁵⁹ Cf. BACIK, J.J. op. cit., p. 22.

⁷⁶⁰ Cf. VELASCO, J. M. *La experiencia cristiana de Dios*. Madrid: Trotta, 1996, p. 57.

exercício vivencial. Nas palavras de P. Ricoeur, toda experiência é uma “síntese ativa de presença e interpretação”⁷⁶¹. A identidade da pessoa e/ou da comunidade significa responder a uma questão: quem realizou tal ação? Essa resposta caracteriza a pessoa ou o grupo em questão, e para expressá-la é necessário narrar a experiência vivida. É, de fato, narrando a si mesmo, ou o que desejaria ser, que se caracteriza a identidade. Esta é construída e reconstruída nessa dinâmica entre a presença à ação e a interpretação da mesma ação⁷⁶².

A experiência é também demarcada por sua complexidade, envolve sujeito e comunidade, pessoa histórica e situada, com representações e significados, com uma linguagem própria. Enfim, a experiência não pode ser isolada de todos estes fatores, como experiência única, definível em si mesma ou mesmo estática. Ela entra numa dinâmica complexa, que articula pessoa e comunidade humana, que tem uma dimensão objetivável, mas também uma hermenêutica que não se esgota em si mesma. E vai além, dela participa a dimensão transcendental, que a fundamenta, potencializa e dinamiza na direção do saber.

A pessoa é tocada e modificada pela experiência e, a partir dela, constrói uma linguagem. As condições pessoais condicionam um determinado quadro interpretativo, que pode diversificar o processo de objetivação da experiência⁷⁶³. Por outro lado, também a presença do objeto é maior do que a consciência situada e do que a linguagem que procura dizer desta aproximação⁷⁶⁴. Todo objeto é mais do que o sujeito experimenta; ele se autotranscende⁷⁶⁵.

Contudo, aqui entra mais um determinante da antropologia rahneriana: a experiência de encontro com o Transcendente possui uma originalidade que consiste em que a presença deste Outro se manifesta no interior da pessoa constitutivamente. O Mistério que se deseja conhecer já está ali, se antecipa, se apresenta, se autocomunica. O Mistério de Deus não é algo acrescentável, como um objeto externo que se inclui ou exclui, mas se manifesta a partir de uma presença já possuída interiormente, que ilumina a própria presença humana como

⁷⁶¹ Citado por VELASCO, J. M. *ibid.*, p. 43.

⁷⁶² Cf. BOURGEOIS, H. *op. cit.*, pp. 182-183, citando RICOEUR, P. *Le temps raconté*. In: _____. *Temps et récit*. III. Paris: Seuil, 1985, pp. 352-359.

⁷⁶³ Cf. GELABERT, M. Experiência. In: PIKASA, X.O. e SILANES, N. (dir.) *Dicionário Teológico O Deus Cristão*. São Paulo: Paulus, 1998, p. 335.

⁷⁶⁴ Cf. LIMA VAZ, H. C. A linguagem da experiência de Deus, *op. cit.*, pp. 243-244.

⁷⁶⁵ *Ibid.*, p. 336.

a realidade vivida mais intimamente, imanente, e que afeta não uma faculdade humana (a do entendimento, por exemplo), mas todas ao mesmo tempo⁷⁶⁶.

É o mesmo K. Rahner quem resgata a pedagogia do Mistério, e nos fala na presença da mistagogia na evangelização, como uma dinâmica onde o anúncio da fé cristã dialoga com as condições e com as questões que a pessoa humana traz em si. Dinâmica esta que não se limita a refletir a expressão correta da verdade salvífica, mas também a busca da verdade experimentada na vida e na comunidade eclesial⁷⁶⁷: “A evangelização, como mistagogia, se permanece apenas como doutrinação, estará errando em sua própria essência. Ela é apelo irrompido do mais íntimo âmago da pessoa humana agraciada”⁷⁶⁸.

Na mistagogia de Cirilo de Jerusalém, a fundamentação na experiência é um norteador. Sua concepção de pessoa humana não tem correspondência com a antropologia moderna, nem poderia. É um período, no qual, as perguntas filosóficas com relação à ontologia humana são marcadamente gregas. A tradição platônica está sendo apreendida e sua antropologia dualista começa a influenciar o universo cristão. Contudo, a antropologia judaico-cristã não encontra seu fundamento nesta mesma tradição e, ao voltar-se para o processo de Revelação do Deus de Jesus Cristo, do Deus da Sagrada Escritura, do Deus que orienta e acompanha seu povo passo a passo, a concepção de pessoa humana que está por trás é a semita: uma concepção não dualista, que compreende o homem em sua integralidade, que não separa sujeito e conhecimento da experiência que é vivida e elaborada por ele. Cirilo de Jerusalém se inscreve entre os Padres da Igreja que têm na Sagrada Escritura sua fonte de saber teológico e, com este embasamento, não se sintoniza com a filosofia dualista⁷⁶⁹.

A realidade livre e dinâmica da Revelação e seu diálogo fecundo com cada pessoa humana são percebidos nas homilias de Cirilo mais do que uma fonte inspiradora. Esta teologia subjaz enquanto considera o caráter ativo e criativo do caminho mistagógico. A mistagogia é experiência. É imprescindível que a pessoa humana, em sua liberdade, se abra, acolha, e responda ao chamado de Deus que ecoa na profundidade de seu ser. Neste contexto, Cirilo não apenas compreende esse dinamismo fecundo como respeita e orienta um processo de abertura

⁷⁶⁶ Ibid., p. 179.

⁷⁶⁷ Cf. RAHNER, K. *O desafio de ser cristão*. Petrópolis: Vozes, 1978, p. 48.

⁷⁶⁸ Ibid.

⁷⁶⁹ Cf. RIGGI, C. op.cit., p. 7.

sistemática, responsável e comprometida com o projeto do qual o iniciante se torna consciente e participa.

Além disso, Cirilo não separa a experiência pessoal da experiência comunitária e, no caso da Iniciação Cristã, esta se fundamenta na experiência primeira, de encontro com o Cristo Ressuscitado, na sua continuidade apostólica e na caminhada da Igreja. Neste sentido, Cirilo não incentiva uma experiência intimista ou ritualística, mas se insere na compreensão de seus contemporâneos, de integração dos iniciantes na grande comunidade eclesial e humana, como filhos e filhas de Deus a caminho do Pai.

Nesta compreensão da inter-relação entre os diversos elementos que constituem a experiência, há também uma relação entre a experiência particular e a experiência geral, entre a experiência local e a experiência global, no que concerne à abertura à Revelação de Deus. Ou seja, a experiência mistagógica é particular, original, abertura livre de cada pessoa à comunicação divina em sua vida. Neste sentido é única, irrepetível, singular. Por outro lado, ela tem um caráter universal, por sua essência e comunicação comum a todos os homens e mulheres.

Esta percepção nos convida a uma postura de abertura dialógica permanente e ao caráter de gratuidade, liberdade e humildade da Revelação. Ninguém está excluído desta experiência, o que afirma sua validade para todos os homens e mulheres. Todos são interpelados e convidados à resposta e, cada um, em particular, é sujeito ativo desta relação amorosa e misericordiosa da pedagogia divina. Neste mistério, cada pessoa é única no dom de Deus e, ao mesmo tempo, participa em uma comunhão de irmãos no dinamismo criativo e hermenêutico interno a este diálogo.

4.1.6

A comunidade de fé como lugar teológico

A dinâmica da Revelação e da Fé nos remete ao tema da experiência subjetiva, da experiência da pessoa humana, atuada pela Graça de Deus, e impelida à abertura existencial e consciente ao projeto de Deus. No entanto, a subjetividade humana é constituída na alteridade, na experiência dialógica, nas relações consigo mesmo, com os outros, como mundo e com o Transcendente. No

que diz respeito à Iniciação Cristã, a configuração da pessoa em Cristo Jesus é uma dinâmica intersubjetiva, sacramental, eclesial, enfim, pessoal e comunitária.

Pensar a experiência comunitária cristã como um dos princípios da mistagogia, é evidenciar o dinamismo das relações na construção da pessoa humana como um fundamento antropológico e teológico. A experiência da fé cristã é uma experiência comunitária. Da Igreja recebemos a fé vivida, interpretada, transmitida, obra do Espírito que age na história e na vida das comunidades. É a dimensão sacramental da Igreja, mistério de salvação no mundo⁷⁷⁰.

Retomando a teologia da Revelação, compreendemos que o princípio constitutivo da teologia é a Palavra de Deus, a Palavra testemunhada na Bíblia, tradicionalizada *na e pela* Igreja. Palavra que é *dabar*, que é viva, dinâmica, fala aos homens e mulheres *na história e para além da história*⁷⁷¹. Enfim, Palavra que se revela e é acolhida subjetivamente e contextualmente.

A dinâmica da Revelação nos ensina que não existem respostas fixas, conceitos definitivos, receitas comunitárias. “A Palavra misteriosa de Deus é um transcendental que não se esgota em categorial nenhum”⁷⁷². Nem mesmo quando diz respeito à mesma e única comunidade eclesial local. A Revelação mantém seu dinamismo revolucionário e renovador na direção do *homem novo* e da *mulher nova*. Novos cenários reivindicam a retomada da tradição passada, como experiências fontais e sacramentais, e também uma hermenêutica capaz de dialogar com as novas realidades. Temos aqui uma dinâmica que é ao mesmo tempo: tradicional e atual – passado, presente e futuro – única e histórica – fontal e dialogal. Enfim, realidades que parecem distantes se complementam, se integram, dialogam entre si, inaugurando ressignificações diante das novas realidades.

A resposta de fé da comunidade é resposta à iniciativa divina, à Revelação, ou seja, seu fundamento não reside em si mesma, mas na proposta divina. A fé

⁷⁷⁰ “A própria Igreja se define como comunidade cultural, comunidade sacerdotal, comunidade profética. São conceitos eclesiológicos fundamentais, antes relegados a segundo plano, e agora, carregados de força renovadora na função litúrgico-sacerdotal de toda a Igreja”. Cf. BOFF, Lina. *Espírito e Missão na Teologia*. op. cit., p. 111.

⁷⁷¹ Sobre o significado da palavra *dabar* ver nota 124 no 1º. Capítulo deste trabalho.

⁷⁷² Cf. BOFF, Cl. op. cit., pp. 95-96; 120.

eclesial possui suas referências na Palavra de Deus. “A fé da comunidade não é constituinte, mas constituída pela Revelação. Essa é que é constituinte”⁷⁷³.

“O Povo de Deus é constituído pela Palavra”⁷⁷⁴. A Palavra acolhida e assumida na vida torna-se testemunhal, torna-se fato. Mais do que uma doutrina que é ensinada, o Povo de Deus que acolhe e vive a Palavra torna-se missionário pelo próprio testemunho. Seu testemunho está fundado no querigma não apenas proclamado com a boca, mas professado com a própria vida. É Revelação acontecendo na história através do Povo que responde à sua vocação evangelizadora.

A Igreja local deve responder à identidade crística que a fundamenta e que a impele através de um movimento de profunda integração entre a Revelação e suas dimensões interpretativas. Ao mesmo tempo deve se reconhecer mistagógica, ou seja, parte de uma dinâmica que passa por dentro dela sem jamais se deter neste espaço sócio-histórico. Reconhecendo esta identidade, a Igreja local se estrutura enquanto experiência mistagógica e irradia a comunhão trinitária. Esta identidade espiritual profunda a conduz para uma auto-reflexão, para olhar sobre si mesma, a fim de reorientar suas práticas, integrar a fé e a vida, a catequese e a liturgia, a pessoa e a comunidade, a comunidade e a sociedade. O mistério da Salvação é vivido na história de homens e mulheres que assumem sua vocação batismal e fecundam a sociedade como missionários de seu tempo.

A perspectiva sociológica diria que o local e o global se conectam de tal forma que um influencia o outro dialeticamente⁷⁷⁵. O enraizamento nas fontes, na Tradição, no Magistério eclesial, são vivenciadas no *locus* do cotidiano, no espaço específico. Por outro lado, essa experiência local problematiza e constrói novas circularidades hermenêuticas que, ao sopro do Espírito, renovam a dimensão global e universal da Igreja⁷⁷⁶.

⁷⁷³ Idem, p. 120.

⁷⁷⁴ Idem, p. 111.

⁷⁷⁵ Sobre o tema da articulação e limites entre a realidade local e a global ver GIDDENS, A. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Unesp, 1991, pp. 69ss.

⁷⁷⁶ Segundo os documentos do Concílio Vaticano II, a única Igreja de Cristo existe ‘nas’ e ‘a partir das’ igrejas particulares, especialmente na Eucaristia. (LG 23) As igrejas particulares e a Igreja universal se incluem mutuamente cada uma nas outras. As igrejas particulares não são meras extensões da Igreja universal, compartilham da mesma existência. Sobre o tema da integração dinâmica entre Igreja local e Igreja universal ver artigo da teóloga A. M. Tepedino. *Eclesiologia de comunhão: uma perspectiva*, op. cit.

O fato de trazermos a comunidade como lugar teológico para a mistagogia se articula com a dimensão de reflexividade presente na sociedade atual. A dinâmica de partilha, construção e desconstrução de conceitos, que se desenvolve na ICA suscita a elaboração pessoal de novas sínteses. A escuta sensível das práticas discursivas entre os catecúmenos promove revisão e novas interpretações que vão sendo produzidas a cada encontro. Para que esta dinâmica ocorra, a comunidade deve cultivar a abertura dialógica e estabelecer os vínculos entre as pessoas, seus mundos e significados que carregam⁷⁷⁷. É no bojo desta dinâmica comunitária que se desenvolve a confiança, as partilhas e os processos reflexivos.

Nosso processo de investigação e reflexão a partir de uma comunidade eclesial local caminhou nesta perspectiva. A comunidade local da *Casa de Oração Batismo do Senhor* tornou-se lugar teológico, constituída pela Revelação dinâmica, atual e atualizada da Palavra da qual se fez ouvinte e intérprete.

Na Igreja primitiva, as comunidades locais eram presididas cada uma por um bispo, que se mantinha em comunhão com a Igreja única⁷⁷⁸. Em Cirilo de Jerusalém, não aparece demarcada uma experiência eclesial, mas as ações litúrgico-sacramentais se dão em comunidade eclesial, assim como o acompanhamento dos catecúmenos em processo de Iniciação Cristã. Na mistagogia percebida nas Catequeses de Cirilo de Jerusalém, vimos uma experiência de fé vivida em comunidade, mediada *na e pela* comunidade. Cirilo é mediador de um caminho que não principia nele, mas anuncia um projeto salvífico do qual é transmissor, e do qual a comunidade, Povo de Deus, participa. A comunidade eclesial se insere nesta perspectiva. É ela, em seu conjunto, que transmite a Tradição, testemunha a fé e a interpreta. Ela é o espaço hermenêutico vital onde os fiéis, em seus contextos pessoais, sociais e históricos, se inserem na trajetória viva daqueles que receberam, viveram e transmitiram a fé cristã.

Portanto, o caráter comunitário não é ocasional, mas exigência intrínseca à dinâmica salvífica. Na comunidade, a dinâmica da Revelação é vivenciada em sua dupla dimensão, de proposta e de resposta. A comunidade de fé é proposta do Deus trinitário, que se revela incessantemente e dialoga com as respostas pessoais e grupais, que retornam à comunidade, em um processo dinâmico de revisão e de atualização da fé.

⁷⁷⁷ Cf. LASH, S. op. cit., p. 149.

⁷⁷⁸ Cf. TEPEDINO, A. M. op. cit., pp. 185-186.

A experiência da fé cristã, como resposta do mais profundo do ser à proposta de Deus supõe compromisso, entrega e engajamento⁷⁷⁹. A experiência de fé vivida na comunidade suscitará esse movimento intrínseco à dinâmica da Revelação e poderá construir, a partir do olhar para o mundo e para o projeto de Deus, atitudes concretas de missão e testemunho transformador das estruturas desumanizantes e injustas encontradas. Essa é mais uma experiência central na ICA, pois é um grupo inserido no mundo e, como cristãos, tornam-se sal da terra e luz do mundo, assumem o seguimento de Jesus como missão e testemunho transformador.

4.1.7

Fidelidade e continuidade

O dinamismo dialógico entre fidelidade e continuidade tem sua fonte na própria autocomunicação de Deus à humanidade. Este não é um processo aleatório ou abstrato, é um processo marcado pela historicidade do Revelador. As palavras de K. Rahner definem este dinamismo:

Nesta autocomunicação Deus mesmo entra na história em forma espaço-temporal e não é apenas um fundamento transcendental para além da história. (...) Deus se comunica a esta história criatural nos momentos de reflexão da Palavra, no culto, na comunidade, como frutos possíveis e sustentados da graça⁷⁸⁰.

Compreendida como fundamento e como orientação, a mistagogia traz em seu cerne o dinamismo passado-presente-futuro, no que concerne ao anúncio querigmático, sua acolhida, recepção e hermenêutica. Em outras palavras, a Revelação é acontecimento experimentado e interpretado ao longo da história da humanidade, atua no momento presente e aponta para o futuro, num processo de atração de toda a história e toda a Criação para sua origem em Deus.

Esta constatação demarca uma necessária avaliação do conceito de Revelação que fundamenta a práxis pessoal e comunitária. Reconhecer que a Revelação é movimento, é se dar conta de que a realidade que a sustenta é o Deus da Vida, é o Deus que ama e respeita a cada um de seus filhos e filhas em seu processo livre de abertura ao seu próprio Mistério. Este fundamento teológico

⁷⁷⁹Cf. LIBANIO, J.B. *Eu creio, nós cremos*. op. cit., p. 165.

⁷⁸⁰RAHNER, K. *Fondamenti della Teologia Pastorale*. Brescia: Herder/Morcelliana. 1969, p.12.

aponta para concebermos a ICA como um processo aberto à experiência e não como algo formal, mediatizado pela tradição interpretativa, o que seria enclausurar a Revelação no tempo e no espaço. A ação de tradicionalizar o passado para o presente como uma repetição mimética, é particularizante, abstrata e distante da realidade o que, conseqüentemente, deixa de ser um caminho mistagógico, para ser apenas um caminho de adesão silenciosa⁷⁸¹.

Os Padres da Igreja são fonte de sabedoria também no que diz respeito a este fundamento teológico. Sua atenção às reflexões de base do Cristianismo e às orientações do Magistério é apresentada como identidade que convida à acolhida e à resposta livre e comprometida dos iniciantes. Em sua dinâmica mistagógica, Cirilo de Jerusalém incorpora este fundamento em muitas de suas mediações. Por exemplo, a linguagem narrativa e alegórica na apresentação da Sagrada Escritura é essencialmente dialógica, convida o ouvinte à acolhida, identificação, apropriação simbólica e, finalmente, à pertença ao processo.

Este pressuposto ressalta duas referências centrais: a liberdade de Deus e a novidade da história⁷⁸². Há uma correlação entre a palavra de Deus e a existência do homem, o Mistério revelado tem pertinência existencial e histórica, e toda a existência está iluminada pela mensagem revelada⁷⁸³. As palavras de R. Haight confirmam este fundamento:

Deus não é apenas transcendente e em outro mundo; Deus está neste mundo, e os símbolos o tornam presente. Pela criação, pela encarnação e pela graça, Deus se faz a própria interioridade das coisas. Por conseguinte, a mistagogia simbólica quer dizer que a transcendência de Deus é também a alteridade de Deus que é imanente. O próprio mundo é mistério pelo fato de Deus encontrar-se em seu cerne⁷⁸⁴.

Na mistagogia não se prescinde da Tradição e do Magistério, não se prescinde da experiência passada e acumulada na história do Povo de Deus. Por exemplo, a profissão de fé e o compromisso pessoal e comunitário estão em aliança contínua. Os símbolos da fé demarcam a identidade cristã e, como tal, devem anunciar e convocar a esta identidade a partir da experiência mistagógica.

⁷⁸¹ Sobre esta interpelação ver QUEIRUGA, A.T. *A Revelação de Deus na realização do homem*. op. cit., p. 100.

⁷⁸² Idem, p. 112.

⁷⁸³ ALBERICH, E. *La catechesi della Chiesa: saggio di catechetica fondamentale*. Leumann: Elledici, 1992, p. 63.

⁷⁸⁴ HAIGHT, R. op. cit., p. 179.

É identidade e, ao mesmo tempo, é diferença, pois cada experiência se apropria desta identidade como sua, como parte, como participação no Mistério de Cristo.

Daí a necessidade do termo ‘continuidade’, a fim de que não se caia numa diferenciação particular, intimista, isolada do processo da Tradição e do Magistério. Este é um processo dialógico e, como tal, deve pressupor uma experiência de penetração na linguagem da Tradição, seguida de uma reflexão orientadora desta experiência, realizada por um mediador entre a Tradição e o momento presente.

Desenvolve-se, assim, um diálogo reflexivo e hermenêutico, um processo de acolhida do mistério, participação e resposta pessoal e também comunitária. Este processo implica uma escuta do passado, com sua exegese e reconstituição histórica, em seus termos e contextos. O passado é acolhido como sabedoria fonte, com verdades a serem preservadas em sua identidade primeira e, com ele, deve se estabelecer um diálogo dentro do contexto contemporâneo, que recree o processo a partir de sua fonte, em continuidade fiel e criativa⁷⁸⁵.

Deste diálogo surgirão novas sínteses, uma convergência que, ao mesmo tempo, inaugura uma nova compreensão do antigo símbolo. R. Haight afirma que esta perspectiva de continuidade é conservadora do significado original.

A interpretação deve ser fiel, inteligível e potencializadora; fiel aos símbolos da Escritura e à história da doutrina, que são elementos constitutivos da comunidade; inteligível em um horizonte contemporâneo de consciência; e aplicável ao presente e ao futuro imediato da comunidade, de forma a engendrar e a alavancar sua práxis⁷⁸⁶.

Em Cirilo de Jerusalém, observamos que ele apresenta a teologia em sua forma dogmática, mas se mostra atento para que não chegue aos catecúmenos como uma imposição, mas como uma trajetória eclesial, da qual passam a fazer parte, como fiéis e como interlocutores. Nas narrativas bíblicas, Cirilo convida, em primeiro lugar, à escuta da Palavra, e depois ao diálogo com a realidade dos iniciantes. A Tradição da Igreja é transmitida como um tesouro vivo, passado às suas mãos, ao qual são convidados a participar como herança fecunda de suas vidas e de toda a humanidade, numa perspectiva escatológica.

⁷⁸⁵ Sobre este tema conferir HAIGHT, R. op. cit., pp. 191-210.

⁷⁸⁶ Ibid., p. 210.

A Profissão de fé está longe de ser uma transmissão estéril. Cirilo perpassa os artigos do Credo alinhavando todo o caminho da fé cristã e sua herança apostólica. A Profissão de Fé é, antes, uma experiência vivida e assumida comunitariamente. E vai além. Ela não é um código a ser repetido, mas é vida a ser configurada, ou seja, ela não está pronta como realização, mas nos convoca a nos tornarmos, em Cristo, novas criaturas. Sendo assim, Cirilo não apenas transmite uma Tradição a ser respeitada e valorizada, mas também conservada, agregada à prática cristã em cada contexto pessoal, social e histórico.

4.1.8

A mistagogia como experiência místico-sapiencial

Na fé cristã, mística e sabedoria possuem um fundamento comum: Deus que se fez Palavra. Palavra nas experiências do povo hebreu. Palavra que se fez carne e habitou entre nós. Palavra que fecunda a terra e semeia vida nova, que performatiza o mundo, configura os homens e mulheres em Jesus Cristo e plenifica o amor de Deus em toda a Criação.

O caminho mistagógico é caminho místico, por ser abertura ao Mistério de Deus, uma configuração do próprio ser em Jesus Cristo, em um processo de crescimento de uma espiritualidade centrada em Jesus. Nesse mesmo caminho, aberto ao Mistério que se revela na Palavra, em toda a Criação e na História, a mistagogia, a pedagogia divina constrói uma caminho sapiencial ao longo da experiência pessoal. Nesse dinamismo, a espiritualidade mística e a escuta aos sinais da presença de Deus na vida, tornam-se uma única voz ecoando na pessoa humana, orientando-a a discernimentos e escolhas voltadas para o princípio e o fim da história: a realização de tudo em todos em Jesus Cristo⁷⁸⁷.

A tradição teológica identificou três componentes da fé sob a terminologia: *fides quae* (fé como palavra), *fides qua* (fé como experiência) e *fides formata* (a fé prática)⁷⁸⁸. Este primeiro componente - a fé como palavra -, refere-se ao elemento

⁷⁸⁷ Identificamos estes dois termos – mística e sabedoria, com outros dois termos, trabalhados pela teóloga M. C. Bingemer – identidade e caminho. Em seu artigo, refletindo sobre o saber de Jesus, ela conduz à pergunta pela origem do saber. Em Jesus, identidade e caminho de conhecimento possuem o único e mesmo fundamento: a iniciativa e o desejo do próprio Deus se revelar à humanidade. Cf. BINGEMER, M. C. L. Saber, sabor e sabedoria. In: BUARQUE, C. et al. *Fé, política e cultura*. São Paulo: Paulinas, 1992.

⁷⁸⁸ Cf. BOFF, Cl. op. cit., p. 30.

cognitivo da fé, à sua compreensão e elaboração em forma de linguagem. Segundo Lima Vaz, esta é, em primeira instância, uma questão filosófica: a correlação entre verdade e linguagem.

Não temos outro acesso à verdade senão através da linguagem. Esta pode ser experimentada inefavelmente nos estados mais elevados da experiência mística, por exemplo, ou da experiência estética. Mas ela não pode ser comunicada senão através de uma linguagem específica, por exemplo, a linguagem dos místicos, na qual o poder expressivo da linguagem é levado ao extremo das suas possibilidades significantes⁷⁸⁹.

Em um processo mistagógico, estamos diante de infinitas possibilidades de linguagem que nascem da experiência do encontro com Deus, tanto no plano pessoal, como no plano comunitário. A raiz dessa pluralidade de linguagens é, por um lado a própria dinâmica da Revelação e, por outro lado, a estrutura plural da experiência, ou seja, a diversidade de caminhos no diálogo com o mistério de Deus. Em outras palavras, o processo pedagógico da Revelação e sua compreensão pela pessoa humana.

Por exemplo, em Cirilo, o Símbolo dos Apóstolos é ensinado e experimentado como linguagem proveniente das fontes, construída a partir da Revelação e expressada no discernimento teológico das primeiras comunidades cristãs. É um conjunto de verdades da fé que está sendo transmitido, no entanto, Cirilo o apresenta como dinamismo da Revelação experimentada e interpretada pela comunidade apostólica e que, naquele momento, alcança as comunidades cristãs. A recepção da Tradição apostólica e o compromisso assumido fazem parte do processo de Iniciação Cristã. Cirilo apresenta uma experiência do Mistério e conduz seus iniciantes não apenas a uma compreensão cognitiva desta, mas a participarem também eles da mesma experiência de fé.

A fé é palavra, é conteúdo, é linguagem, é hermenêutica. A linguagem de fé se exprime em linguagens próprias, peculiares. A mistagogia compreende estas dimensões em profunda integração, ou seja, a fé-palavra, a fé-experiência e a fé-prática, caminham juntas, em diálogo incessante no qual um momento fecunda o outro no dinamismo pessoal, comunitário, histórico e escatológico. “A *fides quae* da comunidade se mede pela *fides quae* e nela se funda”⁷⁹⁰.

⁷⁸⁹ LIMA VAZ, H. C. Unidade e diferença: linguagem e verdade na ciência. In *Fé e Ciência: duas linguagens para uma verdade*. Rio de Janeiro: Cadernos Magis, n.º 18, 1995, p. 3.

⁷⁹⁰ Cf. BOFF, Cl. op. cit., p. 119.

A mistagogia é experiência que brota da espiritualidade orante, integrada à liturgia e à hermenêutica da comunidade⁷⁹¹. A mistagogia nasce na espiritualidade, no encontro experiencial e vivencial com o Senhor que fala na vida pessoal e comunitária. Lina Boff reflete sobre a centralidade do encontro com Jesus como experiência pessoal e missionária.

O núcleo da mistagogia é uma espiritualidade cristocêntrica, é o encontro pessoal com Jesus Cristo. O que caracteriza este encontro é o acolhimento de Cristo na própria existência; a penetração profunda no seu mistério; e a identificação íntima com sua pessoa. Quanto mais esta experiência estiver fundada sobre o encontro profundo com Cristo, tanto mais será constante a profissão de fé em Cristo e vontade livre e decidida de viver plenamente neste sentido⁷⁹².

Como vimos em seus eixos norteadores, Cirilo compreende a mistagogia como participação litúrgica e vivencial no mistério de Cristo. A liturgia e a teologia narrativa tornam-se elementos teológicos que constituem essa experiência.

Na liturgia, a comunidade experimenta a integração dos vários elementos que a conduzirão ao mergulho no Mistério pascal. Mistério que configura a vida humana, a comunidade, a história. A totalidade da pessoa é experiência viva de sacramentalidade⁷⁹³, conduz à espiritualidade radical, no sentido de ir até as raízes de seu ser, das razões de seu existir e de suas finalidades históricas e meta-históricas. A liturgia coloca em movimento o ser humano integral e o corpo-comunitário que a realiza, abrindo-se ao Mistério que a todos envolve. É experiência do absoluto, experiência mística, que configura pessoa e comunidade na sabedoria da Revelação, sempre dinâmica e processual.

A experiência mistagógica é caminho místico-sapiencial por ser integradora de todas essas dimensões, respeitando o nascedouro da fé e seu diálogo fecundo com a vida concreta. É a Revelação viva, experimentada na comunidade e que vai além dos seus próprios limites. A voz que convida a caminhar é a voz de Deus, acolhida na comunidade ouvinte e intérprete da

⁷⁹¹ Enraizada na Palavra e na Liturgia, a experiência de fé assume uma clara função mistagógica. Palavra e Liturgia unidas ganham a força que fecunda a vida no Espírito, e configuram no fiel o seguimento de Jesus. Cf. BOFF, Lina. *Espírito e Missão na Teologia*. op. cit., pp. 85-86.

⁷⁹² *Ibid*, p. 114.

⁷⁹³ Na liturgia, a concepção antropológica é de unidade - o corpo, o coração e o espírito não são elementos separados, assim como as relações fundamentais da pessoa - consigo, com os outros, com o mundo e com Deus. Desse modo a totalidade do homem é percebida e experimentada. Cf. LAFONT, G. A experiência espiritual e o corpo. In: GOFFI, T. e SECONDIN, B. (orgs.) *Problemas e perspectivas de Espiritualidade*. São Paulo: Loyola, 1992, p 11.

Palavra, capaz de abrir-se aos convites de Deus, a discernir e converter sua prática existencial e histórica.

A dimensão místico-sapiencial da mistagogia jamais é, portanto, um fenômeno isolado. Ela nasce e se propaga na comunidade eclesial, renovada por uma integração vital, no seio da tradição que se faz experiência. “A comunidade é o ambiente no qual a experiência nasce, e esta mesma revivifica continuamente a mesma comunidade, até o dia em que, como diz São Paulo, *“cheguemos todos juntos à unidade na fé e no conhecimento do Filho de Deus, ao estado de adultos, à estatura de Cristo em sua plenitude”*. (Ef 4,13)

4.1.9

A constituição prática da Revelação – o seguimento de Jesus

O seguimento de Jesus é a consequência prática do anúncio fundamental da fé cristã. O anúncio querigmático não consiste em um encontro intimista com o Deus Trinitário, mas um encontro que configura o homem e a mulher em pessoas novas, filhos e filhas de Deus, configurados em Jesus Cristo. A experiência de encontro com Jesus Cristo é uma conversão existencial na direção do seu seguimento. É a dimensão praxica⁷⁹⁴ da fé, ou seja, a Revelação que chega ao seu termo, ao compromisso pessoal e comunitário, ao projeto de Deus para todos os seus filhos e filhas. “A prática é o momento ativo da fé, a qual se particulariza nas práticas: ética, interpessoal, ético-política, social, pastoral e assim por diante”⁷⁹⁵. Ela não é, portanto, uma dimensão a mais, e sim a razão mesma de ser do crente. O seguimento de Jesus é consequência da própria aceitação do chamado. O chamado ao discipulado e o testemunho praxico estão integrados⁷⁹⁶.

Em seu processo de iniciação, Cirilo não deixa de lado a integração entre fé e vida que se expressa em gestos, em mudança de vida, em conversão, em atitudes éticas. Responsabilidade e compromisso são respostas efetivas à dinâmica da qual o iniciante toma consciência e adere na liberdade. Sendo assim, na ICA a

⁷⁹⁴ O termo ‘praxis’ é aqui utilizado na compreensão trazida por Clodovis Boff, enquanto dimensão ético-política da fé. Fé articulada com a teoria, com a reflexão e hermenêutica diante da Palavra de Deus e das situações históricas concretas. Fé entendida como compromisso social diante dos problemas sociais que vivemos e percebemos hoje na sociedade contemporânea, especialmente na América Latina. Cf. BOFF, Cl. op. cit., p. 157.

⁷⁹⁵ Ibid.

⁷⁹⁶ Cf. BOFF, Lina. *Espírito e Missão na obra de Lucas-Atos. Para uma teologia do Espírito*. São Paulo: Paulinas, 1996, pp. 41-48.

comunidade deve estar atenta aos sinais dos tempos e às respostas necessárias a situações existenciais, sociais, que envolvem o processo de toda a Criação em sua direção histórico-escatológica.

O caminho mistagógico é experiência na liberdade e na integralidade da pessoa humana. Cirilo afirma o primado da Graça, a iniciativa de Deus que nos salva, e a sua misericórdia e pedagogia acolhendo as respostas pessoais que se expressam em palavras, gestos, em co-responsabilidade com a Tradição recebida, em participação na Igreja de Jesus Cristo, Povo de Deus a caminho.

Segundo a análise do liturgista L. F. Santana, “para Cirilo de Jerusalém, o dom do Espírito confere ao fiel uma fé que o conduz à salvação; graças a ela podemos orar ao Espírito para que sejamos revestidos da força do alto e, assim, tudo se renova naquele que recebeu a vida nova do batismo”⁷⁹⁷. É neste sentido que, na experiência mistagógica, a Palavra de Deus e os sacramentos, são fonte e origem do agir cristão. Não podem ser reduzidas ao conhecimento intelectual, a um ritual vazio de sentido, ou suportes adicionais à vida cristã, mas são fontes das quais brota o compromisso ético e a coerência com o projeto salvífico. É a relação intrínseca com o Mistério de Cristo que corrobora a práxis histórica no Senhor⁷⁹⁸. A experiência mistagógica cristã é a experiência de um Deus encarnado, de um Deus que age e trabalha no mundo. Na mistagogia, esse Deus experimentado em seu Mistério, se torna mola propulsora da práxis humana, que se revela no amor aos irmãos e irmãs.

A mistagogia, em sua proposta de profunda integração entre fé e vida, conduz a comunidade local à *fides formata* sempre em diálogo com a Palavra que a constitui e inspira em suas respostas práxicas. Enquanto atitude totalizante, a experiência de fé tende a englobar toda a existência, a inspirar os atos pessoais e comunitários. As atitudes possuem um eixo referencial de fundo, que orienta o discernimento e as escolhas. Nessa busca de totalidade, a experiência de fé propõe, a cada nova situação, a nova configuração humanizante, ou seja, uma resposta práxica.

Após o Concílio Vaticano II não é mais possível deixar de lado o diálogo da Igreja com a realidade, ele convida a uma retomada da própria razão de ser da Igreja, sacramento de Jesus Cristo no mundo, que deve “perscrutar os sinais dos

⁷⁹⁷ SANTANA, L. F. R. *Batizados no Espírito*. op. cit., p. 41.

⁷⁹⁸ Cf. TABORDA, F. op. cit., p. 20.

tempos e interpretá-los à luz do Evangelho”⁷⁹⁹. O Concílio aponta para uma metodologia que favoreça à integração fé e vida nas comunidades locais.

Sem a atitude prática, como podemos conhecer a Deus? As cartas joaninas são teologia, que explicita esse vínculo imprescindível entre crer e amar⁸⁰⁰. O que é especificamente cristão é a possibilidade de viver no amor de Deus, de se unir em comunhão nele e por meio de Jesus Cristo. A prática do amor torna-se fonte de conhecimento, caminho do seguimento de Jesus.

A Palavra de Deus convida e informa a práxis e esta, informa a comunidade que, em sua dinâmica de revisão e discernimento, retoma as fontes da Revelação como inspiradoras das novas práticas. Esta circularidade interpretativa é diálogo com a vida, com situações concretas, com relações inter-pessoais. Neste sentido, a práxis tem status epistemológico, ou seja, ela mesma é fonte de discernimento, acena aos ‘sinais dos tempos’ e ao campo de missão cristã. A Revelação divina passa pelas mediações existenciais e históricas.

Para tanto a comunidade deve fazer-se sensível e presente na realidade histórica. Cl. Boff aponta para a práxis como princípio interpelador e verificador⁸⁰¹. A comunidade reunida pela Palavra que a convoca e envia passa a desenvolver, através da hermenêutica da práxis, uma nova circularidade interpretativa. Esta reúne as ações pessoais e grupais, em seu ir e vir, acertos e novos desafios. A comunidade partilha seu processo de seguimento de Jesus, os dilemas, elaborações e significados. É comunidade de partilha, de construção dinâmica do seguimento de Jesus. É eclesiologia de comunhão onde cada membro da comunidade é mediador entre a fé e a práxis, estabelecendo uma dinâmica de construção e reconstrução.

Deste modo a vida de pessoas e de Comunidades exemplares constitui um verdadeiro *locus theologicus*, ainda que de segunda ordem em relação à Palavra. Tal ‘lugar’ instrui a teologia sobre aspectos do Mistério da Salvação, que por certo se realizou uma vez por todas, mas que perpetuamente se renova ao longo da história⁸⁰².

⁷⁹⁹ GS 4,1; ainda sobre este tema ver GS 1,1; 11,1; 44,3; AG 12,3-4; CL 15,37; EN 29; RM 62,118; SC 91.

⁸⁰⁰ Cf. 1Jo 3,16-18; 1Jo 4,7-8.

⁸⁰¹ Cf. BOFF, Cl. op. cit., p. 159.

⁸⁰² BOFF, Cl. op. cit., pp. 162-163.

É neste sentido, que compreendemos que a fé-prática não é de forma alguma um princípio passivo sobre o qual podemos ‘projetar’ ou ‘aplicar’ os valores evangélicos, mas é princípio ativo, ação dialógica entre Deus e o homem. É *locus theologicus* a ser explicitado, é vida que solicita a leitura teológica a serviço da fé.

Os pressupostos teológicos que trouxemos nesta etapa são como um tecido único, para o qual não podemos prescindir de um ou outro fundamento, sob pena de comprometer a razão de ser da mistagogia. Contudo, nos colocamos sempre como aprendizes, como iniciantes neste caminho mistagógico junto às comunidades eclesiais locais. É importante que, em cada experiência local, estejamos atentos a um diagnóstico da identidade da ICA, de seu embasamento teológico e pastoral, antes mesmo de desenvolvermos um planejamento do caminho Catecumenal com Adultos. Será a partir de uma avaliação madura e comunitária que os participantes do processo de ICA poderão encontrar os próprios caminhos para o desenvolvimento de uma dinâmica mistagógica.

4.2

A Iniciação Cristã de Adultos como itinerário mistagógico

No que diz respeito à identidade da Iniciação Cristã acreditamos que o termo ‘itinerário’ está mais de acordo com a compreensão de caminho progressivo, de caminho catecumenal. A ideia de caminho, de itinerário, fecunda a mistagogia e favorece uma nova sensibilidade pastoral. O processo de ICA dos primeiros séculos expressa a originalidade e a sabedoria presentes nesta tarefa missionária da Igreja. Ele mesmo nos convida a acolhermos esta herança patristica e, em condições novas, reencontrar os caminhos para que a mesma proposta da Mistagogia possa ser resgatada em chave contemporânea.

Nosso foco, na mistagogia evidenciada nas *Catequeses Mistagógicas* de Cirilo de Jerusalém, foi fundamental para sondarmos o manancial teológico subjacente nesta obra e identificarmos princípios para a práxis da mistagogia. A questão que se coloca neste momento é, se esses princípios estruturais ainda continuam sendo válidos para a ICA hoje. Não queremos transferir os elementos do tempo de Cirilo para o nosso tempo, como uma receita catequética, mas

descobrir neles sua base teológica e metodológica a fim de estabelecermos um diálogo entre a mistagogia ciriliana e a mistagogia hoje.

Em primeiro lugar, é importante demarcarmos que quando tratamos da Iniciação Cristã e da Mistagogia não estamos falando de duas realidades distintas, mas de um mesmo processo: uma experiência de caminho espiritual que encontra seu fundamento na Revelação, na iniciativa de Deus e na caminhada da Igreja, sinal e sacramento de Jesus no mundo.

Além dos fundamentos teológicos que constroem a base para o processo mistagógico, a mistagogia necessita contar com uma estrutura que a oportunize. Enfim, para que se construa este processo, não são suficientes os pressupostos, mas também um conjunto de princípios que se articulam e se integram mutuamente.

Para identificarmos os princípios capazes de construir uma metodologia mistagógica na ICA hoje, dialogamos mais uma vez com a mistagogia de Cirilo e a mistagogia observada na comunidade local da *Casa de Oração Batismo do Senhor*. Vale recordar que nossa observação e análise teológica têm como embasamento os documentos da Igreja e reflexões teológicas contemporâneas sobre o Catecumenato com Adultos. Elencamos a seguir os princípios sugeridos para estruturarem a ICA como um caminho mistagógico.

1. *A linguagem mediadora e a construção de conceitos*
2. *A experiência de comunidade*
3. *A teologia narrativa*
4. *A pertença eclesial*
5. *A espiritualidade orante*
6. *Consciência do mal*
7. *A profissão de fé*
8. *Atitude contemplativa*

A seguir, explicitaremos brevemente cada um destes princípios. Lembramos que eles não estão organizados em uma ordem de prioridade ou hierarquia, mas que formam um conjunto que, ao longo do itinerário catecumenal, configuram a experiência mistagógica.

4.2.1

A linguagem mediadora e a construção de conceitos

Numa impressão inicial, o tema da linguagem parece tratar do discurso oral, da habilidade do mistagogo enquanto orador, todavia, não nos referimos apenas a esta forma de expressão, mas avançamos para uma perspectiva mais abrangente, que abarque as linguagens humanas que se tornam mediadoras nos processos de comunicação: oral, escrita, gestual, imagens, sinais, danças, músicas, símbolos, pessoas, meios de comunicação, tecnologias modernas.

A apresentação temática através da linguagem verbal, na qual a matéria prima reside na inteligência dos conteúdos, não pode ser mais a única ação na ICA. Estamos diante de uma nova cultura, na qual a imagem, a plasticidade, a emoção, a representatividade, ocupam lugar decisivo no mundo da interpretação e do significado⁸⁰³.

Para que a linguagem seja mediadora, deve ser decodificada e interpretada. Se não estamos falando de uma transmissão doutrinária, a adequação da linguagem pode ser via de acesso à experiência de encontro com Deus ou um dificultador. Para que seja uma via de acesso não deve ser imposta, transmitida como um depósito a ser absorvido, mas deve estar em profunda sintonia com os iniciantes.

Em Cirilo, uma das marcas de seu discurso é a simplicidade. Ele não usa um vocabulário que crie um distanciamento entre a mensagem e os neófitos. Ao contrário, além da simplicidade nas palavras, Cirilo de Jerusalém busca uma aproximação com os iniciantes através de exemplos práticos, presentes em seu cotidiano. Para tanto, Cirilo conhecia a realidade sócio-cultural de cada catecúmeno, tanto na diversidade das origens culturais, como quanto ao contexto social e econômico na qual estavam inseridos, em Jerusalém.

Vale ressaltar, que esta sintonia de Cirilo com os neófitos, não significou uma perda de seu eixo teológico, ao contrário, conduz os ouvintes para dentro do Mistério experimentado. Cirilo aprofunda cada passo, de forma que suas palavras, exemplos, metáforas, narrativas bíblicas, encontrem eco na experiência vivida por cada um. Ele concebe a pessoa humana em sua integralidade: corpo, espírito, emoção, inteligência, estão articulados em suas Catequeses. Em decorrência, a mistagogia de Cirilo não se torna dualista, intimista ou subjetiva, mas interpela a

⁸⁰³ Cf. LIBANIO, J. B. op. cit., p. 50.

pessoa inteira e a remete à revisão existencial e busca de coerência com o caminho que começa a seguir. Nas palavras de Araújo: Em suas Catequeses, Cirilo tinha a pretensão de levar os catecúmenos ao envolvimento total e íntegro de si mesmo e de sua realidade histórico político sciocultural com o mistério pascal de Cristo (...) ⁸⁰⁴.

Outro ponto interessante é sua habilidade de reunir pequenos detalhes e dados catequéticos anteriores, num passo a passo sistemático, a fim de que os iniciantes construam seus conceitos a respeito das razões e dos fundamentos da fé cristã.

Por meio da linguagem da Sagrada Escritura e da Liturgia, estão presentes na Iniciação Cristã mediações muito significativas como: a metáfora, o símbolo, o ritual, o mito. Elas tocam não apenas a inteligência, as concepções e a capacidade de interpretar do ser humano, mas também convocam à ação, à mudança de vida e atingem o íntimo da pessoa.

Viajando no tempo até a comunidade local, observamos que o catequista da Casa de Oração, tendo como pressuposto de seu agir catequético o primado da iniciativa divina na Revelação, zela pela atenção e pela sensibilidade de um pastor que acompanha cada iniciante e conduz pacientemente e pedagogicamente a construção conceitual e a conversão existencial.

A atitude mistagógica já é inspiradora de uma metodologia adequada, mas não deve contar com a casualidade, mas desenvolver um planejamento atento ao processo que está sendo implementado, em busca de mediações pertinentes, para que as linguagens sejam caminhos de experiência. Ao falarmos de instrumentos devemos compreender que são limitados, apontam para o inefável que passa por eles, mas que também os supera e, por isso mesmo, são passíveis de revisões, adaptações e mudanças ⁸⁰⁵. Atenção, humildade, avaliação participativa, acompanhamento pessoal e comunitária são significativos no agir mistagógico.

4.2.2

A experiência de comunidade

⁸⁰⁴ ARAÚJO, J. M. op. cit., 788.

⁸⁰⁵ Cf. GIGUÉRE, P. op. cit., p. 189.

O tema da comunidade eclesial já foi largamente apresentado ao longo deste trabalho. Reforçamos, para fins de sistematização, o vínculo imprescindível entre caminho catecumenal e comunidade. A comunidade eclesial é uma comunidade de iniciados e de iniciantes, sempre na dinâmica de abertura progressiva à Revelação de Deus. É na comunidade que se dá o processo de Iniciação. Ela é acolhedora, mediadora, lugar privilegiado de experiência mistagógica. É na comunidade eclesial que a Liturgia é celebrada, mistagogia viva, Mistério pascal experimentado por todos e por cada um.

Nas *Catequese Mistagógicas*, Cirilo de Jerusalém está em um espaço eclesial, é pastor da comunidade local. A eclesiologia subjacente às Catequese remete à compreensão de seguimento de Jesus no tempo e na história, de pertença ao Povo de Deus, de fidelidade e continuidade à herança apostólica, de Igreja a caminho.

Na pequena comunidade contemporânea da *Casa de Oração*, o acento à comunhão fraterna e às celebrações litúrgicas demarcou muitas práticas discursivas dos participantes do Catecumenato. É uma experiência fundamental em tempos de perda dos laços comunitários. Os encontros do Catecumenato tornaram-se sede de relações estáveis, diante da fragmentação e da provisoriade tão frequentes em nossa sociedade. Na sociedade atual, vem crescendo o papel das comunidades interpretativas, de abertura dialógica, de respeito às diferenças, as relações baseadas em vínculos interpessoais sólidos e duradouros e não apenas funcionais⁸⁰⁶. É uma reação à crise de uma modernidade de cunho individualista e imediatista que atingiu os sistemas globais de sentido e a perda das estruturas imaginárias de continuidade, ligadas à estabilidade da pertença familiar, local, cultural e histórica⁸⁰⁷.

A mistagogia aponta para este elemento como indispensável na Iniciação Cristã de Adultos⁸⁰⁸. A comunidade eclesial possibilita não apenas o

⁸⁰⁶ Sobre esta questão ver LIBANIO, J. B. *As lógicas da cidade*. São Paulo: Loyola, 2001, pp. 157-164. No capítulo 1 deste trabalho trouxemos sinteticamente o pensamento de filósofos e sociólogos contemporâneos que avaliam o papel das comunidades interpretativas na sociedade atual, como J. Habermas, J. Derrida, J. Lyotard, Z. Bauman, U. Beck, A. Giddens, S. Lash.

⁸⁰⁷ Cf. VELASCO, J. M. *La transmisión de la fe en la sociedad contemporánea*, op. cit., p. 42.

⁸⁰⁸ No documento da CNBB, que reúne subsídios para a Iniciação Cristã de Adultos, o teólogo e comunicador D. Nandi, trabalha a dimensão da intersubjetividade como um fenômeno particular no Catecumenato com Adultos, respondendo à demanda da construção da subjetividade moderna em uma perspectiva dialógica. Vale a pena consultar seu excelente artigo. NANDI, D. Catequese com adultos e performance comunicativa. In: *Segunda Semana Brasileira de Catequese*. op. cit., pp. 417-442.

estabelecimento de vínculos afetivos e de amadurecimento no diálogo, mas também a interpretação das situações à luz da Palavra, as vivências celebrativas e sacramentais, o alimento e o dinamismo da fé⁸⁰⁹.

Se hoje muitos não encontram a comunidade de vida cristã que lhes oportuniza uma experiência de fé mistagógica, onde se dê um conhecimento mais profundo do Mistério, juntamente com um autêntico conhecimento mútuo e laços de fraternidade concretos, é urgente uma revisão da caminhada de nossas comunidades e o resgate desse processo fundamental. As comunidades eclesiais são chamadas a ser contextos vitais, pois sua vocação é fazer a experiência concreta do amor que lhes é revelado e, assim, transformar as condições de vida em direção a um mundo mais humano e à espera do advento do Reino definitivo⁸¹⁰. A reflexão de J. M. Velasco remete à experiência mistagógica fecundada na comunidade cristã: “uma comunidade crente pode, com os relatos fundantes de sua fé, com sua forma alegre e esperançosa de viver, com a manifestação do amor que inspira sua vida, ajudar a dar nome e, dessa forma, identificar a Presença até esse momento apenas pressentida por essas pessoas”⁸¹¹.

Dessa forma, retornamos ao tema do testemunho que se torna anúncio da Boa Nova no mundo. A comunidade de vida testemunha ao mundo o amor fraterno, as obras de serviço, a capacidade de aceitar e dialogar nas diferenças, o crescimento na alteridade, os sinais da presença de Deus e de Seu amor que movem ao seguimento de Jesus Cristo⁸¹².

4.2.3

A teologia narrativa

Esta é uma chave importante para a experiência mistagógica. A Palavra de Deus é a matriz, a fonte vital da Revelação. A experiência da Revelação que se fez linguagem. Na mistagogia, o caminho de Iniciação à Palavra é o da narrativa. É narrativa de uma experiência, que conduz o ouvinte a, também ele, participar e fazer a sua experiência diante da Palavra de Deus. A narrativa tem características relevantes não apenas para a mistagogia dos primeiros tempos, mas também para

⁸⁰⁹ Cf. LIBANIO, J. B. *Eu creio, nós cremos*. op. cit., pp. 307-308.

⁸¹⁰ Cf. PAGOLA, J. A. *Acción pastoral para una nueva evangelización*. Santander: Sal Terrae, 1991, pp. 52-53.

⁸¹¹ VELASCO, J. M. op. cit., pp. 105-106.

⁸¹² *DGAE*. 2003-2006. n. 121-122.

a interlocução com os tempos pós-modernos: ela não impõe, mas propõe; ela não argumenta, mas conta uma história; ela é livre e convida à liberdade; ela é composta de imagens, símbolos, é viva; ela é contextualizada e remete ao contexto presente; ela é presente e futuro, narrativa e metanarrativa⁸¹³.

A Palavra de Deus é narrativa que revela o sentido escatológico de todas as outras narrativas, seu eixo central é também seu princípio e fim, é o sentido da história, o amor de Deus revelado na Criação que atrai toda a Criação à plenitude⁸¹⁴.

Entre os Padres da Igreja, a Sagrada Escritura é apresentada em forma narrativa. Cirilo se insere neste caminho teológico e catequético no processo de ICA de sua comunidade. É um método que constrói a unidade entre o Antigo e o Novo Testamento, assim como as noções de eleição, de aliança, de pertença ao Povo de Deus, de missão e testemunho no mundo. Além disso, ele gera as atitudes de atenção, de contemplação, de intimidade com a Palavra de Deus. É Palavra para cada pessoa e para todos os tempos. Seu endereço é o coração de cada ser humano.

Outro fator importante para esta escolha metodológica é que, na medida em que convida à atenção e escuta, ela provoca a acolhida e a interpretação. Na comunidade, esta dinâmica fecunda a circularidade hermenêutica e uma mística fundada na fonte da Revelação.

No grupo de catecumenato da *Casa de Oração Batismo do Senhor*, fonte de nossa pesquisa de campo, a História da Salvação foi trabalhada, muitas vezes, de forma narrativa. Na verdade, o catequista não possuía uma formação teológica a ponto de fazer esta escolha enquanto um método mistagógico, mas, como já vimos anteriormente, esta é mais uma forma que ele encontrava de criar proximidade, intimidade, familiaridade entre cada catecúmeno e a Palavra de Deus. Através das narrativas bíblicas, o catequista provocava cada iniciante à escuta atenta e sensível às mensagens e aos convites de Deus presentes em sua Palavra viva.

Muitas comunidades eclesiais atuais experimentam uma dinâmica orante e contemplativa diante da Palavra, através da prática da Leitura Orante, dos

⁸¹³ Sobre o papel da narrativa, vale a pena ler o trabalho capital do filósofo BENJAMIM, W. *O Narrador*. In: *Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

⁸¹⁴ Cf. BOFF, Cl. op. cit., p. 116.

Círculos Bíblicos, das Celebrações da Palavra e Eucarísticas. Esta centralidade é garantia de que a fonte de sabedoria esteja no primado de Deus e em sua pedagogia amorosa e misericordiosa junto aos seus filhos e filhas.

4.2.4

A pertença eclesial

Para que esta dimensão esteja presente no Catecumenato com Adultos, em primeiro lugar, é importante que esteja claro que o caminho catecumenal é parte fundamental dentro de uma trajetória mais ampla, histórica e dinâmica, que é a própria caminhada da Igreja, Povo de Deus. Esta ideia evita uma perspectiva apenas local e subjetiva do processo catecumenal e remete à caminhada eclesial como origem, princípio e inserção de todos os irmãos e irmãs na mesma fé. Enfim, a ICA é um itinerário no qual se configura uma identidade e uma pertença. É uma experiência que se dá em comunidade, como já vimos anteriormente.

O documento do Magistério que orienta este processo, o RICA, concebe o caminho catecumenal na perspectiva eclesial. Seu eixo é mistagógico e as ações litúrgicas que orientam o caminho catecumenal ocorrem na trajetória do ano Litúrgico, em unidade com a grande família dos filhos e filhas de Deus.

Em Cirilo de Jerusalém, ressaltamos uma chave de leitura eclesiológica ao longo do processo catecumenal. É a partir da centralidade no mistério Pascal que Cirilo desenvolve suas Catequeses, sempre em ambiente e perspectiva eclesial, inserindo cada iniciante no caminho que o antecede e que vai além dele mesmo; suscitando a consciência de pertença ao Povo e da responsabilidade proveniente desta. Ou seja, a pertença eclesial é um convite e uma vocação, é envio e testemunho no mundo.

No caminho catecumenal da *Casa de Oração*, o catequista procurou gestar todo o processo na perspectiva eclesial. Para isso, observamos que: sensibilizou e motivou a participação nas celebrações litúrgicas da comunidade; trabalhou a História da Salvação em sua dimensão eclesial e escatológica; motivou a participação do pequeno grupo nas atividades celebrativas da diocese de Caxias e da Igreja do Brasil.

O espírito que funda e enraíza a pertença eclesial é o Mistério Pascal. Portanto, vemos que não se dá uma pertença de cunho apenas social, afetivo,

celebrativo, ou como uma tarefa do catecumenato a ser cumprida, mas o que constrói o sentido de pertença é o encontro com o próprio Cristo.

Estabelecendo um diálogo entre estas duas experiências mistagógicas, observamos que este elemento – a pertença eclesial – deve não apenas estar presente na ICA mas, a partir dele, o catequista-mistagogo deve ter sensibilidade e criatividade pedagógica para construir esta identidade como experiência de comunhão e unidade. Acreditamos que, ao desenvolvermos este elemento numa linha mistagógica, a identidade crística será radicada como identidade de um Povo, a Igreja percebida como família em comum+unidade e, a humanidade, percebida como grande família dos filhos e filhas de Deus.

Em tempos de dificuldade com a alteridade, com as diferenças culturais, religiosas, sociais, a construção deste vínculo entre identidade-pertença-comunidade, vem responder e auxiliar na educação do potencial dialógico da pessoa e da Criação. Potencial este que vem sendo abafado pelo individualismo, pela visão do ‘outro’ como ameaça, pelo foco na produtividade e na eficácia.

4.2.5

A espiritualidade orante

A espiritualidade orante remonta aos fundamentos teológicos da mistagogia: a dinâmica da Revelação e da Fé, a pessoa humana e a experiência, o lugar teológico da comunidade, a experiência místico-sapiencial e a constituição prática da Revelação. Tendo por base estes fundamentos, a construção de uma experiência de espiritualidade orante vem como decorrência. As palavras de R. Haight explicitam esse fundamento:

O objeto da fé é transcendente, e não um dado do conhecimento humano, deve ser *dado* a uma pessoa; deve ser revelado. Ao objeto da fé não se chega nem por esforço humano, nem por investigação, nem por inferência conclusiva. É experienciado como ‘dado ao sujeito’ a partir de ‘cima’. É por essa razão mais profunda que a teologia cristã da fé fala sempre da fé como efeito da graça, como obra da revelação, como dom de Deus na qualidade de Espírito⁸¹⁵.

Retomando as *Catequeses Mistagógicas* de Cirilo de Jerusalém, nos deparamos com sua atitude orante, enquanto pastor e catequista e em suas

⁸¹⁵ HAIGHT, R. op. cit., p. 43.

orientações e exortações. Cirilo conduz os fiéis nos caminhos do Mistério educando para a entrega e a confiança da pessoa inteira, de sua existência, ao amor de Deus. A Catequese na qual este processo se torna mais visível é seu percurso pela oração do Pai Nosso⁸¹⁶.

Além da relação pessoal de comunicação e encontro com Deus através da experiência da Liturgia e da oração, Cirilo estabelece a relação entre pessoa e comunidade também neste aspecto. A oração tem caráter pessoal, comunitário e eclesial. O Mistério revelado atinge a todos os homens, e convoca a todos na direção da salvação. Ele incentiva a solidariedade e a comunhão pela via da oração, e uma comunhão entre céu e terra, entre vivos e falecidos. A oração vivida na comunhão fraterna é um elemento próprio da experiência cristã, e aponta para a dimensão dialógica e comunitária da Revelação⁸¹⁷.

Uma espiritualidade orante, e por isso mesmo, mistagógica consiste na descoberta de um eixo central, já presente na profundidade da pessoa humana que, aberta à dinâmica do Espírito de Deus, inicia um processo de escuta atenta, de comunicação, de discernimento e reorientações existenciais nessa nova direção.

Assim sendo, o mistagogo deve conduzir o processo de forma a ir construindo nos iniciantes um caminho de espiritualidade orante, no qual, a cada passo, a pessoa vá se dando conta do Mistério que a habita e a convida à plenitude. Pouco a pouco, a pessoa vai entrando em uma dinâmica na qual ela se torna sensível aos sinais de Deus e obediente⁸¹⁸. A relação com Deus vai se tornando mais confiante e a entrega da vida, também mais radical. “O homem espiritual não sabe com certeza onde o Espírito o colherá, nem para onde o levará; mas deve procurar saber onde esperá-lo, onde espreitar sua passagem dentro do hoje da convivência humana”⁸¹⁹.

No grupo de catecumenato da *Casa de Oração Batismo do Senhor*, a experiência da oração na Liturgia e na Leitura Orante da Bíblia foi construída ao longo do processo, contudo, uma experiência em particular nos chamou a atenção ao integrar a fé e a vida: o encontro com Jesus no rosto dos sofredores. É uma

⁸¹⁶ Cf. *CM V*, 11-18.

⁸¹⁷ Cf. *CM II*, 7-8; *III*, 7; *V* 4.11-18.23.

⁸¹⁸ O termo obediente vem do latim *ob + audire*, ouvir atentamente, indica uma escuta que é acolhida pela pessoa. No que concerne à fé cristã é o escutar a Deus com a máxima atenção, seu apelo, no compromisso de aderir livremente ao seu convite. Cf. *CIC* 144.

⁸¹⁹ RIZZI, A. O homem espiritual, hoje. In: GOFFI, T. e SECONDIN, B. (orgs.) *Problemas e perspectivas de Espiritualidade*. São Paulo: Loyola, 1992, p. 150.

experiência proveniente do catequista, de sua compreensão de seguimento de Jesus e sensibilidade com os sofredores. Esta foi uma experiência marcante na vida dos participantes deste Catecumenato e construiu de uma forma profunda e original o encontro com Jesus.

A espiritualidade orante é também um elemento fundamental para que não se caia em uma percepção dualista da fé, criando dois mundos, um mundo espiritual interior, e outro mundo, a existência real. Nesta dinâmica, oração e práxis estão integrados, uma reenviando à outra, dialogicamente. Não se trata de uma experiência intimista, mas, ao contrário, uma fé integrada à vida, que abarca a história, valoriza em Deus as coisas, as pessoas, os acontecimentos.

Em nossa sociedade, até mesmo a religiosidade e a oração foram influenciadas por uma ótica individualista, liberal e hedonista. A religião também foi reduzida à esfera do privado, à lógica da produtividade, da eficiência que passa pela história concreta. Na ICA estão reunidas pessoas que vivem neste contexto e que, muitas vezes, trazem experiências religiosas vividas desta forma. Para que a experiência de oração não seja abarcada por essas influências não relacionais e fragmentadas, o caminho mistagógico deve ser muito bem orientado. Os caminhos da Liturgia, da comunicação simbólica, da leitura orante da Palavra, da oração integrada com a vida, da oração vivida em comunidade de partilha, ajudam a configurar uma experiência de diálogo com o Transcendente.

Também não se trata de uma espiritualidade alienante ou ingênua, que não comporte as situações limite da vida, os momentos de dor, de incompreensão, de sofrimento. A mistagogia faz com que a pessoa perceba as experiências limite como contingentes, justamente porque se dá conta de sua vocação infinita, mas vai além, se sabe abraçada pela Graça de Deus, sabe que toda a história tem um fim nesse amor infinito, que ultrapassa todo o sofrimento e morte. Na reflexão de J. Bacik, na mistagogia “experimentamos uma espécie de choque ontológico ao nos depararmos com limites e contingências, mas também com a experiência extática através da qual ultrapassamos todos os limites intencionalmente”⁸²⁰.

A mistagogia não é uma experiência entre outras. É a experiência de encontro com o Mistério que já habita em nós e que é a razão mesma de nosso existir, é o “fator de unificação essencial a toda experiência humana”. Os frutos de

⁸²⁰ BACIK, J. J. op. cit., p. 28.

uma espiritualidade orante são os frutos da experiência da Graça de Deus: alegria indescritível, amor incondicional, obediência da consciência incondicional, experiência de comunhão com o universo, experiência de vulnerabilidade da própria existência humana e de nosso próprio controle, confiança no amor maior de Deus em todas as situações. Conduzem à maturidade humana diante dos relacionamentos e situações limite, como: enfrentar a morte, suportar a responsabilidade da liberdade, o sentido radical de alegria e de esperança, experimentar o amor gratuito, suportar sem queixas descontentamentos e frustrações, ser fiel à consciência, dar sem esperar receber⁸²¹.

A espiritualidade orante é central no caminho catecumenal. É “desde a oração que o Divino se faz presença dialogante”⁸²². É um relacionamento amoroso com o Deus da vida, na confiança e na misericórdia. A mistagogia carrega em si o saber mais profundo, que une o Criador e a criatura, potencializa em cada pessoa um abrir de olhos para os sinais do infinito na existência, na história, torna a pessoa mais atenta e reflexiva, mais confiante nos significados últimos da vida⁸²³.

4.2.6.

A consciência do mal

A Iniciação Cristã de Adultos encontra-se em um campo já marcado por situações-limite, sofrimentos, mágoas e, muitas vezes, certa desesperança com relação aos valores humanos. O caminho catecumenal não abre mão de refletir sobre a presença do mal, mas educa uma consciência madura diante do mal e, para a entrega progressiva ao projeto de Deus, que implica em discernimento, fortalecimento, renúncias, orações e bênçãos.

Nas *Catequeses Mistagógicas*, Cirilo de Jerusalém conduz esta tomada de consciência e, através das pregações e das ações litúrgicas, prepara um caminho de maturidade cristã diante dos diversos momentos de tentação e dificuldades que podem abalar a escolha pelo seguimento de Jesus. O cristão deve renunciar ao mal e às suas seduções, na liberdade e nas decisões cotidianas. O mal não é superado

⁸²¹ Ibid., pp. 29-30.

⁸²² Cf. QUEIRUGA, A. T. op. cit, p. 22.

⁸²³ Cf. BACIK, J. J. op. cit., p. 18.

de uma vez, mas está presente, misturado na cultura, na vida cotidiana, como uma força externa que pode seduzir a pessoa a desviar-se do caminho cristão.

Cirilo orienta os neófitos para a consciência de que o mal está presente em gestos e palavras que ferem aos irmãos, contudo não tem a palavra definitiva, e sim o amor misericordioso do Pai e a abertura de cada pessoa, pelo arrependimento, pela humildade e livre decisão de superação. O mal também está fora de nós, no mundo, em situações de negação da fraternidade, do amor de Deus. Nesta dimensão, Cirilo exorta para a atitude de vigilância constante, unida a uma entrega integral ao amor de Deus e ao perdão aos irmãos.

Para Cirilo, a tentação se faz presente no caminho da entrega ao projeto de Deus. O processo de conversão é também um processo de novas escolhas, de vida nova, de renúncias ao 'homem velho', que vão exigir uma consciência firme, uma ação combativa e fortalecimento interior a fim de se manter no caminho. É a mistagogia este caminho de fortalecimento, pois é a graça de Deus que potencializa esta superação, daí a importância das ações litúrgicas.

As ações litúrgicas - escrutínios, exorcismos, bênçãos - comunicam a ação transformadora de Deus na luta contra o mal. A unção é sinal da libertação do pecado e da nova vida. Nas Catequeses de Cirilo, a unção aparece em três momentos, no Batismo, no sacramento do Crisma e nos ritos de exorcismos. A unção comunica a vida nova, a ação amorosa de Deus e a renúncia a tudo o que afasta deste projeto.

A responsabilidade diante desta superação não é apenas pessoal, mas também comunitária. A vida sacramental e a oração pessoal e comunitária são fontes de fortalecimento.

Na ICA, a consciência do mal muitas vezes não é inserida como um elemento importante, talvez devido à própria dificuldade dos catequistas nessa abordagem. Contudo, na teologia subjacente nas Catequeses de Cirilo, este não é um tema marginal. A fim de superar o mal se deve tomar consciência de sua força, mas de uma força muito maior que tem a palavra definitiva: o amor de Deus⁸²⁴. É antes, parte da tarefa da ICA, assegurar a fé e a esperança na força salvífica de Deus, que ama e liberta o homem de todo o mal⁸²⁵.

⁸²⁴ Cf. *CM I*, 2-9; II, 3; V, 11.18;

⁸²⁵ Cf. SCHILLEBEECKX, E. op. cit., p. 20.

Na experiência catecumenal da *Casa de Oração Batismo do Senhor*, o catequista percebe o processo de conversão como um caminho no qual as tentações aparecem, como uma força contrária ao seguimento de Jesus. Para elas deve-se estar consciente e preparado para enfrentar e perseverar no caminho, sabendo que a força da superação virá da Graça de Deus que não abandona seus filhos e filhas. No RICA, documento do Magistério que orienta a ICA, as ações litúrgicas demarcam este processo através das bênçãos, escrutínios e exorcismos.

Outro fator decorrente desta consciência é a humildade, a auto-consciência das limitações, das dificuldades, do seguimento com processo de abertura e conversão de atitudes, dos condicionamentos que muitas vezes conduzem ao erro, do erro como parte do caminhar. Neste aspecto, a construção da experiência de comunidade, na confiança, misericórdia e compreensão mútua, é também fundamental para que todos sejam acolhidos no amor e no perdão. Neste aspecto, a dimensão penitencial é relevante na compreensão da dinâmica mistagógica entre Deus-pessoa-comunidade-mundo, também no que diz respeito à consciência e luta contra o mal tanto no aspecto pessoal como comunitário e social.

4.2.7

A atitude contemplativa

A dinâmica mistagógica possui ainda um elemento que deve estar presente como uma referência diante do Mistério – a atitude contemplativa. É muito importante que esta atitude seja cultivada, pois ela pressupõe um olhar sensível, atento, aberto, humilde, de quem busca o mais profundo, o interior que está se revelando no dia a dia, nas histórias pessoais e comunitárias. A mistagogia é, antes uma atitude de contemplação, do que um conjunto de palavras ou atos.

Na mistagogia de Cirilo de Jerusalém, percebemos que ele integra a atitude contemplativa e a atitude interpretativa, inicia na abertura ao Mistério, na sensibilidade e também no diálogo. Os acontecimentos histórico-salvíficos, são as *mirabilia Dei*⁸²⁶, os sinais da presença e Revelação de Deus operados e

⁸²⁶ As *mirabilia Dei* não constituem uma sucessão de intervenções arbitrárias de Deus na história humana. Nos fatos da história de seu povo, o profeta descobre um princípio religioso de unidade, um sentido presente, um fio condutor que faz descortinar um caminho que remete sempre para Deus, de tal modo que os acontecimentos são a um tempo realizações parciais e sinais. Em outras palavras, realizam e prometem, antecipam e comprometem, revelam e ocultam um desígnio de

atualizados ao longo de toda a Revelação bíblica⁸²⁷. É a atitude contemplativa que conduz o iniciante pela História da Salvação, pela linguagem litúrgica, pelos novos caminhos do mistério de Deus, enfim para contemplar as maravilhas de Deus em toda a Criação. Em suas Catequeses, Cirilo procura despertar nos iniciantes este olhar contemplativo, não apenas diante da memória da caminhada do Povo de Deus, mas como saber e experiência no qual estão inseridos e que, se revela nas trajetórias pessoais e comunitárias.

Mais uma vez, vale observarmos que a mistagogia não tem sua centralidade no discurso intelectual ou explicativo, mas na atitude de acolhida do Mistério que se revela na Sagrada Escritura, na Liturgia, na vida cotidiana dos filhos e filhas de Deus. Os encontros catecumenais devem suscitar estas atitudes, de acolhida, de ouvir, de dialogar, de sensibilidade e atenção, diante do Mistério.

Por fim, reunimos nesta seção os princípios que - a partir de um diálogo entre a Mistagogia identificada nas *Catequeses Mistagógicas* de Cirilo de Jerusalém e a Mistagogia identificada na experiência catecumenal na *Casa de Oração Batismo do Senhor* -, sugerimos como orientadores de um processo de ICA para os nossos tempos. Mais uma vez, vale ressaltar, que nossa contribuição deseja estabelecer um diálogo fundamental e co-responsável, enquanto fidelidade com as fontes da Tradição e as orientações do Magistério e continuidade criativa atenta aos sinais dos tempos e à realidade de cada comunidade local.

4.3

A Redescoberta da Mistagogia para o cristão no mundo

A análise do processo de transmissão e de formação na fé deste período do Catecumenato primitivo nos ajuda a descobrir as possibilidades que o Cristianismo encerra para responder às interpelações que vêm sendo feitas à ação evangelizadora. Por outro lado, encontrar as oportunidades que o próprio momento de mudança paradigmática, que chamamos de Modernidade, oferece às comunidades e aos seus membros.

amor que não é outro senão Cristo, verdadeiro sentido e decifração da História. Nele se totalizam e se recapitulam o ontem, o hoje e o amanhã: “*Eu sou o Alfa e o Ômega. Aquele que é, que era e que vem*”. (Apc 1,8) Cf. PAIVA, H. Introdução. In: SANTO AGOSTINHO. *A instrução dos catecúmenos*. Petrópolis: Vozes, 1978, pp. 12-13.

⁸²⁷ Cf. SANTANA, L. F. R. op. cit., p. 14.

Verificamos, até aqui, que a experiência mistagógica de Cirilo de Jerusalém nos apresenta a eterna novidade da dinâmica da Revelação. Mas vai além. Ela nos oferece pistas, abre nossos ouvidos para a voz de Deus, que nos fala nas palavras e orientações deste grande Padre da Igreja em sua interlocução com seu tempo. O catecumenato orientado por Cirilo de Jerusalém, nos auxilia a revisar e, se necessário, reorientar a ação evangelizadora à luz da experiência tão inspiradora da Igreja deste período.

O resgate dessa experiência fontal se faz presente no Ritual Romano, o *Ritual de Iniciação Cristã de Adultos*, à luz das orientações do Concílio Vaticano II. No RICA reencontramos a estrutura do Catecumenato primitivo, marcada por diferentes etapas e, considerando a etapa mistagógica, como um período de formação especial, que avalia a maturidade espiritual do iniciante a fim de que esteja apto a acolher os conteúdos específicos e aprofundar seu relacionamento comunitário. O documento tem por base o princípio da Iniciação Cristã como um processo gradativo, um itinerário espiritual⁸²⁸.

O Rito de Iniciação se adapta ao itinerário espiritual dos adultos, que varia segundo a multiforme graça de Deus, a livre cooperação dos mesmos, a ação da Igreja e as circunstâncias de tempo e lugar.

Nesse itinerário, além do tempo de informação e amadurecimento, há etapas ou passos, pelos quais o catecúmeno, ao caminhar, como que atravessa uma porta ou sobe um degrau.

Estas etapas são compreendidas em quatro tempos sucessivos: o pré-catecumenato, caracterizado pela primeira evangelização; o catecumenato, destinado à catequese completa; o tempo da purificação e iluminação, destinado a mais intensa preparação espiritual; e o da mistagogia, assinalado pela nova experiência dos sacramentos e da comunidade⁸²⁹.

No entanto, vimos que a mistagogia era a orientação teológica e espiritual que já se encontrava na base do processo catecumenal primitivo, e não apenas uma etapa final ou de culminância. A partir deste diagnóstico, ponderamos que a experiência mistagógica pode tornar-se uma referência para ICA, inspirando-nos à atitude que inclui, fiéis e iniciantes, como participantes da dinâmica de abertura e acolhimento do Mistério. Vejamos como a CNBB nos orienta neste sentido:

⁸²⁸ RICA, n. 4.

⁸²⁹ RICA, n. 6-7.

Só evangeliza quem aceita e segue o caminho de Jesus: “Vem e segue-me” é o convite fundamental que o Senhor continua fazendo a todos os que querem participar da aventura do Reino. Para ser verdadeiro evangelizador, é necessário, antes de tudo, deixar-se evangelizar, sendo ouvinte atento ao que Deus fala, a exemplo da Virgem Maria. É necessário acolher a Palavra “com a alegria do Espírito Santo” e aceitá-la “não como palavra humana, mas como verdadeiramente é: Palavra de Deus que está produzindo efeito em vós”⁸³⁰. (cf. Mt 19, 21; 1Ts 1,6. 2,13)

O que desejamos assinalar é que tanto a experiência do catecumenato em Cirilo de Jerusalém como o RICA, apesar de sua distância no tempo e no contexto histórico e social, possuem um eixo mistagógico em sua base e orientação do processo de Iniciação Cristã. É neste sentido que estendemos a vertente mistagógica, não apenas para a ICA, mas para a ação evangelizadora nas suas mais diversas formas de atuação e de atividades pastorais e catequéticas.

A experiência mistagógica fundamenta-se na pedagogia divina que revela Seu projeto de amor com a atenção, o zelo e o respeito pela condição presente de cada pessoa humana. Na perspectiva do Concílio Vaticano II, estamos diante de uma experiência atenta aos sinais dos tempos, como acontecimentos que anunciam, na forma indireta e alusiva, os passos de Deus por nossa história. “Para cumprir esta missão é dever permanente da Igreja escutar atentamente os sinais dos tempos e interpretá-los à luz do Evangelho (...)”⁸³¹.

Em consonância com a orientação conciliar, buscaremos elucidar em parceria com a experiência da Iniciação Cristã em Cirilo de Jerusalém, algumas orientações para a ação evangelizadora nas comunidades cristãs. Não se trata de uma busca de fórmulas prontas e sim de encontrarmos nesta experiência fontal eixos referenciais e pistas metodológicas para que cada comunidade, segundo sua realidade e circunstâncias próprias, possa ser auxiliada a revisar, planejar, criar e recriar sua estrutura catecumenal mistagógicamente.

Muitos estudiosos referem-se a uma crise na transmissão da fé proveniente dos diversos fatores presentes na modernidade, em sua crise e transformações⁸³².

⁸³⁰ DGAE. 1999-2002, n. 9.

⁸³¹ GS 4 § 1.

⁸³² Sobre este tema ver GONZÁLEZ-CARVAJAL, L. *Evangelizar en un mundo postcristiano*. Santander: Sal Terrae, 1993; COX, H. *La religión en la ciudad secular*. Santander: Sal Terrae, 1984; LIBANIO, J. B. *Eu creio, nós cremos*. op. cit.; MIRANDA, M. F. *Inculturação da fé*. Uma abordagem teológica. São Paulo: Loyola, 2001; BINGEMER, M. C. L. BINGEMER, M.C.L. *Alteridade e Vulnerabilidade*. São Paulo: Loyola, 1993. QUEIRUGA, A. T. *Fin del cristianismo premoderno*. Santander: Sal Terrae, 2000.

No entanto, não pretendemos excluir os fatos concretos que vêm abalando o processo de ICA, mas nos posicionarmos serenamente diante deles, encarando-os não como obstáculos, mas como situações de passagem da sociedade, que nos convidam ao discernimento, ao diálogo, e ao encontro de novos recursos para responder aos desafios igualmente novos que se nos apresentam⁸³³. É uma postura de quem percebe a modernidade não como uma patologia a ser curada, mas como situação histórica, etapa fecunda, onde se fazem presentes conteúdos e bases propícias para que o Evangelho continue a ser anunciado e vivenciado⁸³⁴.

No confronto da experiência mistagógica de Cirilo de Jerusalém com a sociedade atual e suas interpelações, evidenciam-se muitos aspectos que infundem novo ânimo para prosseguirmos no legado missionário sustentado pelo Espírito de Cristo. É uma parceria restauradora de esperanças, auxílio para o discernimento e organização dos conteúdos da fé e das mediações pastorais pedagógicas na ICA. Para tal, selecionamos alguns aspectos presentes na experiência mistagógica de Cirilo de Jerusalém, como também na experiência de Catecumenato com Adultos da *Casa de Oração Batismo do Senhor*, que poderão nos orientar nesta missão hoje. Eles não serão apresentados enquanto etapas sucessivas ou gradativas, mas como diferentes aspectos que se inter-relacionam na dinâmica da transmissão da fé.

A atitude que adotamos é de sincera e humilde contribuição, na busca teológico-pastoral de passos para os desafios de um diálogo entre a fé cristã e a vida atual no campo da Iniciação Cristã de Adultos. Traremos, portanto, uma reflexão aberta que encare o momento atual em sua radical novidade como estimulante para este trabalho pastoral-pedagógico. Não possuímos as chaves para este novo momento paradigmático, mas nos colocamos a caminho para encontrá-las, como iniciantes nos caminhos que o Espírito, que nos precede, nos orienta.

Na próxima seção abordaremos, portanto, os aspectos seguintes, como possibilidades de resgate da experiência mistagógica para a evangelização atual:

1. *O anúncio querigmático como fonte de ardor e renovação*
2. *A pedagogia do Mistério e a alteridade divina*

⁸³³ Cf. VELASCO, J. M. op. cit., pp. 11-25.

⁸³⁴ Para esta postura é fundamental a atenção à formação continuada e renovada dos agentes de evangelização. Cf. ANTONIAZZI, A. Perspectivas pastorais a partir da pesquisa. In: SOUZA, L. A. G. e FERNANDES, S. R. A. (orgs.) *Desafios do Catolicismo na cidade*. São Paulo: Paulus, 2002, pp. 266-267.

3. *A compreensão da fé como caminho*
4. *O papel do testemunho na dinâmica mistagógica*
5. *A concepção de transmissão da fé*
6. *Um encontro de liberdades*
7. *As comunidades de vida*

A eles dedicaremos nossa atenção nesta etapa de elaboração, cientes de que desejam indicar caminhos, mas que será a experiência mistagógica vivida em cada comunidade que vai ajudar a discernir e criar novas soluções para as situações que se apresentarem.

4.3.1

O anúncio querigmático como fonte de ardor e renovação

Vejam, em primeiro lugar, a fonte primeva do Cristianismo, ou seja, o anúncio querigmático. As primeiras comunidades não apenas encarnaram a Boa Nova, mas a anunciaram e acolheram novos fiéis para participar daquela experiência contagiante e vivificadora. Foram comunidades atuantes, que assumiram o anúncio missionário, sem encarar os limites geográficos ou culturais como obstáculos à missão. Foram também comunidades produtivas teologicamente, capazes de construir textos que elaboram a novidade cristã e dialogam com a realidade de cada grupo acompanhado.

E de onde vinha tanto ardor e renovação? Da experiência de encontro com o Cristo ressuscitado, da Boa Nova revelada na manifestação extrema do amor de Deus aos homens frente a uma sociedade incapaz de responder às perguntas radicais do ser humano. J. M. Velasco nos fala do tema da ‘novidade’ como característica marcante na comunidade primitiva.

A irrupção da novidade cristã os renovou interiormente, dotando-lhes de um novo espírito (Rm 7,6) que renovou sua mente (Rm 12,2), os fez membros de uma nova comunidade em que vivem de acordo com o “mandamento novo” (Jo 13,34), convertem-se ao “homem novo” e entoam um “cântico novo” (Ap 2,17; 5,9)⁸³⁵.

⁸³⁵ VELASCO, J. M. op. cit., p. 14.

Está claro que foi a experiência pascal que determinou a compreensão e a identidade da comunidade cristã primitiva. A perspectiva missionária vem com o mandato de Cristo, contudo, é em Pentecostes que ela nasce, como um transbordamento do querigma. A consciência da novidade que compartilham leva os discípulos a viverem uma “vida nova” (Rm 6,4) que se caracteriza pela alegria, pela esperança, novas relações entre seus membros e uma nova visão de mundo. Esse é o Espírito que anima e penetra as primeiras comunidades⁸³⁶. É fonte de vida, de renovação, de soluções frente aos problemas que se lhes apresentavam, de criatividade missionária, de diálogo com as culturas e etnias. É esse mesmo Espírito que sopra e vivifica o movimento de expansão do Cristianismo e que está presente no trabalho teológico dos Padres da Igreja ao dialogarem com as interpelações próprias de seu tempo⁸³⁷. É o mesmo Espírito que inspira, mobiliza e anima a sabedoria fecunda nas Catequeses Mistagógicas de Cirilo de Jerusalém.

Aqui reside a fonte e a natureza do processo de evangelização cristã⁸³⁸, o núcleo de toda a experiência que conhecemos como mistagógica: uma dinâmica viva de abertura à Revelação, na qual a espiritualidade e a vida cotidiana caminham juntas e podem fecundar a realidade com a força renovadora do Espírito. O embasamento teológico e pastoral de Cirilo de Jerusalém estava imbuído da dinâmica mistagógica, da presença de Jesus Cristo e de Seu Espírito.

No contexto eclesial da Jerusalém na qual Cirilo é pastor, encontramos uma Igreja em estado de evangelização, em estado de missão⁸³⁹, uma Igreja imbuída da experiência viva e vivificante do Espírito que soprou nos corações e revolucionou a vida da Igreja primitiva. A mistagogia é um convite a nos colocarmos neste estado de evangelização, do contrário, “corremos o risco de anunciarmos rios de palavras e discursos, mas não o querigma que provoca a profunda experiência da fé cristã”⁸⁴⁰. O que queremos dizer é que muitas vezes os esforços da ação evangelizadora se concentram no anúncio verbal do conteúdo do Cristianismo, e é fato que este é fundamental. No entanto, a importância do anúncio querigmático reside na abertura e comunhão com o Espírito, pois será desta fonte que surgirá a força transformadora da palavra pronunciada. Vejamos

⁸³⁶ Cf. SANTANA, L. F. *A dimensão pneumática da espiritualidade cristã*. op. cit., pp. 139-143.

⁸³⁷ Cf. SARTORE D. *Catequesis y Liturgia*. In: SARTORE, D. e TRIACCA, A. (orgs.) *Nuevo Diccionario de Liturgia*. Madrid: Paulinas, 1987, p 322.

⁸³⁸ Cf. VELASCO, J. M. op. cit., p. 18.

⁸³⁹ Cf. PAGOLA, J. A. op. cit., p. 17.

⁸⁴⁰ Cf. VELASCO, J. M. op. cit., p. 19.

como Cl. Boff expressa a condição de testemunho vivo que é semeada na abertura ao Espírito.

A fé cristã é mais testemunhada (como fato) do que ensinada (como doutrina). Melhor, primeiro é testemunhada no querigma; só depois é ensinada na didaskalia. Em síntese: a teologia não reflete finalmente uma doutrina, mas a Revelação mesma, e esta como verdade-evento: o acontecimento da verdade na história, do qual a fé é a acolhida⁸⁴¹.

Diante desses pressupostos, apresenta-se uma primeira questão para o processo de ICA atual: as estruturas deste caminho corroboram para a experiência de encontro com Jesus Cristo Ressuscitado?⁸⁴² Devemos nos deixar interpelar pela espiritualidade que nasce desse encontro profundo e se desdobra na vida cotidiana e nas relações que estabelecemos conosco mesmos, com as pessoas e com o mundo⁸⁴³.

A mistagogia convida a uma revisão da própria experiência de encontro com o Mistério e à superação de uma concepção excessivamente doutrinal da evangelização, por outra que tenha seu primado no seguimento de Jesus, na abertura para a ação do Espírito na vida pessoal e comunitária. Para suscitar nos iniciantes a abertura à graça de Deus é necessário um mergulho na espiritualidade fundante e fecundante de novas realidades.

O anúncio querigmático implica em uma dinâmica que testemunhe o Cristo vivo nos agentes de evangelização, na comunidade eclesial, nos pressupostos e na dinâmica da ICA. A dicotomia entre fé e vida não será nunca o caminho do seguimento de Jesus, e sim a sua integração processual, amadurecida, de uma iniciação na qual todos se incluem e tornam-se testemunhas.

Este aspecto prioritário nos convida a voltar nosso olhar para a essência missionária da Igreja que, a todo momento, é chamada a configurar sua identidade

⁸⁴¹ BOFF, Cl. op. cit., p. 115.

⁸⁴² Essa mesma questão é apresentada por K. RAHNER em *Cambio estructural en la Iglesia*. Madrid: Cristiandad, 1974.

⁸⁴³ J. M. Velasco nos convida a esta reflexão: “Talvez tenhamos que reconhecer que nossas comunidades não transmitem porque não têm o que transmitir, ou melhor, que não somos de verdade cristãos, não vivemos como tais, não constituímos a semente, o fermento, a luz, o sal que o Evangelho nos convida a ser, e que, na medida em que somos, germinam, fermentam, iluminam e salgam. É dizer, que talvez a falta de uma renovação geral de que padece o Cristianismo se deva em boa medida à falta de renovação interior, espiritual: a renovação, procedente do Espírito de Deus, nas gerações encarregadas da transmissão”. Ibid., p. 25.

e sua ação, seu ser e seu fazer. O anúncio querigmático é matriz e dinamização, que orienta de maneira fundamental a reflexão e a proposta cristã⁸⁴⁴.

4.3.2

A pedagogia do Mistério e a alteridade divina

Na dinâmica mistagógica, a Iniciação Cristã consiste em ajudar a pessoa a prestar atenção à Presença de Deus na vida. Além de conduzir a esta sensibilidade para a abertura à autocomunicação divina, a mistagogia vai auxiliar na tomada de consciência e nas respostas ao amor de Deus.

A relação com Deus só é possível porque Ele se auto-comunica, na liberdade e na alteridade radical. Deus é Outro que se revela, mas que resiste a toda tentativa de manipulação, em categorias ou imagens definitivas⁸⁴⁵. Deus permanece mistério insondável, que nos faz desejar conhecê-Lo cada vez mais, como anuncia o Sirácida ou livro do Eclesiástico: “*Vinde a mim, vós que me desejais, e saciai-vos de meus frutos. Os que comem de mim terão ainda fome e os que bebem de mim ainda terão sede*”⁸⁴⁶.

A alteridade divina convida à conscientização de que cada pessoa encontra-se em estado de busca, de conversão, de caminhada. Nesta dinâmica, pessoa e comunidade buscam compreender e responder aos sinais de Deus em sua trajetória, estabelecendo momentos de conforto e alegria imensos, como outros, de descontinuidade, de ruptura, de incertezas que os impele a retomar o caminho dialógico com Deus. Dessa forma, a experiência mistagógica imprime à ICA uma dinâmica que tanto vive momentos de encontro amoroso e aprazível, como também momentos de interpelações profundas e de novas escolhas⁸⁴⁷.

Esta compreensão da ICA constitui tanto os catequistas quanto os iniciantes como neófitos, no sentido de que estejam sempre abertos ao Mistério que se revela ao longo de suas vidas e renova suas escolhas e relações. É fato que cada um destes participantes do processo catecumenal – catequista, iniciantes, comunidade – não estão no mesmo estágio de amadurecimento na fé. Esta

⁸⁴⁴ Cf. IBÁÑEZ, P. G; ÁLVAREZ, D. M. e CURSACH, J. L. S. Presentación. In: MARTÍNEZ, D. et alii. *Proponer la fe hoy. De lo heredado a lo propuesto*. Santander: Sal Terrae, 2005, p. 15.

⁸⁴⁵ Cf. BINGEMER, M. C. L. A Sedução do Sagrado. In: CALLIMAN, C. (org.) *A Sedução do Sagrado*. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 81.

⁸⁴⁶ Cf. Sir 24,19-21.

⁸⁴⁷ Cf. GIGUÉRE, P. op. cit., p. 42.

diferença é própria desta missão pastoral, a ICA. Porém, ao mesmo tempo, não é possível que esta diferença seja interpretada em termos de desigualdade⁸⁴⁸.

Neste aspecto podemos perceber dois desdobramentos importantes no processo de ICA: a dimensão de humildade, de serviço e de diálogo de quem se sabe também neófito, também em processo diante da dinâmica da abertura da própria vida ao apelo divino; e a dimensão do testemunho, daquele que transmite o que é sua orientação mais profunda e determinante.

Abertos à dinâmica do Mistério, presença e interpelação em nós e na Criação, podemos descobrir, como santo Agostinho: “Vós, porém, éreis mais íntimo que o meu próprio íntimo e mais sublime que o ápice do meu ser!”⁸⁴⁹.

Tendo registrado a dimensão dialógica da Revelação, a liberdade e a alteridade próprias desta autocomunicação, vejamos como esta nos conduz à percepção do dinamismo também presente na fé cristã, tanto na vida pessoal como na vida comunitária.

4.3.3

A compreensão da fé como caminho

Apresentar a experiência de fé como dinâmica de abertura ao Mistério é compreendê-la como abertura ao inédito, ao imprevisível, ao desconhecido, enquanto processo em que cada pessoa vai entrando em relação com o Mistério gradativamente e não de uma vez por todas, como uma passagem definitiva.

Essa espiritualidade mistagógica transborda nas palavras de Cirilo de Jerusalém, densas na dimensão contemplativa, de entrega existencial, de configuração em Jesus Cristo, de pertença à grande família dos filhos e filhas de Deus. A mistagogia de Cirilo é fundada em uma espiritualidade crística, orante e encarnada em seu tempo⁸⁵⁰. É uma espiritualidade do caminho, na qual o iniciante avança por um caminho que outros já percorreram e descreveram no seu

⁸⁴⁸ Cf. BOURGEOIS, H. *Teologia Catecumenale*. op. cit., p. 31.

⁸⁴⁹ AGOSTINHO. *Confissões* livro III, cap. 6, n. 11. In: Coleção *Os Pensadores*, São Paulo: Abril Cultural, 1980.

⁸⁵⁰ Esta espiritualidade do caminho está presente em muitos místicos, como Agostinho, que descreve como sendo sete as etapas para que a caridade atinja a perfeição; em Teresa de Jesus que nos fala das sete moradas que atravessa a alma em busca da união com Deus; como também em João da Cruz, que nos fala do crescimento na fé como a subida de uma montanha. Cf. GIGUÉRE, P. op. cit., p. 42.

testemunho. Porém, ao realizar a trajetória, cada um o faz de maneira pessoal, marcada pela própria interlocução com Deus.

Esta dinâmica responde a muitas características próprias da subjetividade moderna e pós-moderna. Entre elas estão: o primado da experiência, o tema da liberdade, do respeito à identidade, à originalidade e à autonomia. Além disso, a perspectiva de caminhada supõe dinamismo, renovação incessante e criativa, que dialoga com o tempo, com a história, com novas relações e situações que a vida apresenta. Assim sendo, compreende-se a ICA como itinerário, como proposta a ser compreendida, elaborada, interpretada e vivenciada com a marca da continuidade e também da originalidade, e não como imposição.

Despertar para a dinâmica da fé cristã como caminho significa reconhecer que ela imprime uma direção à vida e que esta é vivida enquanto um processo⁸⁵¹. Na evangelização, podem-se encontrar dificuldades frente à originalidade dos caminhos ou insistir na permanência em um determinado caminho já experimentado e avaliado como eficaz. Mas também se deve recordar que os períodos de transição são muito importantes no crescimento espiritual, pois são tempos privilegiados de discernimento. A centralidade na experiência do Mistério deve orientar no sentido de fixar critérios de discernimento em momentos de dúvida.

A atenção à dinâmica mistagógica coloca não apenas o iniciante na perspectiva do ‘caminho’, mas todos os componentes da ação evangelizadora. A mistagogia é caminho espiritual que atinge a todos, é experiência na qual todos são iniciados por Deus, que é Mistério⁸⁵². Esse caráter nos conduz à dimensão escatológica do caminho cristão. O caminho mistagógico é impulsionado ao longo de toda a vida cristã, pelo Espírito que age e mobiliza à identidade processual em Cristo. A integração entre a Palavra e a liturgia na vida da comunidade eclesial é um elemento fundamental nesse dinamismo. A reflexão de Lina Boff visibiliza este processo com clareza.

Pelo batismo morremos com Cristo para ressurgir com Ele; pela confirmação caracterizamos nossa identidade cristã; pela participação no Memorial do Senhor, atingimos a maturidade escatológica que se dá através do Espírito de Cristo. Toda a pessoa que aceita Cristo na sua vida, como todo o seu mistério salvífico de doação e entrega total ao Pai, pela salvação da humanidade inteira, amadurece

⁸⁵¹ Idem, p. 126.

⁸⁵² Cf. VASQUEZ, U. M. op. cit., p. 7.

para o convívio com Ele, através do Espírito e, de forma antecipada, torna-se participante da vida gloriosa e eterna de que Ele já goza no céu, depois de sua Ressurreição e Ascensão⁸⁵³.

Esse caráter propõe um redimensionamento de atitudes e posturas, no qual o centro do processo consiste na abertura à dinâmica do Espírito.

Uma abordagem puramente conceitual, que procure diagnosticar através da lógica a ação evangelizadora, perde sua razão de ser. A pretensão racional dá lugar à acolhida do Mistério na sua simplicidade, imprevisibilidade e desconcertos do cotidiano⁸⁵⁴. A lógica dá lugar à mística, ao processo mistagógico. Enfim, o ponto de partida e a finalidade da ICA, atenta à mistagogia, procurará sempre discernir a caminhada humana e espiritual de encontro com o Deus vivo e na comunhão libertadora consigo mesmo, com os outros e com todo o universo⁸⁵⁵.

4.3.4

O papel do testemunho na dinâmica mistagógica

No processo de ICA privilegiamos a relação de integração e de parceria entre o catequista e o iniciante e, em função desta relação, gostaríamos mais uma vez de ressaltar a importância do testemunho. O paradigma da modernidade rompeu com as grandes narrativas que apenas prometem um horizonte de plenitude no seu discurso, mas não com aquelas que apresentam a própria trajetória de vida, com seus desafios e possibilidades⁸⁵⁶. Os testemunhos que emergem da experiência de encontro com Deus não apenas anunciam, mas também convidam a participar da mesma experiência.

Sem dúvida, os testemunhos são fundamentais no processo de evangelização, como disse o papa Paulo VI, na *Evangelii Nuntiandi*: “O homem contemporâneo escuta com melhor boa vontade as testemunhas do que os mestres, dizíamos ainda recentemente a um grupo de leigos, ou então se escuta os mestres, é porque eles são testemunhas”⁸⁵⁷. A mistagogia privilegia o testemunho porque

⁸⁵³ BOFF, Lina. Índole escatológica da Igreja peregrinante. op. cit., p. 18.

⁸⁵⁴ Cf. MAÇANEIRO, M. *Eros e Espiritualidade*. São Paulo: Paulus, 1997, pp. 32-33.

⁸⁵⁵ Ibid.

⁸⁵⁶ Cf. BENEDETTI, L. R. A experiência no lugar da crença. In: ANJOS, M. F. *Experiência Religiosa: risco ou aventura?* São Paulo: Paulinas, 1998, p. 30.

⁸⁵⁷ EN 41.

ele é o caminho mais coerente para o convite à fé. Na mistagogia ciriliana, as narrativas da Sagrada Escritura são apresentadas como testemunho, e assim também o Símbolo Apostólico.

O testemunho valoriza a experiência, tanto pessoal como comunitária. Experiência que não pode ser produzida instrumentalmente ou utilizada como ação estratégica. O testemunho não é uma atuação, mas compreensão de uma vida, que pode ser narrada, dialogada, identificada e, até mesmo, compartilhada. A primazia do testemunho sobre a palavra está em que “o que se gasta de tanto dizê-lo resulta às vezes novo e surpreendente quando se faz”⁸⁵⁸. Aquele que dá testemunho se coloca no mesmo campo da proposta que anuncia, se compromete e se responsabiliza, coloca a própria vida como garantia da fidelidade. Àquele que propõe, convoca a uma experiência real e cotidiana, a qual se empenha em acompanhar e orientar.

Na fé cristã, o testemunho não é testemunho pessoal, mas vem relacionado à pessoa de Jesus. Quem testemunha anuncia a Boa Nova que é Deus mesmo entre nós. Mais. O testemunho não nasce pela iniciativa humana, mas brota pela ação do Espírito que nos ensina a viver e praticar o que Jesus viveu e praticou. Passando pelas águas do Batismo, o Espírito que habita em nós, se manifesta e dá testemunho do projeto de Deus para todos os seus filhos e filhas, projeto esse plenificado em Jesus Cristo. Nesse dinamismo, quem testemunha a Cristo, passa a ser mediador da Revelação e, pela sua linguagem e inserção contextual, a atualiza na história de seu tempo⁸⁵⁹. As orientações do Magistério da Igreja reforçam a importância do testemunho na evangelização:

Não basta falar de Deus. É necessário testemunhá-lo por uma vida de santidade encarnada em nossos dias. O testemunho de vida é a primeira e insubstituível forma de missão. Em nosso tempo, muitas são as testemunhas coerentes e perseverantes na fé e no amor a Cristo até mesmo com o sacrifício da própria vida⁸⁶⁰.

Ao testemunhar, o apelo que alcança o ouvinte torna-se, na verdade, mediação do convite que parte de Deus. Quem testemunha o faz “em nome de”, atravessado na experiência pessoal pela graça divina. O testemunho vem retomar

⁸⁵⁸ VELASCO, J. M. op. cit., p. 104.

⁸⁵⁹ Sobre este tema ver o excelente estudo de Lina Boff em seu trabalho *Espírito e Missão na obra de Lucas-Atos*. Op. cit., principalmente pp. 169-194.

⁸⁶⁰ DGAE. 1999-2002, n. 14.

a dinâmica da alteridade, por ser uma ação dialógica, iniciada por Deus, e acolhida, vivida e interpretada por duas pessoas: quem dá testemunho e quem o recebe. Testemunhar é reconhecer a autodeterminação e a capacidade de compreensão e interpretação do outro. O outro não é um objeto que recebe uma verdade, mas uma pessoa que, em sua decisão, em sua escolha, é fundamentalmente livre⁸⁶¹.

Além disso, o testemunho é um ato de comunicação e, como tal, exige que os parceiros refiram-se a uma realidade comum, que compreendam a mensagem transmitida. No campo da ICA, significa que a realidade da Revelação seja conhecida e que o processo de compreensão aproxime testemunha e iniciante⁸⁶².

Segundo a fé cristã, essa comunicação corresponde exatamente à relação de Deus conosco, na medida em que participa a Si mesmo, revela-Se a cada filho e filha, testemunha em cada gesto tudo que é e nos convida a entrar em comunhão com Sua misteriosa e sedutora realidade. “O mistério da Alteridade lhes propõe a profunda comunhão na gratuidade. O amor passa, então, a governar suas vidas e a transformá-las segundo a inexorabilidade e a radicalidade de Sua vontade”⁸⁶³.

Nossa fé é fundada no testemunho divino e não na evidência ou no puro emocional. A mistagogia consiste precisamente em aceitar esse testemunho divino no interior do coração como fundamento último da fé, como eixo orientador da própria vida, como lei interior e encontro pleno⁸⁶⁴.

Quem testemunha narra uma relação, relação essa iniciada por Deus. No ato de testemunhar “realiza o reconhecimento de Deus como Deus, não anuncia a si próprio, mas o descentramento absoluto, a Transcendência que caracteriza a atitude daquele que crê”⁸⁶⁵. Dessa forma, o testemunho se torna convite, proposta e não imposição ou transmissão teórica. “A eficácia do testemunho reside em que reflita o absoluto de Deus como não poderia refleti-lo nenhuma outra realidade humana”⁸⁶⁶.

Descobre-se um Deus que é Presença ontem, hoje e sempre, e Presença dialogante com o homem e a mulher no seu tempo e lugar, com a comunidade humana. Quem entra em contato com este Deus torna-se intérprete da Palavra que

⁸⁶¹ Cf. METTE, N. *Pedagogia da Religião*. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 234.

⁸⁶² Ibid.

⁸⁶³ BINGEMER, M. C. L. A sedução do Sagrado, op. cit., p. 83.

⁸⁶⁴ Cf. LIBANIO, J. B. op. cit., pp. 219-220.

⁸⁶⁵ VELASCO, J. M. op. cit., p. 98.

⁸⁶⁶ Ibid.

renova a própria vida e dialoga com os diversos testemunhos que atravessaram a história sabe-se participante do projeto salvífico e convidado a dar continuidade e com ele colaborar. Como já vimos a mistagogia está fundada nesta dinâmica relacional e, em decorrência desta intercomunicação, suscita uma circularidade hermenêutica que abre o processo de evangelização a novas e possíveis circularidades interpretativas⁸⁶⁷.

Quem conheceu a Palavra e por ela se deixou possuir, torna-se por sua vez testemunha, expressa-a em gestos e palavras que estabelecem novos pontos de transmissão do conhecimento e da vida. Ele é transformado de tal sorte que fala e age como aquele que tem no coração o Eterno: a testemunha reenvia certamente ao “lugar” e aos “lugares” em que encontrou a Palavra, mas se torna também, de certo modo, ele próprio habitação do Eterno⁸⁶⁸.

O anúncio querigmático ressoa na história, é transmissão viva da Revelação: “*E como o invocariam sem terem crido nele? E como creriam nele, sem o terem ouvido? E como o ouviriam, se ninguém o proclama? E como proclamá-lo, sem ser enviado?*” (Rm 10,14). Entrando em sintonia mistagógica, a adesão é abertura à comunicação de Deus que antecede a decisão pessoal e que a aguarda amorosamente. A autonomia da pessoa e sua experiência pessoal são respeitadas, e esta é convidada a participar de uma fé que é companhia, que é presença no decorrer dos tempos e na confissão do povo peregrino.

Diante de um mundo onde crescem as formas de comunicação de massa de toda espécie, com os mais variados apelos e discursos, muitas vezes contraditórios, torna-se uma reação saudável o trabalho de crítica diante de tantos mestres. Neste contexto, “o evangelizador hoje deve ser, antes de mais nada, testemunha mais do que mestre”⁸⁶⁹.

Após essas considerações a respeito do papel fundamental do testemunho na ICA, repensemos, em diálogo com a mistagogia de Cirilo de Jerusalém, a concepção de transmissão da fé que perpassa nossa prática catecumenal com adultos.

4.3.5

A concepção de transmissão da fé

⁸⁶⁷ Cf. FORTE, B. *A teologia como companhia, memória e profecia*. op. cit., p. 172.

⁸⁶⁸ Ibid.

⁸⁶⁹ *DGAE* 1999-2002, n. 117; *DGAE* 2003-2006, n. 98

A dinâmica mistagógica não compreende a transmissão como mera passagem de conteúdos e de conhecimentos elaborados por uma determinada comunidade, em um determinado momento histórico. Se pensada nesse sentido, teríamos uma experiência estática, apenas reprodutora de fórmulas e conteúdos, o que não poderia configurar uma adesão vital, mas sim intelectual. Ora, o Evangelho não é nem de longe um conjunto de saberes de ordem intelectual a serem apreendidos formalmente⁸⁷⁰. É o encontro com o próprio Deus que se revela, encontro vital que atinge a personalidade de cada um e que com ele estabelece uma relação dialógica⁸⁷¹. Já vimos que este pressuposto é prioritário para a construção de uma experiência mistagógica.

Ao olharmos para a ICA atual nos defrontamos com diferentes concepções da transmissão da fé. Vejamos um exemplo: é possível que queiramos transmitir não o Cristianismo, mas o Cristianismo tal como vivemos e pensamos, ou tal como viveram e pensaram as gerações que nos precederam⁸⁷². Essa forma de transmissão é bem diferente da que aprendemos com a mistagogia de Cirilo de Jerusalém. O conteúdo da fé cristã não é um depósito de verdades, normas e costumes, que podemos transmitir com algumas adaptações a novas condições de vida, e sim o diálogo com um Deus que é relação⁸⁷³.

A mistagogia compreende a fé como uma relação de intercomunicação entre a dimensão objetiva a ser transmitida e a dimensão subjetiva que experimenta e dialoga com o anúncio. A fé não é apenas uma experiência interior, pois abriga uma dimensão objetiva, possui uma história e uma tradição, princípios teológicos e doutrinários, experiências e orientações para a comunidade eclesial. Não é reinventada por cada geração e por cada pessoa. Tem uma data anterior comum, que é a mesma, independente do país, da cultura, do momento histórico com o qual dialoga⁸⁷⁴. No entanto, a fé também possui uma dimensão subjetiva que entra em relação com seu caráter mais estável e estabelece entre ambos uma

⁸⁷⁰ Cf. CASTIÑEIRA, À. *A experiência de Deus na pós-modernidade*. op cit., p. 154; GALILEA, S. *Reflexiones sobre la evangelización*. Quito, Equador, CELAM/IPLA, 1970, pp. 33-34.

⁸⁷¹ Cf. LIBANIO, J. B. op. cit., pp. 227-228.

⁸⁷² Cf. VELASCO, J. M. op. cit., pp. 25-26.

⁸⁷³ Cf. PIÉDAGNEL, A. op. cit., p. 16; Cf. GONZÁLEZ FAUS, J.I. *Desafio da Pós-modernidade*. op. cit., p. 54

⁸⁷⁴ Cf. GIGUÉRE, P. op. cit., p. 36.

realidade dinâmica, capaz de transformar, tanto no plano de sua compreensão e de sua expressão como no que se refere ao seu caráter de experiência subjetiva⁸⁷⁵.

Compreender a transmissão da fé nessa dinâmica redimensiona os papéis e as ações geradoras no processo de ICA. O anúncio querigmático e os princípios da fé cristã são propostos, tomados como convites, como oferecimento. Um oferecimento que transmite vida, experiência, testemunho e, ao mesmo tempo, a alegria da convocação e da comunhão com Deus. Nem de longe é uma proposta que defenda uma atitude de indiferença, de missão cumprida que não se envolva e não se interesse pela resposta que essa interpelação venha a receber⁸⁷⁶.

Como vimos na mistagogia de Cirilo, para dar conta desta intercomunicação entre as dimensões objetiva e subjetiva da fé, ele buscava conhecer a realidade dos destinatários, suas particularidades: história, cultura, o contexto no qual viviam e os valores que orientavam suas vidas.

Na sociedade atual, o diálogo permanente com o grupo de catecúmenos e com a comunidade local permitirá que aflorem as diversas experiências e percepções, a pluralidade proveniente da originalidade. Enquanto ocorre esse acompanhamento mútuo, a dinâmica de alteridade configura o enriquecimento entre os interlocutores, o acolhimento da riqueza das diferenças e a descoberta de novos caminhos a partir das experiências partilhadas⁸⁷⁷.

Este tema nos lança em mais uma vertente dessa rica experiência, que consiste no diálogo que se estabelece entre Deus e cada pessoa e entre todos, diálogo marcado pela liberdade e pela alteridade.

4.3.6

Um encontro de liberdades

A antropologia teológica judaico-cristã concebe a pessoa humana criada na liberdade e para a liberdade⁸⁷⁸. Na ICA se dá um encontro de liberdades: entre

⁸⁷⁵ Ibid.

⁸⁷⁶ Cf. VELASCO, J. M. op. cit., p. 108.

⁸⁷⁷ Ibid., p. 136.

⁸⁷⁸ “A verdadeira liberdade é sinal da imagem divina no homem. Deus quis deixar nas mãos do homem sua própria decisão para que assim busque espontaneamente ao seu Criador, e aderindo livremente a este, alcance a plena e bem-aventurada perfeição”. “Não há lei humana que possa garantir a dignidade pessoal e a liberdade do homem com a segurança que comunica o Evangelho

Deus e seus filhos e filhas, entre os irmãos, entre estes e o mundo em que se situam, entre cada um e a Tradição que os precedeu.

Segundo esta compreensão, na transmissão da fé, não há polaridade entre sujeitos ativos e sujeitos passivos⁸⁷⁹, e sim uma relação dinâmica e renovadora de todos e de cada um. Os catequistas, os catecúmenos, a comunidade local, a Igreja e a sociedade, todos participam do anúncio querigmático. Este é dinâmico, vivo, restaurador, é tarefa hermenêutica realizada a muitas mãos e muitas vidas. E, fundamentalmente, é anúncio que parte da iniciativa do Espírito de Deus que atua em todos os ângulos dessa dinâmica relacional e convida à resposta que se traduz em vida nova.

À medida que a ICA reúne decisão, comunhão e participação, esta experiência torna-se fecunda e capaz de congregar sujeitos ativos e responsáveis frente à proposta da Revelação. A fé cristã é resposta dada por homens e mulheres a uma proposta que lhes é feita em Jesus Cristo e por ele. É resposta a um convite: “*Segue-me*” (Mc 2,14; 10,21); “*Se queres...*” (Mt 19,21); “*Vinde e vereis*” (Jo 1,39); “*Se alguém quer vir em meu seguimento...*” (Mc 8,34). A Revelação é um convite à liberdade. Sem dúvida, o ato de fé possui um caráter livre e pessoal, pertence à ordem da resposta, evoca consciência e compromisso, experiência e conversão, revisão de vida e novas escolhas⁸⁸⁰.

Em Cirilo de Jerusalém vimos que a profissão de fé, teologia firmada na trajetória da comunidade cristã, é assumida como continuidade e compromisso, como testemunho e resposta pessoal⁸⁸¹. A profissão de fé é formulada em primeira pessoa: “*Creio em Deus... e em Jesus Cristo... Creio no Espírito Santo...*”⁸⁸². Ninguém pode crer pelo outro. Ninguém pode se comprometer no lugar do outro. Mesmo em sua dimensão comunitária, a resposta da fé nunca poderá suprir a decisão pessoal.

Algumas vezes, a condição de liberdade no ato de fé pode assustar, porque compromete e, ao exercê-la, entra-se em contato com toda uma riqueza e também

de Cristo, confiado à Igreja. O Evangelho anuncia e proclama a liberdade dos filhos de Deus (...) respeita santamente a dignidade da consciência e sua livre decisão”. GS 14 e 41.

⁸⁷⁹ Cf. VELASCO, J. M. op. cit., p. 26.

⁸⁸⁰ J. B. Libanio afirma que a profissão de fé “*Eu creio*” é uma resposta livre a uma proposta de Deus. Deus criou o homem em liberdade e respeita-lhe esta prerrogativa no diálogo que estabelece com ele. Se tanto a liberdade divina como a humana são envolvidas por um mistério, o ato de fé só pode ser entendido como resposta livre”. Cf. Ibid., p. 191.

⁸⁸¹ CM II, 4.

⁸⁸² DENZINGER, E. *El magisterio de la Iglesia*. Barcelona: Herder, 1995, p. 6

com as limitações do tornar-se pessoa e aprender a viver em comunidade, na dinâmica das relações fundamentais. Contudo, não há outro caminho para o ato de fé. Ele é constituído pela aceitação livre, pela decisão pessoal e mais do que fixado em um momento de adesão, é resposta a cada situação, necessitando ser abraçada e renovada incessantemente⁸⁸³. Por isso mesmo, a resposta da fé é uma orientação existencial, um compromisso que requer movimento, discernimento, riscos e também equívocos⁸⁸⁴. É o caminho mistagógico, um caminho que conduz à maturidade da fé e das relações fundamentais da pessoa humana. E tudo isto começa com o consentimento livre, com uma experiência interior.

A ICA hoje, se dá em uma lógica que concilie o anúncio querigmático e a liberdade de cada pessoa. A experiência de fé não pode ser um pressuposto e nem a doutrina cristã pode ser uma solução. Em nossa sociedade, a ICA deve se realizar em outro paradigma⁸⁸⁵. Não cabem nessa dinâmica estados de dependência ou de submissão, de acomodação ou de repetição mecânica. Estes sinalizam, ao contrário, a ausência de uma fé amadurecida no compromisso pessoal. Uma das tarefas mais importantes de um mistagogo consiste em auxiliar os iniciantes no discernimento e na tomada de consciência.

Como consequência dessa participação de cada iniciante no itinerário da Iniciação Cristã, é natural que se considere todas as dimensões presentes em sua estrutura, e não apenas as que estão relacionadas com o catequista e orientadores da comunidade local. A participação dos iniciantes na avaliação e planejamento do processo de Iniciação Cristã coloca esta estrutura em constante revisão e reconstrução, de acordo com a realidade que se apresenta e suas novas interpelações.

Afirmar a participação ativa de todos no processo de evangelização, é respeitar o princípio dialógico onde é a alteridade que orienta as relações. É afirmar a legitimidade da diferença, sua riqueza e fecundidade, sem, contudo, abrir mão da identidade e dos referenciais que servem de base e orientação a este diálogo.

⁸⁸³ Cf. ANTONIAZZI, A. op. cit., 263.

⁸⁸⁴ Cf. GIGUÉRE, P. op. cit., p. 120.

⁸⁸⁵ Cf. IBÁÑEZ, P. G; ÁLVAREZ, D. M. e CURSACH, J. L. S. op. cit., p. 16.

Após tratarmos da dimensão interativa na ICA, compreendendo-a como um encontro de liberdades, abordaremos o tema das comunidades, células vivas da Igreja, espaços fecundos na experiência da fé cristã.

4.3.7

Comunidades de vida

E como falar de anúncio, de testemunho, de transmissão da fé e de alteridade sem tocarmos em mais um dos temas fundamentais para o Cristianismo: a comunidade? É verdade que a modernidade decretou a crise das instituições e dos discursos e orientações que delas advêm. Então, como tratar de uma realidade tão presente e fundamental no Cristianismo se encontramos posturas céticas e resistentes nas gerações com as quais trabalhamos? Por outro lado, será que temos comunidades verdadeiras para acolher aos iniciantes na fé cristã?⁸⁸⁶

A Igreja, enquanto instituição, também foi atingida pelo fenômeno de desvalorização da tradição e das instituições na sociedade moderna. Ampliando esta chave de leitura encontramos tal crise atingindo os sistemas globais de sentido e a perda das estruturas imaginárias de continuidade, ligadas à estabilidade da pertença familiar, local, cultural e histórica. Vive-se uma ruptura do pensamento linear e de continuidade, que inscrevia as pessoas e os grupos em um universo de sentido ligado às comunidades de pertença⁸⁸⁷.

Por outro lado, crescem as relações baseadas em vínculos interpessoais sólidos e duradouros e não apenas funcionais⁸⁸⁸. São essas relações que produzem as experiências pessoais de construção de identidade por estabelecerem as condições para a construção da dinâmica da intersubjetividade: o diálogo, a liberdade e a alteridade. Construir vínculos comunitários, é desafio e condição

⁸⁸⁶ A crise da transmissão da fé também está relacionada com a crise das comunidades, com o individualismo moderno, com a ausência de testemunhos de conversão e apostolado, capazes de mostrar ao mundo a Boa Nova do Cristianismo com renovado ardor. Cf. METTE, N. op. cit., p. 231; GONZÁLEZ-CARVAJAL, L.G. *Evangelizar en um mundo postcristiano*. op. cit., pp. 137-139; MIRANDA, M. F. *Um homem perplexo*. São Paulo: Loyola, 1992, pp. 22-25.

⁸⁸⁷ Cf. VELASCO, J. M. op. cit., p. 42.

⁸⁸⁸ Sobre esta questão ver LIBANIO, J. B. *As lógicas da cidade*. São Paulo: Loyola, 2001, pp. 157-164.

para que a ICA encontre campo fecundo para a sementeira e para que se estruture⁸⁸⁹.

O Magistério da Igreja afirma que a fé é um caminhar pessoal, mas também considera que ela é construída e amadurecida na vida comunitária⁸⁹⁰.

Paulo VI, na Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, proclama:

Aqueles que acolhem com sinceridade a Boa Nova, por virtude desse acolhimento e da fé compartilhada, reúnem-se, em nome de Jesus, para conjuntamente buscarem o reino, para edificá-lo e para vivê-lo. Eles constituem uma comunidade também ela evangelizadora⁸⁹¹.

A vida comunitária não é uma experiência de socialização, mas fruto da experiência sacramental de Igreja, que tem na Celebração Litúrgica sua referência central: Jesus Cristo. A reforma litúrgica impulsionada pelo concílio Vaticano II já destacava a importância de conduzir os fiéis ao Mistério como um objetivo irrenunciável. Diz a *Sacrosanctum Concilium*: “A santa Madre Igreja deseja ardentemente que se leve a todos os fiéis àquela participação plena, consciente e ativa nas celebrações litúrgicas que exige a natureza da liturgia mesma”. A razão aparece um pouco mais adiante: “porque esta participação é a fonte primária e necessária em que hão de beber os fiéis o espírito verdadeiramente cristão”⁸⁹².

Na mistagogia, o processo recepção da Tradição é tratado como uma atitude de acolhida de uma ‘herança’ legitimada pela experiência do Povo de Deus, seja na Palavra revelada ou nas orientações do Magistério eclesial. Cada iniciante, recebe esta ‘herança’ como tesouro do qual passa a participar. Ele a assume e a torna sua, se apropria deste legado de forma pessoal e normativa, e passa a transmiti-lo⁸⁹³. Este processo comporta, por um lado, o lugar da comunidade na vida pessoal e, por outro, a apropriação pessoal do que é transmitido.

⁸⁸⁹ Apenas grupos vitais constituem o meio para que surjam e se desenvolvam tais relações. Esses grupos são justamente as comunidades: sua situação estrutural na intersecção da esfera privada e pública as converte em lugar social privilegiado, em meio por excelência para a transmissão do Cristianismo como forma de vida e sistema de valores às gerações futuras. Cf. VELASCO, J. M. op. cit., p. 57.

⁸⁹⁰ *DGAE* 1999-2002, n. 15.

⁸⁹¹ *EN* 13.

⁸⁹² CONCÍLIO VATICANO II, *Constituição Sacrosanctum Concilium sobre a Sagrada Liturgia*, 1965, n. 14.

⁸⁹³ CF. FORTE, B., op. cit., pp. 62-64.

Já apresentamos que todo esse processo é vivenciado no interior das comunidades que se colocam na trajetória do projeto de Deus para a humanidade. Por outro lado, ao gerar um novo conjunto de experiências e ideias, cada comunidade torna-se mistagoga no mundo, ou seja, torna-se sinal que fecunda o Mistério de Deus no mundo⁸⁹⁴.

J. M. Velasco recorda a proposição do Concílio Vaticano II sobre a ação eclesial e o lugar da comunidade enquanto testemunho cristão no mundo.

O Concílio Vaticano II nos ajudou a tomar consciência de que o sujeito, quando se fala de Igreja e suas ações e, portanto, da transmissão, é a Igreja inteira, toda ela povo de Deus. Isso comporta que o peso na realização da transmissão deveria passar, da Igreja em geral, com frequência identificada com a hierarquia, às comunidades vivas, às fraternidades em que estas existem e das quais constam as Igrejas particulares, de cuja comunhão se constitui a Igreja universal. A transmissão da vida cristã não se efetua tanto por proposição oficial de enunciados de fé, dogmas, princípios e normas, quanto pela possibilidade real de uma identificação prática com pessoas e grupos em que se têm feito realidade viva – e, assim, oferta de sentido vital para outros – aspectos fundamentais dessa ‘forma de vida’ na qual consiste o cristianismo⁸⁹⁵.

A comunidade é o lugar onde a mistagogia deve se tornar realidade, como mediadora do Mistério de Deus, na experiência do amor fraterno, na busca de respostas cristãs às questões existenciais, no cultivo da esperança escatológica da realização plena da Criação, segundo o projeto salvífico. *“Que o vosso amor seja rico ainda, e cada vez mais, em clarividência e plena percepção para discernir o que melhor convém”*⁸⁹⁶.

O papa João Paulo II, em discurso aos bispos do Brasil, remete a toda a comunidade a missão de evangelizar, e foca a experiência de comunhão como principal testemunho da comunidade eclesial.

(...) Assim estaremos forjando uma comunidade eclesial repleta de vitalidade e evangelizadora, que vive uma profunda experiência cristã alimentada pela Palavra de Deus, pela oração e pelos sacramentos, coerente com os valores evangélicos na sua existência pessoal, familiar e social⁸⁹⁷.

⁸⁹⁴ Cf. VELASCO, J. M., op. cit., p. 30.

⁸⁹⁵ VELASCO, J. M., op. cit., p. 78.

⁸⁹⁶ Cf. FI 1,9.

⁸⁹⁷ JOÃO PAULO II. Discurso para os bispos dos Regionais Oeste 1 e Oeste 2. In: *Palavra de João Paulo II aos bispos do Brasil*. Paulinas, São Paulo, 2003, n. 2.

Se hoje muitos não encontram a comunidade de vida cristã que lhes oportuniza uma experiência mistagógica, onde se dê um conhecimento mais profundo do Mistério, juntamente com um autêntico conhecimento mútuo e laços de fraternidade concretos, cabe-nos rever a caminhada de nossas comunidades e resgatar esse processo fundamental. As comunidades locais são chamadas a ser contextos vitais, pois sua vocação é fazer a experiência concreta do amor que Ihe é revelado e, assim, transformar as condições de vida em direção a um mundo mais humano e à espera do advento do Reino definitivo⁸⁹⁸.

Conclusão

Neste último capítulo, articulamos os dados apresentados e refletidos nos capítulos anteriores na direção da construção de um processo mistagógico que atenda à realidade da Iniciação Cristã de Adultos para os nossos tempos.

Um fator fundamental para esta atitude de resgate da Mistagogia foi constatar, no confronto com a cultura atual – modernidade, pós-modernidade, modernização reflexiva –, muitos sinais de uma nova subjetividade, que traz consigo a gênese de uma dinâmica relacional. Emerge uma subjetividade que considera o ser humano de maneira integrada, em suas muitas dimensões, vivendo em um sistema complexo de relações com o mundo e com as pessoas. É uma subjetividade que se abre para a relação dialógica e que, através das práticas discursivas intersubjetivas, reconstrói seus significados e suas escolhas fundamentais. Neste sentido, estamos diante de um momento privilegiado para a evangelização, em que a subjetividade está aberta a novas experiências estruturantes e que se dá conta de que é o encontro com o outro, consigo mesmo e com o mundo que a conduzirá à realização.

A Iniciação Cristã de Adultos é matéria-prima para a evangelização em nossa sociedade, pois reúne temas-chave do Cristianismo como: identidade, comunidade, testemunho e missão. Mais do que buscar novas metodologias que dialoguem com o nosso tempo, a ICA pede uma fundamentação teológica que resgate sua essência e aponte caminhos pastorais. Esse quadro nos conduziu a duas experiências de Igreja: a Igreja-fonte de *Cirilo de Jerusalém*, em meados do século III, e a Igreja-local, na *Casa de Oração Batismo do Senhor*, no início do

⁸⁹⁸ Cf. PAGOLA, J. A., op. cit., pp. 52-53.

século XXI. Apesar do distanciamento histórico e contextual, há entre estas duas experiências uma ligação que possibilita a aproximação de natureza teológica: seu eixo referencial é a Mistagogia.

Após analisarmos as duas experiências de Igreja trouxemos pressupostos teológicos e princípios orientadores para o desenvolvimento do eixo mistagógico como referencial para a ICA atual. Além dessa sistematização com relação à ICA, acreditamos que a Mistagogia estabelece uma parceria fundamental no que concerne à evangelização: uma articulação entre o saber teológico e a ação pastoral-pedagógica, ou seja, entre o conhecimento específico de cada um desses saberes enquanto caminho profícuo na busca de respostas eficazes para a missão de evangelizar.

Desde os primórdios da caminhada da Igreja, encontramos o anúncio do *kerigma*, razão de ser da nova proposta salvífica que surge da experiência de encontro com Jesus, vivida pelos apóstolos, testemunhada e anunciada por seus seguidores e discípulos. O anúncio evangélico não era transmitido como uma adesão intelectual, mas com o ardor daqueles que experimentavam na própria vida o mistério pascal. Tornavam-se, mais do que anunciadores, testemunhas do Mistério.

Ser testemunha já é parte fundamental na dinâmica de comunicação da verdade de fé. O testemunho é percebido através da adesão pessoal ao Evangelho, que se reflete nas atitudes, na postura existencial, na experiência de fé que se faz palpável, realidade. Por isso, com base nesta experiência aquele que anuncia e testemunha, também convoca para a ela. O fundamental é que o mistério pascal de Cristo se torne realidade na experiência pessoal e transborde nas experiências relacionais e sociais.

Sendo assim, a ICA e os demais processos de evangelização não são fins em si mesmos, são meios. São momentos privilegiados e fundamentais nesse processo, porém enquanto mediações, necessitam estar atentos e abertos à escuta permanente da dinâmica da Revelação na experiência pessoal e comunitária, na Palavra revelada nas Escrituras, na Tradição, no Magistério da Igreja e nas interpelações que a sociedade apresenta.

A experiência mistagógica vivida na prática pastoral de Cirilo de Jerusalém não é uma proposta defasada com a realidade. Suas *Catequeses Mistagógicas* reúnem pressupostos teológicos e princípios pedagógicos que em

muito auxiliam a compreensão da dinâmica da ICA e que não podem deixar de estar presentes. Ao resgatarmos a experiência mistagógica nas orientações de Cirilo de Jerusalém nos colocamos no dinamismo da fé peregrina rumo à luz maior. Na verdade, é este mesmo o impulso fontal da teologia:

O conhecimento da fé expressa a necessidade de dizer a luz obtida, não para fazer cessar a busca, mas para dar-lhe um apoio que a ajude a comunicar-se e ir avante. A fé, início da teologia, é também o seu limite inexorável, que sempre denuncia sua provisoriedade e recorda o seu caráter de balbúcio do Mistério, sempre ainda aberto às surpresas de Deus⁸⁹⁹.

O grupo de Catecumenato com Adultos da *Casa de Oração Batismo do Senhor* local participa da caminhada da Igreja, está imbuído da uma teologia fiel às orientações do Magistério e que, ao mesmo tempo, é capaz de dialogar com nosso tempo sem perder seu enraizamento na Palavra e na Tradição. É uma comunidade viva, apostólica que, a nosso ver está entre muitas comunidades que se tornam testemunhas de Cristo no mundo, profundamente encarnadas no mundo e co-responsáveis no projeto de Deus para seus filhos e filhas.

A crise da pastoral tradicional reclama a urgência de uma revisão profunda do processo de ICA, da vitalidade das comunidades e do modo concreto de viver a relação Igreja-mundo e fé-cultura.

Nossa reflexão se propõe a confirmar a importância de uma ação pastoral-pedagógica fundada nos princípios que nortearam a Igreja dos primeiros séculos, não como uma repetição mecânica de um processo distanciado em muito na história, mas como eixo orientador, como chave de compreensão e de revisão da ação evangelizadora atual. A ação evangelizadora vem buscando renovar-se à luz das orientações do Magistério e do diálogo com os novos tempos. A experiência mistagógica nos lembra que a participação dos fiéis na dinâmica pastoral e sua inserção eclesial deve ser acompanhada desde a iniciação, e buscar uma participação frutuosa, interna e externa, na qual o fiel se deixe configurar com Cristo ressuscitado, pela ação do Espírito Santo.

A experiência de Deus não se dá de maneira dispersa, distraída, dissipada no esquecimento sistemático de si mesmo. A mistagogia nos fala de que o encontro com Deus supõe um caminhar, uma existência que caminhe até a centralidade da pessoa, na mais profunda intimidade e, na densidade desta

⁸⁹⁹ FORTE, B. op. cit., p. 58.

experiência, o encontro com a mais radical alteridade, a presença de Deus. É uma experiência que leva a pessoa a superar a dupla tentação de desistir, perder a esperança de encontrar o sentido da vida, ou pretender realizar-se por si mesma, e que a conduz à abertura ao Mistério que se oferece e que a faz ser.

É uma experiência que retoma a dinâmica primordial da fé, de encontro com a verdadeira Transcendência. Na sua imensa rede de relações, a mistagogia nos coloca diante da origem da experiência de fé, ou seja, nos coloca diante de Deus e, a partir desta centralidade, todos os elementos do processo passam a assumir o lugar de mediadores, sejam os agentes da evangelização, os destinatários, a estrutura, os instrumentos selecionados, os conteúdos, a comunidade, a sociedade. Os elementos que se articulam em torno do eixo mistagógico, tornam-se não os primeiros agentes, mas os colaboradores do Espírito, e responsáveis em auxiliar as pessoas e comunidades no crescimento de sua vida em Cristo.

Concluimos este capítulo, com as palavras do Papa João Paulo II, na sua Mensagem por ocasião do Dia Mundial da Paz, confirmando a premência de que a religião seja força propulsora de uma nova humanidade:

A religião possui uma função vital para suscitar gestos de paz e consolidar condições de paz, podendo desempenhá-la de forma tanto mais eficaz quanto mais decididamente se concentra naquilo que lhe é próprio: a abertura a Deus, o ensino da fraternidade universal e a promoção duma cultura solidária⁹⁰⁰.

⁹⁰⁰ JOÃO PAULO II, Mensagem de Sua Santidade João Paulo II para a Celebração do Dia Mundial da Paz, 1º. de janeiro de 2003, *Pacem in Terris: um compromisso permanente*, n. 9. Disponível em: <http://www.arquidiocese.org.br/paginas/jp2003.htm>. Acesso em: 6 de junho de 2008.

Conclusão Geral

O tema que nos propusemos a analisar e desenvolver neste trabalho partiu de uma convicção fundamental: **a presença e a implicação de Deus na totalidade do ser humano e do mundo**, até o ponto em que toda e qualquer experiência religiosa e cristã desta presença exige uma sintonia com o Mistério imanente e implícito na história, na vida de seus filhos e filhas, na dinâmica da Criação.

Não transcorremos esta elaboração sem uma experiência pessoal e comunitária da Mistagogia, ou seja, este caminho “acadêmico” foi, para nós, um caminho no qual nos deixamos conduzir pelas mãos do Senhor, buscando estarmos atentos às fontes da Revelação, à sua dinâmica da história da humanidade e na experiência particular do grupo em Catecumenato da Casa de Oração Batismo do Senhor.

Nosso mistagogo nesse caminho foi Cirilo de Jerusalém, com quem nos identificamos e nos afiliamos com confiança nos passos com os quais conduziu sua comunidade primeira, em Jerusalém, e que se tornam fontais para a caminhada eclesial de todos os tempos. Apesar de ter atuado pastoralmente em uma cultura específica, a relevância de sua obra é universal. Trazemos as palavras da teóloga Lina Boff sobre a relevância do retorno às fontes da Revelação.

A renovação teológica das duas primeiras décadas do século vem confirmar novamente a lei geral: cada realidade religiosa redescoberta vem sempre acompanhada de uma nova consulta ‘às fontes’. O retorno às fontes busca confirmação, apoio, alimento e inspiração nos grandes ‘lugares teológicos’. A comunidade, portanto, é criação do Espírito do Senhor que a sustenta com sua força e a faz evento de comunhão em torno do anúncio⁹⁰¹.

Queremos dizer com tudo isso que acreditamos que **a teologia se faz também como caminho mistagógico**. É Deus mesmo que inspira nosso serviço específico e, ao mesmo tempo, condicionado pelas circunstâncias pessoais, históricas, construções e práticas discursivas. Além disso, nossa interpretação procurou partir de dentro das fontes da Tradição e do interior de uma experiência comunitária, a fim de que pudéssemos estabelecer um diálogo que não decidisse ‘a priori’ o significado da Mistagogia ontem e hoje. No entanto, nossa elaboração

⁹⁰¹ BOFF, Lina. *Espírito e Missão na Teologia*. op. cit., pp. 102-103.

não pretendeu ser mimética, mas estabelecemos um diálogo com a experiência mistagógica atual de corte crítico e reflexivo de seu significado.

Nossa consciência e compreensão prévia foi uma forma de questionamento, de preocupação e aproximação com as questões que emergiram para nós como relevantes no processo de Iniciação Cristã de Adultos. Enfim, ousamos nos situar como intérpretes, hoje, de uma fonte de sabedoria da Igreja dos primeiros tempos, confiantes de que esta interpretação foi mediada pela experiência do Mistério em todo o seu percurso. Fazemos nossas as palavras de J. Libanio sobre o fazer teológico:

No entanto, ela situa-se também num tempo, espaço, cultura, produzida por homens ou mulheres, obra de uma instituição ou de uma pessoa, de caráter oficial ou espontâneo. Essas determinações conotam limitação. Enquanto situada percebe aspecto próprio desse lugar. Sua riqueza. Mas é condicionada por ele. Seu limite. Numa palavra, todo lugar de conhecimento e de produção teórica possibilita ver a verdade universal, mas, simultaneamente, limita-a⁹⁰².

Nossa hermenêutica também visa potencializar a ação, no caso, contribuir para a reflexão quanto à identidade teológica da Iniciação Cristã de Adultos hoje e quanto ao caminho mistagógico que motiva uma nova fundamentação e articulação dos elementos que participam desse processo.

Ao final deste percurso desejamos trazer três temas que, a nosso ver, são elementares na reflexão sobre a Mistagogia: **o Mistério, o Caminho e o Espírito que tudo renova e integra**.

Em tempos de tanta desconfiança, desejo de tudo controlar e desvendar, até mesmo os enigmas mais profundos da humanidade e de seus arquétipos, a ideia de Mistério se defronta com a polaridade entre aqueles que se rendem ao Mistério, tremendo, fascinante⁹⁰³, atraente, revelado e por se revelar; e aqueles que desejam decifrá-lo por intermédio dos instrumentais das ciências físicas ou humanas. A Mistagogia nos coloca diante do primado do Mistério, presente e revelante, em movimento, em dinamismo compassivo e pedagógico, dialógico e paciente. Evoca o mergulho no mais profundo do humano, na sua ontologia-

⁹⁰² LIBANIO, J. B. A Teologia da Libertação. In: ALMEIDA, E.F. e NETO, L. L. (orgs) *Teologia para quê?* Rio de Janeiro: Mauad e Mysterium, 2007, p. 35.

⁹⁰³ R. Otto traduz a experiência religiosa com a expressão *mysterium tremendum et fascinans*. Cf. OTTO, R. *Il Sacro*. Milão: Feltrinelli, 1966, pp. 23-29.

existencial. Não se sobrepõe, nem se impõe; mas ecoa, apresenta-se, provoca e anuncia o novo libertador e realizador de si e de todos.

O ponto principal é que o ser humano não é auto-centrado, como um indivíduo autônomo, mas é criatura, cuja essência é aberta ao absoluto. Sua natureza já o envolve para uma relação como Mistério divino. Por isso, a mistagogia não é um lugar de encontrar a transcendência no mundo das pessoas, mas de despertar nelas mesmas, concretamente, que desde sempre, estão imersas no Mistério de Deus⁹⁰⁴.

Aqui reside a importância da linguagem evocativa, simbólica, pois é linguagem aberta e mediadora, potencial e narrativa. Dentre as linguagens presentes na experiência religiosa, aquela que reúne eficazmente este significado é a Liturgia; no caso da experiência cristã, é a Celebração Eucarística. Todo rito litúrgico realiza esta experiência, insere a pessoa no diálogo fecundo com Deus. No entanto, a Celebração Eucarística, insere o cristão no próprio Mistério de Deus, no seu coração, no encontro único e singular com Jesus Cristo. O Cristianismo não é uma filosofia do infinito, mas uma aceitação da particularidade de Deus que se revelou plenamente em Jesus de Nazaré⁹⁰⁵.

O Mistério experimentado na Celebração Eucarística não é puramente retórico, mas tem caráter de penetração progressiva no Mistério Pascal. É referente à realidade pessoal e comunitária, e não é uma referência secundária, mas sim a referência última (no sentido de princípio e fim). Esta experiência torna-se de tal forma central que faz repensar as demais referências do cotidiano e da história, deslocando para ela o foco de sentido. Consiste em uma espécie de antecipação da experiência fundamental em Jesus Cristo e, ao mesmo tempo, um convite ao discipulado e à conversão existencial e cósmica. A experiência litúrgica torna-se um lugar privilegiado, não é uma tarefa a ser cumprida, não tem caráter emocional ou intelectual, e sim performático, configurando o fiel em Cristo Jesus, progressivamente.

Cirilo de Jerusalém é mais do que um catequista, é um místico. Se pudéssemos criar uma metáfora de sua atitude, diríamos que Cirilo faz catequese ‘de joelhos’. É o Mistério que o orienta, que guia seus passos e suas palavras. É o Mistério que o conduz e que o ensina a conduzir os catecúmenos e neófitos. É o

⁹⁰⁴ Cf. BACIK, J. J. op. cit., p. 50.

⁹⁰⁵ Ibid., p. 60.

Mistério que o ensina a agir pastoralmente e a encontrar os caminhos de sabedoria, ante os conflitos ideológicos de seu tempo. Em suas Catequeses, o Mistério de Deus é mais do que um tema ou fio condutor, é o próprio ar que se respira, nutre e renova a vida de seus ouvintes de todos os tempos.

Abrindo as portas a esse dinamismo, **a Mistagogia encontra eco no próprio coração humano**, porque não tenta convencer a pessoa desde fora de sua experiência. Ao contrário, ela se sintoniza com a experiência pessoal e decodifica para a própria pessoa, significantes e significados que ela reconhece. **A Mistagogia mobiliza uma auto-descoberta**, pois a pessoa se sente convidada desde dentro a ser partícipe do projeto de Deus, e não alguém que recebe ou solicita algo desde fora. **A Mistagogia também é abertura às relações fundamentais**, conduzindo a pessoa à integração de todas as relações, num processo para dentro e para fora de si mesma, refletindo sobre sua transcendentalidade essencial e unidade com a humanidade, com o cosmos e sua plenitude. **A Mistagogia é uma dimensão transcendental**, pois a pessoa se dá conta de que o que se revela de dentro de si e que identifica nos sinais na história e na Criação é o Mistério absoluto que dá sentido à toda existência.

O segundo tema é **o Caminho**. Ele nos propõe uma postura clara de mediação, de formação de discipulado, de dinamismo, de amor misericordioso em um rosto de Deus revelado por Jesus, capaz de esvaziar a si mesmo por amor a todos os seus filhos e filhas⁹⁰⁶. Evangelização não se confunde com querigma. Teologia não se confunde com Boa Nova. São **linguagens da diaconia**, servem à mistagogia na medida em que colocam como reflexão da experiência pessoal e comunitária da Graça de Deus atuante. Teologia é também caminho de iniciação ao Mistério que aponta para além de si mesma, para a fonte e horizonte de todos os seus esforços, a fim de iluminar a experiência humana⁹⁰⁷.

Um outro aspecto deste tema é a dinâmica da própria vida humana, na qual muitos acontecimentos são interligados e, pouco a pouco, começam a tecer o fio invisível da presença inefável de Deus, orientando a existência humana e a história ao seu sentido último. Este é um caminho pelo qual todo ser humano transita, e que, para o cristão, é demarcado pelas fontes da Revelação e pela experiência central do encontro com Jesus Cristo. Vejamos este aspecto sob dois

⁹⁰⁶ Cf. Fl 2,6-11.

⁹⁰⁷ Ibid., p. 46.

vértices: o que vem de dentro da pessoa humana, impulsionando-a a um agir amoroso, misericordioso, fraterno, humanizador; e o que vem de fora da pessoa humana, interpelando-a para este mesmo agir.

No primeiro vértice, podemos trazer algumas demandas internas: a busca de uma ética de responsabilidade, a busca do significado através da estética, a busca da liberdade para todo ser humano, o desejo de enfrentar o mal em favor do humano (principalmente do inocente). No segundo vértice, podemos citar ‘lugares’ nos quais a experiência de Deus interpela o ser humano: a própria condição humana e sua contingência; a entrega da vida ao enfrentamento da injustiça; a oração e o perdão; a dimensão simbólica da realidade e do ser humano; a busca do infinito; o rosto do ‘outro’; as contingências pessoais; os momentos de limitações e sofrimento; a interpelação que emerge da beleza.

Desejamos pontuar com esta dupla interpelação – de dentro e de fora da pessoa humana -, a presença de Deus na Criação, pulsando e convocando o ser humano a trilhar um caminho de sentido último para si e para todo o cosmos. Em virtude desta relação, entre a Criação e o Criador, a mistagogia torna-se um caminho que revela ao ser humano a teofania, a presença de Deus que irrompe e convoca toda a Criação ao seu destino único.

Cirilo de Jerusalém é aquele que convida e se disponibiliza a acompanhar o caminho que é iniciado ao experimentar o Batismo, em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo. É aquele que não simplifica ou facilita o processo de conversão, mas, ao contrário, é firme, exigente, coerente e, ao mesmo tempo, anuncia o rosto de Deus compassivo, presente e misericordioso. É aquele que proclama o anúncio querigmático com toda a sua alegria e novidade, atraente e encantador. É aquele que exorta seus filhos e filhas a trilharem este caminho ao longo de toda a sua vida, com perseverança, fidelidade e criatividade.

O terceiro tema que desejamos trazer é **o Espírito que tudo renova e integra**. É comum encontrarmos nas práticas discursivas atuais a linguagem dualista, não apenas no que concerne à concepção de pessoa humana, mas também com relação ao Mistério de Deus: imanência e transcendência, fé e vida, religião e ética, rito e compromisso. Essas realidades são expressas muitas vezes como separadas, ou na melhor das hipóteses, dependentes. Trazemos aqui as palavras de K. Rahner: “O mundo em sua totalidade se encontra sob a graça de

Deus. Se trata de um fator interno à realidade criada, que tem seu ponto culminante na encarnação, e encontra sua culminância na escatologia”⁹⁰⁸.

A Mistagogia é caminho no qual o Espírito de Deus move, renova e integra o ser humano e todas as suas relações. O sopro do Espírito no coração humano o conduz à vida, ao compromisso existencial, à dimensão praxica e escatológica do seguimento de Jesus. Se não for assim, não é mistagogia. Torna-se uma experiência descolada da realidade, desintegrada da vida. Portanto, se não faz eco na existência, não responde ao sopro do Espírito Criador e Transformador.

Em outras palavras, não podemos dizer que a pessoa hoje tenha perdido seu sentido de Mistério, sua necessidade de ritos, que tenha abandonado sem mais a experiência religiosa ou mesmo que não tenha mais necessidade de expressar sua fé e buscar orientações para suas escolhas e metas. Mas, devemos sim, nos perguntar se estamos sendo mistagogos no processo de Iniciação Cristã e nos caminhos da evangelização; se não estamos impondo ritos que não fazem sentido no coração humano; se não estamos abusando da linguagem expositiva em detrimento das linguagens que evocam o Mistério no mais profundo do ser humano, da Igreja, da história, e de toda a Criação.

Esta interpelação nos conduz ao tema da experiência comunitária de Igreja. O Espírito vem e é acolhido na comunidade de fé. O Espírito convoca, movimenta, inflama, impulsiona na direção do projeto de Jesus. Seu convite reúne a comunidade de fé e constrói seu sentido de identidade e de pertença, sua vocação e sua razão de ser: testemunhar e anunciar Jesus Cristo ao mundo. É a experiência do Espírito que provoca, que renova e que integra a *ekklesia*, a *koinonia* e a *diakonia*⁹⁰⁹.

Quando visitamos a Casa de Oração Batismo do Senhor, não por acaso ou afinidade de propósitos, identificamos ali uma experiência da Mistagogia, por vivenciarem uma forte comunhão eclesial, fruto da acolhida ao Espírito e da sua experiência litúrgica, que a movimentava na direção do discipulado⁹¹⁰. É o sentido que Cirilo de Jerusalém dá à participação no Mistério de Cristo. Ele chama de

⁹⁰⁸ RAHNER, K. Orden Sobrenatural. In: *Sacramentum Mundi* IV, Barcelona: Herder, 1973, pp. 390-396.

⁹⁰⁹ Sobre o tema da pneumatologia na comunidade de fé ver o trabalho de BOFF, Lina. *Espírito e Missão em Lucas*. op. cit., pp. 180-190.

⁹¹⁰ “O fato de que as comunidades cristãs vivam em comunhão de vida e de compromisso histórico com o propósito de Deus, não é secundário; este fato quer ser uma resposta à própria consciência de Igreja que a comunidade tem”. BOFF, Lina. *Índole escatológica da Igreja peregrinante*. op. cit., p. 19.

koinonia, categoria cara para a teologia e que, para Cirilo, reúne comunhão e participação como caminhos de inserção no Mistério de Cristo. Não uma participação externa, como tarefa a ser cumprida, mas uma participação como fruto da comun+unidade com a Igreja.

Na experiência eclesial, o pólo pessoal e o pólo comunitário são respeitados em sua originalidade e também articulados incessantemente. É caminho pessoal e caminho comunitário. É caminho da Igreja particular e das comunidades locais e, caminho da Igreja universal. É caminho da Igreja e caminho de toda a História da humanidade. Nesse ponto, **Mistério, Caminho e Espírito** são uma única seiva que tudo percorre na história da grande família dos filhos e filhas do único Pai que a todos ama e para todos criou o Universo e viu que “*tudo era bom!*” (Gn 1, 4.9.12b.18b. 25c.31)

O Sínodo dos Bispos de 2005 trabalhou com o tema da Eucaristia como fonte e ápice da vida e da missão da Igreja e, desde os Lineamenta, a mistagogia veio à tona como um resgate fundamental, a partir dos Santos Padres: “O tema da mistagogia deve ser compreendido como introdução ao Mistério da presença do Senhor e, deve-se acentuar a necessidade de levar o homem de hoje a uma mais profunda aproximação a Deus, já que vive em ambientes onde parece negar-se a existência do mistério”⁹¹¹.

Em consonância com a maternidade eclesial, desejamos que este re-caminhar nas fontes e nas raízes da Tradição possa se tornar memória viva para o nosso presente, especialmente para o processo de Iniciação Cristã de Adultos. Que possamos estar em parceria, teologia e pastoral, e, em unidade com a sabedoria dos Santos Padres, manter em nossas comunidades o coração pulsante e sempre novo da fé em Cristo Ressuscitado.

⁹¹¹ SÍNODO DOS BISPOS. XI Assembléia Geral Ordinária. *A Eucaristia: fonte e ápice da vida e da missão da Igreja*. Instrumentum Laboris, 2005. Libreria Editrice Vaticana. Disponível em: <www.vaticano.va> Acesso em: 29 de setembro de 2007.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SAGRADA ESCRITURA

Bíblia de Tradução Ecumênica, TEB, São Paulo: Loyola, 1994

FONTES PATRÍSTICAS

CIRILO

CROSS, F. L. In: CYRIL OF JERUSALEM'S. *Lectures on the Christian Sacraments*. Londres: SPCK, 1951 (disponibilizada)

CIRILO DE JERUSALÉN. *Catequesis* Edición e notas de C. ELORRIAGA. Espanha: Bilbao/ Desclée de Brouwer, 1991

CIRILO DE JERUSALÉN, *Catequesis*. Tradução do grego e introdução por P. H. RIVAS. Buenos Aires: Paulinas: 1991

CIRILO DE JERUSALÉN. *Catequesis*. Introd., trad. e notas de J. S. BIELSA. Madrid: Ciudad Nueva, 2006

CYRIL OF JERUSALEM AND NEMESIUS OF EMESA. Tradução e notas de W. TELFER. London: SCM Press LTD, 1955

CYRILLE DE JÉRUSALÉM. *Catéchèses Mystagogiques*. Introd., texto crítico e notas de A. PIÉDAGNEL, Sources Chrétiennes 126. Paris: Du Cerf, 1966.

CIRILO DE JERUSALEM, *Catequeses Mistagógicas*. Trad. F. VIER, introd. e notas F. FIGUEIREDO. Petrópolis: Vozes, 2004

CIRILLO E GIOVANNI DI GERUSALEMME, *Catechesi Prebattesimali e mistagogiche*. Introdução e notas de G. MAESTRI e V. SAXER. Milano: Pauline, 1994

CIRILLO, *Le Catechesi*. Traduzione e note G. CARRARO. Vicenza: Tipografia commerciale editrice Vicenza, 1942

CIRILLO DI GERUSALEMME. *Le Catechesi*. Versão, introdução e notas de E. BARBISAN. São Paulo: Paulinas, 1966

CIRILLO DI GERUSALEME. *Le Catechesi*. Introd., tradução e notas de RIGGI, C. 2.º edição. Roma: Città Nuova, 1997

OUTRAS FONTES

- A Didaqué* ou *Doutrina dos Apóstolos*. Introd., trad. do original grego e comentário de U. ZILLES, Petrópolis:Vozes, 1983
- AGOSTINHO. *Confissões*. Livro III, cap. 6, n. 11. In: Coleção *Os Pensadores*, São Paulo: Abril Cultural, 1980
- _____. *A instrução dos catecúmenos*. Trad. original latino e notas por Maria da Gloria Novak, introd. Hugo Paiva, Petrópolis: Vozes, 1978
- CRISÓSTOMO, J. *Catechesis baptismalis* V, 20. Sources Chrétiennes n.50, 10. Paris: Du Cerf, 1970
- HIPÓLITO DE ROMA. *Tradição Apostólica*. Trad. da versão latina e notas por M. G. NOVAK, Petrópolis: Vozes, 1971
- PEREGRINAÇÃO de Eteria: liturgia e catequese em Jerusalém no século IV. Petrópolis: Vozes, 1971
- TERTULLIANO. *Apologeticum*, XVIII. CCL 1
- _____. *De Baptismo*. Edizione: *Corpus christianorum series latina* (CCL) 1, 277-295. Traduzione: *Il battesimo*. Introduzione, traduzione e commento a cura di P. A. Gramaglia, EP, Roma 1979

DOCUMENTOS DA IGREJA

- BENTO XVI. Exortação Apostólica Pós-Sinodal. *Sacramentum Caritatis*. Sobre a Eucaristia, Fonte e Ápice da Vida e da Missão da Igreja. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 2007. Disponível em: <www.vaticano.va> Acesso em: 22 de março de 2008
- _____. *Audiência Geral*. 27 de junho de 2007. Roma: Libreria Editrice Vaticana. Disponível em: <www.vaticano.va> Acesso em: 8 de julho de 2007
- CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo: Paulus; Paulinas; Loyola; Ave Maria e Petrópolis: Vozes, 1993
- CELAM. II Conferência Geral do Episcopado Latino-americano. *A Igreja na atual transformação da América Latina à Luz do Concílio*. Conclusões de Medellín. São Paulo: Paulinas, 1968

_____. III Conferência Geral do Episcopado Latino-americano. *Evangelização no presente e no futuro da América Latina*. Conclusões de Puebla. São Paulo: Paulinas, 1979

_____. IV Conferência Geral do Episcopado Latino-americano. *Nova Evangelização, Promoção Humana, Cultura Cristã – Jesus Cristo, ontem, hoje e sempre*. Documento de Santo Domingo. São Paulo: Loyola, 1993

CÓDIGO de Direito Canônico. São Paulo: Loyola, 1983

COMISION EPISCOPAL DE ENSEÑANZA Y CATEQUESIS. *Catequesis de adultos*. Orientaciones pastorales. Madrid: Edice, 1979

COMISSAO EPISCOPAL PASTORAL PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Igreja Particular, movimentos eclesiais e novas comunidades*. Subsídios doutrinários da CNBB. São Paulo: Paulinas, 2005

CONCÍLIO VATICANO II. *Decreto Ad Gentes sobre a Atividade Missionária da Igreja*, Documentos do Vaticano II, 1965, Petrópolis: Vozes, 1966

_____. *Constituição Dogmática Dei Verbum sobre a Revelação Divina*, Documentos do Vaticano II, 1965, Petrópolis: Vozes, 1966

_____. *Constituição Dogmática Lumen Gentium sobre a Igreja*. Documentos do Vaticano II, 1965, Petrópolis: Vozes, 1966

_____. *Constituição Pastoral Gaudium et Spes sobre a Igreja no mundo de hoje*. Documentos do Vaticano II, 1965, Petrópolis: Vozes, 1966

CONFERENCIA EPISCOPAL ESPAÑOLA. *La iniciación cristiana*. Madrid: Edice, 1999

CNBB. *Catequese renovada*. Orientações e Conteúdo. São Paulo: Paulinas, 1983

_____. *Com adultos, catequese adulta*. Estudos da CNBB 80, São Paulo: Paulus, 2001

_____. *Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil. 1999-2002*. São Paulo: Paulinas, 1999

_____. *Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil. 2003-2006*. São Paulo: Paulinas, 2003

_____. *Projeto Nacional de Evangelização. Queremos ver Jesus: Caminho, Verdade e Vida. 2004-2007*, São Paulo: Paulinas, 2004

_____. *Segunda Semana Brasileira de Catequese*. Estudos da CNBB 84, São Paulo: Paulus, 2002

- _____. *Pastoral dos sacramentos da iniciação cristã*. São Paulo: Paulinas, 1977
- _____. Encontro Nacional de Catequese de 1985. Síntese do relatório. *Comunicado Mensal da CNBB* 34, 1985
- _____. *Missão e ministérios dos cristãos leigos e leigas*. Documentos da CNBB 62, São Paulo: Paulinas, 1999
- _____. *Educação, Igreja e Sociedade*. Documentos da CNBB 47, São Paulo: Paulinas, 1992
- JOÃO PAULO II. *Carta Apostólica Omnium Ecclesiarum Matri*. Pelo XVI centenário da morte de S. Cirilo de Jerusalém. 1987. Disponível em: <www.vatican.va> Acesso em: 27 de setembro de 2006
- _____. *Carta Encíclica Redemptoris Missio*. 1990, São Paulo: Paulinas, 1991
- _____. *Discurso à Assembléia do Celam*. Porto Príncipe Haiti, Março de 1983
- _____. Europa debe recordar siempre sus raíces cristianas. In: *Ecclesia*, no. 2.242, Roma: Pontificio Ateneo Regina Apostolorum, 1985
- _____. *Exortação apostólica Tertio Millennio Adveniente*, 1994. Disponível em: <www.vatican.va> Acesso em: 22 de junho de 2007.
- _____. *Carta Apostólica Novo Millennio Ineunte*. Janeiro de 2001. Disponível em: <www.vatican.va> Acesso em: 28 de maio de 2007
- _____. *Exortação Apostólica Catechesi Tradendae*. 1979, São Paulo: Paulinas, 1983
- _____. *Exortação Apostólica Christifideles Laici*. Sobre a vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo. 1988. Disponível em: <www.vatican.va> Acesso em: 28 de maio de 2007
- _____. *Carta Encíclica Fides et Ratio*. Sobre as relações entre Fé e Razão. São Paulo: Paulinas, 1998
- _____. Discurso para os bispos dos Regionais Oeste 1 e Oeste 2. In: *Palavra de João Paulo II aos bispos do Brasil*. Paulinas, São Paulo, 2003
- PAULO VI. *Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi*. A Evangelização no mundo contemporâneo. São Paulo: Paulinas, 1975.
- _____. *Carta Apostólica Motu Proprio. Ecclesiae Sanctae*. AAS 58, 1966. Disponível em: <www.vaticano.va> Acesso em: 5 de abril de 2008

_____. *Decreto Unitatis Redintegratio*. Sobre o Ecumenismo. 1964, n. 15.
Disponível em: <www.vaticano.va> Acesso em: 12 de maio de 2008

_____. *Decreto Nostra Aetate*. Sobre a Igreja e as Religiões Não-cristãs.
1965. Disponível em: <www.vaticano.va> Acesso em: 12 de maio de 2008

SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Diretório Catequético Geral*.
1971. São Paulo: Paulinas, 1979

_____. *Diretório Geral para a
Catequese*. São Paulo: Paulinas, 1997

SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. *Ritual da Iniciação
Cristã de Adultos*. São Paulo: Paulus, 2001

SECRETARIADO NACIONAL DE CATEQUESE. Brasil: encontro nacional de
evangelización de adultos. *Catechesis Latino Americana* 3, 1971

SÍNODO DOS BISPOS. XI Assembléia Geral Ordinária. *A Eucaristia: fonte e
ápice da vida e da missão da Igreja*. Lineamenta, 2004 e Instrumentum Laboris,
2005. Libreria Editrice Vaticana. Disponível em: <www.vaticano.va> Acesso em:
29 de setembro de 2007

UFFICIO CATECHISTICO NAZIONALE. *L' Iniziazione Cristiana*. Documenti
e orientamenti della Conferenza Episcopale Italiana. Leumann/Torino: Elledici,
2004

ESTUDOS PATRÍSTICOS

ALTANER, B. e STUIBER, A. *Patrologia*. São Paulo: Paulinas, 1972

AMATO, A. *Studio dei Padri e teologia dogmática*. In: TRIACCA, A.M. e
COVOLO E. *Lo studio dei padri della chiesa oggi*. Roma: Ateneo Salesiano,
1991

ANGRISANI S. M. L. Ambrósio de Milão. In: BERARDINO A. (org.)
Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs. Petrópolis/São Paulo:
Vozes/Paulus, 2002.

ARAÚJO, J. M. Análise teológica das catequese mistagógicas de São Cirilo de
Jerusalém. In: *Fragmentos de Cultura*. Vol. 13, n. 4. Goiania: UCG, 2003.

BERARDINO, A. (dir.). Cyrille de Jerusalem. In: _____. *Dictionnaire
Encyclopédique du Christianisme Ancien*. Vol.1, Belgica: Du Cerf, 1990

- BONATO, A. *La dottrina trinitária di Cirilo de Gerusalemme*. Roma: IPA, 1983
- BUNGE, G. *La paternitá spirituale*, Magnano: Edizione Qiquaion, 1991.
Disponível em: <www.mclink.it/personal> Acesso em: 18 de outubro de 2002
- DANIÉLOU, J. *Sacramentos y culto segun los Santos Padres*. Trad. M. Herranz y A. Fuente, Madrid: Guadarrama, 1964.
- DRIJVERS, J. W. *Cyril of Jerusalém. Bishop and City*. Boston: Brill, 2004
- DROBNER, H. R. *Manual de Patrologia*. Petrópolis: Vozes, 2003
- FOLCH GOMES, C. *Antologia dos Santos Padres*. São Paulo: Paulinas, 1979
- GALILEA, S. *Reflexiones sobre la evangelización*. Ecuador : IPLA, 1970.
- HAMMAN, A. *Guida pratica dei Padri della Chiesa*. Milão: Ancora, 1968
- JEDIN, H., *Manual de Historia de la Iglesia*. Barcelona: Herder, 1966
- LAURENTIN, A. e DUJARIER, M. *Il Catecumenato. Fonti Neotestamentarie e Patristiche la Riforma del Vaticano II*. Roma : Dehoniana, 1995
- MAZZA, E. *La Mistagogia Una Teologia della Liturgia in epoca patristica*. Roma: Edizioni Liturgiche.1988
- MC CAULEY, L. e STEPHENSON, A. (trad.) *The works of Saint Cyril of Jerusalem*. England: America Press. 1969
- MIGNE, J. P. *Patrologiae cursus completus*. Paris: Series Graeca, 1857-1866
- MIGUEL FERNANDES, J. L. *Pneumatologia de Cirilo de Jerusalém*. Madrid: 1974. Dissertação de Mestrado. Pontificium Institutum Orientalium Studiorum.
- MORESCHINI, C. E NORELLI, E. *Storia della letteratura cristiana antica greca e latina*. Vol. II. Brescia: Morcelliana, 1996
- PADOVESE, L. *Introdução à Teologia Patrística*. São Paulo: Loyola, 1999
- QUASTEN, J. *Patrologia*. Madrid: BAC, 1977
- RILEY, H. M. *Christian Initiation. A comparative study of the interpretation of the Baptismal liturgy in the mystagogical writings of Cyril of Jerusalem, John Chrysostom, Theodore of Mopsuestia and Ambrose of Milan*. Washington: Catholic University of America Press, 1974
- RISI, F. M. *Di una nuova edizione delle opere di S. Cirillo Gerosolimitano ossia di un errore gravissimo falsamente attribuito a S. Cirillo*. S.C. di Propaganda Fide, 1884
- ROMERO POSE, E. Catequesis en la época patrística. In: VVAA. *Nuevo Diccionario de Catequética*. Madrid: San Pablo, 1999

SANTANA, L. F. R. *Batizados no Espírito. A experiência do Espírito Santo nos Padres da Igreja*. São José dos Campos: COMDEUS, 2000

TRIACCA, A. M. *Mystagogie doctrinale de la Prière*. In: *Mystagogie : pensée liturgique d'aujourd'hui et liturgie ancienne*. Conférences Saint-Serge, XXXIXe Semaine d'études liturgiques. Paris: Triacca e Pistoia (edit.), 1992

VILANOVA, E. *Historia de la Teologia Cristiana*. V.I. Barcelona: Herder, 1987

YARNOLD, E. J. *Cyrillus von Jerusalem. Theologische Realenzyklopädie 8*. Berlin/New York: Walter de Gruyter (1981/1993)

_____. *The awe inspiring rites of initiation. Baptismal Homilies of the fourth century*. Grã-Bretanha: Saint Paul Publications, 1971

INICIAÇÃO CRISTÃ, CATECUMENATO, LITURGIA, MISTAGOGIA

ALBERICH, E. *Catechesi adulta en una Chiesa adulta*. In: *Orientamenti Pedagogici*. Rivista internazionale di scienze dell'educazione. Gardolo: Erickson, 1991

_____. *La catechesi della Chiesa*. Saggio di catechetica fondamentale. Leumann : Elledici, 1992

_____. *Catequese Evangelizadora*. Manual de Catequética fundamental. São Paulo: Salesiana, 2004

ALBERICH, E. e BINZ, A. *Formas e modelos de catequese com adultos*. São Paulo: Salesiana, 2001

_____. *Catequese com Adultos: elementos de metodologia*. São Paulo: Salesiana, 2001

ALDAZABAL, J. *Dimensión Pascual y Pedagogía mistagógica de los sacramentos según el Catecismo de la Iglesia Católica*. In: *Phase*, Barcelona: Centro de Pastoral Litúrgica, 201, 1994

AMADO, J.P. *Iniciação cristã de adultos em ambiente urbano: relato de uma experiência*. In: *Magis*, Centro Loyola de Fé e Cultura: Rio de Janeiro, 2001

ANTONIAZZI, A. *Formação de cristãos adultos: desafios e respostas*. In: CNBB. *O Itinerário da Fé na "Iniciação Cristã de Adultos"*. São Paulo: Paulus, 2001

- ARNEDO, F. J. H. Palavras de abertura da Segunda Semana Brasileira de Catequese. In: CNBB. *Segunda semana brasileira de catequese*. Doc. 84, São Paulo: Paulus, 2002
- BARSOTTI, D. *Il mistero della Chiesa nella liturgia*. Firenze: Fiorentina, 1967
- BIHLMAYER, K. e TUECHLE, H. *História da Igreja*. Vol. 1, São Paulo: Paulinas, 1964
- BLESS, W. e LEEUWEN, H. *Guida al Catechismo Olandese*. Strumento di lavoro. Brescia: Morcelliana/Herder, 1969
- BOLLIN, A. e GASPARINI, F. *A catequese na vida da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1998
- BORNERT, R. *Les commentaires byzantins de la Divine Liturgie du VII^e. au XV^e. siècle*. Paris, 1966
- BOROBIO, D. Función litúrgico-sacramental del ministerio del catequista. In: *Evangelización, Catequesis y Liturgia*. Phase 38, Barcelona: Centro de Pastoral Litúrgica, 1980
- _____. Catecumenato. In: FLORISTÁN SAMANES e TAMAYO, J. (dir.) *Conceptos fundamentales de Pastoral*. Madrid: Cristiandad. 1983
- _____. Catecumenato. In: SARTORE, D. e TRIACCA, A. M. (orgs.) *Nuevo Diccionario de Liturgia*. Madrid: Paulinas, 1987
- _____. *A Celebração na Igreja*. Vol. II. Os Sacramentos. São Paulo: Loyola, 1993
- _____. *La iniciación cristiana*. Salamanca: Sigueme, 1996
- _____. *Sacramentos y etapas de la vida*. Salamanca: Sigueme, 2000
- _____. El Catecumenado y su situación en la Iglesia actual. In: *Teología y Catequesis*, n. 83, San Dámaso: Madrid, 2002
- BOURGEOIS, H. *Teologia Catecumenale*. Brescia: Queriniana, 1993
- _____. O testemunho da Igreja antiga: uma economia sacramental. In: SESBOUÉ, B. (dir.) *Os Sinais da Salvação*. Vol 3, São Paulo: Loyola, 2005
- BUNGE, G. *La paternità spirituale*. Magnano: Edizione Qiquaion, 1991.
Disponível em: <www.mclink.it/personal> Acesso em: 18 de outubro de 2002
- BUYST, I. e SILVA, J. A. *O Mistério celebrado: memória e compromisso*. São Paulo: Paulinas, 2004
- CABIÉ, R. La iniciación cristiana. In: MARTIMON, A.G. (org.) *La Iglesia en oración*. Introducción a la liturgia. Barcelona: Herder, 1987

- CASEL, O. *Il mistero del culto cristiano*. Turim: Borla, 1966
- CASPANI, P. *La pertinenza teologica della nozione di iniziazione cristiana*. Milano: Edicion Glossa, 1999
- CAVALLOTTO, G. (org.) *Iniziazione Cristiana e Catecumenato*. Bologna: EDB, 1996
- _____. *Il modelo catechistico del catecumenato antico*. Disponível em: <www.catechetica.it> Acesso em: 3 de dezembro de 2005
- _____. Il nuovo rito di Iniziazione Cristiana degli adulti: origine, struttura e scelte pastorali. In: _____. *Iniziazione Cristiana e Catecumenato*. Bologna: EDB, 1996
- _____. Le catéchuménat et la maternité de l'Eglise. In: *La Maison-Dieu*, n. 72, Paris: Du Cerf, 1962
- _____. *Catecumenato Antico*. Bologna: Dehoniane, 1996
- CERVERA, J. C. La Mistica dei sacramenti dell'iniziazione Cristiana. In: ANCILLI, E. e PAPAROZZI, M. *La Mistica. Fenomenologia e riflessione teológica*. Roma: Città Nuova, 1964
- _____. *La Iniciación cristiana y el camino espiritual*. In: *Phase* 246, Barcelona: Centro de Pastoral Litúrgica, 2001
- CERVERA, J.C. Iniciação cristã. In: FIORES, S. e GOFFI, T. (orgs.) *Dicionário de Espiritualidade*, São Paulo: Paulinas, 1989
- CLAES, J. L'initiation. In: *Lumen Vitae*, Revue internationale de la formation religieuse. Bruxelles: Centre International de la Formation Religieuse, 1, 1994
- CODINA, V. *Sacramentos da Iniciação. Água e espírito de liberdade*. São Paulo: Vozes, 1991
- COFFY, R. La celebración, lugar de la educación de la fe. In: *Evangelización, Catequesis y Liturgia. Phase* 38,, Barcelona: Centro de Pastoral Litúrgica, 1980
- COLOMB, J. Prioridade atual da catequese no conjunto da Igreja. In: *Concilium*, 53, Petrópolis: Vozes, 1970
- CONSELHO INTERNACIONAL DE CATEQUESE. A catequese de adultos na comunidade cristã. In: *Revista de Catequese*, 14, n. 53-54, São Paulo: Salesiana, 1991
- CURA ELENA, S. Símbolos da Fé. In: PIKAZA, X. e SILANES, N. (dir.) *Dicionário Teológico O Deus Cristão*. São Paulo: Paulus, 1988

- CUVA, A. Asamblea. In: SARTORE, D. e TRIACCA, A. M. (orgs.) *Nuevo Diccionario de Liturgia*. Madrid: Paulinas, 1987
- D'ANNIBALE, M. A. A Celebração Eucarística. In: CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Manual de Liturgia. A celebração do mistério pascal*. Volume III. São Paulo: Paulus, 2005
- DELCHAMBRE, J-P. L'initiation flottante chez les jeunes: tension entre le formel et l'informel. In: *Lumen Vitae*, Revue internationale de la formation religieuse. Bruxelles: Centre International de la Formation Religieuse, 1, 1994
- DERROITE, H. (org.) *Catechesi e iniziazione cristiana*. Leumann/Torino: Elledici, 2006
- DUJARIER, M. Experiências de iniciação cristã na África ocidental. In: *A crise da Iniciação Cristã, Concilium 142*, Petrópolis: Vozes, 1979
- DUJARIER, M. La funzione materna della Chiesa nella pratica catecumenale dell' antichità. In: CAVALLOTO, G. (org.) *Iniziazione Cristiana e Catecumenato*. Bologna: EDB, 1996
- ELIADE, M. *Iniciaciones místicas*. Madrid: Taurus, 1975
- ESCOBAR, F. A Celebração do Mistério de Cristo. In: CELAM, *Manual de Liturgia*, vol. II, A Celebração do Mistério Pascal. São Paulo: Paulus, 2005
- FALSINI, R. *L'Iniziazione Cristiana i suoi sacramenti*. Milano: OR, 1987
- FEDERICI, T. La mistagogia della Chiesa. In: ANCILLI, E. (ed.) *Mistagogia e direzione spirituale*, Roma/Milano: Teresianum/OR, 1985
- FLORISTÁN SAMANES, C. e ESTEPA, J.M. *Pastoral de hoy*. Barcelona: Nova Terra, 1966
- FLORISTÁN SAMANES, C. El ritual de la iniciación cristiana de adultos. In: *Phase*, Barcelona: Centro de Pastoral Liturgica, 1976, 1994
- _____. La Iniciación cristiana de adultos: prenotandos. In: *Phase*13, Barcelona: Centro de Pastoral Liturgica, 1973
- _____. *La evangelización*. Tarea del cristiano. Madrid: Cristiandad, 1978
- _____. La Iniciación Cristiana. In: *Phase*171, Barcelona: Centro de Pastoral Liturgica, 1989
- _____. Necesidad del Catecumenado. In: *Pastoral Misionera* 9, 1973

- _____. *Para comprender el catecumenado*. Roma: Borla, 1993
- _____. *Para comprender la Parroquia*. Estella, 1994
- _____. *Teología Práctica*. Teoría y praxis de la acción pastoral. Salamanca: Sigueme, 1991
- _____. *El Catecumenado*. Madrid: Propaganda popular católica, 1972
- GARZÓN, J. J. C. *Catecumenado y Comunidad Cristiana en el Episcopado español (1964-2006)*. Salamanca: Universidad Pontificia de Salamanca, 2006
- GELINEAU, J. Ministérios e Serviços. In: _____. (org.) *Em vossas assembléias*. Teologia da Missa, São Paulo: Paulinas, 1975
- GEVAERT, J. *Il dialogo difficile*. Problemi dell'uomo e catechesi. Leumann/Torino: Elledici, 2005
- GOFFI, T. e SECONDIN, B. (orgs.) *Problemas e perspectivas de Espiritualidade*. São Paulo: Loyola, 1992
- GONZALEZ, R. La Mistagogia en el Ritual de la Iniciación Cristiana de Adultos. In: *Phase 191*, Barcelona: Centro de Pastoral Litúrgica, 1996
- GUTIÉRREZ-MARTÍN, J. L. *Belleza y misterio*. La liturgia, vida de la Iglesia. Navarra: Eumsa, 2006
- HERNANDEZ, J. M. Diez tesis sobre la iniciación cristiana. In: *Phase 171*, Barcelona: Centro de Pastoral Litúrgica, 1989
- HUEBSCH, B. *La catequesis de toda la comunidad*. Hacia una catequesis por todos, con todos y para todos. Santander. Sal Terrae, 2002
- IBÁÑEZ, P. G.; ÁLVAREZ, D. M. e CURSACH, J. L. S. Presentación. In: LA BROSSE, O. HENRY, A. e ROLLARV, P. (dir.) *Dicionário de Termos da Fé*. Aparecida, Santuário e Porto: Perpétuo Socorro, original francês de 1989
- LAFONT, G. A experiência espiritual e o corpo. In: GOFFI, T. e SECONDIN, B. (orgs.) *Problemas e perspectivas de Espiritualidade*. São Paulo: Loyola, 1992
- LELO, A. F. *A Iniciação Cristã*. Catecumenato, dinâmica sacramental e testemunho. São Paulo: Paulinas, 2005
- _____. Dinamismo sacramental y aplicación del Ordo Initiationis Christiana e Adultorum en Brasil. In: *Phase 255*, Barcelona: Centro de Pastoral Litúrgica, 2003

- LIEBART, J., SPANNEUT, M. E ZANI, A. *Introduzione generale allo studio dei Padri della Chiesa*. Vol. 1. Brescia. Queriniana, 1998
- LIMA JÚNIOR, J. *Evangelização, catequese e liturgia*. São Paulo: Paulinas, 1992
- LODI, E. *Liturgia della Chiesa*. Bologna: EDB, 1981
- LOPES, J. La iniciación cristiana, inserción en JesusCristo y en la vida de la Iglesia. In: *Phase 218*, Barcelona: Centro de Pastoral Litúrgica, 1997
- _____. Catecumenato. In: FIORES, S. G. T. (org.) *Dicionário de Espiritualidade*. São Paulo: Paulus, 1998
- _____. La iniciación cristiana, inserción en Jesucristo y en la vida de la Iglesia. In: *Phase 218*, Barcelona: Centro de Pastoral Litúrgica, 1997
- _____. Catecumenato. In: FIORES, S. G. T. (org.) *Dicionário de Espiritualidade*, São Paulo: Paulus, 1998
- MARSILI, S. A Liturgia. Momento histórico da Salvação. In: NEUNHEUSER, B. et al. *A Liturgia. Momento histórico da Salvação*. (Anámnese I) São Paulo: Paulinas, 1986
- MARTÍNEZ, D., GONZÁLEZ P e SABORIDO, J.L. *Proponer la fe hoy*. De lo heredado a lo propuesto. Santander: Sal Terrae, 2005
- MARTINI, C. M. Iniciação Cristã e Teologia Fundamental. Reflexão sobre as etapas da maturidade cristã na Igreja primitiva. In: LATOURELLE, R. e COLLINS, G. *Problemas e Perspectivas de Teologia Fundamental*. São Paulo: Loyola, 1993
- MATY, B. Catéchèse et liturgie paroissiale au service de la mission. In: *La Maison-Dieu* n. 234, Paris: Du Cerf, 2003
- MISTRORIGO, A. Mistagogia. In: _____. *Dizionario Liturgico-pastorale*, EMP, 1977
- NANDI, D. Catequese com adultos e performance comunicativa. In: CNBB. *Segunda semana brasileira de catequese*. Doc. 84, São Paulo: Paulus, 2002
- NEUNHEUSER, B. Movimento Litúrgico. In: SARTORE, D. e TRIACCA, A. (orgs.) *Dicionário de Liturgia*. São Paulo: Paulinas, 1992.
- NOCENT, A. Iniciação cristã e comunidade. In: *A crise da Iniciação Cristã*. *Concilium* 142, Petrópolis: Vozes, 1979
- _____. Iniciação Cristã. In: SARTORE, D. e TRIACCA, A. (orgs.) *Novo Dicionário de Liturgia*. São Paulo: Paulinas, 1992

- NOCKE, F. Doutrina geral dos sacramentos. In: SCHNEIDER, T. (org.). *Manual de Dogmática*. vol 2. Petrópolis: Vozes, 2000
- OÑATIBA, I. El Catecismo de la Iglesia Católica en comparación con la Sacrosanctum Concilium. La Liturgia en el Catecismo de la Iglesia Católica. In: *Phase73*, Barcelona: Centro de Pastoral Litúrgica, 1997
- ORMONDE, D. O tempo da mistagogia. In: *Revista de Liturgia*, 182, março-abril de 2004, São Paulo
- _____. Pontos de partida para um catecumenato em etapas. In: *Revista de Liturgia*, 164, março-abril de 2001, São Paulo
- _____. Vale a pena os catequistas conhecerem o catecumenato. In: CNBB. *Segunda semana brasileira de catequese*. Doc. 84, São Paulo: Paulus, 2002
- OTTO, R. *Il Sacro*. Milão: Feltrinelli, 1966
- PALLIARD, C. A Catequese no catecumenato. In: *Concilium*. 22, Petrópolis: Vozes, 1967
- PASQUIER, A. Sociedade iniciática e sociedade à procura de iniciações. In: *A crise da Iniciação Cristã*. *Concilium*. 1979/2, Petrópolis: Vozes
- PASSOS, M. (org.) *Uma História no Plural*. 500 anos do Movimento Catequético Brasileiro. Petrópolis: Vozes, 1999
- PEDROSA, V. Catequese Trinitária. In: PIKASA, X.O. e SILANES, N. (dir.) *Dicionário Teológico O Deus Cristão*. São Paulo: Paulus, 1998
- POUILLY, A. e TRUDE, J. Expressão da corporeidade na Celebração. In: CELAM. *Manual de Liturgia*, vol. II. São Paulo: Paulus, 2005
- PRESENTI, G.G. Mistagogia. In: BORRIELO, L. et. al. *Dizionario di Mistica*. Vaticano: Editrice Vaticana, 1998
- RAHNER, H. *Mysterion*. Il mistero cristiano e i misteri pagani. Brescia : Morcelliana, 1952
- RENIER, L. M. Au coeur de l'acte liturgique et de l'acte catéchétique: la communauté chrétienne. In: *La Maison-Dieu* n. 234. Paris: Du Cerf, 2003
- RIBAS, L. F. O. *O Itinerário da Iniciação Cristã da fé de adultos em contextos urbanos*. Da pastoral de conversão à catequese de iniciação. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2005
- RIZZI, A. O homem espiritual, hoje. In: GOFFI, T. e SECONDIN, B. (orgs.) *Problemas e perspectivas de Espiritualidade*. São Paulo: Loyola, 1992

- ROCCHETTA, C. *Como evangelizar hoy a los cristianos*. El Rito de Iniciación Cristiana de Adultos como propuesta tipo para un nueva evangelización. Bilbao: EGA, 1994
- RUSCONI, C. *Vocabolario del Greco del Nuovo Testamento*. Bologna: EDB, 1997
- RUSSO, R. Os sacramentos da Iniciação Cristã. In: CELAM. *Manual de Liturgia*, vol. III, A Celebração do Mistério Pascal. Os sacramentos: sinais do mistério pascal. São Paulo: Paulus, 2005
- SAEZ, J. L. Catecumenato. In: FIORES, S. G. T. (org.). *Dicionário de Espiritualidade*. São Paulo: Paulus, 1998
- SARTORE D. Catequesis y Liturgia. In: SARTORE, D. e TRIACCA, A. (orgs.) *Nuevo Diccionario de Liturgia*. Madrid: Paulinas, 1987
- SCHNEIDER, T. (org.) *Manual de Dogmática*. Petrópolis: Vozes, 2000
- SCHREIBER, B. La mistagogia. In: ANCILLI, E. e PAPAROZZI, M. *La Mistica. Fenomenologia e riflessione teológica*. Roma: Città Nuova, 1964
- SILVA, J. A. Relação entre Catequese e Liturgia. Uma visão histórico-teológica geral. In: SIVINSKI, M. e SILVA, J. A. (orgs) *Liturgia no coração da vida*. São Paulo: Paulus, 2006
- _____. A Iniciação Cristã em sua evolução histórica. Alguns apontamentos para estudo. In: COMISSÃO REGIONAL DA DIMENSÃO LITÚRGICA DO NORDESTE 3. *Liturgia e Inculturação*. Paulo Afonso: Fonte Viva, 2006
- SPERA, J. C. e RUSSO, R. A Assembléia Celebrante. In: CELAM. *Manual de Liturgia*, vol. II, A Celebração do Mistério Pascal. São Paulo: Paulus, 2005
- SUDBRACK, J. Mística cristã. In: GOFFI, T. e SECONDIN, B. (orgs.) *Problemas e perspectivas de Espiritualidade*. São Paulo: Loyola, 1992
- TABORDA, F. *Nas fontes da vida cristã*. São Paulo: Loyola, 2001
- TAMAYO-ACOSTA, J. J. *Un Proyecto de Iglesia para el futuro em España*. Madrid, 1978
- TESTA, B. *L'iniziazione cristiana*. Una riflessione teologica. Lugano: Eupress FTL, 2006
- TRACCA, A. M. Tiempo y liturgia. In: SARTORE, D. e TRIACCA, A. (orgs.) *Nuevo Diccionario de Liturgia*. Madrid: Paulinas, 1987
- VALLEJO, A. L. Reflexión en torno a la perspectiva pastoral de la iniciación cristiana. In: *Phase171*, Barcelona: Centro de Pastoral Litúrgica, 1989

- VASQUEZ, U. M. *A orientação espiritual: mistagogia e teografia*. São Paulo: Loyola, 2001
- VELA, J. A. *Reiniciación Cristiana, respuesta a un bautismo "sociológico"*. Contribución a un estudio de la Estructura pastoral de la Reiniciación, a partir do Capitulo IV del OICA. Pontificia Universidad Javeriana. Roma, 1984. Dissertação de Doutorado
- VILLEPELET, D. La liturgie comme médiation de la catéchèse. In : *La Maison Dieu, Catéchèse et liturgie en dialogue*. Paris: Du Cerf, 2003
- ZANI, A. *Liturgia e catequese nos Padres: notas metodológicas*, Belém, 2002
- _____. *Curso de Atualização Teológica*. Belém: Mimeo, 2002
- _____. *A Igreja contemporânea e o catecumenato*. Belém: Mimeo, 2002
- _____. *A função materna da Igreja na prática catecumenal da antiguidade*. Belém: Mimeo, 2002
- _____. *Identidade do processo catecumenal*. Belém: Mimeo, 2002
- ZEVINI, G. Informações sobre experiências de iniciação cristã de adultos nas comunidades neocatecumenais. In: *A crise da Iniciação cristã, Concilium*, Petrópolis: Vozes, v.15/142, 1979

TEOLOGIA FUNDAMENTAL

- BACIK, J. J. *Apologetics and the Eclipse of Mystery*. Mystagogy according to Karl Rahner. London: Notre Dame Press, 1980
- BEOZZO, J. O. (org.) *A Igreja do Brasil no Concílio Vaticano II: 1959-1965*. São Paulo: Paulinas, 2005
- BENEDETTI, L. R. A experiência no lugar da crença. In: ANJOS, M. F. *Experiência Religiosa: risco ou aventura?* São Paulo: Paulinas, 1998
- BINGEMER, M. C. L. *A identidade crística*. São Paulo: Loyola, 1998
- _____. A alteridade e seus caminhos. In: FABRI, M. (org.) *Teologia e Novos Paradigmas*. São Paulo, Soter/Loyola, 1996
- _____. Saber, sabor e sabedoria. In: BUARQUE, C. et ali. *Fé, Política e Cultura*, São Paulo: Paulinas, 1992
- _____. *Alteridade e Vulnerabilidade*. São Paulo: Loyola, 1993.
- _____. A Sedução do Sagrado. In: CALLIMAN, C. (org.) *A Sedução do Sagrado*. Petrópolis: Vozes, 1998

- BINGEMER, M. C. L. e FELLER, V. *Deus Trindade: a vida no coração do mundo*. Espanha: Siquem, 2002
- BOFF, Cl. *Teologia e prática, teologia do político e suas mediações*. Petrópolis, Vozes, 1978
- _____. *Teoria do método teológico*. Petrópolis: Vozes, 1998
- BOFF, L. Constantes antropológicas e Revelação. In: *REB* 32. Rio de Janeiro: Vozes, 1972
- BOFF, Lina. *Espírito e Missão na Prática Pastoral*. São Paulo: Paulinas, 1997
- _____. *Espírito e Missão na obra da Lucas-Atos*. Para uma Teologia do Espírito. São Paulo: Paulinas, 1996
- _____. *Espírito e Missão na Teologia. Um enfoque histórico-teológico: 1850-1930*. São Paulo: Paulinas, 1998
- _____. Índole escatológica da Igreja peregrinante. In: *Atualidade Teológica*, n. 13. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2003
- CODINA, V. *Sacramentos da Iniciação. Água e espírito de liberdade*. São Paulo: Vozes, 1991
- COSTA, R. F. As Cruzadas. In: BINGEMER, M.C.L. (org.), *Violência e Religião*. São Paulo: Loyola, 2001
- FABRI, M. (org.) *Teologia e Novos Paradigmas*. São Paulo, Soter/Loyola, 1996
- FORTE, B. *A teologia como companhia, memória e profecia*. São Paulo: Paulinas, 1991
- FORTE, B. *A Igreja, ícone da Trindade*. São Paulo: Paulinas, 1991
- FUSSEL, K. Teologia da Libertação. In: EICHER, P. *Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia*. São Paulo: Paulinas, 1993
- GEFFRÉ, C. *Como fazer teologia hoje*. Hermenêutica teológica. São Paulo: Paulus, 1989
- _____. *Le christianisme au risque de l'interprétation*. Paris : Du Cerf, 1983
- GELABERT, M. *Valoración cristiana de la experiencia*. Salamanca: Sigueme, 1990
- _____. Experiência. In: PIKASA, X. O. e SILANES, N. (dir.) *Dicionário Teológico O Deus Cristão*. São Paulo: Paulus, 1998
- GESCHÉ, A. *O M al*. São Paulo: Paulinas, 2003
- GIGUÉRE, P. *Una fe adulta*. Santander: Sal Terrae, 1991

- GOMES, F. J. S., A Igreja e o Poder: representações e discursos. In: RIBEIRO, M. B. (org.) *A vida na Idade Média*. Brasília, UNB, 1997
- GONÇALVES, P.S.L. e BOMBONATO, V. I (orgs.) *Concílio Vaticano II. Análise e Perspectivas*. São Paulo: Paulinas, 2004
- GOPEGUI, J. A. R. As figuras bíblicas do diabo e dos demônios em face da cultura moderna. In: *Perspectiva Teológica*, Ano XXIV, Belo Horizonte: CES, 1997
- HAIGHT, R. *Dinâmica da Teologia*. São Paulo: Paulinas, 2004
- KUNG, H. Redescobrir Deus. *Concillium* 22. Petrópolis: Vozes, 1990
- LATOURELLE, R. *Teologia da Revelação*. São Paulo: Paulinas, 1972
- LIBÂNIO, J. B. *Desafios da Pós-Modernidade à Teologia Fundamental*. In: *Teologia na Pós-Modernidade*. Abordagens epistemológica, sistemática e teórico-prática. TRASFERETTI, J. e GONÇALVES, P. S. L. (orgs.) São Paulo: Paulinas, 2003
- _____. *Eu creio, nós cremos*. São Paulo: Loyola, 2000
- _____. Itinerário da fé hoje. A propósito da teologia da fé. In HACKMANN, G. *Sub umbris fideliter*. Festschrift em homenagem a Frei Boaventura Kloppenburg. Porto Alegre : EDIPUCRS, 1999
- _____. *Teologia da Revelação a partir da modernidade*. São Paulo: Loyola, 1992
- _____. *Concílio Vaticano II: em busca de uma primeira compreensão*. São Paulo: Loyola, 2005
- _____. A Teologia da Libertação. In: ALMEIDA, E.F. e NETO, L. L. (orgs) *Teologia para quê?* Rio de Janeiro: Mauad/Mysterium, 2007
- LIMA VAZ, H. C. A linguagem da experiência de Deus. In:____. *Escritos de Filosofia I, Problemas de fronteira*, São Paulo: Loyola, 1986
- _____. Raízes da modernidade. In: _____. *Escritos de Filosofia VII*. São Paulo: Loyola, 2002
- _____. Unidade e diferença: linguagem e verdade na ciência. In: *Fé e Ciência: duas linguagens para uma verdade*. Rio de Janeiro: Cadernos Magis, n.º. 18, 1995
- PALÁCIO, C. Novos Paradigmas ou fim de uma era teológica? In: FABRI, M. (org.) *Teologia aberta ao futuro*. São Paulo: Soter/Loyola, 1997

- PASTOR, F. A. Teologia e Modernidade: alguns elementos de epistemologia teológica. In: TRASFERETTI, J. e GONÇALVES, P. S. L. (orgs.) *Teologia na Pós-Modernidade*. Abordagens epistemológica, sistemática e teórico-prática. São Paulo: Paulinas, 2003
- QUEIRUGA, A. T. *A Revelação de Deus na realização do homem*. São Paulo: Paulus, 1995
- _____. *Do terror de Isaac ao Abbá de Jesus*. São Paulo: Paulinas, 2001
- _____. *Pelo Deus do mundo no mundo de Deus*. São Paulo: Loyola,
- _____. *Recuperar a Criação*. Por uma religião humanizadora. São Paulo: Paulus, 1999
- _____. Repensar o mal na nova situação secular. In: *Perspectiva Teológica*. Ano XXXIII. 91, Belo Horizonte: CES, 1991
- RAHNER, K. *Curso Fundamental da Fé*. São Paulo: Paulinas, 1989
- _____. *O desafio de ser cristão*. Petrópolis: Vozes, 1978
- _____. Orden Sobrenatural. In: _____. (org.) *Sacramentum Mundi IV*, Barcelona: Herder, 1973
- _____. *Fondamenti della Teologia Pastorale*. Brescia: Herder/Morcelliana. 1969
- _____. *Teologia e Antropologia*. São Paulo: Paulinas, 1969
- ROVIRA BELLOSO, J. M. Trindade. In: PIKASA, X. e SILANES, N. (dir) *Dicionário Teológico O Deus Cristão*. São Paulo: Paulus, 1988
- SCHILLEBEECKX, E. *História Humana, Revelação de Deus*. São Paulo: Paulus, 2003
- TEPEDINO, A. M. Eclesiologia de comunhão: uma perspectiva. In: *Atualidade Teológica*. Rio de Janeiro: PUC, n. 11, 2002
- TRASFERETTI, J. e GONÇALVES, P. S. L. *Teologia na Pós-Modernidade*. Abordagens epistemológica, sistemática e teórico-prática. São Paulo: Paulinas, 2003
- VELASCO, J. M. *La transmisión de la fe en la sociedad contemporánea*, Santander: Sal Terrae, 2002
- _____. *Introducción a la fenomenología de la religión*. Madrid: Cristiandad, 1983

WITTSCHIER, S. *Antropologia y teología para una educación cristiana responsable*, Santander: Sal Terrae, 1979

MODERNIDADE

ARANTES, P.E. Benjamim, Horkheimer, Adorno e Habermas. Vida e Obra. In: *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1980

ANTONIAZZI, A. Perspectivas pastorais a partir da pesquisa. In: SOUZA, L. A. G. e FERNANDES, S. R. A. (orgs.) *Desafios do Catolicismo na cidade*. São Paulo: Paulus, 2002

AZEVEDO, M. C. *Modernidade e cristianismo. O desafio à inculturação*. São Paulo: Loyola, 1981

AZEVEDO, M. C. Não-moderno, moderno e pós-moderno. In: *Revista da Educação da AEC*. Ano 22, n. 89, 1993

BAUMAN, Z. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001

BOAVENTURA SANTOS, S. *Pela mão de Alice. O social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez, 1997

CAPRA, F. *O Ponto de Mutação*. São Paulo: Cultrix, 1982

CASTIÑEIRA, À. *A experiência de Deus na pós-modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1997

CASTELLS, M. *A Sociedade em Rede. A era da informação: economia, sociedade e cultura*. São Paulo: Paz e Terra, 1999

COX, H. *La religión en la ciudad secular*. Santander: Sal Terrae, 1984

DOMINGUES, J. P. *Interpretando a modernidade. Imaginário e instituições*. Rio de Janeiro: FGV, 2002

ESPERANDIO, M. R. G. *Para entender a Pós-Modernidade*. São Leopoldo: Sinodal, 2007

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*, Rio de Janeiro, 1989

GIDDENS, A. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Unesp, 1991

GIGUÉRE, P. *Una fe adulta*. Santander: Sal Terrae, 1991

GONZÁLEZ-CARVAJAL, L. *Evangelizar en un mundo postcristiano*. Santander: Sal Terrae, 1993

GONZÁLEZ FAUS, J. I. *Desafios da pós-modernidade*. São Paulo: Paulinas, 1995

- HABERMAS, J. *O discurso filosófico da modernidade*. Lisboa: Dom Quixote, 1990
- _____. *Teoría de la acción comunicativa I. Racionalidad de la acción e racionalización social*. Madrid: Taurus, 1987
- HOBBSAWM, E. *Era dos extremos. O breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000
- JAMESON, F. *As sementes do tempo*. São Paulo: Ática, 1996
- _____. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Ática, 1996.
- KUHN, T. *A Estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1997
- KUMAR, K. *Da sociedade pós-industrial à sociedade pós-moderna*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997
- LYOTARD, J. F. *A condição pós-moderna*. Lisboa: Gradiva, 1998
- _____. *O Pós-Moderno*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986
- MAFFESOLI, M. *O tempo das tribos. O declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense, 1998
- _____. *Notas sobre a pós-modernidade. O lugar faz o elo*. Rio de Janeiro: Atlântida, 2004
- MIRANDA, M. F. A experiência cristã e suas expressões históricas. In: FABRI, M. (org), *Experiência religiosa: risco ou aventura?* São Paulo: Paulinas, 1998
- _____. *Inculturação da fé. Uma abordagem teológica*. São Paulo: Loyola, 2001
- OLIVEIRA, M. A. *A crise da racionalidade Moderna: uma crise de esperança*. In: _____. *Ética e racionalidade moderna*. São Paulo: Loyola, 1999
- _____. Pluralismo e Ética. In: _____. *Ética e Práxis Histórica*. São Paulo: Ática, 1995
- _____. Pós-Modernidade: Abordagem filosófica. In: TRASFERETTI, J. e GONÇALVES, P. S. L. (orgs.) *Teologia na Pós-Modernidade*. Abordagens epistemológica, sistemática e teórico-prática. São Paulo: Paulinas, 2003
- PEUKER, H. Crítica Filosófica da Modernidade. In: *Modernidade em discussão. Concilium/244-1992/6*, Petrópolis: Vozes, 1992
- QUEIRUGA, A. T. *Fin del cristianismo premoderno*. Santander: Sal Terrae, 2000
- SANTOS, M. *Por uma outra globalização*. Rio de Janeiro: Record, 2001

SENNETT, R. *A corrosão do caráter*. São Paulo: Record, 1999

VATIMO, G. *O fim da modernidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1996, p. XVI.

WARNIER, J. P. *A mundialização da cultura*. São Paulo: Edusc, 2003

PESQUISA SOCIAL

BERGER, P. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Petrópolis: Vozes, 1976

BORDIEU, P. et al. *A Miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes, 2003

_____. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989

BRANDÃO, Z. *Pesquisa em educação*. Conversas com pós-graduandos. Puc.Loyola, 2002

CHAMPAGNE, P. et al. *Iniciação à Prática Sociológica*. Petrópolis: Vozes, 1998

ELIAS, N. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994

FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1999

GANDIM, D. *A prática do planejamento participativo*. Petrópolis: Vozes, 1994

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, 1989

IÑIGUEZ, L. A análise do discurso nas ciências sociais: variedades, tradições e práticas. In: _____ (coord.) *Manual de Análise do Discurso em Ciências Sociais*. Petrópolis: Vozes, 2004

_____. A linguagem nas ciências sociais: fundamentos, conceitos e modelos. In: _____ (coord.) *Manual de Análise do Discurso em Ciências Sociais*. Petrópolis: Vozes, 2004

LEPETIT, B. Sobre a escala na história. In: REVEL, J. (org.) *Jogos de Escalas*. A experiência da microanálise. Rio de Janeiro: FGV, 1998

MINAYO, M.C.S. (org.) *Pesquisa Social*. Teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994

PASSERON, J. *O Raciocínio Sociológico*. Petrópolis: Vozes, 1995

PINTO, L. Experiência vivida e experiência científica de objetividade. In: CHAMPAGNE, P. et al. *Iniciação à Prática Sociológica*. Petrópolis: Vozes, 1998

REVEL, J. *Jogos de escalas*. A experiência da microanálise. Rio de Janeiro: FGV, 1998

RICOEUR, P. *Do texto à ação*. Ensaios de hermenêutica II. Porto: Rés Editora, 1986

BIBLIOGRAFIA GERAL:

ANDRADE, P.F.C. *Fé e eficácia*. O uso da sociologia na Teologia da Libertação. São Paulo: Loyola, 1991

ATKINSON, J. M. e HERITAGE, J. *Structures of social action*. Studies in conversation analysis. Cambridge:Cambridge University Press, 1984

BECK, U. GIDDENS, A. e LASH, S. *Modernização Reflexiva*. Política, Tradição e Estética na ordem social moderna. São Paulo: Unesp, 1997.

BECK, U. *Risk society: towards a new modernity*. London: Sage, 1992

BENJAMIM, W. *O Narrador*. Traduzido do original alemão Uber Literatur, Suhrkamp Verlag, Frankfurt am Main, 1969. In: *Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

BOFF, L. e BOFF, Cl. *Da libertação*. O teológico das libertações sócio-históricas. Petrópolis: Vozes, 1979

CODINA, V. e ZEVALLOS, N. *Vida religiosa: história e teologia*. Petrópolis: Vozes, 1987

COLOMBÁS, G. *O Monacato primitivo*. Madrid: BAC, 1974

ECHEGARAY, H. *A prática de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 1982

FABRIS, R. *Jesus de Nazaré, história e interpretação*. São Paulo: Loyola, 1988

GALILEA, S. *Espiritualidade da libertação*. Petrópolis: Vozes, 1975

_____. *Evangelização na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1976

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 1996

ISNARD, C. J. C. Apresentação da 7ª. edição do ODC, São Paulo: Paulus, 1994.

JAEGER, W. *Cristianismo primitivo e paideia grega*. Trad. Teresa Louro Pérez, Lisboa: Edições 70, 1961

LEVINAS, E. *Ética e infinito*. Lisboa: Ed. 70, 1988

_____. *El tiempo y el outro*. Barcelona: Paidós, 1993

_____. *Humanismo do outro homem*. Petrópolis: Vozes, 1993

_____. *Totalidade e infinito: Ensaio sobre a exterioridade*. Lisboa: Ed. 70, 2000

_____. *Transcendência e Inteligibilidade*. Lisboa: Ed. 70, 1984

- MAÇANEIRO, M. e MURAD A A *Espiritualidade como caminho e mistério*. São Paulo: Loyola, 1999
- MAÇANEIRO, M. *Eros e Espiritualidade*. São Paulo: Paulus, 1997
- MATEOS, J. e CAMACHO, F. *Jesus e a sociedade de seu tempo*. São Paulo: Paulinas, 1992
- MORIN, E. *A religião dos saberes. O desafio do século XXI*. São Paulo: Bertrad, 2001
- _____. *Complexidade e Transdisciplinaridade: A reforma da Universidade e do Ensino fundamental*. Natal: EDUFRN, 1999
- PANIKKAR, R. *Elogio de la sencillez*. El arquetipo universal del monje. Estella: Verbo Divino, 1993
- RUBIO, A. G. *Encontro com Jesus Cristo Vivo*. São Paulo: Paulinas, 1994
- TANNEN, D. *Talking Voices*. Repetition, dialogue and imagery in conversational discourse. Cambridge: Cambridge University, Press, 1989
- TILLARD, J.M.R. *Religiosos, vivência e evangelho*. São Paulo: Loyola, 1978
- VOGUE, A. *Les règles des saints pères*. Paris : Du Cerf, 1982
- WEBER, M. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Pioneira, 1989
- WENZEL, J. I. *Pedagogia de Jesus segundo Marcos*. São Paulo: Loyola, 1997

ANEXO 1 – ROTEIRO PARA ENTREVISTAS INDIVIDUAIS

1. Como você conheceu o Catecumenato?
2. O que te fez participar do grupo?
3. O que significou na sua vida? Alguma mudança?
4. Como foi o processo do catecumenato?
5. Como você se percebe antes e depois dessa experiência?
6. O que significou receber os sacramentos?
7. Qual a importância do catequista neste processo?
8. Qual a importância da missa na Comunidade neste processo?
9. Você gostaria que continuasse? Faz falta? De que forma?
10. O que é fundamental no Catecumenato, que não pode faltar?
11. Quais as dificuldades que você percebeu?
12. Que mensagem você deixaria para alguém que não fez essa experiência?

ANEXO 2 – ROTEIROS PARA ENTREVISTA GRUPAL

1. DEPOIMENTOS SOBRE O CAMINHO DO CATECUMENATO

Obs.: o Catequista orienta este momento como partilha, como testemunho diante da comunidade e também como testemunho para a pesquisa. Apresenta a metodologia como um serviço à Igreja através da pesquisa teológica da qual participam. Fala da diversidade das pessoas, das situações vivenciadas e, portanto, dos testemunhos.

Inicia com Oração: Vinde, Espírito Santo.

1. Como fui chamado para fazer este caminho?
2. O que acendeu meu coração antes e durante o caminho?
3. Quais as propostas que eu tinha quando entrei? Foram mantidas ou modificadas?
4. Quais as dificuldades que foram enfrentadas?
5. Que testemunho eu posso dar sobre esse caminho do catecumenato?

2. TEMAS IMPORTANTES NO CATECUMENATO

Entrevista grupal feita em 2 momentos:

1º. momento – introdutores, catequista

2º. momento - grupo completo, com os catecúmenos

1. Depois de 1 ou 2 anos de caminhada no Catecumenato, o que vocês consideram como fundamental para a formação de um catecúmeno? Para a iniciação na fé cristã?
2. Depois desse período de formação, o que vocês consideram que ficou faltando na formação de vocês?

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)